

UM FENÔMENO LITERÁRIO INTERNACIONAL

KARL OVE KNAUSGÅRD

MINHA LUTA 2

UM OUTRO AMOR

COMPANHIA DAS LETRAS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

KARL OVE KNAUSGÅRD

Um outro amor

Minha luta 2

Tradução do norueguês

Guilherme da Silva Braga



PARTE 3

29 de julho de 2008

O verão foi longo, e ainda não acabou. No dia 26 de junho eu terminei a primeira parte do meu romance, e desde então, por mais de um mês, Vanja e Heidi estão de férias do jardim de infância, com toda a intensa rotina que isso inclui. Nunca entendi o sentido das férias, nunca precisei delas, sempre tive apenas vontade de trabalhar mais. Mas se não há jeito, não há jeito. O plano era passar a primeira semana na cabana que Linda nos convenceu a comprar no outono passado, que devia funcionar em parte como lugar para escrever, em parte como lugar de férias, mas depois de três dias abandonamos a ideia e voltamos para a cidade. Reunir três crianças pequenas e dois adultos em um espaço pequeno com outras pessoas por todos os lados sem ter nada para fazer além de capinar o jardim e cortar a grama não é exatamente uma boa ideia, em especial quando o clima que reina é desarmônico desde o início. Discutimos aos gritos por diversas vezes no pátio, segundo imagino para a grande diversão dos vizinhos, e o sentimento causado pelas centenas de jardins cultivados meticulosamente, somado àquele monte de pessoas velhas e seminuas, me deixou irritado e claustrofóbico. Esses temperamentos logo são percebidos e aproveitados pelas crianças, em especial por Vanja, ela reage de maneira

quase imediata a variações de tom e de intensidade, e ao sinal de qualquer alteração começa a fazer aquilo que sabe que nós menos gostamos, e que sempre nos faz perder a paciência depois de um tempo. Para uma pessoa já cheia de frustrações é quase impossível se defender, então seguimos assim, em meio a gritos e berros e tristezas. Na semana seguinte alugamos um carro e fomos até Tjörn, nos arredores de Gotemburgo, para a casa de verão do namorado de Mikaela, que é amiga de Linda e madrinha de Vanja. Perguntamos se ela sabia como era ter três crianças por perto e se tinha certeza de que nos queria por lá e ela confirmou, disse que tinha pensado em fazer pães e biscoitos com as crianças e em levá-las para tomar banho e pescar caranguejos para que pudéssemos ter um tempinho para nós dois. Mordemos a isca. Lá fomos nós em direção a Tjörn, até a casa de verão, no coração de um cenário maravilhoso que me fez lembrar de Sørlandet, estacionamos e entramos com as crianças e espalhamos todas as nossas coisas pela casa. A ideia era passar uma semana inteira lá, mas três dias mais tarde pusemos as malas no carro e refizemos o caminho em direção ao sul, para o evidente alívio de Mikaela e de Erik.

As pessoas que não têm filhos raramente entendem como é, independente da maturidade ou da inteligência, pelo menos comigo foi assim antes que eu tivesse filhos. Mikaela e Erik são pessoas focadas na carreira, desde que conheço Mikaela ela só ocupou cargos de destaque na esfera cultural, enquanto Erik é diretor de uma ou outra fundação internacional com sede na Suécia. Depois de Tjörn ele teria uma reunião no Panamá antes de tirar outras férias em Provença, a vida deles é assim, os lugares que conheço apenas das minhas leituras são portas abertas para os dois. No meio disso tudo nós chegamos com lenços umedecidos e fraldas, com John, que engatinha por toda parte, com Heidi e Vanja, que brigam e gritam, acham graça e riem, que nunca sentam à mesa para comer, nunca fazem o que a gente pede, ou pelo menos não quando estamos na casa dos outros e *queremos* que se comportem, porque sabem que, quanto maior a importância para nós, mais incontroláveis ficam, e mesmo que a casa de

verão fosse grande e espaçosa ela não era grande e espaçosa o suficiente para que as duas passassem despercebidas. Erik agiu como se não tivesse medo de nenhuma das coisas que estavam dentro da casa, tentou parecer generoso e amigável com as crianças, mas o tempo inteiro era desmentido pela linguagem corporal, pelos braços próximos ao corpo, pela maneira como passava o tempo inteiro recolocando as coisas no lugar e pela grande distância que tinha no olhar. Estava próximo das coisas e do lugar que havia conhecido ao longo de uma vida inteira, mas longe das pessoas que o ocupavam naquele instante, e via tudo aquilo mais ou menos como alguém que olha para uma toupeira ou para um ouriço-do-mato. Eu o compreendia, e também gostava dele. Mas ao mesmo tempo cheguei junto com tudo aquilo, e um encontro real era impossível. Erik era formado em Cambridge e em Oxford e tinha trabalhado muitos anos como corretor no mundo financeiro de Londres, mas durante um passeio levou Vanja a um paredão à beira-mar e deixou-a escalar à vontade alguns metros adiante enquanto permanecia imóvel admirando a vista sem levar em conta que ela tinha apenas cinco anos e não sabia avaliar os riscos, e então precisei correr levando Heidi nos braços para assumir o comando. Quando meia hora mais tarde nos sentamos em um café, eu com as pernas duras por conta da corrida inesperada morro acima, e pedi a ele que desse a John pedacinhos de um pão que estava logo ao lado, já que eu tinha que cuidar de Heidi e de Vanja ao mesmo tempo em que dava comida para as duas, Erik acenou a cabeça, disse que faria aquilo sem problemas, mas não dobrou o jornal que estava lendo, ou pelo menos não o largou de vez, e assim não percebeu quando John, a meio metro de distância, começou a ficar cada vez mais irritado e por fim gritou até ficar com a cara toda vermelha de frustração porque o pedaço que queria estava no campo de visão dele mas longe do alcance. A situação deixou Linda muito irritada no outro lado da mesa, eu notei, mas ela guardou tudo para si, não comentou nada, esperou até que saíssemos e estivéssemos a sós e então disse que tínhamos que ir para casa. Já. Acostumado como estou a esses caprichos eu

disse que ela tinha mais era que calar a boca e não tomar esse tipo de decisão num mau humor daqueles. Claro que ela ficou ainda mais mal-humorada, e assim continuamos até a hora em que entramos no carro para ir embora na manhã seguinte.

O céu limpo e azul e o panorama escarpado e arrasado pelo vento, porém mesmo assim bonito, somados à alegria das crianças e ao fato de que estávamos dentro de um carro, e não em uma cabine de trem nem a bordo de um avião, que tinham sido os meios de transporte empregados nas viagens dos últimos anos, deixaram o clima mais leve, mas não demorou até que tudo começasse outra vez, afinal precisávamos comer, e o restaurante que encontramos e onde estacionamos pertencia a um clube de iatismo, mas, segundo me informou o garçom, se atravessássemos a ponte chegaríamos à cidade, e lá, a cerca de quinhentos metros, tinha um outro restaurante, e assim vinte minutos mais tarde estávamos em uma ponte alta e estreita, mas com tráfego intenso, arrastando dois carrinhos de bebê, famintos e com nada além de uma zona industrial à vista. Linda estava furiosa, tinha os olhos pretos, a gente sempre acabava em situações daquele tipo, ela disse bufando, ninguém fazia aquele tipo de coisa, não nos restava mais nada, nós precisávamos comer, a família inteira, aquele podia ter sido um momento de aconchego, mas em vez disso estávamos no meio de um vendaval, rodeados por carros que passavam em alta velocidade e no meio de uma nuvem de fumaça de escapamento naquela ponte do inferno. Será que alguém já tinha visto uma família com três crianças pequenas fazer um passeio daquele jeito? Seguimos pela estrada e acabamos chegando a uma porta de metal com o logo de uma companhia de segurança. Para entrar na cidade, que como se não bastasse parecia triste e decadente, precisamos dar uma volta de pelo menos quinze minutos pela zona industrial. Tive vontade de abandoná-la, porque ela sempre reclamava, sempre queria outra coisa, mas nunca fazia nada para mudar, simplesmente reclamava, reclamava, reclamava, nunca encarava a situação da maneira como era, e quando a realidade não correspondia à

expectativa era a mim que ela criticava, tanto nas coisas pequenas quanto nas grandes. Acho que teríamos nos separado naquele instante, mas como sempre a logística nos manteve juntos, tínhamos apenas um carro e dois carrinhos de bebê, então o jeito era simplesmente fazer de conta que tudo o que foi dito não tinha sido dito, enfim, e levar os carrinhos manchados e batidos para o outro lado da ponte até o belo clube de iatismo, colocá-los no carro e afivelar as crianças depressa para então dirigir até o McDonald's mais próximo, que ficava em um posto de gasolina nos arredores do centro de Gotemburgo, onde eu sentei em um banco para comer um cachorro-quente enquanto Vanja e Linda comiam juntas dentro do carro. John e Heidi estavam dormindo. O passeio por Liseberg foi cancelado, porque serviria apenas para deixar o clima entre nós dois ainda pior, e em vez disso horas mais tarde estacionamos por impulso em um tal de “mundo da fantasia” barato e decrépito, onde tudo era da pior qualidade possível, e levamos as crianças a um “circo” composto de um cachorro que pulava por dentro de argolas erguidas à altura de um joelho, por uma mulher forte e de aspecto másculo, provavelmente de algum lugar do Leste Europeu, que estava apenas de biquíni e jogava essas mesmas argolas para cima antes de apará-las ao redor da cintura, um número que todas as meninas da minha época de escola sabiam fazer, e por um homem loiro da minha idade com sapatos pontudos, turbante e pneus caindo por cima das calças harém que encheu a boca de gasolina e por quatro vezes cuspiu fogo em direção ao teto baixo. Os olhos de John e de Heidi deram a impressão de que podiam saltar para fora das órbitas de tão arregalados. Vanja pensava apenas na tenda de prêmios que tínhamos deixado para trás, onde se podia ganhar bichos de pelúcia, e não parava de me cutucar e de perguntar se a apresentação já tinha acabado. De vez em quando eu olhava para Linda. Ela estava sentada com Heidi no colo e tinha lágrimas nos olhos. Quando saímos e começamos a descer em direção ao minúsculo parque de diversões, empurrando cada um o seu carrinho, ao lado de uma grande

piscina com um longo tobogã que tinha no alto um enorme *troll* com cerca de trinta metros de altura sentado em um trono, perguntei por quê.

— Não sei — ela respondeu. — Mas o circo sempre me comove.

— Por quê?

— Ah, é tão triste, tão pequeno e barato. E ao mesmo tempo tão bonito.

— Esse aqui também?

— Também. Você não viu a Heidi e o John? Os dois estavam hipnotizados.

— Mas a Vanja não — disse eu com um sorriso. Linda também sorriu.

— O quê? — disse Vanja se virando. — O que você disse, papai?

— Eu só disse que você não conseguia parar de pensar no bicho de pelúcia que tinha visto lá embaixo enquanto a gente estava no circo.

Vanja sorriu como sempre fazia quando falávamos sobre alguma coisa que ela tinha feito. Satisfeita, mas também entusiasmada, cheia de disposição para o que viesse a seguir.

— O que eu fiz? — ela perguntou.

— Você ficou cutucando o meu braço — eu disse. — E disse que queria pegar o prêmio naquela mesma hora.

— Por quê? — ela perguntou.

— Como vou saber? — respondi. — Você queria muito um bicho de pelúcia.

— Vamos para lá? — ela perguntou.

— Vamos — eu disse. — Fica lá embaixo.

Apontei para a estradinha de asfalto, em direção aos brinquedos do parque de diversões que eu mal conseguia ver do outro lado das árvores.

— A Heidi pode ir comigo?

— Se ela quiser, pode — Linda respondeu.

— Ela quer — disse Vanja enquanto se inclinava por cima de Heidi, que estava dentro do carrinho. — Você não quer, Heidi?

— Quero — disse Heidi.

Tivemos que gastar noventa coroas na barraca de prêmios até que as duas tivessem um ratinho de brinquedo nos braços. O sol brilhava no céu, o ar estava imóvel na floresta, todos os cliques e ruídos imagináveis que saíam dos aparelhos misturavam-se à música disco dos anos 1980 que saía das tendas à nossa volta. Vanja queria algodão-doce, então dez minutos mais tarde estávamos junto à mesa de um quiosque, cercados por vespas irritadas e próximas, no mormaço do sol que fazia o algodão-doce grudar em tudo o que estava perto, ou seja, na superfície da mesa, atrás do carrinho, nos braços e nas mãos, tudo para a audível irritação das crianças, não foi naquilo que elas pensaram quando viram o recipiente cheio de açúcar rodopiante no quiosque. Meu café estava amargo e quase intragável. Um garotinho sujo pedalou com o triciclo em nossa direção, bateu de frente no carrinho de Heidi e nos olhou com uma expressão cheia de expectativa. Tinha olhos e cabelos castanhos, podia ser romeno ou albanês ou quem sabe grego. Depois de bater com a roda mais algumas vezes no carrinho o garoto manobrou de maneira a impedir que saíssemos e depois parou, dessa vez com o olhar fixo no chão.

— Vamos embora? — perguntei.

— A Heidi queria andar a cavalo — disse Linda. — Será que podemos fazer isso antes?

Um homem forte com orelhas de abano, também moreno, apareceu e levantou o menino do triciclo e o levou até a frente do quiosque, afagou-lhe duas ou três vezes a cabeça e seguiu na direção do polvo mecânico que operava. Nos tentáculos havia cadeirinhas que subiam e desciam enquanto giravam devagar. O garoto começou a pedalar de um lado para outro naquele lugar, onde pessoas em trajes de verão saíam e chegavam a todo instante.

— Claro — eu disse, e então me levantei, peguei o algodão-doce de Vanja e de Heidi, atirei tudo aquilo num cesto de lixo e comecei a empurrar o carrinho de John, que virava a cabeça de um lado para outro a fim de ver tudo o que estava acontecendo no lugar onde estávamos e

também mais ao longe, no caminho que levava em direção ao “vilarejo do Velho Oeste”. Mas no “vilarejo do Velho Oeste”, que era um monte de areia com três barracos recém-construídos onde se lia respectivamente “mina”, “xerife” e “prisão”, estes dois últimos cheios de cartazes de “procurado vivo ou morto”, cercado de um lado por bétulas e do outro por uma rampa onde umas crianças andavam em pranchas com rodinhas, o passeio a cavalo estava fechado. Na cerca um pouco depois da “mina” a artista circense do Leste Europeu estava sentada em uma pedra fumando.

— Cavalos! — disse Heidi olhando ao redor.

— Vamos tentar aquele passeio de burro lá perto da entrada — Linda pediu.

John jogou a mamadeira com água no chão. Vanja passou por baixo da cerca e correu em direção à mina. Quando Heidi percebeu, saiu do carrinho e correu atrás da irmã. Eu vi uma máquina de refrigerante vermelha e branca por trás do escritório do xerife, enfiei a mão no bolso da minha bermuda e fiquei olhando para o que encontrei: duas borrachinhas de cabelo, um grampo de cabelo com uma folha de maconha, um isqueiro, três pedras e três pequenas conchas que Vanja tinha juntado em Tjörn, uma nota de vinte coroas, duas de cinco e nove moedas de um.

— Enquanto isso vou fumar um cigarro — eu disse. — Vou me sentar ali.

Acenei a cabeça em direção a um toco de árvore um pouco mais adiante. John ergueu os dois braços.

— Tudo bem — Linda disse enquanto o pegava no colo. — Você está com fome, John? Nossa, que calor. Será que não encontro uma sombra em algum lugar? Algum lugar onde eu possa me sentar com ele?

— Lá no alto — eu disse, apontando para cima em direção ao restaurante, que tinha o formato de um trem, com o balcão na locomotiva e as mesas nos vagões. Não havia uma pessoa sequer lá em cima. As cadeiras estavam com o encosto apoiado nas laterais das mesas.

— Eu vou para lá — disse Linda. — Dar um pouco de peito para ele. Você fica de olho nas meninas?

Fiz um gesto afirmativo com a cabeça, fui até a máquina de refrigerante, me sentei no toco de árvore, acendi um cigarro e olhei para o barraco construído às pressas, onde Vanja e Heidi entravam e saíam pela porta.

— Tá muito escuro lá dentro! — Vanja gritou. — Vem ver!

Ergui a mão e pisquei o olho para ela, o que por sorte bastou para acalmá-la. Durante todo esse tempo ela continuava apertando o ratinho contra o peito com uma das mãos.

A propósito, onde estaria o ratinho de Heidi?

Deixei que meus olhos corresse morro acima. Avistei-o próximo ao escritório do xerife, com a cabeça enterrada na areia. Lá em cima, no restaurante, Linda arrastou uma cadeira até encostá-la na parede, sentou e começou a amamentar John, que no início esperneou um pouco mas depois se deitou bem quietinho. A mulher do circo estava subindo o morro. Uma mutuca picou minha perna. Dei um tapa com tanta força que ela virou mingau na minha pele. O cigarro tinha um gosto pavoroso naquele calor, mas continuei a tragar a fumaça para dentro dos pulmões com vontade e olhei para cima em direção à copa dos espruces, de um verde tão intenso que chegava a refletir o sol. Uma outra mutuca pousou na minha perna. Irritado, dei mais um tapa, me levantei, joguei o cigarro no chão e caminhei em direção às meninas com a lata meio cheia de refrigerante ainda gelado na mão.

— Papai, vá para os fundos enquanto a gente entra na casa, aí você vê se consegue nos ver pelas frestas, tá? — disse Vanja apertando os olhos enquanto falava comigo.

— Tudo bem — eu disse e então dei a volta no barraco. Eu as ouvi rindo e fazendo bagunça lá dentro. Inclinei a cabeça para junto de uma fresta e espiei para dentro. Mas a diferença entre a luz externa e a luz interna era tão grande que não consegui ver nada.

— Papai, você tá aí fora? — gritou Vanja.

- Estou — respondi.
- E você tá nos vendo?
- Não. Vocês ficaram invisíveis?
- Ficamos!

Quando as duas saíram, fingi que eu não conseguia vê-las. Fixei o olhar em Vanja enquanto chamava o nome dela.

- Eu estou *aqui* — ela disse, abanando as mãos.
- Vanja? — repeti. — Para onde você foi? Venha para cá, isso já perdeu a graça.
- Eu estou aqui! Aqui!
- Vanja...?
- Você não me vê de verdade? Eu estou invisível de verdade?

A voz soou infinitamente satisfeita, mas ao mesmo tempo percebi uma certa inquietação. No mesmo instante John começou a gritar. Eu olhei para cima. Linda estava com John no colo. Não era comum que gritasse daquele jeito.

- Ah, aí está você! — eu disse. — Você estava aí esse tempo todo?
- Es-ta-va — respondeu ela.
- Você viu que o John está chorando?

Vanja acenou a cabeça e olhou para cima.

- Está na hora de ir embora — eu disse. — Vamos.

Tentei pegar a mão de Heidi.

- Não quero — disse ela. — Não quero dar a mão.
- Tudo bem — eu disse. — Mas pelo menos entre no carrinho.
- Não quero carrinho — ela disse.
- Você quer que eu te carregue?
- Não quero que você me carregue — ela respondeu.

Desci um pouco e busquei o carrinho. Quando voltei ela tinha subido na cerca. Vanja estava sentada no chão. No alto do morro Linda tinha saído do restaurante, ela estava descendo o caminho e olhou para baixo,

fazendo um sinal para nos chamar até onde estava. John continuava gritando.

— Eu não quero caminhar — Vanja disse. — Estou com as pernas cansadas.

— Você mal andou um metro o dia inteiro — eu disse. — Como pode estar com as pernas cansadas?

— Eu não tenho pernas. Você precisa me levar.

— Não, Vanja, que besteira. Você sabe que eu não posso levar você.

— Pode sim.

— Entre no carrinho, Heidi — pedi. — E aí vamos andar de burro.

— Não quero carrinho — ela disse.

— Eu não tenho peernas! — Vanja insistiu. Essa última frase foi dita aos gritos.

A raiva tomou conta de mim. A vontade era de erguer as duas e carregá-las uma enfiada debaixo de cada braço, bem apertadas. Já tinha acontecido mais de uma vez de eu ir embora com as duas se debatendo e gritando debaixo dos braços sem demonstrar nenhuma emoção para os transeuntes, que sempre olhavam com grande interesse quando fazíamos essas cenas, como se eu estivesse usando uma máscara de macaco ou algo parecido.

Mas naquele instante consegui me controlar.

— Você pode se sentar no carrinho, Vanja? — perguntei.

— Posso se você me levantar — ela respondeu.

— Não, você mesma vai se levantar.

— Não — ela disse. — Eu não tenho pernas.

Se eu não me curvasse, ficaríamos lá até a manhã seguinte, pois se por um lado Vanja não tinha paciência e sempre desistia ao encontrar o menor obstáculo, por outro lado era infinitamente teimosa no que dizia respeito às suas próprias vontades.

— Está bem — eu disse, erguendo-a até o carrinho. — Você ganhou mais uma vez.

— Ganhei o quê? — ela quis saber.

— Nada — respondi. — Venha, Heidi, vamos embora.

Tirei-a da cerca e, depois de dois ou três “não, não quero” ditos sem muita convicção, começamos a subir o morro, Heidi nos meus braços, Vanja no carrinho. Durante o trajeto peguei o ratinho de Heidi, limpei a sujeira e o guardei na redinha.

— Não sei o que houve com ele — Linda explicou quando chegamos ao topo. — Simplesmente começou a chorar de repente. Pode ser que uma vespa o tenha picado. Veja aqui...

Ela levantou a blusa de John para me mostrar a barriga dele, onde havia uma pequena marca vermelha. John se debateu nos braços de Linda, com o rosto vermelho e o cabelo úmido de toda aquela gritaria.

— Pobrezinho! — ela disse.

— Já eu fui picado por uma mutuca — disse. — Talvez uma o tenha picado também. Mas coloque-o no carrinho e vamos embora. De qualquer jeito não tem nada que a gente possa fazer agora.

Quando prendemos as fivelas John começou a se retorcer e baixou a cabeça enquanto gritava.

— Precisamos chegar até o carro — eu disse.

— É — Linda respondeu. — Mas antes eu preciso trocar a fralda dele. Lá embaixo tem um lugar.

Acenei a cabeça e começamos a descer. Já haviam se passado algumas horas desde a nossa chegada, o sol estava mais baixo no céu e alguma coisa na luz que enchia a floresta me fez recordar as tardes de verão em casa, quando ou nosso pai e a nossa mãe nos levavam para a orla da ilha para tomarmos um banho de mar ou nós mesmos descíamos até o outeiro no estreito logo abaixo do loteamento. Por alguns segundos me ocupei com essas memórias, não sob a forma de acontecimentos concretos, mas como atmosferas, cheiros, impressões. Como a luz, que ao meio-dia era mais branca e mais neutra, começava a ficar mais exuberante e a deixar todas as cores mais escuras. Ah, correr pela estrada em meio à floresta ensombrecida em um verão nos anos 1970! Mergulhar na água salgada e

nadar até Gjerstadholmen na outra margem! O sol que reluzia nos escolhos e os deixava quase dourados. A grama dura e seca que crescia nas depressões entre um e outro. O pressentimento das profundezas sob a superfície da água escura à sombra da montanha. Os peixes que nadavam por lá. E a copa das árvores acima das nossas cabeças, com galhos finos que tremulavam com a brisa! A casca fina e por baixo o tronco liso, que mais parecia um osso. A folhagem verde...

— Lá está — disse Linda, indicando com a cabeça uma pequena construção octogonal em madeira. — Você espera aqui?

— Vamos descendo devagar — respondi.

Na parte da floresta para dentro da cerca havia dois gnomos entalhados em madeira. Era assim que o lugar tinha conseguido o status de “mundo da fantasia”.

— Olha, um duneide! — gritou Heidi. “Duneide” era o duende, ou seja, o gnomo. Por muito tempo ela tinha se ocupado com aquela criatura. Na primavera, tinha olhado para a varanda por onde o Papai Noel havia chegado na véspera de Natal e dito “o duneide tá vindo”, e sempre que brincava com um dos presentes fazia questão de explicar de onde tinha vindo. Mesmo assim, não seria fácil determinar que importância o gnomo teria para Heidi, pois quando por acidente viu as roupas do Papai Noel no meu roupeiro entre o Natal e o Ano-Novo, não ficou nem um pouco surpresa ou exasperada, não houve nenhuma revelação, ela simplesmente apontou e gritou “duneide”, como se fosse naquele lugar que a criatura trocava de roupa, e quando topávamos com o velho mendigo de barba branca que vivia na praça em frente à nossa casa ela às vezes se levantava no carrinho e berrava “duneide” a plenos pulmões.

Eu baixei a cabeça e a beijei na bochecha gorducha.

— Não quero beijo! — ela protestou.

Eu ri.

— Não posso beijar você, Vanja?

— Nah! — ela respondeu.

Um fluxo pequeno mas constante de pessoas passava o tempo inteiro por nós, a maioria vestindo roupas leves, bermudas, camiseta e chinelos, alguns com agasalho e tênis de corrida, muitos deles gordos, e quase nenhum bem-vestido.

— Meu papai na cadeia! — Heidi gritou feliz da vida.

Vanja se virou no carrinho.

— Não, o papai não tá na cadeia! — corrigiu ela.

Ri mais uma vez e parei.

— Precisamos esperar a mamãe aqui um pouco.

O seu papai está na cadeia era uma frase que certas crianças no jardim de infância costumavam dizer umas para as outras. Heidi a achava muito elegante, e costumava usá-la quando queria se gabar de mim. Na última vez em que fomos para a cabana de férias, Linda me contou que ela disse a mesma coisa para uma senhora que estava no banco de trás do ônibus. Meu papai na cadeia. Como eu não estava junto, mas no ponto de ônibus com John, a declaração pairou no ar sem que houvesse nenhuma contradição.

Abaixei a cabeça e enxuguei o suor da minha testa com a manga da camiseta.

— Posso tentar mais uma vez na barraca de prêmios, papai? — Vanja pediu.

— De jeito nenhum — respondi. — Você já ganhou um bicho de pelúcia!

— Por favor, papai! — ela insistiu.

Eu me virei e vi Linda caminhando em nossa direção. John estava de pé no carrinho e parecia satisfeito com o chapéu que estava usando.

— Tudo certo? — perguntei.

— Aham. Eu lavei a picada com água fria. Mas ele está cansado.

— Ele pode dormir no carro — respondi.

— Que horas devem ser?

— Três e meia, talvez?

— Então chegamos em casa umas oito?

— Por aí.

Mais uma vez atravessamos a pequena extensão do parque de diversões, passando pelo navio pirata, uma fachada de madeira decrépita onde se viam homens de apenas um braço ou apenas uma perna com espadas e lenços na cabeça, a cerca das lhamas e a cerca dos avestruzes, a pequena plataforma onde crianças pedalavam em quadriciclos e por fim chegamos à entrada, onde havia um circuito, ou seja, alguns troncos de árvore e algumas paredes de tábua com redes estendidas entre si, uma plataforma de *bungee-jump* e uma pista para andar de burro, onde paramos. Linda pegou Heidi, levou-a até a fila e afivelou o capacete, enquanto Vanja e eu ficamos parados junto à cerca com John, olhando.

Quatro burros estavam na pista, e eram os pais que os puxavam. O percurso não tinha mais de trinta metros, mas a maioria levava um bom tempo para completá-lo, pois afinal eram burros, e não pôneis, e os burros param quando bem entendem. Os pais desesperados puxavam as rédeas com toda a força sem que os bichos avançassem um centímetro. Davam tapas nas paletas sem que adiantasse nada, os burros continuavam parados. Uma criança estava chorando. O tempo inteiro a mulher que recolhia os bilhetes dava conselhos aos berros para os pais. Puxe com toda a força! Mais forte! Puxe, não vai acontecer nada. Força! Isso, assim!

— Está vendo, Vanja? — eu disse. — Os burros se recusam a andar!

Vanja riu. Me alegrei ao vê-la alegre. Ao mesmo tempo eu estava meio preocupado com o que podia acontecer a Linda; a paciência dela não era maior que a de Vanja. Mas quando chegou a hora ela teve um desempenho impecável. Toda vez que o burrinho parava ela virava e tocava as costas na paleta do burro ao mesmo tempo que estalava os lábios. Linda costumava andar a cavalo quando era mais nova, por muito tempo a vida dela girou em torno dos cavalos, deve ter sido esse o motivo.

Heidi estava radiante. Quando o burro não se deixava convencer pelo truque, Linda puxava as rédeas com tanta força e tanta decisão que não

sobrava espaço para a má vontade do bicho.

— Você está muito bonita andando de burro! — gritei para Heidi. Então olhei para Vanja. — Você também quer?

Vanja balançou a cabeça de maneira contida. Ajeitou os óculos. Ela tinha começado a andar de pônei quando tinha um ano e meio, e no outono em que nos mudamos para Malmö, quando tinha dois anos e meio, começou a fazer aulas de equitação. A escola ficava no meio do Folkets Park, em um picadeiro triste e decrépito com serragem no chão, mas para ela era um mundo encantado, ela absorvia tudo o que havia lá dentro e depois não queria falar de outra coisa quando a aula terminava. Sentava com as costas empertigadas no pônei desgrenhado e dava voltas e mais voltas conduzida por Linda ou, nas vezes em que fui sozinho com ela, por uma das meninas de onze ou doze anos que davam a impressão de passar a vida lá dentro, enquanto uma instrutora andava pelo meio do picadeiro e explicava o que deviam fazer. Não importava muito que Vanja nem sempre entendesse as instruções, o importante era a convivência com os cavalos e com aquele ambiente. A estrebaria, as gatas que tinham gatinhos no feno, a lista de quem montaria que cavalo a cada tarde, o capacete que ela escolheu, o olhar quando o cavalo era conduzido até o picadeiro, o bolinho de canela e o suco de maçã que ganhava no café depois da aula. Esse era o ponto alto da semana. Mas no outono seguinte tudo mudou. Apareceu uma nova instrutora, e Vanja, que aparentava ter mais do que quatro anos recém-completados, passou a ser alvo de exigências com as quais não conseguia lidar. Mesmo depois que Linda conversou a respeito, as exigências não pararam, Vanja começou a protestar quando chegava a hora de ir para a aula, ela não queria, não queria mesmo, e no fim desistimos. Mesmo ao ver Heidi montar o burrinho no parque, onde não havia exigência nenhuma, ela não quis.

Também a havíamos colocado em uma aula de canto, onde as crianças um pouco cantavam juntas, outro pouco faziam desenhos e esculturas em argila. Na segunda aula, as crianças tinham que desenhar uma casa, e

Vanja desenhou a grama do pátio em azul. A pessoa encarregada foi até ela e disse que a grama não é azul, mas verde, então será que ela podia fazer um outro desenho? Vanja rasgou o desenho em pedacinhos e começou a fazer um escândalo que levou os outros pais a erguerem as sobrancelhas e se orgulharem da educação que tinham dado para os filhos. Vanja tem muitas características marcantes, porém a mais evidente é a timidez, e ver desde agora essa timidez tornar-se ainda maior, porque é isso que está acontecendo, me preocupa. Vê-la crescer também muda a imagem que tenho do meu próprio crescimento, não tanto em função da qualidade mas da quantidade, do tempo que as pessoas passam com os filhos, que é enorme. São muitas horas, muitos dias, um número incontável de situações que surgem e são vividas. Da minha infância recordo apenas uns poucos episódios que considero marcantes ou importantes, mas hoje vejo que estavam banhados por um mar de outros acontecimentos que apagaram por completo qualquer significado que pudessem ter, pois como posso saber que justamente esses acontecimentos me acompanharam, foram decisivos, e não todos os outros a respeito dos quais não tenho a menor ideia?

Quando discuto esse tipo de coisa com Geir, com quem falo todos os dias por telefone durante uma hora, ele costuma citar Sven Stolpe, que escreveu em algum lugar a respeito de Bergman que ele teria sido Bergman onde quer que houvesse crescido, dando a entender que as pessoas são como são, independente das condições. A maneira como nos comportamos em relação à família vem antes da família. Quando eu cresci, me ensinaram a buscar explicações para todas as características, ações e fenômenos no próprio ambiente em que haviam surgido. Os aspectos biológicos e genéticos, tudo aquilo que está dado, praticamente não existia no mapa, e, quando existia, era visto com desconfiança. À primeira vista essa postura talvez pareça humanística, uma vez que se encontra intimamente ligada à ideia de que todas as pessoas são iguais, mas quando a observamos mais de perto notamos que pode muito bem

representar uma postura mecanicista em relação às pessoas, que, ao nascerem vazias, teriam a vida determinada apenas pelo ambiente. Por muito tempo adotei uma postura exclusivamente teórica em relação a esse problema, uma postura tão fundamental que pode ser usada como base em relação a qualquer coisa — quando o ambiente é o fator dominante, por exemplo, as pessoas são a princípio iguais e formáveis, e pessoas boas podem ser criadas mediante uma intervenção no ambiente onde vivem, e daí veio a crença que a geração dos meus pais tinha no Estado, no sistema educacional e na política, daí o desejo de rejeitar tudo o que havia existido até então, daí a nova verdade, que não residia no âmago das pessoas, no único e no individual, mas, pelo contrário, no exterior das pessoas, no coletivo e no universal, que talvez tenha encontrado a expressão mais perfeita graças a Dag Solstad, sempre um grande cronista da própria época, no texto de 1967, onde se encontra a famosa afirmação “Não queremos dar asas aos bules de café”: chega de espiritualidade, chega de intimidade, viva o novo materialismo — mas que essa mesma postura pudesse estar por trás da demolição de partes antigas da cidade, da construção de estradas e estacionamentos, naturalmente rechaçadas pelos intelectuais de esquerda, nunca ocorreu a ninguém, e talvez não pudesse ter ocorrido antes do momento atual, quando a relação entre os ideais de igualdade e o capitalismo, o Estado de bem-estar social e o liberalismo, o materialismo marxista e a sociedade de consumo é óbvia, pois o maior promotor da igualdade é o dinheiro, que apaga todas as diferenças, e se o caráter e o destino são grandezas formáveis, o dinheiro é o meio de formação mais próximo, e assim surge esse fenômeno fascinante em que multidões de pessoas afirmam a própria individualidade e a própria originalidade comportando-se de maneira idêntica, enquanto aqueles que em outra época abriram a porta com a afirmação da igualdade, a ênfase nos aspectos materiais e a crença na mudança hoje vociferam contra a própria obra, que atribuem ao inimigo — mas como acontece a todos os raciocínios simples essa não é toda a verdade, a vida não é uma grandeza matemática, não

conta com teoria nenhuma, apenas com a prática, e mesmo que pareça tentador compreender a transformação da sociedade promovida por essa geração a partir das ideias que se tinha no que diz respeito à relação entre hereditariedade e ambiente, essa tentação é literária e consiste na alegria de especular, ou seja, no impulso de deixar os pensamentos correrem soltos pelas mais diversas esferas da atividade humana, mais do que na alegria de dizer a verdade. O céu é baixo nos livros de Solstad, que demonstram uma percepção aguda das tendências atuais, desde o sentimento de alienamento nos anos 1960, a celebração da política no início dos anos 1970 e depois, justamente quando esses ventos começaram a soprar, um afastamento no final da década. Esse tipo de sensibilidade não constitui necessariamente o ponto fraco ou o ponto forte de um autor, mas apenas uma parte do material que usa, uma parte da orientação que tem, e no caso de Solstad o essencial sempre estava em outro lugar, a saber, na linguagem, que cintila em uma nova elegância à moda antiga e emite um brilho raro, inimitável e cheio de brio. Essa linguagem não pode ser aprendida, não pode ser comprada pelo dinheiro, e é justamente nisso que reside o valor que tem. Não é verdade portanto que nascemos iguais, e a ideia de que as exigências da vida acabam por deixar as nossas vidas diferentes é na verdade o contrário, nascemos desiguais e as exigências da vida deixam as nossas vidas mais iguais.

Quando penso nos meus três filhos, não vejo apenas o rosto de cada um, mas também as diferentes impressões que causam em mim. Essa impressão, que é inalterável, é o que os meus filhos “são” para mim. E aquilo que “são” existiu desde o primeiro dia em que os vi. Na época não eram capazes de fazer nada, e o pouco que conseguiam fazer, como mamar no peito, erguer os braços por simples reflexo, olhar ao redor, imitar, podiam todos fazer, de maneira que aquilo que “são” não tem nada a ver com essas características, não tem nada a ver com o que podem ou não podem fazer, mas antes com uma espécie de luz que brilha em cada um deles.

Os traços característicos, que aos poucos começam a se mostrar dentro de poucas semanas, também permaneceram imutáveis, e apresentam diferenças tão profundas entre si que seria difícil imaginar que as condições oferecidas através da nossa conduta e do nosso jeito de ser pudessem ter qualquer importância decisiva. John tem um temperamento amigável e tranquilo e adora as irmãs, os aviões, os trens e os ônibus. Heidi é extrovertida e gosta de ter contato com quem quer que seja, está sempre às voltas com roupas e sapatos, quer estar o tempo inteiro de saia e sente-se bem no próprio corpo, como pudemos ver por exemplo quando ficou nua em frente ao espelho no clube de natação e disse para Linda, mãe, veja como o meu bumbum é bonito! Ela não suporta nenhum tipo de reprimenda, basta erguer a voz para que ela se afaste e comece a chorar. Vanja não fica para trás, ela tem um temperamento violento, é determinada, sensível e predisposta a se relacionar com as outras pessoas. Tem boa memória e sabe de trás para frente a maioria dos livros que lemos para ela e também as falas dos filmes a que assistimos juntos. Vanja é bem-humorada, nós rimos muito juntos em casa, mas quando sai ela se deixa influenciar pelo ambiente da rua e, se houver muitas coisas novas ou estranhas, ela se fecha. A timidez apareceu quando tinha em torno de sete meses, e se manifestou com um simples fechar de olhos toda vez que uma pessoa estranha se aproximava, como se estivesse dormindo. De vez em quando ela ainda faz a mesma coisa em certas ocasiões, se está por exemplo no carrinho e encontramos o pai de alguma criança do jardim de infância, os olhos voltam a se fechar. No jardim de infância em Estocolmo, que ficava em frente ao nosso apartamento, depois de uma aproximação cautelosa e desajeitada ela se apegou muito a um menino que tinha a mesma idade, ele se chamava Alexander, e juntos os dois aprontavam tanto nos brinquedos do parquinho que às vezes as professoras tinham que afastar Alexander de Vanja, porque nem sempre ele aguentava tamanha intensidade. Mas quase sempre ele ficava radiante na companhia dela, e se entristecia quando ela ia embora, e desde então Vanja tem preferido

brincar sempre com os meninos, é provável que sinta necessidade do contato físico e da baderna, talvez porque seja uma coisa simples que dá a sensação de controle.

Quando nos mudamos para Malmö ela começou a frequentar um novo jardim de infância que ficava próximo a Västra Hamnen, na parte recém-construída da cidade onde a maior parte das pessoas abastadas morava, e como Heidi era pequena eu me encarreguei da adaptação. Toda manhã saíamos juntos de bicicleta pela cidade, passávamos pela região do antigo estaleiro e avançávamos em direção ao mar, ela com o pequeno capacete na cabeça e os braços ao redor do meu corpo, eu com os joelhos na altura da barriga na pequena bicicleta feminina, leve e feliz, porque tudo na cidade era novo para mim, e as luzes no céu da manhã e da tarde ainda não tinham se tornado uma visão rotineira. Que a primeira coisa dita por Vanja ao acordar era que não queria ir para a creche e que às vezes chorasse ao dizer essas palavras no início me pareceu ser apenas parte da transição, sem dúvida ela se acostumaria depois de algum tempo. Porém mesmo depois de um bom tempo continuava relutando em sair do meu colo, independente do que as três professoras fizessem para agradá-la. Achei que o melhor seria largá-la no meio de tudo aquilo, simplesmente ir embora e deixar que se virasse, mas nem as garotas da creche nem Linda admitiam tamanha brutalidade, então eu ficava lá sentado em um banco no canto da sala com Vanja no colo, rodeado por crianças que brincavam, vendo na rua a luz do sol que aos poucos se tornava mais outonal à medida que os dias passavam. Nas refeições ao ar livre, que consistiam em pedaços de maçã e de pera que as professoras distribuía para as crianças, Vanja sentava a dez metros de distância das outras crianças, e quando fazíamos isso, eu com um sorriso apologético nos lábios, não era sem um certo espanto, pois afinal era daquela maneira que eu me comportava em relação às outras pessoas: como ela, com dois anos e meio de idade, tinha percebido? No fim as professoras da creche a convenceram a se afastar um pouco de mim, claro, e assim eu podia montar na bicicleta e pedalar até

em casa enquanto ela chorava pelas minhas costas de um jeito que me partia o coração, mas passado um mês pude começar a levá-la e a buscá-la normalmente. Mesmo assim, às vezes acontecia de Vanja não querer ir à creche pela manhã, ela continuava a chorar de vez em quando, e quando ligaram de um outro jardim de infância mais próximo à nossa casa dizendo que havia uma vaga disponível, não hesitamos em aceitar a oferta. O lugar se chamava Lodjuret e era uma cooperativa de pais. Em outras palavras, todos os pais tinham que trabalhar como funcionários por duas semanas a cada ano, e além disso ocupar um dos vários cargos administrativos e práticos da cooperativa. Na época não sabíamos até que ponto o jardim de infância poderia devorar a nossa vida, muito pelo contrário, ao tratar do assunto o pessoal falava apenas em vantagens: graças ao nosso trabalho na escola conheceríamos todos os colegas de Vanja, e graças às nossas obrigações e reuniões conheceríamos os pais das crianças. Disseram-nos que era comum as crianças voltarem para casa umas com as outras, e assim poderíamos nos aliviar um pouco quando necessário. Além do mais, e talvez fosse esse o argumento mais importante, não conhecíamos absolutamente ninguém em Malmö, sequer uma pessoa, e esse seria um jeito simples de conseguir novos contatos. Funcionou, e passadas duas semanas fomos convidados para o aniversário de uma das crianças. Vanja ficou muito alegre e se entusiasmou mais ainda porque tinha ganhado um par de sapatos dourados que pretendia estrear na festinha, porém ao mesmo tempo não queria ir, o que não era difícil de entender, afinal ela não tinha conhecido os colegas direito naquele intervalo de tempo. O convite estava numa estante da creche em uma tarde de sexta-feira e a festa era no sábado da outra semana, e todos os dias pela manhã Vanja perguntava se hoje era a festa na casa de Stella. Quando respondíamos que não, perguntava se era depois de amanhã; para ela parecia ser esse o futuro mais longínquo no horizonte. Na manhã em que finalmente pudemos acenar a cabeça e dizer, sim, é hoje que vamos para a festa na casa de Stella, Vanja pulou da cama e foi até o armário calçar os sapatos dourados.

Duas ou três vezes a cada hora ela perguntava se ainda faltava muito tempo, e aquela poderia ter sido uma manhã insuportável cheia de cenas e de outros problemas, mas por sorte havia outras coisas com que ocupar o tempo. Linda a levou a uma livraria para comprar um presente, e depois as duas sentaram-se à mesa da cozinha para desenhar o cartão de aniversário, demos banho nas meninas, penteamos os cabelos delas e as vestimos com meias-calças e vestidos bonitos. Então o humor de Vanja se alterou de repente, de repente ela não queria mais usar meia-calça nem vestido, não queria mais saber de festa nenhuma, e quanto aos sapatos dourados ela os atirou na parede, mas depois de aguentar pacientemente os minutos que esse surto durou, conseguimos vesti-la com toda a roupa outra vez, inclusive com o xale de tricô que tinha ganhado para o batizado de Heidi, e quando as duas por fim estavam sentadas no carrinho pareciam mais uma vez estar cheias de expectativa. Vanja estava séria e calada, com os sapatos dourados em uma mão e o presente na outra, mas quando se virava em direção a nós para dizer alguma coisa, era sempre com um sorriso nos lábios. Sentada ao lado estava Heidi, empolgada e alegre, pois mesmo que não entendesse para onde estávamos indo, as roupas e os preparativos deviam ter dado uma indicação de que aquele era um acontecimento fora do comum. O apartamento onde seria a festa ficava poucos quarteirões acima na mesma rua onde morávamos. O lugar estava repleto dos movimentos que caracterizam o fim das tardes de sábado na cidade, quando os últimos compradores cheios de sacolas se misturam aos jovens que foram até o centro para ficar parados em frente ao Burger King ou ao McDonald's e o fluxo de carros deixa de ser meramente funcional, como seria no caso de famílias que estão chegando ou saindo do estacionamento, e passa a incluir vários carros rebaixados, escuros e reluzentes com altofalantes ribombando no interior da carroceria, dirigidos por imigrantes na casa dos vinte anos. Do lado de fora o supermercado estava tão cheio que tivemos de parar um pouco, e a velha, magra e castigada senhora que costumava estar sentada na cadeira de rodas por aquela hora viu Vanja e

Heidi, se inclinou para frente em direção às duas e tocou a sineta que tinha pendurada em uma vareta enquanto dava um sorriso que para ela sem dúvida era amistoso, mas que para as duas deve ter parecido apavorante. Mas as meninas não disseram nada, simplesmente olharam. No outro lado da porta de entrada tinha um viciado da minha idade com um chapéu estendido. Ao lado estava uma gaiola com um gato dentro, e quando Vanja o viu ela se virou em nossa direção.

— Quando a gente for morar no campo eu vou ter um gato — disse.

— Gato! — disse Heidi, apontando o dedo.

Continuei a empurrar o carrinho pela calçada e depois pelo meio da rua para ultrapassar três pessoas que estavam caminhando devagar demais e sem dúvida se achando as donas da calçada, por alguns metros andei o mais depressa que pude e voltei para a calçada assim que as deixei para trás.

— Você sabe que ainda pode demorar, Vanja — eu respondi.

— Não dá para ter gato em apartamento — ela disse.

— Isso mesmo — Linda completou.

Vanja tornou a olhar para frente. Ela segurava a sacola do presente com as duas mãos.

Olhei para Linda.

— Como é mesmo o nome do pai da Stella?

— Ah, agora você me pegou... Talvez Erik, não?

— Isso mesmo — respondi. — E com que ele trabalha mesmo?

— Não tenho certeza — Linda respondeu. — Mas tinha a ver com design.

Passamos pela Gottgruvan e tanto Vanja como Heidi se inclinaram para olhar a vitrine. Logo ao lado havia uma loja de penhor. A loja ao lado do penhor vendia diferentes tipos de estatuetas e bijuterias, anjos e budas, e também incenso, chás, sabonetes e outras bugigangas *new age*. Nas vitrines havia cartazes indicando as datas em que gurus de ioga e outros paranormais conhecidos estariam na cidade. No outro lado da rua havia

uma loja de roupas com marcas baratas, a Ricco Jeans and Clothings, que oferecia “Moda para toda a família”, e ao lado a Taboo, uma loja “erótica” que atraía os clientes com dildos e manequins vestidas com diferentes camisolas e espartilhos na vitrine mais próxima da porta, que ficava escondida da rua. Ao lado havia a loja de bolsas e chapéus Bergman, que devia manter inalterada tanto a decoração quanto a seleção de produtos oferecidos desde a inauguração na década de 1940, e a Radio City, que tinha acabado de ir à falência mas ainda mantinha uma vitrine cheia de televisões acesas rodeadas pelos mais variados aparelhos elétricos com os preços escritos em laranja e verde fluorescente em grandes cartões de papelão. A regra era que o quanto mais longe se fosse por aquela rua, mais baratas e duvidosas tornavam-se as lojas. A mesma coisa valia para as pessoas que as frequentavam. Diferente do que acontecia em Estocolmo, onde também morávamos no meio da cidade, em Malmö a pobreza e a miséria eram visíveis nas ruas. Eu gostava daquilo.

— Chegamos — disse Linda, parando em frente a uma porta. Em frente a um bingo um pouco mais além, três senhoras pálidas na casa dos cinquenta anos fumavam de pé. Linda correu os olhos pela lista de nomes junto ao porteiro eletrônico e apertou um número. Dois ônibus passaram com grande estrondo um atrás do outro. Logo depois a porta se abriu e entramos no corredor escuro, deixamos o carrinho encostado na parede e subimos os dois andares de escada até o apartamento, eu com Heidi e Linda com Vanja nos braços. A porta estava aberta quando chegamos. O interior do apartamento estava às escuras. Senti um certo desconforto ao entrar direto, eu acharia melhor tocar a campainha primeiro, assim a nossa chegada ficaria mais clara, pois da maneira como foi simplesmente ficamos parados no corredor sem que ninguém nos percebesse.

Coloquei Heidi no chão e tirei a jaqueta dela. Linda tentou fazer a mesma coisa com Vanja, mas ela protestou, queria primeiro tirar as botas de inverno para colocar os sapatos dourados.

Havia um cômodo em cada lado do corredor. Num as crianças brincavam e faziam algazarra, no outro havia adultos conversando. No corredor que continuava para dentro do apartamento eu vi Erik de costas para mim falando com um casal de pais do jardim de infância.

— Olá! — eu disse, cumprimentando-o.

Erik não se virou. Larguei a jaqueta de Heidi em cima do casaco que estava em uma das cadeiras e meus olhos encontraram os de Linda, que estava à procura de um lugar onde pendurar a jaqueta de Vanja.

— Vamos entrar? — ela perguntou.

Heidi estava agarrada à minha perna. Eu a peguei no colo e dei alguns passos adiante. Erik se virou.

— Olá — ele disse.

— Olá — respondi.

— Oi, Vanja! — disse Erik.

Vanja deu de costas.

— Você não quer entregar o presente para a Stella? — perguntei.

— Stella, a Vanja chegou! — anunciou Erik.

— Entregue você — ela respondeu.

Stella levantou-se no meio do grupo de crianças. Estava sorrindo.

— Parabéns pelo seu dia, Stella! — eu disse. — A Vanja trouxe um presente para você.

Olhei mais uma vez para Vanja. — Pode entregar.

— Entregue você — ela disse baixinho.

Peguei o presente e o alcancei para Stella.

— Esse é o presente da Vanja e da Heidi — expliquei.

— Obrigada — Stella disse, rasgando o embrulho. Ao ver que era um livro ela o largou em cima da mesa onde estavam os outros presentes e voltou para a companhia das outras crianças.

— E então? — Erik me perguntou. — Tudo certo?

— Tudo — eu disse. Senti a camisa grudada contra o peito. Será que dava para notar?

— Muito bonito o apartamento de vocês — Linda comentou. — É de três quartos?

— É — respondeu Erik.

O tempo inteiro Erik dava a impressão de estar tramando alguma coisa, de ter um segredo em relação às pessoas com quem falava, e era difícil interpretar essa atitude; o sorriso discreto podia tanto denotar ironia como satisfação ou incerteza. Se tivesse uma personalidade forte ou marcante eu poderia ter me preocupado, mas ele dava uma impressão vaga de fraqueza ou de passividade, então não me importei nem um pouco com o que realmente queria ou pensava. Minha atenção estava toda voltada para Vanja. Ela estava junto com Linda, sentada no chão.

— O pessoal está sentado na cozinha — Erik disse. — Estamos tomando vinho, vocês nos acompanham?

Heidi já tinha entrado na outra peça e estava em frente à prateleira com um caracol de madeira na mão. O caracol tinha rodas e uma corda por onde puxá-lo.

Acenei a cabeça para os dois pais mais ao fundo do corredor.

— Olá — disseram.

Como ele se chamava mesmo? Johan? Ou seria Jacob? E o nome dela? Mia, talvez? Não, porra, o nome dele era Robin.

— Olá — respondi.

— Tudo bem? — Robin perguntou.

— Tudo — respondi. — E com vocês?

— Tudo bem.

Eu sorri. Eles sorriram de volta. Vanja se desgrudou de Linda e entrou com passos hesitantes no cômodo onde várias crianças brincavam. Por uns breves instantes ela apenas observou. Mas depois foi como se tivesse decidido correr o risco.

— Eu tenho sapatos dourados! — anunciou.

Ela se inclinou para frente, tirou um dos sapatos e ergueu-o na mão, caso alguém quisesse ver. Mas ninguém quis. Quando ela percebeu, voltou

a calçar o sapato.

— Você não quer ir até lá brincar com as outras crianças? — perguntei.
— Veja, elas têm uma enorme casa de bonecas!

Ela fez o que sugeri, foi até lá e sentou-se ao lado das outras crianças, mas não fez mais nada, simplesmente escolheu um lugar para sentar e ficou olhando.

Linda pegou Heidi no colo e a levou em direção à cozinha. Eu segui logo atrás. Todos nos cumprimentaram, nós respondemos aos cumprimentos e nos sentamos na mesa comprida junto à janela. A conversa era sobre passagens aéreas baratas, sobre como o que no início parecia uma pechincha crescia à medida que se tornava necessário pagar um item opcional atrás do outro até que no fim o bilhete ficasse tão dispendioso como uma passagem nas companhias aéreas mais caras. Depois começaram a falar sobre a compra de cotas ambientais, e por fim sobre os recém-lançados pacotes de férias em trens fretados. Eu com certeza poderia ter dito alguma coisa a respeito, mas não disse nada, essas conversas superficiais são uma das inúmeras coisas que não domino, então como sempre fiquei sentado em silêncio acenando a cabeça para o que os outros diziam e sorrindo quando os outros sorriam enquanto desejava com todas as minhas forças ir embora daquele lugar. No balcão da cozinha estava Frida, a mãe de Stella, preparando algum tipo de molho. Ela já não estava mais junto com Erik, e mesmo que os dois fizessem um bom trabalho conjunto no que dizia respeito à educação de Stella, de vez em quando era possível notar impaciência e irritação entre os dois nos encontros da creche. Frida era loira, tinha maçãs do rosto altas e olhos pequenos, um corpo longilíneo e esbelto e sabia vestir-se bem, mas estava sempre muito cheia de si, muito centrada em si mesma para que eu a considerasse atraente. Não tenho nenhum problema com pessoas desinteressantes ou sem originalidade, elas podem ter outras qualidades mais importantes, como o afeto, a consideração, a amizade, o senso de humor ou ainda outros talentos que fazem uma conversa ir adiante, podem

saber como estabelecer um ambiente de conforto e fazer com que uma família funcione, mas estar próximo a pessoas desinteressantes que se acham excepcionalmente interessantes e não param de contar vantagem me causa um mal-estar quase físico.

Ela largou a tigela com o que eu tinha imaginado ser molho, mas que na verdade era um *dip*, em cima de uma tábua onde havia uma tigela com palitos de cenoura e uma tigela com palitos de pepino. No mesmo instante Vanja entrou na cozinha. Assim que nos enxergou veio em nossa direção e chegou bem perto de nós.

— Eu quero ir para casa — ela disse baixinho.

— Mas acabamos de chegar! — respondi.

— Vamos ficar mais um pouco — Linda disse. — E olhe aqui, agora vão servir umas guloseimas!

Será que ela estava pensando na tábua com legumes?

Devia ser.

As pessoas eram loucas na Suécia.

— Vamos, eu vou para lá com você — eu disse para Vanja.

— Você leva a Heidi também? — perguntou Linda.

Acenei a cabeça, e com Vanja nos calcanhares levei-a para o cômodo onde estavam as crianças. Frida veio logo atrás com a tábua nas mãos. Colocou-a em uma pequena mesa de centro.

— Trouxe um lanchinho para vocês comerem antes do bolo — ela disse.

As crianças, três meninas e um menino, continuaram a brincar com a casa de bonecas. No outro cômodo dois meninos corriam. Erik também estava lá dentro, em frente ao aparelho de som com um CD na mão.

— Esse aqui é um CD de jazz norueguês — disse. — Você se interessa por jazz?

— M-me interessa... — respondi.

— A Noruega tem uma cena forte de jazz.

— O que você tem aí? — perguntei.

Erik me mostrou a capa. Era uma banda de que eu nunca tinha ouvido falar a respeito.

— Ótimo — eu disse.

Vanja estava atrás de Heidi tentando levantá-la. Heidi protestava.

— Vanja, ela já falou que não quer — eu disse. — Pare com isso.

Quando Vanja tentou levantá-la mais uma vez eu fui até as duas.

— Você não quer uma cenoura? — perguntei.

— Não — Vanja respondeu.

— É um *dip* — eu disse, tentando convencê-la. Fui até a mesa, peguei um palito de cenoura e o mergulhei no *dip* branco, provavelmente à base de creme azedo, e o coloquei na boca.

— Mm — eu disse. — Está muito bom!

Porque não puderam servir cachorro-quente, sorvete e refrigerante? Pirulito? Gelatina? Pudim de chocolate?

A Suécia era mesmo um país de gente incrivelmente estúpida. As mulheres jovens bebiam água em quantidades tão grandes que o líquido chegava a escorrer pelas orelhas, achavam que aquilo era “nutritivo” e “saudável”, mas na verdade a única coisa que fazia era elevar a estatística de jovens com incontinência urinária a níveis estratosféricos. As crianças comiam massa integral e pão integral e vários tipos estranhos de arroz não processado que as barrigas delas nem ao menos conseguiam digerir por completo, mas nada disso importava, porque tudo era “nutritivo”, “saudável” e “benéfico”. Aquela gente confundia a comida com o espírito, achavam que era possível se tornar uma pessoa melhor através do que comiam, sem compreender que a comida é uma coisa mas as ideias que a comida desperta são outra. Mas se alguém dissesse isso, se alguém dissesse qualquer coisa parecida, era acusado ou de ser reacionário ou então simplesmente de ser norueguês, ou seja, de ser uma pessoa que vive dez anos no passado.

— Não quero — retrucou Vanja. — Não estou com fome.

— Tudo bem, tudo bem — eu disse. — Mas olhe. Você viu isso aqui? Tem um trem aqui. Vamos montar?

Ela fez um sinal afirmativo com a cabeça, e então nos sentamos um pouco atrás das outras crianças. Comecei a dispor as peças do trilho de madeira uma atrás da outra em um semicírculo enquanto ao mesmo tempo ajudava Vanja com todo cuidado. Heidi tinha ido para o outro cômodo e estava junto à estante de livros analisando tudo o que estava por lá. Toda vez que a movimentação dos meninos ficava mais violenta ela se virava e olhava em direção a eles.

Erik por fim colocou um disco e aumentou o volume. Um piano, um baixo e aquela mixórdia de instrumentos de percussão que certos bateristas de jazz tanto adoram — pelo menos os que gostam de bater uma pedra na outra ou de usar todos os materiais que encontram ao redor. Para mim a música alternava momentos de nada absoluto com momentos ridículos. Eu detestava que esse tipo de coisa fosse aplaudido em concertos de jazz.

Erik balançou a cabeça antes de se virar, piscou o olho para mim e saiu em direção à cozinha. No mesmo instante a campainha tocou. Eram Linus e o filho Achilles. Linus, que tinha uma porção de tabaco sob o lábio superior, estava usando calças pretas e um casaco preto e por baixo uma camisa branca. Os cabelos loiros estavam um pouco desgrenhados, e os olhos que miravam o interior do apartamento pareciam sinceros e ingênuos.

— Olá! — disse. — Como vai?

— Bem — respondi. — E você?

— Vamos levando.

Achilles, que era pequeno e tinha olhos grandes e pretos, tirou a jaqueta e os sapatos enquanto olhava para as crianças atrás de mim. As crianças são como os cachorros, sempre descobrem os próprios semelhantes na multidão. Vanja também olhou para ele. Achilles era o favorito dela, era quem Vanja tinha escolhido para o papel de Alexander. Mas quando acabou de tirar as roupas de andar na rua, Achilles seguiu reto na direção

das outras crianças, e não houve nada que Vanja pudesse fazer para impedir. Linus avançou em direção à cozinha, e o brilho que imaginei ter visto no olhar dele não podia ser outra coisa senão a expectativa de puxar uma conversa.

Me levantei e olhei em direção a Heidi. Ela estava sentada ao lado de um pé de agave que ficava junto à janela, tirando a terra do vaso e fazendo pequenos montinhos em cima do assoalho. Fui até lá, levantei-a, juntei o quanto pude da terra com as mãos e fui para a cozinha em busca de um pano ou de alguma coisa parecida. Vanja foi atrás de mim. Assim que entramos na cozinha ela subiu no colo de Linda. Na sala Heidi começou a chorar. Linda me lançou um olhar inquisitório.

— Eu cuido da Heidi — expliquei. — Só quero achar um pano para limpar.

O balcão da cozinha estava cheio, tive a impressão de que uma refeição estava sendo preparada, e em vez de me enfiar lá dentro fui para o banheiro, enrolei um punhado de papel higiênico, molhei tudo na pia e voltei para a sala a fim de limpar. Quanto a Heidi, que seguia chorando, levantei-a e a levei até o banheiro para lavar as mãos dela. Ela esperneou e se debateu enquanto era carregada.

— Calma, filha, calma — eu disse. — Você já está quase pronta. Só mais um pouquinho. Assim!

Quando tornamos a sair ela parou de chorar, mas ainda não estava muito satisfeita e não quis sentar, apenas ficar nos meus braços. Na sala Robin estava de braços cruzados acompanhando a filha Theresa, que era poucos meses mais velha do que Heidi mas já conseguia falar frases longas.

— E então? — me perguntou. — Você continua escrevendo?

— É, um pouco — respondi.

— Você escreve em casa?

— Escrevo. Tenho um cômodo para mim.

— Não é difícil? Quer dizer, não dá vontade de assistir televisão ou lavar a roupa em vez de escrever?

— Funciona bem. Me sobra um pouco menos de tempo do que se eu tivesse um escritório, mas...

— Claro — disse Robin.

Ele tinha cabelos loiros e meio compridos que se enrolavam na altura da nuca, olhos azul-claros, nariz chato e queixo largo. Não era forte, mas tampouco era fraco. Vestia-se como se tivesse vinte anos, mesmo que já beirasse os quarenta. Quanto ao que pensava, eu não tinha a menor ideia, não saberia dizer nada a respeito do que se passava com ele, mas não parecia haver nada de misterioso. Pelo contrário, a expressão e o carisma davam uma impressão de abertura. Mesmo assim, eu percebia a sombra de mais alguma coisa. Ele trabalhava com a integração de refugiados no município, conforme tinha me dito uma outra vez, e depois de algumas perguntas iniciais a respeito de quantos refugiados tinham sido aceitos no país e assim por diante eu desisti do assunto, porque as minhas perspectivas e convicções pessoais estavam tão distantes daquilo que ele representava que mais cedo ou mais tarde haveriam de transparecer, e então eu seria visto como malvado ou estúpido, dependendo da situação, e eu não queria que nada parecido acontecesse.

Vanja, que estava sentada no chão um pouco afastada das outras crianças, olhou para nós. Coloquei Heidi sentada e foi como se Vanja estivesse à espera disso, pois no mesmo instante ela se levantou e veio até nós, pegou Heidi pela mão e a levou até a estante de brinquedos, de onde pegou o caracol de madeira com antenas que giravam quando era puxado.

— Olha, Heidi! — disse, pegando uma das mãos dela e colocando o caracol no chão. — Você puxa a cordinha assim. E aí as antenas giram. Entendeu?

Heidi pegou a cordinha e deu um puxão. O caracol caiu.

— Não, assim não — Vanja disse. — Eu vou te mostrar.

Ela pôs o caracol de pé e o puxou com cuidado por alguns metros.

— Eu tenho uma irmãzinha! — gritou de repente. Robin tinha ido até a janela, de onde estava olhando para o quintal. Stella, que era uma menina

enérgica e devia estar ainda mais cheia de entusiasmo no dia da própria festa, gritou empolgada alguma coisa que eu não entendi, apontou para uma das garotas mais novas, que entregou a ela a boneca que tinha na mão, pegou um carrinho, colocou a boneca dentro e começou a empurrá-la pelo corredor. Achilles tinha se achado com Benjamin, um garoto seis meses mais velho do que Vanja que passava a maior parte do tempo profundamente concentrado em uma coisa ou outra, um desenho ou uma pilha de Lego ou um navio pirata com bonecos de piratas. Era um menino cheio de fantasia, independente e gentil, e naquele instante estava sentado com Achilles montando o trilho de trem que eu e Vanja havíamos começado. Mais atrás, as duas garotas mais novas corriam atrás de Stella. Heidi estava resmungando. Devia estar com fome. Fui até a cozinha e me sentei ao lado de Linda.

— Você pode dar uma olhada nas meninas lá dentro? — pedi. — Acho que Heidi está com fome.

Ela acenou a cabeça, mal encostou a mão no meu ombro e se levantou. Precisei de alguns segundos para me orientar nas duas conversas que estavam ocorrendo na mesa. Uma era sobre um esquema de compartilhamento de carros e a outra sobre carros, e pelo que entendi a conversa tinha acabado de se dividir. No outro lado da janela a escuridão parecia densa, a iluminação na cozinha era discreta, os vincos nos rostos suecos ao redor da mesa estavam ensombrecidos e os olhos reluziam com o brilho das velas. Erik e Frida e uma outra mulher de quem não lembro o nome estavam de costas em frente ao balcão da cozinha preparando a comida. Um sentimento de ternura por Vanja havia tomado conta de mim. Mas não havia nada que eu pudesse fazer. Olhei para a pessoa que estava falando, sorri na hora do comentário espirituoso, tomei um gole da taça de vinho tinto que tinham me servido.

Bem na minha frente estava a única pessoa que se destacava em todo o apartamento. O rosto dele era grande, as bochechas tinham cicatrizes, as feições eram rústicas, os olhos intensos. As mãos que repousavam em cima

da mesa eram grandes. Estava usando uma camisa dos anos 1950 e uma calça de jeans azul com as barras dobradas para cima. O cabelo também era dos anos 1950, e ele usava costeletas. Mas não era nada disso que o tornava diferente, era uma espécie de aura, o fato de que todos percebiam que estava lá, mesmo que não dissesse muita coisa.

Uma vez fui a uma festa em Estocolmo onde havia um boxeador. Ele ficou sentado na cozinha, com uma presença física tangível, e causou em mim uma sensação nítida e desagradável de inferioridade. De que eu era inferior. E aquela noite provaria que eu estava certo de uma forma bastante curiosa. A festa era na casa de Cora, uma das amigas de Linda, e o apartamento dela era pequeno, então as pessoas conversavam de pé por toda parte. Do som na sala vinha música. As ruas lá fora estavam brancas de neve. Linda estava no fim da gravidez, e aquela talvez fosse a nossa última festa antes que o bebê nascesse e mudasse tudo, então mesmo que estivesse cansada ela queria ficar lá um pouco. Eu estava bebendo um pouco de vinho e conversando com Thomas, que era fotógrafo e amigo de Geir; ele conhecia Cora graças à namorada Marie, que era poeta e tinha dado aulas para ela no curso de escritores em Biskops-Arnö. Linda estava sentada em uma cadeira um pouco afastada da mesa por causa da barriga, ela ria e parecia feliz, e a introspecção e o brilho discreto que haviam tomado conta dela nos últimos meses eram tudo o que eu conseguia perceber à minha volta. Passado algum tempo ela se levantou e saiu, eu sorri para ela, voltei minha atenção mais uma vez a Thomas, que disse alguma coisa a respeito dos genes ruivos, muito presentes naquela noite.

Uma batida veio de algum lugar.

— Cora! — ouvi uma voz gritar. — Cora!

Seria Linda?

Me levantei e fui até o corredor.

A batida tinha vindo de dentro do banheiro.

— Linda, é você? — perguntei.

— Sou eu — ela disse. — Acho que a fechadura emperrou. Você pode chamar a Cora? Deve ter um jeitinho.

Fui até a sala e toquei no ombro de Cora, que tinha um prato de comida numa mão e uma taça de vinho tinto na outra.

— A Linda se trancou no banheiro.

— Essa não! — disse ela, largando o prato e a taça e saindo às pressas.

As duas conferenciaram um pouco através da porta trancada, Linda tentou seguir as instruções que recebia, mas nada adiantava, a porta estava e haveria de permanecer trancada. A essa altura todos os convidados estavam a par da situação, o clima era ao mesmo tempo alegre e entusiasmado, um bando de gente se amontoou no corredor e começou a dar conselhos para Linda lá dentro, enquanto Cora, angustiada e confusa, não parava de repetir que Linda estava grávida e que era preciso fazer alguma coisa o mais rápido possível. No fim decidiram chamar um chaveiro. Enquanto aguardávamos, fiquei em frente à porta conversando com Linda, desconfortável por estar o tempo inteiro ciente de que todos ouviam o que eu dizia e também de que não havia nada que eu pudesse fazer. Será que eu não podia simplesmente arrombar a porta com um chute e tirá-la do banheiro? Simples e direto?

Eu nunca tinha arrombado uma porta antes, não sabia se eram muito resistentes, imagine se o meu chute não tivesse força suficiente como eu pareceria ridículo?

O chaveiro apareceu meia hora depois. Largou uma bolsa de lona cheia de ferramentas no chão e começou a mexer na fechadura. Ele era pequeno, usava óculos e estava começando a perder os cabelos, não disse nada para o círculo de pessoas ao redor, tentou uma ferramenta depois da outra sem que nada adiantasse, a maldita porta continuava trancada. Por fim desistiu, disse a Cora que não adiantava, ele não conseguiria destrancar aquela porta.

— Mas então o que vamos fazer? — Cora perguntou. — Ela está grávida!

O chaveiro deu de ombros.

— Vocês podem arrombar — disse enquanto começava a guardar as ferramentas.

Quem arrombaria a porta?

Devia ser eu, eu era o marido de Linda, a responsabilidade era minha.

Senti o coração bater forte no meu peito.

Eu teria que fazer aquilo? Dar um passo para trás, sob os olhares de todos, e dar um chute com toda a minha força?

E se a porta não cedesse? E se cedesse e acertasse Linda?

Ela teria que se proteger em um canto.

Inspirei e expirei tranquilamente algumas vezes. Mas não adiantou, eu continuava tremendo por dentro. Chamar atenção daquela forma era a pior coisa imaginável para mim. Quando existia a chance de fracassar era ainda pior.

Cora olhou ao redor.

— Vamos ter que arrombar essa porta — disse. — Quem se habilita?

O chaveiro saiu pela porta. Se eu pretendia fazer aquilo era hora de me apresentar.

Mas eu não consegui.

— O Micke — disse Cora. — Ele é boxeador.

Ela fez menção de sair para chamá-lo na sala.

— Deixem que eu falo com ele — eu disse. Assim eu não esconderia a humilhação da circunstância, assim poderia dizer sem rodeios para ele que eu, como marido de Linda, não tenho coragem de arrombar a porta, mas peço a você, que é um boxeador enorme, que faça isso por mim.

Micke estava na janela com uma cerveja na mão conversando com duas garotas.

— Oi, Micke — eu disse.

Ele me encarou.

— A Linda ainda está trancada no banheiro. O chaveiro não conseguiu abrir a porta. Você acha que poderia arrombar?

— Claro — ele respondeu, e então me encarou por mais um instante antes de largar a garrafa e ir até o corredor. Eu segui atrás. As pessoas abriam espaço quando ele passava.

— Você está aí dentro? — perguntou Micke.

— Estou — Linda respondeu.

— Fique o mais longe da porta que você puder. Eu vou arrombar.

— Está bem — Linda respondeu.

Micke esperou um pouco. Então levantou o pé e chutou a porta com tanta força que a fechadura inteira afundou. Lascas voaram pelo ar.

Quando Linda apareceu, alguém bateu palmas.

— Pobrezinha! — Cora exclamou. — Mil desculpas. Que acontecesse justo com você, e ainda por cima agora...

Micke se virou e foi embora.

— Como você está? — perguntei.

— Bem — Linda disse. — Mas acho que de repente é bom a gente ir para casa daqui a pouco.

— Claro — respondi.

Baixaram a música na sala, duas mulheres por volta dos trinta anos iam fazer uma leitura dramática de poemas que tinham escrito, eu alcancei a jaqueta para Linda, vesti a minha, dei tchau para Cora e Thomas, a vergonha queimava dentro de mim, mas ainda faltava uma coisa, eu tinha que agradecer a Micke pelo que tinha feito, abri caminho por entre os espectadores do recital e parei na frente dele junto à janela.

— Obrigado — eu disse. — Você salvou a Linda.

— Ah — disse Micke, erguendo os ombros enormes. — Não foi nada.

No táxi de volta para casa eu quase não olhei para Linda. Eu não agi quando ela precisou, mas fui covarde e deixei a tarefa para outra pessoa, e tudo estava no meu olhar. Eu era um coitado.

Quando nos deitamos ela me perguntou qual era o problema. Eu disse que estava com vergonha por não ter arrombado a porta. Linda me

encarou surpresa. A ideia nem tinha passado pela cabeça dela. Por que eu haveria de fazer uma coisa daquelas? Não era do meu feitio.

O homem sentado no outro lado da mesa tinha o mesmo tipo de aura que o boxeador em Estocolmo. Não tinha nada a ver com porte físico ou massa muscular, pois mesmo que muitos dos homens presentes tivessem corpos robustos e fortes, também pareciam leves, mas a presença deles num recinto qualquer é fugaz e insignificante como um pensamento casual, era outra coisa, e quando me deparava com ela eu não sabia o que fazer, eu me via como o homem fraco e reprimido que eu era, um homem que vivia a vida no mundo das palavras. Fiquei sentado remoendo essas coisas enquanto olhava a intervalos irregulares para ele, ao mesmo tempo em que escutava a conversa dos outros com meio ouvido. Estavam falando sobre diferentes métodos pedagógicos e em que escola cada um pretendia colocar os filhos. Após um breve interlúdio em que Linus falou sobre um evento esportivo a que tinha assistido, começaram a falar sobre o preço dos imóveis. Os preços tinham sofrido uma alta considerável nos últimos anos, porém mais em Estocolmo do que em Malmö, embora provavelmente fosse apenas uma questão de tempo até que o vento mudasse, podia até mesmo haver uma queda tão súbita quanto a alta. Então Linus se virou em direção a mim.

— Como estão os preços dos imóveis na Noruega? — perguntou.

— Mais ou menos como aqui — respondi. — Oslo é tão cara quanto Estocolmo. E nas periferias é um pouco mais barato.

Ele me encarou por um tempo, para ver se eu aproveitaria a abertura que tinha me dado, mas quando viu que não seria o caso tornou a se virar para o outro lado e continuou falando. Ele tinha feito a mesma coisa na primeira reunião geral que tivemos, mas daquela vez em tom de crítica, porque, segundo disse, quando o encontro se encaminhava para o fim eu e Linda continuávamos sem ter nada o que dizer, mas a ideia era que todos falassem, era justamente esse o objetivo de uma cooperativa de pais. Eu não tinha nenhuma ideia quanto ao que eu poderia dizer a respeito do

assunto discutido, e foi Linda, com um forte rubor no rosto, que pesou os prós e contras em nome da família enquanto todos na reunião a encaravam. A primeira questão era decidir se a creche dispensaria o cozinheiro fixo e contrataria o serviço de uma empresa de catering, que era mais barata, e nesse caso a segunda questão seria decidir que tipo de comida servir: normal ou vegetariana? O Lodjuret era na verdade um jardim de infância vegetariano, foi esse o motivo que tinha levado à fundação do jardim de infância, mas naquele momento apenas dois pais eram vegetarianos, e como as crianças de qualquer maneira não comiam muitos dos legumes que eram servidos, vários outros pais achavam que o melhor seria abandonar esse princípio. A discussão durou várias horas e se arrastou pelos mais variados aspectos desse tema como uma rede de arrasto no fundo do mar. Mencionou-se, por exemplo, a porcentagem de carne nos diferentes tipos de salsicha; uma coisa eram as salsichas compradas em supermercados, que tinham a porcentagem de carne impressa, e outra coisa eram as salsichas usadas pelas empresas de catering, pois então como saber qual era a porcentagem de carne? Eu achava simplesmente que salsichas eram salsichas, não tinha a menor ideia a respeito do mundo que se descortinou ante os meus olhos naquela tarde e muito menos que havia pessoas dispostas a ter um envolvimento tão profundo com ele. Além do mais, não seria legal para as crianças ter um cozinheiro que preparasse a comida na cozinha da creche?, pensei, mas não disse nada, e depois de um tempo comecei a torcer para que a discussão acabasse sem que precisássemos dizer nada, ou seja, antes que Linus fixasse em nós aquele olhar ao mesmo tempo experiente e ingênuo.

Na sala se ouvia o choro de Heidi. Pensei mais uma vez em Vanja. Geralmente ela resolvia essas situações fazendo exatamente igual aos outros. Se puxassem uma cadeira, ela puxava uma cadeira, se sentassem, ela sentava, se riam, ela ria, mesmo que não entendesse do que estavam rindo. Se corriam ao redor gritando um nome, ela corria ao redor gritando um nome. Era o método dela. Mas Stella tinha percebido. Uma vez em

que por acaso eu estava perto a ouvi dizer: *Você só sabe imitar! Você é um papagaio! Um papagaio!*. Isso não a impediu de continuar, até então o método havia se mostrado eficaz, mas no território da própria Stella talvez o comentário a tenha deixado sem ação. Eu sabia que ela entendia muito bem do que se tratava. Muitas vezes ela tinha dito a mesma coisa para Heidi, que ela só sabia imitar e era um papagaio.

Stella era seis meses mais velha do que Vanja, que a admirava mais do que a qualquer outra pessoa. Quando ela podia ficar junto, era por bondade de Stella, que tinha esse mesmo poder sobre todas as crianças do jardim de infância. Ela era uma criança bonita, tinha cabelos loiros e olhos grandes, estava sempre vestida com roupas bonitas e de bom gosto, e os traços de crueldade não eram nem piores nem melhores do que aqueles que se manifestavam em outras crianças no topo da hierarquia. Para mim não era esse o problema. O problema era a consciência que ela tinha da impressão que causava nos adultos e a maneira como se aproveitava desse charme e dessa inocência. Durante o meu período de serviço obrigatório no jardim de infância eu nunca tinha percebido. Independente do brilho que Stella tivesse nos olhos quando me pedia alguma coisa, minha reação era sempre de desinteresse, o que sempre a deixava confusa e desencadeava ainda mais tentativas de me conquistar. Uma vez ela foi ao parque com a gente depois da creche, sentada ao lado de Vanja no carrinho duplo, e enquanto eu levava Heidi em um braço e empurrava as duas com o outro ela pulou para fora do carrinho a algumas centenas de metros do parque e quis correr esse último trecho, o que provocou uma reação enérgica da minha parte, eu a chamei de volta aos gritos e disse em tom decidido que ela ia sentar bem bonito no carrinho até chegarmos, tinha carros passando na rua, será que não dava para ver? Ela me encarou com uma expressão de surpresa, não estava acostumada a ser tratada daquela forma, e mesmo que eu não tenha nenhum orgulho da maneira como lidei com a situação, pensei também que uma negativa não seria a *pior coisa* com que aquela criaturinha podia se deparar. Mas ela tomou

nota daquilo, porque quando meia hora mais tarde eu as agarrei pelos pés e as fiz girar em pleno ar, para grande alegria das duas, e depois me ajoelhei para brincar de luta, o que Vanja adorava, especialmente quando tomava impulso e me derrubava na grama, Stella me deu um chute na panturrilha, e deixei passar uma vez, duas vezes, mas quando ela me chutou pela terceira vez eu disse, esses chutes doem, Stella, pare com isso, um pedido que ela naturalmente não levou em consideração, naquele momento a brincadeira ficou mais emocionante, e assim ela me chutou mais uma vez, enquanto ria em voz alta, e Vanja, que sempre a imitava, também riu em voz alta, e então eu me levantei, peguei Stella pela cintura e a levantei do chão. “Escute aqui, sua praga”, eu tinha vontade de dizer, e certamente teria dito se a mãe dela não fosse buscá-la meia hora mais tarde. No fim acabei dizendo: “Escute aqui, Stella”, em um tom duro e irritado enquanto eu a olhava nos olhos. “Quando eu digo não, é não. Deu para entender?” Ela olhou para baixo e não quis responder. Levantei o queixo dela. “Deu para entender?”, perguntei mais uma vez. Stella fez um gesto afirmativo com a cabeça, e então a soltei. “Então agora eu vou me sentar naquele banco. Vocês duas podem brincar sozinhas enquanto a sua mãe não chega.” Vanja me lançou um olhar confuso. Mas em seguida riu e cutucou Stella. Para ela, cenas daquele tipo eram corriqueiras. Por sorte Stella esqueceu o assunto na mesma hora, porque eu estava mesmo pisando em ovos, e o que eu faria se ela começasse a chorar ou a gritar? Em vez disso ela foi com Vanja até o “trem”, onde estavam várias outras crianças. Quando a mãe dela chegou, trouxe nas mãos dois copos de papelão com café *latte*. Em geral eu teria ido embora assim que ela chegasse, mas quando ela me entregou um dos copos de café, não tive alternativa senão me sentar e ouvi-la falar sobre o trabalho, ofuscada pelo sol de novembro, enquanto observava as crianças com o rabo do olho.

A semana em que cumpri meu trabalho obrigatório no jardim de infância e a princípio trabalhei como um empregado qualquer tinha passado mais ou menos conforme a minha expectativa; eu já tinha

trabalhado bastante tempo em instituições e desempenhei minhas tarefas de uma forma que, segundo entendi, o pessoal não estava acostumado a esperar de um pai, e ao mesmo tempo estava acostumado a vestir e a despir as crianças, a trocar fraldas e a brincar, porque tudo isso era exigido. As crianças naturalmente reagiram das mais variadas formas à minha presença. Um garotinho desengonçado e de cabelos brancos que andava de um lado para outro sem amigos, por exemplo, queria passar o tempo inteiro no meu colo, fosse porque queria ouvir uma história, fosse porque simplesmente queria ficar sentado no meu colo. Um outro brincava comigo por meia hora depois que os outros iam embora, a mãe chegava atrasada, mas o garoto se esquecia de tudo quando pegávamos o navio pirata, e para grande alegria dele eu sempre introduzia novos elementos na brincadeira, como tubarões e ataques ao navio e incêndios. Um terceiro, o menino mais velho da creche, logo encontrou um dos meus pontos fracos ao tirar um molho de chaves do meu bolso quando estávamos sentados à mesa para comer. O simples fato de que não o impedi, mesmo que eu tenha ficado muito irritado, fez com que farejasse a minha fraqueza. Primeiro ele perguntou se alguma era a chave de um carro. Quando balancei a cabeça em um gesto negativo ele perguntou por quê. Respondi que eu não tinha carro. Por quê?, ele perguntou. Porque eu não tenho carteira de motorista. Você não sabe dirigir?, ele perguntou. Você não é adulto? Todos os adultos sabem dirigir. Então ele balançou o molho de chaves debaixo do meu nariz. Deixei que fizesse aquilo, pensei que logo ia se cansar, mas não, pelo contrário, ele simplesmente continuou. As suas chaves estão comigo, ele disse. E você não vai pegá-las. Ele continuou balançando as chaves sem parar debaixo do meu nariz. As outras crianças olharam para nós, e três adultos da equipe também. Cometi o erro de tentar pegar as chaves com um movimento brusco. Ele conseguiu afastá-las e deu uma gargalhada cheia de desprezo. Ha ha, você não consegue pegar!, disse. Mais uma vez tentei fingir que nada tinha acontecido. Ele começou a bater com as chaves na mesa. Não faça isso, eu disse. Ele

simplesmente deu um sorriso atrevido e continuou. Uma pessoa da equipe pediu que parasse. Então ele parou. Mas continuou a balançar as chaves na mão. Você nunca mais vai pegar essas chaves, disse. Nesse instante Vanja interferiu.

— Dê as chaves para o meu pai! — gritou.

Que tipo de situação era aquela?

Fingi que nada tinha acontecido, me inclinei em direção ao prato e continuei a comer. Mas aquele pequeno demônio continuou a me atormentar. Balança, balança. Resolvi deixar que ficasse com as chaves até o fim da refeição. Bebi um gole d'água, meu rosto estava muito quente por uma coisa tão pequena. Aquele era Olaf, o diretor da creche? Quem quer que fosse, mandou Jocke entregar as chaves. E Jocke as entregou na mesma hora.

Durante toda a minha vida adulta eu mantive distância dos outros, foi a maneira que encontrei para me virar, porque me sinto tão incrivelmente próximo das pessoas nos meus pensamentos e nas minhas emoções que elas não precisam fazer mais do que me rejeitar por um instante que seja para que uma tempestade se arme dentro de mim. Naturalmente sinto essa mesma proximidade em relação às crianças, é o que me permite sentar e brincar com elas, mas como as crianças não têm o verniz da decência e da cortesia que se encontra nos adultos, elas podiam adentrar livremente a camada exterior da minha personalidade e destruí-la como bem entendessem. A única resistência que eu podia oferecer, depois que os ataques começavam, consistia em recorrer à força bruta, o que seria impossível, ou em fazer de conta que eu não me importava, talvez a melhor opção, porém uma técnica que eu não dominava muito bem, uma vez que as crianças, ou pelo menos as crianças mais talentosas, percebiam de imediato o desconforto causado por essa presença.

Ah, que situação indigna!

De repente tudo virou de ponta-cabeça. Eu, que não me preocupava com o jardim de infância que Vanja frequentava, mas queria apenas que

alguém se encarregasse dela para que eu pudesse escrever em paz durante algumas horas por dia, sem poder saber o que estava acontecendo com ela nem como estava se sentindo, eu, que não desejava nenhum tipo de proximidade na minha vida, que não conseguia nunca me afastar o suficiente, de repente precisei trabalhar na creche durante uma semana e me envolver profundamente com tudo que acontecia, sem que as coisas parassem por aí, pois quando os pais levavam ou buscavam os filhos era comum sentar por alguns minutos na sala de brinquedos ou no refeitório ou onde quer que estivessem e conversar com outros pais, talvez brincar um pouco com as crianças, e isso todos os dias da semana... Eu costumava fazer apenas o mínimo, levava Vanja comigo e a vestia antes que alguém percebesse realmente o que estava acontecendo, mas de vez em quando me pegavam no corredor, puxavam conversa, e no instante seguinte eu me via sentado no sofá baixo e fundo me deixando envolver por um assunto qualquer que para mim era total e absolutamente desprovido de interesse, enquanto as crianças mais atrevidas me puxavam e me cutucavam querendo que eu as atirasse ou as carregasse ou as girasse ou, no caso de Jocke, que como se não bastasse era filho do gentil bancário Gustav que adorava os livros, simplesmente me furavam com objetos pontiagudos.

Passar a tarde e a noite de sábado espremido em uma mesa comendo verduras com um sorriso forçado mas cortês nos lábios também fazia parte das mesmas obrigações.

Em frente ao balcão Erik tirou uma pilha de pratos do armário enquanto Frida contava garfos e facas. Tomei um gole de vinho e percebi que eu estava com muita fome. No marco da porta estava Stella, com o rosto vermelho e um pouco suado.

— Vai ter bolo agora? — perguntou aos gritos.

Frida se virou.

— Logo, logo, querida. Mas primeiro temos que comer a comida de verdade.

Em seguida a atenção de Frida voltou-se para as pessoas que estavam sentadas ao redor da mesa.

— Está na mesa — disse. — Podem se servir. Aqui estão os pratos e os talheres. Podem servir as crianças também.

— Ah, deve estar uma delícia! — disse Linus se levantando. — O que temos aqui?

Pensei em ficar sentado até que a fila diminuísse, mas quando vi Linus voltar com feijões, alface, o eterno cuscuz e um prato quente que imaginei ser grão-de-bico, me levantei e fui até a sala.

— A comida está servida — eu disse para Linda, que estava conversando com Mia e tinha Vanja junto às pernas e Heidi no braço. — Você quer me dar as crianças um pouco?

— Ah, seria ótimo — ela disse. — Estou morrendo de fome.

— Papai, já podemos ir para casa? — perguntou Vanja.

— Agora é hora da refeição — eu disse. — E depois tem bolo. Quer que eu traga um pouco de comida para você?

— Não quero — ela disse.

— Vou trazer um pouco de qualquer jeito — eu disse, tomando Heidi nos braços. — Eu vou levar você junto.

— A Heidi já comeu uma banana — Linda me disse. — Mas com certeza vai querer um pouquinho de comida também.

— Venha, Theresa, vamos pegar um pouco de comida para você — Mia disse.

Segui logo atrás, peguei Heidi no colo e entrei na fila. Ela pôs a cabeça no meu ombro, o que fazia apenas quando estava cansada. Senti a camisa grudada contra o peito. Cada rosto que eu via, cada olhar que encontrava o meu era como um fardo para mim. Quando me faziam uma pergunta, ou quando eu mesmo fazia uma pergunta, era como se aquilo tivesse que ser explodido. Heidi tornava as coisas mais fáceis, tê-la comigo era uma espécie de proteção, tanto porque eu tinha uma coisa com que me ocupar como também porque a presença dela desviava a atenção dos outros.

Sorriam para ela, perguntavam se estava cansada, acariciavam-lhe as bochechas. Grande parte do meu relacionamento com Heidi consistia no fato de que eu a carregava. Era o elemento fundamental em nosso relacionamento. Ela sempre queria ser carregada, nunca queria caminhar, estendia os braços assim que me via e sorria satisfeita toda vez que eu a pegava no colo. E eu gostava de tê-la comigo, aquela criaturinha gorducha de olhos grandes e boca devoradora.

Servi um pouco de feijão, umas colheres de grão-de-bico e um pouco de cuscuz em um prato e o levei comigo até a sala, onde todas as crianças estavam sentadas ao redor da mesa baixa no centro, mas com um que outro pai ajudando logo atrás.

— Não quero — disse Vanja assim que larguei o prato na frente dela.

— Tudo bem — eu disse. — Você não precisa comer se não quiser. Mas acho que a Heidi vai querer, não?

Espetei uns feijões na ponta do garfo e o levei em direção à boca dela. Heidi apertou os lábios e virou a cara.

— Ora, vamos — insisti. — Eu sei que vocês estão com fome.

— Podemos brincar com o trem? — Vanja perguntou.

Olhei para ela. Em geral ela teria olhado ou em direção ao trem ou para mim, com uma expressão suplicante, mas naquele instante olhou reto para frente.

— Claro que podemos — respondi. Coloquei Heidi no chão e fui até o canto da sala, onde precisei encolher os joelhos quase até cutucarem o meu peito a fim de conseguir um lugar entre os pequenos móveis de criança e as caixas de brinquedo. Desmontei o trilho do trem e fui entregando os pedaços um atrás do outro para Vanja, que tentava montá-los. Quando não conseguia, ela apertava um contra o outro com toda a força. Eu esperava um instante até ela dar a impressão de que jogaria tudo longe de tanta raiva para intervir. Heidi queria o tempo inteiro desmontar tudo outra vez, e busquei com os olhos alguma outra coisa que eu pudesse dar a ela para distrair esse impulso. Um quebra-cabeça? Um bicho de

pelúcia? Um ponezinho de plástico com cílios enormes e uma longa crina sintética? Tudo ela atirava para longe.

— Papai, me ajuda? — Vanja pediu.

— Claro, claro — respondi. — Olhe. Vamos colocar uma ponte aqui para o trem passar tanto por baixo como por cima. Você não acha uma boa ideia?

Heidi pegou um dos blocos da ponte.

— Heidi! — Vanja exclamou.

Tirei o bloco de Heidi e ela começou a gritar. Então a peguei no colo e me levantei.

— Não consigo montar! — Vanja resmungou.

— Já vai, filha. Só vou deixar a Heidi com a mamãe — eu disse, e então entrei na cozinha com Heidi apoiada no quadril, como uma dona de casa experiente. Linda estava sentada conversando com Gustav, o único pai do Lodjuret que tinha um bom trabalho à moda antiga, e com quem por um ou outro motivo ela se dava bem. Gustav era jovial, o rosto tinha uma expressão radiante, o corpo baixo e sempre bem-vestido era pequeno e compacto, o pescoço era forte, o queixo era largo, o rosto era duro, mas ao mesmo tempo leve e aberto. Se entusiasmava ao falar sobre os livros de que gostava, e que naquele momento eram os de Richard Ford.

— São fantásticos — dizia. — Você já leu? A história é sobre um corretor imobiliário, sobre um homem comum e a vida dele, tudo muito familiar e corriqueiro, mas ao mesmo tempo ele consegue retratar a essência da vida nos Estados Unidos! A atmosfera norte-americana, toda a verdadeira pulsação daquele país!

Eu também gostava bastante de Gustav, uma pessoa simples e decente que não se ocupava com nada além de um trabalho simples e honrado, o que no entanto nenhum dos meus conhecidos tinha, e muito menos eu. Tínhamos mais ou menos a mesma idade, mas quando eu o via eu tinha a impressão de que era pelo menos dez anos mais velho do que eu. Gustav era um adulto à moda dos pais da minha geração.

— Acho que a Heidi vai ter que ir para a cama daqui a pouco — eu disse. — Ela parece cansada. E deve estar com fome também. Você a leva para casa?

— Levo. Só vou terminar de comer antes, tudo bem?

— Claro.

— Agora eu já estive com o seu livro na mão! — Gustav me contou. — Eu estava na livraria e de repente o encontrei. Pareceu interessante. Foi a Norstedts que publicou?

— Foi — respondi com um sorriso forçado. — Foi a Norstedts.

— E você comprou o livro? — perguntou Linda em tom de provocação.

— Não, não foi dessa vez — Gustav respondeu, limpando a boca com o guardanapo. — O livro fala sobre os anjos?

Acenei a cabeça. Heidi tinha deslizado um pouco para baixo, e quando a puxei de volta para cima percebi que a fralda estava pesada.

— Vou trocar a fralda da Heidi antes de vocês irem embora — eu disse.

— Você trouxe a bolsa aqui para cima?

— Trouxe, está no corredor.

— Está bem — eu disse antes de sair para buscar uma fralda. Na sala Vanja e Achilles corriam de um lado para outro, pulavam do sofá para o chão, riam, se levantavam e pulavam outra vez. Senti meu peito se encher de ternura. Me inclinei para frente e juntei uma fralda e um pacote de lenços umedecidos enquanto Heidi se agarrava a mim como um pequeno coala. O banheiro não tinha trocador, então eu a coloquei no tapete, tirei a meia-calça, soltei as duas tiras adesivas e joguei a fralda no cesto de lixo embaixo da pia enquanto Heidi me encarava com uma expressão séria.

— Pipi! — ela disse. Em seguida virou a cabeça para o lado e fixou o olhar na parede, indiferente aos meus movimentos para colocar a fralda nova, como fazia desde que era criança de colo.

— Assim — eu disse. — Prontinho.

Peguei as mãos dela e a coloquei de pé. A meia-calça, que estava um pouco úmida, eu dobrei e guardei na bolsa, e depois a vesti com a calça de

abrigo que estava lá dentro, e vi a jaqueta marrom de veludo com acabamento em matelassê que ela tinha ganhado de Yngve no aniversário de um ano. Linda apareceu quando eu estava às voltas com os sapatos.

— Eu também não vou demorar — eu disse. Nos beijamos, Linda pegou a bolsa em uma mão, Heidi na outra e as duas foram embora.

Vanja corria a toda velocidade pelo corredor com Achilles de arrasto em direção ao que devia ser o quarto, onde a voz empolgada dela se fez ouvir pouco tempo depois. A ideia de voltar e me sentar à mesa da cozinha mais uma vez não pareceu muito atraente, então abri a porta do banheiro, tranquei a porta atrás de mim e fiquei parado sem me mexer por alguns minutos. Depois lavei o rosto com água fria, me sequei com todo cuidado em uma toalha felpuda e encarei meus próprios olhos no espelho, tão escuros e em um rosto tão repleto de frustração que quase tive um sobressalto quando vi.

Na cozinha ninguém percebeu que eu tinha voltado. Bem, para dizer a verdade, uma mulher pequena e de expressão dura com cabelo curto e um rosto comum de traços um pouco angulosos me olhou por um breve instante por trás dos óculos. O que ela podia querer?

Gustav e Linus estavam falando sobre diferentes regimes de aposentadoria, o homem quieto com a camisa dos anos 1950 estava com o filho, um menino cheio de energia com cabelos loiros, quase brancos, no colo, e falava com ele sobre o Malmö FK, enquanto Frida contava a Mia sobre uma festa que ela e outras amigas começariam a organizar, e Erik e Mathias discutiam modelos de televisão, uma conversa que tinha despertado o interesse de Linus, a dizer pelos olhares demorados que lançava naquela direção e pelos olhares bem mais curtos que lançava em direção a Gustav para não parecer mal-educado. A única pessoa que não estava participando de conversa nenhuma era a mulher de cabelo curto, e mesmo que eu olhasse para todas as outras direções, menos para aquela onde estava, ela se inclinou por cima da mesa e me perguntou se eu estava satisfeito com o jardim de infância. Eu respondi que estava. Ainda restava

bastante trabalho a fazer, acrescentei, mas valia muito a pena, a gente acabava conhecendo muito bem os amigos dos nossos filhos e na minha opinião isso era uma coisa boa.

Ela abriu um sorriso amarelo quando terminei de falar. Aquela mulher parecia magoada, parecia infeliz.

— O quê? — Linus perguntou, levantando-se da cadeira com um sobressalto. — *O que* eles estão aprontando lá dentro?

Linus se levantou e entrou no banheiro. No instante seguinte voltou trazendo Vanja e Achilles. Vanja tinha no rosto o sorriso mais largo que sabia dar, mas Achilles parecia um pouco mais culpado. As mangas do pequeno paletó estavam encharcadas. Os braços nus de Vanja brilhavam por causa da umidade.

— Os dois estavam com os braços inteiros enfiados no vaso quando eu entrei no banheiro — Linus explicou. Olhei para o rosto de Vanja e não consegui evitar um sorriso.

— Vamos ter que tirar essa roupa, filho — Linus disse antes de seguir com Achilles para o corredor. — E depois você tem que lavar bem as mãos.

— Isso vale para você também, Vanja — eu disse enquanto me levantava. — Venha comigo até o banheiro.

Vanja estendeu os braços acima da pia quando entramos e olhou para mim.

— Eu estava brincando com o Achilles! — ela disse.

— Eu vi — respondi. — Mas será que vocês não podiam brincar sem enfiar a mão no vaso?

— Não! — ela retrucou com uma risada.

Molhei as mãos debaixo da torneira, fiz espuma com o sabonete e lavei os braços de Vanja da ponta dos dedos até os ombros. Depois sequei-os e a beijei na testa antes de mandá-la para brincar mais uma vez. O sorriso apologético nos meus lábios quando tornei a me sentar era desnecessário, ninguém estava interessado em discutir esse breve interlúdio, nem mesmo

Linus, que, logo ao retornar, continuou contando a história do homem atacado por macacos na Tailândia, que tinha sido interrompida na metade. Nem ao menos ergueu as sobrancelhas quando os outros riram, mas deu a impressão de simplesmente ter inspirado aquelas risadas, como se no peito fossem dar força renovada à história, o que de fato aconteceu, e quando a segunda onda de risadas veio, ele sorriu, embora não muito, e não às custas de si mesmo, segundo me pareceu, era mais uma expressão da satisfação que sentia quando o rosto podia banhar-se nas risadas que havia provocado. “E então? E então?”, disse enquanto brandia a mão de leve no ar. A mulher séria que até esse ponto tinha olhado para fora da janela puxou a cadeira mais para perto e tornou a se inclinar por cima da mesa.

— Não é difícil criar duas crianças com idades tão parecidas? — ela me perguntou.

— De certa forma é — respondi. — É um pouco cansativo. Mas de qualquer maneira é melhor com duas do que com uma só. Esse negócio de filho único me parece um pouco triste, sabe... Eu sempre quis ter três filhos. Assim eles teriam muitas constelações para escolher. E assim os filhos são mais numerosos do que os pais...

Eu sorri. Ela não disse nada. De repente me ocorreu que ela tinha um único filho.

— Mesmo assim, um filho único pode ser extraordinário — tratei logo de emendar.

Ela apoiou a cabeça na mão.

— Eu queria muito que o Gustav tivesse um irmão ou uma irmã — ela disse. — É muito difícil, só nós dois.

— Não mesmo — eu disse. — Ele tem vários amigos na creche. Isso é que é o mais importante.

— O problema é que eu não tenho marido — ela disse. — E assim não dá certo.

Que diabos eu teria a ver com aquilo?

Lancei um olhar solidário em direção a ela e me concentrei em evitar que os meus olhos se desviassem, o que acontecia com muita facilidade em situações como essa.

— E os homens que eu acabo conhecendo não seriam bons pais para o meu filho — a mulher prosseguiu.

— Tsc, tsc — respondi. — Essas coisas se ajeitam.

— Acho que não — ela respondeu. — Mas obrigada mesmo assim.

Com o canto do olho percebi um movimento. Me virei e olhei em direção à porta. Era Vanja. Ela veio até mim e parou.

— Quero ir para casa — disse. — Não podemos ir agora?

— Vamos ficar mais um pouco — respondi. — Logo vão servir o bolo. Você quer bolo, não?

Ela não respondeu.

— Quer sentar no meu colo? — perguntei.

Ela acenou a cabeça, e eu afastei o copo de vinho e a levantei.

— Agora você fica um pouco aqui comigo e depois a gente volta lá para dentro. Eu posso ir com você. Está bem?

— Está bem.

Ela ficou sentada olhando para as outras pessoas ao redor da mesa. O que estaria pensando a respeito de tudo aquilo? Como seria, visto pelos olhos de uma criança?

Olhei para Vanja. Os cabelos longos e loiros batiam nos ombros. Um narizinho, uma boquinha, duas orelhinhas, as duas com uma pontinha élfica no alto. Os olhos azuis, que sempre revelavam o humor dela, eram levemente estrábicos, daí os óculos. No início ela se orgulhava deles. Depois passaram a ser a primeira coisa que tirava quando estava irritada. Talvez porque soubesse o quanto queríamos que ela não os tirasse?

Para nós aqueles olhos eram alegres e cheios de vida, pelo menos quando não se fechavam e não se tornavam inalcançáveis durante os surtos de raiva. Vanja era muito dramática e contagiava a família inteira com aquele temperamento, ela encenava grandes e complexos dramas de

relacionamento durante as brincadeiras, adorava que lessem para ela, mas talvez gostasse ainda mais de assistir a filmes, e em especial filmes sérios com personagens e aspectos dramáticos, a respeito dos quais especulava e conversava com a gente, cheia de perguntas, mas também cheia do prazer de recontar a história. Uma vez foi a história de Madicken, ela pulou da cadeira, deitou-se no chão com os olhos fechados e tivemos que levá-la e primeiro acreditar que tinha morrido, depois entender que tinha desmaiado e sofrido uma concussão, para então levá-la, de olhos fechados e com o corpo mole, até a cama, onde ficaria durante três dias, de preferência enquanto cantarolávamos a música triste da cena. Depois ela se punha de pé com um salto, corria até a cadeira e encenava mais uma vez a história. Durante a festa de Natal no jardim de infância ela foi a única a fazer uma mesura quando os pais aplaudiram e a perceber de maneira consciente a atenção que as crianças estavam recebendo. Muitas vezes para ela a ideia das coisas era mais importante do que as coisas em si, como por exemplo um doce; às vezes ela falava a respeito por um dia inteiro, se empolgava, mas quando o doce estava em um baleiro na frente dela, mal o provava antes de cuspir fora. Mas ela não aprendia nada com essas coisas; no domingo seguinte a expectativa sobre o fantástico doce reaparecia com toda a força. Ela também queria muito patinar no gelo, mas quando chegamos ao rink de patinação, com os pequenos patins que a avó tinha comprado para ela nos pés e o pequeno capacete de hóquei na cabeça, ela começou a gritar de raiva quando percebeu que não conseguia se equilibrar e que provavelmente levaria um bom tempo até aprender. Assim, maior ainda foi a alegria de Vanja ao descobrir que conseguia andar de esqui quando se aventurou em um minúsculo pedaço nevado no jardim da avó com o equipamento que ela tinha arranjado. Porém mais uma vez a ideia de andar de esqui e a alegria de conseguir foram maiores do que a esquiação em si, que ela podia muito bem passar sem. Vanja adorava viajar com a gente, adorava conhecer lugares novos e continuava a falar sobre tudo que tinha acontecido por meses a seguir. Mas

acima de tudo adorava brincar com outras crianças, lógico. Era importante para ela que outras crianças do jardim de infância visitassem a nossa casa. Na noite anterior à primeira visita de Benjamin ela olhou para os brinquedos e entrou em desespero por achar que não seriam bons o suficiente para ele. Na época Vanja tinha acabado de completar três anos. Quando Benjamin enfim chegou os dois se deixaram contagiar pela companhia um do outro, e todos os juízos antecipados desapareceram em um redemoinho de empolgação e alegria. Para os pais, Benjamin disse que Vanja era a colega mais legal de todo o jardim de infância, e quando eu repeti essas palavras enquanto estava sentada na cama brincando com as Barbies, ela reagiu com uma expressão de sentimento que nunca tinha me demonstrado antes.

— Você sabe o que o Benjamin disse? — perguntei no vão da porta.

— Não — ela disse me encarando, tomada por uma súbita empolgação.

— Que você é a colega mais legal de toda a creche.

Eu nunca tinha visto nada parecido com a luz que a preencheu. Toda ela irradiava alegria. Eu sabia que nem Linda nem eu jamais poderíamos dizer qualquer coisa que a fizesse reagir daquela maneira, e compreendi, em um instante de clareza, que ela não era nossa. Toda a vida dela pertencia por inteiro a ela própria.

— O que foi que ele disse? — ela perguntou, querendo me ouvir mais uma vez.

— Ele disse que você é a colega mais legal de toda a creche.

Vanja abriu um sorriso tímido, mas cheio de alegria, e eu também me senti feliz ao mesmo tempo em que uma sombra pairava sobre a minha felicidade, pois não era cedo demais para que os pensamentos e as opiniões dos outros pudessem ser tão importantes para ela? Não seria melhor que tudo viesse dela mesma, que tudo estivesse ligado a ela? Teve uma outra vez em que ela me surpreendeu de maneira parecida, foi no jardim de infância, eu entrei para buscá-la e ela veio correndo na minha direção e perguntou se Stella podia ir com a gente para a estrebaria depois. Eu disse

que não dava, uma coisa dessas tinha que ser planejada, tínhamos que falar com os pais dela primeiro, e Vanja ficou parada me ouvindo falar tudo aquilo, visivelmente chateada, mas quando foi dar a notícia a Stella, não foram os meus argumentos que ela apresentou, como pude ouvir do corredor enquanto eu pegava a capa de chuva dela.

— Você não vai gostar da estrebaria — disse. — Não é legal ficar só olhando.

Essa maneira de pensar, de colocar a reação dos outros acima das próprias, eu reconheci como sendo minha, e enquanto andávamos em direção ao Folkets Park na chuva comecei a pensar sobre onde ela teria aprendido aquilo. Será que simplesmente estava lá, ao redor dela, de maneira invisível, mas presente, mais ou menos como o ar que respirava? Ou seria genético?

Eu nunca comentei com ninguém esses meus pensamentos a respeito das crianças, a não ser com Linda, pois essas complexidades diziam respeito apenas a mim e a nós dois. Na realidade, ou seja, no mundo em que Vanja vivia, tudo era simples e expresso de maneira simples, e a complexidade surgia apenas na soma de todas as partes, que ela naturalmente ignorava. E por mais que falássemos a respeito, as conversas não ajudavam em nada no dia a dia, onde tudo era complexo e estava constantemente à beira do caos. Na primeira “reunião de acompanhamento” que tivemos com o pessoal do jardim de infância nos disseram que ela não tinha contato com as professoras, não queria colo nem afagos e que era tímida. Teríamos que deixá-la um pouco mais dura, ensiná-la a começar brincadeiras, tomar a iniciativa, falar mais. Linda explicou que ela era dura em casa, começava todas as brincadeiras, tomava a iniciativa e falava como uma matraca. Nos disseram que o pouco que Vanja dizia no jardim de infância era confuso, ela não falava direito, o vocabulário dela não era muito extenso, e então perguntaram se já tínhamos pensado em mandá-la para um fonoaudiólogo. Nessa altura da conversa nos entregaram uma brochura de um

fonoaudiólogo da cidade. As pessoas são loucas nesse país, eu pensei, um fonoaudiólogo? Será que tudo precisa ser institucionalizado? Ela tem apenas três anos!

— Não, um fonoaudiólogo está fora de cogitação — respondi. Até então Linda tinha se encarregado da conversa. — Essas coisas se ajeitam sozinhas. Eu *comecei* a falar com três anos. Antes eu só dizia palavras avulsas que ninguém entendia além do meu irmão.

Eles sorriram.

— E quando comecei a falar, eu era fluente e usava frases longas. Cada caso é um caso. Não podemos mandar a Vanja para um fonoaudiólogo.

— Claro, a decisão é de vocês — disse Olaf, o diretor do jardim de infância. — Mesmo assim, vocês podem levar a brochura para casa e pensar a respeito.

— Tudo bem — respondi.

Juntei os cabelos dela na mão e corri um dedo ao longo da nuca e da parte mais alta da coluna. Em geral Vanja adorava quando eu fazia aquilo, em especial antes de dormir, ela ficava completamente relaxada, mas naquele instante se afastou.

Do outro lado da mesa a mulher sisuda tinha engatado uma conversa com Mia, que parecia muito atenta, enquanto Frida e Erik tinham começado a juntar os pratos e os talheres. O bolo, que seria a etapa seguinte no programa, estava decorado com framboesas em cima do balcão, com cinco velinhas espetadas, ao lado de uma pilha de caixas de papelão quadradas com o suco de maçã sem adição de açúcar da marca Bravo.

Gustav, que até esse ponto tinha permanecido virado de costas, voltou-se em nossa direção.

— Olá, Vanja — ele disse. — Tudo bem com você?

Quando percebeu que ficaria sem resposta e sem nem ao menos contato visual, Gustav olhou para mim.

— Um dia desses você tem que visitar o Jocke na nossa casa — ele disse, piscando o olho para mim. — Você quer?

— Quero — disse Vanja, olhando para ele com os olhos cheios de brilho. Jocke era o menino mais velho da creche, e visitar a casa dele estava além de qualquer esperança para ela.

— Então vamos arranjar essa visita — disse Gustav. Ele ergueu a taça e tomou um gole de vinho tinto, depois limpou a boca com as costas da mão.

— E você, está trabalhando em um livro novo? — perguntou.

Dei de ombros.

— É, estou tentando — respondi.

— Você trabalha em casa?

— Trabalho.

— E como é? Você fica sentado esperando pela inspiração?

— Não, não é assim que funciona. Eu também preciso trabalhar todos os dias.

— Interessante. Interessante. Você consegue se concentrar bem em casa, então?

— Eu me viro.

— Então é isso aí. Pois é...

— Agora vocês podem ir todos juntos para a sala — Frida anunciou. — Vamos cantar parabéns para a Stella.

Ela pegou um isqueiro do bolso e acendeu as cinco velas.

— Que bolo lindo! — Mia elogiou.

— Lindo, não? — repetiu Frida. — E além do mais é saudável. Quase não vai açúcar no chantili.

Ela levantou o bolo.

— Você pode apagar as luzes da sala, Erik? — pediu enquanto as pessoas se levantavam e saíam da cozinha. Segui atrás de mãos dadas com Vanja e tinha acabado de arranjar um lugar junto à parede mais distante quando Frida atravessou o corredor escuro com o bolo iluminado nas

mãos. Assim que pudemos vê-la junto à mesa ela começou a cantar “Parabéns a você” e os outros adultos se juntaram ao coro, de maneira que a música ecoava na pequena sala quando pôs o bolo na mesa em frente à pequena Stella, que olhava para tudo aquilo com brilho nos olhos.

— Já posso soprar? — ela perguntou.

Frida acenou a cabeça enquanto cantava.

Todos bateram palmas quando a música chegou ao fim, inclusive eu. Então as luzes se reacenderam, e nos minutos seguintes as fatias de bolo foram servidas para as crianças. Vanja não quis sentar-se à mesa, preferiu o chão junto à parede, onde nos acomodamos com o pratinho de bolo no colo. Foi quando percebi que ela não estava com os sapatos calçados.

— Onde estão os seus sapatos dourados? — perguntei.

— Aqueles sapatos são idiotas — ela disse.

— Não mesmo, são superbonitos! — retruquei. — São sapatos lindos, de princesa!

— São idiotas — Vanja repetiu.

— Mas onde estão?

Ela não respondeu.

— Vanja — chamei-a.

Ela olhou para mim. Os lábios estavam lambuzados de chantili.

— Estão lá — disse, fazendo um gesto em direção à outra sala com a cabeça. Me levantei, fui até lá e olhei ao redor, mas não vi sapato nenhum. Então voltei.

— Onde você colocou os sapatos, filha? Não consigo encontrar.

— Perto da flor — ela respondeu.

Flor? Fui à outra sala mais uma vez e olhei entre os vasos de flores no parapeito, mas não encontrei nada.

Será que ela podia estar se referindo à palmeira?

Claro. Os sapatos estavam em cima do vaso. Juntei-os, virei a terra de volta no vaso, levei-os comigo até o banheiro e limpei o resto antes de colocá-los debaixo da cadeira onde estava a jaqueta dela.

O intervalo para o bolo, no qual todas as crianças estavam concentradas, talvez desse a ela a chance de um novo começo, pensei, talvez fosse mais fácil depois daquilo.

— Eu também vou comer um pedaço de bolo — eu disse para Vanja.
— Vou estar na cozinha. Se você precisar de qualquer coisa é só me chamar ali, está bem?

— Tudo bem, papai — ela disse.

O relógio acima da porta da cozinha não marcava mais do que seis e meia. Ninguém tinha ido embora ainda, então tínhamos que ficar mais um pouco. Cortei um pedaço de bolo no balcão da cozinha, servi-o num prato e me sentei do outro lado da mesa, porque o lugar onde eu tinha ficado até então estava ocupado.

— Tem café também, você quer? — Erik perguntou, me olhando com um sorriso meio enigmático, como se houvesse mais na pergunta e naquilo que via quando olhava para mim do que o quanto era evidente. Pelo que eu sabia aquilo era apenas uma técnica que ele tinha aprendido para sempre dar a impressão de que estava dizendo alguma coisa importante, mais ou menos como o truque a que os escritores medianos recorrem ao escrever contos para dar a impressão de uma profundidade abissal.

Ou será mesmo que tinha percebido alguma coisa?

— Quero, obrigado — eu disse, e então me levantei, peguei uma xícara da pilha e enchi-a com o café que estava na térmica da Stelton ao lado. Quando voltei a me sentar ele estava a caminho da sala. Frida estava falando sobre a máquina de café que tinha comprado, tinha sido cara e ela quase desistiu da compra, mas não se arrependeu, a máquina valia cada centavo, o café era maravilhoso, e era importante se fazer uns mimos assim de vez em quando, talvez até mais importante do que geralmente se pensava. Linus contava a respeito de um esquete de Smith & Jones que tinha visto uma vez, dois personagens junto a uma mesa com uma cafeteira francesa, um deles empurra a cafeteira para baixo, não apenas os grãos de

café, mas tudo o que está na cafeteira, que no fim acaba vazia. Ninguém riu, e Linus estendeu as mãos.

— Foi uma simples história de café — disse. — Será que alguém tem uma melhor?

Vanja surgiu no vão da porta. O olhar dela correu pela mesa, e quando chegou em mim ela começou a se aproximar.

— Quer ir para casa? — perguntei.

Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Quer saber de uma coisa? — perguntei. — Eu também. Só vou terminar de comer o meu bolo. E de beber o meu café. Quer sentar no meu colo enquanto isso?

Mais uma vez ela fez um gesto afirmativo com a cabeça. Eu a levantei.

— Obrigada por você ter aparecido, Vanja — disse Frida sorrindo para ela do outro lado da mesa. — Daqui a pouco vamos ter pescaria também. Você quer participar, não?

Vanja acenou a cabeça e Frida virou-se mais uma vez em direção a Linus, tinha uma série da HBO que ela tinha visto e ele não e que ela não parava de elogiar.

— Você quer mesmo? — perguntei. — Vamos esperar a pescaria antes de ir?

Vanja balançou a cabeça.

Na pescaria as crianças ganhavam uma pequena vara de pescar com uma linha que era lançada para o outro lado de uma coberta, onde um adulto prendia um saquinho com uma ou outra coisa desejável, doces ou brinquedos ou similares. Aqui pode muito bem ser que os saquinhos venham cheios de ervilhas ou de alcachofras, pensei, e então passei o garfo em frente a Vanja para levá-lo até o prato, onde usei a lateral para cortar um pedaço do bolo, marrom na camada logo abaixo do chantili e amarelo por fora, com listras de geleia, virei o pulso de maneira que o pedaço ficasse deitado no garfo, ergui-o passando mais uma vez em frente a Vanja

e o levei até a boca. O pão de ló estava seco e o chantili tinha açúcar de menos, mas com um gole de café em cima não chegava a ser ruim.

— Quer um pedaço? — perguntei. Vanja acenou a cabeça. Coloquei um pedaço na boca dela. Ela ergueu o rosto, olhou para mim e sorriu.

— Eu posso ficar com você na sala por um tempo — eu disse. — Podemos ver o que as outras crianças estão fazendo por lá. Quem sabe até participamos da pescaria?

— Você disse que a gente ia para casa — ela respondeu.

— Eu disse. Então vamos.

Larguei o garfo em cima do prato, terminei de beber o café, coloquei-a no chão e me levantei. Olhei ao redor. Ninguém me olhou de volta.

— Estamos de saída — anunciei.

Nesse exato momento Erik entrou com uma vara de bambu em uma mão e um saco plástico da Hemköp na outra.

— Hora da pescaria! — anunciou.

Uns se levantaram para participar, outros continuaram sentados. Ninguém tinha prestado atenção no meu anúncio de despedida. E como a alegria de repente se espalhou ao redor da mesa, não vi motivo para repeti-lo, então pousei a mão no ombro de Vanja e a conduzi em direção à porta. Na sala Erik gritou “Pescaria!”, e todas as crianças passaram correndo por nós em direção ao fim do corredor, onde a coberta, um lençol branco, se estendia de uma parede a outra. Erik, que veio logo atrás como um pastor, pediu que todos sentassem. Enquanto eu estava no corredor ajudando Vanja a se vestir tivemos uma visão clara de tudo o que acontecia.

Fechei o zíper da jaqueta vermelha de bolhas, já um pouco apertada, coloquei o chapéu da Polarn och Pyret na cabeça dela e preendi a tira do queixo, larguei as botas na frente dela, observei-a enquanto enfiava os pés e fechei o zíper atrás das botas quando estavam calçadas.

— Pronto — eu disse. — Agora vamos agradecer o convite e podemos ir. Venha.

Ela estendeu os braços em minha direção.

— Você pode caminhar, não? — perguntei.

Ela balançou a cabeça e manteve os braços estendidos.

— Tudo bem — eu disse. — Mas antes tenho que pôr as minhas roupas.

No corredor estava Benjamin, o primeiro que havia de “pescar”. Ele atirou a linha e alguém, provavelmente Erik, puxou-a do outro lado.

— Peguei um peixe! — gritou Benjamin.

Os pais estavam próximos à parede, sorrindo enquanto as crianças gritavam e riam. No instante seguinte Benjamin puxou a vara, e um saquinho de balas vermelho e branco da Hemköp veio por cima da coberta, preso em um prendedor de roupas. Ele soltou o saquinho e se afastou para conseguir abri-lo em paz enquanto Theresa, a próxima da fila, pegou a vara de pescar com a ajuda da mãe. Enrolei o cachecol no pescoço e abotoei a jaqueta azul em estilo marinheiro que eu tinha comprado na liquidação do ano anterior na Paul Smith de Estocolmo, pus na cabeça o chapéu que eu tinha comprado no mesmo lugar, me inclinei para frente em direção à pilha de calçados junto à parede e encontrei os meus, um par de sapatos da Wrangler com cadarços amarelos que eu tinha comprado em Copenhague quando estive na feira do livro de lá e dos quais eu nunca tinha gostado, nem mesmo quando os comprei, e que ainda por cima estavam manchados pela lembrança catastrófica da minha participação no evento, quando fui incapaz de responder de maneira sensata a todas as perguntas feitas pelo entrevistador inteligente e cheio de entusiasmo que estava comigo no palco. O fato de que eu ainda não os havia jogado fora se devia exclusivamente à nossa situação financeira ruim. E ainda por cima com cadarços amarelos!

Eu os amarrei e me endireitei.

— Estou pronto — disse. Vanja estendeu os braços mais uma vez. Eu a ergui, voltei ao corredor e enfiei a cabeça para dentro da cozinha, onde quatro ou cinco pais estavam sentados conversando.

— Estamos indo — anunciei. — Obrigado e até a próxima.

— Nós é que agradecemos — Linus respondeu. Gustav ergueu a mão de leve em direção à testa.

Então saímos pelo corredor. Pousei a mão no ombro de Frida, que estava junto à parede, sorrindo e distraída com a cena, para chamar a atenção dela.

— Estamos indo — eu disse. — Obrigado pelo convite! A festa estava muito boa. E muito divertida também!

— Mas a Vanja não vai participar da pescaria? — ela perguntou.

Fiz uma expressão reveladora com o rosto, que pretendia dizer algo como “você sabe como as crianças podem ser ilógicas”.

— Ah, claro, claro — ela disse. — Mesmo assim, agradeço a presença de vocês. Até mais, Vanja!

Mia, que estava ao lado com Theresa logo à frente, disse:

— Espere um pouco.

Ela se inclinou por cima da coberta e pediu a Erik, que estava agachado do outro lado, que alcançasse um saquinho de guloseimas. Ele atendeu o pedido e Mia deu o saquinho para Vanja.

— Tome, Vanja. Você pode levar isso aqui para casa com você. E de repente pode até dividir com a Heidi se você quiser.

— Não quero — Vanja respondeu, segurando o saquinho de encontro ao peito.

— Obrigado! — agradecei. — Tchau para todo mundo!

Stella se virou e olhou em nossa direção.

— Você vai embora, Vanja? Por quê?

— Até a próxima, Stella — eu disse. — Obrigado pelo convite.

Então me virei e fui embora. Desci os degraus escuros, atravessei a passagem externa e saí para a rua. Vozes, gritos, passos e o barulho de motores erguiam-se e desapareciam o tempo inteiro no espaço entre as paredes. Vanja me abraçou e escorou a cabeça no meu ombro. Ela nunca fazia aquilo. Aquele gesto era de Heidi.

Um táxi avançou pela rua com a luz acesa. Um casal com um carrinho de bebê passou por nós, a mulher tinha um xale ao redor da cabeça e era jovem, talvez vinte anos. Quando passaram vi que a pele do rosto era áspera e que estava grossa de pó. O homem era mais velho, tinha a minha idade, e não parava de lançar olhares inquietos ao redor. O carrinho era daquele modelo ridículo com uma haste fina, que mais parece o caule de uma flor, onde o bebê-conforto se encaixa. Pelo outro lado da rua veio em nossa direção um bando de garotos com quinze ou dezesseis anos. Tinham cabelos pretos e penteados para trás, jaquetas de couro preto, calças pretas e pelo menos dois usavam um tênis Puma com o logo no dedão, o que sempre havia me parecido completamente idiota. Usavam correntes douradas no pescoço e executavam movimentos desajeitados com os braços, como se ainda não estivessem prontos.

Os sapatos.

Que inferno, tinham ficado no apartamento.

Me detive.

Será que eu devia simplesmente deixá-los lá?

Não, seria muito desleixo, ainda estávamos em frente à porta.

— Temos que voltar — eu disse. — Esquecemos os seus sapatos dourados.

Vanja se endireitou um pouco.

— Eu não quero os sapatos.

— Eu sei — respondi. — Mas não podemos simplesmente deixá-los para trás. Temos que levar tudo que trouxemos de volta para casa, mas você não precisa usar os sapatos se não quiser.

Subi os degraus depressa, coloquei Vanja no chão, abri a porta, dei um passo à frente e peguei os sapatos sem olhar para dentro do apartamento, mas não consegui evitar quando me levantei e dei de cara com Benjamin, que estava sentado no chão com uma camisa branca e um carrinho na mão.

— Oi! — ele disse, abanando com a mão livre.

Eu sorri.

— Olá, Benjamin — respondi, e então fechei a porta, peguei Vanja no colo e desci mais uma vez. Na rua estava frio e claro, mas toda a luz da cidade, a iluminação pública, as vitrines e os faróis dos carros, filtrava e pairava como uma cúpula cintilante sobre os telhados das casas, e o brilho das estrelas não conseguia penetrá-la. A lua, que se erguia quase cheia acima do hotel Hilton, era o único corpo celeste visível.

Vanja mais uma vez se agarrou a mim quando desci a rua com nossa respiração ao redor da cabeça como uma névoa branca.

— Será que a Heidi quer os meus sapatos? — ela perguntou de repente.

— Quando ela ficar do seu tamanho vai poder usar — respondi.

— A Heidi adora sapatos.

— Adora mesmo — concordei.

Percorremos um trecho em silêncio. Em frente ao Subway, a grande sanduicheria ao lado do supermercado, vi a senhora louca de cabelos brancos olhando pela vitrine. Ela andava de um lado para o outro de maneira agressiva e imprevisível perto da nossa casa, muitas vezes falando sozinha, sempre com os cabelos brancos presos em um coque, e sempre com o mesmo casaco bege, fosse inverno ou verão.

— Eu também vou ter uma festa de aniversário no meu aniversário, papai? — Vanja perguntou.

— Se você quiser — respondi.

— Eu quero — ela disse. — E quero convidar a Heidi e você e a mamãe.

— Parece uma ótima ideia para uma festa — eu disse, e então a troquei do braço direito para o esquerdo.

— Sabe o que eu vou pedir de presente?

— O quê?

— Um peixinho dourado! — ela disse. — Posso ganhar um?

— Hm... — respondi. — Para ter um peixinho dourado a gente tem que cuidar muito bem dele. Dar comida e limpar a água e assim por

diante. E para essas coisas é bom ter um pouco mais do que quatro anos, eu acho.

— Mas eu sei dar comida! E o Jiro tem um peixe. Ele é menor do que eu.

— É verdade — eu disse. — Vamos ver. Afinal, o seu presente de aniversário tem que ser secreto, é o mais importante.

— Secreto? Como um segredo?

Acenei a cabeça.

Ah, demônios! Ah, demônios!, gritou a louca quando estávamos a dois metros dela. Ao perceber nossos movimentos ela se virou para me encarar. Os olhos eram pura maldade.

— Que sapatos são esses? — ela disse às nossas costas. — Papai! Que sapatos são esses? Eu quero falar um instante com você!

E então mais alto:

— Demônios! Ah, de-MÔNIOS!

— O que aquela tia disse? — perguntou Vanja.

— Nada — respondi enquanto eu a segurava com um pouco mais de força contra o meu corpo. — Você é a coisa mais preciosa que eu tenho, Vanja, sabia? A coisa mais preciosa de todas.

— Mais preciosa do que a Heidi também? — ela quis saber.

Eu sorri.

— Vocês duas são muito preciosas, você e a Heidi. E cada uma de vocês é *tão preciosa quanto a outra*.

— Mas a Heidi é mais — Vanja disse. O tom de voz foi perfeitamente neutro, como se estivesse atestando uma verdade irrefutável.

— Que bobagem — respondi. — Sua bobinha!

Ela sorriu. Olhei para mais além, em direção ao grande supermercado quase deserto onde as mercadorias reluziam nas laterais dos pequenos corredores cheios de prateleiras e bancadas. Duas caixas estavam sentadas olhando para frente enquanto aguardavam os clientes. No outro lado do cruzamento um motor acelerava, e quando virei o rosto vi que era um

daqueles carros enormes em estilo jipe que tinham começado a encher as ruas nos últimos anos. A ternura que eu sentia por Vanja era tão forte que chegava quase a me despedaçar. Para afastar a sensação comecei a andar mais depressa. Deixei para trás o Ankara, o restaurante turco que tinha dança do ventre e karaokê, onde em frente à porta homens bem cuidados do Oriente muitas vezes ficavam parados com cheiro de água-de-colônia e fumaça de charuto à noite mas que naquele momento estava vazio, deixei para trás o Burger King, onde uma garota inacreditavelmente gorda estava sozinha no banco externo devorando um hambúrguer, com luvas e touca, atravessei o cruzamento, deixei para trás o Systembolaget e o Handelsbanken, e então parei no sinal vermelho, mesmo que não houvesse carros em nenhuma das pistas. O tempo inteiro Vanja me segurava com força.

— Você viu a lua? — perguntei apontando para o céu enquanto estávamos parados.

— Aham — disse ela. E então, após uma breve pausa: — Alguém já foi até lá?

Ela sabia muito bem que sim, mas também sabia muito bem que eu gostava de contar essas histórias.

— Já, já foram, sim — expliquei. — Exatamente quando eu nasci, três homens navegaram para lá. A viagem é longa e levou alguns dias. E no fim eles deram uma volta lá em cima.

— Eles não navegaram, eles foram em uma nave espacial — ela me corrigiu.

— Você tem razão — concordei. — Eles foram em um foguete.

O sinal ficou verde e atravessamos para o outro lado, onde começava a praça e onde ficava o nosso apartamento. Um homem magro com jaqueta de couro e cabelo no meio das costas estava em frente ao caixa eletrônico. Ele pegou o cartão que foi cuspidor com uma mão enquanto com a outra afastou os cabelos do rosto. O gesto pareceu feminino e cômico, uma vez

que todo o restante, todo o uniforme heavy metal, era pensado de maneira a fazê-lo parecer durão e sombrio e masculino.

O montinho de papéis bancários amontoados no chão foi soprado por um pé de vento.

Enfiei a mão no bolso e peguei o molho de chaves.

— O que é aquilo? — Vanja perguntou, apontando para as duas máquinas de raspadinha que ficavam no lado de fora do pequeno *takeaway* tailandês ao lado da nossa porta.

— Raspadinha — respondi. — Mas você já sabia.

— Eu quero! — Vanja exclamou.

Olhei para ela.

— Não, agora não. Mas você está com *fome*?

— Estou.

— Podemos comprar um espetinho de frango se você quiser. Quer?

— Quero.

— Tudo bem — disse eu, e então a larguei no chão, abri a porta do restaurante, que era pouco mais do que um buraco na parede e todos os dias enchia a nossa sacada, sete andares acima, com o cheiro de macarrão e galinha frita. Vendiam duas refeições em uma caixa por quarenta e cinco coroas, então não era a primeira vez que eu me via em frente ao balcão de vidro fazendo um pedido à garota magra, inexpressiva e trabalhadora de feições asiáticas. Ela tinha a boca sempre aberta e acima dos dentes dava para ver a gengiva, o olhar sempre neutro, como se não diferenciasse uma coisa da outra. Na cozinha trabalhavam dois rapazes igualmente jovens, que eu tinha visto apenas em breves relances, e entre os dois passou um homem na casa dos cinquenta, também sem nenhuma expressão no rosto, pelo menos nas vezes em que topamos um com o outro nos longos e labirínticos corredores do prédio, ele para buscar ou levar alguma coisa para a despensa, eu para colocar o lixo na rua, lavar as roupas, colocar a bicicleta para dentro ou para fora.

— Você consegue levar isso aqui? — perguntei a Vanja e alcancei a ela a caixa quente que vinte segundos depois do pedido estava no balcão à minha frente. Vanja fez um gesto afirmativo com a cabeça, paguei e saímos pelo corredor ao lado, onde Vanja largou a caixa no chão para conseguir apertar o botão do elevador.

Ela contou os andares em voz alta enquanto subíamos. Quando estávamos em frente ao nosso apartamento ela me alcançou a caixa, abriu a porta e começou a chamar pela mãe antes mesmo que estivéssemos dentro de casa.

— Primeiro tire os sapatos — eu disse, tornando a segurá-la. No mesmo instante Linda veio da sala. Pude ouvir a televisão ligada lá dentro.

Um leve cheiro de podre e de coisa ainda pior vinha do grande saco de lixo e dos dois pequenos sacos de fralda que estavam no canto, logo atrás do carrinho duplo, que estava dobrado. Os sapatos e a jaqueta de Heidi estavam no chão logo ao lado.

Por que DIABOS ela não tinha guardado tudo no armário?

O corredor estava abarrotado de roupas, brinquedos, anúncios velhos, carrinhos de bebê, bolsas, garrafas d'água. Por acaso ela não tinha estado em casa a tarde inteira?

Para ver TV sobrava tempo.

— Ganhei um saquinho de balas mesmo sem participar da pescaria! — Vanja disse.

Então aquilo tinha sido o importante para ela, pensei enquanto eu me inclinava para tirar-lhe os sapatos. O corpo de Vanja tremia de impaciência.

— E eu brinquei com o Achilles!

— Que ótimo, filha — disse Linda, agachando-se em frente a ela.

— Vamos dar uma olhada nesse saquinho.

Vanja abriu o saquinho para Linda ver.

Eu não tinha adivinhado? Doces ecológicos. Deviam ter vindo da loja recém-aberta no shopping center em frente ao nosso apartamento. Nozes

variadas com cobertura de chocolate em cores variadas. Açúcar cristalizado. Umas coisinhas com jeito de passa de uva.

— Posso comer agora?

— Primeiro vamos comer o espetinho — eu disse. — Na cozinha.

Pendurei a jaqueta dela no cabide, guardei os sapatos no armário e entrei na cozinha, onde coloquei o espetinho de frango, os rolinhos primavera e um pouco do macarrão em um prato. Peguei um garfo e uma faca, enchi um copo d'água e ajeitei tudo para ela em cima da mesa, que ainda estava cheia de canetinhas, vidros com água, caixas com tinta de aquarela, pincéis e folhas de papel.

— Tudo certo? — Linda perguntou enquanto se sentava ao lado dela.

Fiz um gesto afirmativo com a cabeça. Me escorei contra o balcão da cozinha e cruzei os braços.

— A Heidi dormiu bem? — perguntei.

— Não. Ela está com febre. Deve ter sido por conta de tanto mau humor.

— Outra vez? — perguntei.

— Aham. Mas não está muito alta.

Dei um suspiro. Me virei e vi a louça empilhada no balcão e dentro da pia.

— Essa cozinha está uma bagunça — eu comentei.

— Eu quero ver um filme! — Vanja pediu.

— Agora não — eu disse. — Já passou da hora de ir para a cama.

— Eu quero!

— O que você estava assistindo? — perguntei a Linda.

— Como assim?

— Não tem nada de mais. Você estava vendo TV quando a gente chegou. Só perguntei o que você estava assistindo.

Foi a vez dela de soltar um suspiro.

— Eu não quero dormir! — Vanja disse, erguendo o espetinho no ar como se fosse jogá-lo longe. Segurei o braço dela.

— Largue.

— Você pode assistir dez minutos e depois comer um doce — disse Linda.

— Eu acabei de dizer que ela não podia.

— Só dez minutos — Linda respondeu enquanto se levantava. — Depois eu a ponho na cama.

— Ah, é? — perguntei. — E a louça vai ficar para mim?

— Do que você está falando? Faça como você quiser. Eu fiquei esse tempo inteiro aqui com a Heidi, se é disso que você está falando. Ela estava doente e de mau humor e...

— Vou fumar um cigarro.

— ... impossível.

Vesti minha jaqueta, calcei os sapatos e saí para a sacada que dava para o leste, onde eu costumava me sentar para fumar, não apenas porque era coberta mas também porque raramente se via gente de lá. A sacada do outro lado, que avançava ao longo de todo o apartamento e tinha mais de vinte metros, não tinha cobertura, e dava para a praça lá embaixo, sempre cheia de gente, para o hotel e o shopping center e para a fachada distante do Magistratparken. Mas eu queria ficar em paz, não queria ver gente, então fechei a porta da sacada menor e me sentei na cadeira do canto, acendi um cigarro, apoiei a perna na balaustrada e olhei para todos os quintais e telhados, para aquelas formas duras acima das quais o céu pairava altaneiro e imponente. A vista mudava o tempo inteiro. Em um instante podia estar repleta de enormes nuvens amontoadas que pareciam montanhas, com encostas e escarpas, vales e grutas que flutuavam misteriosamente no azul do céu, e no instante seguinte uma frente de chuva podia chegar desde longe, visível apenas como um tapete cinza-escuro no horizonte, e quando acontecia no verão, às vezes relâmpagos espetaculares rasgavam a escuridão horas mais tarde com meros segundos de intervalo e o trovão ribombava acima dos telhados. Mas eu também gostava das aparições mais ordinárias do céu, e até mesmo do céu liso,

cinza e chuvoso que servia de fundo às cores do quintal mais abaixo, que surgiam claras e quase reluzentes. O azinhave das telhas nessas horas! O vermelho-alaranjado dos tijolos! E o metal amarelo das guias, como brilhava contra os vários tons de cinza! Ou ainda os dias comuns de verão, quando o céu estava azul e claro e o sol ardia, e as poucas nuvens que passavam eram leves e quase desprovidas de contornos, nessas horas a massa das casas brilhava e cintilava rumo ao horizonte. E quando a noite chegava, era primeiro com labaredas no horizonte, como se a terra queimasse ao longe, e depois com uma escuridão luminosa e delicada, sob cuja mão amiga a cidade entregava-se ao repouso, como que exausta de felicidade após um dia inteiro ao sol. No céu reluziam estrelas, flutuavam satélites, voavam aviões com luzes piscando de um lado para o outro entre Kastrup e Sturup.

Se eu quisesse ver as pessoas, eu tinha que me inclinar para frente e olhar para o terreno do outro lado da rua, onde vultos sem rosto de vez em quando se revelavam nas janelas, em eternas perambulações entre cômodos e portas: em um lugar abre-se a porta de uma geladeira, um homem vestido apenas de cuecas pega alguma coisa, fecha a porta e senta-se à mesa da cozinha, em outro lugar uma porta bate e uma mulher de casaco e com a bolsa no ombro desce a escada às pressas, essas coisas não param nunca, em um terceiro lugar, a dizer pela silhueta e pela lentidão dos movimentos, encontra-se um velho que passa as roupas a ferro; quando termina, ele apaga a luz e o cômodo morre. Para onde olhar? Para cima, onde um homem de vez em quando pula e abana com os braços para alguém que não se pode ver, mas que ao que tudo indica deve ser um bebê pequeno? Ou para a garota de vinte anos que muitas vezes fica parada na janela olhando para a rua?

Não, aquelas vidas ficariam em paz no que dependesse do meu olhar. Olhei para cima e para longe, e não para examinar o que lá se encontrava, nem para encontrar qualquer tipo de beleza, mas simplesmente para que o olhar descansasse. Para estar completamente sozinho.

Peguei a garrafa de dois litros de Coca-Cola Light que estava pela metade ao lado da cadeira no chão e servi um dos copos em cima da mesa. A garrafa tinha ficado sem tampa e o refrigerante estava choco, de maneira que o gosto amargo do adoçante, em geral oculto pela efervescência do gás carbônico, se revelava claramente. Mas não foi nenhum problema, eu nunca tinha me importado muito com o gosto das coisas.

Larguei o copo de volta na mesa e apaguei o cigarro. Dos meus sentimentos pelas diversas pessoas com quem eu tinha acabado de passar várias horas não restava mais nada. Podiam tocar fogo no bando inteiro que eu não sentiria nada. Essa era uma regra na minha vida. Quando eu estava junto com os outros eu me sentia ligado a eles, a proximidade que eu sentia era sem precedentes, a empatia era intensa. Na verdade, tão intensa que o bem-estar dos outros era sempre mais importante do que o meu. Eu me subordinava quase até os limites da autodestruição; as opiniões e as ideias dos outros, devido a um mecanismo totalmente além do meu controle, eram postos à frente dos meus próprios sentimentos e ideias. Mas no instante em que eu me via sozinho, os outros não significavam mais nada para mim. Não que eu sentisse qualquer tipo de desagrado ou nutrisse repulsa por eles, pelo contrário, eu gostava da maioria, e mesmo naqueles que eu não gostava eu sempre encontrava alguma coisa de valor, uma ou outra qualidade que eu pudesse apreciar, ou pelo menos achar interessante, que naquele instante pudesse ocupar os meus pensamentos. Mas gostar deles não era a mesma coisa que me importar com eles. Era a situação social que me prendia, não as pessoas que faziam parte dela. Entre essas duas perspectivas não havia nada. Só havia a pequena e autodestrutiva e a grande e distanciadora. E entre as duas coisas desenrolava-se a vida cotidiana. Talvez por isso eu tivesse tanta dificuldade para vivê-la. A vida cotidiana, com os deveres e as rotinas, era algo que eu suportava, mas nada que me trouxesse alegrias, nada que tivesse algum significado para mim ou me fizesse feliz. Não era falta de vontade de passar um pano no chão ou de trocar fraldas, mas algo mais profundo, o fato de

que eu não percebia o valor da vida próxima, mas sempre ansiava por coisas distantes, e sempre tinha sido assim. A vida que eu vivia não era minha. Eu tentava fazer com que se tornasse minha, essa era a minha luta, porque eu queria, mas não conseguia, o anseio por outras coisas frustrava completamente tudo o que eu fazia.

Qual era o problema?

Seria a nota estridente e doentia que soava por toda a sociedade o que eu não suportava, aquela nota que se erguia de todas as pseudopessoas e pseudolugares e pseudoconflitos que vivenciávamos ao longo de toda a nossa vida, de tudo aquilo que víamos sem participar, e a distância a que a vida moderna tinha se afastado de tudo o que era nosso, de tudo que era inalienável, do aqui e do agora? Neste caso, se o objeto do meu anseio era mais realidade, mais presença, eu não devia simplesmente aceitar tudo o que me rodeava? E acima de tudo não ansiar por coisas distantes? Ou será que eu reagia contra o elemento pré-fabricado no mundo, contra a rotina inexorável que seguíamos, que tornava tudo previsível a ponto de termos que investir em entretenimento para sentir uma ponta de emoção? Toda vez que eu saía pela porta eu sabia o que ia acontecer, o que eu havia de fazer. Assim era nos momentos pequenos, eu ia ao supermercado fazer compras, me sentava em um café com um jornal, buscava as crianças no jardim de infância, e assim era nos momentos grandes, desde o primeiro contato com a sociedade, o jardim de infância, até o último contato, a casa de repouso. Ou seria a igualdade que se espalhava mundo afora e que tornava tudo menor à base da repulsa que eu sentia? Quem viaja pela Noruega hoje em dia vê as mesmas coisas por toda parte. As mesmas estradas, as mesmas casas, os mesmos postos de gasolina, as mesmas lojas. Até os anos 1960 era possível notar como a cultura mudava quando se ia até Gudbrandsdalen, por exemplo, com as estranhas construções de madeira preta, tão austeras e tristes, que hoje permanecem enclausuradas como pequenos museus em uma cultura que em nada se diferencia daquela de onde se estava vindo ou para onde se estava indo. E a Europa,

que cada vez mais está a caminho de se tornar um grande país igual por toda parte. O mesmo, o mesmo, sempre o mesmo. Ou seria porque a luz que brilhou sobre o mundo e fez com que tudo parecesse compreensível ao mesmo tempo o esvaziou de sentido? Seriam talvez as florestas que tinham desaparecido, os animais que tinham sido extintos, as antigas tradições que jamais voltariam a existir?

Eu pensava a respeito de tudo isso, e tudo me enchia de tristeza e acabava com a minha força de vontade, e se havia um mundo para o qual eu me voltava em meus pensamentos era o mundo dos séculos XVI e XVII, com florestas enormes, navios e carroças, moinhos de vento e castelos, claustros e vilarejos, pintores e pensadores, viagens de descobrimento e inventores, sacerdotes e alquimistas. Como teria sido viver em um mundo em que tudo era feito com a força das mãos, do vento ou da água? Como teria sido viver em um mundo em que todos os índios americanos continuavam a viver a vida em paz? Um mundo em que a vida ainda era uma possibilidade real? Um mundo onde a África não tinha sido colonizada? Um mundo onde a escuridão vinha com a chegada da noite e a luz com o raiar do dia? Um mundo onde as pessoas ainda eram pouco numerosas e tinham ferramentas demasiado rústicas para influenciar a população dos animais, e eram totalmente incapazes de erradicá-los? Um mundo em que não era possível ir de um lugar a outro sem grandes esforços, em que o conforto estava somente ao alcance dos ricos, em que o mar era cheio de baleias, as florestas eram cheias de ursos e lobos, um mundo em que ainda existiam terras tão inexploradas que nenhum conto de fadas poderia fazer-lhes justiça, como por exemplo a China, para onde uma viagem não apenas levava meses inteiros e estava restrita a uma minoria ínfima de marinheiros e comerciantes, mas também oferecia perigos mortais? Verdade que era um mundo rústico e pobre, sujo e assolado pelas doenças, bêbado e ignorante, cheio de dor, com expectativa de vida baixa e repleto de superstições, porém mesmo assim gerou o maior dentre todos os escritores, Shakespeare, o maior dentre todos os pintores,

Rembrandt, e o maior dentre todos os cientistas, Newton, homens que permanecem até hoje sem rivais nos respectivos campos, e como pode ser que justamente essa época tenha gerado tamanha abundância? Será porque a morte estava mais próxima e assim a vida se tornava mais forte?

Não sei.

De qualquer modo não podemos voltar atrás, tudo o que fazemos é irreversível, e quando olhamos para trás não enxergamos a vida, mas somente a morte. E quem acredita que as condições da época atual são o que promove essa sensação de deslocamento só pode ser megalomaníaco ou simplesmente idiota, e em ambos os casos é desprovido de consciência individual. Sinto repulsa em relação a muita coisa na época atual, mas a falta de sentido não tem origem nela, pois não era uma constante... Na primavera em que me mudei para Estocolmo e conheci Linda, por exemplo, o mundo de repente se abriu, ao mesmo tempo em que a intensidade aumentou a uma velocidade alucinante. Eu estava perdidamente apaixonado, tudo era possível, a alegria estava sempre a ponto de explodir e envolvia a tudo. Se alguém viesse me falar sobre a falta de sentido eu teria dado uma gargalhada, porque eu era livre e o mundo ao meu redor estava cheio de possibilidades, repleto de sentido, desde os trens futurísticos com luzinhas piscantes que deslizavam por Slussen em direção ao meu apartamento até o sol que tingia as flechas da igreja de Ridderholmen de vermelho durante os pores do sol agourentos ao estilo do século XIX que contemplei ao longo de meses, desde o cheiro de manjerição fresco e do gosto de tomates maduros até o som de calcanhares batendo nas pedras do calçamento em direção ao hotel Hilton tarde da noite uma vez que estávamos sentados de mãos dadas em um banco e soubemos que a partir daquele momento estaríamos juntos para sempre. Essa situação durou meio ano, por meio ano eu conheci a felicidade absoluta, a presença absoluta em relação ao mundo e a mim mesmo, antes que aos poucos começasse a se dissipar enquanto o mundo mais uma vez escapava das minhas mãos. Um ano mais tarde aconteceu outra vez, de

maneira totalmente diferente. Foi quando Vanja nasceu. Nesse caso não foi o mundo que se abriu, nós o havíamos trancado do lado de fora em uma espécie de concentração absoluta no milagre que havia se operado entre nós, mas alguma coisa dentro de mim. Enquanto a paixão tinha sido uma leviandade e um desvario, esbanjado vida e embriaguez, esse sentimento era cauteloso e discreto, dominado por uma atenção infinita em relação ao que tinha acontecido. Por quatro semanas, talvez cinco, foi assim. Quando eu tinha que ir à cidade resolver um assunto ou outro, eu *corria* pelas ruas, pegava o que eu estivesse precisando, tremendo de impaciência na frente do balcão, e depois *corria* de volta com as sacolas balançando nas mãos. Eu não queria perder um minuto sequer! As noites e os dias se misturavam, tudo era pura ternura, tudo era suavidade, e bastava que Vanja abrisse os olhos para sairmos correndo e ver o que estava acontecendo. Aí está você! Mas isso também passou, também nos acostumamos, e então comecei a trabalhar, todo dia eu sentava no meu novo escritório na Dalagatan para escrever enquanto Linda ficava em casa com Vanja e ia me visitar na hora do almoço, muitas vezes preocupada com uma coisa ou outra, mas também feliz, mais próxima da nossa filha e de tudo o que estava acontecendo do que eu, porque eu estava escrevendo, e o que em um primeiro momento era apenas um longo ensaio aos poucos começou a se transformar em um romance, que logo atingiu o ponto em que para mim era tudo, e eu não conseguia pensar em mais nada além de escrever, e me mudei de vez para o escritório novo, onde eu escrevia dia e noite, dormindo apenas uma hora de vez em quando. Eu me sentia tomado por um sentimento fantástico, uma espécie de luz brilhava em mim, não era uma luz quente e abrasadora, mas fria e clara e intensa. À noite eu pegava uma xícara de café e me sentava no banco em frente ao hospital para fumar, as ruas estavam silenciosas ao meu redor e eu quase não conseguia parar quieto, tamanha era minha alegria. Tudo era possível, e tudo era repleto de sentido. Em dois momentos do romance atingi um nível que eu não tinha imaginado possível, e esses dois momentos, que eu

não conseguia acreditar que tinha escrito, e que mais ninguém percebeu ou comentou, bastaram sozinhos para fazer valer a pena os cinco anos de escrita malsucedida e fracassada que haviam se passado antes. São dois dos melhores momentos da minha vida. Da minha vida como um todo. Procuro a alegria com que me encheram e o sentimento de invencibilidade que me deram desde então, mas não consigo encontrá-los.

Semanas depois que terminei de escrever o romance começou a minha vida como pai responsável pela casa, e o plano era que esse arranjo durasse até a primavera seguinte enquanto Linda frequentava o último ano do curso do Dramatiska Institutet. A escritura do romance prejudicou nosso relacionamento, eu dormia no escritório e mal via Linda e a nossa filha de cinco meses, e quando tudo finalmente acabou, ela sentiu-se aliviada e feliz, e eu devia a ela a minha presença, não apenas estando no mesmo recinto, fisicamente, mas também com toda a minha atenção e participação. Mas não consegui. Durante vários meses senti tristeza por não estar onde eu havia estado, no frio e na luz, e o anseio por voltar era mais forte do que a alegria de viver nossa vida. Não me importava se o romance desse certo ou não. A cada boa resenha eu fazia uma cruz no livro e esperava pela próxima, a cada vez que o pessoal da editora telefonava para dizer que uma editora estrangeira tinha demonstrado interesse ou feito uma oferta eu fazia uma cruz no livro e esperava pela próxima, e permaneci indiferente quando o romance foi indicado ao Nordisk Råds Litteraturpris, pois se eu tinha aprendido qualquer coisa nos últimos seis meses era que a escrita dizia respeito apenas à escrita e a nada mais. Todo o valor estava nesse fato. Mesmo assim eu queria ter mais de tudo que veio junto, pois a atenção pública é um narcótico, e a necessidade que satisfaz é uma necessidade artificial, mas depois que você sente esse gosto vem o desejo de mais. Então eu saía por Estocolmo para os meus intermináveis passeios com carrinho de bebê em Djurgården e esperava que o telefone tocasse e que um jornalista me perguntasse alguma coisa, que um organizador me convidasse para ir a algum lugar, que um

jornal me pedisse um texto, que uma editora aparecesse com uma oferta, mas passado certo tempo percebi o desgosto que essa situação me dava e comecei a recusar tudo, ao mesmo tempo em que meu interesse diminuiu e no fim restou apenas a vida cotidiana. Porém, mesmo que eu tentasse me concentrar nela eu não conseguia, sempre havia outra coisa. Vanja ficava sentada no carrinho olhando ao redor enquanto eu troteava por aqui e acolá cidade afora, ou então sentada na caixa de areia com uma pá na mão enquanto cavava um buraco no parquinho em Humlegården, onde as mães altas e magras de Estocolmo ao nosso redor falavam sem parar nos telefones celulares e davam a impressão de estar em um desfile de moda, ou então sentada na cozinha do apartamento engolindo a comida que eu oferecia. Tudo aquilo me aborrecia a ponto de me enlouquecer. Eu me sentia idiota quando ficava em casa falando com ela, porque ela não respondia nada, eu não ouvia nada além da minha voz estúpida, e do silêncio dela, balbucios alegres ou choro insatisfeito, e logo era hora de vesti-la e sair me arrastando outra vez até o Moderna Museet em Skeppsholmen, por exemplo, onde ao menos eu podia ver bons quadros enquanto cuidava dela, ou para uma das livrarias no centro, ou para Djurgården ou Brunnsviken, que eram os lugares onde a cidade estava mais próxima da natureza, ou então eu fazia o longo trajeto até o escritório que na época Geir tinha na universidade. Logo passei a dominar tudo que dizia respeito a uma criança pequena, não tinha nada que eu não fizesse com ela, passeávamos por toda parte, mas independente de onde fôssemos, e independente da enorme ternura que eu sentia por Vanja, a sensação de aborrecimento e de passividade era grande. Era importante conseguir que ela dormisse para que eu pudesse ler e fazer com que os dias passassem para riscá-los do calendário. Conheci até os cafés mais remotos da cidade, e não havia praticamente nenhum banco de parque onde eu mais cedo ou mais tarde não tivesse me sentado com um livro na mão e o carrinho de bebê na outra. Era Dostoiévski o que eu tinha comigo, primeiro *Os demônios*, depois *Os irmãos Karamázov*. Foi assim que reencontrei a luz.

Mas não era a luz sublime, clara e pura de Hölderlin, em Dostoiévski não havia alturas, não havia montanhas, não havia perspectivas divinas, tudo se passava na esfera humana e vinha envolvido na atmosfera pobre, suja, doentia e quase infecta de Dostoiévski, que nunca estava longe da histeria. Nesse ponto estava a luz. Esse era o lugar do divino. Mas seria um lugar desejável? Seria necessário prostrar-se de joelhos? Como sempre eu não pensava em nada enquanto lia, simplesmente me deixava levar pela experiência, e depois de umas cem páginas, que eu levava uns quantos dias para ler, todos os elementos dispostos com tanto cuidado ganhavam vulto, aos poucos começavam a operar em conjunto, e de repente o efeito era tão intenso que eu me deixava levar por aquilo, totalmente arrebatado, até que Vanja abria os olhos dentro do carrinho, com uma expressão quase suspeita, segundo me parecia: Para onde você me levou dessa vez?

Então eu fechava o livro, colocava-a no colo, pegava a colher, o potinho de comida e o babador quando estávamos em casa, percorria o trajeto até o café mais próximo quando estávamos na rua, pegava uma cadeirinha de bebê, colocava-a sentada e ia até o balcão pedir aos funcionários que esquentassem a comida, o que sempre faziam contrariados, pois na época a cidade estava tomada pelos bebês, havia um boom, e como entre as mães havia um grande número de mulheres por volta dos trinta anos que até então eram trabalhadoras e tinham cuidado da própria vida, surgiram revistas glamorosas para as mães, nas quais os filhos eram retratados como uma espécie de acessório e várias celebridades se deixavam fotografar com os filhos e respondiam entrevistas sobre a vida em família. Tudo o que antes tinha se passado na esfera privada estava sendo empurrado para a esfera pública. Por toda parte era possível encontrar textos sobre as dores do parto, cesarianas e amamentação, roupinhas de bebê, carrinhos e dicas de férias para casais com filhos pequenos, surgiam livros escritos por pais que ficavam em casa ou mães frustradas pela exaustão de trabalhar e ao mesmo tempo cuidar dos filhos. O que até pouco tempo atrás era uma coisa normal que não dava motivo para nenhuma conversa em tom grave, a

saber, os filhos, de repente foi colocado no primeiro plano da existência e passou a ser venerado com um fervor que devia levantar as sobrancelhas de todos, pois o que poderia significar? Era no meio dessa loucura que eu passeava com a minha filha, como um dos inúmeros pais que aparentemente colocavam a paternidade acima de todo o resto. Quando eu me sentava no café para dar comida a Vanja, sempre via pelo menos mais um pai, mais ou menos da minha idade, ou seja, na metade dos trinta, quase sempre com a cabeça raspada para esconder a calvície, já que quase não se viam mais homens carecas ou com entradas, e a visão deles sempre fazia com que eu me sentisse um pouco desconfortável, para mim era difícil aceitar a afeminação do que faziam, mesmo que eu fizesse a mesma coisa e de um jeito tão afeminado quanto. O leve desprezo que eu sentia por homens que saíam a passear com carrinhos de bebê era no mínimo ambíguo, uma vez que eu mesmo quase sempre estava empurrando um quando os via. Duvido que eu estivesse sozinho no que dizia respeito a esses sentimentos, pois às vezes eu imaginava reconhecê-los no olhar perturbado de outros homens sozinhos nos parques, e também na inquietação dos corpos que poderiam muito bem fazer uns apoios enquanto as crianças brincavam ao redor. Mas passar horas no parque com os filhos todos os dias era a função deles. Havia coisas muito piores. Linda mal tinha começado a levar Vanja para aulas de ginástica rítmica para bebês na Stadsbiblioteket, e quando assumi a responsabilidade ela pediu que Vanja continuasse. Pressenti que uma coisa terrível me aguardava e disse que não, de jeito nenhum, a partir daquele momento Vanja estaria comigo e não haveria ginástica rítmica nenhuma. Mas Linda continuou a tocar no assunto em diversas oportunidades, e meses depois a minha resistência no que dizia respeito a tudo que o papel de fraco incluía foi vencida de maneira tão radical, ao mesmo tempo em que Vanja já estava grandinha o suficiente para que os dias pudessem incluir um pouco de variação, que um dia eu disse, enfim, hoje pensei em ir para a aula de ginástica rítmica na Stadsbiblioteket. Não esqueça de ir cedo, disse Linda,

porque os lugares acabam depressa. E assim foi que certa manhã saí empurrando o carrinho de Vanja pela Sveavägen em direção a Odenplan, atravessei a rua e segui em direção às portas da Stadsbiblioteket, onde por um motivo ou outro eu nunca tinha entrado, mesmo que fosse um dos prédios mais bonitos da cidade, desenhado por Asplund na década de 1920, o meu período favorito do século passado. Vanja estava bem alimentada, descansada e vestida com roupas limpas e cuidadosamente escolhidas para a ocasião. Empurrei o carrinho pela ampla sala redonda, perguntei a uma mulher atrás de um balcão onde ficava a seção infantil, segui as indicações dela e entrei em um corredor lateral cheio de prateleiras com livros infantis, onde em uma porta bem no fundo um cartaz anunciava que naquele local começaria às catorze horas a aula de ginástica rítmica infantil. Três carrinhos já estavam lá. Em cadeiras próximas estavam sentadas as donas, três mulheres com jaquetas pesadas e de expressão cansada, todas por volta dos trinta e cinco anos, enquanto os supostos filhos engatinhavam ao redor com ranho escorrendo do nariz.

Estacionei meu carrinho junto aos delas, levantei Vanja, me sentei em um patamar com ela no colo, tirei a jaqueta e os sapatos dela e a larguei com todo cuidado no chão. Pensei que ela também poderia engatinhar um pouco. Mas ela não quis, não lembrava de ter estado naquele lugar antes, era comigo que ela queria ficar e por isso estendeu os braços em minha direção. Peguei-a no colo outra vez. Ela ficou sentada olhando curiosa para as outras crianças.

Logo chegou uma mulher jovem e bonita trazendo um violão. Devia ter uns vinte e cinco anos, tinha cabelos longos e claros, um casaco que chegava mais ou menos até os joelhos, longas botas de inverno pretas e parou bem na minha frente.

— Olá! — disse. — Não me lembro de ter visto você por aqui antes. Veio para a aula de ginástica rítmica para bebês?

— Vim — respondi, olhando para ela. Ela era realmente muito bonita.

— Você se inscreveu?

— Não — respondi. — Eu tinha que ter me inscrito?

— Tinha. E hoje infelizmente a turma está lotada.

Era uma boa notícia.

— Que pena — eu disse, me levantando.

— Como você não sabia, podemos dar um jeito para que você participe hoje. Mas só desta vez. Na próxima você se inscreve.

— Obrigado — eu disse.

Ela abriu um sorriso bonito. Em seguida abriu uma porta e entrou. Me inclinei para frente e vi que ela largou o estojo do violão no chão e tirou o casaco e o cachecol, pendurando-os em uma cadeira no interior da sala. Aquela mulher tinha uma aura fresca, leve, primaveril.

Tive um mau pressentimento sobre o que estava prestes a acontecer e devia simplesmente ter me levantado e ido embora. Mas não era por mim que eu estava lá, era por Vanja e por Linda. Então continuei sentado. Vanja tinha oito meses e ficava encantada com tudo que parecia uma apresentação. E daquela vez ela seria uma das participantes.

Várias mulheres com carrinhos de bebê foram entrando aos poucos e logo a sala se encheu de conversas triviais, tossidos, risadas, choro, farfalhar de roupas e movimentação de bolsas. Tive a impressão de que a maioria delas estava em duplas ou em trios. Por muito tempo tive a impressão de que eu era o único a estar sozinho. Porém dois minutos depois chegaram mais dois homens. A dizer pela linguagem corporal de ambos, entendi que não se conheciam. Um deles, um sujeito de cabeça grande e óculos, acenou a cabeça para mim. Senti vontade de dar um chute nele. Estava achando o quê, que pertencíamos ao mesmo clube? Então veio a hora de tirar o macacão e o capuz e os sapatos, tirar da bolsa a mamadeira e o chocalho e de sentar no chão com as crianças.

As mães já tinham começado a entrar na sala da ginástica rítmica para bebês. Esperei todo o tempo que pude, mas quando o relógio marcou um minuto para o início me levantei e entrei com Vanja nos braços. No chão estavam várias almofadas, nas quais devíamos nos sentar enquanto a garota

responsável pela aula ficava em uma cadeira à nossa frente. Ela olhou sorrindo ao redor com o violão no colo. Usava uma blusa bege que parecia de caxemira. Tinha seios bem torneados, cintura fina, e as pernas, uma estava em cima da outra balançando, eram longas e ainda estavam calçadas com as botas pretas de inverno.

Me sentei na minha almofada. Ajeitei Vanja no meu colo. Ela olhava para a mulher com o violão, que naquele instante nos dava boas-vindas.

— Temos rostos novos hoje — ela começou. — Vocês não querem se apresentar?

— Eu sou a Monica — disse uma das mulheres.

— Eu sou a Kristina — disse outra.

— Eu sou a Lul — disse uma terceira.

Lul? Que porra de nome era aquele?

Tudo ficou em silêncio. Aquela bela mulher me olhou e abriu um sorriso encorajador.

— Eu sou o Karl Ove — disse em tom sombrio.

— Vamos começar hoje com a canção de boas-vindas — ela disse ferindo o primeiro acorde, que soou enquanto ela explicava que os pais deviam falar o nome dos filhos quando ela acenasse a cabeça na direção deles, e então todos deviam cantar o nome da criança em questão.

Ela feriu o acorde mais uma vez e todos começaram a cantar. A canção consistia em cumprimentar o amigo enquanto abanávamos as mãos, e os pais das crianças ainda pequenas demais para entender o que se passava seguravam o pulso delas e abanavam com a mão das crianças, o que também fiz, mas na segunda estrofe eu não tinha mais nenhuma desculpa para ficar sentado em silêncio e fui obrigado a cantar. Minha voz grave soava como uma doença em meio ao coro de vozes claras e femininas. Por doze vezes cumprimentamos nossos amigos para que o nome de todas as crianças fosse chamado e pudéssemos seguir adiante. A canção seguinte falava sobre as partes do corpo, e as crianças naturalmente tinham que tocá-las quando eram mencionadas. Testa, olhos, orelhas, nariz, boca,

barriga, joelho, pé. Testa, olhos, orelhas, nariz, boca, barriga, joelho, pé. Todos receberam instrumentos que pareciam chocalhos e que deviam ser tocados enquanto cantássemos a canção seguinte. Eu não me senti envergonhado, não era constrangedor estar lá sentado, era humilhante e degradante. Tudo era macio e amistoso e bom, todos os movimentos eram pequenos, e eu estava encolhido em uma almofada cantarolando junto com mães e crianças uma canção que ainda por cima era conduzida por uma mulher com quem eu gostaria de ter ido para a cama. Mas sentado lá eu estava completamente desarmado, destituído de qualquer valor, impotente, não havia diferença nenhuma entre eu e ela, apenas que ela era mais bonita, e esse nivelamento, em que eu tinha renunciado a ser quem eu era, e inclusive à minha grandeza, de maneira voluntária, me enchia de raiva.

— Agora é hora dos bebês dançarem um pouco! — ela disse, e então largou o violão no chão, se levantou e foi até um CD player que estava em uma cadeira ao lado.

— Vamos todos ficar em círculo, então primeiro vamos para um lado, batemos o pé assim — ela explicou, batendo em seguida com o lindo pé no chão —, damos a volta e continuamos para o outro lado.

Me levantei, peguei Vanja logo em seguida e me posicionei no círculo que se formava. Procurei os outros dois homens. Os dois estavam concentrados nos filhos.

— É, Vanja — disse eu a meia-voz. — Tem gosto para tudo, como dizia o seu bisavô.

Vanja me encarou. Até então ela não parecia muito convencida a respeito de nenhuma das atividades. Não queria sequer chacoalhar as maracas.

— Vamos começar! — disse a mulher bonita, apertando o botão do CD player.

Uma melodia folclórica invadiu a sala, e eu comecei a fazer como os outros, dando passos no ritmo da música. Segurei Vanja com uma mão por

baixo de cada braço, de maneira que ficasse suspensa e se inclinasse para junto do meu peito. Então bati o pé e a virei antes que começássemos a andar para o outro lado. Muitas crianças se divertiam, a sala se encheu de risadas e até de gritinhos. Quando acabou, tínhamos que dançar sozinhos com as crianças. Fiquei embalando Vanja em meus braços enquanto pensava que o inferno devia ser daquele jeito, macio e amigável e cheio de mães estranhas com bebês. Quando aquilo chegou ao fim, começou uma atividade com uma grande vela de navio azul que fazia as vezes de mar, e então cantamos uma canção sobre ondas e todos juntos balançaram a vela, para criar as ondas, e depois algumas crianças entraram embaixo do pano até que o levantássemos de repente, tudo enquanto cantávamos.

Quando a mulher bonita se despediu do grupo, me apressei em sair, ajudei Vanja a se vestir sem olhar para ninguém, olhei para o chão enquanto as vozes, mais alegres do que quando haviam chegado, murmuravam ao meu redor, coloquei Vanja no carrinho, apertei a fivela e a empurrei para longe o mais depressa possível sem que eu pudesse dar na vista. Na rua senti vontade de gritar o mais alto que eu podia e de quebrar alguma coisa. Mas me dei por satisfeito deixando aquele lugar de desgraça para trás o mais depressa possível.

— Vanja, Vanja — repeti enquanto eu me apressava pela Sveavägen. — Você se divertiu? Não pareceu que você estava se divertindo muito.

— Tá tá táá — disse Vanja.

Ela não sorriu, mas os olhinhos estavam alegres.

Vanja apontou com o dedo.

— Ah, uma moto — eu disse. — A troco de que você gosta tanto de motos, afinal?

Quando chegamos à loja da Konsum no cruzamento com a Tegnératan, entrei para comprar nosso jantar. O sentimento de claustrofobia continuou lá dentro, mas a agressividade tinha diminuído, eu não estava mais tão irritado quando comecei a empurrar o carrinho pelos corredores de mercadorias. Aquela loja despertava lembranças, era a loja

que eu tinha frequentado três anos antes quando me mudei para Estocolmo, e por algumas semanas morei no apartamento da Norstedts que ficava um pouco mais acima na mesma rua. Na época eu pesava mais de cem quilos e vivia em uma espécie de escuridão catatônica, fugindo da minha vida pregressa. Não tinha sido muito alegre. Mas eu estava decidido a me reerguer, então todas as tardes eu ia correr no Lill-Jansskogen. Eu não conseguia correr nem cem metros antes que o meu coração começasse a bater depressa e os meus pulmões comesçassem a ofegar de tal maneira que eu era obrigado a parar. Mais cem metros e as pernas começavam a tremer. Depois eu voltava para o apartamento com jeito de hotel e jantava pão e sopa. Certo dia eu tinha visto uma mulher naquela loja, ela parou de repente ao meu lado, justo em frente à prateleira das carnes, e havia alguma coisa nela, algo de puramente físico naquela presença, que de um instante para o outro me encheu de um desejo quase explosivo. Ela segurava a cesta de compras à frente do corpo com as duas mãos, o cabelo era avermelhado e a pele clara do rosto tinha sardas. Eu senti o cheiro dela, um cheiro fraco de suor e sabonete, e fiquei parado olhando para frente com o coração martelando o peito e um nó na garganta por talvez quinze segundos, o tempo que ela levou entre parar ao meu lado, pegar um pacote de salame da prateleira e seguir adiante. Tornei a vê-la na hora de pagar, ela estava no outro caixa, e o desejo, que ainda me acompanhava, tornou a se manifestar. Ela pôs as compras na sacola, se virou e saiu pela porta. Nunca mais a vi desde então.

Da posição mais baixa no carrinho Vanja tinha visto um cachorro e apontado para ele. Eu nunca tinha pensado sobre como ela via o mundo ao redor. O que significaria para ela a torrente interminável de pessoas, rostos, carros, lojas e placas? Com certeza não era tudo indiferente, pois não apenas ela apontava sistematicamente para motos, gatos, cachorros e outros bebês, mas também havia estabelecido um sistema de classificação para as pessoas que a rodeavam: primeiro Linda, depois eu, depois a avó

materna e depois todos os demais, de acordo com o tempo que haviam passado com ela durante os últimos dias.

— Veja, um cachorro — eu disse. Peguei uma caixa de leite que larguei no carrinho e um pacote de massa fresca do balcão ao lado. A seguir peguei dois pacotes de presunto serrano, um vidro de azeitonas e um queijo muçarela, um pote de manjericão e alguns tomates. Eram comidas que eu jamais teria sonhado em comprar na minha vida pregressa, porque eu nem sabia que existiam. Mas lá estava eu, em meio à classe média de Estocolmo, e mesmo que a celebração de tudo que fosse italiano, espanhol e francês e o distanciamento de tudo que fosse sueco me parecessem idiotas, e depois de um tempo, quando uma figura maior começou a se desenhar, também repulsivos, não valia a pena desperdiçar minhas forças com essas coisas. Quando eu sentia falta de costeletas com repolho, *lapskaus*, sopa de legumes, *raspeball*, almôndegas, *lungemos*, bolinhos de peixe, *fårikål*, salsichas, bifés de baleia, sopa de sagu, mingau de sêmola, arroz de leite e mingau de creme azedo, na verdade era mais dos anos 1970 do que desses sabores que eu sentia falta. E como as comidas não eram importantes para mim, eu podia muito bem fazer pratos de que Linda gostasse.

Detive-me por alguns instantes em frente ao estande de jornais e pensei se eu devia comprar os dois vespertinos, como os chamam por aqui, os dois jornais mais importantes. Ler aquilo era como virar um saco de lixo em cima da própria cabeça. De vez em quando eu lia, quando eu tinha a impressão de que um pouco de lixo não me faria mal. Mas naquele dia não.

Paguei e saí mais uma vez para a rua, onde o asfalto refletia de leve a luz do suave céu de inverno e os carros enfileirados em todos os lados do cruzamento mais pareciam um enorme monte de lenha. Para fugir do tráfego, entrei pela Tegnégatan. Na vitrine do sebo, que era uma daquelas em que eu estava sempre de olho, vi um livro sobre Malaparte que Geir tinha elogiado muito, e um sobre Galileu Galilei da série da Atlantis. Dei

meia-volta, abri a porta empurrando-a com o calcanhar e entrei de costas com o carrinho atrás de mim.

— Vou levar dois livros da vitrine — eu disse. — Aquele sobre Galileu Galilei e o outro sobre Malaparte.

— *Förlåt?* — disse o homem de camisa por volta dos cinquenta anos que cuidava do lugar, me encarando por cima dos óculos quadrados que tinha na ponta do nariz.

— *I fönstret* — eu disse. — *Två böcker*. Galilei, Malaparte.

— Ah! O céu e a guerra, não é mesmo? — disse ele, e então virou de costas a fim de pegar os livros para mim.

Vanja tinha adormecido.

Seria cansaço depois da ginástica rítmica para bebês?

Puxei a pequena alavanca por baixo do apoio de cabeça em direção a mim e a ajeitei com todo cuidado no carrinho. Ela abanou uma das mãos enquanto dormia, e em seguida fechou o punho, exatamente como tinha feito quando ainda era recém-nascida. Um dos movimentos que tinham nascido com ela, e que aos poucos ela tinha subjugado com movimentos próprios. Mas quando ela dormia ele tornava à vida.

Empurrei o carrinho um pouco mais para o lado para que as pessoas conseguissem passar e me voltei para a prateleira com livros de arte enquanto o sebista calculava o preço dos dois livros na caixa registradora à moda antiga. Quando Vanja dormiu eu ganhei alguns minutos lá dentro, e a primeira coisa que chamou minha atenção foi um livro de fotografias de Per Maning. Que sorte! Eu sempre tinha gostado das fotografias dele, em especial daquela série com bichos. Vacas, porcos, cachorros, focas. De um jeito ou de outro, Maning tinha conseguido evocar a alma daqueles animais. Não havia outra maneira de interpretar o olhar dos bichos naquelas fotos. Uma presença absoluta, por vezes angustiada, por vezes vazia, por vezes penetrante. Mas também enigmática, da mesma forma como os retratos dos pintores do século XVII eram enigmáticos.

Larguei o livro em cima do balcão.

— Esse acabou de chegar — disse o sebista. — É um belo livro. Você é norueguês?

— Sou — respondi. — Mas ainda vou dar mais uma olhada.

Encontrei uma edição dos diários de Delacroix, que também peguei, e um livro sobre Turner, mesmo que nenhum outro artista perdesse tanto ao ter as obras reproduzidas como justamente ele, e o livro de Poul Vad sobre Hammershøi, e uma obra luxuosa sobre o orientalismo na arte.

Quando larguei os livros em cima do balcão o meu celular tocou. Quase ninguém tinha o meu número, então o toque, que saiu um pouco abafado das profundezas do bolso lateral do meu casaco, não foi motivo para nenhum tipo de apreensão. Pelo contrário. Afora as palavras que eu havia trocado com a mulher da ginástica rítmica para bebês eu não tinha falado com ninguém desde o momento em que Linda tinha saído pedalando rumo à escola naquela manhã.

— Alô! — disse Geir. — O que você está fazendo?

— Trabalhando a minha autoestima — respondi, me virando em direção à parede. — E você?

— Não, eu não. Estou aqui no escritório olhando as pessoas andarem depressa pela rua. Quais são as novidades?

— Acabei de conhecer uma mulher linda.

— E?

— Falei um pouco com ela.

— E?

— Ela me convidou para ir com ela.

— E você foi?

— Claro. Ela chegou até a perguntar o meu nome.

— Porém...?

— Ela coordena uma aula de ginástica rítmica para bebês. Precisei ficar sentado na frente dela batendo palma e cantando músicas infantis, com a Vanja no colo. Sentado numa almofada. Junto com um bando de mães e de outras crianças.

Geir deu uma gargalhada.

— Também ganhei um chocalho que eu tinha que ficar tocando.

— Ha ha ha!

— Fiquei tão furioso que eu não sabia o que fazer quando saí de lá — expliquei. — Mas ao mesmo tempo encontrei utilidade para as minhas ancas largas. E ninguém deu a mínima para os pneus na minha barriga.

— Não, porque são macios e aconchegantes! — Geir emendou com mais uma gargalhada. — Mas escute. Você não está a fim de sair hoje à noite?

— Você está me provocando?

— Não, é sério: pensei em ficar aqui trabalhando até umas sete, mais ou menos. Depois podemos nos encontrar na cidade.

— Não vai dar.

— Por acaso é uma piada essa história de que você mora em Estocolmo? A gente nunca consegue se encontrar!

— Você já está falando norueguês com sotaque sueco — eu disse.

— Lembra de quando você chegou a Estocolmo? — perguntou Geir. — Quando você estava sentado no táxi e me deu um sermão a respeito de “rédeas curtas” quando eu não quis ir com você num clube noturno?

— Não se diz “ir num clube”, mas “ir a um clube” — eu disse.

— Mas que inferno, cara. A questão era a expressão que você usou. “Rédeas curtas”. Você lembra?

— Lembro, infelizmente.

— E então? — Geir me perguntou. — A que conclusão você chega?

— É diferente — respondi. — Eu não sou mantido a rédeas curtas. Sou o cavaleiro que tem as rédeas na mão. E você é um palhaço montado num burrico.

— Ha ha ha. Amanhã, então?

— Amanhã vamos jantar com o Fredrik e a Karin.

— Fredrik? O diretorzinho de cinema?

— Eu não falaria assim. Mas é o próprio.

— Meu Deus. Está bem, está bem. Domingo então? Não, domingo é o dia de descanso de vocês. Segunda?

— Pode ser.

— Ótimo... afinal existem muitas coisas para fazer na cidade.

— Segunda-feira no Pelikanen — eu disse. — Aliás, estou com um livro de Malaparte na mão.

— É mesmo? Você está num sebo? Que bom, que bom.

— E com os diários do Delacroix.

— Também devem ser bons. Lembro que o Thomas comentou alguma coisa a respeito. Mais alguma coisa?

— Ontem me ligaram do *Aftenposten*. Me pediram uma entrevista.

— Não me diga que você aceitou.

— Aceitei.

— Seu idiota. Você disse que ia parar com as entrevistas!

— Eu sei. Mas o pessoal da editora me disse que esse jornalista é muito bom. Achei que eu podia dar uma última chance. Pode ser que dê certo.

— Não, não pode — disse Geir.

— Não, eu sei que não — respondi. — Mas enfim, que se dane. Agora eu já aceitei. E como vão as coisas por aí?

— Não tem acontecido nada. Comi almôndegas com antropólogos sociais. O velho diretor do instituto apareceu cheio de farelos na barba e com a braguilha aberta querendo conversa. Eu sou o único que não despacha o coitado. Por isso ele nos faz umas visitas de vez em quando.

— Esse é aquele diretor linha-dura?

— Ele mesmo. Agora está morrendo de medo de perder o escritório. É a única coisa que ainda tem na vida. Por isso toda essa gentileza agora. É questão de se adaptar. Severo quando possível, gentil quando necessário.

— De repente apareço amanhã — eu disse. — Você está livre?

— Claro, porra. Desde que você não traga a Vanja junto.

— Ha ha. Mas escute, eu tenho que pagar agora. Nos vemos amanhã então?

- Certo. Mande um abraço para a Linda e para a Vanja.
- E você mande um abraço para a Christina.
- Depois nos falamos.
- Combinado.

Desliguei e pus o celular de volta no bolso. Vanja continuava dormindo. O sebista estava sentado examinando um catálogo. Ergueu os olhos quando me postei em frente ao balcão.

- Mil quinhentas e trinta coroas — disse.

Entreguei-lhe o meu cartão. Guardei a nota fiscal no bolso de trás, pois era a única forma de justificar essas compras, já que o valor podia ser abatido do imposto de renda, coloquei as duas sacolas com livros debaixo do carrinho e saí empurrando-o adiante com o tilintar da campainha nos meus ouvidos.

Já eram vinte para as quatro. Eu tinha acordado às quatro e meia da madrugada e trabalhado em uma tradução problemática da Damm até as seis e meia, e mesmo que fosse um trabalho chato, em que eu não fazia nada além de cotejar frase por frase com o original, era ainda cem vezes mais interessante e recompensador do que as trocas de fralda e as atividades infantis que me ocupavam durante a manhã inteira, que para mim não eram outra coisa senão uma questão de simplesmente fazer o tempo passar. Eu não me sentia exaurido por essa vida, não tinha nada a ver com precisar de mais forças, mas como nela não havia a menor faísca de inspiração, eu me sentia murcho, como se houvesse um furo em mim.

Dobrei à direita no cruzamento com a Döbelnsgatan, subi o morro por baixo da Johanneskyrkan, que com as paredes de tijolo à vista e o telhado de metal verde lembrava outras igrejas como a Johanneskirken em Bergen e a Trefoldighetskirken em Arendal, e segui pela Malmskillnadsgatan por mais um trecho antes de descer a David Bagaresgata e entrar pelo portão do nosso quintal. Duas tochas queimavam na calçada em frente ao café no outro lado da rua. O lugar fedia a mijo, porque as pessoas que estavam saindo de Stureplan e indo para casa paravam à noite e mijavam por entre

as barras da cerca, e também a lixo por conta das filas de lixeiras ao longo do muro. No canto estava a pomba que tinha se instalado por lá desde a nossa mudança dois anos atrás. Na época ela morava em um buraco no alto do muro. Quando o muro foi reformado e pontas afiadas foram colocadas em toda a superfície plana do topo, a pomba se mudou para o rés do chão. Também havia ratos, às vezes eu os via quando saía para fumar à noite, ratos-pretos que se esgueiravam por entre os arbustos e de repente corriam pelo terreno aberto e iluminado para atravessar o quintal em direção aos canteiros do outro lado. Naquele momento uma das cabeleireiras estava lá falando ao celular enquanto fumava. Ela podia muito bem ter quarenta anos, e eu imaginava que tivesse sido uma beldade ao estilo do campo quando era mais jovem, pelo menos ela me fazia pensar nas mulheres que se veem em Arendal no verão, mulheres de quarenta anos com o cabelo pintado ou loiro demais ou preto demais, a pele morena demais, o olhar provocante demais, a risada alta demais. Tinha a voz rouca, falava com um sotaque carregado de Skåne e estava vestida de branco. Ela acenou a cabeça quando me viu, eu acenei a cabeça de volta. Mesmo que mal tivéssemos conversado eu gostava dela, ela era diferente das outras pessoas que eu via em Estocolmo, que ou estavam subindo na vida ou já estavam no topo, ou pelo menos imaginavam estar. A pureza do estilo dessas pessoas, que não dizia respeito apenas às roupas e às coisas, mas também aos pensamentos e às atitudes, não era compartilhada por aquela mulher, para dizer o mínimo.

Parei em frente à porta e peguei a chave. O cheiro de sabão em pó e de roupa lavada soprava do exaustor acima da janela da lavanderia. Destranquei a fechadura e entrei com o maior cuidado possível no corredor. Vanja conhecia tão bem aqueles barulhos e a ordem em que se manifestavam que quase sempre acordava quando chegávamos àquele ponto. Dessa vez não foi diferente. Mas foi com um grito. Deixei-a gritar, abri a porta do elevador, apertei o botão e me olhei no espelho enquanto

subíamos os dois andares. Linda, que devia ter ouvido os gritos, estava nos esperando na porta quando chegamos.

— Oi — ela disse. — E então, como estava o passeio? Você acabou de acordar, querida? Venha, me deixe pegar você, assim...

Ela soltou a fivela e pegou Vanja no colo.

— O passeio estava bom — respondi empurrando o carrinho vazio para dentro do apartamento enquanto Linda abria o casaco de tricô e ia em direção à sala para dar o peito a Vanja.

— Mas enquanto eu viver não ponho mais os pés na aula de ginástica rítmica para bebês.

— Foi tão ruim assim? — Linda perguntou sorrindo por um breve instante antes de olhar para baixo em direção a Vanja, que no mesmo instante foi acomodada junto ao seio nu.

— Ruim? Foi a pior coisa da minha vida. Eu estava furioso quando saí de lá.

— Sei — ela disse, sem demonstrar mais nenhum interesse.

O cuidado que tinha com Vanja era muito diferente. Dava a impressão de abranger a tudo. E de ser totalmente genuíno.

Entrei com as compras e guardei-as na geladeira, coloquei o pote de manjerição em um vaso no parapeito da janela e o reguei um pouco, juntei os livros que estavam embaixo do carrinho e coloquei-os na prateleira, me sentei em frente ao PC e abri minha caixa de entrada. Eu não tinha conferido os e-mails desde aquela manhã. Tinha um de Carl-Johan Vallgren, ele me parabenizou pela indicação, disse que infelizmente ainda não tinha conseguido ler o livro e que bastava eu ligar se quisesse tomar uma cerveja um dia qualquer. Carl-Johan era uma pessoa de quem eu realmente gostava, tudo o que tinha de extravagante, e que outras pessoas achavam incômodo, esnobe ou idiota, eu tinha em alta conta, ainda mais depois de dois anos na Suécia. Mas tomar uma cerveja com ele seria impossível. Eu simplesmente ficaria sentado em silêncio; já tinha acontecido duas vezes. Tinha também um e-mail de Marta Norheim a

respeito de uma entrevista relacionada ao prêmio da NRK P2 que eu tinha ganhado. E um outro do meu tio Gunnar, que agradecia pelo livro, dizia que tinha reunido forças para ler tudo, me desejava sorte no campeonato norueguês de literatura e terminava com um PS dizendo que era uma pena que Yngve e Kari Anne fossem se separar. Fechei a janela sem responder a ninguém.

— Alguma novidade? — Linda perguntou.

— Mais ou menos. O Carl-Johan me escreveu dando parabéns. E a NRK pediu uma entrevista comigo para daqui a duas semanas. E o Gunnar também escreveu, quem diria. Queria agradecer pelo livro. Mas até que não é mau se você pensar em como ele ficou furioso por causa do meu primeiro romance.

— É verdade — Linda respondeu. — E você não vai ligar para o Carl-Johan e combinar uma saída?

— Você está de bom humor hoje? — perguntei.

Ela fez uma careta para mim.

— Só tentei ser legal.

— Eu sei — respondi. — Me desculpe. Não foi minha intenção. Está bem?

— Claro.

Passei na frente dela e peguei o segundo volume de *Os irmãos Karamázov*, que estava no sofá.

— Bom, estou indo — eu disse. — Até mais.

— Até mais — Linda respondeu.

A partir daquele instante eu teria uma hora para mim. Essa foi a única condição que impus quando assumi a responsabilidade por Vanja durante o dia, que eu tivesse uma hora sozinho à tarde, e mesmo que Linda achasse injusto, já que nunca tinha um intervalo parecido, ela aceitou. O motivo para que ela não tivesse esse intervalo, segundo eu supunha, era que ela nunca tinha cogitado a possibilidade. E o motivo para que não tivesse cogitado a possibilidade, segundo eu mais uma vez supunha, era

que preferia ter a família reunida a estar sozinha. Mas eu não. Então todas as tardes durante uma hora eu me sentava em um café nas proximidades para ler e fumar. Eu nunca ia ao mesmo café mais do que quatro ou cinco vezes em sequência, porque aí começavam a me tratar como um “habitué”, ou seja, os funcionários me cumprimentavam quando eu entrava e tentavam me impressionar com o conhecimento que tinham a respeito das minhas preferências, tudo, claro, sempre acompanhado de um comentário amistoso sobre um fenômeno qualquer que todos estivessem falando a respeito. Mas para mim o aspecto mais importante de morar em uma cidade grande era poder estar completamente sozinho ao mesmo tempo em que me via rodeado de pessoas por todos os lados. Todas elas com rostos que eu nunca tinha visto antes! A torrente de novos rostos, que não parava nunca, banhar-me nessa torrente era para mim o maior júbilo da cidade grande. O metrô, com a multidão de tipos e de personagens. As praças. As ruas de pedestre. Os cafés. Os grandes shopping centers. Eu me afastava, me afastava cada vez mais, mas nunca conseguia me afastar o suficiente. Então quando um barista começava a me cumprimentar e a sorrir ao me ver, e não apenas me alcançava uma xícara de café antes mesmo que eu fizesse o pedido, mas também me oferecia um croissant grátis, era hora de me distanciar. E não era muito difícil encontrar alternativas, morávamos no centro da cidade, e em um raio de dez minutos ao nosso redor havia centenas de cafés.

Nesse dia segui pela Regeringsgatan em direção ao centro. A rua estava tomada de gente. Pensei na bela mulher da ginástica rítmica para bebês enquanto eu caminhava. O que tinha acontecido? Eu queria ir para a cama com ela, mas achei com razão que não teria nenhuma oportunidade, e mesmo que tivesse eu não iria. Mas nesse caso por que importaria o fato de eu ter me comportado como uma mulher na frente dela?

Pode-se dizer muita coisa a respeito da nossa autoimagem, mas o certo é que não se forma nos frios salões da razão. Os pensamentos são capazes de entendê-la, mas não há força capaz de governá-la. Nossa autoimagem diz

respeito não apenas a quem somos, mas também a quem gostaríamos de ser, poderíamos ser, uma vez fomos. Para a autoimagem não existe diferença entre o real e o hipotético. Nela se encontram todas as idades, todos os sentimentos, todos os impulsos. Quando andava pela cidade com o carrinho de bebê e cuidava da minha filha, eu não tinha a impressão de estar acrescentando coisa nenhuma à minha vida, nem de estar me enriquecendo, pelo contrário, alguma coisa me era subtraída, uma parte de mim, a parte relacionada à masculinidade. Não foi graças aos meus pensamentos que essa situação tornou-se clara para mim, pois meus pensamentos sabiam que eu fazia tudo por um bom motivo, a saber, porque eu e Linda mantínhamos uma relação equilibrada com a nossa filha, mas graças aos meus sentimentos, que me enchiam de desespero quando eu me forçava a caber em uma forma tão pequena e tão exígua que mal oferecia espaço suficiente para eu me mexer. A questão era saber quais seriam os parâmetros válidos. Se a igualdade e a justiça fossem parâmetros bons o suficiente, então não havia nada a dizer quanto aos homens que por toda parte sucumbiam à maciez e à intimidade. Tampouco quanto às salvas de palmas com que eram saudados, pois se a igualdade e a justiça fossem os parâmetros, essa mudança trazia melhoria e progresso inegáveis. Mas havia também outros parâmetros. A felicidade era um, a intensidade da vida outro. E talvez as mulheres que investiam na carreira até perto dos quarenta anos e que no último instante tinham um filho, que depois de alguns meses ficava sob os cuidados do pai antes de ser colocado no jardim de infância para que os dois pudessem continuar investindo na carreira, fossem mais felizes que as mulheres das gerações passadas. Talvez os homens que ficavam em casa cuidando de bebês de colo por seis meses conseguissem aumentar a intensidade da própria vida assim. Talvez as mulheres pudessem mesmo desejar esses homens com braços finos, quadris largos, cabeças raspadas e óculos pretos de designer que falavam com gosto sobre as vantagens e desvantagens de um canguru em relação a um *sling* e discutiam se o melhor seria preparar a comida do

próprio filho ou comprar papinhas ecológicas em potinhos. Talvez os desejassem com toda a força do coração e da alma. Mas se não os desejassem, não faria nenhuma grande diferença, pois os parâmetros eram a igualdade e a justiça, que funcionavam como trunfos em relação a todos os demais aspectos de uma vida e de um relacionamento. Era uma escolha, e a escolha tinha sido feita. Para mim também. Será que eu devia ter ajeitado as coisas de outra maneira, será que devia ter dito a Linda antes que ela engravidasse, escute, eu quero filhos, mas não quero ficar em casa me ocupando deles, tudo bem por você? Em outras palavras, você mesma teria que se encarregar de tudo. Nesse caso ela podia ter dito não, nada bem, ou sim, tudo bem, e teríamos planejado o futuro a partir dessa perspectiva. Mas não foi o que fiz, não fui tão previdente, e assim tive que seguir os exemplos ao meu redor. Na classe e na cultura a que pertencíamos, o resultado era que nós dois assumíamos o papel que antigamente era chamado de papel da mulher. Eu estava amarrado como Odisseu ao mastro: se quisesse me libertar, eu podia, mas não sem perder tudo o que eu tinha. E assim andava com um jeito moderno e afeminado pelas ruas de Estocolmo, com um homem do século XIX furioso dentro de mim. A maneira como eu era visto se transformava como que em um passe de mágica no mesmo instante em que eu punha as mãos no carrinho de bebê. Eu sempre tinha olhado para as mulheres que passavam por mim, como todos os homens fazem desde sempre, é uma ocupação um tanto enigmática, pois não pode conduzir a nada além de um breve olhar de volta, e quando eu via uma mulher realmente bonita, às vezes podia acontecer de eu me virar, sempre de maneira discreta, claro, mas assim mesmo: por quê? Que função cumpriam todos esses olhos, todas essas bocas, todos esses seios e cinturas, pernas e traseiros? Por que ficar olhando? Se afinal em poucos segundos ou em alguns casos minutos eu teria esquecido tudo? De vez em quando uma delas me olhava de volta, e nesses casos eu às vezes soltava um suspiro, quando o olhar durava aquele segundo extra, pois vinha de uma pessoa no meio da multidão, eu não

sabia nada a respeito dela, de onde vinha, como vivia, nada, porém mesmo assim tínhamos nos visto, essa era a questão, e então tudo acabava, ela tinha passado, e a seguir a cena era apagada para sempre da minha lembrança. Quando eu estava com o carrinho de bebê, nenhuma mulher olhava para mim, era como se eu não existisse. Talvez pudesse parecer que era porque com o carrinho eu sinalizava de maneira clara que estava comprometido, mas eu fazia a mesma coisa andando de mãos dadas com Linda e isso nunca tinha impedido mulher nenhuma de olhar para mim. Ah, mas eu não estava levando o que eu merecia, não estava sendo colocado no meu devido lugar, onde já se viu ficar olhando para mulheres quando você tem em casa aquela que deu à luz a sua filha?

Mas não, aquilo não era nem um pouco bom.

Nem um pouco mesmo.

Tonje me contou uma vez sobre um homem que tinha encontrado em um restaurante, era tarde, ele foi até a mesa onde ela estava com os amigos, parecia bêbado, mas também inofensivo, segundo imaginaram, pois disse que tinha acabado de chegar da sala de parto, a namorada dele tinha dado à luz o primeiro filho naquele mesmo dia e ele tinha saído para comemorar. Mas logo o homem começou a dar em cima dela, de maneira cada vez mais insistente, e por fim a convidou para ir à casa dele... Tonje ficou profundamente abalada, se encheu de repulsa, mas também de fascínio, segundo me pareceu, pois como era possível uma coisa daquelas, o que aquele homem estava pensando?

Eu era incapaz de conceber traição maior. Mas eu não fazia a mesma coisa quando buscava os olhares de todas essas mulheres?

Invariavelmente os meus pensamentos se voltavam para Linda, que estava em casa cuidando de Vanja, para os olhos delas, os de Vanja, sempre curiosos ou alegres ou sonolentos, os de Linda, sempre belos. Eu nunca tinha desejado uma pessoa mais forte do que ela, e naquele instante eu não apenas a tinha, mas também a filha dela. Por que eu não conseguia sossegar com isso? Por que eu não conseguia parar de escrever por um ano

e ser o pai de Vanja enquanto Linda terminava o curso? Eu as amava e elas me amavam. Então por que eu continuava a me sentir despedaçado por dentro?

Eu tinha que me envolver ainda mais. Esquecer de tudo ao redor e me concentrar apenas em Vanja e nos dias. Tinha que dar a Linda tudo que ela precisava. Ser uma pessoa boa. Que inferno, será que ser uma pessoa boa estaria fora do meu alcance?

Eu tinha chegado até a loja nova da Sony e estava pensando em entrar na Akademibokhandelen da esquina, comprar uns livros e me sentar no café dentro da livraria quando vi Lars Norén do outro lado da rua. Ele tinha uma sacola da loja da Nike na mão e estava andando na mesma direção de onde eu tinha vindo. A primeira vez que o vi foi algumas semanas depois que nos mudamos para o apartamento aqui, em Humlegården, a névoa envolvia as árvores e em nossa direção veio um homem que mais parecia um *hobbit* todo vestido de preto. Eu olhei nos olhos dele, que eram negros como a noite, e senti um calafrio na espinha, que tipo de homem era aquele? Um feiticeiro?

— Você viu aquele homem? — perguntei a Linda.

— Aquele é o Lars Norén — ela respondeu.

— *Aquele* é o Lars Norén?

A mãe de Linda, que era atriz de teatro, tinha trabalhado com ele em uma peça no Dramaten havia muito tempo, e Helena, a melhor amiga de Linda, que também era atriz, tinha feito a mesma coisa. Linda me contou que Lars Norén tinha falado com ela, totalmente à vontade, e que mais tarde as formulações exatas das frases apareciam na peça, na boca da personagem que ela interpretava. Linda insistia para que eu lesse *Kaos är granne med Gud* e *Natten är dagens mor*, que segundo disse eram peças fantásticas, mas eu nunca as li, a lista de coisas que eu tinha que ler era mais comprida do que esperança de pobre, e até segunda ordem eu teria que me contentar em vê-lo, pois volta e meia aparecia nas ruas, e quando íamos ao Saturnus, o nosso café favorito, não era raro vê-lo sentado em

outra mesa dando uma entrevista ou simplesmente conversando com outra pessoa. Ele não era o primeiro escritor com quem eu havia topado; na padaria em frente à nossa casa uma vez eu vi Kristian Petri, que estive a ponto de cumprimentar, desacostumado como eu estava a encontrar rostos que eu já tivesse visto antes, e uma vez encontrei Peter Englund no mesmo lugar, enquanto Lars Jakobson, que tinha escrito o fantástico *Den røde damens slott*, certa vez entrou no Café Dello Sport quando estávamos lá, e Stig Larsson, por quem eu era obcecado quando tinha vinte anos, e cujo *Natta de mina* tinha me atingido como uma punhalada, eu vi uma vez na área externa do Sturehof, ele estava lendo um livro e o meu coração começou a palpitar como se eu estivesse vendo uma aparição. Outra vez eu o vi no Pelikanen, eu estava com uma pessoa que conhecia o grupo dele, e pude apertar-lhe a mão, seco como um fardo de palha, enquanto ele abriu um sorriso apático para mim. Aris Fioretos eu vi em uma tarde no Forum, Katarina Frostenson também estava lá, e Ann Jäderlund eu encontrei numa festa em Söder. Todos esses autores eu tinha lido enquanto estava em Bergen, na época eram apenas nomes estrangeiros que viviam em um país estrangeiro, e quando pude vê-los em carne e osso, foi como se viessem envoltos na aura daquela época, que trazia consigo um forte sentimento histórico em relação ao presente, eles tinham escrito em nossa época e a deixado repleta de um espírito a partir do qual as pessoas do futuro haveriam de nos compreender. Estocolmo no início do milênio, esse foi o sentimento que tive ao vê-los, e foi um sentimento agradável e poderoso. Que muitos desses autores tivessem alcançado o auge da carreira nos anos 1980 e 1990 e depois sido deixados de lado não me importava nem um pouco, eu não queria saber da realidade, mas da magia. Dentre todos os escritores jovens que tinha lido eu gostava apenas de Jerker Virdborg, o romance *Krabban* tinha conseguido se erguer acima de toda a névoa política e moral que envolvia os demais. Não que fosse um romance excepcional, mas Virdborg estava em busca de uma coisa diferente. Essa era a única obrigação na literatura, em todos os outros aspectos ela

permanecia livre, mas não nesse, e os escritores que o negligenciavam não mereciam nada além de desprezo.

Como eu odiava os periódicos deles! Os artigos que escreviam! Gassilewski, Raattamaa, Halberg. Eram todos péssimos escritores.

Não, melhor não entrar na Akademibokhandeln.

Parei em frente ao cruzamento de pedestres. Do outro lado, na passagem que dava acesso à antiga e tradicional loja NK, tinha um pequeno café no shopping center, e foi para onde decidi ir. Mesmo que eu fosse para lá com razoável frequência, o fluxo de pessoas era tão intenso e o ambiente tão anônimo que era possível desaparecer mesmo assim.

Encontrei uma mesa vaga junto da balaustrada em frente à escada que descia até a loja de artigos de construção que ficava no subsolo. Pendurei a jaqueta na cadeira, larguei o livro em cima da mesa com a capa para baixo e a contracapa para cima, para que ninguém soubesse o que eu estava lendo, e entrei na fila em frente ao balcão. Os três que trabalhavam no café, duas mulheres e um homem, pareciam ser irmãos. A mais velha, que naquele instante estava em frente à máquina de café que chiava, tinha um visual e uma aparência como em geral se veem apenas em revistas, e essa característica chegava quase a dissipar o desejo que eu sentia ao vê-la se mexer atrás do balcão, como se o mundo em que eu vivia fosse incompatível com o dela, o que a bem dizer era verdade. Não havia nenhum ponto de contato entre nós dois, a não ser o olhar.

Merda. Eu tinha começado tudo outra vez.

Por acaso eu não tinha dito que ia parar?

Peguei uma nota amarrotada de cem no bolso e a alisei na palma da mão. Deixei meu olhar correr pelos outros clientes, que estavam quase todos sentados numa cadeira com todas as reluzentes sacolas de compras em outra. Botas e sapatos lustrosos, vestidos bem cortados, sobretudos e casacos, uma ou outra gola de pele, uma ou outra corrente de ouro, peles velhas e olhos velhos em órbitas velhas e pintadas. Tomei o meu café, comi o meu doce. Eu daria qualquer coisa para saber o que as pessoas

estavam pensando enquanto ficavam naquele lugar. Para saber como viam o mundo. Imagine se fosse de uma maneira radicalmente diferente da minha? Eu estava feliz com o couro preto do sofá, a superfície escura e o gosto amargo do café, sem falar na ilha amarela de creme de pasteleiro em meio ao terreno sinuoso e fendido da massa amanteigada. Imagine que o mundo inteiro cantasse naquelas pequenas coisas. Imagine que as pessoas estivessem cheias a ponto de explodir com as inúmeras dádivas naquele dia. Como as sacolas de compras, por exemplo, equipadas com alças presas de maneira extravagante e engenhosa no lugar dos simples pegadores de papelão que vêm colados nas sacolas de supermercado. E os logos, que alguém tinha investido dias e semanas desenhando, cheio de conhecimento e competência, para depois receber comentários a respeito em reuniões com outros departamentos, aprimorar o trabalho, talvez mostrar provas para os amigos e familiares, passar noites em claro, pois era óbvio que alguém não teria gostado, apesar de todo o cuidado e de toda a engenhosidade com que tinha sido pensado, até que enfim chegasse o dia em que haviam de se tornar realidade, para naquele instante encontrar-se, por exemplo, no colo da mulher de cinquenta anos com o cabelo duro e quase amarelo que estava lá sentada.

Mas talvez ela não parecesse tão entusiasmada. Tinha uma expressão que sugeria um momento contemplativo. Cheia de uma profunda alegria interior depois de uma vida longa e feliz? Uma vida em que o contraste perfeito entre a cerâmica branca, dura e fria da xícara e o líquido preto, fluido e quente do café não era mais do que o ponto final temporário de um passeio entre as coisas e os fenômenos do mundo? Pois certa vez não tinha visto as dedaleiras em flor em meio às pedras? Não tinha visto um cachorro mijar em um poste no parque em um dos fins de tarde enevoados que enchem a cidade de misticismo e beleza? Pois, ah, ah, o ar não se encontra repleto de minúsculas partículas de chuva, que não apenas cobrem a pele e a lã, o metal e a madeira como um filme, mas também refletem a luz ambiente, de maneira que mesmo em meio ao cinza tudo

cintila e reluz? Não tinha visto um homem primeiro quebrar a janela do porão no outro lado do quintal para depois abri-lo e se esgueirar para dentro a fim de roubar alguma coisa? Os caminhos das pessoas são mesmo estranhos e singulares! Por acaso a mulher não tinha um pequeno suporte de metal com um saleiro e um pimenteiro, ambos de vidro canelado, mas com tampas feitas de metal idêntico ao do suporte, cheias de buraquinhos, para que o sal e a pimenta pudessem respectivamente *cair*? E no que não os tinha visto cair! Bifes de porco, pernis de cordeiro, opulentos omeletes amarelos com pedacinhos verdes de cebolinha, sopas de ervilha e bifes de gado. Quase transbordando com tantas impressões, que individualmente, com os sabores, cheiros, cores e formas que encerravam, eram em si mesmas uma vivência para a vida inteira, talvez não fosse estranho que buscasse um pouco de paz e sossego no lugar onde estava, sem parecer interessada em levar *mais* do mundo para dentro de si.

O pedido do homem na minha frente por fim tinha chegado ao balcão, três cafés *latte*, sem dúvida um pedido infinitamente complexo de preparar, e a atendente de cabelos pretos na altura dos ombros, lábios delicados e olhos pretos que tão depressa se enchiam de vida quando viam um conhecido, esses olhos enxergavam, mas naquele instante estavam neutros, e olharam para mim.

— Um café preto? — ela perguntou antes que eu pudesse dizer qualquer coisa.

Fiz um gesto afirmativo com a cabeça e suspirei quando ela se virou para buscar o café. Então aqui também haviam percebido o homem alto e triste com manchas de comida de bebê nas blusas que nunca lavava o cabelo.

Nos poucos segundos que ela demorou para arranjar uma xícara e enchê-la de café eu deixei meu olhar acariciá-la. Ela também usava botas de inverno pretas na altura do joelho. Era a moda do inverno, e desejei que durasse para sempre.

— Aqui está — ela disse ao me entregar a xícara.

Estendi a nota de cem, a atendente a pegou com os dedos de unhas bem-feitas, percebi que o esmalte era transparente, ela contou o troco no caixa e largou as notas e moedas na minha mão enquanto o sorriso que tinha me dado se transferiu para três amigas atrás de mim na fila.

A visão do livro de Dostoiévski em cima da mesa não era exatamente tentadora. O limite para o quanto eu podia ler se tornava cada vez maior quanto menos eu lia, um típico círculo vicioso. Além do mais eu não gostava de estar no mundo descrito por Dostoiévski. Independente do quanto eu me sentisse arrebatado, e independente da minha admiração pelo que ele fazia, eu não conseguia evitar o sentimento de desgosto que os livros dele causavam em mim. Ou melhor, não era desgosto. Desconforto era a palavra. Eu sentia um grande desconforto no mundo de Dostoiévski. Assim mesmo abri o livro e me acomodei no sofá para ler, depois de lançar um breve olhar ao redor para me certificar de que ninguém estava me vendo.

Antes de Dostoiévski, o ideal, e até mesmo o ideal cristão, era sempre puro e forte, pertencia ao céu e permanecia inalcançável a quase todas as pessoas. A carne era fraca, a mente frágil, mas o ideal era sempre imutável. O ideal consistia em ansiar pelas alturas, resistir, entrar na batalha. Nos livros de Dostoiévski tudo é humano, ou melhor, o humano é tudo, inclusive os ideais, que assim são virados de ponta-cabeça: passam a ser alcançados graças a uma desistência, a um descontrole, a uma ausência, e não a uma presença, da vontade. A humilhação e o aniquilamento de si próprio são os ideais nos romances mais importantes de Dostoiévski, e toda a grandeza reside no fato de que esses ideais nunca se realizam no interior da ação, porque esse é justamente o resultado da humilhação e do aniquilamento de si próprio que levou a cabo na condição de autor. Ao contrário da maioria dos outros grandes escritores, o próprio Dostoiévski não aparece nos romances que escreveu. Não existe nenhum brilhantismo

nas frases capaz de fazer com que se destaque, nenhuma moral derradeira que se deixe apreender, ele usa todo o engenho e toda a arte para conferir individualidade às pessoas, e como existem muitas coisas nas pessoas que resistem à humilhação e ao aniquilamento de si próprias, essa batalha e essa atividade permanecem sempre mais intensas do que a passividade da graça e do perdão em que se diluem. A partir desse ponto é possível examinar por exemplo o conceito de niilismo em Dostoiévski, que nunca parece real, mas sempre apenas uma ideia fixa, uma parte da constelação histórica das ideias em uma linha do tempo, justamente porque o humano surge em toda parte, sob as mais diversas formas, desde as mais grotescas e animais até as mais aristocráticas e refinadas, passando também pelo ideal sujo, pobre e alheio ao esplendor do mundo proposto por Jesus, e assim confere significado a tudo, inclusive a uma discussão sobre o niilismo. Em um escritor como Tolstói, que também escreveu e influenciou a época de grandes tumultos que foi a primeira metade do século passado, e que também sofreu com todas as angústias religiosas e morais do mundo, tudo surge de maneira diferente. São longas descrições de paisagens e interiores, costumes e trajes típicos, é a fumaça que sai da espingarda depois que um tiro é disparado, é o estampido que volta em um eco sombrio, é o pulo do bicho alvejado pouco antes da queda e o sangue que solta fumacinha ao escorrer pelo chão da floresta. Discute-se a caça com explicações longas e abrangentes, que não pretendem ser nada além disso mesmo, um registro fiel de um fenômeno objetivo enfiado em uma narrativa repleta de outros acontecimentos. Esse peso das ações e das coisas não existe em Dostoiévski, tem sempre algo escondido por trás de tudo, um drama da alma, e assim é possível concluir que sempre existe um aspecto humano ausente, a saber, aquilo que nos liga a tudo aquilo que está fora de nós. São muitos os ventos que sopram através do homem, e nele existem outras formações além das profundezas da alma. Os autores do Velho Testamento sabiam disso melhor do que ninguém. É nele que se encontra a mais rica e a mais inigualável descrição das possíveis formas de

manifestação do homem, onde todas as formas imagináveis da vida se encontram representadas, a não ser aquela que para nós é a única válida, a saber, a vida interior. A divisão de tudo que é humano em consciente e inconsciente, racionalidade e irracionalidade, em que uma coisa sempre explica ou expande a outra, e a compreensão de Deus como algo em que podemos mergulhar nossa alma para que a batalha cesse e a paz se instaure, são conceitos novos, intrinsecamente ligados a nós e à época em que vivemos, que não sem motivo também fizeram com que as coisas nos escapassem, assimilando-as ao nosso conhecimento a respeito delas ou à imagem que temos delas ao mesmo tempo em que viramos a relação entre o homem e o mundo de ponta-cabeça: onde antes era o homem que vagava pelo mundo, agora é o mundo que vaga pelo homem. E quando o sentido muda, a falta de sentido segue logo atrás. Não é mais o afastamento de Deus que nos expõe à noite, isso aconteceu no século XIX, quando o que ainda restava do humano tomou conta de tudo, como se pode ver em Dostoiévski e Munch e Freud, onde o homem, talvez por necessidade, talvez por vontade, se tornou o próprio céu. Mas a partir desse ponto não se podia dar mais um passo atrás sem que todo o sentido desaparecesse. Então ficou claro que havia um céu acima do humano, e que não era apenas vazio, negro e frio, mas também infinito. Qual era o valor do homem nesse universo? O que era o homem na terra senão um bicho entre outros bichos, uma vida entre outras vidas, que se manifestava de maneira idêntica como algas no mar ou cogumelos na floresta, ovas na barriga de um peixe, ratos em um ninho ou um amontoado de conchas em um escolho? Por que faríamos uma coisa mas não a outra se de qualquer modo não havia nenhum objetivo e nenhuma direção na vida a não ser nos amontoar, viver e então morrer? Quem se perguntava sobre o valor da vida, quando havia desaparecido para sempre, transformado em um punhado de terra úmida e um punhado de ossos amarelados e frágeis? O crânio do morto não dava um sorriso zombeteiro na sepultura? Que papel desempenhavam as mortes sob aquela perspectiva? Ah, havia outras

perspectivas, pois o mesmo mundo não poderia ser visto como um milagre de córregos frios e vastas florestas, conchas espiraladas e grutas profundas, veias sanguíneas e dobramentos corticais, planetas desertos e galáxias em expansão? Claro, sem dúvida, pois o sentido não é algo que recebemos, mas algo que atribuímos. A morte torna a vida sem sentido porque tudo aquilo pelo que lutamos acaba com ela, mas também confere sentido à vida porque essa sombra transforma a pouca vida que temos em algo inestimável, em que cada instante é precioso. Mas na minha época a morte foi removida, ela não existia mais, a não ser como um elemento constante em todas as revistas, noticiários e filmes, onde não marcava o fim de um processo, a descontinuidade, mas por conta da repetição diária continha justamente um anseio contrário por esse mesmo processo, pela continuidade, e assim havia estranhamente se transformado em um conforto e em uma fortaleza. A queda de um avião era um ritual, acontecia a intervalos regulares, incluía sempre os mesmos elementos e jamais fazíamos parte daquilo. Conforto, mas também emoção e intensidade, pois imagine o horror daquelas pessoas nos últimos segundos... Quase tudo que víamos e fazíamos continha essa intensidade, que era liberada em nós mas que não dizia respeito a nós. O que era aquilo? Será que estávamos vivendo a vida dos outros? Claro, tudo o que não tínhamos e não vivíamos, tínhamos e vivíamos mesmo assim, pois víamos e participávamos sem que precisássemos estar lá. Não apenas de vez em quando, mas todos os dias... E não apenas eu e todas as pessoas que eu conhecia, mas culturas inteiras, grandes culturas, e na verdade quase todas as que existiam, quase toda a maldita humanidade. A humanidade tinha explorado tudo e se apropriado de tudo, como o mar faz com a chuva e com a neve, não havia mais uma única coisa ou um único lugar que não tivéssemos encampado, e assim enchido de humanidade: nossa compreensão havia estado lá. Para o divino, o humano seria eternamente ínfimo e insignificante, e deve ter sido graças ao enorme valor dessa perspectiva, que talvez só possa ser comparado ao valor que tinha a compreensão de que o conhecimento foi

também sempre uma queda, que a noção do divino permaneceu conosco, e que agora acabou. Afinal, quem ruminava a falta de sentido na vida? Os adolescentes. Eram os únicos que se ocupavam de questões existenciais, e por conta disso apresentavam traços pueris e imaturos, de maneira que se tornou duplamente impossível para um adulto se ocupar delas e ao mesmo tempo manter o sentimento de decência intacto. Mas não chegava a ser estranho, pois o ímpeto vital nunca arde com mais força do que na adolescência, quando entramos no mundo pela primeira vez e todos os sentimentos são sentimentos novos. Então os adolescentes ficam lá, cheios de grandes pensamentos em órbitas pequenas, olhando de um lado para outro à procura de uma abertura por onde possam mandá-los para longe antes que a pressão aumente demais. E quem acabam encontrando mais cedo ou mais tarde senão o velho tio Dostoiévski? Dostoiévski virou um escritor de livros para adolescentes, a questão do niilismo virou uma questão adolescente. Não é fácil explicar como isso aconteceu, mas o resultado de um jeito ou de outro é que toda aquela enorme problemática é interdita como incapaz, ao mesmo tempo em que toda a força crítica é levada para a esquerda, onde se dispersa em conceitos de justiça e igualdade, que na verdade são os mesmos que legitimam e promovem o desenvolvimento da sociedade e da vida sem abismos que nela vivemos. A diferença entre o niilismo do século XIX e o nosso é a diferença que existe entre o vazio e a igualdade. Em 1949 o escritor alemão Ernst Jünger escreveu que no futuro havíamos de nos aproximar de um Estado mundial. Hoje, com uma democracia liberal que logo há de reinar absoluta nas diferentes esferas da sociedade, parece que ele tinha razão. Somos todos democratas, somos todos liberais, e as diferenças entre os Estados, as culturas e as pessoas estão cada vez menores em toda parte. E esse movimento, o que é no fundo senão um movimento niilista? “O mundo niilista é em essência um mundo que se reduz cada vez mais, o que necessariamente corresponde a um movimento em direção ao ponto zero”, escreveu Jünger. Um exemplo dessa redução pode ser observado por

exemplo quando Deus é concebido como “o bom”, ou na predisposição a encontrar um denominador comum para todas as tendências complexas que existem no mundo, ou na predisposição à especialização, que é uma outra forma de redução, ou na vontade que transforma tudo em números, tanto a beleza quanto a floresta quanto a arte quanto os corpos. Pois o que é o dinheiro, senão uma grandeza que iguala até mesmo as coisas mais desiguais, de maneira que possam ser convertidas umas nas outras? Ou ainda como Jünger escreveu: “Pouco a pouco todas as áreas são conduzidas a esse denominador comum, e até mesmo um campo tão afastado da causalidade como os sonhos”. Em nosso século até os nossos sonhos são iguais, até os sonhos são convertidos em outras coisas. Valor idêntico é apenas outra maneira de dizer indiferente.

Essa é a noite em que nos encontramos.

Notei que o número de pessoas ao meu redor tinha diminuído, e que as ruas lá fora estavam escuras, mas só quando deixei o livro de lado e fui pegar mais uma xícara me ocorreu que aquilo era um sinal de que o tempo havia passado.

Eram dez para as seis.

Merda.

Eu tinha dito que estaria em casa às cinco. E ainda por cima era sexta-feira, quando sempre fazíamos um jantar especial e aproveitávamos um pouco mais a noite.

Pelo menos essa era a ideia. Cacete. Puta que pariu.

Vesti a jaqueta, enfiei o livro no bolso e saí às pressas.

— Até mais! — disse a garçonete enquanto eu saía.

— Até mais — respondi sem nem ao menos me virar. Eu ainda tinha que fazer compras antes de ir para casa. Primeiro entrei no Systembolaget em frente à nossa casa, peguei às cegas um vinho tinto da prateleira mais cara, depois de ver que tinha no rótulo a cabeça de um boi, segui pela passagem de acesso ao shopping center, que era grande e luxuoso e sempre fazia com que eu me sentisse desleixado e à margem da sociedade, fui até a escada e descii ao supermercado no subsolo, onde a oferta de mercadorias era a mais exclusiva de Estocolmo, e onde uma parte considerável dos nossos recursos ia parar, não porque fôssemos gourmets, mas porque éramos preguiçosos demais para ir até o supermercado mais barato na Birger Jarlsgatan, e porque eu era completamente indiferente ao valor do dinheiro, de modo que se por um lado eu não pensava duas vezes antes de esbanjar, por outro eu também não sentia falta quando não tinha. Claro que era uma estupidez, assim a vida ficava mais difícil do que precisava ser. Eu podia muito bem ter uma economia doméstica pequena, mas regular e organizada, em vez de jogar todo o dinheiro pela janela assim que eu recebesse para então viver os três anos seguintes apenas com o mínimo necessário. Mas quem aguenta pensar dessa forma? Eu, pelo menos, não.

Então fui até o balcão das carnes, onde estava um entrecôte maturado de uma fazenda em Gotland, que no entanto era vertiginosamente caro nas circunstâncias em que eu me encontrava, e que ainda por cima até para mim dava a impressão de ser delicioso, e onde também havia potes de plástico com molhos caseiros que resolvi levar antes de pegar também um saco de batatas, tomates, brócolis e champignons. Vi que havia framboesas frescas e peguei uma caixa, me apressei até a seção de congelados e encontrei o sorvete de baunilha da pequena marca que mal havia começado a produzir, e por último fui buscar um pacote daqueles negócios franceses que parecem biscoitos e são muito gostosos, no outro lado da loja, onde felizmente também havia um caixa.

Ai, ai, ai, já eram seis e quinze.

Não era apenas o fato de que eu tinha ficado longe de casa meia hora mais do que eu devia, e que Linda estava me esperando, mas a noite também ficaria mais curta, já que íamos cedo para a cama. Para mim não fazia a menor diferença, eu podia muito bem comer pão em frente à televisão e me deitar às sete e meia se fosse o caso, mas era por Linda.

Para piorar as coisas ainda mais eu tinha feito uma miniturnê de leituras durante três dias e estava de viagem marcada para Oslo para dar uma palestra no fim de semana seguinte, então a corda estava ainda mais curta do que o normal.

Larguei as compras no balcão de metal, que girou lentamente para levá-las em direção à funcionária no caixa. Ela ergueu os itens um por um e os girou no ar até que o código de barras ficasse sob o fecho do leitor a laser, largando-os em cima da esteira preta quando o leitor apitava, tudo com os movimentos de um sonâmbulo, como se estivesse em um sonho. A luz acima de nossas cabeças era muito forte e não deixava a menor imperfeição da pele se ocultar. A caixa tinha os cantos da boca marcados, não porque fosse velha, mas porque tinha bochechas muito grandes e carnudas. Toda a cabeça dela era um amontoado de carne túrgida. Todo o dinheiro que havia gastado com o cabeleireiro não ajudava a melhorar a

impressão causada pelo conjunto, seria como querer pentear os cabelinhos verdes de uma cenoura.

— Quinhentas e vinte coroas — ela disse, olhando para as unhas, que por um breve instante foram abertas como um leque. Passei o cartão pelo leitor e digitei a senha. Enquanto eu olhava para o mostrador e esperava que a compra fosse aprovada, notei que eu tinha esquecido de uma sacola. Quando isso acontecia eu sempre me dispunha a pagar a sacola com satisfação, para ninguém achar que eu tinha esquecido de propósito, na esperança de que simplesmente dissessem que eu podia levar uma de graça, como tantas vezes diziam. Mas naquela hora eu não tinha nenhum dinheiro, e seria uma cretinice passar de novo o cartão por causa de um valor tão pequeno. Por outro lado, que importância tinha o que a funcionária do caixa pensava a meu respeito? Afinal, ela era gorda.

— Esqueci de pegar uma sacola — expliquei.

— São duas coroas — ela respondeu.

Peguei uma sacola da parte de baixo do caixa e passei o cartão mais uma vez.

— Você não tem dinheiro? — ela perguntou.

— Não, infelizmente não.

Ela abanou com a mão.

— Mas posso muito bem pagar — insisti. — Não é esse o problema.

Ela abriu um sorriso cansado.

— Pode pegar uma sacola.

— Obrigado — agradei, guardando as compras e seguindo em direção à escada, que por aquele lado subia em direção a um saguão com objetos de uma firma de leilões expostos ao longo das paredes. Quando saí, a NK estava do outro lado da rua, brilhando na escuridão. Havia uma rede de galerias subterrâneas no âmago da cidade, de Passasjen era possível descer ao subsolo da NK, continuar por uma rua de comércio subterrâneo que pelo lado direito dava acesso a outro shopping center, o Gallerian, e mais além dava acesso pelo mesmo lado à Kulturhuset, e que em frente seguia

até Plattan, e portanto à T-Centralen, de onde saíam túneis que seguiam até a estação de trem. Nos dias chuvosos eu andava sempre por lá, mas nos outros também, porque eu tinha uma atração pelas coisas subterrâneas, tinham uma atmosfera de conto de fadas, que sem dúvida vinha da infância, quando uma gruta era a coisa mais fantástica que podia existir. Lembro de um inverno em que haviam caído dois metros de neve, pode ter sido em 1976 ou 1977, e num fim de semana cavamos buracos ligados por túneis que ao longo do fim de semana se expandiram até o terreno do vizinho. Estávamos como que possuídos e enfeitiçados com o resultado quando a noite caiu e pudemos nos enfiar debaixo da neve e conversar.

Naquele instante eu passava por um bar americano cheio de gente, era sexta-feira e as pessoas tinham ido até lá para tomar uma cerveja depois do expediente, ou antes que a noitada começasse de verdade, todos estavam sentados com jaquetas grossas penduradas nas cadeiras e sorrindo e bebendo com rostos corados, a maioria na casa dos quarenta anos, enquanto homens e mulheres jovens e magros com aventais pretos andavam de um lado para o outro anotando pedidos, largavam bandejas com cerveja em cima da mesa e recolhiam copos vazios. O barulho de todas aquelas pessoas felizes, o burburinho convidativo e agradável, com surtos de gargalhadas ocasionais, veio a meu encontro quando a porta se abriu e um grupo de cinco pessoas parou no lado de fora, todas ocupadas fazendo uma coisa ou outra, fosse procurar cigarros ou batom na bolsa ou discar um número no celular e levá-lo cheio de expectativa para junto da orelha enquanto o olhar se perdia no outro lado da rua, ou então procurava um conhecido para dar um sorriso, nada mais, apenas um sorriso amistoso.

— Um táxi para a Regeringsgatan... — ouvi uma voz dizer atrás de mim. Ao longo da rua uma fila de carros avançava devagar e triste, os rostos estavam iluminados pelo brilho da iluminação pública, que lhes conferia uma aura mística, a não ser o rosto do motorista, que vinha iluminado pela luz azulada do painel. Em alguns carros se ouviam as batidas do baixo e da bateria. Do outro lado da rua as pessoas saíam da NK, onde uma voz no

sistema de alto-falantes logo anunciaria que o shopping center estaria fechando dentro de quinze minutos. Grossas peles, cachorrinhos abanando o rabo, sobretudos de lã, luvas de couro, sacolas amontoadas. Uma que outra jaqueta estofada, uma que outra calça comprida, uma que outra touca de tricô. Depois uma mulher apareceu correndo, ela segurava a touca com uma mão enquanto as abas do casaco aberto esvoaçavam ao redor das pernas. Por que estaria correndo? Ela tinha uma expressão quase séria, e me virei para vê-la. Mas não aconteceu nada, ela simplesmente desapareceu ao dobrar a esquina em direção ao Kungsträdgården. Em grades próximas à parede estavam sentados três mendigos. Um tinha um cartaz de papelão, onde estava escrito com pincel atômico que precisava de dinheiro para ter um lugar onde dormir à noite. Uma touca com algumas moedas estava logo ao lado. Os outros dois estavam sentados bebendo. Olhei para o lado contrário ao passar por eles, atravessei a rua junto à Akademibokhandelen e continuei depressa ao longo das fachadas severas e sem rosto pensando em Linda, que talvez estivesse brava, que talvez estivesse pensando que a noite tinha sido arruinada porque eu não tinha a mínima vontade de estar em casa com a minha família. Atravessei mais um cruzamento em direção ao restaurante italiano caro e olhei de relance para o café Glenn Miller, onde duas pessoas estavam saindo de um táxi, e depois desviei o olhar para o Nalen. O enorme ônibus de uma banda cercado por fãs estava estacionado lá, com um ônibus da Sveriges Radio logo atrás. De lá saíam grossos feixes de cabos que se espalhavam pela calçada, e tentei em vão descobrir quem tocaria naquela noite antes de subir os três degraus em frente à porta, digitar o código da fechadura e entrar. No que comecei a subir a escada, ouvi uma porta se abrir e bater no andar de cima. A dizer pelo barulho, imaginei ser a russa. Mas era tarde demais para subir de elevador, e assim continuei pela escada e, como eu tinha imaginado, no instante seguinte a russa passou descendo por mim. Ela fez de conta que não me viu. Cumprimentei-a mesmo assim.

— Olá! — eu disse.

Ela também balbuciou qualquer coisa, mas só depois de ter passado por mim.

A russa era uma vizinha saída do inferno. Nos sete primeiros meses em que moramos lá o apartamento dela estava desocupado. Mas uma vez, à uma e meia da madrugada, acordamos com um baque no corredor, era a porta do apartamento dela que tinha batido, e pouco depois alguém ligou uma música tão alta lá embaixo que não conseguíamos ouvir um ao outro dentro do nosso próprio apartamento. Eurodisco, com um baixo e uma bateria que faziam o chão vibrar e as janelas tremerem. Era como se o aparelho de som estivesse ligado em volume máximo dentro do nosso quarto. Linda, que estava no oitavo mês de gravidez, já estava tendo dificuldades para dormir, mas nem eu, que em geral durmo um sono pesado independente de qualquer barulho, consegui sequer pregar o olho. Entre uma música e outra nós a ouvíamos aos gritos e aos berros. Nos levantamos e fomos até a sala. Será que devíamos ligar para o número de auxílio em situações como aquela? Eu não queria, era um comportamento sueco demais para mim, não seria mais simples descer e tocar a campainha? Claro, mas nesse caso eu teria que descer. E foi o que fiz, desci e toquei a campainha, mas não adiantou, então comecei a bater na porta, mas ninguém apareceu. Mais meia hora na sala. Talvez aquilo fosse simplesmente passar a qualquer momento? No fim Linda estava tão furiosa que ela mesma desceu e de repente a mulher abriu a porta. E foi totalmente compreensiva! Ela deu um passo à frente e tocou na barriga de Linda, imagine, você está esperando um bebê, ela disse num sueco com sotaque russo, me desculpe, me perdoe, mas o meu marido me abandonou e eu não sei o que fazer, você me entende? Um pouco de música e de vinho podem me ajudar aqui no frio da Suécia. Mas você está esperando um bebê e tem que dormir, querida.

Feliz por ter conseguido o que queria, Linda subiu de volta ao nosso apartamento e me contou o que a russa tinha dito antes que voltássemos ao quarto para nos deitar. Dez minutos depois, quando eu tinha acabado de

cair no sono, aquele espetáculo doentio começou outra vez. A mesma música no mesmo volume ensandecido, com os mesmos berros entre uma música e outra.

Nos levantamos e fomos para a sala. Eram quase três e meia. O que fazer? Linda queria ligar para o telefone de auxílio, mas eu não queria, afinal, mesmo que a reclamação fosse anônima, já que a patrulha contra a perturbação do sossego não revelava o nome da pessoa que havia feito a ligação e reclamado, era óbvio que a russa ia saber, e, instável como era, essa seria apenas uma forma de arrumar problemas no futuro. Sugeri a Linda esperar que aquilo passasse, e na manhã seguinte escrever uma carta amigável, dizendo que nós dois tínhamos sido compreensivos e tolerantes, mas que aquele nível de barulho em plena noite era realmente inaceitável. Linda se deitou no sofá, respirando fundo com a barriga enorme para o ar, eu me deitei no quarto e uma hora mais tarde, quando já eram quase cinco, enfim a música parou. No dia seguinte Linda escreveu a carta, deixou-a na caixa de correspondência da russa antes que saíssemos de casa pela manhã e tudo continuou em silêncio até as seis horas da tarde, quando de repente começamos a ouvir pancadas e batidas em nossa porta. Fui abrir. Era a russa. O rosto alcoolizado e com dentes arreganhados estava branco de raiva. Na mão ela tinha a carta de Linda.

— Que merda é essa? — ela perguntou aos gritos. — Como vocês *se atrevem*? Na minha própria casa! Vocês nem inventem de me dizer o que eu posso ou não posso fazer na minha própria casa!

— É uma carta amigável... — tentei explicar.

— Mas eu não quero falar com você! — ela retrucou. — Quero falar com a pessoa que tem poder de decisão por aqui!

— Como assim?

— Não é você quem manda nessa casa. Você é escorraçado para a rua quando quer fumar. Fica passando vergonha e humilhação no pátio. Você acha que eu não vejo? Eu quero falar com a sua mulher.

A russa deu alguns passos à frente e tentou passar por mim. Ela fedia a bebida.

Senti o coração bater forte no meu peito. A raiva era a única coisa que me dava medo de verdade. Eu nunca conseguia evitar o sentimento de fraqueza que sempre tomava conta do meu corpo nessas horas. Minhas pernas ficavam bambas, meus braços fracos, minha voz hesitante. Mas talvez ela não percebesse.

— Você vai ter que falar comigo mesmo — eu disse enquanto dava um passo em direção a ela.

— Não! — a russa protestou. — Foi ela que escreveu a carta. É com ela que eu quero falar!

— Me escute — eu disse. — Você estava ouvindo música em um volume absurdo tarde da noite. Era completamente impossível dormir. Você não pode fazer uma coisa dessas. E você sabe que não pode.

— Não é *you* quem vai me dizer o que eu devo ou não fazer!

— Não, talvez não — respondi. — Mas existe uma coisa chamada horário de silêncio. E esse silêncio precisa ser respeitado por todos os que moram no prédio.

— Você sabe o quanto eu pago de aluguel? — ela me perguntou. — Cinquenta mil coroas! E eu moro nesse prédio há oito anos! Nunca recebi nenhuma reclamação antes. E agora vocês chegam se achando cheios de razão. Esnobezinhos metidos. “Eu estou grávida.”

Ao dizer esta última frase ela fez uma pantomima de pessoas afetadas, apertando os lábios e meneando a cabeça. Tinha os cabelos embaraçados, a pele pálida, as bochechas inchadas, os olhos arregalados.

Ela me encarou com fogo no olhar. Olhei para baixo. A russa se virou e desceu a escada.

Fechi a porta e me virei em direção a Linda, que estava de pé junto à parede do corredor.

— Ótimo — eu disse.

— Você está pensando na carta? — Linda perguntou.

— É — respondi. — Agora nos demos bem.

— Por acaso é minha culpa? Ela é quem está totalmente descontrolada!
Não posso fazer nada.

— Relaxe — eu disse. — Nós dois não somos inimigos.

Do apartamento de baixo vinha uma música tão alta quanto na noite anterior. Linda me encarou.

— Vamos sair? — perguntou.

— Não me agrada muito a ideia de ser expulso — eu disse.

— Mas não temos condições de ficar aqui.

— Não.

Enquanto nos vestíamos a música parou. Talvez estivesse alta demais até mesmo para ela. Mas saímos mesmo assim, fomos até Nybroplan para ver o mar, as luzes cintilavam na água escura e uma grande camada de neve derretida tinha se acumulado na proa do ferry para Djurgården que estava chegando. O Dramaten se erguia como um castelo no outro lado da rua. Aquele teatro era um dos prédios que eu mais gostava na cidade. Não porque fosse bonito, o que aliás não era, mas porque tinha uma atmosfera diferente, bem como todo o lugar ao redor. Talvez porque o tom das pedras fosse tão claro, quase branco, e as superfícies tão amplas, que o prédio inteiro reluzia, mesmo nos dias mais escuros e chuvosos. Com o vento constante do mar e as bandeiras tremulantes defronte à entrada o espaço onde o teatro situava-se parecia mais amplo, e assim não havia nada do elemento esmagador tantas vezes presente em construções monumentais. Não parecia uma montanha à beira-mar?

Andamos de mãos dadas pela Strandgaten. A superfície da água até Skeppsholmen estava completamente às escuras. Quando a rua se iluminava somente em umas poucas casas surgia um ritmo estranho na cidade, era como se tudo acabasse, como se tudo desse vez à natureza e ao esquecimento para então ressurgir outra vez na margem oposta, onde Gamla Stan, Slussen e toda a parte elevada em direção a Söder brilhavam e cintilavam e murmuravam.

Linda contou histórias sobre o Dramaten, onde na prática tinha crescido. A mãe de Linda era a única pessoa responsável por ela e pelo irmão, e por isso os dois muitas vezes tinham estado juntos nos ensaios e apresentações. Para mim era uma ideia mitológica, para Linda um detalhe trivial sobre o qual sem dúvida teria preferido não falar e tampouco haveria falado se não fosse eu a perguntar. Ela sabia tudo a respeito dos atores, sobre as vaidades e os impulsos autodestrutivos, sobre as angústias e as intrigas, e dizia que os melhores eram frequentemente os mais idiotas, os que menos entendiam o que se passava, que um ator intelectualizado era uma contradição, porém mesmo que desprezasse a carreira de ator, desprezasse os maneirismos e as pompas, a vida e os sentimentos vazios e baratos e voláteis, havia poucas coisas que valorizasse mais do que os triunfos no palco quando os atores estavam no ápice da boa forma, Linda falava com entusiasmo por exemplo sobre a montagem de *Peer Gynt* feita por Bergman, a que ela tinha assistido inúmeras vezes desde a época em que trabalhava no vestiário do teatro, mas também sobre o barroco e o burlesco, ou sobre a montagem de *Ett drömspel* feita por Wilson no Stockholm Stadsteater, quando tinha trabalhado na dramaturgia, sem dúvida mais limpa e mais estilizada, porém igualmente mágica. Houve uma época em que Linda também queria ser atriz, chegou até a última prova da Teaterskolen dois anos seguidos, mas quando foi rejeitada na segunda vez ela desistiu, nunca iam aceitá-la, e assim resolveu concentrar esforços em outra área, procurou a escola de escritores em Biskops-Arnö e estreou com um livro de poemas que escreveu no ano seguinte.

Naquele momento ela me contava sobre a vez em que tinha acompanhado uma turnê. Os atores do Dramaten, a companhia itinerante de Bergman, eram recebidos como astros aonde quer que fossem, e dessa vez a viagem tinha sido a Tóquio. Os grandes atores suecos entraram, cheios de si e bêbados, em um dos restaurantes mais chiques da cidade, mas ninguém cogitou tirar os sapatos ou se deixar levar pela atmosfera do lugar, tudo se resumiu a agitar os braços, apagar os cigarros nos copos de

saquê e chamar o garçom aos gritos. Linda estava de saia curta, batom vermelho, cabelos pretos com um corte de pajem, cigarro na mão e meio apaixonada por Peter Stormare, que estava junto. Tinha apenas quinze anos e deve ter sido uma visão grotesca aos olhos dos japoneses, segundo ela mesma. Mas obviamente ninguém sequer ergueu a sobrancelha, os japoneses continuaram andando ao redor em silêncio como se nada tivesse acontecido, mesmo quando um dos atores atravessou uma parede de papel e despencou no chão.

Ela riu ao contar a história.

— Na hora de ir embora — disse ela enquanto olhava em direção a Djurgårdsbrunnen —, um garçom me entregou um pacote. Era um presente do cozinheiro, disse. Eu dei uma espiada. Sabe o que tinha dentro?

— Não!

— Estava cheio de caranguejinhos ainda vivos.

— Caranguejos? Por quê?

Ela deu de ombros.

— Eu não sei.

— O que você fez com eles?

— Levei para o hotel. A minha mãe estava tão bêbada que precisou de ajuda para voltar. Peguei um táxi sozinha, com o saco de caranguejos no chão junto aos meus pés. Quando entrei no quarto, enchi a banheira de água fria e coloquei os caranguejinhos lá dentro. Eles ficaram andando a noite inteira na banheira enquanto eu dormia na peça ao lado. No centro de Tóquio.

— E o que aconteceu depois? O que você fez com eles?

— A história acaba por aqui — ela disse, tomando a minha mão enquanto me olhava com um sorriso no rosto.

Linda tinha uma relação especial com o Japão. Com o livro de poemas, tinha ganhado um prêmio justamente do Japão, uma gravura com caracteres japoneses que até pouco tempo atrás estava pendurada acima da

escrivaninha dela. E não havia uma aura levemente japonesa no pequeno e delicado rosto dela?

Subimos até Karlaplan, onde a piscina redonda, que durante o verão tinha um enorme chafariz no meio, estava vazia, com o fundo coberto por folhas murchas das grandes árvores que a circundavam.

— Você lembra da vez em que vimos *Espectros*? — perguntei.

— Claro! — Linda respondeu. — Nunca vou esquecer.

Eu sabia, porque ela tinha colado o ingresso dessa apresentação no álbum de fotos que havia começado a montar durante a gravidez. *Espectros* foi a última montagem de Bergman para o teatro, e fomos assistir à peça antes de começar o namoro, foi uma das primeiras coisas que fizemos juntos, uma das primeiras coisas que tínhamos em comum. Fazia apenas um ano e meio, mas parecia uma vida.

Linda me lançou um olhar que me encheu de ternura. Estava frio, e um vento implacável e cortante soprava. Por algum motivo comecei a pensar que Estocolmo se localizava mais para o oriente, que tinha uma aura estrangeira, uma diferença em relação ao lugar de onde eu vinha, sem no entanto saber com certeza o que seria. Aquela era a região mais rica da cidade, e estava completamente morta. Ninguém passeava naquele lugar, as ruas nunca estavam cheias, mas de qualquer maneira eram mais largas do que em qualquer outro lugar do centro.

Uma mulher e um homem com um cachorro vieram em nossa direção, ele com as duas mãos nas costas e uma grande touca de couro na cabeça, ela com uma pele e o pequeno terrier farejando o ar logo à frente.

— O que você acha de a gente encontrar um lugar para tomar uma cerveja? — sugeri.

— Pode ser — Linda respondeu. — Eu também estou com fome. Talvez o bar do Zita?

— Boa ideia.

Senti um calafrio descer pelas minhas costas e puxei a lapela do sobretudo para junto do pescoço.

— Hoje a noite está gelada — eu disse. — Você não está com frio?

Linda balançou a cabeça. Ela estava usando a enorme jaqueta estofada que tinha pegado emprestada de Helena, a amiga que no inverno passado tinha estado grávida como Linda estava naquele instante, e a touca de pele que eu tinha comprado para ela em Paris, com dois cordões que tinham bolinhas de pele nas extremidades.

— Tem alguém chutando aí dentro?

Linda pôs as duas mãos na barriga.

— Não, o bebê está dormindo — ela disse. — Quase sempre dorme quando saio para caminhar.

— “O bebê” — repeti. — Sinto um calafrio toda vez que você diz isso. No restante do tempo é como se eu ainda não estivesse convencido de que tem uma pessoa de verdade dentro de você.

— Mas é isso mesmo — Linda respondeu. — E sinto como se a gente já se conhecesse. Você lembra de como o bebê ficou bravo quando eu fiz o exame de diabetes?

Acenei a cabeça. Linda estava no grupo de risco, já que o pai dela era diabético, e por isso tinha comido uma mistura com alto teor de glicose, a coisa mais horrível e nauseante que já tinha comido na vida, segundo me disse, e então o bebê começou a chutar sem dar trégua por mais de uma hora.

— Ele ou ela teve uma surpresa e tanto — eu disse, sorrindo enquanto olhava em direção a Humlegården, que começava no outro lado da rua. Com as cúpulas de luz, que em certos pontos iluminavam as árvores que se erguiam com troncos pesados e os galhos estendidos, e em outros lugares o tapete úmido de grama amarelada, enquanto todo o resto se encontrava às escuras entre uma coisa e outra, a noite ganhava uma atmosfera mágica, não mágica como a floresta, porém mágica como o teatro. Descemos por um dos caminhos. Ainda havia uns poucos montes de folhas, mas em geral os gramados e caminhos estavam limpos, mais ou menos como o chão de uma sala. Um esportista corria devagar e arrastando os pés ao redor da

estátua de Linné, e um outro chegou depressa pelo caminho que descia pela ligeira inclinação do terreno. Eu sabia que debaixo de nossos pés estava o enorme acervo da Kongelige Bibliotek, que se erguia iluminada à nossa frente. Um quarteirão mais abaixo estava Stureplan, onde se localizavam os clubes noturnos mais exclusivos da cidade. Morávamos logo acima, mas era como se fosse em outro continente. Lá as pessoas levavam tiros na rua sem que tivéssemos a mínima ideia antes de ler o jornal do dia seguinte, astros mundiais apareciam por lá quando estavam na cidade e celebridades e a elite dos negócios andavam por lá enquanto o país inteiro lia a respeito no jornal. Não havia fila na entrada, apenas uma linha por onde os guardas passavam e apontavam para as pessoas que poderiam entrar. Eu nunca tinha visto nada parecido com a dureza e a frieza dessa cidade, e nunca tinha sentido de maneira tão intensa a distância cultural. Na Noruega quase todas as distâncias se resumem ao plano geográfico, e como pouca gente mora no país o caminho até o topo, ou até o centro, é em geral curto. Sempre tem alguém que alcança o topo em uma ou outra área numa turma qualquer, ou pelo menos numa escola. Todo mundo conhece alguém que conhece alguém. Na Suécia as distâncias sociais são muito maiores, e como as zonas rurais foram esvaziadas e quase todo mundo mora nas cidades e todo mundo que pretende ser alguém na vida vem para Estocolmo, onde acontecem *todas* as coisas importantes, um aspecto fica muito claro: tão perto, tão longe.

— Você às vezes pensa no lugar de onde venho? — perguntei olhando para Linda.

Ela balançou a cabeça.

— Não, para dizer a verdade não. Para mim você é o Karl Ove. Meu homem lindo. É isso que você é para mim.

— Sabe, nada pode ter menos a ver com o seu mundo do que um loteamento em Tromøya, sabe? E eu mesmo não sei nada a respeito do que vejo por aqui. Tudo é *muito* distante. Você lembra do que a minha

mãe disse quando entrou no apartamento pela primeira vez? Não? “Eu queria que o seu avô tivesse visto esse lugar, Karl Ove.”

— Que bonito — Linda comentou.

— Mas você entende? Para você aquele apartamento é uma coisa do dia a dia. Para a minha mãe é quase um salão de baile, sabe?

— Para você também?

— Para mim também. Mas não foi *isso* que eu quis dizer. Se o apartamento é ou deixa de ser bonito. O fato é que eu venho de um lugar totalmente diferente. De um lugar sem nenhuma sofisticação, sabe? Eu estou me lixando, e estou me lixando para isso também, a questão é que esse lugar aqui não me pertence e não vai ser meu nunca, independente do tempo que eu morar aqui.

Atravessamos a rua e entramos na rua estreita do quarteirão próximo onde Linda tinha crescido, passamos pelo Saturnus e descemos a Birger Jarlsgatan, onde ficava o Zita. O meu rosto estava duro de frio. Minhas coxas estavam geladas.

— Você é um privilegiado — Linda disse para mim. — Você não percebe o quanto ganhou com essa história toda? Por ter um lugar para onde ir? Por haver um lugar lá fora de onde você veio, e um lugar aqui dentro para onde você quis vir?

— Eu entendo onde você quer chegar — respondi.

— Para mim tudo esteve aqui desde sempre. Eu cresci aqui. E quase não consigo me separar desse lugar. Sem falar nas expectativas. Ninguém esperava nada de você? Quer dizer, afora que você estudasse e arranjasse um emprego?

Dei de ombros.

— Nunca pensei nas coisas dessa maneira.

— Não — concordou Linda.

Houve um intervalo.

— Eu sempre morei no meio de tudo isso. Minha *mãe* talvez não desejasse nada para mim a não ser que eu me desse bem na vida...

Ela me encarou. — É por isso que ela gosta tanto de você.

— É mesmo?

— Você nunca percebeu? Ah, você deve ter notado!

— É, notei sim.

Me lembrei da primeira vez que encontrei a mãe de Linda. Uma casinha em uma pequena fazenda antiga no meio da floresta. Era outono. Nos sentamos ao redor da mesa assim que chegamos. Sopa de carne quente, pão recém-assado, a mesa enfeitada com velas. De vez em quando eu notava que ela estava olhando para mim. Era um olhar curioso e cheio de afeto.

— Mas havia outras pessoas além da minha mãe no lugar onde eu cresci — Linda prosseguiu. — Como Johan Nordenfalk, o décimo segundo. Você acha por acaso que ele virou professor? Muito dinheiro, muita cultura. Todos têm a obrigação de dar certo na vida. Conheci três pessoas que acabaram com a própria vida. E nem me atrevo a pensar em quantas têm ou tiveram anorexia.

— Isso é um lixo, claro — respondi. — As pessoas não poderem levar a vida aos poucos.

— Eu não quero que os nossos filhos cresçam aqui — Linda disse.

— “Filhos”, é?

Ela abriu um sorriso.

— Continue!

— Vamos para Tromøya então — continuei. — Eu só conheci uma pessoa que se matou por lá.

— Não brinque com essas coisas!

— Está bem.

Uma mulher de salto alto e com uma saia longa e vermelha passou com os sapatos estalando no chão. Ela tinha uma bolsa preta em uma mão e segurava com a outra um xale preto de crochê junto ao peito. Logo atrás vinham dois jovens barbados com jaquetas de inverno e botas de montanhismo, um deles trazendo um cigarro na mão. Depois vinham três

amigas, também vestidas para uma festa com pequenas bolsas elegantes, mas pelo menos usando uma jaqueta de inverno por cima dos vestidos. Em comparação às ruas de Östermalm, aquele lugar era um circo. Os dois lados da rua estavam iluminados pelos restaurantes e cheios de gente. Em frente ao Zita, que era um dos dois cinemas alternativos naquela região, um grupo de pessoas tremia de frio.

— Mas falando sério — Linda disse. — Talvez o melhor lugar não seja Tromøya. Mas com certeza a Noruega. As pessoas são mais gentis.

— É verdade.

Abri a pesada porta e a segurei para que Linda entrasse. Tirei as luvas e a touca, desabotoei o sobretudo e afrouxei o cachecol.

— Mas a questão é que eu não quero ir para a Noruega — prossegui.

Linda não disse nada e caminhou até os cartazes dos filmes. Depois se virou em minha direção.

— Está passando *Tempos modernos!*

— Vamos assistir?

— Vamos! Mas antes preciso comer alguma coisa. Que horas são?

Procurei um relógio dentro do cinema. Encontrei um pequeno e grosso na parede atrás da bilheteria.

— Vinte para as nove.

— O filme começa às nove. Dá tempo. Você compra os ingressos enquanto eu escolho alguma coisa para nós no bar?

— Claro. — Tirei do bolso uma nota enrolada de cem e fui até a bilheteria.

— Você ainda tem ingressos para *Tempos modernos?*

Uma garota que não podia ter mais do que vinte anos, com tranças e óculos, me lançou um olhar de superioridade.

— *Ursäkta?* — perguntou.

— Você — ainda — tem — ingressos — para — o — *Tempos* — *modernos?*

— Tenho.

— Vou querer dois. Bem atrás e no meio. *Två*.

Por medida de precaução mostrei a ela dois dedos.

A garota imprimiu os bilhetes, colocou-os em silêncio no balcão à minha frente e alisou um pouco a nota de cem antes de guardá-la no caixa. Entrei no bar, que estava lotado de gente, vi Linda junto do balcão e me espremi ao lado dela.

— Eu te amo! — falei de repente.

Eu quase nunca dizia essas coisas, e os olhos de Linda brilharam quando ela me olhou.

— Mesmo? — ela perguntou.

Trocamos um beijo discreto. Em seguida a garçonete largou à nossa frente uma cesta de nachos e uma tigela com o que parecia ser guacamole.

— Você quer uma cerveja? — Linda me perguntou.

Balancei a cabeça.

— Talvez depois. Mas aí você vai estar cansada.

— É bem provável. Conseguiu os ingressos?

— Consegui.

Eu vi *Tempos modernos* pela primeira vez no clube de cinema de Bergen quando eu tinha vinte anos. Lembro que eu não conseguia parar de rir. Pouca gente consegue lembrar quando foi a última vez que riu, eu lembro quando ri vinte anos atrás, obviamente porque não acontece com muita frequência. Lembro da vergonha de perder o controle misturada à alegria da entrega. A cena que desencadeou tudo permanece cristalina na minha lembrança. Chaplin está prestes a se apresentar num espetáculo de variedades. É uma apresentação importante e muita coisa está em jogo, então ele fica nervoso e por garantia resolve escrever a letra da música e colocá-la na manga do casaco. Mas assim que entra no palco ele perde as folhas ao saudar a plateia com um gesto exagerado que as faz sair voando para todos os lados. Chaplin fica sem texto enquanto a banda logo atrás começa a tocar. O que fazer? Ah, ele começa uma verdadeira caça aos papéis enquanto tenta improvisar para que a plateia não perceba nada de

errado e a orquestra repete a introdução várias e várias vezes. Chorei de tanto rir. Mas depois a cena muda, porque ele não encontra a letra, não importa o quanto dance de um lado para o outro, e no fim *precisa* começar a cantar. Sem nenhuma letra à mão ele começa a cantar usando palavras que não existem mas que parecem existir, porque mesmo que o sentido tenha desaparecido, o tom e a melodia permanecem, e lembro que aquilo me encheu de alegria, não apenas por mim mas por toda a humanidade, porque era uma cena repleta de ternura criada por um de nós.

Quando sentei na sala de projeção ao lado de Linda naquela noite eu não sabia ao certo o que nos esperava. *Chaplin*, decerto. O tipo de coisas que leva Fosnes Hansen a escrever um ensaio quando o tema é humor. Será que o que tinha me feito rir quinze anos atrás ainda me faria rir hoje?

Sim. E exatamente no mesmo trecho. Chaplin entra, cumprimenta a plateia, as folhas voam para longe das mangas, ele dança por todo o palco, com os pés meio *atrás* do corpo, se arrastando, sem nunca perder o contato com o público; e mesmo enquanto dança e procura ele não para de acenar a cabeça com um gesto cortês. Na pantomima a seguir uma lágrima escorreu pelo meu rosto. Tive a impressão de que tudo era bonito naquela noite. Estávamos rindo quando saímos da sala, Linda feliz por me ver tão feliz, acho eu, mas também feliz por si própria. Subimos de mãos dadas os degraus de pedra ao lado do centro cultural finlandês rindo enquanto lembrávamos as cenas do filme. Depois andamos pela Regeringsgatan, deixamos para trás a padaria, a loja de móveis e a US Video para enfim trancar a porta do prédio e subir os degraus até o apartamento. Eram pouco mais de dez e meia e Linda mal conseguia manter os olhos abertos, então nos deitamos em seguida.

Dez minutos mais tarde a música começou a ribombar de repente no andar de baixo. Eu tinha me esquecido completamente da russa e me levantei sobressaltado na cama.

— Que inferno! — Linda praguejou. — Não pode ser.

Eu mal conseguia ouvir o que ela dizia.

— Ainda não são onze horas — eu disse. — E hoje é noite de sexta-feira. Não vamos conseguir nada.

— Estou me lixando — Linda retrucou. — Eu vou ligar. Isso não vai ficar assim.

Mas antes que ela pudesse se levantar e sair do quarto a música parou. Nos deitamos de novo. Dessa vez eu já tinha pegado no sono quando a música recomeçou. O volume era a mesma loucura de antes. Olhei para o relógio. Onze e meia.

— Você liga? — perguntou Linda. — Eu não consegui pregar o olho.

Mas a cena se repetiu mais uma vez. Depois de alguns minutos a música parou e tudo ficou em silêncio no andar de baixo.

— Eu vou dormir na sala — Linda anunciou.

A russa pôs música no volume máximo por mais duas vezes naquela noite. Na última vez teve a coragem de deixar o som ligado por meia hora antes de desligar. Era uma situação ridícula, mas incômoda. A russa era louca e nos odiava. Tínhamos a impressão de que qualquer coisa podia acontecer. Porém mais de uma semana passou-se antes do episódio seguinte. Colocamos vasos de plantas na janela da escada em frente à nossa porta, aquela era uma área comum e segundo o regulamento interno não tínhamos o direito de fazer aquilo, mas os moradores no andar de cima tinham feito a mesma coisa, e além do mais quem poderia ser contra um pouco de vida naquele corredor tão frio? No segundo dia as plantas desapareceram. Não era nada muito importante, porém mesmo que os vasos não fossem heranças da minha bisavó e umas das poucas coisas que eu tinha trazido da casa em Kristiansand quando a minha avó morreu, eram objetos do século passado, e por esse motivo era um pouco irritante saber que justamente aqueles vasos tinham desaparecido. Ou alguém os tinha roubado — mas quem roubaria vasos de plantas? — ou alguém os tinha retirado por não aprovar a nossa iniciativa. Decidimos colocar um bilhete no painel de avisos do corredor perguntando se algum vizinho teria visto os vasos. Na mesma noite o bilhete estava tapado de ofensas e

acusações escritas em um sueco cheio de erros com tinta azul. Por acaso estávamos chamando os moradores do prédio de ladrões? Nesse caso podíamos simplesmente nos mudar. Quem pensávamos ser? Poucos dias mais tarde resolvi montar um trocador que havíamos comprado na IKEA, a montagem envolvia algumas marteladas, mas às sete horas da tarde imaginei que não haveria problema. Mas houve; assim que dei a primeira martelada começou uma bateção desenfreada no encanamento do andar de baixo, era a vizinha russa protestando contra o que sem dúvida tinha entendido como um ataque. Mas eu não podia desistir da montagem por esse motivo, então simplesmente continuei. No instante seguinte a porta dela bateu no andar de baixo e ela apareceu na nossa porta. Eu abri. Como podíamos reclamar da música alta dela e depois fazer uma coisa daquelas? Tentei explicar a ela a diferença entre ouvir música ensurdecadora de madrugada e montar um trocador às sete horas da tarde, mas ela não quis saber. Continuou a reclamar com olhar desvairado e gestos agitados. Disse que estava dormindo e eu a tinha acordado. Só podíamos nos achar melhores do que ela, mas não era verdade...

Daquele momento em diante a russa adotou um método. Toda vez que um ruído nosso qualquer chegava até o apartamento dela, mesmo que fosse apenas um único passo um pouco mais pesado, ela começava a bater nos canos. O barulho era penetrante, e como o remetente não era visível, eu tinha a impressão de que uma espécie de peso na consciência se materializava na peça onde eu estava. Eu odiava aquilo, era como se eu não pudesse ter paz em nenhum lugar, nem mesmo na minha própria casa.

Nos dias antes do Natal ficou tudo em silêncio no andar de baixo. Compramos um pinheiro em um estande no alto de Humlegården; o dia estava escuro, a paisagem cheia de neve e o tradicional caos natalino havia tomado conta das ruas, cheias de pessoas que andavam de um lado para

outro, cegas umas às outras e cegas ao mundo. Escolhemos o nosso pinheiro, o vendedor o cobriu com uma espécie de salsicha de rede para facilitar o transporte, eu paguei e apoiei o tronco no ombro. Naquele instante me ocorreu que talvez fosse grande demais. Meia hora depois, após inúmeras paradas ao longo do caminho, larguei o pinheiro dentro do apartamento. Sorrimos quando o vimos na sala. Era um pinheiro enorme. Tínhamos arranjado uma árvore de Natal gigante. Mas talvez não fosse uma ideia tão idiota, aquele foi o primeiro e o último Natal que passamos juntos só nós dois. Na véspera de Natal comemos a ceia sueca que a mãe de Linda tinha nos levado, abrimos os presentes e assistimos ao *Circo* de Chaplin, porque tínhamos comprado uma caixa com todos os filmes dele. Assistimos a todos durante os dias de Natal, demos longos passeios nas ruas silenciosas, esperamos e esperamos. Tínhamos esquecido completamente da russa, durante todo o feriado o mundo externo tinha deixado de existir. Fomos para a casa da mãe da Linda, passamos uns dias por lá e, quando voltamos, começamos a nos preparar para a véspera do Ano-Novo, para quando tínhamos combinado uma ceia com Geir e Christina e Anders e Helena.

Durante a manhã limpei todo o apartamento, fiz as compras para a ceia, passei a grande toalha de mesa branca, abri a mesa e estendi a toalha, poli a prataria e os castiçais, dobrei os guardanapos e coloquei frutas nas fruteiras para que tudo estivesse reluzindo com o brilho da civilidade quando nossos convidados chegassem às sete horas. Primeiro Anders e Helena chegaram com a filha. Helena e Linda tinham se conhecido quando Helena tomava aulas com a mãe de Linda, e mesmo que Helena fosse sete anos mais velha, as duas se davam muito bem. Anders tinha começado o relacionamento com ela havia três anos. Ela era atriz, ele era... bem, um tipo meio criminoso.

Os três estavam sorrindo com o rosto vermelho de frio quando abri a porta.

— Olá, rapaz! — cumprimentou-me Anders. Estava usando uma touca de couro marrom com protetores de orelha, uma grande jaqueta estofada azul e sapatos sociais pretos. Não me pareceu muito elegante, porém mesmo assim parecia combinar por algum estranho motivo com Helena, que, de casaco branco, botas de inverno pretas e touca de pele, sem dúvida era a elegância em pessoa.

Ao lado estava a filha no carrinho, me encarando com o rosto sério.

— Olá! — eu disse enquanto a olhava nos olhos.

Nenhum músculo se mexeu naquele rosto.

— Entrem! — convidei enquanto eu dava uns passos para trás.

— Podemos entrar com o carrinho? — Helena perguntou.

— Claro — respondi. — Você acha que passa? Ou prefere que eu abra a outra porta?

Enquanto Helena empurrava o carrinho e o manobrava entre as duas guardas da porta Anders tirava a jaqueta e os sapatos no corredor.

— Onde está a *señorita*? — perguntou.

— Descansando.

— Tudo bem com vocês?

— Tudo.

— Ótimo! — exclamou Anders esfregando as mãos. — Está um frio dos diabos lá fora.

A menina apareceu à nossa frente, sendo empurrada para dentro do apartamento, mas as mãozinhas estavam agarradas com força à barra do carrinho. Helena trancou as rodas e a pegou no colo, tirou a touquinha e abriu o zíper do macacão vermelho enquanto a menina permanecia imóvel no chão. Por baixo ela tinha um vestidinho azul-escuro, meia-calça branca e sapatinhos brancos.

Linda saiu do quarto. O rosto dela estava radiante. Primeiro ela abraçou Helena, e depois as duas ficaram juntas olhando nos olhos uma da outra.

— Como você está bonita! — Helena disse. — *Como* você consegue? Me lembro de quando eu estava no nono mês...

— É só um vestido velho de grávida — Linda se defendeu.

— Mas *toda* você está bonita!

Linda abriu um sorriso de satisfação, se inclinou para frente e deu um abraço em Anders.

— Que mesa chique! — Helena comentou ao entrar na sala. — Uau!

Eu não sabia para onde ir, e assim entrei na cozinha como se fosse conferir alguma coisa enquanto esperava que as duas se acalmassem lá dentro. No instante seguinte a campainha tocou mais uma vez.

— E então? — Geir perguntou quando abri a porta do corredor. — Já acabou de limpar o apartamento?

— Vocês vieram hoje? — perguntei. — O combinado não era segunda-feira? Vamos fazer uma festa de Ano-Novo aqui, então não é uma boa hora. Mas de repente conseguimos colocar vocês para dentro...

— Oi, Karl Ove! — Christina disse enquanto me abraçava. — Tudo bem com vocês?

— Tudo — respondi, e então dei uns passos para trás para que pudessem entrar ao mesmo tempo em que Linda apareceu para cumprimentá-los. Vários abraços, várias jaquetas e sapatos retirados, e por fim todos entraram na sala, onde a filha de Anders e Helena foi uma grata visão durante os primeiros minutos antes que a situação se acomodasse.

— Estou vendo que vocês levam o Natal a sério por aqui — disse Anders, olhando em direção ao enorme pinheiro no canto.

— Nos custou oitocentas coroas — respondi. — E enquanto viver, o pinheiro vai ficar aqui na sala. Não desperdiçamos dinheiro nessa casa.

Anders riu.

— Agora o diretor começou a contar piadas!

— Eu conto piadas o tempo inteiro — respondi. — O problema é que os suecos não entendem o que eu digo.

— É verdade — Anders concordou. — Pelo menos no início a gente não entendia *nada* do que você dizia.

— Então vocês compraram um pinheiro de novos-ricos? — Geir perguntou, enquanto Anders começou a falar norueguês como um idiota, daquela maneira bastante comum na Suécia que consiste em usar o tempo inteiro as palavras “kjempe” e ocasionalmente “gutt”, que para o gosto dos suecos são muito engraçadas, e em pronunciar tudo com uma entonação exagerada e ascendente no final de todas as frases. Aquilo não tinha absolutamente nada a ver com o meu dialeto, que por esse motivo todos presumiram ser *nynorsk*.

— Não era a nossa intenção — eu disse com um sorriso. — Na verdade admito que o pinheiro ficou meio grande demais. Mas ele parecia menor quando o compramos. Só tivemos ideia do quanto era grande depois que o trouxemos para dentro do apartamento. Mas é verdade que tenho problemas com proporções o tempo inteiro.

— Sabe o que significa *kjempe*, Anders? — perguntou Linda.

Anders balançou a cabeça.

— Sei o que significa *avis*. E *gutt*. E *vindu*.

— Funciona da mesma forma como usamos *jätte* em sueco para dar mais ênfase. *Jättestor* vira *kjempestor*.

Será que Linda achava que eu tinha me ofendido?

— Levei seis meses para entender — ela continuou. — Os noruegueses usam a palavra exatamente da mesma forma que nós. Deve ter muitas palavras que eu imagino entender mas não entendo. Mal consigo suportar a ideia de que traduzi o livro do Sæterbakken dois anos atrás. Na época eu não sabia absolutamente nada de norueguês.

— E a Gilda sabia? — perguntou Helena.

— Gilda? Não. Ela sabia menos ainda. Mas eu dei uma olhada na tradução não muito tempo atrás, nas primeiras páginas, e fiquei com a impressão de que está tudo certo. A não ser por uma palavra. Fico vermelha só de lembrar. Eu traduzi *stue* — que significa “sala” — por *stuga*... Então na tradução a cena se passa em uma cabana, quando no original é apenas uma sala.

- Como se diz cabana em norueguês? — perguntou Anders.
- *Hytte* — respondi.
- Ah, muito bem! É uma diferença e tanto...
- Mas ninguém comentou nada — disse Linda. Ela sorriu.
- Alguém gostaria de uma taça de champanhe? — perguntei.
- Pode deixar que eu busco — disse Linda.

Ao voltar ela dispôs as cinco taças em cima da mesa e começou a abrir o fio de metal que mantinha a rolha presa no lugar com o rosto afastado e os olhos apertados, como se estivesse à espera de uma grande explosão. Por fim a rolha voou na mão dela com um *plop* úmido, e em seguida Linda ergueu a garrafa, por onde a champanhe espumava, acima das taças.

— Você sabe o que está fazendo — Anders disse.

— Eu trabalhei num restaurante tempos atrás — Linda respondeu. — Mas nunca fui muito boa com essa parte. Minha noção de profundidade é péssima. Quando eu enchia as taças dos clientes eu tinha de contar com a sorte.

Ela endireitou as costas e alcançou as taças ainda efervescentes e borbulhantes para todos nós. Para si mesma, serviu uma taça de champanhe sem álcool.

— Tim-tim! Que bom que vocês vieram.

Brindamos juntos. Quando acabamos de beber a champanhe, entrei na cozinha para terminar de preparar as lagostas. Geir foi comigo e sentou-se junto à mesa.

— Lagostas — disse. — É incrível como você se adaptou depressa aos costumes suecos. Sou convidado para uma ceia de Ano-Novo dois anos depois de você se mudar para cá e você me recebe com uma ceia tradicional sueca de Ano-Novo!

— Você sabe que não estou sozinho — respondi.

— Não, eu sei — ele disse com um sorriso. — Uma vez eu e a Christina fizemos um Natal mexicano, eu já contei essa história a você?

— Já — respondi enquanto eu separava a primeira lagosta em duas metades, ajeitava-a na bandeja e começava a preparar a lagosta seguinte. Geir começou a falar sobre o manuscrito dele. As palavras entravam por uma orelha e saíam pela outra. Ah, é?, eu dizia às vezes, para sinalizar que estava acompanhando, mesmo que a minha atenção estivesse focada em outra coisa. Ele não podia falar sobre o manuscrito com qualquer um, então viu uma oportunidade naquele momento e depois, quando saí para fumar. Geir tinha escrito um primeiro rascunho ao longo de um ano e meio, e eu tinha lido e comentado tudo. Meus comentários tinham sido abrangentes e detalhados, acabaram ocupando noventa páginas, e o tom da crítica infelizmente era na maior parte do tempo irônico. Achei que Geir aguentava qualquer coisa, mas eu devia ter pensado melhor, ninguém aguenta qualquer coisa, e poucas coisas são mais difíceis de tolerar do que o sarcasmo quando o assunto é o seu próprio trabalho. Mas não consegui evitar, e acontecia a mesma coisa quando eu escrevia pareceres, a ironia nunca estava muito longe. O problema com o manuscrito de Geir, um problema também percebido e reconhecido por ele mesmo, era que a distância em relação aos acontecimentos era muitas vezes grande demais, e muita coisa era com frequência apenas subentendida. Somente um olhar capaz de ler tudo com um certo distanciamento poderia remediar a situação. Então ele foi atrás disso. Mas a ironia, o excesso de ironia... Será que eu tinha um desejo inconsciente de me sentir superior em relação a ele, que sempre tinha sido tão soberano?

Não.

Não?

— Eu gostaria de pedir desculpas pelos meus comentários — eu disse enquanto virava a terceira lagosta de barriga para cima e enfiava a faca através da carapaça. Era mais macia que a carapaça de um caranguejo, e aquela consistência me dava a impressão de um material fabricado, quase como plástico. E a cor avermelhada, não teria nada de artificial naquilo também? O que dizer quanto aos belos e minuciosos detalhes, como os

sulcos nas garras ou a carapaça que cobria a cauda como uma armadura, por acaso não pareciam ter sido criados no ateliê de um artista da Renascença?

— Você tinha toda razão — Geir admitiu. — Vou rezar dez ave-marias pela salvação da sua alma vil e pecadora. Você tem ideia de como é sentar dia após dia na escrivaninha e ser humilhado voluntariamente pelo que você escreveu? “Será que você é um idiota completo?”, cla-aro, sem dúvida...

— É uma questão de ordem técnica — eu disse enfiando a faca através da carapaça.

— Técnica? *Técnica*? Para você é fácil dizer. Você consegue escrever vinte páginas sobre uma ida ao banheiro e deixar os leitores com os olhos rasos de lágrimas. Quantas pessoas você acha que conseguem fazer isso? Quantos autores não teriam feito a mesma coisa se pudessem? Por que você acha que as pessoas ficam burilando poemas modernistas com três palavras em cada página? É porque não conseguem fazer outra coisa. Porra, ao menos isso você devia ter entendido depois de todo esse tempo! Outros autores fariam a mesma coisa se fossem capazes. E você é capaz, mas não dá valor nenhum. Você despreza essa habilidade e prefere bancar o esperto e escrever ensaios. Mas qualquer um pode escrever ensaios! É a coisa mais fácil que existe no mundo.

Olhei para a carne branca com veios avermelhados que surgia quando a carapaça era cortada. Senti o leve cheiro da água salobra.

— Você disse que não enxerga as letras quando escreve, não é mesmo?
— Geir continuou. — Bom, eu não vejo nada além das letras. Elas se entrelaçam como em uma teia de aranha diante dos meus olhos. E nada sai de lá, entende, tudo se volta para dentro, como uma unha encravada.

— Há quanto tempo você está trabalhando no livro? — perguntei. — Um ano? Não é nada. Eu venho escrevendo há seis anos e tudo que tenho é um ensaio idiota de cento e trinta páginas sobre anjos. Volte em 2009 e eu talvez sinta um pouco mais de pena de você. Além do mais, a parte que

li *estava* boa. Excelente história, boas entrevistas. Agora só falta trabalhar em cima desse material.

— Ha! — Geir exclamou.

Ajeitei as duas metades da lagosta com a carapaça para cima na bandeja.

— Você sabe que na verdade essa é a única influência que eu tenho sobre você — comentei, pegando a última lagosta.

— Não — ele retrucou. — Tem pelo menos outras duas ou três coisas que você sabe a meu respeito que é melhor ninguém mais saber.

— Ah, é mesmo — concordei. — Tem aquilo.

Ele deu uma risada alta e sincera.

Passaram-se alguns instantes sem que disséssemos nada.

Será que tinha se ofendido?

Comecei a partir a lagosta com a faca.

Era impossível saber. Uma vez Geir tinha dito que se eu o magoasse eu nunca ficaria sabendo. Ele era tão orgulhoso quanto arrogante, tão arrogante quanto leal. Ele perdia amigos às pencas, talvez porque quase nunca se dobrasse e porque não tinha medo de expressar as próprias opiniões. E ninguém, ou praticamente ninguém, gostava de ouvir as opiniões dele. Durante o inverno do ano anterior tivemos um desentendimento considerável; quando saíamos juntos, passávamos a maior parte do tempo em silêncio, sentados em um bar qualquer, e quando alguém dizia alguma coisa quase sempre era Geir que fazia um comentário sarcástico a respeito de mim, enquanto eu tentava da melhor forma possível dar o troco. De repente não tive mais notícias dele. Duas semanas mais tarde Christina me ligou dizendo que Geir tinha ido à Turquia fazer um trabalho de campo e que ia passar vários meses longe. Fiquei surpreso, foi uma reviravolta inesperada, e também um pouco chateado porque ele não tinha me dito nada a respeito. Semanas mais tarde ouvi de um camarada na Noruega que Geir tinha sido entrevistado pelo *Dagsrevyen* como escudo humano em Bagdá. Ri sozinho, era a cara dele, mas ao mesmo tempo eu não conseguia entender por que ele não

tinha me dito nada. Mais tarde veio à tona que eu o tinha ofendido de um jeito ou de outro. Nunca consegui descobrir no que consistia essa ofensa. Porém, quando voltou a Estocolmo cinco meses depois, abarrotado de microcassetes com entrevistas e tendo passado várias semanas em meio aos bombardeios, Geir parecia estar renovado. Todo o desânimo do inverno e do outono tinha desaparecido, e assim retomamos nossa amizade do mesmo ponto onde havia começado.

Eu e Geir tínhamos nascido no mesmo ano e crescido a poucos quilômetros um do outro, cada um em uma ilha diferente na costa de Arendal — Hisøya e Tromøya — sem jamais nos encontrar, uma vez que o ponto natural de encontro seria o ginásio, e nessa época a minha família já tinha se mudado havia tempo para Kristiansand. A primeira vez que o encontrei foi numa festa em Bergen, onde nós dois estudávamos. Geir morava na periferia de Arendal, uma região com a qual eu também tinha uma certa ligação por conta de Yngve, e quando começamos a conversar eu pensei que aquele podia ser o amigo que me faltava, porque na época, no meu primeiro ano em Bergen, eu não tinha nenhum, simplesmente aproveitava os amigos de Yngve. Saímos juntos algumas vezes, Geir ria o tempo inteiro e tinha uma alegria de viver que me agradava, mas ao mesmo tempo demonstrava um interesse sincero nas pessoas ao redor e tinha opiniões a respeito delas. Era um sujeito de olhar penetrante, e portanto alguém que fazia diferença. Eu tinha feito um novo amigo, esse era o meu bom pensamento naquelas semanas da primavera de 1989. Mas logo ficou claro que Geir queria ir mais longe, Bergen não era o lugar onde pretendia se acomodar, ele fez as malas assim que o período de exames terminou e se mudou para Uppsala, na Suécia. Escrevi uma carta para ele naquele verão, mas nunca a enviei, e assim ele desapareceu da minha vida e dos meus pensamentos.

Onze anos mais tarde ele me enviou um livro pelo correio. Era um livro sobre boxe chamado *Den brukne neses estetikk*. Depois de ler algumas páginas constatei que tanto a alegria de viver como o olhar penetrante permaneciam intactos, mas que também havia muitas novidades. Geir tinha lutado boxe por três anos em um clube de Estocolmo próximo ao lugar que descrevia no livro. Naquele lugar os valores desconstruídos pela sociedade do bem-estar social, como a virilidade, a honra, a violência e a dor, ainda eram tidos em alta conta, e o interessante para mim foi ver como a sociedade parecia diferente quando vista de fora, de acordo com o conjunto de valores que era exaltado no clube. A arte consistia em confrontar um mundo sem usar nada do que existia no outro, em tentar vê-lo da maneira como era, ou seja, em tentar vê-lo em seus próprios termos, e então, a partir dessa plataforma, voltar o olhar mais uma vez para o outro lado. Assim tudo parecia muito diferente. No livro, Geir relacionava tudo o que via e descrevia com a alta cultura antiliberal clássica, em uma linha que ia de Nietzsche e Jünger a Mishima e Cioran. Nesse mundo não havia nada à venda, nada podia ser medido com o valor do dinheiro, e assim, ao olhar para tudo de fora, descobri que muitas coisas que para mim tinham sempre parecido naturais, quase uma parte de mim, eram na verdade o oposto, ou seja, relativas e condicionais. Nesse sentido o livro de Geir tornou-se tão importante para mim quanto o *Statuer* de Michel Serres tinha sido, um livro em que o arcaísmo em que estamos e sempre estivemos afundados se apresenta com uma clareza perturbadora, e tão importante quanto *As palavras e as coisas* de Michel Foucault, um livro em que a influência do presente e da linguagem usada no presente sobre as nossas ideias e as nossas concepções acerca da realidade é trazida para a luz do dia, e assim podemos ver como o mundo concebível, onde vivemos a totalidade das nossas vidas, toma o lugar de um outro. Como ponto em comum, todos esses livros estabeleciam um lugar fora do presente, fosse na periferia, como por exemplo no clube de boxe, que funcionava como uma espécie de enclave onde alguns dos valores mais importantes do passado

próximo continuavam vivos, fosse nas profundezas da história, a partir de onde aquilo que éramos ou que imaginávamos ser era totalmente recalafetado. Provavelmente eu tinha me aproximado desse ponto em silêncio, tateando às escuras e de maneira quase invisível aos pensamentos, e de repente esses livros surgiram na minha vida, praticamente largados em cima da minha escrivaninha, e um novo elemento tornou-se claro para mim. Como sempre acontece com as obras que fazem história, esses livros deram voz ao que para mim eram apenas palpites, sensações e impressões. Um desconforto vago, uma insatisfação vaga, uma raiva vaga e indefinível. Mas nenhuma direção, nenhuma clareza, nenhum resultado. O fato de que justamente o livro de Geir tivesse sido tão importante também estava relacionado ao nosso passado comum — tínhamos exatamente a mesma idade, conhecíamos as mesmas pessoas dos mesmos lugares e tínhamos dedicado nossa vida adulta a ler e a escrever e a estudar —, mas então como ele poderia ter acabado em um lugar tão diferente? Desde o meu primeiro dia na escola, eu e todos os meus colegas tínhamos sido educados para pensar de maneira crítica e independente. Que esse pensamento crítico só era bom até um certo ponto, e que além desse ponto se transformava no próprio oposto, em um pensamento mau, ou na própria essência do mal, foi uma ideia que só me ocorreu quando eu já tinha passado dos trinta. Por que tão tarde?, caberia perguntar. Em parte devido à minha constante ingenuidade, que na boa-fé digna de um primo do interior podia até duvidar de opiniões, mas nunca das premissas dessas mesmas opiniões, e assim nunca se perguntava se “o crítico” era de fato crítico, se “o radical” era de fato radical ou se “o bom” era de fato bom, algo que todas as pessoas sensatas começam a fazer assim que deixam para trás a influência de uma juventude egoísta e repleta de impressões dominadas pelos sentimentos; e em parte porque eu, como muitos outros da minha geração, fui ensinado a pensar em termos abstratos, ou seja, a me dedicar a conhecimentos sobre pontos de vista e campos do conhecimento variados, reproduzi-los de maneira mais ou menos crítica, de preferência

levando em conta outros pontos de vista, e então ser julgado a partir disso, e às vezes também a partir da influência exercida pelos meus próprios insights, pela minha própria sede de saber, mesmo que os pensamentos nunca perdessem o caráter abstrato, de maneira que no fim pensar acabava sendo uma atividade que se desenvolvia totalmente em meio a fenômenos secundários, em um mundo como o mundo da filosofia, da literatura, da sociologia e da política, enquanto o mundo onde eu morava, comia, dormia, conversava, amava, corria, esse mundo repleto de cheiros, de sabores, de sons, onde chovia e ventava, esse mundo que eu sentia na minha pele era excluído, não era um tema adequado para se pensar a respeito. Quer dizer, pensar eu pensava, mas de um outro jeito, de um jeito mais prático, mais orientado aos fenômenos, e também por outros motivos: enquanto eu pensava na realidade abstrata para compreendê-los, pensava também na realidade concreta a fim de lidar com eles. Na realidade abstrata eu podia criar uma personalidade, uma personalidade repleta de opiniões, na realidade concreta eu era apenas eu, um corpo, um olhar, uma voz. É nisso que se baseia toda a noção de independência. E também o pensamento independente. Não era apenas desse universo que o livro de Geir tratava, mas era também nele que se desenrolava. Ele descrevia apenas o que via com os próprios olhos, o que ouvia com os próprios ouvidos, e quando tentava compreender o que via e ouvia, tentava se tornar uma parte do todo. Essa era também a forma de reflexão que mais se aproximava da vida que descrevia. Um boxeador nunca era julgado pelo que dizia ou pelo que achava, mas a partir do que fazia.

A misologia, a desconfiança em relação às palavras, assim como Pirro tinha a pirromania, seria esse o caminho a seguir como autor? Tudo que pode ser dito com palavras pode ser desdito com palavras, então para que servem teses, romances, literatura? Ou, formulado de outra maneira: o que declaramos ser verdadeiro pode sempre ser declarado falso. Esse é o marco zero, o lugar a partir de onde o valor zero se espalha. Mas não se trata de um ponto morto, tampouco para a literatura, porque a literatura não se

resume às palavras, a literatura é aquilo que as palavras despertam em quem lê. É essa transcendência que torna a literatura válida, e não a transcendência formal em si, como muitos parecem acreditar. A linguagem críptica e enigmática de Paul Celan não tem nada a ver com inacessibilidade ou hermetismo, pelo contrário, trata-se de abrir aquilo a que a linguagem em geral não tem acesso, mas que mesmo assim conhecemos ou reconhecemos dentro de nós mesmos, ou então descobrimos. As palavras de Paul Celan não podem ser desditas com outras palavras. O que têm de próprio tampouco pode ser dito de outra forma, porque existe apenas em cada pessoa que as recebe.

A grande importância que a pintura e em parte também a fotografia tinham para mim estava ligada a esse aspecto. Nelas não havia nenhuma palavra, nenhum conceito, e quando eu as via, aquilo que eu vivenciava, aquilo que as tornava tão importantes para mim também era desprovido de conceitos. Havia uma certa estupidez nisso tudo, nessa região onde tudo estava privado da inteligência, que tive que lutar para reconhecer ou para permitir, mas talvez fosse esse o elemento mais importante para mim.

Seis meses depois de ler o livro de Geir mandei um e-mail para ele e perguntei se gostaria de escrever um ensaio para a *Vagant*, já que eu trabalhava na redação. Ele aceitou o convite e trocamos mais alguns e-mails, sempre um tanto formais e pragmáticos. Um ano depois, quando de um dia para o outro deixei Tonje e a vida que tínhamos juntos em Bergen, mandei um e-mail perguntando se ele sabia de algum lugar onde eu pudesse morar em Estocolmo, e Geir respondeu que não mas que eu podia ficar na casa dele enquanto procurava. Fico muito grato pelo convite, respondi. Ótimo, respondeu ele, quando você chega? Amanhã, escrevi. *Amanhã?*, ele escreveu de volta.

Horas mais tarde, depois de passar a noite no trem de Bergen a Oslo, e a manhã em um trem de Oslo a Estocolmo, arrastei minhas malas da

plataforma até as passagens sob a estação de Estocolmo em busca de um armário grande o bastante para acomodar a ambas. Durante todo o percurso de trem eu tinha lido para não pensar no que tinha acontecido durante os últimos dias, sobre o motivo que tinha me levado a ir embora, mas naquele instante, em meio à multidão de pessoas, era impossível evitar minha perturbação. Caminhei ao longo da passagem sentindo a alma gelada. Depois de colocar as malas cada uma em um armário próprio e de guardar as chaves no bolso onde a chave de casa costumava estar, entrei no banheiro e lavei o rosto com água fria para tentar me concentrar. Por alguns segundos fiquei me olhando no espelho. Meu rosto estava pálido e um pouco inchado, os cabelos estavam desgrehados e os olhos... ah, os olhos... eles se mexiam, mas não estavam ativos e voltados para o exterior, como se procurassem alguma coisa, a impressão era que tudo o que viam caía dentro deles, como se tragassem tudo para dentro de si.

Desde quando eu tinha aquele olhar?

Abri a torneira quente e deixei a água correr pelas minhas mãos até que começassem a esquentar, puxei uma folha de papel, sequei-as e joguei o papel no cesto de lixo ao lado da pia. Eu pesava cento e um quilos e não tinha nenhuma esperança a respeito de nada. Mas naquele momento eu estava em Estocolmo, ainda podia restar alguma coisa, pensei enquanto eu saía e subia os degraus em direção ao saguão, onde fiquei parado, rodeado de pessoas por todos os lados, enquanto tentava elaborar um plano. Eram pouco mais de duas horas. Às cinco Geir ia me encontrar na estação. Portanto eu teria que matar três horas. Eu tinha que comer. E precisava de um cachecol. E depois tinha que cortar o cabelo.

Saí da estação e parei mais uma vez em frente aos táxis. O céu estava cinza e frio, o ar estava úmido. À direita havia uma confusão de pistas e viadutos de concreto, mais atrás um lago e atrás do lago uma fileira de prédios com aspecto monumental. À direita uma rua larga com tráfego intenso, bem em frente uma rua que depois de subir um pouco fazia uma

curva à esquerda acompanhando um muro sujo e um pouco mais para dentro uma igreja.

Que caminho eu devia tomar?

Coloquei os pés em um banco, enrolei um cigarro, acendi-o e comecei a descer em direção à esquerda. Depois de percorrer cerca de cem metros eu parei. Não parecia muito promissor, tudo naquele lugar era construído em função dos carros que passavam depressa, então dei a volta e refiz o caminho, tentando dessa vez o trajeto bem à frente, que levava até uma rua larga que mais parecia uma avenida com um enorme shopping center do outro lado. Mais além havia uma espécie de praça, que dava a impressão de estar afundada no chão, e de cuja lateral direita se erguia uma grande construção de vidro. Vi a palavra KULTURHUSET escrita em letras vermelhas e resolvi entrar, peguei a escada rolante até o segundo andar, onde eu sabia que havia um café, comprei uma baguete com almôndegas e salada de repolho roxo e me sentei próximo à janela, de onde eu podia ver a praça e a rua em frente ao shopping center.

Será que eu devia morar aqui? Era aqui que eu morava agora?

Ontem de manhã eu estava na minha casa em Bergen.

Ontem, isso era ontem.

Tonje havia me acompanhado até o trem. A luz artificial no salão da plataforma, os passageiros do lado de fora dos vagões, prontos para a noite e falando a meia-voz, as rodinhas das malas arranhando o asfalto. Ela chorou. Eu não chorei, simplesmente dei um abraço nela e enxuguei as lágrimas que escorriam pelo rosto, Tonje abriu um sorriso por entre as lágrimas e eu subi no trem, pensei que eu não queria vê-la ir embora, não queria vê-la de costas, mas não consegui, fiquei olhando pela janela e a vi se afastar na plataforma e desaparecer na saída.

Será que ela continuaria lá?

Na nossa casa?

Dei uma mordida na baguete e olhei para baixo em direção ao preto e branco da praça xadrez tentando pensar em outra coisa. Do outro lado da

rua uma multidão tomava conta das calçadas em frente a uma fileira de lojas. As pessoas entravam e saíam da estação de metrô, entravam e saíam pelo túnel da galeria, subiam e desciam as escadas rolantes. Guarda-chuvas, casacos, sobretudos, bolsas, sacolas, mochilas, toucas, carrinhos de bebê. Mais acima, carros e ônibus.

O relógio na parede do shopping center marcava dez minutos para as três. De repente o melhor seria cortar o cabelo em seguida, porque assim eu não arriscaria chegar atrasado depois, pensei. Enquanto eu descia a escada rolante peguei o meu celular e percorri os nomes na minha lista de contatos, mas não tinha ninguém com quem eu quisesse falar, haveria coisas demais a explicar, coisas demais a dizer, e pouca coisa a receber em troca, então saí mais uma vez em direção à inconsolável tarde de março, onde uns poucos flocos pesados de neve tinham começado a cair, desliguei o celular e coloquei-o de volta no bolso antes de tomar o rumo da Drottninggatan à procura de um salão de cabeleireiro. Em frente ao shopping center um homem tocava gaita de boca. Ou melhor, ele não estava tocando, simplesmente assoprava com toda força para dentro da gaita enquanto girava o corpo de um lado para o outro com movimentos bruscos. Tinha cabelos longos e um rosto perturbado. A agressão que irradiava me atingiu em cheio. Quando passei por ele o terror instilou-se em minhas veias. Um pouco mais além, junto à entrada de uma loja de sapatos, uma jovem se abaixou por cima de um carrinho de bebê e pegou uma criança no colo. A criança estava em uma espécie de bolsa com forro de pele, tinha a cabeça protegida por uma touca com forro de pele e estava com o olhar fixo à frente, como se não se importasse com o que estava acontecendo. A mulher segurou a criança com uma mão e abriu a porta da loja com a outra. Os flocos de neve derretiam assim que tocavam o chão. Um homem estava sentado em um banco dobrável com uma enorme placa na mão, onde estava escrito que havia um restaurante cinquenta metros à direita onde era possível comer um bife na tábua por cento e nove coroas. Bife na tábua?, pensei. Muitas das mulheres que andavam pela

calçada pareciam-se umas com as outras, estavam na casa dos cinquenta anos, usavam óculos, tinham corpos gorduchos, usavam casacos e carregavam sacolas com o logotipo da Åhléns, da Lindex, da NK, da Coop e da Hemköp. Os homens da mesma faixa etária eram menos numerosos, mas também se pareciam uns com os outros, embora por outros motivos. Óculos, cabelos grisalhos, olhos pálidos, jaquetas esverdeadas ou acinzentadas com um leve toque casual, quase sempre magros em vez de gordos. Senti vontade de estar sozinho, mas não havia a menor possibilidade, e assim continuei subindo a rua. Como todos os rostos que eu via eram estranhos, e assim haveriam de permanecer durante semanas e meses, já que eu não conhecia viva alma naquele lugar, eu não conseguia evitar a impressão de estar sendo vigiado. Mesmo quando morei em uma pequena ilha onde havia apenas mais três pessoas eu tinha a impressão de estar sendo vigiado. Será que tinha alguma coisa errada com o meu sobretudo? A gola, talvez devesse estar virada para cima? Os sapatos, teriam o aspecto que se espera de um par de sapatos? Será que eu não andava de um jeito meio estranho? Meio inclinado para frente? Ah, eu era um idiota, um idiota. O fogo da estupidez queimava dentro de mim. Ah, como eu era idiota! Eu era um idiota cretino dos infernos. Meus sapatos. Meu sobretudo. Cretino, cretino, cretino. Minha boca, amorfa, meus pensamentos, amorfos, meus sentimentos, amorfos. Tudo se desmanchava. Não havia nada sólido em nenhum lugar. Nada firme, nada necessário. Tudo era macio e idiota. Que inferno. Ah, que inferno! Que inferno, como eu era cretino. Não consegui encontrar paz em um café, no instante seguinte eu tinha absorvido todas as pessoas lá dentro, e continuei a absorvê-las, e cada olhar atingia o meu âmago, provocava um tumulto no meu âmago, e cada gesto que eu fazia, mesmo que fosse apenas folhear um livro, propagava-se da mesma forma nas outras pessoas como um símbolo da minha idiotice, cada gesto meu anunciava: eis aqui um idiota. O melhor seria ir embora, pois os olhares desapareciam um a um, mas eram, claro, substituídos por novos olhares, que no entanto nunca chegavam a se

fixar, mas simplesmente deslizavam, lá vai um idiota, lá vai um idiota, lá vai um idiota. Essa era a música que tocou quando eu ia embora. Eu sabia que nada disso era razoável, que era algo que estava em mim, dentro de mim, mas não adiantava, pois as pessoas alcançavam o meu âmagô, causavam um tumulto em meu âmagô, e mesmo a pessoa mais destrambelhada, mesmo a pessoa mais feia, mais gorda e mais desleixada, mesmo aquela mulher boquiaberta e com o olhar vazio de uma idiota podia olhar para mim e no mesmo instante perceber que eu não era como eu devia ser. Até aquela mulher. Era assim que funcionava. Lá estava eu, em meio à multidão, sob o céu que aos poucos escurecia, em meio aos flocos de neve que caíam, passando por lojas e mais lojas com o interior iluminado, sozinho na minha nova cidade, sem pensar em como as coisas haveriam de se passar, na verdade não fazia diferença nenhuma, eu pensava apenas que tinha de me virar no meio disso. E “isso” era a vida. E o que estava fazendo era me virar.

Encontrei um salão de cabeleireiro sem agendamento que eu não tinha visto na primeira vez que passei em frente, ficava em uma passagem próxima ao grande shopping center. Bastava chegar e sentar-se na cadeira. Nada de lavagem, meu cabelo foi umedecido com borrifos d’água saídos de um recipiente. O cabeleireiro, um imigrante, segundo imaginei curdo, perguntou como eu gostaria de fazer o corte, respondi que eu gostaria curto, mostrei com o polegar e o indicador onde eu tinha imaginado, ele perguntou o que eu fazia da vida, respondi que eu era estudante, perguntou de onde eu vinha, respondi da Noruega, perguntou se eu estava de férias, respondi que sim e depois não se falou mais nada. Os cachos caíam no chão ao redor da cadeira. Eram quase totalmente pretos. Era estranho, porque quando eu me olhava no espelho eu tinha cabelos loiros. Sempre tinha sido assim. Mesmo que eu *soubesse* que o meu cabelo era preto, eu não *via*. Eu via cabelos loiros, como tinha sido na minha infância

e na minha juventude. Mesmo nas fotos eu via cabelos loiros. Só quando eram cortados e eu podia vê-los de maneira avulsa, por exemplo em cima de azulejos brancos, como no salão do cabeleireiro, eu percebia que eram escuros, quase pretos.

Quando saí para a rua meia hora depois o vento frio envolveu meus cabelos recém-cortados como um capacete. Já eram quase cinco horas e o céu já estava quase escuro. Entrei numa H&M que eu tinha visto mais cedo para comprar um cachecol. A seção de vestuário masculino ficava no subsolo. Depois de procurar os cachecóis durante um bom tempo sem conseguir encontrá-los, fui até o balcão e perguntei à atendente onde ficavam.

— O que você disse? — perguntou ela.

— Onde ficam os cachecóis? — repeti.

— Não consigo entender o que você está dizendo. *I'm sorry. What did you say?*

— Os cachecóis — repeti. Levei a mão ao pescoço. — Onde ficam?

— *I don't understand* — disse a garota. — *Do you speak English?*

— *Scarves* — disse eu. — *Do you have any scarves?*

— Oh, *scarves* — ela repetiu. — *That's what we call halsduk. No, I'm sorry. It's not the season for them anymore.*

No alto da rua pensei se eu não devia entrar no Åhléns, que era o nome do grande shopping center, para procurar um cachecol por lá, mas logo abandonei a ideia, era idiotice demais para um único dia, e continuei a subir a rua em direção ao pensionato onde eu tinha passado o verão dois anos antes, sem qualquer motivo especial a não ser que andar com um destino era melhor do que andar sem nenhum. No caminho passei em frente a um sebo. As estantes eram altas e tão próximas umas das outras que mal havia espaço suficiente para se virar entre uma e outra. Depois de lançar um olhar indiferente em direção às lombadas dos livros eu estava mais uma vez a caminho da porta quando percebi um livro de Hölderlin no alto de uma pilha que estava no canto do balcão.

— Esse livro está à venda? — perguntei ao vendedor, um homem da minha idade que tinha me observado por um tempo.

— Claro — ele respondeu, sem esboçar nenhuma expressão.

O livro chamava-se *Sånger*. Seria talvez uma tradução de *Die vaterländische Gesänge*?

Folheei o livro até chegar ao colofão. Era uma edição de 2002. Então o livro era novo. Mas não havia nenhuma informação sobre o título, então corri os olhos pelo posfácio e fui parando em todas as palavras em itálico. De fato. Lá estava: *Die vaterländische Gesänge*. “As canções da pátria”. Mas por que tinham traduzido o título por *Sånger*?

Enfim.

— Vou levar — eu disse. — Quanto você quer por ele?

— *Förlåt*?

— Quanto custa o livro?

— Me empreste aqui um pouco que eu já olho... Cento e cinquenta coroas, por favor.

Paguei, o vendedor colocou o livro em uma sacolinha e me alcançou tudo junto com a nota fiscal, que eu enfiei no bolso de trás antes de abrir a porta e sair, com a sacola balançando na mão. Estava chovendo. Parei, tirei a mochila das costas, guardei o livro lá dentro, coloquei a mochila nas costas outra vez e continuei a subir a rua de compras iluminada, onde a neve que havia caído durante horas não tinha deixado nenhuma outra marca além de uma camada cinzenta que cobria todas as superfícies acima do nível do chão: os beirais das casas, os parapeitos das janelas, as cabeças das estátuas, os pisos das varandas, os toldos com a lona abaulada sob o peso da neve, o alto dos muros, as tampas das latas de lixo, os hidrantes. Mas não a rua em si. A rua permanecia preta e úmida e refletia as luzes das vitrines e dos postes de iluminação pública.

A chuva fez com que a cera que o cabeleireiro tinha passado nos meus cabelos escorresse pela minha testa. Limpei aquilo com a mão, limpei a mão na perna da calça, descobri uma pequena galeria no lado direito da

rua e fui até lá para fumar um cigarro. Por dentro havia um jardim comprido onde ficava a área externa de dois restaurantes. Uma piscina no meio. Na parede ao lado da entrada via-se o nome da Associação de Escritores Suecos. Era um bom sinal. A Associação de Escritores era um dos lugares que eu tinha pensado em contatar para pedir informações sobre um lugar para morar.

Acendi o cigarro, peguei o livro que eu tinha comprado, me escorei na parede e comecei a folheá-lo meio sem vontade.

Hölderlin era um nome familiar para mim desde muito tempo atrás. Não que eu tivesse feito qualquer leitura sistemática dos livros dele, pelo contrário, dois ou três poemas esporádicos em tradução de Olav Hauge tinham sido tudo, e além disso eu sabia apenas mal e mal, da maneira mais superficial possível, a respeito do fim que o levou, dos anos de loucura na torre em Tübingen, porém mesmo assim o nome tinha me acompanhado por muito tempo, mais ou menos desde os dezesseis anos, quando meu tio Kjartan, o irmão dez anos mais novo da minha mãe, começou a falar sobre ele. Kjartan era o único dos irmãos que continuava a morar na casa da família, uma pequena fazenda em Sørbøvåg em Ytre Sogn, junto com os pais: meu avô materno, que na época tinha quase oitenta anos, mas continuava ativo e cheio de vida, e minha avó materna, que estava em um estágio avançado do mal de Parkinson, e que por esse motivo precisava de ajuda para fazer praticamente tudo. Além de cuidar da fazenda, que mesmo não tendo mais do que dois hectares exigia tempo e dedicação, e dos cuidados permanentes com a mãe, meu tio Kjartan trabalhava como encanador de navio em um estaleiro a algumas dezenas de quilômetros. Era um homem extremamente sensível, delicado como a mais delicada planta, sem nenhum interesse e nenhum talento que dissesse respeito aos aspectos práticos da vida, então tudo o que fazia, tudo aquilo em que consistia a vida cotidiana era para ele uma obrigação. Dia após dia, mês

após mês, ano após ano. Força de vontade em estado bruto. Não porque nunca tivesse conseguido romper com as condições em que havia nascido, como certas pessoas talvez pudessem imaginar, não porque fosse uma pessoa que tinha permanecido em um ambiente familiar simplesmente em função da familiaridade, mas apenas como uma consequência dessa natureza sensível. Afinal, a que poderia se dedicar uma pessoa com inclinações ao idealismo e à perfeição no meio dos anos 1970? Se tivesse passado a juventude nos anos 1920, como o pai, talvez pudesse ter se identificado com a atmosfera cheia de vida e rodeada pela natureza do romantismo tardio que perpassava a cultura, ou pelo menos a cultura *nynorsk* em que autores como Olav Nygard, Olav Duun, Kristoffer Uppdal e Olav Aukrust tinham escrito, e que mais tarde seria retomada por Olav Hauge em nossa época; se tivesse passado a juventude nos anos 1950, talvez houvesse adotado as ideias e teorias do radicalismo cultural, se o movimento contrário, o moribundo conservadorismo cultural, não tivesse exercido influência sobre ele primeiro. Mas o fato é que o meu tio não tinha passado a juventude nem nos anos 1920 nem nos anos 1950, mas no início dos anos 1970, então se afiliou ao Partido Comunista dos Trabalhadores e se autoproletarizou, como se costumava dizer. Começou a instalar canos em navios porque acreditava em um mundo melhor do que este. Não apenas por meses ou anos, como tinha acontecido com a maioria dos companheiros, mas por quase duas décadas. Ele fazia parte da minoria ínfima que não desistiu do ideal mesmo quando os tempos mudaram e que continuou a acreditar, mesmo que os custos em termos sociais e privados se tornassem cada vez mais altos à medida que o tempo passava. Ser comunista em um vilarejo era muito diferente de ser comunista em uma cidade. Em uma cidade não se estava sozinho, havia outras pessoas com os mesmos ideais, uma sociedade, e ao mesmo tempo as convicções pessoais não eram visíveis em todas as situações. Mas no vilarejo as pessoas se referem a você como “o comunista”. Essa era a identidade do meu tio, essa era a vida dele. Ser comunista no início dos anos 1970, enquanto todos

eram levados pela onda, também era diferente de ser comunista nos anos 1980, quando todos os ratos tinham abandonado o navio havia tempo. Um comunista solitário é um paradoxo e tanto, mas assim era o meu tio Kjartan. Lembro que o meu pai costumava discutir com ele nos verões em que visitávamos nosso avô e nossa avó, lembro das vozes altas subindo desde a sala até o quarto onde estávamos deitados tentando dormir, e mesmo que eu não soubesse como articular a ideia, e nem mesmo como concebê-la, eu percebia que havia uma diferença entre os dois, e que era uma diferença fundamental. Para o meu pai a discussão era limitada, se resumia a esclarecer Kjartan a respeito daquela ilusão, enquanto para Kjartan era uma questão de vida ou morte, de tudo ou nada. Daí a irritação na voz do meu pai, o fervor na voz de Kjartan. Também era claro, ou pelo menos eu tinha essa impressão, que o meu pai falava a partir da realidade, que tudo o que dizia e achava pertencia a *esse mundo*, pertencia a *nós*, a nossos dias de aula e partidas de futebol, a nossas histórias em quadrinhos e excursões de pesca, a nossas pás de neve e mingaus de sábado, enquanto Kjartan falava a partir de outra coisa, que pertencia a outro lugar. Naturalmente ele não podia admitir que tudo aquilo em que acreditava e a que, de certa forma, havia dedicado a vida inteira não tinha nada a ver com a realidade, como o meu pai, e a maioria das outras pessoas, insistia em afirmar. Que a realidade não era e nunca haveria de ser como Kjartan dizia. Tudo isso poderia fazer dele um sonhador. Mas sonhador era justamente o que ele *não* era! Era *justamente* à realidade concreta, material, física e pé no chão que ele se aferrava! A situação era irônica ao extremo. Kjartan, que esposava teorias baseadas na lealdade e na solidariedade, acabou marginalizado e sozinho. Ele, que via o mundo de maneira idealista e abstrata, ele que tinha uma alma mais refinada do que todos os outros, era quem erguia e carregava, batia e martelava, soldava e parafusava, se esgueirava e se arrastava de um lado para o outro em navio após navio, era quem ordenhava e alimentava as vacas, quem levava pás e mais pás de esterco para o depósito e na primavera espalhava-o pelo

campo, quem cortava a grama e punha o feno para secar, quem fazia a manutenção da casa e dos galpões e cuidava da mãe, que a cada ano precisava de mais cuidados. Essa era a vida de Kjartan. O enfraquecimento do comunismo no início dos anos 1980, somado ao lento declínio e por fim ao desaparecimento das discussões que ele costumava ter por todos os lados, podia ter alterado o sentido de tudo aquilo, mas não o conteúdo. Tudo continuava como antes, seguindo o mesmo curso: era acordar, ordenhar e alimentar as vacas no raiar do dia, pegar o ônibus para o estaleiro, trabalhar o dia todo, voltar para casa e cuidar dos pais, dar uma volta com a mãe dentro de casa, se ela estivesse em condições, ou então sentar-se e flexionar e massagear as pernas dela, ajudá-la a ir ao banheiro, às vezes separar as roupas dela para o dia seguinte, fazer o que fosse necessário na rua, fosse levar as vacas para o curral e ordenhá-las ou qualquer outra coisa, recolher-se, jantar e dormir até a manhã seguinte — caso a minha avó não estivesse ruim a ponto de o meu avô precisar chamá-lo no meio da noite. Essa era a vida de Kjartan, da maneira como podia ser vista de fora. Quando essa fase comunista dele começou eu tinha apenas dois ou três anos, e quando passou, ao menos no aspecto retórico, eu tinha acabado de sair do primário, então tudo não deixou mais do que uma vaga impressão na imagem que eu tinha de Kjartan quando completei dezesseis anos e comecei a me interessar pelo caráter das pessoas. Muito mais importante para essa imagem era o fato de que ele escrevia poemas. Não porque eu me importasse com os poemas, mas porque esse detalhe me dizia mais coisas a respeito dele. Porque ninguém escrevia poemas se não sentisse a necessidade, ou seja, se não fosse poeta. Kjartan não tocava no assunto ao falar conosco, mas tampouco fazia segredo. De um jeito ou de outro, nós sabíamos. Teve um ano em que alguns poemas dele foram publicados no *Dag og Tid*, em outro ano apareceram no *Klassekampen*, breves retratos da realidade dos trabalhadores da indústria, que apesar da timidez inspiraram certa admiração na família Hatløy, onde os livros eram tidos em alta conta. Quando um poema dele apareceu na contracapa do

periódico *Vinduet*, acompanhado de um pequeno retrato, e anos mais tarde os poemas ocuparam duas páginas inteiras da mesma publicação ele se tornou aos nossos olhos um poeta nato. Foi nessa época que começou a ler filosofia. Ficava sentado na casa no alto do fiorde soletrando o alemão pavorosamente complicado de Heidegger no *Sein und Zeit*, provavelmente lendo palavra por palavra, afinal pelo que eu sabia Kjartan não lia nem falava alemão desde a época do colégio, e também os autores sobre os quais Heidegger escrevia, em especial Hölderlin, e também os pré-socráticos que mencionava, e Nietzsche, Nietzsche. Tempos mais tarde ele descreveu as leituras de Heidegger como um retorno ao lar. Não seria exagero dizer que essas leituras preenchiam-lhe todo o ser. Tampouco dizer que havia um elemento religioso nessas vivências. Um despertar, uma mudança de curso, um velho mundo que ganhou um novo significado. Nessa época o meu pai tinha deixado a família, então Yngve, minha mãe e eu começamos a comemorar o Natal na casa do meu avô e da minha avó, onde Kjartan, aos trinta e poucos anos, continuava morando e trabalhando. Os quatro ou cinco Natais que passei lá são com certeza os mais memoráveis que já tive. Minha avó estava doente e ficava sentada junto à mesa, encolhida e tremendo. As mãos tremiam, os braços tremiam, a cabeça tremia, os pés tremiam. Às vezes ela tinha crises de câibras e era preciso colocá-la em uma cadeira, onde as pernas eram dobradas à força e depois massageadas. Mas ela continuava lúcida, o olhar dela era lícido, e ela nos via e ficava alegre de nos ver. Meu avô, atarracado e gorducho e alerta, sentava e começava a contar histórias quando podia, e quando dava risada, o que sempre fazia quando contava histórias, sempre ria até que as lágrimas corressem pelo rosto. Mas ele nem sempre podia, porque Kjartan estava lá, e Kjartan tinha passado um ano inteiro sentado lendo Heidegger, estava repleto de Heidegger no meio de um trabalho exaustivo e inútil sem ter ninguém com quem compartilhar aquelas ideias, porque ninguém tinha ouvido falar de Heidegger em um raio de dezenas de quilômetros, e além do mais ninguém queria ter ouvido falar a respeito de Heidegger,

mesmo eu tendo a impressão de que ele havia tentado, era necessário porque Kjartan estava transbordando com aquilo, mas sem nenhum resultado, ninguém entendia, ninguém queria entender, ele estava realmente sozinho, e assim entramos, Sissel, a irmã dele, que era professora de enfermagem e se interessava por filosofia, Yngve, o filho dela, que frequentava a universidade, o que sempre tinha sido o sonho de Kjartan, e um desejo cada vez mais intenso a cada ano que passava, e o outro filho dela, Karl Ove. Eu tinha dezessete anos, frequentava o ginásio e mesmo que eu não entendesse uma palavra do que estava escrito nos poemas dele eu sabia que Kjartan lia livros. Para ele era o suficiente. Assim que entramos as eclusas se abriram. Todos os pensamentos acumulados durante um ano inteiro correram em uma torrente. Não importava que não entendêssemos, não importava que fosse véspera de Natal, que a mesa estivesse posta com a carne de ovelha, as batatas, o purê de nabo, cerveja de Natal e aguardente; as ideias sobre Heidegger vinham do âmago dele e não se comunicavam de maneira alguma com o mundo exterior, era o Dasein e Das Man, Trakl e Hölderlin, o grande poeta Hölderlin, era Heráclito e Sócrates, Nietzsche e Platão, eram os pássaros nas árvores e as ondas no fiorde, era a condição do homem e o aspecto da existência, era o sol no céu e a chuva no ar, os olhos do gato e a queda da cachoeira. Com os cabelos desgrenhados, o terno desalinhado e a gravata cheia de manchas, Kjartan não parava de falar, os olhos dele ardiam, ardiam de verdade, e eu sempre quero me lembrar daquela cena, porque tudo estava às escuras do lado de fora, a chuva batia contra as janelas, era a véspera do Natal de 1986 na Noruega, a nossa véspera de Natal, os presentes estavam ao redor do pinheiro, a casa estava toda decorada, e a única coisa sobre a qual se falava era Heidegger. A minha avó tremia, o meu avô roía um osso, a minha mãe ouvia com atenção, Yngve tinha desistido de escutar aquilo. Quanto a mim, eu me sentia indiferente em relação à situação como um todo, mas acima de tudo estava feliz porque era Natal. Porém mesmo que eu não entendesse nada do que Kjartan dizia, nada do que escrevia e

também nada dos poemas que admirava com tanta sinceridade, eu compreendi de maneira intuitiva que ele tinha razão, que existia uma filosofia mais elevada e uma poesia mais elevada, e que se essas coisas não fossem compreendidas, se não tomássemos parte nelas, a culpa recairia sobre nós mesmos. Desde então, quando penso nas coisas mais elevadas, penso em Hölderlin, e quando penso em Hölderlin, meus pensamentos surgem ligados à montanha e ao fiorde, à noite e à chuva, ao céu e à terra e aos olhos ardentes do meu tio.

Mesmo que muita coisa tivesse mudado na minha vida desde então, o meu relacionamento com a poesia tinha permanecido quase o mesmo. Eu podia ler poemas, mas eles nunca se revelavam para mim porque eu não tinha “direito” a eles: não eram para mim. Quando tentava me aproximar eu me sentia como um traidor, sempre me sentia desmascarado, pois o que os poemas diziam era sempre a mesma coisa: Quem você pensa que é para entrar aqui? Era o que me diziam os poemas de Óssip Mandelstam, os poemas de Ezra Pound, era o que me diziam os poemas de Gottfried Benn, era o que me diziam os poemas de Johannes Bobrowski. Era necessário fazer por merecê-los.

Como?

Muito simples. Bastava abrir um livro e ler, e se os poemas se revelassem você os merecia, senão você não os merecia. Ser uma das pessoas a quem os poemas não se revelavam me perturbou em especial por volta dos meus vinte anos, quando eu ainda era cheio de ilusões a respeito de quem eu poderia ser. As consequências dessa não revelação dos poemas foram profundas, e muito maiores do que se eu tivesse sido barrado de um gênero literário. Foi essa a sentença que recebi. Os poemas davam a impressão de pertencer a uma outra realidade, ou então viam a realidade de outra forma, de uma forma mais verdadeira do que a realidade que conhecemos, e o fato de que o talento para ver não podia ser aprendido, mas era algo a que

você simplesmente tinha ou não tinha acesso me condenou a uma vida na baixa, fez de mim um dos baixos. A dor causada por essa revelação foi enorme. E a bem dizer havia somente três maneiras possíveis de se comportar em relação a isso. A primeira era reconhecer a situação e aceitá-la. Nesse caso eu seria um homem absolutamente normal que levaria uma vida absolutamente normal e encontraria o significado dela onde quer que eu estivesse, e não em outro lugar. Na prática era o que me parecia. Eu gostava de assistir a partidas de futebol e também de jogar quando surgia uma oportunidade, gostava de música pop e tocava bateria em uma banda duas ou três vezes por semana, acompanhava palestras na universidade, saía um pouco ou ficava em casa no sofá à noite e assistia a TV com a garota com quem eu estivesse saindo. A segunda era negar tudo, dizendo para mim mesmo que o potencial existia e simplesmente não tinha sido realizado ainda, e assim viver uma vida de literatura, talvez como crítico, talvez como professor universitário, talvez como escritor, pois era totalmente possível se manter nesse mundo sem que a literatura jamais se revelasse. Era possível escrever uma tese inteira sobre Hölderlin, por exemplo, descrevendo os poemas, discutindo os temas abordados e a maneira como se manifestavam na sintaxe, no vocabulário, no emprego de imagens, era possível escrever sobre a relação entre os elementos gregos e cristãos, sobre o papel da natureza nos poemas, sobre o papel do clima, ou ainda sobre as relações entre os poemas e a realidade político-histórica em que tinham sido escritos, caso se desse ênfase aos aspectos biográficos, como por exemplo a cultura germânica e protestante ou a profunda influência da Revolução Francesa. Era possível escrever sobre a relação com os outros idealistas alemães, Goethe, Schiller, Hegel, Novalis, ou ainda sobre a relação com Píndaro nos poemas tardios. Era possível escrever sobre as traduções pouco ortodoxas de Sófocles, ou ainda ler os poemas à luz do que Hölderlin tinha escrito acerca da própria poética em correspondências. Também era possível ler os poemas e contrastá-los com a interpretação oferecida por Heidegger, ou dar um passo ainda maior e

escrever sobre a luta travada por Heidegger e Adorno em função de Hölderlin. Também era possível escrever sobre toda a história da recepção, ou sobre a história da tradução. Tudo isso era possível sem que os poemas de Hölderlin jamais se revelassem. O mesmo podia ser e naturalmente era feito com todos os outros poetas. Também era possível, com uma certa disposição ao trabalho árduo, escrever poemas próprios mesmo sendo uma das pessoas a quem a poesia não se revelava; a diferença entre um poema e um poema que apenas parece ser um poema é percebida somente por um poeta. Entre esses dois métodos, o primeiro, a aceitação, era o melhor, mas também o mais difícil. O segundo método, a negação, era mais fácil, mas também era o menos confortável, porque a revelação de que tudo o que se fazia não tinha valor nenhum estaria sempre muito próxima. E uma vida literária baseia-se justamente na busca pelo valor. O terceiro método, que consistia em abandonar toda essa problemática, era portanto o melhor. Não existem coisas elevadas. Não existem revelações privilegiadas. Nada é melhor ou mais verdadeiro do que qualquer outra coisa. O fato de que os poemas não se revelavam para mim não queria necessariamente dizer que eu era mais baixo do que ninguém, ou que os meus escritos teriam necessariamente um valor menor. As duas partes, tanto os poemas que não se revelavam como os meus escritos, eram fundamentalmente a mesma coisa, ou seja, texto. Se meus escritos fossem mesmo piores, o que obviamente eram, não seria correto afirmar que esse era o resultado de uma situação irreparável em que me faltava alguma coisa, mas apenas de uma situação que podia se alterar através do trabalho árduo e do acúmulo de experiências. Até certo ponto, é evidente que conceitos como talento e qualidade continuavam sendo incontornáveis, porque afinal as pessoas não escrevem todas com o mesmo nível de desenvoltura. O mais importante era que não existisse um abismo, que não houvesse nada intransponível, entre os que tinham e os que não tinham; entre os que viam e os que não viam. Em vez disso era apenas uma questão de gradação contida em uma mesma escala. Era um pensamento reconfortante, e não era difícil

fundamentá-lo, afinal tinha reinado soberano na crítica artística e em círculos universitários desde a metade dos anos 1960 até hoje. Os conceitos que eu tinha adotado e que eram uma parte tão óbvia de mim que eu nem ao menos sabia que eram conceitos, e que portanto eu não podia expressar mas apenas sentir, e que no entanto tinham me norteado mesmo assim, eram os conceitos do romantismo na forma mais pura, ou seja, conceitos antiquados. As poucas pessoas que tinham uma abordagem séria frente ao romantismo ocupavam-se dos elementos que mantinham relações com os conceitos da nossa época, como a fragmentação e a ironia. Mas para mim a questão não era o romantismo em si — se eu sentia afinidade em relação a uma época qualquer era pelo período barroco, cheio de espaços, alturas e profundezas vertiginosas, ideias sobre a vida e o teatro, os espelhos e o corpo, a luz e a escuridão, a arte e a ciência, o que exercia uma atração mais forte sobre mim —, mas o sentimento que eu tinha de estar longe do essencial, longe do mais importante, do aspecto mais profundo da existência. Se esse era um sentimento romântico ou não, para mim não tinha a menor importância. Para aplacar a dor que essa situação provocava eu me defendi usando as três maneiras possíveis, e por longos períodos cheguei a acreditar nelas, em especial na última. Tentei me convencer de que a ideia de que a arte era o lugar onde ardiam as chamas da beleza e da verdade, o último lugar onde a vida podia mostrar o verdadeiro rosto, não passava de um equívoco. Mas volta e meia ela ressurgia. Não como um pensamento, mas como um sentimento imune a qualquer tipo de argumentação. Mas eu sabia muito bem que era tudo mentira, que eu estava enganando a mim mesmo. Foi assim que me senti em frente à entrada da Associação de Escritores Suecos em Estocolmo naquela tarde em março de 2002 enquanto eu folheava os últimos grandes hinos de Hölderlin na tradução de Fioretos.

Ah, pobre de mim!

Em frente à entrada passava um fluxo constante de pessoas novas. A luz dos postes de iluminação pública suspensos em fios acima da rua brilhava

nas jaquetas e sacolas, no asfalto e nas superfícies de metal. Um discreto ruído de passos e vozes deslizava pelo espaço entre as fileiras de casas. Em um parapeito no segundo andar dois pombos permaneciam imóveis. Na extremidade da lona do toldo que se estendia desde a parede em que eu me escorava a água se acumulava em gotas pesadas que a intervalos regulares se desprendiam e caíam no chão. Eu tinha guardado o livro na mochila e então tirei o celular do bolso da jaqueta para conferir o horário. O visor estava apagado, então precisei ligá-lo ao mesmo tempo em que eu retomava minha caminhada. Uma mensagem chegou. Era Tonje.

Você já chegou? Estou pensando em você.

Aquelas duas frases de repente fizeram com que eu sentisse a presença dela. A imagem de Tonje, de tudo que ela representava para mim, me preencheu por inteiro durante um breve intervalo. Não apenas o rosto dela e a forma de agir, como acontece quando pensamos em uma pessoa conhecida, mas tudo o que aquele rosto dela podia ser, todas as coisas indefiníveis e ao mesmo tempo infinitamente claras que uma pessoa irradia para quem a ama. Mas eu não quis responder. Eu tinha ido embora justamente para me afastar dela, então assim que uma onda de tristeza me atingiu eu apaguei a mensagem e voltei para a tela com o relógio com um clique.

Eram 16h21.

Faltava pouco mais de meia hora para eu me encontrar com Geir.

Ou será que tínhamos combinado às quatro e meia?

Será?

Merda, era às quatro e meia! Era às quatro e meia, e não às cinco.

Dei meia-volta e comecei a descer a rua correndo. Depois de correr por alguns quarteirões tive que parar para tomar fôlego. O homem sentado que segurava a placa em formato de seta me encarou com os olhos velados. Interpretei aquilo como um sinal e entrei na rua para onde a seta apontava. Quando cheguei ao cruzamento no fim do quarteirão a estação de trem estava bem à minha frente, e em uma parede no fundo de uma ruela no

outro lado vi uma placa amarela com um anúncio do Arlanda Express. Eram 16h26. Se eu pretendesse chegar na hora seria necessário correr também durante a última parte do trajeto. Deixei para trás a rua, entrei no terminal do trem para o aeroporto, continuei ao longo da plataforma, entrei na antessala, passei pelos quiosques e cafés, bancos e armários e enfim cheguei ao saguão principal tão sem fôlego que precisei me inclinar para frente e apoiar as mãos nos joelhos.

Tínhamos combinado de nos encontrar ao lado de uma balaustrada circular no meio do saguão, de onde se enxergava o andar de baixo. Quando me endireitei a fim de procurá-la, o relógio na parede marcava exatamente quatro e meia.

Lá.

Percorri um trajeto pouco lógico, que passava junto à fileira de quiosques, e me posicionei um pouco afastado da parede para que eu pudesse ver Geir antes que ele me visse. Fazia doze anos que eu não o via, e mesmo na época eu o tinha visto apenas quatro ou cinco vezes em um período de dois meses, então desde o momento em que recebi o convite para ficar na casa dele tive medo de não reconhecê-lo. Quer dizer, “reconhecer” não era um conceito muito relevante nesse contexto, porque eu simplesmente não tinha nenhuma imagem a respeito dele. Ao pensar em Geir eu não imaginava o rosto dele, mas as letras do nome, ou seja, “Geir”, e tinha a vaga impressão de uma pessoa que ria. Minha única lembrança na companhia dele dizia respeito ao episódio no bar do Fekterloftet em Bergen. Geir riu e disse, ah, você é um existencialista! Eu não tinha a menor ideia de por que eu recordava justamente essa cena. Talvez porque eu não sabia o que era um “existencialista”? E porque me senti lisonjeado ao saber que as minhas opiniões se encaixavam em um sistema filosófico bem conhecido?

Mesmo assim eu continuava sem saber o que era um existencialista. Eu conhecia o conceito, um punhado de nomes e datas, mas não seria capaz de reproduzir o conteúdo exato.

Eu era o rei da imprecisão.

Tirei a mochila das costas e a coloquei no chão entre os meus pés, mexendo os ombros para frente e para trás enquanto eu observava as pessoas que estavam junto à balaustrada. Nenhuma delas podia ser Geir. Quando aparecesse um sujeito que correspondesse ao pouco que eu sabia eu tinha pensado em me aproximar e esperar que Geir me reconhecesse. Na pior das hipóteses eu teria de perguntar: Você é o Geir?

Olhei para um relógio no outro lado do saguão: 4h35.

Será que tínhamos combinado às cinco, afinal de contas?

Por um motivo ou outro eu tinha a impressão de que Geir era pontual. Nesse caso devíamos ter marcado às cinco. Ainda na antessala eu tinha visto um cibercafé, e depois de esperar por alguns minutos fui até lá para esclarecer o assunto. Eu também sentia a necessidade de reler os e-mails de Geir mais uma vez, apreciar o tom das mensagens para que a situação que me aguardava se tornasse um pouco menos desconhecida.

Meus problemas com o idioma até aquele ponto me levaram a dizer apenas *internet?* para a garota do outro lado do balcão. Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça e apontou em direção a um dos computadores. Me sentei em frente ao monitor e acessei a página do meu e-mail, onde corri os olhos por cima das novas mensagens. Todas eram da redação da *Vagant*. Mesmo que eu tivesse deixado Bergen para trás havia menos de vinte e quatro horas, senti como se a discussão entre Preben, Eirik, Finn e Jørgen na tela à minha frente estivesse acontecendo em um outro mundo, ao qual eu havia deixado de pertencer. Era como se eu tivesse cruzado uma linha, como se eu de fato *não pudesse mais voltar atrás*.

Eu estava lá ontem, disse eu para mim mesmo. E ainda nem decidi quanto tempo vou ficar aqui. Posso voltar daqui a uma semana se eu quiser. Ou amanhã.

Mas não era assim que eu sentia. Eu sentia como se nunca mais pudesse voltar atrás.

Virei a cabeça e olhei em direção ao Burger King. Na mesa mais próxima estava um copo com Coca-Cola derramada. O líquido preto tinha escorrido em um formato comprido e ovalado e continuava a pingar das bordas para o chão. Na mesa de trás um homem com os joelhos encolhidos comia como se aquilo fosse um castigo: por um momento a mão correu entre o copo e as batatas fritas, o potinho com ketchup e a boca mastigante, e a seguir ele engoliu, pegou o hambúrguer com as duas mãos, levou-o até a boca e deu uma dentada. Enquanto mastigava, o homem manteve o hambúrguer a postos a alguns centímetros da boca, e então deu uma nova dentada, limpou os lábios com uma mão e levantou o copo de bebida com a outra, enquanto ao mesmo tempo olhava de relance para as três adolescentes de cabelos pretos que conversavam na mesa ao lado. Os olhos de uma das garotas encontraram os meus, e então desviei o olhar em direção à entrada, por onde duas aeromoças uniformizadas passaram cada uma com uma mala de rodinhas, e em seguida baixei os olhos mais uma vez em direção ao monitor, com os estalos bem definidos e cada vez mais baixos dos saltos nos ouvidos.

Qual seria o problema se eu nunca mais voltasse? Esse tinha sido o meu desejo. Estar aqui, sozinho, em uma cidade estranha. Sem nada que me prendesse, nenhuma outra pessoa, apenas eu, livre para fazer o que eu bem entendesse.

Mas então por que o sentimento de pesar?

Cliquei no e-mail de Geir e comecei a ler.

Meu caro Karl Ove,

É uma ideia sensacional. Como você mesmo escreveu, Uppsala é uma cidade universitária, de fato. A cidade lembra Sørlandet na virada do século, é um lugar para onde as pessoas mandam os filhos para que aprendam a falar usando o “r” gutural. Estocolmo é uma das mais belas capitais do mundo, mas não é nem um pouco relaxante. A Suécia é um paradoxo fantástico, por um lado é conhecida pelas fronteiras

abertas, por outro é um dos países mais segregados da Europa. Se você não quiser ir para Uppsala, recomendo que more em Estocolmo. (De qualquer modo a viagem leva apenas quarenta ou cinquenta minutos e o trem passa a cada meia hora.)

No que diz respeito a encontrar um apartamento, um estúdio, um quarto para alugar, não é uma tarefa simples. Em Uppsala talvez seja pior em função do número de estudantes. É difícil, mas não impossível. Não sei de ninguém que tenha um quarto para alugar, mas posso ver o que descubro. Pelo que entendi você não está se mudando de vez, mas só até o final do ano, talvez seja possível conseguir um “andrahandslägenhet”, que é como se chama um apartamento sublocado aqui na Suécia. Certas imobiliárias se especializam nesse tipo de serviço. Você já tentou contatar o “Svensk författarförbund”? Pode ser que tenham apartamentos para escritores de outros países, ou pelo menos saibam quem mais possa ter. Se você quiser eu posso ligar para imobiliárias, organizações etc. Hoje é dia 16 de março. Você não prefere vir em um fim de semana, ou quem sabe em um dia útil, quando tudo está aberto, para ver se você gosta? Ou você já está decidido? Nesse caso posso começar a me informar sobre os apartamentos no começo da semana que vem. De um jeito ou de outro você está convidado a passar um tempo aqui, seja de férias ou em busca de um lugar para morar.

Não tenho o seu número, mas vai ser mais fácil pensar em um plano de ataque por telefone. A Suécia é um lugar bom para morar agora se você recebe em coroas norueguesas. Quanto você está disposto a gastar por mês? Está pensando num apartamento de dois ou três ambientes?

Nos vemos em seguida

Geir

Karl Ove,

Se você ainda não está no trem, me ligue assim que chegar a Oslo ou a Estocolmo! Não jogue dinheiro fora se hospedando em hotéis. Você não tem motivo para se sentir constrangido. Eu tenho motivos egoístas, você fala norueguês fluente. Meu vocabulário está diminuindo. A propósito, a Universidade de Uppsala foi construída em 1477.

Meu número em Estocolmo é 708 96 93.

Geir

Quer dizer que você não gosta de telefones? Vamos nos encontrar então na Centralstationen (onde o seu trem chega) às cinco da tarde. Você vai ver uma balaustrada circular no meio do saguão (conhecida como “parapeito dos boiolas”). Nos encontramos lá. Mas ligue se você tiver qualquer contratempo! (Você não pode ser tão contra a telefonia.)

Geir

Essa era a nossa correspondência. Em nenhum momento senti dúvidas em relação à sinceridade do convite, porém mesmo assim eu relutava em aceitar. Um encontro em um café teria sido mais adequado às circunstâncias. Por outro lado eu não tinha muito a perder. E afinal de contas ele vinha de Hisøya.

Fechei o documento e lancei um olhar em direção à mesa com as três adolescentes antes de pegar a mochila e me levantar. A garota que estava com a palavra falava com um arrebatamento frustrado, de maneira extremamente assertiva, e era recebida com a mesma intensidade. Se elas não estivessem falando eu acharia que tinham por volta de dezenove anos. Mas naquele instante percebi que estavam mais para quinze.

A que estava mais perto de mim virou a cabeça e mais uma vez os olhos dela encontraram os meus. Não para me oferecer qualquer tipo de coisa, não era um olhar aberto, mas para constatar que eu a via. Mesmo assim foi um olhar revelador. Revelou um lampejo de algo que parecia alegria. Então, quando fui até o balcão pagar, fui atingido pelo ribombar da consciência. Eu tinha trinta e três anos. Era um homem maduro. Por que então eu continuava a pensar como se tivesse vinte? Quando essa criancice me deixaria de vez? Aos trinta e três anos meu pai tinha um filho de treze anos e outro de nove, tinha uma casa e um carro e um emprego, e nas fotos dessa época ele parece um homem, e pelo que lembro também se

comportava como um homem, pensei enquanto eu aguardava em frente ao balcão. Coloquei a mão quente na superfície fria do mármore. A atendente se levantou de uma cadeira e chegou mais perto para receber o pagamento.

— Quanto deu? — perguntei.

— *Ursäkta?*

Soltei um suspiro.

— Quanto custa?

Ela consultou o monitor logo à frente.

— Dez coroas.

Alcancei para ela uma nota enrolada de vinte.

— Pode deixar assim — disse eu, indo embora antes que ela viesse com mais um dos *ursäkta?* que pareciam inundar o país. O relógio na parede do saguão principal marcava seis para as cinco. Me acomodei no mesmo lugar de antes e fiquei olhando para as pessoas ao redor da balaustrada. Quando percebi que nenhuma delas correspondia à imagem vaga que eu tinha na lembrança, deixei meu olhar correr em meio às pessoas que estavam caminhando pelo saguão. Do quiosque no outro lado veio um homem atarracado com uma cabeça grande e uma aparência tão especial que eu o segui com os olhos. Tinha cerca de cinquenta anos, cabelo amarelado, rosto largo, nariz grande, a boca um pouco torta e olhos pequenos. Parecia um gnomo. Mas estava vestido de terno e sobretudo, trazia em uma das mãos uma elegante bolsa de couro, um jornal debaixo do braço, e talvez tenha sido aquilo, aquela outra natureza que parecia se extravasar por sob o exterior cosmopolita, que me levou a segui-lo com os olhos até que desaparecesse nos degraus da plataforma de onde o trem partia. De repente percebi que tudo era muito antigo. As costas, as mãos, os pés, as cabeças, as orelhas, o cabelo, as unhas, todos os corpos que lotavam o saguão eram velhos, consistiam em pura velhice. O murmúrio de vozes era velho. Até mesmo a alegria era velha, até mesmo a disposição e a expectativa em relação ao futuro eram velhas. E mesmo assim tudo era novo, novo para

nós, essa época pertencia a nós, pertencia à fila de táxis na rua, pertencia às cafeteiras nos balcões dos cafés, pertencia aos estandes com revistas nas bancas, pertencia aos celulares e iPods, às jaquetas da Goretex e aos computadores portáteis que eram levados em bolsas pelo saguão e no interior dos trens, pertencia aos trens e às portas automáticas, às máquinas de bilhetes e aos painéis luminosos com informações sobre os destinos. A velhice não tinha vez aqui. Mesmo assim, ocupava todo o lugar.

Que pensamento horrível.

Enfiei a mão no bolso para conferir se as chaves do armário estavam lá dentro. Estavam. Em seguida bati com a mão no peito para ver se o cartão de crédito estava no lugar. Estava.

Na multidão à minha frente surgiu um rosto conhecido. Meu coração bateu mais depressa. Mas não era Geir, era outra pessoa. Um conhecido ainda mais distante. O amigo de um amigo? Um antigo colega de escola?

Sorri quando me lembrei. Era o homem do Burger King. Ele parou e consultou o painel com os horários das partidas. Entre o indicador e o polegar da mão que carregava a valise ele segurava um bilhete. Quando foi conferir o horário do bilhete com o horário do painel, ergueu a valise inteira para junto do rosto.

Olhei para o relógio no fim do saguão. Faltavam dois minutos. Se Geir fosse mesmo tão pontual quanto eu imaginava, já devia estar no saguão àquela altura, então corri os olhos de maneira um pouco mais sistemática pelas figuras que se aproximavam. Primeiro à esquerda, depois à direita.

Lá.

Aquele devia ser Geir?

Sim. Era ele. Lembrei do rosto quando vi. E ele não apenas veio andando na minha direção mas também tinha o olhar fixo em mim.

Sorri, limpei a mão na coxa da forma mais discreta possível e a estendi quando ele parou na minha frente.

— Olá, Geir — eu disse. — Quanto tempo!

Ele também estava sorrindo. Soltou a minha mão quase antes de tê-la apertado.

— Faz mesmo — ele concordou. — Mas você não mudou nada.

— Não? — perguntei.

— Não, não. É como se eu estivesse vendo você em Bergen. Alto, sério, de sobretudo.

Geir riu.

— Vamos? — ele perguntou. — Aliás, onde está a sua bagagem?

— Em um armário no andar de baixo — respondi. — O que você acha da gente tomar um café primeiro?

— Pode ser — ele disse. — Aonde você quer ir?

— Por mim qualquer lugar está bom — respondi. — Perto da entrada tem um café.

— Certo. Então é para lá que nós vamos.

Geir seguiu à frente, parou junto de uma mesa, perguntou sem olhar para mim se eu queria açúcar ou leite e desapareceu atrás do balcão enquanto eu tirava a mochila, me sentava e pegava o tabaco. Vi enquanto trocava algumas palavras com a atendente e lhe entregava uma cédula. Mesmo que eu o tivesse reconhecido, e que portanto a imagem subconsciente que eu tinha estivesse correta, a aura dele não era aquilo que eu esperava. Era muito menos física, quase desprovida do peso corpóreo que eu costumava atribuir a ele. Eu devia ter essa impressão porque sabia que Geir tinha lutado boxe.

Senti uma vontade forte de dormir, de me deitar em um quarto vazio, apagar a luz e simplesmente desaparecer do mundo. Era isso que eu queria, e o que me esperava, horas de obrigações sociais e conversas vazias, parecia insuportável.

Soltei um suspiro. A iluminação elétrica no teto, que se espalhava por cima de todo o saguão, e que aqui e acolá projetava reflexos contra uma janela, uma superfície metálica, uma laje de mármore ou uma xícara de café, devia ser o bastante para me deixar feliz por estar aqui. As centenas de

peças que se moviam como sombras de um lado para outro no saguão deviam ser o bastante para me deixar feliz. Tonje, com quem eu tinha passado os últimos oito anos, compartilhar a vida com ela, com a pessoa maravilhosa que ela era, devia ter me deixado feliz. Encontrar o meu irmão Yngve e os filhos dele devia ter me deixado feliz. Toda a música que existia, toda a literatura que existia, toda a arte que existia, tudo, tudo, tudo devia ter me deixado feliz. Mas em relação a toda a beleza do mundo, uma beleza quase esmagadora, eu era indiferente. Em relação aos meus amigos eu era indiferente. Em relação à minha vida eu era indiferente. Simplesmente era assim, e assim tinha sido por muito tempo e eu não aguentava mais, e portanto tinha decidido tomar uma providência. Eu queria voltar a ser feliz. Parece idiota, eu não podia dizer uma coisa dessas para ninguém, mas era assim.

Levei o cigarro enrolado pela metade até os lábios e lambi a cola, apertei-a com os polegares para que grudasse no papel, espremi o tabaco solto nas duas pontas e o deixei cair no interior branco e reluzente do pacote, ajeitei a aba para que tudo deslizasse rumo ao montinho compacto de tabaco marrom-claro, cheirei o pacote, guardei-o no bolso do sobretudo, que estava pendurado na cadeira, coloquei o cigarro na boca e o acendi com a chama amarela e trêmula que saía do isqueiro. Geir estava sentado junto ao balcão com duas canecas nas quais servia café ao mesmo tempo em que a atendente largou o troco em cima do balcão e começou a atender o cliente seguinte, um homem de cabelo comprido na casa dos cinquenta anos com chapéu e botas que estava usando uma espécie de capa que parecia um poncho.

Não, Geir não tinha uma aura corpórea. A aura que tinha, revelada por completo no mesmo instante em que parou de olhar nos meus olhos, no mesmo instante em que soltou a minha mão e deixou que o olhar se perdesse ao redor, era de inquietação. Geir parecia ter a necessidade de estar o tempo todo em movimento.

Em seguida ele voltou com uma caneca em cada mão. Não consegui deixar de sorrir.

— E então? — ele perguntou, largando as canecas em cima da mesa e puxando uma cadeira. — Você quer se mudar para Estocolmo?

— É o que parece — respondi.

— Nesse caso minhas preces foram atendidas — ele disse sem olhar para mim. Geir olhava para a mesa, em direção à asa da caneca. — Não sei quantas vezes eu disse para a Christina que eu gostaria muito que um norueguês interessado por literatura viesse morar aqui. E agora você apareceu.

Ele levou a caneca em direção à boca e soprou a superfície antes de beber.

— Eu escrevi uma carta para você no verão em que você foi para Uppsala — eu disse. — Uma longa carta. Mas nunca mandei. Ela continua fechada num envelope na casa da minha mãe. Nem sei mais o que escrevi.

— Você está brincando! — ele disse, olhando para mim.

— Você quer que eu a entregue a você?

— Claro que quero! E não invente de abrir o envelope. Deixe tudo como está na casa da sua mãe. É uma cápsula do tempo!

— Pode ser — eu disse. — Não lembro de nada daquela época. E todos os manuscritos e diários que eu escrevia naquela época eu queimei.

— Queimou? — Geir repetiu. — Não simplesmente jogou fora, mas queimou mesmo?

Acenei a cabeça.

— Que dramático — ele prosseguiu. — Mas você já era assim em Bergen.

— Era?

— Se era.

— E você não?

— Eu não! Não mesmo.

Geir riu. Virou a cabeça e olhou para o fluxo de transeuntes. Virou-a de volta e deixou o olhar correr pelos outros clientes do café. Amassei a ponta do cigarro contra o cinzeiro. A fumaça que se desprende começou a ondular com os movimentos da porta, que o tempo inteiro se abria e fechava. Eu olhava para Geir em relances quase imperceptíveis. A impressão que ele dava era de certa forma independente do rosto. Os olhos eram escuros e tristes, mas não havia mais nada de escuro ou de triste na aura que irradiava. Ele parecia feliz e tímido.

— Você conhece Estocolmo? — perguntou-me.

Balancei a cabeça.

— Não muito bem. Só estive aqui umas poucas vezes.

— É uma cidade bonita. Mas fria como gelo. Você pode morar aqui uma vida inteira sem estabelecer nenhum contato próximo com outras pessoas. Tudo é projetado para que as pessoas não tenham contato umas com as outras. Olhe para aquela escada rolante — ele disse, apontando com a cabeça em direção ao saguão, onde provavelmente ficavam as escadas rolantes. — Quem está parado fica à direita, quem está andando fica à esquerda. Quando eu vou a Oslo, fico quase chocado com a quantidade de vezes que as pessoas esbarram em mim. São batidas e cutucões o tempo inteiro. Sabe quando você está na rua e vai para a esquerda, depois para a direita, depois para a esquerda de novo porque outra pessoa vem na direção contrária? Aqui é o único lugar do mundo onde isso não acontece. Todos sabem exatamente onde caminhar e todos fazem o que devem fazer. No aeroporto tem uma listra amarela na frente da esteira de bagagens indicando até onde é permitido pisar. E ninguém pisa além da listra. A retirada das bagagens transcorre de maneira polida e ordenada. As conversas também se organizam dessa forma aqui nesse país. Existe uma linha amarela que ninguém pode ultrapassar. Todo mundo é cortês, todo mundo é comportado, todo mundo diz o que deve. O mais importante é não ofender ninguém. Quando você está acostumado a viver assim é chocante ler os debates nos jornais noruegueses. Quanto fervor! As

peças se xingam umas às outras! Essas coisas são inconcebíveis por aqui. E quando um professor universitário norueguês fala na TV, o que quase nunca acontece porque aqui ninguém se importa com a Noruega, a Noruega não existe para a Suécia, mas enfim, às vezes acontece, essas pessoas parecem loucos com cabelos desgrelhados e vestidos com roupas desleixadas ou esquisitas, e dizem coisas que não deviam dizer. Claro, faz parte da tradição acadêmica norueguesa, em que a formação não tem ou não deve ter uma expressão externa... ou então em que a expressão acadêmica externa deve refletir características idiossincráticas e individuais. Não as características genéricas e coletivas, como acontece aqui. Mas claro que ninguém entende. Aqui as pessoas veem loucos por todos os lados. Na Suécia as pessoas acreditam que os costumes suecos são os únicos possíveis. Qualquer desvio em relação aos costumes suecos é visto como imperfeito e errado. Eu quase morro de irritação. Claro, foi Jon Bing que eu vi. Ele parecia um louco de atar. Cabelo comprido e barba, e acho que estava usando um casaco de tricô.

“Um acadêmico sueco tem um aspecto sóbrio, se comporta de maneira sóbria e diz o que todos esperam ouvir da maneira como todos esperam ouvir. *Todo mundo* se comporta de maneira sóbria aqui. Ou melhor, todo mundo se comporta assim em público. Nas ruas a coisa é um pouco diferente. Uns anos atrás deram alta para todos os pacientes psiquiátricos do país. Então você sempre acaba vendo um pessoal falando sozinho e gritando onde quer que vá. Além disso também determinaram que os pobres morem apenas em certos bairros, que os ricos morem apenas em certos bairros, que as pessoas que trabalham com cultura morem apenas em certos bairros e que os imigrantes morem apenas em certos bairros. Daqui a um tempo você vai entender tudo isso.”

Ele levantou a caneca de café até a boca e tomou um gole. Eu não sabia o que dizer. Os comentários de Geir não eram motivados pela situação, apenas pelo fato de que eu tinha acabado de chegar da Noruega, e foram articulados de tal forma e manifestados em um fluxo tão coerente que

davam a impressão de terem sido preparados com antecedência. Era uma das coisas que *dizia*, pelo que entendi, um dos temas dele. Minha experiência com outras pessoas de temas próprios me dizia que seria preciso esperar até que o grosso da pressão acumulada diminuísse um pouco, pois assim muitas vezes se revelava um outro tipo de atenção e de presença. Eu não tinha como saber se Geir tinha ou não tinha razão no que dizia, eu simplesmente pressentia que aquilo era motivado por uma frustração e que na verdade ele gostaria de falar sobre a causa dessa frustração. Talvez fosse a Suécia. Talvez fosse alguma coisa dentro dele. Para mim não importava, ele podia falar sobre o que bem entendesse, não era por isso que eu estava sentado naquele café.

— Os esportes e a vida acadêmica combinam na Noruega, e a cerveja e a academia também — ele prosseguiu. — Pelo menos é o que eu lembro de Bergen. Os esportes eram uma parte importante da vida universitária. Mas aqui essas duas grandezas são irreconciliáveis. Não me refiro aos cientistas, mas aos intelectuais. Aqui a intelectualidade é supervalorizada no ambiente acadêmico, é a única coisa que tem direito a existir, tudo está subordinado ao intelecto. O corpo, por exemplo, é completamente ignorado. Já na Noruega a intelectualidade é subvalorizada. Na Noruega, portanto, a cultura popular não representa problema nenhum para um acadêmico. A ideia é que o ambiente ao redor faça o intelecto brilhar como um diamante. Na Suécia o ambiente ao redor do intelecto também deve brilhar. O mesmo acontece com a alta cultura. Na Noruega ela é subvalorizada, na verdade não deve sequer existir, a cultura elitista não deve sequer existir a não ser que ao mesmo tempo mantenha uma relação com os hábitos das pessoas comuns. Na Suécia ela é supervalorizada. A cultura popular e a cultura elitista são duas grandezas irreconciliáveis aqui. Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa, e não deve haver nenhum intercâmbio entre as duas. Existem exceções, sempre existem, mas a regra geral é essa. Outra grande diferença entre a Noruega e a Suécia diz respeito aos papéis sociais. Na última vez em que estive em casa

peguei o ônibus de Arendal para Kristiansand, e o motorista atrás do volante começou a dizer que na verdade não era motorista, que era outra coisa, e que estava fazendo aquilo só para ajudar com as despesas de Natal. E depois falou que devíamos cuidar uns dos outros durante o feriado. Tudo isso dito no sistema de som! Impensável na Suécia. Aqui as pessoas se identificam com a profissão que exercem. É um papel social que nunca é abandonado. Não existem aberturas, não existe um lugar onde as pessoas possam enfiar a cabeça e dizer, esse sou eu de verdade.

— Então por que você resolveu morar aqui? — perguntei.

Geir me encarou por um breve instante.

— É o país perfeito se você quer ser deixado em paz — explicou, e então deixou o olhar se perder mais uma vez. — Não tenho nada contra essa frieza. Não faço questão de que seja parte da minha vida, mas posso muito bem viver no meio disso, se você entende o que eu quero dizer. É bonito de ver. E também prático. Eu desprezo essa frieza toda, mas por outro lado também colho certas vantagens. Enfim: vamos?

— Claro, vamos — eu disse, e então apaguei o cigarro, bebi a última gota de café, tirei o sobretudo do encosto, me vesti, pus a mochila nas costas e segui atrás de Geir rumo ao saguão. Quando o alcancei ele se virou em direção a mim.

— Você pode andar do meu outro lado? Quase não escuto com esse ouvido.

Fiz como Geir pediu. Notei que enquanto andava ele mantinha os pés meio apontados para o lado, como um pato. Era um detalhe que sempre me chamava a atenção. Bailarinas caminham assim. Uma vez eu tive uma namorada que dançava balé. Era uma das poucas coisas que eu não gostava nela, que andasse com os pés daquele jeito.

— Onde está a sua bagagem? — Geir perguntou.

— Lá embaixo — eu disse. — À direita.

— Então vamos descer por lá — disse Geir, indicando com a cabeça um lance de escadas no fim do saguão.

Não percebi nenhuma diferença entre a maneira como as pessoas se comportavam naquele lugar e na Sentralstasjon em Oslo. Pelo menos nenhuma diferença marcante. As diferenças que Geir tinha discutido pareciam mínimas, e possivelmente tinham sido ampliadas a grandes proporções após tantos anos de exílio.

— Eu estou achando aqui bem parecido com a Noruega — comentei.
— Tantos esbarrões quanto.

— Espere mais um pouco — Geir respondeu, olhando para mim e sorrindo. Era um sorriso irônico, um sorriso malandro. Se tinha uma coisa que eu não suportava era a malandragem, independente da forma que assumisse. Era o mesmo que insinuar que eu sabia menos do que ele.

— Veja — eu disse, parando e apontando em direção a um painel luminoso acima de nós.

— O que tem? — Geir perguntou.

— O painel de chegadas. Foi por isso que vim para cá. Exatamente por isso.

— Como assim? — Geir perguntou mais uma vez.

— Preste atenção. *Södertälje. Nynäshamn. Gävle. Arboga. Västerås. Örebro. Halmstad. Uppsala. Mora. Göteborg. Malmö.* Tem alguma coisa de muito exótico nisso tudo. Na Suécia. A língua é quase igual, as cidades são quase iguais, nas fotos o interior da Suécia parece o interior da Noruega. A não ser pelos detalhes. E são esses pequenos desvios, essas pequenas diferenças, essas coisas *quase* conhecidas, *quase* iguais porém mesmo assim diferentes, que exercem uma atração forte sobre mim.

Geir me encarou com um olhar incrédulo.

— Você é louco! — disse.

Em seguida riu.

Voltamos a caminhar. Não era muito o meu jeito dizer uma coisa daquelas assim, do nada, mas senti que eu tinha que dar o troco. Eu não podia deixá-lo dominar o assunto.

— Essa atração sempre me acompanhou — prossegui. — Não em relação à Índia ou a Burma ou à África, essas grandes diferenças nunca me interessaram. Mas o Japão, por exemplo. Não Tóquio ou as grandes cidades, mas os vilarejos campestres no Japão, os pequenos vilarejos costeiros no Japão, você já viu como a natureza parece a natureza que conhecemos, embora a cultura, ou seja, as casas e os costumes, sejam absolutamente estranhos, absolutamente incompreensíveis? Ou o Maine nos EUA. Você já viu a costa do Maine? A natureza parece a de Sørlandet, mas todas as construções são em estilo americano. Entende o que eu quero dizer?

— Não. Mas estou ouvindo.

— Não tenho mais a dizer.

Descemos até uma passagem subterrânea, que também estava cheia de gente, fomos até os armários de bagagem, tirei as duas malas, Geir pegou uma e então tomamos o caminho em direção às plataformas do metrô que ficavam a algumas centenas de metros.

Meia hora depois atravessamos o centro de uma cidade-satélite construída nos anos 1950, que na escuridão de março e sob a luz da iluminação pública parecia estar completamente intacta. Era Västertorp, todos os prédios eram quadrados e de concreto, e se diferenciavam uns dos outros apenas pelo tamanho — por todos os lados havia arranha-céus, e ao longo das ruas do centro os prédios eram mais baixos e tinham lojas variadas no térreo. Entre um bloco e outro havia pinheiros imóveis. Percebi um ou outro morro, um ou outro lago entre os troncos na luz que vinha das escadarias e janelas que se erguiam do terreno. Geir falava o tempo inteiro, como também havia feito durante toda a viagem de metrô. Na maior parte do tempo ele me explicava o que estávamos vendo. A intervalos regulares eu ouvia os nomes das estações, tão bonitos e tão

estranhos. Slussen, Mariatorget, Zinkensdamm, Hornstull, Liljeholmen, Midsommarkransen, Telefonplan...

— É aqui — Geir anunciou enquanto apontava para um dos prédios na calçada.

Entramos por um corredor, subimos um lance de escadas, atravessamos uma porta. Livros em uma prateleira na parede, uma fileira de casacos num cabide mais adiante, o cheiro da vida de pessoas estranhas.

— Christina! Você não vem cumprimentar o nosso amigo norueguês?
— Geir disse, espiando para dentro do cômodo à nossa esquerda. Dei um passo à frente. Lá dentro a mulher que estava sentada junto à mesa olhou para cima com uma caneta entre as mãos e uma folha de papel logo à frente.

— Oi, Karl Ove! — ela disse. — Bom conhecer você. Ouvi muita coisa a seu respeito.

— Eu infelizmente não ouvi nada a respeito de você — respondi. — A não ser, é claro, pelas coisas que estão no livro do Geir.

Christina sorriu, apertamos as mãos e ela começou a ajeitar a mesa e a preparar um café. Geir me mostrou o apartamento, não levou muito tempo, eram apenas dois ambientes, os dois apinhados de coisas relacionadas a livros. No primeiro, que era a sala, havia um canto onde Christina trabalhava, e no segundo, que era o quarto, Geir trabalhava. Ele abriu os armários e me mostrou os livros que estavam lá dentro. Estavam tão alinhados que ele dava a impressão de ter usado um nível, e ordenados de acordo com as séries e os autores, e não em ordem alfabética.

— Estou vendo que você gosta de pôr ordem na casa — eu disse.

— Gosto de pôr ordem em tudo — Geir respondeu. — Em absolutamente tudo. Não existe uma única coisa na minha vida que não tenha sido planejada ou calculada.

— Parece meio assustador — eu disse enquanto olhava para ele.

Geir sorriu.

— Para mim é assustador encontrar um sujeito que resolve se mudar para Estocolmo de um dia para outro.

— Eu precisei.

— *Querer é precisar querer* — ele respondeu. — Como o místico Maximos diz em *Imperador e Galileu*. Ou, para ser mais exato: “Pelo que vale a pena viver? Tudo na vida são jogos e brincadeiras. — Querer é precisar querer”. Foi nessa peça que Ibsen tentou parecer sábio. Ou pelo menos erudito. Ele tenta fazer uma síntese grandiosa pra burro. “Desafio a necessidade! Não hei de servi-la. Sou livre, livre, livre.” É uma ideia interessante. *A hell of a good play*, como Beckett disse a respeito de *Esperando Godot*. Fiquei encantado na minha primeira leitura da peça. Ibsen se comunica com um tempo que já passou, toda a cultura que pressupõe já desapareceu. É interessante pra burro. Você leu?

Balancei a cabeça.

— Não li nenhuma das peças históricas dele.

— Essa foi escrita numa época em que tudo estava sendo reavaliado. E o que ele faz é justamente uma reavaliação. Como você sabe, Catilina era o símbolo da traição. Mas Ibsen o inverte. Seria quase como inverter Quisling hoje em dia. Ibsen mostrou que tinha colhões ao escrever essa peça. Mas todos os valores que inverte vêm da Antiguidade, e por isso é quase impossível entender o que ele fez. Afinal não lemos Cícero... não é mesmo? Escrever uma peça em que se tenta juntar imperadores e galileus! O resultado é um fracasso, claro, mas um fracasso grandioso. Ibsen é simbólico demais. Mas também destemido. Você percebe o quanto ele ansiava por coisas grandiosas. Eu obviamente não acredito em Ibsen quando ele diz que não leu nada além da Bíblia. Dá para notar a influência de Schiller. *Die Räuber*, os bandoleiros. É a figura de um agitador. Como o *Michael Kohlhaas* de Heinrich von Kleist. E também existe um paralelo com Bjørnson. Talvez seja com *Sigurd Slembe*, você lembra?

— Não faço a menor ideia a respeito de Bjørnson.

— Acho que é com *Sigurd Slembe*. O momento de agir. Em outras palavras, agir ou não agir. É o mesmo classicismo de Hamlet. O dilema entre ser um participante ou apenas um observador da própria vida.

— Em que categoria você se encaixa?

— Boa pergunta.

Fez-se um silêncio momentâneo. Por fim Geir disse:

— Eu sou um observador com momentos de atuação coreografada. Mas na verdade não sei. Acho que tem muita coisa a meu respeito que eu não percebo. E que portanto não existe. E você?

— Observador.

— Mas você está aqui. E ontem você estava em Bergen.

— É. Mas esse não foi o resultado de nenhuma escolha. Foi uma necessidade.

— Mas essa necessidade também não pode ser uma forma de escolher? Deixar que os acontecimentos sigam o próprio rumo e assim façam o serviço?

— Pode ser.

— É estranho — disse Geir. — Quanto menos você sabe, mais intensa é a participação. Os boxeadores que menciono no meu livro tinham uma presença incrível, sabe? Mas isso significa dizer que não eram observadores de si mesmos, e que portanto não se lembram de nada. Nada! Compartilhe o aqui e agora comigo, essa era a oferta que faziam. E para eles funciona, eles sempre têm que subir no ringue outra vez, e se você já tomou uma surra na última luta, o melhor é não lembrar direito, senão você está ferrado. Mas a presença era impressionante. Ocupava simplesmente todo o espaço. Vida contemplativa e vida ativa, são essas as duas formas, não é mesmo? É um velho problema que aflige todos os observadores. Mas não os participantes. É um problema típico dos observadores...

Às nossas costas Christina enfiou a cabeça pela abertura da porta.

— Vocês não querem tomar um café?

— Eu aceito — respondi.

Entramos na cozinha e nos sentamos ao redor da mesa. A janela dava para a rua, que estava vazia sob as luzes da iluminação pública. Perguntei a Christina o que ela estava desenhando quando chegamos, ela disse que estava preparando modelos de sapato para uma pequena fábrica no norte do país. O absurdo de estar sentado em uma cozinha no meio de uma cidade-satélite na Suécia com duas pessoas que eu mal conhecia me atingiu com força. O que eu estava fazendo? O que eu tinha a ver com aquele lugar? Christina começou os preparativos do jantar enquanto eu ficava na sala com Geir falando a respeito de Tonje, explicando como era nossa relação, o que tinha acontecido, como era a minha vida em Bergen. Geir também fez um resumo do que tinha acontecido com ele desde que tinha saído de Bergen treze anos atrás. O que mais me chamou a atenção foi a história de um debate que tinha mantido no *Svenska Dagbladet* com um professor universitário sueco, que o enfureceu a ponto de um dia levá-lo a pregar os últimos argumentos difamatórios na porta do castelo em Uppsala, à moda Lutero. Geir também havia tentado mijar na porta, mas nesse ponto Christina o afastou.

Comemos hambúrguer de ovelha, batatas salteadas e salada grega. Eu estava morrendo de fome, os pratos se esvaziaram muito depressa e Christina adotou uma expressão de culpa. Respondi aos pedidos de desculpa com pedidos de contradesculpa. Tudo indicava que ela fosse como eu. Bebericamos um vinho, conversamos sobre as diferenças entre a Suécia e a Noruega e, enquanto eu pensava, não, a Suécia não é assim, e não, a Noruega não é assim, eu acenava a cabeça e concordava. Às onze horas eu mal conseguia manter os olhos abertos, então Geir buscou as roupas de cama para que preparássemos o sofá da sala e, enquanto estendíamos o lençol, o rosto dele se transformou de repente. *Era completamente outro rosto*. Mas em seguida voltou ao normal, e precisei me esforçar para retê-lo na memória, aquela era a aparência dele, aquele era Geir.

Logo o rosto se transformou outra vez.

Prendi a última aba do lençol por baixo do cobertor e me sentei no sofá. Minhas mãos tremiam. O que estava acontecendo?

Geir se virou em direção a mim. O rosto dele voltou a ser como estava quando o encontrei na Centralstationen.

— Eu ainda não disse nada a respeito do seu romance — ele disse sentando-se do outro lado da mesa. — Mas o livro deixou uma impressão indelével. Me senti profundamente abalado quando terminei de ler.

— Por quê? — eu quis saber.

— Por você ter chegado tão longe. Você percorreu uma distância inacreditável. Me senti contente por você, fiquei aqui sorrindo comigo mesmo ao ver que você tinha conseguido. Quando nos conhecemos você queria ser escritor. Ninguém mais tinha tido essa ideia. Era só você. E você conseguiu. Mas não foi por isso que me senti abalado. Foi por você ter chegado tão longe. Pensei comigo mesmo, será que é preciso chegar tão longe? E esse foi um pensamento assustador. Eu não conseguiria.

— O que você está querendo dizer? Como eu poderia ter chegado tão longe? O meu livro é apenas um romance como qualquer outro.

— Você diz coisas absurdas a seu respeito. Sem falar na história que você conta sobre aquela menina de treze anos. Nunca achei que você fosse ter a coragem.

Senti como se um vento frio soprasse dentro de mim.

— Não tenho a menor ideia do que você está falando — eu disse. — Tudo aquilo foi uma criação artística. Se você pensar a respeito vai perceber que não é tão custoso.

Geir sorriu e olhou no fundo dos meus olhos.

— Você me falou sobre o relacionamento quando nos conhecemos em Bergen. Você tinha vindo do norte da Noruega no verão anterior, mas tudo que tinha acontecido por lá ainda era muito recente. Foi você que me contou. Primeiro a respeito do seu pai, depois sobre uma paixão na época em que você tinha dezesseis anos e se identificava com o tenente Glahn, e

por fim sobre o relacionamento que você teve com uma menina de treze anos quando era professor no norte da Noruega.

— Ha ha — eu disse. — O que você está dizendo não tem graça, se é isso que você pensa.

Geir não estava mais sorrindo.

— Você não está querendo me dizer que não lembra? Ela frequentava as suas aulas e entendi que você estava loucamente apaixonado por ela, a história era uma mistura de tudo que você pode imaginar, mas entre outras coisas você disse que tinha falado com a mãe dela em uma festa, e essa cena aparece no romance exatamente como você a tinha descrito para mim. Mas não tem necessariamente nada de errado com essa história, desde que o desejo tenha sido recíproco, claro. Mas como ter certeza? Essa é a questão. Eu tenho um colega da época da escola que engravidou uma menina de treze anos, ele tinha dezessete quando você tinha dezoito, mas *what the fuck*, essa parte não importa mais agora. O que importa é que você escreveu.

Geir me encarou.

— O que houve? Parece que você viu um fantasma.

— Você está mesmo dizendo uma coisa dessas? — perguntei. — A sério? Eu não disse nada disso, certo?

— Disse. Claro que disse. Está gravado na minha lembrança.

— Mas não aconteceu nada?

— Pelo menos você disse que aconteceu.

Senti como se um punho fechado apertasse o meu coração. Como Geir podia estar me dizendo uma coisa daquelas? Como eu podia ter reprimido um acontecimento de tamanha importância? Como eu podia ter simplesmente afastado e esquecido o assunto, para mais tarde escrever a respeito sem lembrar por um único instante que tinha acontecido?

Não.

Não, não, não.

Aquilo era impensável.

Total e absolutamente inconcebível.

Mas então como eu poderia ter dito aquilo?

Geir se levantou.

— Me desculpe, Karl Ove — ele disse. — Mas você me contou essa história.

— Não consigo entender — eu disse. — Mas você não parece estar mentindo.

Geir balançou a cabeça e sorriu.

— Enfim, durma bem!

— Durma bem.

* * *

Enquanto eu ouvia os ruídos feitos por um casal que se recolhia no quarto atrás da porta, fiquei deitado com os olhos abertos olhando para a sala. O ambiente estava tomado pela luz suave e de aspecto lunar que vinha da iluminação pública lá fora. Meus pensamentos corriam de um lado para o outro tentando encontrar uma explicação para o que Geir havia dito, mas os sentimentos já haviam me condenado: eu os sentia com tanta intensidade no meu âmago que todo o meu corpo doía. De vez em quando um rumor discreto vinha da linha de metrô algumas centenas de metros adiante, e nesse som eu buscava consolo. Mais abaixo havia um ribombar distante, que se eu não soubesse onde estava poderia ter sugerido o mar. Mas eu estava em Estocolmo, devia haver uma grande estrada nas proximidades.

Rejeitei toda aquela história, não havia como eu ter reprimido um acontecimento de tamanha importância. Ao mesmo tempo eu tinha um enorme buraco na minha lembrança, eu tinha bebido muito na época em que morava no norte, como os jovens pescadores com quem eu passava os fins de semana, uma garrafa de destilado ao entardecer era o mínimo. Tardes e noites inteiras tinham sumido da minha lembrança e estendiam-se à minha frente como túneis repletos de vento e de escuridão, ocultando

meus sentimentos mais intensos. O que eu tinha feito? O que eu tinha feito? Quando comecei a estudar em Bergen a situação continuou a mesma, tardes e noites inteiras tinham desaparecido, eu estava à solta na cidade, esse era o meu sentimento, eu podia chegar em casa com o peito da jaqueta sujo de sangue e me perguntar, o que aconteceu? Eu podia chegar em casa com roupas que não eram minhas. Podia acordar em um telhado, podia acordar debaixo de uma moita no parque, e uma vez acordei no corredor de uma instituição. A polícia foi me buscar. Depois veio o interrogatório: uma pessoa tinha arrombado uma porta naquela área e roubado dinheiro, por acaso tinha sido eu? Eu não sabia, mas respondi que não, não, não. Todos esses furos, todas essas trevas inconscientes durante anos inteiros em que cenas enigmáticas e quase fantasmagóricas podiam ter se desenrolado nos limites da memória haviam me enchido de culpa, de muita culpa, e quando Geir disse que eu tinha dito que mantive uma relação com uma menina de treze anos no norte da Noruega eu não tinha como pôr a mão no peito e dizer, não, eu não fiz nada disso, pois uma dúvida pairava, tinha acontecido muita coisa, então por que não?

Somado a esse peso estava também o que tinha acontecido com Tonje e comigo, e além disso tudo o que ainda estava por acontecer.

Será que eu a tinha abandonado? Será que nossa vida juntos tinha acabado? Ou será que era apenas uma interrupção, um afastamento de meses durante o qual pensaríamos sobre nossas vidas cada um no seu canto?

Tínhamos passado oito anos juntos, seis depois de casados. Tonje ainda era a pessoa com quem eu tinha mais intimidade, não fazia nem vinte e quatro horas que tínhamos dormido na mesma cama, e se eu não tivesse me afastado naquele instante, não tivesse dado as costas, tudo continuaria do mesmo jeito, porque o resultado dependia de mim.

O que eu queria, afinal de contas?

Eu não sabia dizer.

Eu estava deitado no sofá de um apartamento na periferia de Estocolmo, onde eu não tinha um conhecido sequer, e dentro de mim tudo era caos e inquietude. A insegurança tinha atingido o meu âmago, chegando até aquilo que fazia de mim quem eu era.

Um rosto apareceu na porta de vidro que dava para a pequena sacada. Desapareceu assim que o vi. Meu coração bateu mais depressa. Fechei os olhos, e o mesmo rosto surgiu mais uma vez. Vi-o de lado, o rosto se virou na minha direção e me encarou. Então se transformou. E se transformou mais uma vez. E se transformou mais uma vez. Eu nunca tinha visto nenhum daqueles rostos antes, mas todos pareciam incrivelmente reais e profundos. Que desfile seria aquele? Então o nariz se transformou em bico, os olhos nos olhos de uma ave de rapina, e de repente uma águia pousou no meu âmago e começou a me encarar.

Tentei me virar de lado.

Tudo o que eu queria era ser uma pessoa decente. Uma pessoa boa e honrada que olhasse nos olhos dos outros e em quem todos pudessem confiar.

Mas não era o caso. Eu era uma pessoa traiçoeira e tinha feito coisas terríveis. E naquele instante eu tinha sido traiçoeiro mais uma vez.

Na manhã seguinte acordei com a voz de Geir. Ele estava sentado na ponta do sofá e tinha uma caneca de café quente estendida na minha direção.

— Bom dia! — ele me saudou. — São sete horas! Não me diga que você dorme até tarde?

Me endireitei no sofá e fiquei olhando para ele.

— Eu costumo me levantar à uma — expliquei. — E não consigo falar com ninguém antes que mais uma hora se passe.

— Azar o seu! — Geir disse. — Mas enfim. O certo é que não sou um observador da minha própria vida. Eu observo os outros e sou bom nisso,

mas não observo a mim mesmo. Sem chance. Além do mais, “observador” talvez não seja a palavra correta nesse caso, porque soa como um eufemismo; a questão é saber se ficamos paralisados na hora de agir ou não. Você não vai tomar esse café?

— Eu sempre bebo chá pela manhã — respondi. — Mas hoje posso tomar café em homenagem a você.

Peguei a caneca e tomei um gole.

— Para encerrar o assunto de ontem, *Imperador e Galileu* fracassa exatamente da mesma forma que *Zaratustra*. Mas a questão que não consegui deixar clara ontem é que aquilo que esses livros dizem só pode ser dito mediante um fracasso. É um detalhe importante.

Geir me encarou como se esperasse uma resposta. Acenei a cabeça duas ou três vezes, tomei mais um gole de café.

— E no que diz respeito ao seu romance, o que me deixou mais abalado não foi a história sobre a menina de treze anos em si. Foi o fato de você ter chegado tão longe ao se expor. Requer muita coragem.

— Não para mim — retruquei. — Estou me lixando para tudo o que diz respeito a isso.

— Mas é exatamente o que chama atenção! Quantas pessoas você acha que são capazes de fazer coisa parecida?

Dei de ombros, tudo o que eu queria era afundar mais uma vez no sofá e continuar dormindo, mas Geir estava quase pulando na ponta do sofá.

— O que você acha de dar uma volta pela cidade? Eu posso mostrar os lugares mais interessantes para você. Estocolmo não tem alma, mas é uma cidade extremamente bonita. Não há como negar.

— Pode ser — eu disse. — Mas quem sabe mais tarde um pouco? Que horas são, aliás?

— Oito e dez — disse ele, se levantando. — Mas então dê um jeito de se vestir e vamos tomar o café da manhã. A Christina está preparando ovos com bacon lá fora.

Não, eu não queria me levantar. E quando me forcei a sair da cama eu não queria sair do apartamento. O que eu mais queria era ficar atirado no sofá durante o resto do dia. Depois do café da manhã tentei desacelerar as coisas um pouco, mas a energia e a força de vontade de Geir eram inquebrantáveis.

— Vai fazer bem para você dar uma caminhada — disse. — Você parece muito abatido, e além do mais sabe que ficar dentro de casa só piora as coisas. Então levante! Vamos! Temos que sair!

Durante o caminho até a estação de metrô, Geir seguiu à frente com passos largos e vigorosos e eu segui me arrastando logo atrás, e a certa altura ele se virou para mim com uma careta que sem dúvida pretendia ser um sorriso.

— Você conseguiu resgatar do inconsciente os acontecimentos do norte da Noruega ou continua às escuras? — perguntou.

— Fui entender o que aconteceu pouco antes de pegar no sono — eu disse. — Não vou negar que foi um alívio e tanto. Por um tempo achei que você tinha razão e que eu de fato tinha reprimido tudo. Mas não foi nada de mais.

— E qual é a explicação?

— Você misturou três histórias em uma só, seja quando eu as contei ou então quando você leu o romance. Eu tive um relacionamento com uma menina quando estava morando no norte, mas na época ela tinha dezesseis anos e eu dezoito. Ou, não, ela tinha quinze. Ou dezesseis. Não sei direito. Mas de qualquer jeito tinha mais do que treze.

— Mas você disse que estava apaixonado por uma aluna.

— Eu não posso ter dito uma coisa dessas.

— Porra, Karl Ove! Eu tenho uma memória de elefante.

Paramos em frente às cancelas, comprei um bilhete e avançamos pelo longo túnel de concreto em direção à plataforma.

— Tinha uma aluna que era apaixonada por mim, isso eu lembro. Deve ser isso que você recorda. E depois você deve ter misturado essa história com a da garota por quem eu realmente estava apaixonado e com quem tive um relacionamento.

— Pode ser — Geir respondeu. — Mas não foi isso que você me disse.

— De qualquer jeito chega, porra. Não vim a Estocolmo para arranjar mais problemas. Eu vim justamente para me afastar de todos os problemas.

— Então você procurou a pessoa certa — Geir disse. — Nunca mais vou tocar no assunto.

Tomamos o metrô em direção à cidade e passamos o dia inteiro indo de uma estação para outra, admirando a cada viagem o novo panorama urbano que se revelava, e tudo era bonito como Geir dissera. Mas eu não conseguia organizar tudo aquilo na minha cabeça, nos quatro ou cinco dias que passamos caminhando do início da manhã até o fim da tarde Estocolmo não deixou de ser para mim mais do que um amontoado de pedaços e fragmentos desconexos. Andávamos lado a lado, Geir apontava para a esquerda e então dobrávamos à esquerda, para a direita e então dobrávamos à direita, e falava o tempo inteiro em voz alta e cheio de entusiasmo sobre o que estávamos vendo e sobre as associações que fazia. De vez em quando eu me aborrecia com essa relação desigual de poder, vendo que ele decidia tudo, e então eu dizia, não, não vamos para a direita, vamos para a esquerda, e então Geir sorria e dizia, claro, se você prefere, ou pode ser se você acha que vai se sentir melhor assim. Todo dia almoçávamos em um lugar diferente, na Noruega eu estava acostumado a comer um sanduíche aberto e talvez almoçasse fora uma vez por semestre; mas Geir e Christina almoçavam e jantavam fora todos os dias, comparado aos preços da Noruega era quase de graça, e a variedade era enorme. Meu impulso era ir direto para os cafés dos estudantes, os mais parecidos com os lugares que eu frequentava em Bergen, mas Geir se negou, disse que não tinha mais vinte anos e não queria ter nenhum tipo de relação com a cultura jovem. À tarde e à noite ele me obrigava a ter contato com todos os

suecos de quem eu tinha notícia, todos aqueles com quem eu tinha mantido contato durante a minha época na *Vagant* e todos aqueles que o meu editor conhecia, pois, segundo me disse, era quase impossível arranjar um lugar para morar em Estocolmo, tudo na cidade acontece por meio de contatos. Eu não queria, eu queria dormir, ficar sentado, fazer preguiça, mas Geir me cutucava o tempo inteiro, era necessário fazer aquilo, não havia outro jeito. Fomos a um grande evento de poesia, autores dinamarqueses, noruegueses, suecos e russos leram poemas, Steffen Sørum também estava lá e logo na abertura leu “Hello Stockholm!” como se fosse um astro do rock, e eu me envergonhei pelo meu país. Inger Christensen leu. Um poeta russo e bêbado ficou gritando no palco que lá não tinha ninguém que gostasse de poesia, YOU ALL HATE POETRY!, ele berrava, enquanto o tradutor sueco, um homem tímido com uma mochila nas costas, tentava acalmá-lo, e depois, quando o russo começou a andar em silêncio de um lado para outro no palco, finalmente pôde ler alguns poemas. A sessão terminou em clima de confraternização quando o russo bateu nas costas do tradutor e depois o abraçou. Ingmar Lemhagen estava na plateia, ele conhecia todo mundo, e assim consegui chegar aos bastidores e perguntar a todos os autores suecos se alguém sabia de um lugar onde eu pudesse morar. Raattamaa disse que tinha um apartamento e eu poderia me mudar na semana seguinte, não seria nenhum problema. Saímos todos juntos e fomos primeiro ao Malmen, onde a poeta sueca Marie Silkeberg se inclinou na minha direção e perguntou por que devia ler justamente o meu romance, e eu não encontrei nenhuma resposta melhor do que dizer que talvez fosse um livro instigante, quando ela deu um sorriso fugaz e, sem apressar-se a ponto de sugerir uma ofensa, mas também sem demorar o suficiente para que o gesto parecesse desprovido de qualquer significado, lançou um olhar ao redor em busca de outra pessoa com quem conversar. Ela era poeta, eu era um autor de entretenimento. Depois todos foram para a casa dela para dar continuidade à festa. Geir, ao contrário de mim, tinha um profundo desprezo pela poesia

e pelos poetas, ele os encarava com ódio no olhar e acabou se desentendendo com Silkeberg meramente por ter insinuado que um apartamento daquele tamanho em uma localização central não podia ter custado pouco dinheiro. Quando descemos em direção a Slussen no raiar do dia ele começou a falar sobre a classe média cultural, sobre todos os privilégios de que desfrutavam, sobre como a literatura para essas pessoas não passava de um bilhete de entrada para as rodas sociais, e falou sobre a forma como reproduziam ideologias. Falou sobre o suposto espírito de solidariedade com os menos favorecidos, sobre os flertes com a classe trabalhadora e sobre a desconstrução de valores como a qualidade, era uma catástrofe que a qualidade estivesse subordinada a valores políticos e ideológicos, uma catástrofe não apenas para a literatura mas também para as universidades, e em última análise para a sociedade como um todo. Não consegui relacionar as coisas que Geir dizia com a realidade que eu conhecia, e assim comecei a me opor de vez em quando, dizendo que ele era paranoico, que estava jogando todos no mesmo saco, porque afinal havia sempre uma pessoa por trás da ideologia, e às vezes simplesmente o deixava falar. Mas, quando atravessamos as cancelas da estação e começamos a descer a escada rolante, ele disse que Inger Christensen era fora de série. Uma pessoa absolutamente fantástica. Estava em uma classe à parte. Mesmo que todo mundo diga essas coisas, e você sabe o que eu penso a respeito do consenso, ela é isso tudo.

— Sei — respondi.

Abaixo de nós o vento do trem que se aproximava soprou uma sacola de plástico que estava na plataforma. Como um bicho com luzes nos olhos o trem chegou em meio à escuridão do outro lado.

— Ela está numa classe à parte — insistiu Geir. — Ela realmente tem nível internacional.

Eu não tinha percebido nada de especial quando ela leu. Mas antes da leitura eu tinha me indagado a respeito dela, uma mulher pequena,

gorducha e velha que estava bebendo no bar com uma bolsa pendurada no braço.

— *Sommerfugldalen* é um ciclo de sonetos — eu disse, subindo na plataforma depois que o trem parou. — Deve ser a forma mais difícil que existe. O primeiro verso dos sonetos forma o último e derradeiro soneto.

— É, foi o que Hadle tentou me explicar inúmeras vezes — disse Geir. — Mas eu nunca consigo lembrar.

— Italo Calvino fez uma coisa parecida em *Se um viajante numa noite de inverno* — eu disse. — Mas não em uma forma tão rígida, claro. O título das várias histórias forma no fim uma pequena história à parte. Você já leu?

As portas se abriram, entramos no trem e nos sentamos cada um na lateral de dois bancos opostos.

— Calvino, Borges, Cortázar, você pode ficar com todos eles — disse Geir. — Não gosto de nada fantástico, e não gosto de formas elaboradas. Para mim somente as pessoas importam.

— Mas e Christensen? — perguntei. — Seria difícil pensar em autores com formas mais elaboradas. Às vezes as construções dela se aproximam da matemática.

— Não foi o que eu ouvi — Geir disse, olhando para fora da janela assim que o trem começou a andar.

— O que você ouviu foi a voz — continuei. — Ela transcende todos os números e todos os sistemas. Com Borges acontece a mesma coisa, ou pelo menos nos melhores contos.

— Não adianta — Geir insistiu.

— Você não quer mesmo?

— Não.

— Tudo bem então.

Passamos um tempo sentados sem dizer nada, cercados pelo silêncio que também envolvia todos os outros passageiros. Olhares vazios, corpos imóveis, as paredes e o chão vibrando.

— Estar em um sarau de poesia é como estar em um hospital — Geir declarou quando partimos da estação seguinte. — Um bando de neuróticos.

— Sem contar Christensen?

— Não, justamente, foi o que eu disse. Ela estava fazendo outra coisa.

— Talvez a construção rigorosa sobre a qual você não quis saber tenha estabelecido um certo equilíbrio? Uma certa objetividade?

— Pode ser — ele admitiu. — Mas se não fosse por ela, teria sido uma noite completamente desperdiçada.

— E também pelo sujeito que tinha um apartamento — completei. — Rataajaama, não?

Na manhã seguinte liguei para o número que Raattamaa tinha me dado. Ninguém atendeu. Liguei e continuei ligando durante todo aquele dia e o dia seguinte. Nada de resposta. Raattamaa nunca atendia o telefone, no terceiro dia fomos a um evento em que ele participaria, nos sentamos em um bar do outro lado da rua e esperamos até que o evento acabasse, e quando ele saiu me aproximei, Raattamaa olhou para baixo quando me reconheceu, infelizmente eu tinha chegado tarde demais, o apartamento não estava mais disponível. Graças a Geir Gulliksen consegui marcar uma reunião com dois editores da Norstedts, almoçamos juntos, eles me deram uma lista de autores que eu devia contatar — “não são necessariamente os melhores, mas são os mais agradáveis” — e disseram que eu podia morar por duas semanas no apartamento de hóspedes da editora. Aceitei a oferta e, enquanto me hospedava lá, recebi uma resposta positiva de Joar Tiberg, autor de um longo poema que tínhamos publicado na *Vagant*, ele conhecia uma garota na *Ordfront Magasin* que viajaria dentro de um mês; e eu podia morar no apartamento dela.

Eu ligava para Tonje a intervalos regulares para falar sobre como estavam as coisas e contar o que eu estava fazendo, ela também me contava

sobre o que estava acontecendo por lá. Mesmo assim a questão sobre o que estávamos fazendo afinal de contas nunca foi abordada por nenhum de nós.

Comecei a correr. E recomecei a escrever. Já tinham se passado quatro anos desde o primeiro romance e eu não tinha nada. Na banheira do quarto marcadamente feminino que eu estava alugando resolvi que era hora de tomar uma decisão. Ou eu começava a escrever sobre a minha vida naquele momento, no estilo de um diário aberto em relação ao futuro, contando tudo que tinha acontecido durante os últimos anos como uma corrente subterrânea e obscura — nos meus pensamentos eu chamava a ideia de diário de Estocolmo — ou eu levava adiante a história que eu mal tinha começado três dias antes de vir para cá, sobre um passeio à noite pelo arquipélago no verão em que eu tinha doze anos, quando o meu pai pescou caranguejos e eu encontrei uma gaivota morta. A atmosfera da história, com o calor e a escuridão, os caranguejos e a fogueira, a revoada de gaivotas estridentes que defendiam os ninhos enquanto Yngve, eu e nosso pai subíamos o morro, era interessante, mas talvez não fosse o suficiente para um romance.

Durante o dia eu lia na cama, com frequência Geir aparecia e saíamos para almoçar juntos, e à noite eu escrevia ou saía para correr, ou pegava o metrô e ia para a casa de Geir e Christina, de quem eu tinha me aproximado nessas duas semanas. Afora as conversas sobre literatura, e afora tudo que Geir dizia sobre relações políticas e ideológicas, também falávamos o tempo inteiro sobre coisas mais próximas de nós. No que me dizia respeito os assuntos eram inesgotáveis, conversávamos sobre tudo, de histórias da minha infância à morte do meu pai, dos verões em Sørbøvåg ao inverno em que conheci Tonje. Geir era muito inteligente, ele sempre via tudo por fora e também por dentro. A história dele, que começou a ganhar forma mais tarde, como se primeiro tivesse que ter a certeza de que eu era uma pessoa confiável, era quase o contrário da minha. Enquanto ele vinha de uma família trabalhadora sem nenhum tipo de ambição e

praticamente sem nenhum livro nas estantes de casa, eu vinha de uma família de classe média em que tanto o pai como a mãe tinham continuado os estudos na idade adulta para chegar mais longe, e na minha casa toda a literatura universal estava ao meu alcance. Enquanto ele era um dos colegas brigões na escola e foi expulso e mandado para o psicólogo, eu era um dos colegas que sempre tentavam agradar o professor com a maior dedicação possível. Enquanto ele brincava com soldadinhos e sonhava em um dia ter a própria arma, eu jogava futebol e sonhava em um dia ser profissional. Enquanto eu aparecia nos painéis do Sosialistisk Venstreparti para as eleições na escola e escrevia trabalhos sobre a revolução na Nicarágua, ele estava com os cadetes da Defesa Nacional e com os jovens do Fremskrittspartiet. Enquanto eu escrevia um poema sobre as mãos amputadas de crianças e a crueldade dos homens depois de ver *Apocalypse Now*, ele pensava em pedir a cidadania norte-americana para se alistar.

Mas apesar de tudo conseguíamos conversar um com o outro. Eu o entendia, ele me entendia, e pela primeira vez na minha vida adulta eu senti que podia dizer o que eu pensava para outra pessoa sem nenhuma reserva.

Resolvi trabalhar na história dos caranguejos e da gaivota, escrevi vinte páginas, escrevi trinta, os trajetos curtos das corridas ficaram cada vez mais longos e passaram a dar toda a volta em Söder enquanto os quilos me abandonavam e as conversas com Tonje tornavam-se cada vez menos frequentes.

Então conheci Linda e o sol de repente nasceu.

Não sei de que outra forma eu poderia me expressar. O sol de repente nasceu na minha vida. Primeiro era apenas uma luz no horizonte, quase como se quisesse dizer, é para lá que você deve olhar. Então vieram os primeiros raios, tudo se tornou mais claro, mais leve, mais cheio de vida, e eu fiquei cada vez mais feliz, e logo esse sol tomou conta de todo o céu da minha vida e não parou mais de brilhar e brilhar e brilhar.

Vi Linda pela primeira vez no verão de 1999 em um seminário para jovens escritores nórdicos em Biskops-Arnö, nos arredores de Estocolmo. Ela estava em frente a um prédio tomando sol no rosto. Usava óculos de sol, uma camiseta com uma listra vermelha no peito e calças verde-militar. Era magra e bonita. Tinha uma aura obscura, selvagem, erótica, destrutiva. Deixei cair tudo o que eu tinha nas mãos.

A segunda vez que a vi foi meio ano depois. Ela estava sentada junto a uma mesa num café em Oslo, usando um enorme casaco de pele, jeans azul e botas pretas, e parecia tão frágil, arruinada e perdida que tudo que eu tinha vontade de fazer era abraçá-la. Mas não foi o que fiz.

Quando cheguei a Estocolmo Linda era a única pessoa que eu conhecia além de Geir. Eu tinha o telefone dela, e no meu segundo dia na cidade liguei para ela do apartamento de Geir e Christina. O que tinha acontecido em Biskops-Arnö estava morto e enterrado, eu não sentia mais nada por ela, mas precisava de contatos na cidade, ela era escritora, sem dúvida conhecia bastante gente, e talvez alguém que tivesse um apartamento onde eu pudesse morar.

Ninguém respondeu, eu desliguei o telefone e me virei em direção a Geir, que fez de conta que não estava me observando.

— Ninguém em casa — disse eu.

— Tente de novo mais tarde — respondeu ele.

Foi o que fiz. Mas ninguém atendia nunca.

Christina me ajudou a pôr anúncios nos jornais de Estocolmo. Escritor norueguês procura escritório/apartamento, dizia o texto, conversamos bastante para chegar a essa redação, ela e Geir achavam que havia muita gente interessada em cultura que morderia a isca graças à palavra “escritor”, enquanto “norueguês” sugeria uma pessoa simpática e inofensiva. Eles deviam ter razão, porque me ligaram. A maioria dos apartamentos que me ofereciam ficava em cidades-satélite longe do centro,

então recusei todos, não faria sentido morar em um bloco de apartamentos no meio da floresta, e enquanto eu esperava uma oferta melhor fui para o apartamento da Norstedts e depois para o apartamento com decoração feminina da tal garota. Depois de uma semana morando lá o apartamento enfim apareceu; tinha alguém querendo alugar um em Söder, então fui até lá, esperei em frente à porta, apareceram duas mulheres tão parecidas que só podiam ser gêmeas, me disseram que eram polonesas e que alugariam o apartamento por no mínimo um ano, parece um lugar bem interessante, disse eu, vamos subir, disseram elas, e já podemos assinar o contrato agora mesmo se você gostar.

O apartamento era bom, um estúdio com cerca de trinta metros quadrados, cozinha e banheiro em um padrão aceitável e localização perfeita. Assinei o contrato. Mas alguma coisa me incomodava, havia algo de errado, eu não conseguia entender o quê, então desci a escada devagar e parei em frente ao painel com o nome das pessoas que moravam lá. Primeiro li o endereço, Brännkyrkagatan, 92, parecia familiar, eu já tinha visto aquilo em um ou outro lugar, mas onde?, onde?, fiquei pensando enquanto eu deixava o olhar correr pela lista de nomes.

Putaquepariu.

Um dos nomes era Linda Boström.

Senti um calafrio descer pelas minhas costas.

Era o endereço dela! Eu tinha escrito pedindo um texto para a *Vagant*, e a porra da carta foi endereçada para Brännkyrkagatan, 92.

Quais eram as chances daquilo acontecer?

Meio milhão de pessoas moravam naquela cidade. Eu conhecia uma. Coloco um anúncio no jornal, recebo uma resposta interessante de duas gêmeas polonesas completamente desconhecidas e descubro que o apartamento fica no mesmo prédio!

Fui devagar até a estação de metrô e percorri tenso o caminho até o meu apartamento de menina. O que Linda pensaria quando descobrisse que eu tinha me mudado para o andar de cima? Que eu a estava perseguindo?

Não teria como. Eu não poderia. Não depois daquele horror em Biskops-Arnö.

A primeira coisa que fiz depois de fechar a porta foi ligar para as polacas e dizer que eu tinha mudado de ideia, que no fim eu não gostaria de ficar com o apartamento, que tinha aparecido uma oferta mais interessante, que eu lamentava, enfim.

Tudo bem, disse ela.

Assim voltei a ficar na mesma.

— Você está louco? — disse Geir quando contei a história. — Você desistiu de um apartamento no meio de Söder, que ainda por cima era barato, porque acha que uma pessoa que na verdade você nem conhece pode achar que está sendo perseguida? Você tem ideia de quantos anos eu passei à procura de um apartamento no centro? Do quanto é difícil? Eu não posso acreditar. E você chega de repente cheio de cabelos loiros no rabo e consegue um, e depois outro, e no fim recusa?

— Pelo menos é assim que a coisa está agora — disse eu. — Tudo bem se eu aparecer de vez em quando? Vocês são meio como a minha família aqui. As pessoas que encontro para jantar no domingo à noite.

— Sem contar que hoje é segunda, o sentimento é recíproco, eu sinto a mesma coisa. Mas acho difícil tentar entender isso como uma relação entre pai e filho. A não ser que fosse a relação entre César e Brutus.

— Quem de nós é César?

— Não faça perguntas idiotas. Mais cedo ou mais tarde você ainda vai me apunhalar pelas costas. Mas agora venha. Podemos continuar a conversa aqui fora.

Fizemos a refeição juntos e depois eu saí à pequena sacada para fumar e tomar café, Geir me acompanhou, falamos sobre a postura relativista que tínhamos em relação ao mundo, segundo a qual o mundo se transformava quando a cultura se transformava, porém mesmo assim continuava a ser tudo, sempre, de maneira que não era possível ver o que havia do lado de fora, e que portanto não existia, sobre a possibilidade de que essa visão

fosse um reflexo da época em que havíamos frequentado a universidade, bem quando o pós-estruturalismo e o pós-modernismo estavam no apogeu e todo mundo lia Foucault e Derrida, ou se realmente era assim, e se nesse caso era o ponto de vista imutável e não relativístico o que recusávamos. Geir contou a história de um conhecido que não quis mais falar com ele depois de uma discussão a respeito do absoluto e do relativo. Pensei que era um lugar estranho onde apostar todas as fichas, mas não disse nada. Para mim o social é tudo, disse Geir. O humano. Eu não me interesso por nada além disso. Mas eu me interesso, disse eu. Ah é?, continuou Geir. Pelo quê? Pelas árvores, respondi. Ele riu. Pelos desenhos nas plantas. Pelos desenhos nos cristais. Pelos desenhos nas pedras. Nas formações geológicas. E nas galáxias. Você está falando sobre os fractais? Também. Mas em geral sobre tudo que estabelece a ligação entre a vida e a morte, sobre todas as formas dominantes. Nuvens! Dunas de areia! Essas coisas todas me interessam. Meu Deus, que chatice, disse Geir. Não, disse eu. Sim, disse ele. Vamos entrar?, sugeri.

Servi mais uma caneca de café para mim e perguntei a Geir se eu podia usar o telefone.

— Mas é claro — respondeu ele. — Para quem você quer ligar?

— Para Linda. Sabe, aquela que...

— Sei, sei, sei. Aquela por quem você desistiu de um apartamento.

Disquei o número no mínimo pela quinquagésima vez. Para minha grande surpresa ela atendeu.

— Alô?

— Linda? Aqui é o Karl Ove Knausgård.

— Olá! — disse ela. — Você me telefonando?

— É. Estou em Estocolmo.

— É mesmo? De férias?

— Mais ou menos, não sei direito. Pensei em morar aqui por um tempo.

— É mesmo? Que legal!

— É. Já estou aqui há umas semanas. Tentei ligar para você, mas não achei ninguém em casa.

— Ah, eu passei um tempo em Visby.

— Ah, é?

— É, passei um tempo escrevendo por lá.

— Bacana.

— Sim, foi bom para mim. Não consegui escrever muita coisa, mas...

— Puxa — disse eu.

Fez-se uma pausa.

— Mas, escute, eu tinha pensado... você não quer sair para tomar um café um dia desses?

— Claro. A partir de agora eu vou estar por aqui.

— Amanhã, quem sabe? Fica bom para você?

— Acho que pode ser. De manhã fica bom.

— Ótimo.

— Onde você está morando?

— Perto do Nytorget.

— Ah, perfeito! Nos encontramos aí perto, então? Você sabe a pizzaria que fica na esquina? Do outro lado da rua tem um café. Que tal a gente se encontrar lá?

— Combinado. Mas que hora fica melhor para você? Onze? Meio-dia?

— Para mim pode ser meio-dia.

— Ótimo. Nos vemos amanhã, então!

— Combinado. Até mais!

— Até mais.

Desliguei e fui até Geir, que estava sentado no sofá com a caneca na mão me encarando.

— E então? — perguntou. — Finalmente mordeu a isca?

— Mordeu. Vamos nos encontrar amanhã.

— Que beleza! Vou fazer uma visita no fim da tarde para você me contar como foi.

Fui até o café uma hora antes do horário marcado levando comigo um manuscrito sobre o qual eu tinha que escrever um parecer, era o novo romance de Kristine Næss, me sentei e comecei a trabalhar. Eu sentia pequenos sobressaltos de expectativa a cada vez que pensava em Linda. Não que eu quisesse ter qualquer coisa com ela, para mim esse assunto tinha morrido, era mais a incerteza sobre o que podia acontecer, sobre como tudo se passaria.

Eu a vi enquanto descia da bicicleta no lado de fora. Ela colocou a roda da frente em um suporte e a prendeu com uma tranca, olhou pela janela, talvez para dar uma última conferida no próprio reflexo, abriu a porta e entrou. O café estava quase lotado, mas ela me viu assim que entrou e veio na minha direção.

— Olá — disse ela.

— Olá — respondi.

— Eu acho que já vou fazer o meu pedido no balcão. Você vai querer alguma coisa?

— Não, obrigado.

Linda tinha mais curvas do que antes, foi a primeira coisa que notei, a magreza que lhe dava um ar de menino tinha desaparecido.

Ela pôs a mão no balcão e virou o rosto em direção à garçonete que estava atrás da gorgolejante máquina de café. Me senti tomado por um anseio.

Acendi um cigarro.

Ela voltou, largou uma xícara de chá em cima da mesa e se sentou.

— Olá — disse ela mais uma vez.

— Olá — respondi.

Os olhos dela eram verde-acinzentados, e eu lembrava que às vezes se expandiam de repente, sem nenhum motivo.

Ela tirou o infusor do chá, levou a xícara até a boca e assoprou a superfície do líquido.

— Faz tempo que não nos vemos — disse eu. — Como vão as coisas?

Ela tomou um pequeno gole do chá e largou a xícara em cima da mesa.

— Bem — disse ela. — Bem mesmo. Acabei de fazer uma viagem ao Brasil com uma amiga. E depois fui direto para Visby. Ainda nem cheguei direito.

— Mas você continua escrevendo?

Ela fez uma careta e olhou para baixo.

— Estou tentando. E você?

— Eu também. Estou tentando.

Ela sorriu.

— Você estava falando sério quando disse que vai morar aqui em Estocolmo?

Dei de ombros.

— Ao menos por um tempo.

— Que bom — ela disse. — Só assim podemos nos ver um pouco. Socializar, enfim.

— Claro.

— Você tem outros conhecidos aqui?

— Só um. O nome dele é Geir. Norueguês. No mais, ninguém.

— Mas você conhece a Mirja, não? De Biskops-Arnö?

— Mal e mal. Você tem notícias dela?

— Acho que está bem.

Não dissemos nada por alguns instantes.

Havia muitas coisas sobre as quais não podíamos conversar, muitas coisas que não podiam ser mencionadas. Mas, como estávamos sentados no café, tínhamos que falar.

— Eu gostei muito do conto que você publicou na *Vagant* — eu disse.
— Muito mesmo.

Ela sorriu e olhou para baixo.

— Obrigada — disse.

— Uma linguagem totalmente explosiva. E mesmo assim incrivelmente bonita. Como se... ah, é difícil falar sobre essas coisas, mas... meio hipnótica, foi isso que eu achei.

Linda continuou olhando para baixo.

— O que você está escrevendo agora são contos também?

— São. Histórias em prosa, enfim.

— Claro. Que bom.

— E você?

— Não, nada. Tentei escrever um romance durante quatro anos, mas logo antes de fazer essa viagem eu joguei tudo fora outra vez.

O silêncio retornou. Acendi mais um cigarro.

— Bom rever você.

— Bom rever você também — ela disse.

— Antes de você chegar eu estava lendo um manuscrito — eu disse, indicando com a cabeça o volume ao meu lado no sofá. — Kristine Næss. Você a conhece?

— Conheço. Não li nenhum dos livros, mas ela estava fazendo uma residência junto com outros dois autores jovens quando eu estava em Biskops-Arnö.

— É mesmo? — perguntei. — Que curioso. Esse livro é justamente sobre Biskops-Arnö. Sobre uma garota da Noruega que vai para lá.

Que diabos eu estava tentando fazer? Do que eu estava falando?

Linda sorriu.

— Eu não costumo ler muito — ela disse. — Não sei nem se sou uma escritora de verdade.

— Claro que é!

— Mas eu me lembro dos residentes da Noruega. Todos me pareceram incrivelmente ambiciosos, em especial os dois rapazes. E todos pareciam entender a fundo a literatura.

— Você lembra os nomes deles?

Ela inspirou profundamente.

— Um se chamava Tore, disse eu tenho certeza. Eles eram da *Vagant*.

— Ah, claro — eu disse. — Eram Tore Renberg e Espen Stueland. Eu lembro que andaram por lá.

— Eles mesmos.

— São meus dois melhores amigos.

— Sério mesmo?

— Claro. Mas os dois são como cachorro e gato. Não conseguem ficar juntos no mesmo lugar.

— Então você conhece todo mundo que esteve lá?

— É, dá para dizer que conheço.

— Eu também fiquei muito impressionada com você — disse Linda.

— Comigo?

— Claro. Ingmar Lemhagen falou sobre o seu livro muito antes de você aparecer. E ele não falava a respeito de outra coisa enquanto estávamos lá.

Fez-se mais uma pausa.

Linda se levantou e foi em direção ao banheiro.

Pensei que não restava nenhuma esperança. Que idiotices eram aquelas que eu insistia em dizer? Mas não havia mais nada a dizer, certo?

Afinal de contas, sobre que diabos as outras pessoas conversavam?

A máquina de café chiava e rosnavava. Uma longa fila de pessoas que demonstravam impaciência através da linguagem corporal estava disposta ao longo do balcão. Lá fora tudo estava cinza. A grama no parque mais abaixo estava amarela e úmida.

Linda voltou e sentou-se mais uma vez.

— O que você tem feito? Já está ficando conhecido por aqui?

Balancei a cabeça.

— Só um pouco. Não, eu fico escrevendo. E também nado na piscina de Medborgarplatsen todos os dias.

— É mesmo? Eu também nado lá. Não todo dia, mas quase.

Trocamos um sorriso.

Peguei o celular e olhei para o relógio.

— Daqui a pouco eu tenho que ir — disse.

Linda fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Mas podemos nos encontrar outra hora, certo?

— Claro que podemos. Quando?

Ela deu de ombros.

— Me ligue, pode ser?

— Pode.

Guardei o manuscrito e o celular na bolsa e me levantei.

— Até mais, então. Bom te ver outra vez!

— Até a próxima — ela disse.

Com a bolsa na mão me apressei rua abaixo, ao longo do parque e depois pela rua larga onde ficava o apartamento. Tudo havia permanecido estático, nada tinha mudado; quando nos despedimos, tudo permaneceu exatamente como estava quando nos encontramos.

Mas o que mais eu podia esperar?

De fato não tínhamos para onde ir.

Eu não tinha perguntado a respeito de apartamentos. Nem a respeito de contatos. Nada.

E além do mais eu era gordo.

Quando tranquei a porta do apartamento me deitei na banheira e fiquei olhando para o teto. Ela tinha mudado completamente. Era quase como se fosse outra pessoa.

Em Biskops-Arnö talvez o que mais chamasse atenção na aura dela era a vontade de ir o mais longe possível, que percebi de imediato e que exerceu uma forte atração sobre mim. Mas esse traço havia desaparecido. O elemento implacável, que por vezes sugeria falta de consideração pelos outros, mas ao mesmo tempo era frágil como vidro, também havia sumido. Ela ainda parecia frágil, porém de outra forma, eu já não tinha mais a impressão de que ela podia se quebrar em pedaços, como da outra vez. Agora a fragilidade estava ligada a algo mais delicado, e o elemento

distanciador, que dizia, você nunca vai chegar perto de mim, apresentava um caráter diferente. Ela era tímida, mas ao mesmo tempo parecia aberta. Será que não tinha havido uma certa abertura?

No outono que passamos em Biskops-Arnö ela tinha engatado um namoro com Arve, e ele me contou o que tinha acontecido com Linda durante o inverno e a primavera. Ela tinha sofrido uma crise maníaco-depressiva e sido internada em uma ala psiquiátrica, e depois não fiquei sabendo de mais nada. Durante algumas crises de mania ela tinha ligado para a minha casa duas vezes para perguntar se eu podia entrar em contato com Arve, nas duas vezes eu consegui, pedi para os amigos dele avisarem que era para ele ligar para mim, e quando ele enfim ligou, percebi que ficou decepcionado ao saber que era Linda tentando entrar em contato. E uma vez ela ligou para falar comigo, eram seis horas da manhã, ela disse que começaria uma oficina literária e partiria rumo a Gotemburgo dentro de uma hora. Tonje estava acordada no quarto, se perguntando quem podia ter ligado num horário maluco daqueles, eu respondi, é Linda, sabe, aquela sueca que eu conheci e que está namorando o Arve. E por que ela ligou para cá?, Tonje me perguntou, eu não sei, respondi, acho que ela está numa das crises de mania.

Não podíamos falar sobre isso.

E se não podíamos falar sobre isso, não podíamos falar sobre nada.

Como era mesmo aquela piada em que as pessoas diziam, oi, oi, há quanto tempo, como vão as coisas?

Fechei os olhos e tentei imaginá-la.

Será que eu tinha sentido alguma coisa por Linda?

Não.

Ou sim, eu gostava dela e talvez sentisse uma certa ternura depois de tudo que tinha acontecido, mas isso era tudo. O resto da história eu tinha simplesmente enterrado.

Melhor assim.

Me levantei, coloquei o calção de banho, uma toalha e um xampu em uma sacola, vesti a jaqueta e fui até Medborgarplatsen, fui até a piscina, que estava quase vazia àquela hora, me troquei, voltei à piscina, subi no trampolim e mergulhei. Nadei um quilômetro sob a luz pálida de março que filtrava pela grande janela, indo e voltando, indo e voltando, por baixo d'água, por cima d'água, sem pensar em mais nada: quantos metros, quantos minutos, e o tempo inteiro me concentrando em dar as braçadas da maneira mais perfeita possível.

Depois me sentei na sauna e pensei na época em que eu tentava escrever contos a partir de breves ideias, como um usuário de próteses no vestiário da piscina, sem saber nada sobre coisa nenhuma, nem como nem por quê.

Que grande ideia tinha sido aquela?

Um homem que é amarrado a uma cadeira num apartamento em Bergen e no fim acaba com um tiro na cabeça, morto, porém ainda vivo no texto, um eu que continua a viver muito depois do enterro e da sepultura.

Gestos, era o que eu vinha fazendo.

Por muito tempo.

Enxuguei o suor da testa com a toalha e olhei para baixo em direção aos pneus que pendiam da minha barriga. Pálido e gordo e imbecil.

Mas em Estocolmo!

Me levantei, fui até o vestiário e me enfiei embaixo de um chuveiro.

Eu não conhecia ninguém aqui. Eu estava totalmente livre.

Se eu tivesse mesmo deixado Tonje para trás, se esse fosse o rumo que as coisas haviam tomado, eu podia morar aqui por um ou dois meses, talvez durante o verão inteiro, e depois ir para... ora, para qualquer lugar, enfim. Buenos Aires. Tóquio. Nova York. Eu podia ir para a África do Sul e pegar um trem para o lago Vitória. E por que não ir para Moscou? Seria ótimo.

Fechei os olhos e passei xampu nos cabelos. Enxaguei a espuma, saí do chuveiro, abri a porta do armário e me vesti.

Eu estava livre se quisesse estar.

Não *precisava* escrever mais nada.

Coloquei a toalha e o calção de banho molhado na sacola, avancei em direção ao dia cinza e frio e fui até o Saluhallen, onde comi um ciabatta escorado no balcão. Fui para casa e tentei escrever um pouco enquanto eu torcia para que Geir chegasse um pouco antes do combinado. Me deitei e comecei a assistir televisão, uma série americana, mas acabei dormindo.

Quando acordei estava escuro. Ouvi batidas na porta.

Era Geir, eu abri a porta e apertamos as mãos.

— E então? — ele perguntou. — Como foi?

— Tudo certo — eu disse. — Para onde vamos?

Geir deu de ombros e começou a andar pelo apartamento examinando a decoração, parou em frente à estante de livros e se virou.

— Você já notou que sempre encontra os mesmos livros por toda parte? Quer dizer, ela tem uns vinte e cinco anos, certo? Trabalha na Ordfront e mora em Söder? É, mas são esses os livros que têm, e nada mais. Não é estranho?

— É, muito estranho — eu disse. — Mas para onde vamos? Para o Guldapan? O Kvarnen? O Pelikanen?

— Para o Kvarnen não. Quem sabe o Guldapan? Você está com fome?

Fiz um gesto afirmativo com a cabeça.

— Então vamos para lá. A comida dá para o gasto. O frango é bom.

Na rua tive a impressão de que podia nevar a qualquer instante. Estava frio e úmido.

— Vamos lá, me conte mais um pouco — Geir pediu quando nos pusemos a caminho. — Como foi que deu tudo certo?

— Nos encontramos, conversamos um pouco e nos despedimos. Foi mais ou menos assim.

— Ela era como você lembrava?

— Mais ou menos, talvez esteja um pouco diferente.

— Diferente como?

— Quantas outras perguntas você ainda pretende fazer?

— Estou falando sério. O que você sentiu ao vê-la?

— Menos do que eu imaginava.

— Por quê?

— Por quê? Que porra de pergunta é essa? Como é que eu vou saber?

Eu sinto o que sinto, não tem como esmiuçar cada mínima variação do que acontece na alma, se é isso que você pensa.

— Então não é disso que você vive?

— Não. Eu vivo de escrever sobre cada mínimo constrangimento a que sou exposto. É diferente.

— Então existem variações? — Geir perguntou.

— Chegamos — eu disse. — Você não queria comer?

Abri a porta e entrei. No primeiro ambiente ficava o bar, e no ambiente seguinte o restaurante.

— Por que não? — Geir perguntou enquanto caminhava pelo lugar. Segui atrás dele. Nos sentamos, olhamos o cardápio e pedimos frango e cerveja.

— Eu já contei a você de quando eu vim aqui com o Arve? — perguntei.

— Não.

— Quando viemos a Estocolmo acabamos aqui. Primeiro fomos até um lugar que hoje acho que deve ter sido Stureplan. O Arve entrou em um lugar qualquer e perguntou se alguém sabia aonde os escritores de Estocolmo iam para beber. Simplesmente riram da cara dele e responderam em inglês. Depois ficamos andando a esmo por um tempo, foi um horror, eu tinha o Arve em alta conta, ele era um intelectual e tinha estado com a *Vagant* desde o início, mas quando nos encontramos no aeroporto eu não conseguia dizer uma palavra sequer. Praticamente. Depois que aterrissei no Arlanda eu não conseguia mais falar. Vim até Estocolmo e encontrei o pensionato sem dizer nada. Saí para comer, nada. Nem uma palavra. Eu sabia que a minha única chance seria atravessar a

muralha de som com o auxílio da bebida. E foi o que fiz. Tomamos uma cerveja na Drottninggatan, perguntamos por um bom lugar para sair e nos sugeriram vir para Söder, no Guldapan, e no fim pegamos um táxi até aqui. Bebi uns destilados e recuperei um pouco da fala. Umhas palavras avulsas. O Arve se inclinou na minha direção e disse, aquela garota está de olho em você. Quer que eu vá embora para que vocês fiquem a sós? Que garota?, perguntei, aquela, disse o Arve, e eu olhei para ela, e caramba, era uma garota muito linda! Mas o que mais chamou a minha atenção foi a proposta do Arve. Não parece meio estranho?

— Parece.

— Bebemos até nos entortar. A conversa se tornou completamente desnecessária. Andamos a esmo um pouco mais por essas ruas, o dia começou a raiar, eu não conseguia mais nem pensar direito, mas encontramos um bar e entramos, a atmosfera lá dentro estava incrível, eu já nem sabia mais o que eu estava fazendo, simplesmente continuei a virar uma cerveja atrás da outra enquanto Arve falava sobre a família. De repente ele começou a chorar lá sentado. Eu não tinha prestado atenção em nada do que ele tinha dito. E de repente Arve estava tapando o rosto com as mãos enquanto os ombros estremeciam. Esse cara sabe chorar!, pensei. Então o bar fechou, pegamos um táxi para um outro bar um pouco mais adiante onde não nos deixaram entrar e depois acabamos em um lugar aberto com um quiosque no fundo, talvez fosse o Kungsträdgården, eu tenho quase certeza que era. E lá encontramos umas cadeiras presas umas nas outras com uma corrente. Levantamos as cadeiras e atiramos tudo contra a parede, corremos de um lado para o outro, completamente fora de nós mesmos. Não sei como ninguém chamou a polícia. Mas o fato é que ela não apareceu. No fim pegamos um táxi até o pensionato. Na manhã seguinte acordamos duas horas depois do horário do trem. Mas a gente estava pouco se lixando, então não fez diferença nenhuma. Fomos até a estação, pegamos o trem seguinte e falei durante todo o trajeto. Sem parar. Foi como se tudo o que tinha se acumulado dentro de mim durante

um ano inteiro houvesse transbordado. Foi alguma coisa em Arve que tornou aquilo possível. Não sei o que foi, ou o que é. Uma tolerância enorme. Mas, enfim, ele ouviu de mim toda a história. A morte do meu pai, o inferno por que passei, o meu primeiro livro e tudo que aconteceu naquela época, e depois de contar essas coisas eu não conseguia mais parar. Lembro que ficamos esperando um táxi no lado de fora da estação, não tinha uma pessoa na rua, só eu e Arve, ele me olhando e eu falando e falando sem parar. Minha criação, minha adolescência, não sobrou uma única coisa que eu não tenha falado a respeito. Falei o tempo inteiro a meu respeito. Eu, eu, eu. Despejei tudo aquilo em cima do Arve. Alguma coisa nele tornou aquilo possível, ele entendia tudo o que eu falava e tudo o que eu queria dizer, e eu nunca tinha conhecido uma pessoa assim. Sempre havia obstáculos, reservas e necessidades de se afirmar que restringiam o que podia ser dito a um determinado lugar, ou conduziam as palavras por um rumo predeterminado, e assim tudo o que era dito se transformava sempre em outra coisa e nunca podia ser aquilo que era. Mas naquele dia me ocorreu que Arve era uma pessoa completamente aberta, e que também era curioso e passava o tempo inteiro tentando entender as coisas que via. Mas não havia nada de instrumental naquela abertura, não era a abertura ridícula de um psicólogo, e também não havia nada de instrumental naquela curiosidade. Ele simplesmente tinha um olhar atento em relação ao mundo, nada mais, e como em todos os que observam o mundo por tempo suficiente com a devida atenção, no fim havia restado pouco mais do que as risadas. Pouco mais do que a certeza de que as risadas eram a única forma adequada de reagir à maneira de ser e à maneira de pensar de outra pessoa.

Eu entendi o que estava acontecendo e, ao mesmo tempo em que aproveitava, porque eu não tinha forças suficientes para resistir ao que toda aquela abertura me oferecia, eu também senti medo.

Arve sabia de coisas que eu não sabia, entendia coisas que eu não entendia e via coisas que eu não via.

Tudo isso eu disse a ele.

Arve sorriu.

— Eu tenho quarenta anos, Karl Ove. Você tem trinta. É uma grande diferença. E é isso que você está percebendo.

— Acho que não — respondi. — É outra coisa. Você tem um olhar em relação às coisas que me falta.

— Continue! Continue!

Ele deu uma risada.

A aura dele concentrava-se ao redor dos olhos escuros e intensos, mas não era escura em si mesma, ele ria muito, o sorriso apenas em raros momentos abandonava os lábios um pouco tortos. A aura dele era poderosa, ele era uma pessoa com uma presença que se fazia notar, mas não era uma presença física, porque o corpo dele, magro e leve, simplesmente não chamava atenção. Pelo menos não a minha atenção. Arve era um sujeito de cabeça raspada, olhos escuros, sorriso perene e risada marcante. Os raciocínios dele sempre chegavam a lugares inesperados. A abertura que tinha me oferecido superava todas as minhas expectativas. De uma hora para outra eu me senti à vontade para dizer tudo o que eu tinha guardado dentro de mim, era como se eu tivesse me contagiado, de uma hora para outra os meus raciocínios também começaram a me levar para lugares inesperados, e fui tomado por um sentimento de esperança. Será que eu era mesmo um escritor, apesar de tudo? Arve era. Mas e quanto a mim? Eu, que não passava de um sujeito comum? Com uma vida regada a futebol e a entretenimento?

Como falei!

O táxi chegou e abri o porta-malas enquanto eu tagarelava, completamente bêbado e empolgado, largamos nossas mochilas lá dentro, sentamos dentro do carro e continuei tagarelando em meio ao cenário sueco durante todo o trajeto até Biskops-Arnö, onde o seminário tinha começado fazia horas. Os participantes estavam voltando do almoço quando saímos cambaleando para fora do táxi.

- E foi assim que continuou? — perguntou Geir.
- Foi assim que continuou — respondi.

Um homem apareceu e se apresentou como Ingmar Lemhagen. Era o coordenador do curso. Disse que tinha gostado do meu livro e que a leitura o tinha lembrado de um outro escritor norueguês. Quem?, eu perguntei, ele abriu um sorriso matreiro e disse que só responderia depois que meus textos fossem lidos para o grupo.

Pensei que com certeza ele diria Finn Alnæs ou Agnar Mykle.

Deixei minhas bagagens do lado de fora, entrei no refeitório, despejei um pouco de comida num prato e comecei a empurrar aquilo para dentro de mim. Tudo balançava ao meu redor, eu ainda estava bêbado, mas pelo menos tinha o coração repleto de alegria e entusiasmo por estar naquele lugar.

Me levaram até um quarto, larguei minha bagagem lá dentro, saí e fui em direção ao prédio onde seria o curso. Foi quando a vi. Ela estava apoiada contra a parede, eu não disse nada, tinha muita gente por lá, mas olhei e percebi que ela tinha alguma coisa que eu queria ter, tudo isso no mesmo segundo em que a vi.

Foi como uma explosão.

Ficamos no mesmo grupo. A mediadora, que era finlandesa, não disse nada quando nos sentamos, era um truque didático, mas ninguém mordeu a isca, todo mundo continuou em silêncio durante cinco minutos e quando aquilo se tornou incômodo alguém tomou a iniciativa.

O tempo inteiro eu estava atento a ela.

Ao que dizia, à maneira como falava, mas acima de tudo à presença física, àquele corpo na sala.

Por quê, eu não saberia dizer. Pode ser que a situação em que eu me encontrava me deixasse mais receptivo ao que ela tinha ou a quem ela era.

Ela se apresentou. Linda Boström. Tinha estreado com uma coletânea de poemas que se chamava *Gör mig behaglig för såret*, morava em Estocolmo e tinha vinte e cinco anos.

O curso tinha a duração de cinco dias. Eu a ficava rondando o tempo inteiro. Ao entardecer eu bebia até ficar bêbado, o mais bêbado possível, e praticamente não dormia. Certa noite fui com Arve a um lugar que mais parecia uma cripta subterrânea, ela estava dançando lá embaixo, de um lado para o outro, era impossível ter contato com ela, e quando saímos e percebi que ela era inatingível eu comecei a chorar. Arve percebeu. Você está chorando, ele disse. Estou, respondi. Mas amanhã você não vai lembrar de nada. Teve outra noite que passei em claro, quando o pessoal foi para a cama por volta das cinco horas resolvi dar uma longa caminhada pela floresta, o sol já tinha nascido, eu vi os cervos correndo por entre as árvores e me senti feliz de uma forma estranha que não reconheci. O material que produzi ao longo do curso era bem melhor do que quase tudo que eu já tinha escrito, era como se eu estivesse em contato direto com uma fonte, um elemento totalmente meu e assim mesmo totalmente desconhecido jorrou, límpido e fresco. Ou talvez fosse apenas a euforia que me levava a ter uma opinião distorcida. Tínhamos aulas juntos, eu estava sentado ao lado de Linda e ela me perguntou se eu lembrava da cena em *Blade Runner* em que a luz da janela aos poucos escurece. Respondi que eu lembrava, e que a coruja que aparece nessa cena é o momento mais bonito de todo o filme. Ela me encarou. Era um olhar de curiosidade, não de reconhecimento. O coordenador do seminário começou a comentar os textos que tínhamos produzido. E chegamos ao meu. Lemhagen começou a falar sobre ele, e foi como se o que dizia se erguesse cada vez mais alto, eu nunca tinha ouvido alguém falar sobre um texto daquele jeito, pinçando realmente o elemento mais essencial, sem discutir personagens ou tema ou qualquer outra coisa que se encontra na superfície, mas discutindo as metáforas e o papel que desempenhavam nas profundezas do texto, às escondidas, de maneira a aproximar todos os elementos e uni-los de forma quase orgânica. Eu não tinha a menor ideia de que aquilo era o que eu tinha feito, mas quando Lemhagen falou eu entendi, para mim foi como as árvores e as folhas, a grama e as nuvens e o

sol que queimava, eu entendi tudo à luz do que ele disse, e também a interpretação que ofereceu.

Ele olhou para mim.

— Esse estilo me lembra, acima de tudo, o estilo da prosa de Tor Ulven. Você o conhece, Karl Ove?

Fiz um gesto afirmativo com a cabeça e desviei o olhar para baixo.

Ninguém podia ver que o sangue estrondeava nas minhas veias, que trombetas ressoavam e cavaleiros galopavam dentro de mim. Tor Ulven era o maior de todos os escritores.

Ah, mas eu sabia que Lemhagen tinha se enganado, que tinha supervalorizado meu trabalho como um todo, afinal ele era sueco e com certeza não compreendia as minúcias do norueguês. Mas o simples fato de ter mencionado o nome de Ulven... Eu não era um escritor de entretenimento? Será que em meus escritos havia *qualquer coisa* que pudesse *remeter* a Tor Ulven?

O sangue estrondeava, a alegria se espalhava gritando pelas minhas terminações nervosas.

Mantive o olhar desviado para baixo e desejei com todas as minhas forças que Lemhagen parasse com aquilo e começasse a falar sobre o texto de outro colega, e quando fez isso pude enfim respirar aliviado.

Naquela noite toda a bebedeira continuou no meu quarto, Linda disse que podíamos fumar se desmontássemos o alarme de incêndio, eu o desmontei, continuamos bebendo, coloquei o *Summerteeth* do Wilco para tocar, ela não pareceu interessada, ao menos foi o que me pareceu, então peguei um livro de receitas romanas que eu tinha comprado durante uma excursão a Uppsala no dia anterior, a mim parecia uma ideia fantástica preparar os mesmos pratos que os romanos comiam, mas ela não compartilhava dessa opinião, pelo contrário, virou-se de repente para o outro lado enquanto deixava os olhos correrem pelo quarto. O pessoal

começou a voltar para os quartos, torci para que Linda não fizesse o mesmo, mas logo ela também se foi, então saí mais uma vez para a floresta, andei sem rumo até as sete horas e quando voltei um homem furioso veio correndo atrás de mim. Knausgård, é você que é o Knausgård?, perguntava aos berros. Sou, respondi. O homem parou na minha frente e começou a me xingar. O alarme de incêndio, perigoso, irresponsável!, ele gritou. Eu disse, ah, me desculpe, eu não pensei no que estava fazendo, me desculpe mesmo. O homem ficou me encarando com fúria no olhar, eu balançava de um lado para o outro, estava me lixando para aquilo, voltei para o quarto e dormi por duas horas. Quando apareci para o café da manhã Ingmar Lemhagen veio na minha direção, pediu mil desculpas pelo que tinha acontecido, disse que o zelador tinha se excedido, que aquilo não tornaria a acontecer.

Fiquei sem entender nada. Será que *ele* devia pedir desculpas?

O que tinha acontecido se encaixava perfeitamente com aquilo que eu tinha me tornado durante aqueles dias, ou seja, um adolescente de dezesseis anos. Meus sentimentos eram os sentimentos de um adolescente, minhas atitudes eram as atitudes de um adolescente. De repente senti uma insegurança que por muito tempo eu não havia sentido. Nos reunimos todos em uma única sala para ler os nossos textos, começaríamos um atrás do outro, a ideia era fazer uma espécie de coral em que cada voz individual havia de se dissolver. Lemhagen apontou para um colega, ele começou a ler. Em seguida apontou para mim. Olhei para ele sem saber ao certo o que fazer.

— É para eu ler agora? Enquanto ele lê? — perguntei.

Todos riram. Senti meu rosto enrubescer. Mas quando as vozes se uniram no coral percebi que o meu texto era muito bom, infinitamente melhor do que os outros, porque estava ligado a coisas menos comuns e mais essenciais.

Quando conversamos mais tarde no cascalho do pátio, contei essa história para Arve.

Ele apenas sorriu, não disse nada.

Toda noite dois ou três participantes tinham que ler para os outros. Eu estava ansioso para que chegasse a minha vez por causa de Linda, eu queria mostrar para ela do que eu era feito. Eu costumava ler bem, costumava ser aplaudido. Mas daquela vez não me saí bem, já na primeira frase comecei a duvidar do texto, foi ridículo, e comecei a ocupar cada vez menos espaço até que por fim fiquei vermelho de vergonha e tornei a me sentar. Depois foi a vez de Arve.

Uma coisa incrível aconteceu enquanto lia. Ele enfeitiçou a todos. Era um mágico.

— Isso foi simplesmente *incrível!* — Linda disse para mim quando Arve terminou.

Eu acenei a cabeça e sorri.

— É, ele é muito bom.

Saí de lá furioso e desesperado, peguei uma cerveja e me sentei nos degraus em frente ao quarto. Pensei: Linda, saia agora e venha para cá. Você está me ouvindo? Saia e venha para cá. Quero que você me siga. Se você vier agora é porque vamos ficar juntos. Nós dois, juntos.

Encarei a porta mais uma vez.

Ela se abriu.

Era Linda!

Meu coração palpitava.

Era Linda! Era Linda!

Ela passou na minha frente enquanto eu tremia de felicidade.

Então fez uma curva e seguiu em direção ao outro prédio, ao mesmo tempo em que abanou na minha direção.

No dia seguinte todos foram dar um passeio na floresta, e eu fui ao lado de Linda, na cabeceira da fila, e o pessoal começou a ficar pelo caminho e de repente eu estava sozinho com ela na floresta. Linda torcia uma folha

de capim e de vez em quando me olhava com um sorriso nos lábios. Eu não conseguia dizer nada. Nada. Eu olhava para baixo, olhava para a floresta, olhava para ela.

Os olhos dela brilhavam. Não tinham mais nenhum resquício daquele elemento escuro e profundo e atraente, toda ela parecia leve e coquete, ela torcia e retorcia a folha de capim, sorria, olhava para mim, olhava para baixo.

O que estava acontecendo?

O que significava aquilo?

Perguntei se ela não queria trocar uns livros comigo, claro, ela respondeu. Linda apareceu quando eu estava deitado na grama, olhando as nuvens, e me alcançou o livro. Na página de rosto estava escrito *Para Karl Ove, Biskops-Arnö, 01/07/99, Linda*. Entrei correndo e peguei um exemplar do meu livro, já com a dedicatória escrita, e o entreguei para ela. Quando Linda foi embora, entrei no meu quarto e comecei a ler. Eu ardia de desejo por ela, cada palavra vinha dela, era ela.

Em meio a todas essas coisas, com o meu anseio por Linda e a minha recaída aos dezesseis anos, eu via tudo com outros olhos. Todo o verde que crescia, eu via toda a selvageria e o caos daquilo, ao mesmo tempo em que via as formas simples e claras, e essa combinação despertou um sentimento muito próximo do êxtase, com os velhos carvalhos, o vento que soprava por entre as folhas, o sol e a infinitude do céu.

Eu não dormia, não comia quase nada e bebia todas as tardes, e mesmo assim não me sentia cansado nem com fome e não tinha nenhum problema com a minha participação no curso. Durante todo esse tempo eu mantinha a minha conversa com Arve, ou seja, continuava a falar sobre mim mesmo, e aos poucos comecei a falar cada vez mais sobre Linda. Ele olhou para mim, olhou para os outros alunos do curso e começamos a falar sobre literatura. Minha forma de falar a respeito da literatura se transformou, quanto mais tempo eu passava na companhia dele, mais os meus pensamentos se libertavam, e achei que aquilo era um dom. Entre

uma aula e outra nos deitávamos no gramado em frente aos prédios para conversar, nessas horas havia outros colegas junto, e comecei a ficar com inveja de Arve, percebi a impressão que as palavras dele causavam nos outros e desejei que eu pudesse causar a mesma impressão.

Numa tarde em que todos estavam sentados na grama bebendo e conversando ele falou sobre uma entrevista que tinha feito com Svein Jarvoll para a *Vagant*, sobre a maneira como tudo se revelou na tarde em que os dois se falaram, sobre a precisão de tudo o que tinha sido dito e sobre a maneira como tudo havia se revelado para criar um momento extraordinário.

Eu falei sobre uma entrevista que tinha feito com Rune Christiansen para a *Vagant*, tinha acontecido a mesma coisa, eu estava temeroso antes de encontrá-lo, não entendia nada a respeito de poesia, mas de repente tudo se revelou, de repente estávamos os dois conversando sobre tudo aquilo sobre o que até então não podíamos conversar. No fim a entrevista ficou incrível, eu disse.

Arve riu.

Como ele podia desqualificar tudo que eu tinha dito com uma simples risada? Todos os presentes tiveram a certeza de que Arve estava certo, toda a autoridade estava reunida na pessoa dele, no ponto hipnótico formado pelo rosto dele naquele entardecer. Linda estava lá e também percebeu.

Arve começou a falar sobre boxe, sobre Mike Tyson e a última luta, aquela em que mordeu a orelha de Holyfield.

Eu disse que não me parecia muito difícil entender o que tinha acontecido, Tyson precisava de uma saída, ele sabia que ia perder, então decidiu morder a orelha, e assim a luta acabou sem que perdesse o prestígio como lutador. Arve riu mais uma vez e disse que não estava convencido. Segundo a minha explicação, teria sido uma atitude racional. Mas não se percebia o menor resquício de racionalidade no que Tyson havia feito. Então ele começou a falar sobre o assunto de um jeito que me fez pensar na cena em que cortam a cabeça do boi em *Apocalypse Now*.

Com a escuridão e o sangue e o transe. Talvez meus pensamentos tenham seguido por esse rumo porque antes no mesmo dia Arve tinha falado sobre a vontade demonstrada pelos vietnamitas quando cortaram os braços das crianças que tinham sido vacinadas, sobre a impossibilidade de enfrentar, ou mesmo de confrontar, uma vontade disposta a ir tão longe.

No dia seguinte todo mundo se reuniu para jogar futebol, Ingmar Lemhagen arranhou uma bola para nós, a partida durou uma hora, e depois, quando me sentei na grama ao lado de Linda com uma Coca-Cola na mão, ela disse que eu andava como um jogador de futebol. Ela tinha um irmão que jogava futebol e hóquei e disse que nós dois parávamos de pé e caminhávamos mais ou menos do mesmo jeito. Mas e o Arve, perguntou ela, você já viu como ele anda? Não, eu disse. Ele anda como um bailarino. Com passos leves e etéreos. Você não percebeu? Não, eu disse, abrindo um sorriso para ela. Ela sorriu de volta para mim, se levantou. Estendi todo o meu corpo na grama e fiquei olhando para as nuvens brancas que deslizavam lentamente nas profundezas do céu azul.

Depois do jantar fui dar mais uma caminhada pela floresta. Parei em frente a um carvalho e fiquei observando as folhas da copa durante muito tempo. Arranquei uma bolota e continuei andando enquanto eu a girava entre os dedos e examinava todos os ângulos e recônditos. Todos os pequenos desenhos regulares naquela diminuta parte retorcida em formato de cesta onde a bolota repousa. As listras de verde-claro em meio à escuridão ao longo da superfície lisa. A forma perfeita. Podia ser um dirigível, podia ser uma baleia. Claro, é uma pequena obra de jubarte, pensei, e então sorri. Todas as folhas eram idênticas, e ano após ano caíam em quantidades grotescas, as árvores eram fábricas que produziam folhas com desenhos bonitos e complexos a partir de água e dos raios do sol. A monotonia se tornava quase insuportável quando esse pensamento surgia. Todas essas ideias vinham dos textos de Francis Ponge que eu tinha lido no começo do verão, Rune Christiansen tinha me sugerido a leitura, o olhar

dele transformou minha forma de ver as árvores e as folhas para sempre. Elas surgiam de um poço, o poço da vida, que era inesgotável.

Ah, a passividade.

Era assustador andar por lá, cercado pelas enormes forças cegas presentes em tudo o que cresce, sob o brilho do sol que abrasa sem parar, também cego.

Aquele cenário despertava em mim notas estridentes. Ao mesmo tempo havia em mim uma outra nota, uma nota de anseio, porém não mais voltada a abstrações, como tinha ocorrido nos últimos anos, não, meu anseio era tangivelmente concreto, Linda caminhava lá embaixo a poucos quilômetros de mim naquele exato instante.

Que tipo de loucura me afligia?, pensei enquanto eu caminhava. Eu era casado, meu relacionamento ia bem, planejávamos comprar um apartamento em breve. E de repente eu tinha vindo para cá e resolvido destruir tudo?

Era o que eu queria.

Caminhei sob as sombras malhadas da folhagem, rodeado pelos cheiros quentes da floresta, pensando que eu estava no meio da vida. Não da vida como idade cronológica, não no meio da estrada da vida, mas *enclavado no centro da existência*.

Meu coração palpitava.

O último entardecer chegou. Nos reunimos todos na maior sala, tinha vinho e cerveja, era uma pequena festa de despedida. Não sei como fui parar ao lado de Linda, ela queria abrir uma garrafa de vinho e pôs a mão em cima da minha, quase a acariciou enquanto olhava nos meus olhos. Estava decidido, não havia mais dúvidas, ela também me queria. Pensei naquilo durante todo o resto da tarde enquanto aos poucos eu continuava a beber e a me embriagar cada vez mais. Eu e Linda acabaríamos juntos.

Eu não precisava voltar para Bergen, bastava deixar tudo por lá e ficar junto com ela aqui.

Às três horas da madrugada, bêbado de uma forma como eu tinha estado poucas vezes antes, saí junto com ela. Eu disse que precisava dizer uma coisa para ela. E então eu disse. Exatamente como eu me sentia e o que eu tinha pensado.

Linda respondeu:

— Eu gosto de você. Você é um cara legal. Mas não estou a fim de você. Me desculpe. Mas o seu amigo é incrível. Estou interessada nele. Você entende?

— Entendo — eu disse.

Me virei e atravessei o gramado, e percebi que Linda seguia na direção oposta, de volta para a festa. Sob as árvores em frente à entrada havia um grupo reunido. Arve não estava lá, então voltei, encontrei-o e contei para ele o que Linda tinha me dito, que ela estava a fim dele e que os dois podiam ficar juntos. Mas eu não estou a fim dela, você entende?, ele respondeu. Eu tenho uma namorada *incrível*. Mesmo assim é uma pena para você, ele completou, eu respondi que não era nenhuma pena para mim e atravessei o gramado mais uma vez, como se fosse um túnel onde não existia nada além de mim, deixei para trás o grupo em frente ao prédio, atravessei o corredor e entrei no meu quarto, onde o monitor de um PC cintilava em cima da escrivaninha. Tirei o plugue da tomada, desliguei o computador, entrei no banheiro, peguei o copo que ficava ao lado da pia e o atirei com toda a minha força contra a parede. Esperei para ver se haveria qualquer tipo de reação. Em seguida peguei o maior caco que encontrei e comecei a cortar o meu rosto. Agi de forma metódica, tentando me cortar o mais fundo possível, e cobri todo o meu rosto. O queixo, as bochechas, a testa, o nariz, a parte de baixo do queixo. A intervalos regulares eu secava o sangue com a toalha. Então continuava a cortar. Depois secava o sangue mais uma vez e assim por diante. Quando

me dei por satisfeito não havia mais lugar sequer para um arranhão, e então me deitei.

Muito antes de acordar eu soube que tinha acontecido uma coisa terrível. Meu rosto ardia e latejava. No mesmo instante em que acordei lembrei-me de tudo que tinha acontecido.

Não vou sobreviver a uma coisa destas, pensei.

Eu tinha que ir para casa e encontrar Tonje no Quartfestivalen, tínhamos alugado quartos de hotel com seis meses de antecedência para viajar com Yngve e Kari Anne. Eram as nossas férias. Ela me amava. E eu tinha feito aquilo.

Bati no colchão com os punhos fechados.

E além do mais havia as pessoas daqui.

Todos veriam a minha desonra.

Não havia como esconder. Todos veriam. Eu estava marcado, eu mesmo tinha me marcado.

Olhei para o travesseiro. Estava todo manchado de sangue. Passei os dedos no meu rosto. Estava todo cheio de sulcos.

E ainda por cima eu continuava bêbado e mal conseguia me aguentar de pé.

Abri a pesada cortina. A luz inundou o quarto. No gramado lá fora estava reunido um grande grupo, ao redor estavam mochilas e malas, logo chegaria a hora da despedida.

Bati na cabeceira com os punhos fechados.

Eu teria de encarar aquela situação. Não havia escapatória. Eu teria de encarar aquela situação.

Guardei as minhas coisas na mala com o rosto ardendo, e dentro de mim eu também sentia a vergonha arder, uma vergonha como eu nunca tinha sentido antes.

Eu estava marcado.

Peguei a mala e saí. No início ninguém olhou para mim. Mas de repente alguém gritou. Então todos olharam para mim. Eu parei.

— Me desculpem — eu disse. — Me desculpem mesmo.

Linda estava lá. Ela me olhou com os olhos arregalados. Então começou a chorar. Alguém mais começou a chorar. Um colega veio até mim e pôs a mão no meu ombro.

— Está tudo bem — tentei explicar. — Eu estava completamente bêbado ontem à noite. Me desculpe.

Tudo estava em silêncio. Apareci como eu era, e tudo ficou em silêncio. Como eu haveria de sobreviver a uma coisa daquelas?

Me sentei e acendi um cigarro.

Arve olhou para mim. Tentei sorrir.

Ele se aproximou.

— Que merda foi essa que você inventou?

— Fiquei completamente bêbado. Depois eu posso explicar. Mas agora não.

O ônibus chegou, fomos até a estação, embarcamos no trem. O avião partia apenas no dia seguinte. Eu não sabia como me virar até lá. Nas ruas de Estocolmo todo mundo olhava para mim, as pessoas abriam um círculo ao meu redor. A vergonha queimava dentro de mim, queimava e queimava e não havia como escapar, eu tinha que me segurar, aguentar, aguentar, e um dia aquilo passaria.

Descemos em direção a Söder. Os outros tinham falado em encontrar Linda, achamos que era na praça que hoje eu sei que se chama Medborgarplatsen, mas que na época era apenas uma praça qualquer, e ficamos lá, ela apareceu de bicicleta, surpresa ao nos ver porque o lugar marcado era o Nytorget, mas já acabou, ela disse, sem olhar para mim, ela não olhou para mim, e aquilo foi bom, porque justamente o olhar dela seria mais do que eu podia aguentar. Comemos pizza, a atmosfera estava meio estranha, depois nos sentamos no gramado, um monte de passarinhos saltitava à nossa volta, e Arve disse que não acreditava na teoria da evolução no sentido de que não se tratava da lei do mais forte, era só olhar para os passarinhos, eles não fazem o que devem, mas o que sentem vontade de

fazer, o que lhes dá alegria. A alegria é subvalorizada, disse Arve, e eu sabia que ele tinha dito aquilo por causa de Linda, porque eu tinha contado para ele o que ela tinha dito, feito como ela tinha pedido, e os dois acabariam juntos, eu sabia.

Fui cedo até o pensionato, os outros ficaram bebendo. Tentei assistir TV, foi insuportável, mas passei o entardecer assim, e no fim dormi, com a cama ao lado vazia, Arve não voltou para o nosso quarto naquela noite, de manhã o encontrei dormindo na escada. Perguntei se depois ele tinha ido ao quarto de Linda, ele disse que não, que ela tinha ido cedo para casa.

— Ela ficou sentada chorando e não queria falar de nada além de você — ele me disse. — Eu fui beber com o Thøger. Foi o que fiz.

— Não acredito no que você está dizendo — respondi. — Pode dizer logo que vocês dois estão juntos, por mim não tem problema nenhum.

— Não — Arve insistiu. — Você está enganado.

Quando aterrissamos em Oslo na manhã do dia seguinte as pessoas continuavam a olhar para mim, mesmo que eu estivesse usando óculos de sol e andasse com o rosto o mais inclinado para baixo possível. Muito tempo atrás eu tinha combinado de dar uma entrevista para Alf van der Hagen na NRK, eu queria ir à casa dele, seria uma entrevista longa, então precisaríamos de um bom tempo. Era para lá que eu tinha de ir. No caminho resolvi que eu faria o que bem entendesse e responderia a todas as perguntas dizendo exatamente o que eu pensava.

— Meu Deus! — Alf exclamou ao abrir a porta. — O que foi que houve?

— Não é tão sério quanto parece — respondi. — Eu estava completamente bêbado. Essas coisas acontecem.

— E você acha que pode dar uma entrevista assim? — ele me perguntou.

— Posso. Eu estou ótimo. A minha aparência é que não está muito boa.

— Os deuses sabem que não.

Quando Tonje me viu ela começou a chorar. Eu disse apenas que tinha ficado completamente bêbado e que nada além disso tinha acontecido. E era verdade. As pessoas se viravam para me olhar também durante o festival, e Tonje chorou muito, mas aos poucos tudo começou a melhorar, a força que me prendia, que não deixava eu me afastar começou aos poucos a perder a intensidade. Vimos um show do Garbage, foi incrível, Tonje disse que me amava, eu disse que a amava e decidi enterrar tudo o que tinha acontecido. Não olhar para trás, não pensar a respeito, não permitir que aquilo existisse na minha vida.

No início do outono Arve ligou e me disse que estava junto com Linda. Eu disse, eu disse que vocês iam acabar juntos.

— Mas não aconteceu lá em Estocolmo, foi mais tarde. Ela me escreveu cartas e depois veio para cá. Espero que a gente possa continuar sendo amigos. Eu sei que é difícil, mas é o que eu espero.

— É claro que podemos continuar sendo amigos — respondi.

E era verdade, eu não tinha nenhum ressentimento em relação a ele, por que teria?

Nos encontramos em Oslo um mês depois, eu tinha voltado à estaca zero e não conseguia dizer nada para ele. As palavras mal saíam dos meus lábios, mesmo que eu bebesse. Arve disse que Linda falava muito a meu respeito e que com frequência dizia que eu era muito bonito. Pensei que a beleza não era um parâmetro válido para nós, era mais uma espécie de fato curioso, mais ou menos como se ela dissesse que eu era manco ou corcunda. Além do mais eu estava ouvindo aquilo de Arve, que motivo ele teria para me contar? Uma vez eu o tinha encontrado na Kunstneres Hus e ele estava tão bêbado que mal conseguia conversar, então pegou a minha mão e me levou até uma mesa e disse, vejam, ele não é bonito? Eu me afastei, esbarrei nele uma hora mais tarde, nos sentamos, eu disse que tinha contado muita coisa a meu respeito para ele enquanto ele nunca tinha me contado nada a respeito de si próprio, quer dizer, sobre as coisas mais íntimas, e ele disse, agora você me decepcionou, você está falando igual ao

psicólogo na edição de sábado do *Dagbladet* ou coisa parecida, e eu disse, está bem. Ele tinha razão, Arve sempre tinha razão, ou pelo menos estava sempre acima das discussões a respeito do que é certo e do que é errado. Ele tinha me dado muita coisa, mas eu também precisava enterrar aquele assunto, não podia viver com aquilo e ao mesmo tempo viver a minha vida em Bergen. Não havia como.

No inverno eu o encontrei mais uma vez, Linda também estava junto, ela queria me ver, e Arve a levou até onde eu estava sentado, nos deixou a sós por meia hora, depois voltou e a levou embora.

Linda estava encolhida em uma jaqueta de couro, fraca e trêmula, não havia restado quase nada da pessoa que tinha sido antes, e eu pensei, esse assunto morreu, não existe mais.

Enquanto eu contava a história para Geir ele olhava para a mesa logo à frente. Quando terminei ele olhou nos meus olhos.

— Interessante! — disse. — Você guarda tudo dentro de você. Toda a dor, toda a agressão, todos os sentimentos, toda a vergonha, tudo. Sempre para dentro. Você está machucando a você mesmo, e não a outra pessoa.

— É o que qualquer garota adolescente faz — respondi.

— Não! — protestou Geir. — Você cortou o seu rosto. Nenhuma garota jamais cortaria o próprio rosto. Na verdade, nunca ouvi falar de qualquer outra pessoa que tenha feito isso.

— Não foram cortes profundos — expliquei. — Pareciam feios. Mas na verdade não eram muito.

— Mesmo assim, quem deseja uma coisa dessas para si mesmo?

Dei de ombros.

— O problema foi que tudo se concentrou em um único ponto. A morte do meu pai, a atenção dada ao livro, a minha vida com Tonje. E Linda, claro.

— Mas você não sentiu nada por ela hoje?

- Pelo menos nada muito intenso.
- Você pretende vê-la de novo?
- Talvez. É provável. Mas só para ter um amigo por aqui, enfim.
- *Mais um* amigo.
- Exato — eu disse, levantando o indicador para ser atendido.

No dia seguinte recebi uma ligação da garota que tinha me alugado o apartamento. Ela tinha uma amiga que precisava de um *inneboende* para dividir o apartamento para reduzir as despesas com o aluguel.

- O que é um *inneboende*? — perguntei.
- Você tem um quarto só para você e divide o resto do apartamento com ela.
- Acho que esse tipo de coisa não é para mim.
- Mas o apartamento é incrível! — ela insistiu. — Fica na Bastugatan. É um dos melhores endereços em toda Estocolmo.
- Certo — respondi. — Eu posso ao menos conversar com ela.
- Ela tem um grande interesse pela literatura norueguesa — disse a garota.

Peguei o nome e o número de telefone, liguei, ela atendeu a ligação no mesmo instante e disse que eu podia aparecer na primeira oportunidade.

O apartamento era mesmo incrível. A garota era jovem, mais jovem do que eu, e tinha as paredes do apartamento cobertas pelas fotos de um homem. Aquele era o marido, ela me explicou, e ele tinha morrido.

- Meus pêsames — eu disse.
- Ela se virou e começou a andar em direção ao interior do apartamento.
- Este é o seu quarto — disse. — Se você quiser, enfim. Banheiro privativo, cozinha privativa e um quarto com cama, como você está vendo.
- Muito bem — disse eu.
- Você também tem uma entrada própria. E se quiser ficar sozinho escrevendo, por exemplo, basta chavear a porta interna.
- Vou ficar com o quarto — eu disse. — Quando posso me mudar?
- Agora mesmo, se você quiser.

— Mesmo? Bem, então vou trazer as minhas coisas hoje à tarde.

* * *

Geir riu quando contei essa história.

— É impossível vir para cá sem conhecer ninguém e conseguir um apartamento na Bastugatan — disse. — Impossível! Você está entendendo? Você conquistou o favor dos deuses, Karl Ove, não há dúvida.

— Mas não de César — completei.

— Ora, de César também. Talvez ele esteja com um pouco de ciúmes, nada mais.

Três dias depois liguei para Linda, contei que eu tinha me mudado e perguntei o que ela achava de sair comigo para tomarmos um café. Ela gostou da ideia, e uma hora mais tarde estávamos sentados em um café na corcova com vista para a Hornsgatan. Linda parecia mais feliz, foi a primeira coisa que pensei quando nos sentamos. Ela perguntou se eu tinha nadado naquele dia, eu sorri e respondi que não, mas ela tinha, de manhã cedo, e tinha sido incrível.

Então ficamos lá sentados, mexendo os nossos cappuccinos. Acendi um cigarro, não consegui encontrar nada para dizer e pensei que aquela podia ser a última vez.

— Você se interessa por teatro? — ela me perguntou.

Balancei a cabeça e disse que a única coisa que eu tinha visto de teatro tinham sido umas montagens tradicionais no Den Nationale Scene que me pareceram tão empolgantes quanto ficar olhando peixes no Aquário, e também umas apresentações no Festival de Teatro Internacional de Bergen, entre as quais estava uma montagem de *Fausto* em que os atores andavam de um lado para outro no palco com grandes e pretos narizes postiços. Quando terminei de falar ela disse que tínhamos de ver a montagem que Bergman tinha feito de *Espectros*, e eu disse, tudo bem, posso dar mais uma chance.

— Estamos combinados então? — Linda perguntou.

— Claro — eu disse. — Acho que vai ser divertido.

— Leve junto o seu amigo norueguês — ela acrescentou. — Assim também posso conhecê-lo.

— Com certeza ele vai aceitar o convite — respondi.

Ficamos sentados por mais quinze minutos, mas as pausas eram longas, e ela estava com tanta vontade de sair daquele lugar quanto eu. Por fim guardei os cigarros no bolso e me levantei.

— Vamos comprar os bilhetes juntos? — ela sugeriu.

— Pode ser — eu disse.

— Amanhã?

— Claro.

— Nos encontramos onze e meia aqui?

— Combinado.

Durante os vinte minutos que levamos para caminhar da corcova até o Dramaten não dissemos praticamente nenhuma palavra. Eu tinha a impressão de que, ou eu dizia tudo para ela, ou não dizia nada. Naquele instante era nada, e tudo indicava que assim fosse ser para todo o sempre.

Deixei que Linda comprasse os bilhetes e, quando estávamos prontos, começamos a refazer o caminho. O sol se espalhava por toda a cidade, os primeiros brotos já estavam nas árvores, as pessoas estavam por todos os lados, a maioria feliz, como todos ficam nos primeiros dias bonitos da primavera.

No caminho até o Kungsträdgården Linda me encarou com os olhos apertados para se proteger do sol baixo e claro.

— Eu vi um negócio estranho na TV umas semanas atrás — ela disse. — Mostraram imagens de uma câmara de segurança dentro de um grande quiosque. De repente uma prateleira começou a pegar fogo. No início as chamas eram pequenas. O atendente não via nada do lugar onde estava. Mas o cliente junto ao balcão via. Ele deve ter notado que havia alguma

coisa errada, porque enquanto esperava que os produtos fossem empacotados se virou em direção à prateleira. Não teria como não ver as chamas. Mas depois ele simplesmente voltou a olhar para o balcão, pegou o troco e foi embora. Com um incêndio queimando logo atrás!

Ela tornou a olhar para mim e sorriu.

— Um outro cliente chegou e parou em frente ao balcão. A essa altura já era um incêndio considerável. Ele se virou e olhou reto em direção às chamas. Depois olhou mais uma vez para o balcão, terminou a compra e saiu. Depois de ter olhado reto em direção às chamas! Você está entendendo?

— Estou — respondi. — Você acha que ele não queria se envolver?

— Não, não é nada disso. Foi mais como se visse as chamas mas não pudesse acreditar no que estava vendo, e assim tivesse resolvido confiar mais nos pensamentos do que naquilo que de fato estava vendo.

— E o que aconteceu depois?

— O terceiro cliente entrou logo em seguida e gritou “*fire!*” assim que viu as chamas. Nesse ponto todo o mostruário já estava pegando fogo. Era impossível não ver. Estranho, não?

— É — eu disse.

Chegamos até a ponte que se estende em direção à ilha onde fica o Palácio e avançamos em zigue-zague por entre os turistas e os imigrantes que pescavam por lá. A história que Linda me contou ocupou meus pensamentos durante aqueles instantes e também durante os dias que vieram, e aos poucos separou-se dela e passou a ser um fenômeno independente. Eu não a conhecia, não sabia quase nada a respeito dela, e o fato de que Linda era sueca me impedia de interpretar a maneira como ela falava ou a maneira como se vestia. Uma imagem do livro de poemas dela, que eu não lia desde a vez em que tínhamos nos encontrado em Biskops-Arnö, e que eu só tinha tirado da prateleira uma vez, quando fui mostrar a fotografia dela para Yngve, permanecia vívida nos meus pensamentos, era um narrador em primeira pessoa que se agarra a um

homem *como um filhote de chimpanzé* e vê a própria imagem no espelho. Por que justamente essa imagem tinha me marcado eu não saberia dizer. Quando cheguei em casa peguei mais uma vez o livro de poemas. Baleias e terra e grandes animais que por assim dizer estrondeiam ao redor de uma voz narrativa sagaz e vulnerável.

Seria ela?

Dias mais tarde fomos ao teatro. Linda, Geir e eu. O primeiro ato foi ruim, péssimo mesmo, e durante o intervalo, quando nos sentamos em uma mesa na sacada com vista para o porto, Geir e Linda começaram a falar justamente sobre como tinha sido ruim e também por quê. Já eu estava um pouco mais bem-disposto, porque apesar da natureza breve e claustrofóbica do primeiro ato, que dominava tanto a peça em si como as visões que tentava representar, havia uma expectativa de mais, como se houvesse algo à espreita. Talvez não na peça, talvez mais na combinação Bergman-Ibsen, que afinal de contas havia de dar em alguma coisa. Ou talvez apenas a opulência do teatro tivesse me levado a crer que aquilo havia de dar em alguma coisa mais. Mas foi o que aconteceu. Tudo se ergueu, cada vez mais alto, a intensidade aumentou, e no interior daquela moldura estreita, que por fim deixou espaço apenas para a mãe e o filho, surgiu uma espécie de infinitude, um elemento primitivo e implacável onde as ações e o espaço desapareceram por completo, deixando para trás apenas um sentimento, o sentimento intenso de olhar direto para o cerne da existência humana, para o próprio centro da vida, um lugar onde já não importava mais o que de fato acontecia. Tudo o que podia se chamar de estética ou de gosto foi eliminado. No fundo do palco não havia um enorme sol vermelho a arder? Osvald não estava rolando nu sobre o palco? Não tenho mais certeza quanto ao que vi, todos os detalhes desapareceram na situação que criaram, que era uma situação de presença absoluta, a um só tempo abrasadora e gelada. Mas para alguém que não estivesse absorvido naquilo tudo o que estava acontecendo pareceria exagerado, talvez até mesmo banal ou kitsch. O golpe de mestre estava no primeiro

ato, onde tudo foi orquestrado, e somente uma pessoa que tivesse dedicado a vida inteira à criação artística, com uma produção enorme, de mais de cinquenta anos atrás de si, poderia ter o talento, a frieza, a coragem, a intuição e a visão para fazer qualquer coisa do tipo. Pensar aquilo era impossível, era inconcebível. Quase nada do que eu tinha visto ou lido se aproximava da essência das coisas daquela maneira. Enquanto seguimos o fluxo de pessoas rumo ao saguão e depois para a rua permanecemos todos em silêncio, mas a dizer pela expressão no rosto de Geir e de Linda, compreendi que também se haviam deixado levar rumo àquele lugar horrível, mas ao mesmo tempo verdadeiro e portanto belo que Bergman tinha encontrado em Ibsen e representado com tanta clareza. Decidimos tomar uma cerveja no Konstnärsgården e, enquanto caminhávamos, saímos do transe, e um clima de entusiasmo e alegria tomou conta de nós. A timidez que em geral eu sentia ao me ver próximo de uma garota tão atraente como Linda, complicada ainda mais pelos acontecimentos de três anos atrás, de repente sumiu por completo. Ela estava contando sobre a vez em que tinha esbarrado em um holofote durante um ensaio de Bergman e sentido na pele a ira do diretor. Falamos sobre as diferenças entre *Peer Gynt* e *Espectros*, que se encontravam nos pontos extremos de uma mesma escala, um apenas superfície, o outro apenas profundezas, mas ambos igualmente verdadeiros. Linda fez uma paródia de Bengt Ekerot no papel de Morte e discutiu individualmente os filmes de Bergman com Geir, que por muitos anos tinha frequentado sozinho as exposições da Cinemateket, todas, e que portanto tinha visto tudo que valia a pena ver em termos de filmes clássicos, enquanto eu ficava apenas escutando, feliz com tudo que estava acontecendo. Feliz por ter assistido à peça, feliz por ter me mudado para Estocolmo, feliz por estar com Linda e com Geir.

Quando nos separamos e comecei a me arrastar morro acima rumo ao meu apartamento em Mariaberget, percebi duas coisas.

A primeira era que eu queria rever Linda o mais depressa possível.

A segunda era que eu queria chegar ao mesmo lugar que eu tinha vislumbrado naquela noite. Nada mais seria bom o suficiente, nada mais serviria. Era somente rumo àquele lugar, o interior da essência, o cerne mais profundo da existência humana, que eu queria me deslocar. Se eu levasse quarenta anos, eu levaria quarenta anos. Mas eu não poderia jamais deixar escapar aquela visão, não poderia jamais esquecê-la, porque era para lá que eu desejava ir.

Para lá, para lá, para lá.

Dois dias mais tarde Linda me ligou e me convidou para uma festa de Dia das Bruxas que estava preparando com outras duas amigas. Pedi que eu levasse junto o meu amigo Geir. Foi o que fiz. Em uma sexta-feira de maio em 2002 atravessamos Söder em direção ao lugar onde seria a festa, e logo estávamos afundados em um sofá, cada um com um copo de ponche na mão, rodeados por moradores de Estocolmo que estavam todos ligados à vida cultural da cidade de uma forma ou de outra. Eram músicos de jazz, gente do teatro, críticos literários, escritores, atores. Linda, Mikaela e Öllegård, que organizaram a festa, tinham se conhecido na época em que trabalhavam juntas no Stadsteater. Justamente por aqueles dias o Dramaten estava com uma produção de *Romeu e Julieta* em parceria com o Circus Cirkör, então além de atores e atrizes a sala também estava repleta de malabaristas, engolidores de fogo e trapezistas. Eu não conseguiria passar a noite inteira sem conversar, mesmo que quisesse, então arrastei meu corpo em direção a vários grupos e troquei frases polidas e, depois de tomar alguns copos de gim-tônica, também algumas frases além do estritamente necessário. Eu queria falar em especial com o pessoal do teatro. Para mim foi inesperado descobrir que o teatro podia me preencher daquela forma, e assim o meu entusiasmo pelo assunto tornou-se enorme naquela noite. No fim eu estava falando com dois atores e disse que

Bergman era incrível. Os dois suspiraram e disseram: *Ah, aquele velho de merda! A montagem quase me fez vomitar de tão tradicional.*

Seria mesmo possível ser idiota àquele ponto? É claro que tinham de odiar Bergman! Em parte Bergman tinha sido o maior durante toda a vida deles, e também durante toda a vida dos pais deles. Em parte o grupo estava com uma montagem grande, nova e circense de Shakespeare, era uma peça que todos queriam ver, uma novidade cheia de tochas e trapézios, pernas de pau e palhaços. Tinham se afastado de Bergman tanto quanto era possível. E de repente aparece um norueguês gordo e visivelmente deprimido para saudar Bergman como uma grande novidade!

Enquanto eu constatava que Linda e Geir *ainda* estavam conversando sentados no sofá, ambos empolgados e sorridentes, com a pontada no coração que aquilo me dava, será que se apaixonaria por mais um amigo meu?, continuei andando ao redor, esbarrei em uns jazzistas que me perguntaram se eu conhecia o jazz norueguês, o que resultou em um discreto aceno de cabeça da minha parte, e a consequência natural foi que me pedissem para citar alguns nomes. Jazzistas noruegueses? Existia outro além de Jan Garbarek? Por sorte eu entendi que não era exatamente isso que eles queriam dizer, e lembrei de Bugge Wesseltoft, que Espen tinha mencionado uma vez, e também convidado para tocar em um evento da *Vagant* em que eu fiz uma leitura. Eles acenaram a cabeça, esse cara era bom, e eu respirei aliviado e fui me sentar um pouco sozinho numa cadeira. Então chegou uma mulher de cabelos escuros com rosto largo e boca grande, olhos castanhos, intensos, trajando um vestido florido, e me perguntou se era eu o escritor norueguês. Respondi que era. Nesse caso o que eu pensava a respeito de Jan Kjærstad, John Erik Riley e Ole Robert Sunde?

Eu disse o que pensava a respeito de todos.

— Você está falando sério? — ela perguntou.

— Estou — respondi.

— Fique aqui mais um pouco — ela pediu. — Vou chamar o meu marido. Ele escreve sobre literatura. Tem muito interesse em Riley. Espere um pouco. Eu já volto.

Acompanhei-a com os olhos enquanto abria caminho por entre as outras pessoas e seguia em direção à cozinha. Como era mesmo o nome dela? Hilda? Não. Wilda? Não, porra. Gilda. Não era um nome impossível de lembrar.

Momentos depois ela reapareceu no meio da multidão, desta vez arrastando o marido atrás de si. Ah, eu já não tinha visto aquele sujeito antes? Dava para notar uma aura universitária de longe.

— Agora você pode repetir tudo o que você disse! — Gilda pediu.

Foi o que fiz. Mas o entusiasmo dela se perdia em mim e nele, então quando o assunto se esgotou, o que não levou muito tempo, pedi licença e fui até a cozinha pegar um pouco de comida, porque àquela altura a fila já tinha diminuído um pouco. Geir conversava com alguém junto à janela, Linda conversava com outra pessoa em frente à estante de livros. Quanto a mim, sentei-me no sofá e comecei a roer uma coxa de frango quando olhei nos olhos de uma garota de cabelos escuros que deve ter entendido aquilo como um convite, porque no instante seguinte ela estava à minha frente.

— Quem é você? — ela perguntou.

Engoli o que eu tinha na boca e larguei a coxa de frango no prato de papelão enquanto eu a encarava. Tentei me endireitar um pouco no sofá macio e fundo, mas não deu certo, tive a impressão de afundar um pouco mais para um lado. E as minhas bochechas reluziam com a gordura do frango.

— Karl Ove — respondi. — Eu sou norueguês. Acabei de me mudar para cá. Faz poucas semanas. E você?

— Melinda.

— E o que você faz?

— Sou atriz de teatro.

— Ah, muito bem! — eu disse, sentindo a euforia bergmaniana de volta à minha voz. — Você está no elenco de *Romeu e Julieta*?

Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— E que papel você faz?

— O de Julieta.

— Muito bem!

— Lá está o Romeu — ela disse apontando o dedo.

Um homem bonito e musculoso estava vindo em direção a ela. Ele a beijou no rosto e me encarou.

Maldito sofá dos infernos! Eu me sentia como um anão sentado naquilo.

Acenei a cabeça e sorri. Ele também acenou a cabeça para mim.

— Você não comeu nada ainda? — o ator perguntou.

— Não — Melinda respondeu, e então os dois foram embora. Mais uma vez levei a coxa de frango à minha boca. Não havia mais nada a fazer a não ser beber.

A última coisa que fiz antes de ir embora foi ver um álbum de fotos com uma homeopata de cavalos que estava usando um decote bastante profundo. O álcool não me levou às alturas, como em geral fazia ao promover um estado de espírito em que tudo parecia bom e nada podia me impedir de fazer o que eu quisesse, mas fez com que eu caísse, afundasse no poço dos meus pensamentos, de onde nem mesmo a soma de todas as minhas forças podia me tirar. A única coisa que aconteceu foi que tudo se tornou cada vez mais nebuloso e difuso. No dia seguinte me senti profundamente grato por ter tido a presença de espírito necessária para ir embora, e não simplesmente esperar sentado até que todos tivessem ido embora na esperança de que qualquer coisa interessante surgisse por conta própria. Quanto a Linda, eu a estava dando por perdida, mal havíamos trocado uma palavra durante a noite inteira, que eu grosso modo tinha passado afundado na poltrona que depois de um tempo passei a ver como “minha”, e o pouco que eu disse, que poderia ser escrito num cartão-postal, nenhuma mulher no mundo acharia interessante. Porém mesmo

assim eu liguei para ela na noite seguinte e agradei pela festa. E enquanto eu estava parado com o celular colado na minha orelha, admirando a Estocolmo que se estendia lá embaixo, iluminada pela luz vermelha e densa do pôr do sol, houve um momento que trouxe consigo a semente de todo o meu destino. Eu disse, olá, obrigado pela festa, disse que estava boa, ela agradeceu a minha presença, disse que também tinha achado a festa boa e que esperava que eu tivesse aproveitado. Aproveitei sim, eu disse. Então se fez um silêncio. Ela não disse nada, eu não disse nada. Será que estava na hora de desligar? Foi o meu primeiro impulso, nessas situações eu aprendi a dizer o menos possível. Assim eu não diria nada que soasse fora de lugar. Ou será que era melhor levar a conversa adiante? Os segundos se passaram. Se eu tivesse dito, bem, eu só queria mesmo agradecer, e então desligado, as coisas provavelmente teriam parado nesse ponto. Eu imaginava já ter enterrado tudo na noite anterior. Mas afinal de contas o que eu teria a perder?

— O que você está fazendo? — perguntei após um longo intervalo.

— Assistindo hóquei na TV — Linda respondeu.

— Hóquei? — repeti. E assim falamos por mais quinze minutos. E decidimos nos encontrar mais uma vez.

* * *

Foi o que fizemos, mas não aconteceu nada, não havia nenhuma expectativa, ou melhor, as expectativas eram tão grandes que não nos incitavam a agir, era como se estivéssemos imobilizados por tudo que queríamos dizer um ao outro sem poder.

Frases polidas. Pequenas aberturas em outras direções, o cotidiano dela, a mãe de Linda morava na cidade, e também um irmão e todos os amigos. A não ser por um semestre passado em Florença ela tinha morado a vida inteira em Estocolmo. Onde eu tinha morado?

Arendal, Kristiansand, Bergen. Meio ano na Islândia, quatro meses em Norwich.

Eu tinha irmãos ou irmãs?
Um irmão, uma meia-irmã.
Você era casado, não era?
Era. E de certa forma ainda sou.
Ah.

Uma tarde no meio de abril ela me ligou e perguntou se eu não gostaria de encontrá-la. Claro que eu gostaria. Expliquei que eu estava com Geir e com Christina no Guldapan, você não quer vir para cá?

Meia hora depois ela chegou.

Estava radiante.

— Fui aceita no Dramatiska Institutet! — Linda exclamou. — Estou tão feliz, é incrível! E aí fiquei com vontade de me encontrar com você — ela disse, olhando para mim.

Eu sorri.

Passamos a noite inteira fora, nos embebedamos, depois fomos até a minha casa, eu a abracei em frente ao portão e subi para o apartamento.

No dia seguinte recebi um telefonema de Geir.

— Ela está apaixonada por você, cara — ele disse. — Dá para ver de longe. Foi a primeira coisa que a Christina disse quando saímos de lá. Que ela parecia ter luz própria. E que estava perdidamente apaixonada pelo Karl Ove.

— Acho que não — respondi. — Ela só estava feliz por ter sido aceita no Dramatiska Institutet.

— E por que ela ligaria justamente para você se fosse apenas isso?

— Aí eu já não sei. Por que você não liga para ela e pergunta?

— E como vão os seus sentimentos?

— Bem.

Eu e Linda fomos juntos ao cinema, por um motivo idiota qualquer decidimos assistir o novo filme de Star Wars, mas era um filme para crianças, e assim que percebemos fomos à Folkoperan, onde ficamos sentados sem dizer nada de muito importante.

Eu estava chateado quando fui embora, triste porque eu guardava tudo para mim, porque eu não conseguia dizer nem mesmo as coisas mais simples para ninguém.

Mas passou. Eu me sentia bem sozinho, a cidade ainda era uma novidade para mim, a primavera tinha chegado, dia sim dia não eu colocava os tênis de jogging e corria ao redor de Söder, eram dez quilômetros, e dia sim dia não eu nadava um quilômetro. Eu tinha perdido dez quilos e voltado a escrever. Me levantava às cinco horas, fumava um cigarro e tomava uma xícara de café no terraço, de onde eu tinha uma vista de toda Estocolmo, trabalhava até o meio-dia, corria ou nadava, e então ia para a cidade e me sentava em um café para ler, ou simplesmente dava um passeio quando eu não combinava de me encontrar com Geir. Às oito e meia eu me deitava, exatamente no instante em que o sol desaparecia no horizonte e pintava as paredes acima da cama de vermelho-sangue. Comecei a ler *Jägarna på Karinhall* de Carl-Henning Wijkmark, Geir tinha me recomendado o livro, eu ficava deitado, lendo no brilho do sol que se punha, e de repente, sem nenhum motivo, me senti tomado por um sentimento vertiginoso e incontrolável de felicidade. Eu estava livre, completamente livre, e a vida era incrível. Às vezes eu me sentia repleto desse sentimento, talvez duas vezes por ano, era uma impressão muito forte que durava alguns minutos e depois passava. O estranho foi que dessa vez não passou. Eu acordei me sentindo feliz, e que o diabo me carregue se eu estiver mentindo, mas isso não acontecia desde a minha infância. Me sentei no terraço e cantei na luz pálida do sol, e quando comecei a escrever eu não me preocupei que pudesse estar ruim, havia outras coisas mais importantes no mundo do que escrever romances, e quando eu corri senti o meu corpo leve como uma pluma, enquanto a minha consciência,

em geral preocupada simplesmente em aguentar o esforço durante o trajeto, começou a olhar ao redor e a apreciar a folhagem verde e espessa, a água azul nos vários canais, a multidão de pessoas por toda parte, as construções bonitas e também as nem tão bonitas assim. Depois de voltar para casa e tomar um banho eu comia sopa com *knekkebrød* e ia a um parque, onde continuava a leitura do primeiro romance de Wijkmark, sobre o maratonista norueguês que se infiltrou no castelo de caça de Göring durante as Olimpíadas de Berlim em 1936, ligava para Espen ou Tore ou Eirik ou para a minha mãe ou Yngve ou Tonje, porque continuávamos juntos, ninguém tinha dito nada em contrário, me deitava cedo, me levantava no meio da noite e comia ameixas ou maçãs sem nem me dar conta a não ser no dia seguinte quando eu acordava e encontrava os caroços no chão ao lado da cama. No início de maio fui para Biskops-Arnö, seis meses antes eu tinha aceitado dar uma palestra lá, liguei para Lemhagen quando cheguei a Estocolmo e disse que eu precisaria cancelar, eu não tinha nada a dizer, ele disse que eu podia ir mesmo assim, para escutar as apresentações dos outros, de repente participar das discussões e fazer uma ou duas leituras no final da tarde se eu tivesse material novo.

Nos encontramos em frente ao prédio principal, ele disse na mesma hora que nunca tinha vivenciado nada parecido com a vez em que eu tinha participado do seminário de novos escritores, que nada tinha chegado sequer perto. Entendi o que ele quis dizer, eu não tinha sido o único a perceber que a atmosfera tinha mesmo sido especial naquela vez.

As palestras foram aborrecidas e as apresentações desinteressantes, ou talvez eu simplesmente estivesse feliz demais para me interessar. Dois islandeses que estavam presentes foram os únicos a fazer contribuições originais, e como resultado tiveram que enfrentar os questionamentos mais duros. À noite bebemos, Henrik Hovland estava lá e nos distraiu com histórias sobre a vida no acampamento, e entre outras coisas disse que passados alguns dias o cheiro de merda fica tão intenso e tão individual

que dá para saber onde os outros estão mesmo no escuro seguindo apenas o cheiro, como bichos, uma história na qual ninguém acreditou mas que fez todos rirem, enquanto eu recontei a incrível cena de um dos livros de Arild Rein em que o protagonista caga um tolete tão enorme que ele não desce com a descarga, e então o personagem pega-o e o coloca no bolso do paletó e sai para a rua vestido assim.

No dia seguinte apareceram dois dinamarqueses, Jeppe e Lars; a palestra de Jeppe foi boa, e os dois eram ótimas companhias para beber. Depois foram até Estocolmo, enchemos a cara, eu mandei um SMS para Linda, ela nos encontrou no Kvarnen, me abraçou quando nos vimos, nós rimos e conversamos, mas de repente eu fiquei abatido, porque Jeppe era carismático, tinha uma inteligência acima da média e uma aura forte e máscula que, segundo me pareceu, não passou despercebida aos olhos de Linda. Talvez por isso eu tenha começado a discutir com ela. Com todos os assuntos que existem resolvi falar justamente sobre aborto. Ela não pareceu se importar, mas foi para casa em seguida, enquanto nós continuamos juntos e acabamos em um clube noturno que barrou Jeppe na entrada, com certeza por causa da sacola plástica, do aspecto cansado e do estado de embriaguez em que se encontrava. Então resolvemos ir para a minha casa, Lars dormiu, eu e Jeppe ficamos acordados, o sol nasceu, ele começou a falar sobre o pai, uma pessoa muito boa, e quando disse que ele tinha morrido uma lágrima escorreu pelo rosto dele. Foi um daqueles momentos que eu vou lembrar para sempre, talvez porque aquela revelação tenha acontecido sem nenhum aviso prévio. Era apenas a cabeça de Jeppe, apoiada contra a parede, iluminada pela luz clara e difusa do alvorecer, e a lágrima que escorria pelo rosto.

No dia seguinte tomamos o desjejum em um café, eles foram para o Arlanda, eu voltei para a cama, eu tinha esquecido a janela aberta, tinha chovido, e o PC, do qual eu não tinha nenhum backup, estava encharcado.

Liguei-o no dia seguinte e ele funcionou sem problemas. Nada mais podia dar errado. Geir me ligou, era o Dezesete de Maio, que tal sair para

comer? Ele, Christina, eu e Linda? Conte para Geir sobre a discussão, ele disse, existem certas coisas que você não deve discutir com as mulheres. Aborto é uma delas. Porra, Karl Ove, quase todas as mulheres abortaram uma ou duas vezes! Que motivo você teria para se meter nesse assunto? Mas ligue para ela mesmo assim, talvez não queira dizer nada. De repente ela nem pensou a respeito.

— Eu não posso ligar para ela depois disso.

— Qual é a pior coisa que pode acontecer? Se ficou brava com você ela vai simplesmente recusar o convite. Se ela não ficou, vai aceitar. Você tem que descobrir. Não tem por que você desistir de vê-la só porque acha que ela pode estar chateada.

Liguei.

Ela aceitou o convite.

Fomos até a Creperiet e conversamos a maior parte do tempo sobre as relações entre a Noruega e a Suécia, a especialidade de Geir. Linda olhava com frequência para mim, ela não parecia estar abalada, mas eu não podia ter certeza antes que ficássemos a sós e eu pudesse me desculpar. Não, ela disse, não há nada pelo que se desculpar, você pensa o que pensa. Não foi nada. E quanto a Jeppe?, pensei, mas obviamente não disse nada.

Nos sentamos na Folkoperan. Era o lugar favorito de Linda. Todo fim de tarde, ao fechar, eles tocavam o hino russo, e ela adorava tudo que vinha da Rússia, e em especial Tchékhov.

— Você já leu Tchékhov? — ela me perguntou.

— Não — eu disse.

— Mesmo? Você tem que ler.

Os lábios de Linda deslizavam para o lado e para cima dos dentes quando ela se empolgava, um pouco antes que dissesse qualquer coisa, e eu fiquei sentado observando aquilo enquanto ela falava. Ela tinha lábios muito bonitos. E os olhos, verde-acinzentados e cintilantes, eram tão bonitos que vê-los chegava a doer.

— O meu filme favorito também é russo. *O sol enganador*, você já assistiu?

— Não, infelizmente.

— Temos que assistir uma hora dessas então. Tem uma garota incrível nesse filme. Ela trabalha com os Pioneiros, um movimento político incrível para crianças.

Linda sorriu.

— Eu sinto que tenho muita coisa a mostrar para você — ela disse. — A propósito, tem um evento literário no Kvarnen daqui a... cinco dias. Eu vou ler. Você não está a fim de aparecer?

— Claro. O que você vai ler?

— Stig Sæterbakken.

— Por quê?

— Eu traduzi um livro dele para o sueco.

— É mesmo? Por que você nunca me disse?

— Porque você não me perguntou — ela disse, sorrindo. — Ele também vai estar lá. Estou um pouco nervosa, o meu norueguês não era tão bom quanto eu imaginava. Mas, enfim, ele leu a tradução e não fez nenhum comentário em relação ao texto. Você gosta dele?

— Gosto muito de *Siamesisk*.

— Foi o livro que eu traduzi. Junto com Gilda, você lembra dela?

Fiz um gesto afirmativo com a cabeça.

— Mas podemos nos encontrar antes do evento. Você tem algum compromisso amanhã?

— Não, para mim fica bom.

Nos alto-falantes soaram as primeiras notas do hino nacional russo. Linda se levantou, vestiu a jaqueta e olhou para mim.

— Nos encontramos aqui então? Às oito horas?

— Pode ser — eu disse.

Paramos no lado de fora, o caminho mais curto até a casa dela era seguindo ao longo da Hornsgatan, enquanto o meu apartamento ficava

para o lado oposto.

— Eu vou com você até a sua casa — ela disse. — Posso?

— Claro que pode — respondi.

Caminhamos em silêncio por um tempo.

— É estranho — eu disse quando entramos em uma das ruas transversais que subiam em direção a Mariaberget. — Eu me sinto muito feliz quando estou com você, mas não consigo dizer nada. É como se você me deixasse mudo.

— Eu já percebi — Linda disse, lançando um olhar furtivo em minha direção. — Mas não tem problema. Pelo menos por mim não tem problema nenhum.

Como não?, pensei. O que você pode querer com um sujeito que não diz nada?

O silêncio retornou. O barulho dos nossos passos contra o calçamento era amplificado pelas casas de alvenaria em ambos os lados.

— Foi uma ótima tarde — ela disse.

— Que estranho — disse eu. — Hoje é 17 de maio, uma data que está no meu sangue, e o tempo inteiro parecia que estava faltando alguma coisa, ou pelo menos foi a sensação que tive. Por que ninguém está comemorando?

Ela passou a mão de leve no meu braço.

Talvez para dizer que não se importava que eu falasse coisas idiotas?

Paramos junto ao portão em frente ao meu prédio. Nos olhamos. Eu dei um passo à frente e abracei Linda.

— Nos vemos amanhã, então — eu disse.

— Certo — ela respondeu. — Boa noite!

Parei no lado de dentro da porta e saí mais uma vez no instante seguinte, eu queria vê-la uma última vez.

Ela descia o morro sozinha.

Eu a amava.

Mas então por que era tão doloroso?

No dia seguinte escrevi como de costume, corri como de costume, sentei na rua e li como de costume, dessa vez no Lasse i Parken, logo na saída de Långholmen. Mas não pude me concentrar, eu só conseguia pensar em Linda. Eu me alegrava com a ideia de encontrá-la, não havia nada que eu desejasse tanto, mas esse pensamento era obscurecido por uma sombra, ao contrário de todos os meus outros pensamentos.

Por quê?

Pelo que tinha acontecido naquela outra vez?

Claro. Mas eu não sabia o quê, era apenas um sentimento que eu tinha, um sentimento que eu não conseguia agarrar e transformar em um pensamento claro.

A conversa se arrastou naquela noite, e aquilo começou a desanimá-la também, a animação e a alegria do dia anterior estavam quase ausentes.

Ao fim de uma hora nos levantamos e fomos embora. Na rua ela me perguntou se eu queria ir até a casa dela tomar uma xícara de chá.

— Quero — respondi.

Quando subimos as escadas me lembrei de repente do interlúdio com as gêmeas polonesas. Era uma boa história, mas eu não podia contá-la, porque revelaria muito da complexidade dos sentimentos que eu nutria por ela.

— É aqui que eu moro — ela disse. — Pode sentar um pouco, eu vou entrar e preparar o nosso chá.

O apartamento só tinha um ambiente, em um lado ficava a cama, do outro a mesa de comer. Tirei os sapatos, mas fiquei com a jaqueta, me sentei no canto do sofá.

Ela cantarolava lá dentro.

Quando momentos depois colocou uma xícara de chá na minha frente, disse:

— Acho que comecei a achar você querido, Karl Ove.

“Querido”? Então aquilo era tudo? E ela ainda dizia para mim?

— Eu também gosto muito de você — respondi.

— É mesmo? — ela perguntou.

Fez-se uma pausa.

— Você acha que podemos acabar sendo mais do que amigos? — ela me perguntou depois de um tempo.

— Eu gostaria que a gente fosse amigos — respondi.

Linda me encarou. Então olhou para baixo, percebeu a xícara, levou-a aos lábios.

Eu me levantei.

— Você não tem amigas mulheres? — ela perguntou. — Quero dizer, que não sejam nada além de amigas?

Balancei a cabeça.

— Eu tive na época do ginásio. Mas faz muito tempo.

Linda me encarou mais uma vez.

— Acho que vou embora — eu disse. — Obrigado pelo chá.

Ela se levantou e me acompanhou até a porta. Dei alguns passos no corredor antes de me virar, para que ela não tivesse nenhuma chance de me dar um abraço.

— Até a próxima — eu disse.

— Até a próxima — ela respondeu.

Na manhã seguinte voltei ao Lasse i Parken. Coloquei um bloco de anotações em cima da mesa e comecei a escrever uma carta para Linda. Escrevi a respeito de quem ela era para mim. Escrevi a respeito de quem ela tinha sido para mim quando a vi pela primeira vez, e a respeito de quem era agora. Escrevi a respeito dos lábios dela, que deslizavam para cima dos dentes quando ela se empolgava, escrevi a respeito dos olhos dela, que cintilavam e revelavam uma escuridão e por assim dizer tragavam a luz para dentro de si. Escrevi a respeito da maneira como ela andava, a

respeito dos movimentos discretos e dignos de uma modelo que ela fazia com o traseiro. Escrevi a respeito das feições discretas e japonesas. Escrevi a respeito da risada que às vezes tomava conta dela e a respeito do quanto eu a amava nesses instantes. Escrevi a respeito das palavras que ela usava com frequência, a respeito de como eu amava o jeito que ela tinha de dizer *estrelas* e de espalhar a palavra “incrível” ao redor. Escrevi que todas essas coisas eram apenas o que eu tinha visto, e que eu mal a conhecia, não tinha a menor ideia a respeito do que ela pensava e sabia pouco sobre a maneira como via o mundo e as outras pessoas, mas que o que tinha visto era suficiente, eu sabia que a amava e que sempre haveria de amá-la.

— Karl Ove? — chamou uma voz. Olhei para cima.

Lá estava ela.

Virei o bloco.

Como era possível?

— Oi, Linda — eu disse. — Obrigado por ontem!

— Eu é que agradeço. Estou aqui com uma amiga. Você prefere ficar sozinho?

— Você não se importa? Estou trabalhando, sabe...

— Claro que sei.

Nos olhamos. Fiz um gesto afirmativo com a cabeça.

Uma garota da idade dela saiu com duas xícaras de café na mão. Linda se virou em direção a ela, caminhou até o outro lado e sentou-se.

Escrevi que naquele instante ela tinha acabado de se sentar longe de mim.

Se eu ao menos pudesse vencer essa distância, escrevi. Eu daria tudo no mundo. Mas não havia jeito. Eu te amo, e talvez você ache que me ama, mas não é verdade. Eu acho que você gosta de mim, tenho uma certeza razoável, mas eu não sou o bastante para você, e no fundo você sabe que estou certo. Talvez você precise de alguém ao seu lado agora, e então eu apareci e você achou que talvez pudesse acontecer qualquer coisa. Mas eu não quero ser a pessoa que talvez seja alguém, para mim não basta, tem

que ser tudo ou nada, você tem que arder como eu ardo. Querer como eu quero. Você entende? Ah, eu sei que você entende. Eu já vi você nos momentos de força, nos momentos de fraqueza, e já vi você se abrir para o mundo. Eu te amo, mas isso não é o bastante. A amizade não faria sentido. Eu não consigo sequer falar com você! Que tipo de amizade seria esse? Espero que você não me leve a mal, estou apenas tentando dizer o que está acontecendo. E o que está acontecendo é que eu te amo. E em um lugar ou outro vou continuar te amando para sempre, independente do que aconteça entre nós dois.

Assinei, me levantei, lancei um olhar em direção às duas, mas apenas a amiga estava sentada onde pudesse me ver, e ela não sabia quem eu era, então saí de lá despercebido, voltei correndo até em casa, pus a carta em um envelope, vesti a minha roupa de treino e dei uma volta correndo ao redor de Söder.

Nos dias seguintes foi como se tudo houvesse começado a acontecer mais rápido dentro de mim. Eu corria, nadava, fazia todo o possível para manter sob controle a minha inquietude, que consistia em alegria e tristeza em iguais medidas, mas não adiantava, eu tremia com um nervosismo que parecia não passar nunca, saía a dar caminhadas intermináveis pela cidade, corria, nadava, passava noites em claro, não conseguia comer, eu tinha dito não, estava tudo acabado, aquilo ia passar.

O festival literário era num sábado, e quando chegou eu tinha me decidido a não ir. Liguei para Geir e perguntei se ele não queria me encontrar na cidade, ele aceitou, combinamos às quatro horas no Konstnärsbaren, corri até Eriksdalsbadet, nadei por mais de uma hora de um lado para outro na piscina externa, foi maravilhoso, o ar estava frio, a água quente, o céu cinza e repleto de uma chuva fina, e não havia ninguém ao meu redor. Fiquei lá nadando de um lado para outro. Quando parei meu corpo estava quente de exaustão. Troquei de roupa, parei no

lado de fora para fumar um cigarro e comecei a caminhar rumo ao centro com a bolsa nos ombros.

Geir não estava lá quando cheguei, então peguei uma mesa na janela e pedi uma cerveja. Poucos minutos depois ele estava na minha frente com a mão estendida.

— Alguma novidade? — perguntou depois de sentar.

— Sim e não — respondi, e então falei sobre o que tinha acontecido nos últimos dias.

— Você não para de ser dramático por um instante sequer — ele disse.

— Não dá para encarar as coisas de um jeito um pouco mais tranquilo? Não precisa ser na base do tudo ou nada.

— Não — protestei. — Mas especificamente neste caso tem que ser assim.

— Você enviou a carta?

— Não. Ainda não.

No mesmo instante recebi uma mensagem de texto. Era Linda.

Não te vi no festival. Você estava lá?

Comecei a escrever uma resposta.

— Você não pode fazer isso depois? — Geir perguntou.

— Não — respondi.

Não pude ir. Deu tudo certo?

Enviei a mensagem e mostrei o visor para Geir.

— Saúde — eu disse.

— Saúde — ele respondeu.

Mais uma mensagem de texto chegou.

Senti falta de você. Onde você está?

Sentiu falta?

Meu coração bateu forte no meu peito. Comecei a escrever outra resposta.

— Guarde esse negócio — Geir disse. — Senão eu vou embora.

— Não vou demorar — expliquei. — Um segundo.

Também senti falta de você. Estou no KB.

— É Linda, não? — Geir perguntou.

— É — respondi.

— Você parece estar bem perturbado — ele disse. — Sabia? Quase dei meia-volta na porta quando enxerguei você.

Uma nova mensagem.

Venha me encontrar, Karl Ove. Estou na Folkoperan. Te espero.

Me levantei.

— Geir, me desculpe, mas tenho que ir agora.

— Agora?

— É.

— Não, cara, desista. Ela pode esperar meia hora, não? Peguei o metrô até a cidade e não foi para me sentar e beber sozinho. Isso eu posso fazer em casa.

— Desculpe mesmo — eu repeti. — Eu ligo mais tarde.

Saí correndo pela rua, ataquei um táxi, eu sentia vontade de berrar nos semáforos, tamanha era a minha impaciência, mas logo paramos em frente à Folkoperan, paguei e entrei.

Linda estava sentada no térreo. Assim que a vi compreendi que não havia pressa.

Ela sorriu.

— Como você chegou depressa! — ela exclamou.

— Tive a impressão de que era urgente.

— Não, não, não mesmo.

Dei um abraço nela e me sentei.

— Você quer beber alguma coisa? — perguntei.

— O que você vai pedir?

— Não sei. Um vinho tinto?

— Está ótimo.

Dividimos uma garrafa de vinho tinto, conversamos sobre tudo um pouco, mas nada importante, havia o tempo inteiro entre nós, cada vez que

nossos olhares se encontravam eu sentia um tremor atravessar o meu corpo, e depois um golpe duro, era o meu coração.

— Tem uma festa na Vertigo agora — ela disse. — Você está a fim de ir?

— Estou. Parece uma boa ideia.

— O Stig Sæterbakken está lá.

— Isso talvez não seja tão bom assim. Uma vez eu escrevi uma crítica arrasadora a respeito dele. Mais tarde li numa entrevista que ele guarda todas as críticas arrasadoras que já recebeu. E a que eu escrevi deve ser uma das piores. Uma página inteira no *Morgenbladet*. E depois ele investiu contra mim e contra Tore uma outra vez. Nos chamou de Faldbakken & Faldbakken. Mas, enfim, nada diz respeito a você.

Ela balançou a cabeça.

— Quem sabe vamos para outro lugar?

— Não, não, por favor. Vamos para lá.

Quando deixamos a Folkoperan para trás o dia tinha começado a escurecer no lado de fora. As nuvens que haviam deixado o tempo encoberto durante o dia inteiro tornaram-se ainda mais espessas.

Pegamos um táxi. A Vertigo ficava em um porão, tinha gente por toda parte quando chegamos, o ar estava quente e enfumaçado, eu me virei em direção a Linda e disse que talvez fosse uma boa ideia não ficar muito tempo.

— Ora, se não é o Knausgård! — disse uma voz. Me virei. Era Sæterbakken. Estava sorrindo. Então se virou para outra pessoa:

— Eu e o Knausgård somos inimigos. Não é verdade? — acrescentou enquanto me encarava.

— Eu não sou — respondi.

— Não vamos ser covardes agora — ele insistiu. — Mas você tem razão, já deixamos essa história para trás. Estou trabalhando em um novo romance em que eu tento fazer como você. Escrever um pouco mais nesse estilo.

Minha nossa, pensei. Um elogio!

— Não diga — continuei. — Parece interessante.

— É, é bem interessante. Espere e veja!

— Nos falamos mais tarde — eu disse.

— Com certeza — ele emendou.

Fomos até o bar, pedimos gim-tônica, encontramos duas cadeiras vagas e nos sentamos. Linda conhecia muita gente por lá, ela andava de um lado para o outro e falava com as pessoas e voltava o tempo inteiro até mim. Comecei a ficar cada vez mais bêbado, mas o clima agradável e descontraído que tinha se instalado entre nós dois na Folkoperan não se alterou. Olhamos um para o outro, estávamos juntos. Ela pôs a mão no meu ombro, estávamos juntos. O olhar dela encontrava o meu por todo aquele lugar, no meio de uma conversa com outra pessoa, e sorria, estávamos juntos.

Quando já tínhamos passado horas lá dentro e depois nos atirado em duas poltronas em uma salinha no canto, Sæterbakken foi até nós e perguntou se queríamos massagem nos pés. Disse que sabia fazer uma ótima massagem. Eu disse que não, não tinha como. Linda tirou os sapatos e colocou os pés no peito dele. Sæterbakken começou a apertar e a alisar enquanto Linda mantinha os olhos fixos nos olhos dele.

— É bom, não? — perguntou ele.

— Maravilhoso — Linda respondeu.

— Mas agora é a sua vez, Knausgård.

— Não tem como.

— Você está com medo? Vamos, tire os sapatos!

No fim atendi o pedido, tirei os sapatos e coloquei os pés no peito dele. A massagem em si foi agradável, mas o fato de que era Stig Sæterbakken quem estava sentado amaciando os meus pés, com um sorriso nos lábios que era difícil de interpretar como qualquer outra coisa a não ser diabólico, tornava a situação no mínimo um pouco ambígua.

Quando terminou, perguntei a respeito da última coletânea de ensaios dele, sobre o mal, em seguida dei uma volta lá dentro, bebi um copo atrás do outro e, quando de repente tive um vislumbre de Linda, ela estava escorada na parede conversando com uma garota, aquela que eu tinha visto no Dia das Bruxas, Hilda, Wilda? Não, porra, Gilda.

Como Linda era bonita!

E tão cheia de vida.

Seria possível que ela fosse minha?

Assim que me fiz a pergunta o olhar dela roçou o meu.

Ela sorriu e abanou para mim.

Me aproximei.

A hora tinha chegado.

Era agora ou nunca.

Engoli em seco, pousei a mão no ombro dela.

— Essa é Gilda — disse Linda.

— Nós já nos conhecemos — Gilda disse sorrindo.

— Venha — eu disse.

Linda me lançou um olhar curioso.

A escuridão naqueles olhos.

— O que foi? — perguntou.

Não respondi, simplesmente peguei a mão dela.

Sem dizer uma palavra saímos de lá. Abrimos a porta, subimos a escada.

Estava chovendo a cântaros.

— Eu já chamei você no canto assim uma vez — eu disse. — Mas não deu muito certo. E pode ser que dê tudo errado dessa vez também. Eu não me importo. Mas tem uma coisa que eu quero dizer. A respeito de você.

— A meu respeito? — ela perguntou, detendo-se logo à minha frente e me encarando, já com os cabelos úmidos e o rosto molhado pela chuva.

— É — respondi.

E então comecei a dizer quem ela era para mim. Tudo que eu tinha escrito na carta eu disse para Linda naquele instante. Descrevi os lábios, os

olhos, a maneira de andar, as palavras que ela usava. Eu disse que a amava mesmo sem a conhecer. Disse que eu queria ficar junto com ela. Que era tudo que eu queria.

Ela ficou na ponta dos pés, ergueu o rosto na minha direção, eu me inclinei para frente e a beijei.

Então tudo ficou preto.

Acordei com dois homens me arrastando pelas pernas em cima do asfalto, para dentro de um portão. Um deles estava falando ao celular e dizendo, talvez drogas, não sabemos. Os dois pararam, inclinaram-se em direção a mim.

— Você acordou?

— Acordei — respondi. — Onde estou?

— Em frente à Vertigo. Você usou drogas?

— Não.

— Como é o seu nome?

— Karl Ove Knausgård. Acho que eu desmaiei. Mas não foi nada. Estou bem.

De repente vi Linda vindo em minha direção.

— Ele acordou? — perguntou ela.

— Oi, Linda — eu disse. — O que aconteceu?

— Vocês não precisam vir — disse o homem ao telefone. — Está tudo bem por aqui. Ele acordou e parece estar bem.

— Você desmaiou, eu acho — Linda disse. — Simplesmente caiu de repente.

— Que merda — eu disse. — Me desculpe.

— Não tem pelo que se desculpar — ela respondeu. — As coisas que você me disse. Nunca alguém tinha me dito coisas tão bonitas.

— Você consegue se virar sozinho? — um dos homens me perguntou.

Fiz um gesto afirmativo com a cabeça e eles foram embora.

— Foi quando você me beijou — expliquei. — Foi como se uma cortina preta de repente cobrisse *tudo*. E acordei aqui.

Me levantei, dei alguns passos cambaleantes.

— Acho melhor voltar para casa — eu disse. — Mas você pode ficar se quiser.

Ela riu.

— Vamos para a minha casa. Eu vou cuidar de você.

— Eu adoraria que você cuidasse de mim — eu disse.

Linda sorriu e tirou o celular do bolso da jaqueta. Tinha o cabelo grudado na testa. Olhei para as minhas roupas. Minhas calças estavam pretas de umidade. Passei a mão nos meus cabelos.

— Por estranho que pareça, não estou mais bêbado — eu disse. — Mas estou morrendo de fome.

— Quando foi a última vez que você comeu?

— Ontem, mas não sei direito quando, acho. De manhã.

No mesmo instante ela completou a ligação para a central, ergueu os olhos em direção a mim, deu o endereço e dez minutos depois estávamos sentados no táxi avançando em meio à chuva e à noite.

Quando acordei eu não sabia onde estava. Mas em seguida vi Linda e me lembrei de tudo. Me aconcheguei no corpo dela, ela abriu os olhos e fizemos amor mais uma vez, e tudo aquilo pareceu tão certo, tão bom, era assim que eu sentia com todo o meu ser, que estávamos juntos, e foi o que eu disse para ela.

— Precisamos ter filhos — eu disse. — Qualquer outra coisa seria um crime contra a natureza.

Ela riu.

— É assim que tem que ser — continuei. — Eu tenho certeza. Eu nunca me senti desse jeito.

Linda parou de rir e olhou para mim.

— Você está falando sério? — ela perguntou.

— Estou — eu disse. — A não ser que você tenha outro sentimento. Nesse caso as coisas vão ser diferentes. Mas você sente a mesma coisa que eu, não? Eu também sinto.

— Será possível? — ela perguntou. — Você está mesmo aqui na minha cama? Dizendo que quer ter filhos comigo?

— Estou. E você sente a mesma coisa, não?

Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Mas eu nunca teria dito.

Pela primeira vez em toda a minha vida me senti totalmente feliz. Pela primeira vez em toda a minha vida não havia nada que pudesse obscurecer a alegria que eu sentia. Estávamos juntos o tempo inteiro, nos abraçávamos de repente onde quer que fosse, nos semáforos, por cima das mesas dos restaurantes, nos ônibus, nos parques, não havia nenhuma exigência e nenhuma vontade que não fosse a presença do outro. Eu me sentia totalmente livre, mas apenas quando estava com ela, no instante em que nos separávamos eu começava a sentir saudade. Era estranho, aquelas forças eram muito intensas e muito boas. Com Geir e Christina dissemos que era impossível estar, não tínhamos olhos para nada além de um para o outro, e era verdade, não havia um mundo além daquele que nós dois tínhamos descoberto de repente. No verão fomos a Runmarö, onde Mikaela tinha alugado uma cabana, me flagrei sorrindo e cantando em uma noite sueca, um idiota feliz, porque tudo fazia sentido, tudo estava carregado de sentido, era como se uma nova luz estivesse iluminando o mundo. Em Estocolmo saíamos para tomar banhos de piscina, sentávamos nos parques para ler, comíamos em restaurantes, não importava o que fizéssemos, o sentido estava em fazer. Comecei a ler Hölderlin e os poemas deslizavam para dentro de mim como água, não tinha nada que eu não entendesse, o êxtase naqueles poemas e o êxtase dentro de mim eram a mesma coisa, e além de tudo durante todos os dias de junho, julho e agosto

o sol brilhou. Contamos tudo a nosso respeito um para o outro, como namorados fazem, e mesmo sabendo que aquilo não podia durar, a ideia de que poderia era assustadora, porque também havia algo de insuportável em relação àquilo tudo, a toda aquela felicidade, então vivíamos como se não soubéssemos. A queda havia de chegar, mas não estávamos preocupados, e como poderíamos estar, quando tudo era tão bom?

Um dia de manhã quando eu estava tomando banho Linda me chamou, eu fui até o quarto, ela estava nua em cima da cama, que tinha sido arrastada para junto da parede, assim podíamos ver o céu.

— Veja — ela disse. — Você está vendo aquela nuvem?

Me deitei ao lado dela. O céu estava completamente azul, não havia uma única nuvem, a não ser aquela, que vinha se aproximando devagar. Ela tinha o formato de um coração.

— Estou — eu disse, pegando a mão dela.

Linda riu.

— Tudo é perfeito — ela disse. — Eu nunca me senti assim. Sou muito feliz com você. Muito feliz!

— Eu também — concordei.

Saímos a dar um passeio de barco pelo arquipélago. Alugamos uma cabana em frente a um albergue da juventude. Andamos pelas ilhas durante horas, nos embrenhamos na floresta, tudo cheirava a pinho e a urze, de repente chegamos a um penhasco no alto da montanha: lá embaixo estava o mar. Continuamos a caminhar, encontramos um pasto, paramos para olhar as vacas, elas nos olharam de volta, nós rimos, tiramos fotos um do outro, subimos em uma árvore e ficamos lá sentados como duas crianças conversando.

— Uma vez — comecei — eu saí para comprar cigarros no posto de gasolina para o meu pai. Era uma caminhada de dois ou três quilômetros. Eu devia ter sete ou oito anos. O caminho passava no meio da floresta. Eu sabia o trajeto de cor. Aliás, eu ainda o sei de cor. Mas de repente eu ouvi um farfalhar nas moitas. Parei e tentei ver o que era. Foi quando eu vi um

pássaro incrível, sabe, grande e multicolorido. Eu nunca tinha visto nada igual, o pássaro dava a impressão de ter saído de um país exótico e distante. Da África, da Ásia. Ele correu para longe, depois alçou voo e desapareceu. Eu nunca mais vi um pássaro como aquele, e nunca descobri o que podia ser.

— É mesmo? — disse Linda. — Comigo aconteceu exatamente a mesma coisa. No sítio de uma amiga. Eu estava sentada em uma árvore, como agora, esperando que a minha amiga voltasse, mas fiquei impaciente e resolvi descer. Me afastei um pouco, sem ter nenhum rumo, e de repente vi um pássaro multicolorido incrível. Nunca mais vi outro pássaro igual.

— É mesmo?

— É.

E assim era, tudo fazia sentido, e nossas vidas entrelaçavam-se uma com a outra. Ao voltar da ilha conversamos sobre qual seria o nome do nosso primeiro filho.

— Se for um menino — eu disse —, pode ser um nome simples. Eu sempre gostei de Ola, o que você acha?

— É um nome bonito — Linda respondeu. — Bem norueguês, eu gosto.

— É — eu comentei, olhando para fora da janela.

Um barquinho se aproximou devagar. O número de registro na lateral do casco era OLA.

— Veja só! — eu exclamei.

Linda estendeu o corpo para frente.

— Está decidido — ela disse. — Vai ser Ola!

Certa noite subimos o morro em direção ao meu apartamento, ainda naquela febre dos primeiros tempos do namoro, e passados alguns instantes de silêncio Linda disse:

— Karl Ove, preciso dizer uma coisa a você.

— O que é?

— Uma vez eu tentei me matar.

— O que você está dizendo? — perguntei.

Ela não respondeu, apenas olhou para o morro à nossa frente.

— Faz tempo?

— Dois anos, talvez. Foi quando eu estava internada.

Eu a encarei, Linda não queria olhar nos meus olhos, mas eu cheguei mais perto e a abracei. Ficamos assim por muito tempo. Então subimos os degraus e entramos no elevador, eu tranquei a porta do apartamento, ela se sentou na cama, eu abri a janela e todos os barulhos da noite de verão nos alcançaram.

— Você quer um chá? — eu perguntei.

— Quero — ela disse.

Fui até a cozinha e coloquei a água para ferver, peguei duas xícaras e larguei um saquinho de chá em cada uma. Quando alcancei uma das xícaras para Linda e comecei a bebericar na outra em frente à janela aberta ela começou a me contar o que tinha acontecido. A mãe a tinha pegado no hospital, as duas iam passar no apartamento para buscar alguma coisa. Quando chegaram perto de casa, Linda saiu correndo. A mãe dela saiu correndo atrás. Linda correu o mais depressa que podia, atravessou a porta, subiu a escada, entrou no apartamento, foi até a janela. Quando a mãe dela chegou, poucos segundos depois, Linda tinha aberto a janela e estava de pé em cima do parapeito. A mãe atravessou a peça correndo no instante em que Linda ia pular, consegui segurá-la e a puxou de volta para dentro.

— Eu entrei em surto — ela disse. — Acho que eu queria matar a minha mãe. Comecei a bater nela. Brigamos por uns dez minutos lá dentro. Eu virei a geladeira por cima dela. Mas ela foi mais forte. Claro que ela foi mais forte. No fim ela se escarranchou em cima do meu peito e eu desisti. Ela chamou a polícia, os policiais chegaram, me pegaram e me levaram de volta ao hospital.

Fez-se um silêncio momentâneo. Eu a encarei, Linda olhou nos meus olhos depressa, como um pássaro.

— Eu tenho muita vergonha do que aconteceu — ela disse. — Mas achei que você tinha que saber.

Eu não sabia o que dizer. Havia um abismo entre o lugar em que tinha estado naquela época e o lugar em que nos encontrávamos naquele instante. Pelo menos era o que parecia. Mas talvez para ela não fosse assim?

— Por que você fez isso? — perguntei.

— Eu não sei. Acho que eu mesma não tinha nenhuma ideia clara quando aconteceu. Mas eu lembro como tudo começou. Eu tinha sofrido uma crise de mania durante várias semanas no fim do verão. Um dia Mikaela foi até a minha casa e eu estava de cócoras em cima da mesa da cozinha, cantando números. Ela e Öllegård me levaram para a emergência psiquiátrica. Me deram uns comprimidos para dormir e perguntaram se eu podia ficar na casa de Mikaela por alguns dias. Depois os períodos começaram a se alternar durante o outono. E no fim eu acabei numa depressão muito profunda e senti que não podia haver uma saída. Eu evitava todas as pessoas que eu conhecia porque não queria que ninguém fosse o último a me ver ainda viva. A terapeuta que estava me tratando perguntou se eu tinha pensamentos suicidas e eu simplesmente comecei a chorar, e nesse instante ela percebeu que não podia assumir a responsabilidade por mim no intervalo entre as sessões de terapia, então resolveu me internar. Eu vi os papéis da minha avaliação psiquiátrica antes da internação. Consta que eu demorava vários minutos para responder as perguntas que me faziam, e eu lembro mesmo que era quase impossível falar. Impossível dizer qualquer coisa, as palavras estavam infinitamente distantes. Tudo estava infinitamente distante. O meu rosto estava todo rígido, eu não tinha nenhuma expressão.

Linda me olhou. Eu me sentei na cama, ela deixou a xícara em cima da mesa e se deitou de costas. Me deitei ao lado dela. Havia um peso na

escuridão lá fora, uma presença estranha às noites de verão. Um trem estrondeou na ponte de Riddarfjärden.

— Eu me sentia morta — ela continuou. — Não que eu quisesse acabar com a minha vida. Mas era como se ela já tivesse acabado. Quando a terapeuta me encaminhou para a internação, me senti aliviada, porque alguém tomaria conta de mim. Mas quando cheguei na clínica, tudo era impossível. Eu não conseguia estar lá. E foi na clínica que eu comecei a planejar tudo. Minha única chance de sair era conseguindo uma licença de um dia para buscar roupas e objetos pessoais no apartamento. Alguém tinha que estar junto, e a única pessoa que me ocorria era a minha mãe.

Linda ficou em silêncio.

— Mas se eu quisesse *de verdade* eu teria conseguido — disse. — É o que eu penso hoje. Eu não precisava ter aberto a janela. Eu podia ter atravessado o vidro. Afinal não faria diferença nenhuma. Esse detalhe me diz que... ah, se eu tivesse querido de verdade, com todas as minhas forças, eu teria conseguido.

— Fico muito feliz por você não ter conseguido — eu disse enquanto acariciava os cabelos dela. — E você não tem medo de que possa acontecer outra vez?

— Tenho.

Fez-se uma pausa.

A garota de quem eu alugava o quarto estava mexendo com alguma coisa do outro lado da porta. Na sacada do andar de cima alguém tossiu.

— Eu não tenho — disse eu.

Linda virou o rosto em minha direção.

— Não?

— Não. Eu conheço você.

— Mas não sabe tudo a meu respeito.

— Eu sei — disse eu, e em seguida a beijei. — Mas não vai acontecer nunca mais, tenho certeza.

— Eu também tenho — ela disse, sorrindo e me abraçando.

As intermináveis noites de verão, claras e abertas, em que andávamos por vários bares e cafés nas diferentes partes da cidade em táxis pretos, sozinhos ou junto com outras pessoas, em que a embriaguez não representava nenhuma ameaça, nenhuma destruição, mas era apenas uma onda que nos erguia cada vez mais alto, aos poucos começaram a ficar mais escuras, era como se o céu se prendesse à terra, tudo que era leve e fugaz começou a perder espaço, alguma coisa o preenchia e o limitava, e por fim a noite chegou com o silêncio, uma cortina de escuridão que baixava ao final do entardecer e se erguia de novo ao raiar do dia, e de repente as noites leves de verão que nos atiravam de um lado para outro pareciam inconcebíveis, como um sonho que em vão tentamos recordar pela manhã.

Linda começou a frequentar as aulas no Dramatiska Institutet, o curso inicial era difícil, os alunos eram jogados em todo tipo de situação possível e impossível, e a ideia era que aprenderiam melhor sob pressão, por conta própria, durante o processo. Quando ela saía de bicicleta pela manhã eu subia ao apartamento para escrever. A história dos anjos tinha se transformado na história de uma mulher que estava em uma maternidade em 1944, ela tinha acabado de dar à luz uma criança, os pensamentos dela estavam confusos, mas aquilo não deu certo, o texto estava muito longe, a distância era grande demais, porém mesmo assim eu continuei, lutei para escrever cada página, mas não fazia muita diferença, porque a coisa mais importante, não, a única coisa na minha vida era Linda.

Em um domingo fomos almoçar no café de Östermalm, que se chamava Oscar e ficava perto de Karlaplan, sentamos na rua, Linda com um cobertor nas pernas, eu comi um Club Sandwich, Linda uma salada de frango, a rua estava quieta porque era domingo, e a igreja mais abaixo

tinha acabado de soar o sino para anunciar a missa. Três garotas estavam sentadas na mesa de trás, e dois homens estavam sentados atrás delas. Na mesa mais próxima à rua os pardais saltitavam. Pareciam bem mansinhos, eles davam pequenos saltos em direção aos pratos deixados em cima das mesas e mexiam a cabeça inteira quando bicavam a comida.

De repente uma sombra apareceu no céu, olhei para cima, era um pássaro gigantesco, ele mergulhou em nossa direção, passou raspando pela mesa com os pardais, pegou um deles com as garras e voou mais uma vez em direção ao céu.

Olhei para Linda. Ela estava olhando para cima, boquiaberta.

— Estou sonhando ou uma ave de rapina acabou de pegar um dos pardais que estavam ali? — perguntei.

— Foi a coisa mais horrível que eu já vi! — ela disse. — Em plena cidade? Que bicho era aquele? Uma águia? Um gavião? Pobre passarinho!

— Deve ter sido um gavião — eu disse sorrindo. A cena tinha me entusiasmado. Linda olhou para mim com um sorriso no olhar.

— Meu vô era careca — eu disse. — Ele só tinha uma coroa de cabelos brancos atrás da cabeça. Quando eu era pequeno, ele costumava dizer que um gavião tinha levado o resto. E mostrava até como tinha enfiado as garras na cabeça dele e levado o cabelo embora. A coroa era a prova de que estava falando a verdade. E por um tempo eu acreditei na história. Eu ficava olhando para o céu em busca do gavião. Mas ele nunca apareceu.

— Acabou de aparecer! — Linda respondeu.

— Mas não é certo que tenha sido o mesmo — eu disse.

— Não — ela concordou sorrindo. — Quando eu tinha cinco anos eu tinha um hamster numa gaiolinha. No verão estávamos na fazenda, onde eu costumava soltar o hamster, eu colocava a gaiola no chão e o deixava caminhar pelo gramado um pouquinho. E uma vez eu estava na sacada, olhando para ele, quando de repente vi uma ave de rapina em pleno mergulho e no instante seguinte o meu hamster tinha desaparecido no céu.

— Você está falando sério?

— Estou.

— Que horror!

Eu ri e afastei o prato de mim, acendi um cigarro e me escorei na cadeira.

— Eu lembro que o meu vô tinha uma espingarda. Às vezes ele atirava nas gralhas. Uma das gralhas levou um tiro de raspão, na perna. Ela sobreviveu e até hoje vive na fazenda. Pelo menos foi o que meu tio Kjartan me disse. Uma gralha perneta de olhar penetrante.

— Incrível — Linda disse.

— Uma versão alada do capitão Ahab — eu continuei. — E o meu vô andava ao redor do morro como se fosse a enorme baleia branca.

Eu olhei para Linda.

— Ah, é uma pena que vocês não tenham se conhecido. Você teria gostado dele.

— Você também teria gostado do meu vô.

— Você estava junto quando ele morreu, não?

Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Ele teve um derrame e eu fui para Norrland. Mas quando cheguei ele já tinha morrido.

Ela pegou a minha carteira de cigarros e me olhou, fiz um aceno com a cabeça, ela pegou um.

— Mas era da minha vó que eu era mais próxima — Linda prosseguiu.

— Ela vinha com a gente para Estocolmo e tomava conta de tudo. A primeira coisa que fazia era limpar a casa inteira. Ela assava pães e biscoitos e fazia comida e passava o tempo inteiro com a gente. Era uma mulher forte.

— A sua mãe também é.

— É. Na verdade ela fica a cada dia mais parecida com a minha vó. Quer dizer, depois que saiu do Dramaten e se mudou para o campo, foi como se de repente tivesse retomado a vida que vivia naquela época. Ela

cultiva um canteiro de legumes, prepara toda a comida desde a estaca zero e tem quatro freezers cheios de comidas e ingredientes que comprou em oferta. E como se não bastasse ela não se importa mais com a aparência, ou pelo menos não em comparação com o quanto se importava antes.

Linda me encarou.

— Eu já contei para você sobre a vez em que a minha vó viu uma aurora boreal vermelha?

Balancei a cabeça.

— Foi quando ela estava sozinha. Todo o céu ficou vermelho, a luz ondulava para frente e para trás, deve ter sido lindo, mas também um pouco assustador. Quando ela voltou e contou a história, ninguém acreditou. Ela mesma teve dificuldade para acreditar mais tarde, uma aurora boreal vermelha, quem já ouviu falar de coisa parecida? Você já ouviu?

— Não.

— Depois, muitos anos mais tarde eu estava com a minha mãe em Humlegården no fim do entardecer. E nós duas vimos a mesma coisa! Às vezes dá para ver a aurora boreal daqui, não é comum, mas acontece. E naquele entardecer ela estava vermelha! A minha mãe ligou para a minha vó assim que chegou em casa. Minha vó chorou! Mais tarde eu li a respeito e descobri que é um fenômeno meteorológico raro.

Me inclinei por cima da mesa e dei um beijo nela.

— Você quer um café?

Linda acenou a cabeça, e eu entrei e pedi dois cafés. Quando saí mais uma vez para a rua e larguei a xícara na frente dela, Linda me encarou.

— Lembrei de uma outra história curiosa — ela disse. — Ou melhor, talvez não seja tão curiosa. Mas na época pareceu. Eu estava em uma das ilhas do arquipélago aqui. Fui dar um passeio sozinha na floresta. Acima de mim, mas não muito acima, na altura das árvores, um zepelim chegou deslizando. Foi simplesmente mágico. Ele apareceu do nada e deslizou por cima da floresta e depois foi embora. Um zepelim!

— Eu sempre fui fascinado por zepelins — disse. — Desde que eu era pequeno. Eram a coisa mais incrível que eu conseguia imaginar. Um mundo de zepelins! Ah, essa ideia tem um grande fascínio para mim. Mas eu não faço a menor ideia do que seja. O que você acha?

— Se entendi direito, você era fascinado por mergulhadores, navios a vela, viagens espaciais e zepelins quando era pequeno? Você disse alguma coisa parecida uma vez, que você desenhava mergulhadores e astronautas e navios a vela? É isso mesmo?

— É, mais ou menos.

— Bem, o que mais se pode dizer a respeito? Um anseio por estar longe? Os mergulhadores descem tão fundo quanto possível. Os astronautas sobem tão alto quanto é possível. Os navios a vela estão profundamente ligados à história. E os zepelins pertencem a um mundo que não aconteceu.

— É verdade. Mas nunca foi um sentimento dominante, era uma coisa que ficava mais à margem, se você entende o que eu quero dizer. Na infância as pessoas sentem-se preenchidas pelo mundo, é nisso que consiste ser criança. É impossível evitar. E também desnecessário. Pelo menos o tempo inteiro.

— E então? — ela perguntou.

— E então o quê?

— Você ainda sente esse anseio?

— Você está louca? Esse deve ser o primeiro verão desde os meus dezesseis anos em que não me sinto assim.

Nos levantamos e começamos a descer rumo à ponte em direção a Djurgården.

— Você sabia que os primeiros zepelins não podiam ser controlados e que, para resolver esse problema, tentaram treinar aves de rapina, provavelmente falcões, mas talvez águias também, para voar levando longas linhas no bico?

— Não — eu disse. — A única coisa que sei é que eu te amo.

* * *

Nesses novos dias, que embora de maneira totalmente diferente também eram cheios de rotinas, descobri um profundo sentimento de liberdade. Acordávamos cedo, Linda ia de bicicleta para a escola de teatro, eu passava o dia inteiro sentado escrevendo quando não saía para ir à Filmhuset e almoçar com ela, e depois nos reencontrávamos no fim da tarde e passávamos o resto do dia juntos até a hora de dormir. Nos fins de semana jantávamos fora e nos embebedávamos à noite no bar da Folkoperan, que era nossa base de operações, ou então no Guldapan, outro de nossos lugares favoritos, no Folkhemmet ou no grande bar em Odenplan.

Tudo era como antes, e ao mesmo tempo não era, pois de maneira imperceptível, tão imperceptível que era quase como se não estivesse acontecendo, alguma coisa em nossa vida perdeu o brilho. A chama que nos atraía um ao outro e também em direção ao mundo se enfraqueceu. Pequenas discordâncias por vezes apareciam, em um sábado eu acordava e pensava como seria bom passar um tempo sozinho, visitar uns sebos, sentar em um café para ler jornais... Então nos levantávamos, íamos até o café mais próximo de casa, pedíamos o nosso desjejum, ou seja, mingau, iogurte, torrada, ovos, suco e café, eu ficava sentado lendo os jornais, Linda olhava para a mesa ou para os lados, e por fim dizia, você precisa mesmo ficar aí lendo, será que não podemos conversar em vez disso? Claro que podemos, eu dizia enquanto fechava o jornal, e ficávamos sentados conversando, tudo corria bem, a pequena mácula preta no coração era quase imperceptível, um pequeno desejo de estar sozinho, lendo em paz sem que ninguém quisesse nada de mim, logo passava. Porém mais tarde chegou o ponto em que não passava mais, o ponto em que pelo contrário aquilo começou a influenciar as situações e as atitudes posteriores. Se você me ama de verdade, tem que me aceitar sem nenhuma exigência, eu pensava, mas não dizia nada, eu queria que ela percebesse sozinha.

Uma noite Yngve ligou, perguntou se eu não gostaria de ir com ele e Asbjørn para Londres, eu disse, quero, claro que quero, é uma ótima ideia. Quando desliguei Linda estava me encarando do outro lado do quarto.

— O que foi? — ela perguntou.

— Era o Yngve. Ele queria me convidar para uma viagem a Londres.

— Mas você não aceitou, certo?

— Aceitei. Não era para ter aceitado?

— Mas nós dois temos que viajar juntos primeiro. Você não pode viajar com ele antes de viajar comigo!

— Como assim? Essa viagem não tem nada a ver com você.

Linda baixou o rosto em direção ao livro que estava lendo. Os olhos estavam pretos. Eu não queria que ela ficasse brava. Deixar a situação pendente era impossível para mim, aquilo tinha que ser esclarecido.

— Faz muito tempo que eu não faço nada com o Yngve. Você não pode esquecer que eu não conheço ninguém por aqui além das suas amigas. Os meus amigos estão na Noruega.

— O Yngve acabou de vir para cá.

— Ora, vamos...

— Se você vai de qualquer jeito não precisa me dizer mais nada — ela me interrompeu.

— Tudo bem — eu respondi.

Depois, quando nos deitamos, Linda pediu desculpas por ter sido tão egoísta. Não tem problema, eu disse. Era um detalhe sem importância.

— A gente não desgrudou um do outro desde que estamos juntos — ela disse.

— Não — eu concordei. — Talvez esteja na hora.

— Como assim? — ela perguntou.

— Não podemos passar o resto da vida tão grudados — eu disse.

— Eu acho que estamos muito bem — ela retrucou.

— Estamos, é claro que estamos — eu disse. — Você entendeu o que eu quis dizer.

— Claro que entendi — ela disse. — Mas não tenho certeza se estou de acordo.

De Londres eu ligava para Linda duas vezes por dia, e gastei quase todo o meu dinheiro em um presente para ela, em poucas semanas ela faria trinta anos, e ao mesmo tempo me ocorreu, talvez porque estivesse vendo a minha vida em Estocolmo com um certo distanciamento pela primeira vez, que eu tinha que me endireitar quando voltasse para casa, trabalhar com mais afinco, porque não apenas todo aquele longo verão tinha desaparecido em meio à felicidade e a uma profusão de sentimentos, mas setembro também havia passado sem que eu conseguisse fazer nada. Eu tinha estreado como escritor fazia quatro anos e naquela altura o segundo livro ainda não existia, a não ser pelas oitocentas páginas com vários começos diferentes que eu tinha acumulado desde então. Eu tinha escrito o meu romance de estreia à noite, eu me levantava por volta das oito e escrevia até a manhã seguinte, e a liberdade que havia naquilo, naquele espaço que a noite abria, talvez fosse o que eu precisava para encontrar material novo. Eu tinha chegado perto durante as últimas semanas em Bergen e as primeiras em Estocolmo com a história que tinha me despertado, sobre o pai que saía a pescar caranguejos em uma noite de verão com os dois filhos, um deles obviamente eu, e que depois encontrava uma gaivota morta que eu mostrei para o meu pai, ele disse que as gaivotas tinham sido anjos, e mais tarde fomos embora com um balde cheio de caranguejos vivos e rastejantes no fundo do barco. Geir Gulliksen me disse “Você já tem uma abertura”, e era verdade, mas eu não sabia para onde aquela cena podia me levar, e tinha passado os últimos meses lutando com aquilo. Eu tinha escrito sobre uma mulher em uma maternidade na década de 1940, o filho dela era o pai de Henrik Vankel, e a casa para onde havia de voltar com a criança tinha sido um barraco velho, cheio de garrafas, que depois foi demolido para dar lugar a uma nova casa. Mas não era um texto autêntico, tudo soava falso, eu estava perdido. Tentei mudar de rumo, mas situei a história na mesma casa, dois irmãos deitados à noite,

o pai deles morreu, um deles está deitado e olha para o outro, que dorme. Mas sou um pouco falso e o meu desespero aumentou, será que eu conseguiria escrever um segundo romance?

Na segunda-feira depois que voltei de Londres eu disse a Linda que não poderíamos nos encontrar na manhã seguinte porque eu passaria a noite trabalhando. Tudo parecia bem. Às nove ela me mandou um SMS, eu respondi, ela mandou outro, disse que tinha saído com Cora, as duas estavam nas redondezas bebendo uma cerveja, escrevi desejando a ela que se divertisse e dizendo que eu a amava, trocamos mais duas ou três mensagens e depois ficou tudo em silêncio e achei que ela tinha ido para casa. Mas não, por volta da meia-noite ela bateu na minha porta.

— Você está aqui? — perguntei. — Não disse que eu queria escrever?

— Disse, mas as suas mensagens foram muito queridas e amorosas. Achei que você queria que eu viesse.

— Eu preciso trabalhar — expliquei. — Estou falando sério.

— Eu sei — Linda respondeu, embora já houvesse tirado a jaqueta e os sapatos. — Mas será que eu não posso dormir aqui enquanto você trabalha?

— Você sabe que eu não consigo. Não consigo escrever nem com um gato por perto!

— Mas você nunca tentou escrever comigo por perto. Pode ser que eu tenha um efeito positivo!

Mesmo que eu estivesse furioso não consegui dizer não. Eu não tinha esse direito, porque seria como dizer que o manuscrito lamentável em que eu estava trabalhando era mais importante do que ela. Naquele instante era mesmo, mas eu não podia dizer.

— Está bem — eu disse.

Bebemos chá e fumamos em frente à janela aberta, depois ela tirou a roupa e foi para a cama. O quarto era pequeno, a escrivaninha não ficava a mais do que um metro, era impossível me concentrar com ela no quarto, e o fato de que tivesse vindo mesmo sabendo que eu não queria me encheu

de um sentimento que parecia me sufocar. Mas eu também não queria ir para a cama, não queria que ela vencesse, então passada meia hora eu me levantei e disse que eu ia sair, era um protesto, era a minha forma de dizer que eu não tolerava aquilo, e então saí pelas ruas enevoadas de Söder, comprei um cachorro-quente em um posto de gasolina, me sentei no parque logo abaixo do prédio e fumei cinco cigarros depressa um atrás do outro enquanto eu olhava para a cidade reluzente e me perguntava que diabo tinha acontecido. Por que raios eu tinha acabado naquele lugar?

Na noite seguinte trabalhei até o amanhecer, dormi o dia inteiro, passei duas ou três horas na casa dela, voltei para o meu quarto e escrevi a noite inteira, dormi e fui acordado por Linda à tarde, ela queria conversar. Saímos para dar uma volta.

— Você não quer mais estar comigo? — ela perguntou.

— Claro que quero — respondi.

— Mas não estamos mais juntos. Não nos vemos mais.

— Eu preciso trabalhar. Tenho certeza que você entende.

— Não, não entendo por que você tem que trabalhar à noite. Eu te amo e quero estar com você.

— Eu preciso trabalhar — repeti.

— Muito bem — ela disse. — Se você continuar assim, está tudo acabado.

— Você não está falando sério.

Ela me encarou.

— Estou falando totalmente sério. Você pode pagar para ver se quiser.

— Você não pode me controlar desse jeito — protestei.

— Eu não estou controlando você. É uma exigência razoável. Estamos juntos, então eu não posso ficar o tempo inteiro sozinha.

— O tempo inteiro?

— É. Eu vou embora agora se você não parar.

Dei um suspiro.

— Isso não é tão importante assim — eu disse. — Vou parar.

— Ótimo — ela respondeu.

No dia seguinte falei com Geir no telefone e ele disse, que história é essa, cara, você enlouqueceu? Porra, você é um escritor! Não pode deixar os outros ficarem dizendo o que você deve ou não deve fazer! Não, eu disse, mas o problema é justamente esse. Esse é o preço. Que preço?, ele perguntou. Do relacionamento, expliquei. Não entendo, ele disse. É justamente nesse ponto que você tem que jogar duro. Você pode encontrar um meio-termo para todo o resto, mas não em relação a isso. Mas eu sou fácil de dobrar, você sabe, eu disse. Comprido e fácil de dobrar, disse Geir, em seguida dando uma risada. Mas estamos falando da sua vida.

Setembro passou, as folhas das árvores ficaram amarelas, depois vermelhas, depois caíram. O azul do céu tornou-se mais profundo, o sol começou a pairar mais baixo no céu, o ar ficou límpido e frio. No meio de outubro Linda reuniu todos os amigos num restaurante italiano em Söder, era o aniversário de trinta anos e ela estava repleta de uma luz interior que a fazia brilhar e me deixava orgulhoso: era eu quem estava junto com ela. Eu me sentia orgulhoso e agradecido. A cidade cintilava ao nosso redor quando fomos para casa, Linda com o casaco branco que eu tinha dado de presente naquela manhã, e andar daquele jeito, de mãos dadas com ela, no meio daquela cidade linda e para mim ainda desconhecida, provocava ondas e mais ondas de alegria dentro de mim. Continuávamos cheios de entusiasmo e empolgação, porque nossas vidas tinham mudado, não com a leviandade de um vento que passa, mas em um nível fundamental. Planejamos ter filhos. Não concebíamos que outra coisa estivesse à nossa espera senão a felicidade. Pelo menos eu não concebia. Nessas questões, que não têm a ver com filosofia, literatura, arte ou política, mas que simplesmente dizem respeito à vida como é vivida em mim e ao meu redor, eu não penso nunca. Apenas sinto, e os meus sentimentos decidem os acontecimentos. Com Linda também era assim, talvez com uma intensidade ainda maior.

Naquela época recebi um convite para dar aulas na escola de escritores de Bø, nunca tinha acontecido antes, mas Thure Erik Lund daria um curso de duas semanas e tinham pedido que escolhesse o escritor com quem gostaria de dar as aulas. Linda achou que duas semanas era bastante tempo, não queria ficar tanto tempo longe de mim, e eu pensei, *é bastante tempo* mesmo, ela *não pode* ficar aqui sem fazer nada em Estocolmo enquanto eu trabalho na Noruega. Mas eu queria mesmo assim. Eu continuava escrevendo, mas precisava fazer outras coisas, e Thure Erik era um dos escritores que eu tinha em mais alta conta. Uma noite comentei o assunto com a minha mãe durante uma conversa por telefone, ela disse que não tínhamos filhos, então por que Linda não poderia ficar sozinha por umas semanas? É o seu trabalho, ela disse. E ela tinha razão. Bastava dar um passo atrás para ver tudo com mais clareza. Mas na verdade eu não dava esse passo quase nunca, eu e Linda vivíamos muito juntos um do outro, de mais de uma forma; o apartamento de Linda em Zinkensdamm era escuro e apertado, o estúdio era tudo o que tínhamos, e era como se a vida lá dentro aos poucos estivesse nos engolindo. A abertura de antes tinha começado a se fechar, nossas vidas tinham sido uma só durante tanto tempo que começaram a se enrijecer e a se bater uma contra a outra. Surgiram pequenos episódios insignificantes em si mesmos, que no entanto formaram um padrão, um novo sistema que se estabeleceu.

Uma noite eu estava na rua com Linda durante um exercício de teatro no posto de gasolina perto de Slussen, ela se virou de repente e começou a me xingar por uma bagatela qualquer, me mandou para o inferno, perguntei o que estava acontecendo mas ela não respondeu, já estava dez metros à minha frente. Fui atrás.

Numa tarde em que estávamos no Saluhallen em Hötorget comprando as coisas para um jantar com dois amigos dela, Gilda e Kettil, sugeri que fizéssemos panquecas. Linda me olhou com desprezo. Panquecas são coisa de criança, ela disse. Não estamos preparando uma festinha infantil. Tudo

bem, eu disse, então podemos chamar de crepes. Fica bom assim para você? Ela virou a cara.

Nos fins de semana saíamos a dar passeios em uma cidade incrível, tudo estava bem, mas de repente as coisas não estavam mais bem, uma escuridão surgia de repente em Linda e eu não sabia o que fazer. Pela primeira vez desde que eu tinha viajado a Estocolmo tive a sensação de que eu estava sozinho em tudo mais uma vez.

Naquele outono Linda se afundou. E tentou me levar junto. Eu não entendia o que estava acontecendo. Mas a situação era tão claustrofóbica que me afastei um pouco, tentei manter uma certa distância, que ela tentava sabotar.

Fui a Veneza para escrever em um apartamento que a editora tinha colocado à minha disposição, Linda faria uma visita de uma semana e depois eu continuaria escrevendo por mais uns dias antes de voltar. Ela estava muito preta, muito pesada, não parava de dizer que eu não a amava, que na verdade eu não a amava, que eu não queria saber dela, que na verdade eu não queria saber dela, que não estava dando certo, que nunca daria certo, que na verdade eu não queria, não queria estar com ela.

— Mas eu quero! — disse eu quando caminhávamos no frio do outono em Murano, com os olhos escondidos atrás dos óculos escuros. Ao mesmo tempo, cada vez que ela dizia que na verdade eu não a amava, que na verdade eu não queria estar com ela, que eu queria estar sozinho o tempo inteiro, sem nenhuma companhia, essas afirmações se tornavam um pouco mais verdadeiras.

De onde vinha aquele desespero?

Será que eu tinha trazido aquilo comigo?

Será que eu era uma pessoa *fria*?

Será que eu pensava apenas *em mim*?

Eu não sabia mais o que podia acontecer quando o meu dia de trabalho chegava ao fim e eu voltava para casa. Será que ela estaria alegre, será que a noite seria agradável? Será que ela perderia a paciência, dizendo por

exemplo que não fazíamos mais amor todas as noites, como antes, e que portanto eu não devia mais amá-la como antes? Será que ficaríamos na cama assistindo televisão? Será que daríamos um passeio em Långholmen? E ao chegar, será que eu seria quase devorado pelas exigências dela em relação a me ter por completo, de maneira que eu desejasse manter distância e os pensamentos de que aquilo tinha que acabar, de que não dava mais, começassem a correr de um lado para o outro na minha cabeça, tornando qualquer conversa ou aproximação impossível, o que naturalmente foi notado por ela e interpretado como uma confirmação do pensamento mestre, segundo o qual eu não a queria mais?

Ou será que simplesmente nos acertaríamos?

Fiquei cada vez mais fechado, e quanto mais fechado eu ficava, mais ela investia contra mim. E quanto mais ela investia contra mim, mais eu tomava consciência das variações no humor dela. Eu a acompanhava como um meteorólogo do humor, nem tanto com a consciência, mas com os sentimentos, que em uma terrível harmonia seguiam-na pelos mais diversos estados de espírito. Quando ela estava irritada, tudo o que havia para mim era aquela presença. Era como se eu precisasse tomar conta de um enorme cachorro que não parava de rosnar ao meu lado. Às vezes, quando sentávamos para conversar, eu conseguia sentir a força dela, a profundidade das coisas pelas quais tinha passado, e me sentia inferior. Às vezes quando ela se aproximava e eu a abraçava, ou simplesmente ficava deitado com o braço ao redor dela, ou quando conversávamos e ela não demonstrava nada além de insegurança e inquietação, eu me sentia tão mais forte que todo o resto perdia o sentido. Essas flutuações de um lado para o outro, onde nada tinha um lugar fixo, e onde o tempo inteiro uma erupção podia ocorrer de um lado ou do outro, com a reconciliação e o equilíbrio que vinham sempre a seguir, eram um estado constante, não havia trégua, e o sentimento de estar sozinho ao lado dela tornou-se cada vez mais intenso.

Durante o curto tempo que nos conhecíamos, não tínhamos feito nada pela metade, e essa não foi uma exceção.

Uma noite em que discutimos e mais uma vez fizemos as pazes começamos a falar sobre ter filhos. Decidimos ter o primeiro enquanto Linda ainda estivesse no Dramatiska Institutet, ela podia trancar a matrícula por um semestre e depois eu podia cuidar do bebê enquanto ela terminasse o curso. Para tudo dar certo ela tinha que parar de tomar os medicamentos, e já tinha começado a cuidar desse assunto; os médicos foram contra, mas ela recebeu apoio nas sessões de terapia, e no fim a decisão caberia a Linda.

Discutíamos o assunto praticamente todos os dias.

De repente comecei a dizer que o melhor seria adiar um pouco a ideia.

A não ser pela luz da televisão, que estava sem volume no canto, todo o apartamento estava às escuras. A escuridão do outono se espalhava como um oceano do outro lado da janela.

— Talvez fosse melhor a gente adiar um pouco — eu disse.

— O que você está dizendo? — Linda perguntou me encarando.

— Podemos esperar um pouco, ver como as coisas se ajeitam. Você pode terminar o curso...

Ela se levantou e deu um tapa no meu rosto com toda a força.

— Nunca! — gritou ela.

— O que você acabou de fazer? — eu perguntei. — Ficou louca de vez? Agora você vai *bater em mim*?

Meu rosto ardia, ela tinha batido forte de verdade.

— Eu vou embora — disse eu. — Para nunca mais voltar. Pode esquecer tudo.

Me virei e fui até o corredor, peguei o sobretudo que estava no cabide.

Linda estava chorando atrás de mim, um choro repleto de mágoa e desespero.

— Karl Ove, não vá embora — ela pediu. — Não me deixe agora.

Eu me virei.

— Você acha que pode fazer o que bem entende? É isso que você acha?

— Me desculpe — ela disse. — Mas fique. Só essa noite.

Permaneci imóvel na sombra em frente à porta e olhei hesitante para ela.

— Tudo bem — eu disse. — Vou passar essa noite aqui. Mas depois vou embora.

— Obrigada — ela disse.

Às sete da manhã eu acordei e saí do apartamento sem tomar café da manhã e subi até o apartamento antigo, que eu continuava alugando. Tomei uma xícara de café no terraço do prédio e me sentei para fumar e admirar a cidade enquanto eu tentava decidir o que fazer.

Eu não podia mais ficar com Linda. Não havia como.

Liguei para Geir do meu celular, perguntei se ele não queria dar um passeio por Djurgården, expliquei que era meio importante e que eu precisava falar com alguém. Geir disse que sairia comigo, claro, mas que precisava terminar umas coisas antes, podíamos nos encontrar na ponte em frente ao Nordiska Museet e caminhar até o fim, lá havia um restaurante onde a gente podia almoçar. E foi assim que fizemos, andamos até lá sob o céu cinza-concreto, em meio às árvores nuas, por um caminho repleto de folhas amarelas, vermelhas e marrons. Eu não disse nada sobre o que tinha acontecido, era humilhante demais ter apanhado daquele jeito, eu não tinha como dizer nada, afinal de que podia adiantar? Eu disse apenas que a gente tinha brigado, e que eu não sabia mais o que fazer. Geir disse que eu devia ouvir os meus sentimentos. Eu disse que não sabia como me sentir. Ele disse, claro que você sabe.

Mas eu não sabia. Dentro de mim havia dois conjuntos de sentimentos em relação a Linda. Um me dizia, você tem que ir embora, ela exige demais de você, assim você vai perder toda a liberdade, dedicar todo o seu tempo a ela, e o que vai acontecer com tudo o que você considera importante, com a sua autoestima e a sua escrita? O outro dizia, você ama, ela dá a você coisas que ninguém mais poderia dar, e ela sabe quem

você é. Sabe exatamente quem você é. Esses dois conjuntos estavam igualmente corretos, mas eram incomensuráveis, um excluía o outro e vice-versa.

Naquele dia a vontade de ir embora teve prioridade.

Quando eu e Geir estávamos no trem do metrô a caminho de Västertorp ela ligou. Perguntou se eu queria jantar com ela naquela noite, ela tinha comprado caranguejos, a minha comida favorita. Aceitei o convite, de qualquer modo tínhamos que conversar.

Toquei a campainha mesmo que eu tivesse a chave, ela abriu e olhou nos meus olhos com um sorriso cauteloso.

— Oi — ela disse.

Estava usando a blusa branca de que eu tanto gostava.

— Oi — eu disse.

Uma das mãos fez um movimento para frente, como se ela quisesse me abraçar, mas de repente o movimento foi interrompido e ela deu um passo para trás.

— Entre — ela disse.

— Obrigado — eu disse. Pendurei a jaqueta no cabide, com o corpo afastado dela. Quando me virei, Linda endireitou as costas e nos abraçamos.

— Você está com fome? — ela perguntou.

— Estou — respondi.

— Então vamos comer logo.

Eu a segui até a mesa, que ficava junto à janela, do outro lado do quarto com a cama. Linda tinha posto uma toalha de mesa branca, e entre os dois pratos e copos havia, além de duas garrafas de cerveja, um candelabro com três velas, ardendo com pequenas chamas que tremulavam com o vento. Uma bandeja com os caranguejos, uma cesta com pães franceses, manteiga, limão e maionese também estavam lá.

— Descobri que não sou muito jeitosa com os caranguejos — ela disse.

— Eu não sabia como abrir a casca. Mas achei que você saberia, não?

— Mais ou menos — respondi.

Quebrei as patas, abri a casca e retirei o estômago enquanto ela abria as garrafas.

— O que você fez hoje? — Linda perguntou enquanto eu lhe alcançava a casca, que estava praticamente cheia. — Não consegui nem pensar em ir para o meu curso, então liguei para a Mikaela e almoçamos juntas.

— Você contou sobre o que aconteceu?

Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Que você bateu em mim?

— Contei.

— E o que ela disse?

— Não muita coisa. Ela me escutou.

Linda olhou para mim.

— Você me perdoa?

— Claro. Só não entendo por que você fez aquilo. Não entendo como você pode perder o controle daquele jeito. Afinal, imagino que você não quisesse fazer o que fez, não é mesmo? Quer dizer, depois que você conseguiu pensar um pouco a respeito?

— Karl Ove — ela disse.

— O que foi?

— Eu lamento. Lamento de verdade. Mas o que você falou foi um golpe muito duro para mim. Antes de conhecer você eu sequer me atrevia a pensar em ter um filho. Eu não me atrevia. Mesmo quando me apaixonei por você, continuei não me atrevendo. E aí você me disse. Foi você que disse, lembra? Naquela primeira manhã. Eu quero ter filhos com você. Eu me senti tão feliz! Uma felicidade louca, inacreditável. Só de saber que a possibilidade existia... e foi você quem me deu essa possibilidade! E aí... ontem... para mim foi como se você tivesse voltado atrás. Você disse que a gente podia adiar. Foi um golpe duro, esmagador, e aí... enfim... eu perdi totalmente o controle.

Os olhos dela estavam úmidos enquanto segurava o caranguejo por cima da fatia de pão e tentava soltar a carne junto à extremidade da carapaça com a faca.

— Você entende o que eu estou dizendo? — Linda perguntou.

Fiz um gesto afirmativo com a cabeça.

— Claro. Mas você não pode fazer o que quiser, não importa a força do que você sente. Não tem como. Caralho. Não tem como. Eu não posso viver assim. Com o sentimento de que você de repente se voltou contra mim e começou a bater em mim. Não tem como, eu não posso viver assim. Afinal, vamos ficar juntos, não? Não podemos ser inimigos, eu não vou conseguir, não vou aguentar. Não tem como, Linda.

— Não — ela concordou. — Eu vou me cuidar. Juro.

Ficamos sentados comendo em silêncio por um tempo. Assim que um de nós dois conseguisse levar a conversa para um assunto mais trivial e cotidiano, tudo o que tinha acontecido seria passado.

Ao mesmo tempo eu queria e não queria que acontecesse.

A carne do caranguejo em cima da fatia de pão era ao mesmo tempo brilhante e áspera, marrom-avermelhada como folhas no chão da floresta, e o gosto salgado e quase amargo do mar, atenuado pela doçura da maionese e ao mesmo tempo realçado pelo suco de limão, dominou todos os meus sentidos por alguns instantes.

— Está bom? — ela perguntou com um sorriso.

— Está uma delícia — eu disse.

O que eu tinha dito para ela naquela vez, na primeira manhã em que acordamos juntos, não tinha sido apenas uma frase, mas algo que eu sentia com todo o meu ser. Eu queria ter filhos com ela. Eu nunca tinha me sentido daquele jeito. E estar repleto daquele sentimento me assegurou que aquilo estava certo, que era a coisa certa.

Mas a que preço?

Minha mãe foi a Estocolmo, eu a apresentei a Linda em um restaurante, tudo parecia estar indo bem, Linda estava radiante, simultaneamente tímida e extrovertida, e eu passei o tempo inteiro prestando atenção na minha mãe para ver a reação dela. Ela ficaria hospedada no meu apartamento, dei boa-noite para ela na porta, ela entrou e eu corri até o apartamento de Linda, que ficava a dez minutos de lá. No dia seguinte, quando a busquei para tomar o desjejum em um café, minha mãe disse que não tinha conseguido acender a luz do corredor interno, e que por esse motivo demorou quase uma hora para conseguir entrar no apartamento.

— A luz se apagou quando eu estava no meio da escada — ela disse. — Sozinha. Eu não conseguia enxergar um metro à frente.

— Os suecos têm mania de economizar energia — expliquei. — Eles nunca saem de um cômodo sem apagar a luz. E as áreas comuns têm minuteiras. Mas por que você simplesmente não acendeu a luz outra vez?

— Estava escuro demais para achar o interruptor.

— Mas o interruptor brilha no escuro, não?

— Então era *isso* que estava brilhando? — ela disse. — Achei que era o alarme de incêndio ou coisa do tipo.

— E o isqueiro? — perguntei.

— Ah, o isqueiro também acabou. Eu estava num desespero tão grande que descii os degraus Tateando à frente para fumar um cigarro quando de repente encontrei. Aí a luz se acendeu outra vez e eu pude entrar.

— É a sua cara — eu disse.

— Pode ser — respondeu ela. — Mas não esqueça que aqui é outro país. Os detalhes são diferentes.

— E o que você achou da Linda?

— Ela é uma garota muito legal.

— É, não é mesmo?

Foi uma resposta inesperada. Eu não tinha nenhuma dúvida de que a minha mãe gostaria de Linda, mas eu estava vindo de um relacionamento

bastante longo. De um casamento, até. Tonje tinha sido parte da família, era simples assim. Mesmo que o relacionamento tivesse acabado, os sentimentos que as pessoas nutriam por ela não tinham acabado. Yngve lamentou a ausência de Tonje, e talvez a minha mãe tivesse feito a mesma coisa. No final do verão, depois que eu e Tonje já tínhamos separado as nossas coisas sem nenhum trauma, fomos até gentis um com o outro, e a única vez que um sentimento parecido com tristeza tomou conta de mim foi quando eu fui ao porão buscar alguma coisa e de repente desatei a chorar — tivemos uma vida juntos, e ela tinha acabado; depois de passar esses dias por lá, que se passaram sem nenhum conflito, fui para a casa da minha mãe em Jølster com o nosso gato, que ela ia adotar. Foi quando eu contei a respeito de Linda. Claro que ela não gostou, mas também não disse nada. Meia hora depois saiu dos lábios dela uma resposta que me fez encará-la com um olhar curioso. Era muito atípico para a minha mãe dizer uma coisa daquelas. Ela disse que eu não conseguia ver as outras pessoas, que eu era cego, e que eu só via a mim mesmo em toda parte. O seu pai, ela disse, ele tinha um olho muito aguçado. Percebia na mesma hora quem as outras pessoas eram. Você nunca fez nada parecido. Não, concordei, pode ser.

Sem dúvida ela tinha razão, mas isso não era tão relevante assim, o mais importante era em parte ela ter colocado o meu pai, aquele homem terrível, acima de mim, e em parte ter feito aquilo porque estava brava comigo. E aquilo era novidade, a minha mãe nunca ficava brava comigo.

Na época eu e Linda ainda estávamos em nossa fase luminosa, e a minha mãe devia ter notado, porque eu brilhava de paixão e de alegria.

Em Estocolmo, pouco mais de seis meses depois, tudo havia mudado. Minha alma me atormentava, o relacionamento era tão escuro e claustrofóbico que eu queria sair, mas não conseguia, eu era fraco demais, eu pensava nela, tinha pena dela, sem mim ela não aguentaria, eu era fraco demais, eu a amava.

Depois vieram os almoços na Filmhuset, quando falávamos sobre tudo quanto é possível, com muito entusiasmo e muitos gestos, ou então no apartamento ou em cafés, havia tantas coisas a dizer, tantas coisas a esconder, e não apenas a minha vida e a vida dela, como tinha sido até então, mas também a nossa vida, como era naquele momento, com todas as pessoas que a habitavam. Eu tinha passado muito tempo vivendo dentro de mim mesmo, tinha observado as pessoas lá de dentro, como se estivesse nas profundezas de uma floresta. Linda me tirou de lá, me levou até a orla de mim mesmo, onde tudo estava mais próximo e parecia mais intenso. Depois vieram os filmes na Cinemateket, as noites pelas ruas da cidade, os fins de semana na casa da minha mãe em Gnesta e a paz na floresta, onde Linda às vezes parecia uma garotinha e revelava o quanto era frágil. Depois veio a viagem a Veneza, ela gritou que eu não a amava, gritou e gritou repetidas vezes. No entardecer bebíamos e fazíamos amor com uma selvageria que era nova e estranha e também assustadora, não na hora em que tudo acontecia, mas no dia seguinte, quando eu pensava a respeito, me parecia que ao mesmo tempo estávamos tentando machucar um ao outro. Quando ela foi embora eu mal aguentava sair de casa, ficava sentado e tentava escrever no sótão do apartamento, mal conseguia me arrastar as poucas centenas de metros que me separavam do mercado e fazer o caminho de volta. As paredes eram frias, as ruelas eram vazias e os canais eram repletos de gôndolas que mais pareciam caixões. O que eu via estava morto, e o que eu escrevia era imprestável.

Um dia, enquanto eu estava sentado desse jeito, sozinho no frio do apartamento italiano, lembrei do que Stig Sæterbakken tinha dito na festa em que eu estava com Linda. Que no romance seguinte tentaria escrever um pouco mais como eu.

De repente senti o meu rosto arder de vergonha.

Ele tinha sido irônico e eu não tinha percebido.

Achei que tivesse falado SÉRIO.

Ah, quanta ingenuidade seria necessária para acreditar numa coisa daquelas? Quanta idiotice caberia numa pessoa só? Será que não havia limites?

Me levantei de repente, desci as escadas às pressas, me vesti e saí correndo pelas passagens ao longo dos canais durante uma hora inteira enquanto eu tentava incutir beleza na água suja, verde e profunda, nas paredes ancestrais, enquanto eu tentava incutir opulência em todo aquele mundo torto e caindo aos pedaços para me proteger da enorme amargura que a revelação sobre a ironia de Sæterbakken derramava sobre mim.

Em uma grande praça, onde o caminho acabava de repente, me sentei e pedi um café, acendi um cigarro e enfim pensei que talvez aquilo não fosse tão importante.

Levei a xicrinha minúscula até os meus lábios com o indicador e o anular, que pareciam quase monstruosos em comparação, me inclinei para trás no sol e olhei para o céu. No interior do labiríntico complexo de ruas e canais eu nunca prestava atenção no céu, era mais ou menos como se eu estivesse vagando em um mundo subterrâneo. Quando esses lugares apertados se abriam nos mercados e praças e o céu de repente se abria por cima dos telhados e dos coruchéus era sempre uma surpresa. A impressão era sempre a mesma: o céu existe! O sol existe! Era como se eu também me abrisse e me tornasse mais leve, mais luminoso.

Até onde eu sabia, Sæterbakken podia ter pensado que a minha resposta **TAMBÉM** havia sido irônica.

* * *

Um pouco mais tarde no outono a temperatura caiu de repente, toda a água e todos os canais em Estocolmo congelaram, teve um domingo em que fomos andando em cima do gelo desde Söder até Gamla Stan, eu comecei a andar com as costas curvadas como o sineiro de Notre-Dame, Linda riu e tirou fotos de mim, eu ri e tirei fotos dela, tudo estava claro e cristalino, inclusive os meus sentimentos em relação a ela. Mandamos

revelar as fotos e as vimos sentados em um café, saímos de lá correndo para fazer amor, alugamos dois filmes, compramos uma pizza e passamos o resto do dia na cama. Eu nunca vou esquecer aquele dia, talvez porque justamente o comum e o trivial estivessem banhados em ouro.

O inverno chegou, e trouxe consigo flocos de neve que rodopiavam acima da cidade. Ruas brancas, telhados brancos, todos os sons abafados. Uma noite saímos e andamos a esmo no meio de toda aquela brancura, e talvez por força do hábito seguimos em direção à montanha no alto da Bastugatan, Linda me perguntou onde eu tinha pensado em passar o Natal. Eu disse que em casa, com a minha mãe em Jølster. Ela disse que queria ir junto. Eu disse que não dava, ainda era cedo demais. Como assim, cedo demais? Você entendeu muito bem. Não, não entendi. Sei.

Começamos uma discussão. Depois nos sentamos no Bishops Arms, cada um com uma cerveja, os dois sem dizer uma palavra. Para compensar o ocorrido, meu presente de Natal para ela foi uma viagem-surpresa; quando voltei no terceiro dia do Natal, fomos até o Arlanda, Linda não sabia para onde íamos até que no fim entreguei a ela um bilhete para Paris. Ficaríamos lá por uma semana. Mas Linda sentiu medo, cidades grandes a assustavam, ela ficava brava sem motivo e agia de maneira absurda. Quando nos sentamos para jantar na primeira noite e fiquei tímido no restaurante, porque eu não sabia como me comportar em lugares mais finos, ela me encarou com os olhos cheios de desprezo. Ah, era inútil. No que eu tinha me metido? No que a minha vida estava se transformando? Eu queria ir às lojas fazer compras, mas sabia que não daria certo, Linda nunca tinha gostado disso, e naquele instante odiava, mas como ficar sozinha era o pior que podia existir para ela eu acabei desistindo. Os dias às vezes começavam bem, como por exemplo quando fomos à Torre Eiffel, a estrutura com a mais intensa aura do século XIX que eu já tinha visto, para depois se degenerar em uma coisa preta e absurda, ou podiam começar mal e acabar bem, como por exemplo quando visitamos uma amiga de Linda que morava em Paris, nas proximidades do cemitério onde Marcel

Proust está enterrado, para onde fomos depois. Até a véspera do Ano-Novo, quando acabamos indo a um restaurante fino e acolhedor graças à dica do meu amigo francófono em Bergen, Johannes, e fomos regalados de todas as formas imagináveis, ficamos radiantes como nos velhos tempos, ou seja, seis meses atrás, e passamos a primeira hora do Ano-Novo de mãos dadas caminhando ao longo do Sena em direção ao hotel. E qualquer peso que a tivesse oprimido em Paris desapareceu por completo no mesmo instante em que chegamos no aeroporto e estávamos prestes a tomar o caminho de casa.

A dona do apartamento que eu alugava decidiu colocá-lo à venda, então levei todas as minhas coisas, ou seja, todos os meus livros, para um depósito fora da cidade em um dos primeiros dias de janeiro, entreguei as chaves, e Linda perguntou às amigas se elas sabiam qualquer coisa a respeito de um escritório em qualquer lugar, e deu certo, Cora mencionou uma espécie de coletivo para freelancers, eles ocupavam o último andar do prédio com jeito de castelo que domina o panorama no alto da montanha ao lado de Slussen, a poucas centenas de metros do meu antigo apartamento, onde consegui uma sala e comecei a escrever durante o dia. Para mim era um novo começo, acrescentei as últimas cem páginas ao meu extenso arquivo de começos e comecei tudo de novo. Dessa vez me detive no singelo tema dos anjos. Comprei um daqueles livros de arte baratos e temáticos, cheio de figuras de anjos, e uma delas despertou meu interesse, eram três anjos que caminhavam em uma paisagem italiana vestidos com roupas no estilo do século XVI. Escrevi sobre um personagem que os observava, um garoto que estava cuidando das ovelhas, uma delas tinha desaparecido e, enquanto a procurava entre as árvores, ele viu os anjos. Era uma visão rara, mas não totalmente desconhecida, os anjos habitavam as florestas e a periferia das regiões sob a influência humana, e assim tinha sido desde os

tempos mais antigos. Mas não consegui desenvolver a ideia. Qual era a história?

Aquilo não tinha nada a ver comigo, não tinha nenhuma relação com a minha vida, fosse consciente ou inconsciente, o que significava que eu não podia estabelecer uma ligação com a história nem levá-la adiante. Seria como escrever sobre o Fantasma e a Caverna da Caveira.

Onde estava a história?

Cada dia de trabalho inútil era seguido por outro igualmente inútil. Mas não me restava nenhuma outra escolha a não ser continuar, não havia outra coisa a fazer. As pessoas com quem eu dividia o escritório eram boas companhias, porém tão cheias de uma bondade radical de esquerda que fiquei pasmo quando eu, que durante uma conversa rápida enquanto esperávamos o café aprontar tinha usado a palavra “preto” e sido imediatamente corrigido, descobri que o homem que limpava o escritório deles, a cozinha deles, o banheiro deles, era negro. Eram todos solidários e igualitários e tinham fala mansa, o que por assim dizer estendia um véu sobre a realidade, que desta forma podia seguir o próprio caminho de maneira injusta e discriminatória longe do olhar de todos. Mas eu não podia dizer uma coisa dessas. Por duas vezes entraram no escritório; uma manhã em que eu cheguei a polícia estava lá colhendo depoimentos, tinham levado computadores e equipamento fotográfico. Como não tinham arrombado a porta externa, mas só a que dava para o nosso escritório, concluíram que devia ter sido alguém que tinha a chave. Depois nos sentamos e ficamos discutindo o assunto. Eu disse, o que aconteceu não é nenhum grande mistério. Os narcóticos anônimos têm um escritório no andar de baixo. Com certeza um deles conseguiu pegar uma das nossas chaves. Todos olharam para mim. Você não pode afirmar uma coisa dessas, disse um deles. Eu olhei para ele sem entender nada. Você está sendo preconceituoso, ele disse. Não sabemos quem foi. Pode ter sido qualquer um. Só porque as pessoas do andar de baixo são viciados com uma história de vida complicada não quer dizer que necessariamente

tenham arrombado o nosso escritório! Temos que dar uma chance a eles! Fiz um gesto afirmativo com a cabeça e disse que ele tinha razão, não podíamos ter certeza de nada. Mas no fundo eu estava abalado. Eu tinha visto o pessoal que ficava pelas escadas antes e depois dos encontros, era um pessoal capaz de fazer qualquer coisa por dinheiro, não era porra nenhuma de preconceito, mas um fato óbvio pra cacete.

Aquela era a Suécia a respeito da qual Geir tinha me contado. E naquele instante eu senti saudade, a história era a cara dele. Mas Geir estava em Bagdá.

* * *

Naquela época eu ainda recebia visitas da Noruega, meus amigos vinham um atrás do outro para Estocolmo, eu os levava para dar passeios, apresentava-os a Linda, jantávamos fora, andávamos um pouco mais e enchíamos a cara. Um fim de semana no final do inverno Thure Erik tinha ficado de aparecer dirigindo o velho calhambeque que uma vez tinha usado para atravessar o Saara e, segundo ele mesmo tinha dito, nunca mais voltar para a Noruega. Mas ele voltou e escreveu um romance muito importante para mim, era *Zalep*, eu gostava muito desse livro porque o pensamento nele era totalmente radical, totalmente diferente de tudo o que se podia encontrar nos romances noruegueses, porque não havia nenhum tipo de concessão, e também porque a linguagem era totalmente única, totalmente dele. O mais curioso foi perceber o quanto da linguagem revelou-se como uma parte da personalidade de Thure Erik, ou então como uma correspondência perfeita, algo que não percebi na primeira vez em que o encontrei, em um evento superficial na Kunsternes Hus, mas na segunda e na terceira e na quarta vez, e também nas semanas que tínhamos morado em duas cabanas num camping vazio durante o inverno em Telemark, com o rio a murmurar perto de nós e um céu noturno repleto de estrelas acima de nossas cabeças. Thure Erik era um homem imenso com punhos enormes e um rosto nodoso, tinha olhos

vivazes e sempre demonstrava abertamente o estado de espírito em que se encontrava. Como eu tinha grande admiração pelos romances, era difícil para mim falar com ele, tudo que eu dizia parecia estúpido, não podia ser comparado com o que ele fazia, mas lá, em Telemark, onde tomávamos café da manhã juntos, nos arrastávamos por dois quilômetros de subida até a escola juntos, dávamos aula juntos, jantávamos juntos e tomávamos café ou cerveja juntos no fim da tarde, não havia escapatória. Era preciso conversar. Ele me contou sobre a estação antes de Bø, que se chamava Juksebø, e deu boas risadas com o trocadilho. Eu disse que a minha jaqueta de couro era na verdade uma vaca já quieta, ele riu ainda mais e toda a dificuldade anterior desapareceu. Thure Erik estava sempre com as baterias cheias, tudo despertava o interesse dele, se quebrava ao bater em alguma coisa dentro dele, e então os pedaços eram reutilizados, porque tudo nele queria levar o pensamento adiante, o anseio pelos extremos era grande, e isso fazia com que o mundo ao redor se revelasse sempre em uma nova luz, em uma luz thureerikiana, que no entanto não era válida apenas para ele, porque as idiossincrasias também se quebravam ao bater em alguma coisa dentro dele, em uma tradição, nas leituras que fazia.

Poucos vão ao encontro do mundo com tamanha força.

Ele tomava conta de mim, eu me sentia quase como um irmão mais novo, alguém de quem cuidava e para quem desejava mostrar coisas novas, ao mesmo tempo em que tinha curiosidade em saber o que eu ganhava com a companhia daquele senhor senhor, como ele dizia. Uma noite Thure Erik perguntou se eu não queria ler um negócio que ele tinha escrito, eu respondi que queria, ele me entregou duas folhas de papel, eu comecei a ler, era uma abertura completamente incrível, explosões apocalípticas de dinamite em um mundo rural e antigo, uma criança que saía da escola para vagar na floresta, aquilo era magia pura, mas quando por acaso desviei o olhar da minha leitura e olhei para ele, ele tinha com o rosto escondido atrás das mãos enormes, como um menino envergonhado.

— Putz, isso está ridículo — ele disse. — Completamente ridículo.

Como?

Será que ele tinha enlouquecido?

Aquele homem, com todas as forças que tinha, dono de uma obstinação tão grande quanto a generosidade, de uma mobilidade tão grande quanto a intransigência, era a visita esperada por mim e por Linda em Estocolmo.

Dois dias antes tínhamos uma festa de aniversário. Era a festa de trinta anos de Mikaela. Ela morava num apartamento de um ambiente em Söder, não muito longe de Långholmen, o apartamento estava apinhado de gente, nós acabamos em um canto, conversamos com uma mulher que comandava uma organização que promovia a paz, até onde pude entender, e o marido dela, que era engenheiro de dados e trabalhava em uma fábrica de telefones. Estava divertido, bebi duas ou três cervejas, senti vontade de tomar uma coisa mais forte, encontrei uma garrafa de aguardente e comecei a beber. Aos poucos comecei a me sentir cada vez mais bêbado, a noite caiu, as pessoas começaram a ir embora, nós ficamos sentados, no fim eu estava tão bêbado que comecei a fazer bolinhas de papel com os guardanapos e a jogá-las na cabeça das pessoas mais próximas. Mais uma vez tinham ficado apenas os mais chegados, os amigos mais próximos de Linda, e quando não estava me divertindo com as bolinhas de papel que eu jogava na cabeça dos outros eu começava a tagarelar sobre qualquer coisa que me viesse à cabeça e a rir muito. Tentei fazer um comentário agradável a respeito de todos os que estavam lá, não consegui direito, mas a minha intenção era de qualquer modo clara. Por fim Linda me arrastou de lá, eu protestei, justo na hora em que estava mais divertido e não sei mais o quê, mas ela me arrancou do lugar, eu vesti o sobretudo de qualquer jeito e de repente estávamos caminhando pela rua que ficava abaixo do apartamento. Linda estava furiosa comigo. Não entendi nada, qual era o problema? Eu estava completamente bêbado. Ninguém mais estava bêbado, será que eu não tinha notado? Eu era o único. Todos os outros

vinte e cinco convidados estavam sóbrios. Era assim mesmo na Suécia, um dos objetivos de uma festa bem-sucedida era que todos os convidados fossem embora na mesma condição em que haviam chegado. Eu estava acostumado a ver gente bebendo até não poder mais. Afinal de contas, não era um aniversário de trinta anos? Não, eu tinha arruinado tudo, ela nunca tinha ficado tão magoada, aqueles eram os melhores amigos dela, e lá estava eu, o namorado a respeito de quem ela tinha dito tantas coisas boas, tagarelado e atirando bolinhas de papel nas pessoas e ofendendo a todos, sem nenhum autocontrole.

Fiquei puto da cara. Aquilo tinha passado dos limites. Ou então eu simplesmente estava tão bêbado que já não havia mais limite nenhum. Comecei a xingar Linda, a berrar que ela era uma pessoa terrível, que a única coisa em que pensava era em me impor limites, em me boicotar, em me ter perto dela a qualquer custo. Que doença, eu gritei, você é doente. E o diabo que me carregue se dessa vez eu não for mesmo embora. Você nunca mais vai me ver.

Me afastei o mais que pude. Ela veio correndo atrás.

Você está bêbado, ela disse. Vá com calma. Podemos conversar amanhã. Você não pode sair pela cidade nesse estado.

Quem disse?, retruquei ao mesmo tempo em que arranquei a mão dela de mim. Tínhamos chegado ao parquinho que ficava entre a rua dela e a rua seguinte. Nunca mais quero ver você na minha frente, eu gritei, corri até o outro lado da calçada e desci a rua em direção à estação Zinkensdamm. Linda parou em frente ao apartamento e começou a gritar o meu nome. Não me virei. Cruzei Söder, atravessei Gamla Stan e fui até a Centralstationen, puto da cara durante todo esse tempo. Meu plano era simples: eu pegaria um trem até Oslo e deixaria para trás aquela merda de cidade para nunca mais voltar. Nunca mais. Nunca mais. Nevava, estava frio, mas a raiva me esquentava. Dentro da estação eu mal conseguia distinguir as letras no painel de horários umas das outras, mas com um pouco de concentração, que eu também precisava usar para manter o

equilíbrio, vi que tinha um trem saindo entre as nove e as dez horas da manhã seguinte. Eram quatro horas.

O que eu faria naquele meio-tempo?

Achei um banco nos fundos da estação e me deitei para dormir. A última coisa em que pensei antes de dormir foi que eu não podia fraquejar quando acordasse, mas tinha de manter-me firme em meu propósito, Estocolmo nunca mais, não importava o quão sóbrio eu pudesse estar.

Um guarda cutucou os meus ombros, abri os olhos.

— Você não pode ficar aqui — ele me disse.

— Eu estou à espera de um trem — expliquei enquanto eu me sentava devagar.

— Tudo bem. Mas você não pode dormir.

— E sentar? — perguntei.

— Não sei — ele disse. — Você está bêbado, não? Talvez o melhor seja ir para casa.

— Certo — eu disse. Me levantei.

Opa. Eu ainda estava de porre.

Eram pouco mais de oito horas. A estação estava cheia de gente. A única coisa que eu queria era dormir. Com a cabeça pesando uma tonelada, e ao mesmo tempo ardendo com o que parecia ser uma febre em que nenhuma impressão era duradoura e tudo o que eu via me escapava, me arrastei pelos corredores do metrô, saí na estação Zinkensdamm, subi até o apartamento, sem ter a chave, e precisei bater na porta.

Eu precisava dormir. Todo o resto podia ir para o inferno.

No corredor em frente à porta de vidro Linda apareceu correndo.

— Ah, é você! — ela disse me enlaçando com o braço. — Fiquei com tanto medo! Liguei para todos os hospitais da cidade. Perguntei se não tinha dado entrada um norueguês alto... Por onde você andou?

— Na Centralen — respondi. — Eu queria pegar o trem para a Noruega. Mas agora eu preciso dormir. Me deixe em paz e não me acorde.

— Tudo bem — ela disse. — Você quer alguma outra coisa quando acordar? Coca-Cola, bacon?

— Pro inferno com tudo — eu disse, e então cambaleei para dentro do apartamento, arranquei as roupas, me enfiei debaixo das cobertas e dormi praticamente no mesmo instante.

Quando acordei estava escuro na rua. Linda estava sentada na cadeira da cozinha, lendo sob a luz do abajur, que mais parecia um pássaro apoiado sobre uma das pernas magras e compridas com uma cabeça no alto, meio torto, brilhando acima dela.

— Oi — ela disse. — Como você está?

Servi um copo d'água e o esvaziei de um só gole.

— Bem — respondi. — A não ser pela angústia.

— Eu queria me desculpar por ontem — disse ela, largando o livro em cima do braço da cadeira e se levantando.

— Eu também — concordei.

— Você queria mesmo ir embora?

Acenei a cabeça.

— Queria. Eu estava de saco cheio.

Linda me abraçou.

— Eu entendo — ela disse.

— Não foi só o que aconteceu depois da festa. Foram várias outras coisas.

— Eu sei — disse Linda.

— Vamos para a sala — eu sugeri. Servi mais um copo d'água, me sentei junto à mesa da sala. Linda veio logo em seguida e acendeu a luz do teto.

— Você se lembra da primeira vez que eu vim aqui? — perguntei. — Nessa sala?

Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Você disse que achava que tinha começado a me achar querido.

— Foi um *understatement*.

— É, agora eu sei. Mas na hora eu fiquei ofendido. “Querido” pareceu uma palavra muito fraca, que você poderia usar com qualquer outro amigo. Eu *não sabia* que, em sueco, *att bli kär* quer dizer “apaixonar-se”. Achei que você tinha dito que estava começando a gostar de mim, e que talvez pudesse virar algo mais no futuro. Foi assim que interpretei.

Ela abriu um sorriso discreto e olhou para a mesa.

— Eu apostei todas as minhas fichas — ela disse em seguida. — Trouxe você até aqui e contei tudo o que eu sentia. Mas você reagiu com frieza. Disse que podíamos ser bons amigos, lembra? Eu tinha apostado todas as minhas fichas e perdido tudo. Eu estava desesperada achando que você tinha ido embora.

— Mas agora estamos aqui.

— Ainda bem.

— Você não pode me dizer o que eu posso ou não posso fazer, Linda. Não dá. Assim eu vou acabar indo embora. E não estou falando apenas em relação à bebida. Estou falando em relação a tudo. Não cabe a você.

— Eu sei.

Fez-se um silêncio momentâneo.

— A gente tinha umas almôndegas na geladeira, não? — perguntei. — Estou desesperado de fome.

Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça.

Entrei na cozinha, derrubei as almôndegas numa frigideira, coloquei a água a ferver para o espaguete e notei que Linda chegou por trás de mim.

— Não teve problema nenhum durante o verão — continuei. — Quero dizer, com a bebida. Você não foi contra em nenhum momento, certo?

— Não — ela disse. — E foi um verão incrível. Eu tenho medo dessa falta de limites, mas naqueles momentos não, eu me senti totalmente segura. Nunca me pareceu que aquilo pudesse sair do seu controle e virar uma mania ou algo mais sério. Me parecia totalmente seguro. E eu nunca tinha me sentido daquele jeito antes. Mas agora as coisas mudaram. Não estamos mais lá.

— Não — eu disse me virando para trás enquanto a manteiga começava a se derreter entre as almôndegas na frigideira. — Mas onde estamos, então?

Ela deu de ombros.

— Não sei. Mas eu sinto como se estivesse faltando alguma coisa. Como se alguma coisa tivesse acabado. E tenho medo de que todo o resto também possa desaparecer.

— Mas você não pode querer me obrigar a nada. Na minha opinião, essa é a maneira mais garantida de fazer todo o resto desaparecer.

— Claro. Eu sei.

Coloquei sal na água do espaguete.

— Você também quer? — perguntei.

Ela acenou a cabeça e enxugou as lágrimas com os polegares.

Thure Erik chegou às duas horas da tarde no dia seguinte e encheu todo o apartamento com a presença dele assim que atravessou a porta. Fomos a uns sebos, ele ficou olhando a seção com livros antigos de história natural, depois fomos jantar no Pelikanen e bebemos cerveja até fecharem o lugar. Contei sobre a noite que eu tinha passado na estação de trem, sobre a minha decisão de pegar um trem de volta para a Noruega.

— Mas eu estava vindo para cá! — ele protestou. — Você queria o quê, que eu simplesmente fizesse o caminho de volta?

— Foi a primeira coisa em que eu pensei depois de acordar — eu disse. — Thure Erik Lund está vindo, porra, eu não posso ir para casa!

Ele riu e começou a falar sobre um relacionamento tão tempestuoso que fazia o meu relacionamento com Linda parecer *Sonho de uma noite de verão*. Bebi vinte cervejas naquela noite e as únicas lembranças que eu tinha das últimas horas eram de um velho beberrão que puxou assunto com Thure Erik, sentou na nossa mesa e não parou mais de dizer que eu era um garoto lindo, muito lindo. Thure Erik ria e batia nos meus ombros enquanto tentava arrancar informações sobre a vida do homem. E depois lembro que paramos no lado de fora do apartamento e que ele se arrastou

para dentro do carro e se deitou no banco de trás para dormir enquanto os flocos de neve rodopiavam pelo céu frio e cinzento.

Nossa arena era um cômodo e uma cozinha. Era lá que cozinávamos, comíamos, dormíamos, fazíamos amor, conversávamos, assistíamos TV, líamos, discutíamos e recebíamos todas as nossas visitas. O apartamento era pequeno e apertado, mas dava certo, a gente se virava de um jeito ou de outro. Mas se quiséssemos ter filhos, conforme vivíamos planejando, precisaríamos de um apartamento maior. A mãe de Linda tinha um no meio de City, eram apenas dois ambientes, mas o apartamento tinha mais de oitenta metros quadrados e parecia um estádio de futebol em comparação ao que tínhamos na época. Ela não usava mais o imóvel, simplesmente alugava, e assim podíamos ocupá-lo. Não diretamente, porque a lei não permitia, na Suécia os contratos de aluguel são pessoais e vitalícios, mas era possível fazer uma troca: a mãe ocuparia o apartamento de Linda, e nós ocuparíamos o dela.

Um dia fomos ver nossa futura casa.

Era o apartamento mais burguês que eu tinha visto em toda a minha vida. Havia uma lareira enorme no estilo em voga na Rússia do século passado em um canto da sala, com a frente toda em mármore, e uma outra, da mesma altura, mas um pouco menos impressionante, no quarto. Lindos painéis com entalhes brancos ao longo de todas as paredes e adornos em gesso no teto, que ficava a mais de quatro metros do chão. No chão, um parquê espinha de peixe incrível. Os móveis também eram pesados e trabalhados e remontavam ao fim do século XIX.

— Você acha que conseguimos morar aqui? — perguntei enquanto examinávamos o lugar.

— Não, não — disse Linda. — Você não acha melhor a gente se mudar para um apartamento em Skärholmen ou outra coisa do tipo? Esse lugar não tem vida.

Skärholmen era uma das cidades-satélite mais apinhadas de imigrantes, num sábado tínhamos ido a um supermercado por lá e ficamos impressionados com tanto movimento e tantas diferenças.

— Acho melhor — respondi. — Não tem como transformar esse lugar em uma coisa *nossa*.

Ao mesmo tempo a ideia de se mudar para lá exercia certo fascínio. Um apartamento grande, bonito, no meio da cidade. O que importava se desaparecêssemos nas peças? Ou será que conseguiríamos enfrentá-las, subjugar-las, transformar aquela burguesia em uma coisa nossa?

Eu sempre tive uma certa atração pela burguesia. Sempre tive certa atração pelo decoro. As formas rígidas e as regras bem definidas servem para manter tudo no lugar devido, regular, transformar tudo aquilo em uma parte suportável da vida cotidiana, não em um tumulto que nunca para de fazer a vida sangrar. Mas nas vezes em que eu tinha estado em um ambiente burguês, como por exemplo a casa do meu avô e da minha avó, aconteceu justamente o contrário, era como se tudo o que havia de inadequado em mim se tornasse mais evidente, se espalhasse para além das formas preestabelecidas e dos moldes, tudo o que eu mais odiava em mim.

Mas naquele lugar? Eu e Linda e uma criança? Uma vida nova, uma cidade nova, um apartamento novo, uma felicidade nova?

A ideia venceu a primeira impressão de inospitude e ausência de vida que o apartamento tinha me dado, e conversamos cheios de entusiasmo e animação quando terminamos de fazer amor na cama; quando estávamos cada um com a cabeça apoiada num travesseiro, fumando com a certeza de que aquele seria um novo começo.

No fim de abril Geir voltou do Iraque, jantamos em um restaurante americano em Gamla Stan, eu nunca o tinha visto tão entusiasmado e cheio de vida, e foram necessárias várias semanas até que tudo o que ele tinha vivido por lá, todas as pessoas que tinha encontrado e que logo passei

a conhecer como se fossem amigos íntimos, começassem a se esvaziar a ponto de outras coisas poderem ocupar espaço nele e nos assuntos que discutia. No início de maio eu e Linda fizemos a mudança, Anders nos ajudou, e quando tudo ficou pronto começamos a lavar todo o apartamento. Levamos a tarde e a noite inteira, às onze horas, quando ainda não havíamos terminado, Linda deixou o corpo cair de repente contra a parede.

— Eu não aguento mais! — disse. — Não tem como!

— Mais uma hora — respondi. — No máximo uma hora e meia. Você consegue.

Ela estava com os olhos cheios de lágrimas.

— Vamos ligar para a minha mãe — ela insistiu. — Não precisamos deixar tudo pronto. Ela pode chegar amanhã e terminar o serviço. Não tem problema nenhum. Tenho certeza.

— Você quer que a sua mãe limpe o seu apartamento? — eu perguntei.
— Que ela limpe a sujeira que você deixou? Você não pode chamar a sua mãe toda vez que surge um problema. Você tem trinta anos, porra!

Linda suspirou.

— É, eu sei — ela disse. — Só estou exausta. E ela pode terminar. Não tem problema nenhum para ela.

— Mas para mim tem. E devia ter para você também.

Ela pegou o esfregão, se levantou e continuou a esfregar a soleira da porta do banheiro.

— Mas deixe o resto comigo — eu disse. — Pode ir. Eu vou mais tarde.

— Tem certeza?

— Claro. Não tem problema.

— Está bem.

Linda se vestiu e saiu pela escuridão afora, eu terminei de lavar o apartamento e foi como eu tinha dito, não teve problema nenhum. No dia seguinte levamos as minhas coisas, ou seja, todos os meus livros, que a essa altura somavam já dois mil e quinhentos, um detalhe que Anders e Geir,

que me ajudaram a fazer a mudança, amaldiçoaram do fundo do coração enquanto carregávamos as caixas para fora do elevador e para dentro do apartamento. Geir naturalmente comparou a situação ao transporte de caixas de munição com os fuzileiros navais dos EUA, uma ocupação que para ele estava a poucas semanas de distância, mas que a mim parecia tão distante quanto uma diligência postal ou uma caçada aos búfalos. Quando toda a carga estava disposta em duas pilhas enormes nos dois cômodos, comecei a pintar as paredes enquanto Linda viajava à Noruega para fazer um programa de rádio a respeito do Dezesete de Maio. Ela ficaria na casa da minha mãe, mesmo que as duas não tivessem se visto por mais do que algumas horas naquela primeira vez em Estocolmo. Quando Linda já estava no trem eu liguei para a minha mãe, tinha alguma coisa me incomodando, todos os rastros que Tonje havia deixado, e em especial a fotografia do casamento, que durante o Natal continuava pendurada na parede, e o álbum com as fotos do casamento. Eu não queria expor Linda a essas coisas, não queria que tivesse a impressão de estar à margem da minha vida, como uma substituta, e após um breve prólogo em que discutimos o que tinha acontecido desde o nosso último encontro comecei a rondar esse assunto. Eu sabia que era idiota, e a bem dizer humilhante, tanto para mim como para Linda e para a minha mãe, mas eu não podia simplesmente deixar tudo como estava, a ideia de que aquilo pudesse magoar Linda era insuportável, então no fim eu falei. Pedi que ela tirasse a foto do casamento, ou ao menos a guardasse em um lugar mais discreto. Claro, ela disse que podia atender o meu pedido, na verdade a foto já não estava mais na parede, afinal não estávamos mais casados. E o álbum?, perguntei. Você sabe, o álbum de casamento. Você acha que pode guardá-lo em outro lugar? Por favor, protestou ela. É o meu álbum de fotos. Ele representa um período da minha vida. Eu não queria ter que escondê-lo. A Linda vai tirar de letra, afinal ela sabe que você foi casado. Vocês dois são adultos. Tudo bem, eu disse, você tem razão, é o seu álbum de fotos. Só

não quero magoar Linda. Você não vai magoar ninguém, a minha mãe respondeu, tudo vai dar certo.

O convite para a casa da minha mãe foi uma decisão corajosa, a oferta de uma mão estendida, mas no fim deu tudo certo, conversávamos por telefone várias vezes durante o dia, ela para falar sobre como a paisagem no oeste do país era incrível, o cenário verde e azul e branco, as montanhas imensas e os fiordes profundos, quase deserto, mas com o sol brilhando o tempo inteiro, deixava-a num estado praticamente onírico. Linda me ligou de um pensionato em Balestrand, descreveu a paisagem que tinha da janela, o murmúrio das ondas quando se inclinava para fora, e a voz dela estava repleta de futuro. Independente do que dissesse, ela falava sempre a respeito de nós dois, pelo menos era assim que eu entendia. A beleza do mundo estava relacionada a nós dois, pois estávamos juntos nele, claro, era quase como se o mundo fosse nós mesmos. Eu contei para ela que os cômodos cinzentos tinham ficado com uma ótima aparência pintados de branco. E eu também estava repleto de futuro. Eu me alegrava ao pensar que ela chegaria em casa e veria tudo o que eu tinha feito, e me alegrava com aquele novo endereço, no meio da cidade, e com o filho que tanto queríamos ter. Desligamos, continuei a pintar, o dia seguinte era o Dezessete de Maio e durante a tarde Espen e Eirik me fizeram uma visita. Os dois tinham participado de um seminário para críticos literários em Biskops-Arnö. Saímos para comer, eu os apresentei a Geir, ele se acertou com Eirik, no sentido de que os dois falavam com naturalidade sobre todos os assuntos possíveis, mas não se deu muito bem com Espen. Geir disse umas obviedades, Espen contestou, e quando Geir percebeu, simplesmente congelou e esse foi o fim da história. Como sempre eu tentei fazer um meio-termo, ou seja, oferecer a Espen alguma coisa com uma mão e a Geir alguma outra coisa com a outra, mas era tarde demais, os dois nunca mais poderiam conversar juntos, gostar um do outro ou respeitar um ao outro. Eu gostava dos dois, para não dizer dos três, mas tinha sido assim durante toda a minha vida, havia sempre grossas anteparas entre as

diferentes partes, e eu me comportava de maneira tão diferente no interior de cada uma que acabava me sentindo desmascarado quando se encontravam e eu não podia mais ser desse ou daquele jeito, mas tinha que misturá-las o tempo inteiro, e assim me comportar de maneira estranha ou simplesmente me calar. Eu gostava muito de Espen justamente porque ele era Espen, e gostava muito de Geir justamente porque ele era Geir, e esse traço de personalidade, a princípio simpático, pelo menos a meu ver, era o mesmo que também conferia a tudo uma aura de falsidade.

Linda tinha passado quase o dia inteiro com a minha família, segundo me contou na manhã seguinte; tinha ido junto com a minha mãe de carro até Dale, onde Kjellaug, a irmã da minha mãe, e Magne, o marido dela, moravam em uma fazenda, empoleirados acima do vilarejo, e comemoravam o Dezesete de Maio à moda antiga. Linda tinha entrevistado pessoas, e pelo que me falou pude entender que estava achando tudo aquilo um tanto exótico. Os discursos, as roupas típicas, a banda, o desfile das crianças. De manhã tinham visto um cervo na orla da floresta, e no caminho de volta para casa os golfinhos que brincavam no fiorde. Minha mãe disse que era um bom sinal, um augúrio de boa sorte.

Não era comum ver golfinhos por lá, eu mesmo só os tinha visto duas ou três vezes, e a primeira tinha sido bem de perto, durante um passeio de barco pelo fiorde com o meu avô, toda a paisagem estava envolvida pela neblina e pelo silêncio, e então os golfinhos chegaram nadando, primeiro apenas um som, como a proa de um barco a vela que abre sulcos na água, e depois os corpos reluzentes, cinzentos e lisos. Eles nadavam de um lado para o outro, de um lado para o outro. Meu avô tinha dito a mesma coisa que a minha mãe, que os golfinhos traziam sorte. Linda estava cheia de entusiasmo, mas ao mesmo tempo exausta, como tinha estado durante toda a viagem, e o trajeto de carro pelas estradas sinuosas a havia deixado enjoada, então ela disse que tinha se deitado cedo. Na noite anterior tinha aparecido na casa de Alvdís, a irmã mais nova da minha avó, dez anos mais velha do que a minha mãe, e de Anfinn, o marido dela, um homem

pequeno mas forte com uma disposição alegre e uma aura intensa que Linda adorou, e o sentimento foi recíproco, porque ele tinha buscado todas as relíquias do tempo em que viajava em navios-baleeiros e falado sobre todas as experiências daquela época, provavelmente motivado ainda mais pelo microfone que Linda segurava entre os dois. Eles faziam panquecas com ovos de pinguim!, Linda me contou às risadas, ao mesmo tempo em que demonstrava uma certa preocupação com a entrevista, porque Anfinn falava com um sotaque carregado de Jølster que com certeza seria incompreensível para os suecos.

Espen foi embora naquela manhã, mas Eirik ficou, saiu para dar uma volta na cidade enquanto eu terminava de arrumar os últimos livros e tirava as últimas caixas, para que tudo estivesse pronto quando Linda chegasse na manhã seguinte. Naquela noite saímos mais uma vez, e quando voltamos começamos a beber destilados das lojas francas noite adentro. Eu passei o tempo inteiro trocando mensagens de texto com Linda, porque ela tinha sentido enjoos e cansaço, e isso só podia querer dizer uma coisa. As mensagens ficaram cada vez mais ternas e amorosas à medida que o tempo ia passando, mas no fim ela escreveu, boa noite, meu príncipe amado, talvez amanhã seja um grande dia!

Quando fui para a cama às sete da manhã o fogo claro do destilado ardia em mim com tanta força que eu não via mais o cenário ao meu redor, era como se existisse apenas a minha vida interior, era assim sempre que eu bebia até me acabar. Mesmo assim eu tive presença de espírito suficiente para ajustar o despertador para as nove. Eu tinha prometido buscar Linda na estação de trem.

Às nove horas eu continuava bêbado. Somente depois de mobilizar toda a força de vontade que me restava consegui parar em pé. Me arrastei até o banheiro, tomei uma chuveirada, vesti roupas limpas, dei um grito para avisar Eirik que eu estava saindo, ele estava deitado de roupa e tudo no sofá e mal conseguiu se levantar, disse que estava saindo para tomar o café da manhã, eu disse que podíamos nos encontrar por volta do meio-dia no

restaurante onde tínhamos estado no dia anterior, ele acenou a cabeça, eu cambaleei pelos degraus e saí para a rua, onde o sol brilhava e o asfalto cheirava a primavera.

No meio do caminho parei e comprei uma Coca-Cola, bebi de gurgurite, comprei mais uma. Olhei para o meu rosto na janela da loja. A aparência não era nem um pouco boa. Os olhos estavam inchados e vermelhos. A expressão parecia cansada.

Eu daria tudo para adiar nosso encontro por mais três horas. Mas não havia como, o trem de Linda chegaria à estação em treze minutos, e não havia mais nada além do trajeto e do tempo.

Ela estava alegre e leve quando chegou na plataforma, com um sorriso nos lábios olhou ao redor à minha procura, eu abanei, ela abanou de volta e veio na minha direção puxando a mala de rodinhas atrás do corpo com uma das mãos.

Ela olhou para mim.

— Oi — eu disse.

— O que houve, você está bêbado? — ela perguntou.

Dei um passo à frente e a abracei.

— Oi — eu repeti. — A coisa foi longe ontem à noite. Mas não foi nada de mais. Simplesmente fiquei em casa com o Eirik.

— Você está fedendo a álcool — ela disse, se afastando de mim. — Como você pode me tratar assim? Justo hoje!

— Me desculpe — eu disse. — Mas não foi nada de mais.

Ela não respondeu e começou a se afastar. Não disse nenhuma palavra ao longo de toda a estação. Nos degraus do Klarabergsviadukten ela começou a me xingar. Tentou abrir a porta da farmácia lá em cima, mas era domingo, a farmácia estava fechada. Continuamos em direção à farmácia que ficava no outro lado da NK. Linda passou o trajeto inteiro furiosa. Eu seguia ao lado dela como um cachorro. A outra farmácia estava aberta, estou de saco cheio de você, ela disse, não sei por que insisto em viver com você, você não pensa em ninguém além de você mesmo. O que

aconteceu ontem não significou nada para você?, ela perguntou, então chegou a vez dela, ela pediu um teste de gravidez, pegou a embalagem, pagou, subiu, atravessou a Regeringsgatan, continuou a jogar acusações na minha cara, elas vinham em um fluxo constante, os pedestres nos encaravam, mas ela não dava a mínima, aquela fúria, que eu sempre havia temido, a envolvia por completo. Eu tinha vontade de pedir que ela parasse, tinha vontade de pedir que ela me tratasse bem, eu tinha pedido desculpa, e eu nem ao menos tinha feito qualquer coisa, não havia nenhuma relação entre as nossas mensagens no celular e o fato de que eu tinha continuado a beber com um amigo da Noruega, ou ainda o fato de que eu tinha enchido a cara, e o teste de gravidez que ela tinha na mão, mas Linda pensava diferente, para ela tudo era uma coisa só, ela era uma romântica, tinha sonhado com nós dois, com o nosso amor e o nosso filho, e o meu comportamento destruiu esse sonho, ou então a lembrou de que era um sonho. Eu era uma pessoa terrível, uma pessoa irresponsável, como eu podia sequer pensar em ser pai? Como eu podia fazer aquilo com ela? Continuei ao lado de Linda ardendo de vergonha, porque as pessoas nos olhavam, e ardendo de culpa, porque eu tinha bebido, e ardendo de medo, porque ela estava fazendo um ataque direto contra mim naquela raiva incontida. Era humilhante, mas até certo ponto ela tinha razão, até certo ponto fazia sentido quando ela dizia que naquele dia talvez a gente recebesse a notícia de que teríamos um filho, e eu tinha ido bêbado ao encontro dela, não dava para pedir que ela parasse, não dava para mandá-la para o inferno. Mas ela tinha razão, ela estava no direito dela, eu tinha que baixar a cabeça e aguentar.

Pensei que Eirik talvez estivesse nas redondezas e baixei ainda mais a nuca, era praticamente a pior coisa que eu poderia imaginar, que algum conhecido me visse naquela situação.

Subimos a escada e entramos no apartamento. Recém-pintado, com tudo arrumado: aquele era o nosso lar.

Linda nem ao menos olhou ao redor.

Eu parei no meio da sala.

Ela tinha me golpeado com fúria, como um boxeador golpeia um saco de areia. Como se eu fosse uma coisa. Como se eu não tivesse sentimentos, não tivesse uma vida interior, fosse apenas um corpo vazio que vagava pela vida dela.

Eu sabia que ela estava esperando um filho, eu tinha certeza, desde o instante em que nos deitamos juntos. Naquele instante eu pensei que já tinha acontecido, que a partir daquele momento estávamos esperando um filho.

E assim foi.

De repente, enquanto eu ainda estava no meio da sala, tudo se abriu dentro de mim. Baixei minha guarda. Eu não tinha mais nada com que resistir. Comecei a chorar. Aquele choro em que perco o controle de tudo, quando tudo se degenera no grotesco.

Linda parou e se virou e olhou para mim.

Ela nunca tinha me visto chorar. Eu não chorava desde que o meu pai tinha morrido, e logo teriam se passado cinco anos.

Ela parecia estar apavorada.

Eu virei o rosto para longe, não queria que ela me visse, a humilhação seria dez vezes maior, não era apenas como se eu não fosse uma pessoa, eu também não era um homem.

Mas não adiantou virar o rosto. Não adiantou tapar o rosto com as mãos. Não adiantou andar em direção ao corredor. Era um choro violento, eu chorava com muita violência, todas as comportas tinham se aberto.

— Mas, Karl Ove! — ela disse atrás de mim. — Karl Ove, por favor. Eu não quis dizer coisa nenhuma. Simplesmente fiquei decepcionada. Mas não tem problema. Não tem problema. Karl Ove, me escute. Pare de chorar. Pare de chorar.

Não, eu não queria. A última coisa que eu queria era que Linda me visse chorar.

Mas eu não tinha como evitar.

Ela tentou me dar um abraço, mas eu a afastei. Tentei recuperar o fôlego. Minha respiração virou um soluço trêmulo e patético.

— Me desculpe — eu disse. — Me desculpe. Não foi a minha intenção.

— Estou muito arrependida — Linda disse.

— Lá vamos nós outra vez — eu respondi, sorrindo entre as lágrimas.

Os olhos de Linda também estavam rasos de lágrimas, e ela também sorriu.

— É — concordou.

— É — respondi.

Segui até o banheiro, fui atingido por mais um soluço, um novo tremor quando tomei fôlego, mas depois que lavei o rosto com água fria aquilo passou.

Linda ainda estava no corredor quando eu saí.

— Você está melhor? — ela perguntou.

— Estou — eu disse. — Que coisa mais idiota. Deve ter sido a bebedeira de ontem, de repente eu me senti indefeso. Tudo pareceu impossível.

— Não tem problema nenhum você ter chorado — ela disse.

— Para você, não. Mas eu não gosto nem um pouco. Eu preferia que você não tivesse me visto. Mas agora você já viu. Agora você já sabe. Esse sou eu.

— E eu adoro você do jeito que você é.

— Muito bem — eu disse. — Já chega. Vamos deixar essa história de lado. Você acha que o apartamento ficou bom?

Ela sorriu.

— Ficou incrível!

— Que bom.

Nos demos um abraço.

— Mas escute — eu disse. — Você não vai dar uma volta para ver como ficou?

— Agora?

— Não?

— Está bem. Só me abrace mais um pouquinho.

Fiz como ela pediu.

— E então? — perguntei.

Linda riu.

— Está bem.

Linda foi até o banheiro e saiu lá de dentro com o teste de gravidez na mão.

— Ainda vai demorar uns minutos — ela disse.

— O que você acha?

— Eu não sei.

Ela foi até a cozinha, eu segui logo atrás. Olhou para o teste.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não. Nada. Ah, talvez não tenha sido nada mesmo. Eu tinha certeza de que tinha sido alguma coisa.

— Mas foi. Você teve enjoos. Sentiu cansaço. Quantos outros sinais você quer?

— Um.

— Então olhe bem. Está ficando azul, não?

Linda não disse nada.

Apenas olhou para mim. Tinha os olhos escuros e sérios como os de um bicho.

— Está — ela concordou.

Não conseguimos aguentar os três meses obrigatórios para contar às outras pessoas. Quando tinham se passado três semanas Linda telefonou para a mãe dela, que chorou de felicidade no outro lado da linha. A reação da minha mãe foi um pouco mais reservada, ela disse que era uma notícia boa e alegre, mas, conforme ficou claro depois de um tempo, também se perguntava se estávamos prontos para ter um filho. Linda tinha o

Dramatiska Institutet, e eu tinha a minha escrita. É o que vamos ver, eu disse, em janeiro vamos descobrir. Eu sabia que a minha mãe sempre precisava de um tempo para se adaptar às mudanças, primeiro tinha que pensar sobre as coisas, para depois mudar-se a si mesma e aceitar a novidade. Yngve, que atendeu a ligação que fiz assim que a minha mãe desligou, disse, ah, que boa notícia! É, respondi em pé no quintal e fumando um cigarro. Para quando é?, perguntou Yngve. Para janeiro, eu respondi. Meus parabéns, ele disse. Obrigado, eu respondi. Mas escute, disse ele, eu estou aqui numa partida de futebol com Ylva, estou meio ocupado para dizer a verdade, você se importa se a gente se falar um pouco mais tarde? Não tem problema, eu disse, e então desligamos.

Acendi mais um cigarro e percebi que eu não estava muito satisfeito com aquelas reações. Eu teria um FILHO, porra! Era um acontecimento GRANDIOSO!

Mas alguma coisa aconteceu depois que eu me mudei para a Suécia. Mantínhamos tanto contato quanto antes, não era essa a questão, mas alguma coisa tinha mudado, e eu me perguntava se a mudança tinha se operado em mim ou neles. Eu me sentia mais distante, e a minha vida, que tinha sofrido uma profunda alteração de um instante para o outro, com lugares novos e pessoas novas e sentimentos novos, não se deixava mais comunicar com a simplicidade de antes, quando vivíamos todos juntos num espaço bem delimitado que começava em Tybakken, continuava em Tveit e seguia até Bergen.

Não, pensei que as minhas expectativas tinham sido irreais. A reação de Yngve não tinha sido muito diferente daquela que teve quando eu telefonei sete anos atrás para dizer que o meu romance tinha sido aceito por uma editora. Não diga, ele respondeu lacônico. Que bom. Para mim aquilo era a coisa mais importante que já tinha acontecido, a notícia quase me fez perder os sentidos, e eu imaginava que todas as pessoas ao meu redor tivessem o mesmo sentimento.

Mas é claro que não foi assim.

É sempre difícil defrontar-se com um grande acontecimento, especialmente quando estamos há muito tempo em um ambiente trivial e cotidiano, como sempre estamos. Esse acontecimento engole quase tudo, faz com que todo o resto pareça sem importância, a não ser pelos outros acontecimentos grandes o suficiente para destruir todas as coisas triviais e cotidianas ao redor. Assim são os grandes acontecimentos, e não é possível viver no interior deles.

Apaguei o cigarro e subi para me encontrar com Linda, que lançou um olhar curioso na minha direção quando atravessei a porta.

— O que eles disseram? — ela perguntou.

— Ficaram muito felizes — eu disse. — Mandaram um abraço para você e parabéns.

— Obrigada! — disse Linda. — A minha mãe não cabia nela mesma de tanta felicidade. Mas por outro lado ela se comove com absolutamente qualquer coisa.

Yngve ligou mais tarde, disse que podíamos ficar com todas as roupinhas e acessórios de bebê que eles tinham. Carrinho, trocador, bodies, macacões, babadores, calças, luvas e sapatos, eles já tinham resolvido tudo. Linda ficou comovida quando eu dei a notícia, e eu ri, a sensibilidade dela tinha se transformado ao longo das últimas semanas e se deixava levar pelas coisas mais absurdas. Ela também riu. Minha mãe começou a fazer visitas frequentes, trazia comidas deliciosas que nós dois congelávamos, vários sacos de lixo cheios de roupas de bebê que ela tinha pegado dos filhos do marido, e caixas de brinquedos. Ela comprou uma máquina de lavar para nós e Vidar, o marido dela, fez a instalação.

Linda continuou o curso no Dramatiska Institutet, eu continuei no escritório coletivo no alto da torre, comecei a ler a Bíblia, descobri uma livraria católica e comprei todos os livros sobre anjos que eu pude encontrar, comecei a ler São Tomás de Aquino e Santo Agostinho, São

Basílio e São Jerônimo, Hobbes e Burton. Comprei um livro de Spengler e uma biografia de Isaac Newton e obras sobre o Iluminismo e o Barroco, que ficavam empilhadas ao meu lado enquanto eu escrevia e tentava organizar todos aqueles pensamentos e sistemas distintos em um todo coerente de uma outra maneira, ou empurrar alguma outra coisa, que eu não sabia o que era, naquela mesma direção.

Linda estava alegre, mas ao mesmo tempo repleta de sentimentos abismais que a faziam sentir medo de tudo. Será que saberia tomar conta do nosso filho? Será que ele nasceria? Talvez ela o perdesse, não era impossível, e nada do que eu dissesse ou fizesse era capaz de conter o medo que estava à solta dentro dela, totalmente fora de controle, mas por sorte também passageiro.

No fim de junho daquele verão fomos à Noruega de férias, primeiro a Tromøya, onde passaríamos uns dias, depois para Larkollen visitar Espen e Anne, que tinham nos emprestado uma cabana, e depois para a casa da minha mãe em Jølster. Nenhum de nós tinha carteira de motorista, então arrastei as malas no avião, no trem, nos ônibus e nos táxis com Linda, que não conseguia carregar nada mais pesado do que uma maçã, ao meu lado. Em Arendal encontramos Arvid, ele era um pouco mais velho do que eu, tínhamos nos conhecido em Tromøya e no início ele era um dos amigos de Yngve, mas nos vimos um pouco em Bergen, onde ele também havia estudado, e poucos meses atrás ele tinha nos visitado em Estocolmo. Arvid queria nos levar de carro até a casa dele. Eu sabia que Linda estava cansada e queria antes de qualquer outra coisa passar na cabana que tínhamos reservado, e para dar ainda mais peso a esse desejo a primeira coisa que eu disse a Arvid foi que estávamos esperando um filho.

O comentário foi um choque súbito na rua ensolarada de Arendal.

— Ora, meus parabéns! — disse Arvid.

— Então seria melhor se a gente fosse primeiro até a cabana, para descansar um pouco...

— Você sabe que podemos dar um jeito nisso — Arvid respondeu. — Eu levo vocês até lá e mais tarde posso buscar vocês de barco.

Era uma cabana de camping, com um padrão baixo, me arrependi no mesmo instante em que chegamos. A intenção era mostrar a Linda o lugar de onde eu vinha, que era um lugar bonito, mas aquela cabana não era.

Ela dormiu por algumas horas, caminhamos pelo quebra-mar e depois Arvid apareceu flutuando no barco. Fomos até Hisøya, onde Arvid morava. Vimos casinhas brancas em meio aos outeiros quase vermelhos, rodeados por árvores verdejantes, em meio à abóbada do céu e ao mar azul, passamos por todas essas coisas e eu pensei, minha nossa, que lugar mais lindo. E depois o vento que sempre vinha com o pôr do sol no fim da tarde. Aquilo revestia a paisagem de uma aura estranha, foi o que percebi, e eu tinha percebido também durante a minha infância. Estranha porque aquilo que mantinha os elementos da paisagem em um todo coeso se despedaçava como uma pedra que recebe um golpe de marreta quando o vento soprava.

Descemos em terra firme, andamos até a casa e nos sentamos ao redor da mesa no jardim. Linda estava totalmente fechada em si mesma, de uma forma que parecia hostil, e eu sofri com aquilo, estávamos junto com a família e os amigos de Arvid, era a primeira vez que os encontrávamos, eu queria mostrar para todos que a minha namorada era uma pessoa fantástica, mas Linda estava de má vontade. Peguei o braço dela por baixo da mesa e o apertei, ela me lançou um olhar sério. Eu tinha vontade de gritar que ela precisava tomar jeito. Eu sabia que Linda podia ser uma pessoa encantadora, que ela sabia muito bem sentar ao redor de uma mesa com outras pessoas e conversar, contar histórias, rir. Por outro lado, como eu costumava me comportar durante os encontros com os amigos dela que eu não conhecia muito bem? Eu também ficava calado e tímido, e às vezes passava um jantar inteiro sem dizer nada além do absolutamente necessário.

No que ela estava pensando?

O que a incomodava?

Arvid? O jeito meio convencido que às vezes tomava conta dele?

Anna?

Atle?

Ou seria eu?

Talvez um comentário que eu tivesse feito durante a tarde?

Ou seria um problema com ela mesma? Alguma coisa que não tinha absolutamente nada a ver com nada que eu tivesse feito?

Depois do jantar fomos dar um passeio de barco ao redor de Hisøya e até Mærdø, e quando chegamos no mar aberto Arvid acelerou. O barco veloz e elegante começou a planar, as ondas batiam e quebravam contra o casco. Linda estava com o rosto pálido, ela tinha acabado de completar o terceiro mês da gravidez, talvez aqueles movimentos bruscos pudessem ser o que faltava para ela perder a criança, notei que era isso que ela estava pensando.

— Peça a ele para andar mais devagar! — ela bufou. — Isso é perigoso para mim!

Eu olhei para Arvid, que sorria atrás do volante, com os olhos apertados para se proteger do ar fresco e salgado que soprava em nossa direção. Eu não achava que fosse perigoso e não consegui intervir, não consegui pedir a Arvid que diminuísse a velocidade, seria estúpido demais. Ao mesmo tempo Linda estava queimando de medo e de raiva. Será que eu poderia intervir por consideração a ela, mesmo que eu fosse parecer um idiota?

— Está tudo bem — eu disse a Linda. — Não tem perigo nenhum.

— Karl Ove! — ela bufou. — Peça a ele para diminuir a velocidade. É muito perigoso, será que você não entende?

Endireitei as costas e fui até Arvid. Mærdø se aproximava a uma velocidade apavorante. Ele olhou para mim e sorriu.

— Tudo certo, então?

Acenei a cabeça e devolvi o sorriso. Estive a ponto de pedir que diminuísse a velocidade, porém me segurei e me sentei mais uma vez ao

lado de Linda.

— Não tem nenhum perigo — eu disse.

Ela não disse nada, simplesmente continuou sentada enquanto se segurava com força e com os lábios apertados e o rosto pálido.

Demos umas voltas por Mærdø, colocaram uma toalha de piquenique no chão, tomamos um pouco de café e comemos biscoitos e depois voltamos para o barco. No caminho de volta ao cais eu falei com Arvid.

— A Linda ficou meio assustada quando você acelerou. Ela está grávida, sabe como é, o balanço do barco... enfim, você entende. Você pode ir um pouco mais devagar no caminho de volta?

— Claro — ele disse.

Durante todo o caminho até Hove ele dirigiu na velocidade de um barco pesqueiro. Não entendi se aquilo era um protesto ou se Arvid queria simplesmente ser extracuidadoso. De um jeito ou de outro, foi constrangedor. Tanto o meu pedido quanto o fato de que eu não tinha feito o pedido no caminho de ida. Não devia ser a coisa mais fácil do mundo, pedir a um amigo que diminuísse a velocidade porque a minha namorada estava grávida?

Especialmente quando o medo e a inquietação de Linda tinham uma motivação fora do comum? Fazia apenas três anos que ela tinha recebido alta depois de passar dois anos em meio a crises maníaco-depressivas. Ter um filho nessa situação envolvia certos riscos, ela não sabia como poderia reagir. Talvez sofresse outra crise maníaco-depressiva. Talvez a nova crise fosse grave a ponto de exigir outra internação. Nesse caso, o que aconteceria com a criança? Ao mesmo tempo ela estava longe de tudo isso, se relacionando com o mundo de uma forma totalmente diferente de tudo o que tinha experimentado antes do colapso, e eu, que a tinha visto todos os dias por quase um ano inteiro, sabia que tudo daria certo. Eu encarava o que tinha acontecido como uma crise. Tinha sido grande e abrangente, mas aquilo era passado. Linda estava saudável e as oscilações que ainda existiam na vida dela estavam dentro do normal.

Pegamos o trem para Moss, Espen nos buscou na estação e nos levou de carro até a casa deles em Larkollen. Linda estava com um pouco de febre e quis se deitar, eu e Espen fomos até um campo nas redondezas jogar futebol e à noite fizemos carne grelhada, primeiro fiquei com Espen e Anne e mais tarde só com Espen. Linda ficou dormindo. No dia seguinte Espen nos levou até a cabana em Jeløya, onde passamos uma semana, enquanto ele e Anne foram até Estocolmo para ficar no nosso apartamento. Eu me levantava às cinco horas e escrevia o meu romance, porque era nisso que o manuscrito tinha começado a se transformar, até que Linda se levantasse por volta das dez horas. Tomávamos café da manhã, às vezes eu lia em voz alta o que eu tinha escrito, ela sempre dizia que estava muito bom, saíamos para tomar banho em uma praia a dois ou três quilômetros de distância, fazíamos as compras e preparávamos o almoço, à tarde eu pescava um pouco enquanto ela dormia, à noite acendíamos a lareira e ficávamos conversando ou lendo ou fazendo amor. Quando a semana chegou ao fim, tomamos o trem de Moss para Oslo, seguimos pelo caminho de Bergen até Flåm, onde pegamos o barco para Balestrand e passamos a noite no Kvikne's Hotell à espera do ferry para Fjærland no dia seguinte. Lá encontramos Tomas Espedal, ele estava passeando com um amigo, os dois iam para a cabana que ele tinha em Sunnfjord. Eu não o encontrava desde a época em que eu ainda morava em Bergen, e bastou que eu o visse para ficar entusiasmado, ele era uma das pessoas mais incríveis que eu já tinha conhecido. No cais em Fjærland esperamos a minha mãe, e depois atravessamos de carro a geleira que emitia um brilho branco-acinzentado sob a luz azul do céu, pelo longo túnel, até o estreito, longo e escuro vale onde as avalanches eram frequentes, e chegamos a Skei, onde o cenário pacato e exuberante de Jølster se revelava.

Era a terceira vez que Linda e a minha mãe se encontravam, e passei todo o restante do tempo fazendo o possível para encurtar a distância que percebi de imediato entre as duas, porém sem sucesso, meus esforços

sempre esbarravam numa coisa ou em outra, as coisas não aconteciam por si mesmas. Quando aconteciam e eu via Linda se animar um pouco e contar uma história, e minha mãe continuar a conversa, eu sentia uma felicidade incomensurável, eu percebia o que estava acontecendo e tinha vontade de me afastar.

Então Linda teve um sangramento. Ela ficou desesperada, realmente desesperada, queria ir embora no mesmo instante, ligou para Estocolmo e falou com a parteira, ela não podia dizer nada sem examiná-la primeiro, o que deixou Linda ainda mais desesperada, e eu disse, está tudo bem, com certeza está tudo bem, não é nada, mas não ajudou muito, pois como eu podia saber? Que autoridade eu tinha nesse assunto? Linda queria ir embora, eu disse que devíamos ficar, e no fim, quando ela se resignou, tudo havia passado a ser minha responsabilidade, porque se qualquer coisa desse errado, ou já tivesse dado errado, teria sido eu quem insistiu em pedir que não fizessemos exame nenhum, mas simplesmente esperássemos para ver.

Todas as energias de Linda se concentravam nesse assunto, ela não pensava em mais nada, o medo a dilacerava por dentro, ela já não via mais nada quando fazíamos uma refeição ou saíamos juntos no final da tarde, e quando descia do nosso quarto no segundo andar e me via conversando com a minha mãe no jardim, ela dava meia-volta e se afastava com os olhos pretos de raiva, e eu sabia por quê, nós dois falávamos como se nada tivesse acontecido, como se o que ela estava sentindo não importasse. E assim foi e ao mesmo tempo não foi. Eu achava que as coisas podiam melhorar, mas não tinha certeza, e ao mesmo tempo estávamos como hóspedes na cabana, fazia mais de seis meses que eu não via a minha mãe e tínhamos muita coisa a conversar, e de que adiantaria não dizer nada, simplesmente me calar em meio àquele medo arrasador que envolvia a tudo? Eu abraçava Linda, eu a consolava, tentava dizer que com certeza estava tudo bem, mas ela não queria saber e não queria estar lá. Mal respondia quando a minha mãe falava com ela. Durante as nossas caminhadas pelo vale,

Linda criticava a minha mãe e tudo o que dizia respeito a ela. Eu a defendia, logo começávamos a gritar um com o outro, às vezes ela dava meia-volta e continuava a caminhar sozinha, eu saía correndo atrás, era um pesadelo, mas como acontece com todos os pesadelos esse também teve um fim. Mas não sem antes uma cena final: estávamos os três no carro, minha mãe estava dirigindo até Florø, onde pegaríamos o barco. Chegamos cedo, decidimos almoçar, encontramos um restaurante montado numa espécie de jangada, nos sentamos e pedimos sopa de peixe. A sopa chegou e tinha um gosto horrível, era quase manteiga pura.

— Eu não vou comer isso — Linda disse.

— Não, realmente não está bom — respondi.

— Temos que avisar o garçom e pedir que traga outra coisa — Linda disse.

Eu não conseguia imaginar nada mais constrangedor do que mandar a comida de volta para a cozinha. E afinal de contas estávamos em Florø, não em Estocolmo ou em Paris. Ao mesmo tempo eu não aguentava mais tantos mal-entendidos, e assim gesticulei para a garçonete.

— Infelizmente a sopa não está muito boa — eu disse. — Será que você pode nos trazer algum outro prato?

A garçonete robusta e de meia-idade, com os feios cabelos tingidos de loiro, me lançou um olhar reprobatório.

— Não acho que tenha nada de errado com a comida — ela disse. — Mas se vocês quiserem eu posso falar com o cozinheiro.

Ficamos sentados em silêncio com três pratos cheios de sopa à nossa frente, a minha mãe, Linda e eu.

A garçonete voltou e balançou a cabeça.

— Infelizmente o cozinheiro disse que não tem nada de errado com a sopa — ela explicou. — O gosto é esse mesmo.

Como devíamos reagir?

Era a única vez em toda a minha vida que eu mandava comida de volta para a cozinha e eles não queriam aceitar! Em qualquer outro lugar do

mundo nos serviriam outra coisa, mas não em Florø. Senti o meu rosto vermelho de vergonha e de irritação. Se estivesse sozinho eu teria tomado aquela merda de sopa, por mais horrível que estivesse. Mas e depois de reclamar, por mais constrangedor e desnecessário que me parecesse, e de encontrar resistência?

Me levantei.

— Acho que vou falar pessoalmente com o cozinheiro — eu disse.

— À vontade — disse a garçonete.

Atravessei a jangada e entrei na cozinha, que ficava em terra, enfiei a cabeça para dentro de um balcão e me deparei não com um gorducho, como eu tinha imaginado, mas com um homem alto e forte da minha idade.

— Nós pedimos sopa de peixe — expliquei. — O gosto de manteiga está muito forte e infelizmente quase não dá para comer. Você não pode nos servir outro prato?

— O gosto está exatamente como devia estar — ele insistiu. — Vocês pediram sopa de peixe e nós servimos sopa de peixe. Não posso fazer nada.

Voltei à mesa. Linda e a minha mãe olharam para mim. Balancei a cabeça.

— Não tem jeito — eu disse.

— Quem sabe se eu tentar? — disse a minha mãe. — Afinal de contas eu já sou uma senhora, talvez ajude.

Se era contra a minha natureza reclamar em restaurantes, também era contra a natureza dela.

— Não precisa — eu disse. — Simplesmente vamos embora.

— Eu posso tentar — minha mãe insistiu.

Poucos minutos depois ela voltou. Também balançou a cabeça.

— Muito bem — eu disse. — Estou com fome, mas não dá mais para comer essa sopa de peixe depois do que aconteceu.

Nos levantamos, deixamos o dinheiro em cima da mesa e fomos embora.

— Podemos comer no barco — eu disse para Linda, que apenas fez um gesto afirmativo com a cabeça em um silêncio preto.

O barco chegou com os propulsores rodopiantes, entrei com as malas a bordo, abanei para a minha mãe e encontrei um assento bem na frente.

Nós dois comemos uma fatia de pizza macia, quase úmida, um *lefse* e um iogurte. Linda se deitou para dormir. Quando acordou, era como se tudo o que a atormentava tivesse desaparecido. Ela conversava animada e receptiva ao meu lado. Eu a encarei com profunda admiração. Será que tudo o que tinha acontecido dizia respeito à minha mãe? Ao fato de que estávamos em um lugar estranho? Ao fato de que tínhamos feito uma visita à minha própria vida antes que Linda pudesse fazer parte dela? E não ao medo de perder a criança? Afinal, com certeza a urgência era a mesma naquele instante.

Pegamos o avião de volta para casa em Bergen, Linda fez exames no dia seguinte e tudo estava na mais perfeita ordem. O coraçãozinho batia, o corpinho crescia, todos os valores mensuráveis estavam perfeitos.

Quando saímos da clínica, que ficava em Gamla Stan, sentamo-nos em uma confeitaria próxima e conversamos sobre o que tinha acontecido durante o exame de rotina. Fazíamos isso sempre. Uma hora depois eu peguei o metrô e percorri o longo trajeto até Åkeshov, onde eu tinha arranjado um novo escritório, no fim não agüentei mais o antigo, na torre, e Maria Zennström, uma amiga de Linda que era escritora e diretora de cinema, me ofereceu um lugar meio decrépito por um aluguel quase simbólico naquela área. Era no porão de uma casa, a construção ficava deserta durante o dia, eu me via totalmente sozinho entre as paredes de concreto e escrevia, lia ou ficava observando a floresta, onde os carros do metrô serpenteavam por entre as árvores de cinco em cinco minutos. Eu tinha lido *O declínio do Ocidente* de Spengler, e havia muita coisa a ser dita sobre a teoria da civilização desenvolvida por ele, mas o que tinha escrito sobre o Barroco e o fáustico, sobre o Iluminismo e o orgânico era inédito e magistral; certas ideias foram adotadas de maneira quase direta

no meu romance, que teria o século XVII como uma espécie de ponto central. Tudo havia surgido naquela época, foi quando o mundo se emancipou, de um lado havia o antigo e o imprestável, toda a tradição mágica, irracional, dogmática e autoritária, e do outro lado havia o que mais tarde se transformou no mundo em que hoje vivemos.

O outono passou, a barriga cresceu, Linda andava de um lado para outro se ocupando com todos os detalhes imagináveis, dando a impressão de que atraía tudo para si, eram velas acesas e banhos quentes, pilhas de roupinhas de bebê no roupeiro, álbuns de fotos que eram montados, livros sobre gravidez e o primeiro ano do bebê que eram lidos. Fiquei muito feliz quando percebi, mas eu não conseguia participar, não conseguia nem ao menos me aproximar, afinal eu tinha que escrever. Eu podia estar junto com ela, fazer amor com ela, conversar com ela, dar passeios com ela, mas não me sentir como ela ou fazer como ela.

No meio-tempo vinham os surtos. Um dia pela manhã eu derramei água no tapete da cozinha, fui até o metrô sem fazer nada a respeito, e quando voltei para casa o tapete tinha uma grande mancha amarela. Perguntei o que tinha acontecido, ela me lançou um olhar evasivo, porque tinha visto a mancha que eu tinha deixado no tapete quando entrou na cozinha e ficado tão furiosa que resolveu derramar o suco inteiro por cima. Mas a água secou e então ela entendeu o que tinha feito.

Tivemos que jogar o tapete fora.

Outra noite ela arranhou o tampo da mesa de jantar dado pela mãe dela como parte de um conjunto de móveis que tinha custado uma pequena fortuna porque eu não tinha demonstrado interesse suficiente na carta para a maternidade que ela estava escrevendo. A carta era sobre as vontades e as preferências dela, eu acenava a cabeça quando ela lia uma sugestão, mas aparentemente sem muita convicção, porque de repente ela raspou a ponta da caneta com toda a força no tampo da mesa, diversas vezes. O que você está fazendo?, perguntei. Você não se importa com isso, ela disse. Ah, puta

que pariu, eu disse. É claro que eu me importo. E agora você estragou a mesa.

Ainda outra noite eu fiquei tão furioso com Linda que atirei um copo na lareira com toda a minha força. Por mais estranho que pareça, o copo não quebrou. Típico, pensei mais tarde, eu não consegui sequer executar o exercício clássico de quebrar um copo durante uma briga.

Nos matriculamos no curso para futuros pais e mães, o auditório estava lotado e as pessoas, sensíveis a tudo o que era dito no púlpito; quando surgia um comentário minimamente controverso, ou seja, um comentário de viés biológico, um murmúrio atravessava a sala, porque aquilo estava sendo apresentado em um país onde o sexo não passa de uma construção social e o corpo não tem vez salvo nos casos em que todos julgam razoável. Se falassem em instinto, não, não, não!, sussurravam as mulheres exaltadas no auditório, como alguém pode falar uma coisa dessas? Eu vi uma mulher sentar e se debulhar chorando, o marido chegou dez minutos atrasado, e eu pensei, não sou o único. Quando o marido finalmente chegou a mulher o recebeu com um soco de punho fechado na barriga enquanto ele tentava da maneira mais discreta possível fazer com que ela se comportasse com um pouco mais de controle e dignidade.

Era assim que vivíamos, sendo jogados da paz e da tranquilidade, do otimismo e da afeição, rumo a súbitos acessos de ira. Todas as manhãs eu pegava o metrô para Åkeshov, e assim que eu chegava na estação tudo o que se passava em casa desaparecia dos meus pensamentos. Eu olhava para a multidão de pessoas na estação subterrânea, absorvia a atmosfera do lugar, me sentava no trem e lia, olhava para as casas das cidades-satélite pelas quais o trem passava ao sair do subterrâneo, lia, olhava para a cidade quando o trem atravessava a grande ponte, lia, amava, amava de verdade as paradas nas pequenas estações, descia em Åkeshov, praticamente o único a seguir naquela direção para trabalhar, caminhava um quilômetro até o escritório e trabalhava durante o dia inteiro. O texto logo somaria cem páginas e ficava cada vez mais estranho; depois da abertura com a pesca

dos caranguejos o texto virou um ensaio e começou a apresentar teorias sobre o divino nas quais eu nunca tinha pensado antes, mas que de forma estranha, a partir das premissas que estabelecia, fazia sentido à sua própria maneira. Eu tinha descoberto uma livraria russa ortodoxa, foi um achado e tanto, os escritos mais notáveis do mundo estavam todos lá, eu os comprava, fazia anotações e quase não cabia em mim de tanta alegria quando mais um elemento da pseudoteoria se encaixava no todo até a hora de voltar para casa à tarde, quando a vida que me esperava por lá aos poucos começava a voltar enquanto o trem se aproximava da estação de Hötorget. Às vezes eu descia um pouco depois, quando tínhamos exames na Mödravårdscentralen, que era como se chamava a central da maternidade, e me sentava enquanto Linda era examinada, mediam a pressão e tiravam sangue dela, auscultavam o coração e mediam a barriga, que sempre crescia de acordo com o esperado, tudo ia bem, todos os valores eram sempre fantásticos, pois se havia uma coisa que Linda tinha de sobra era força física e saúde de ferro, o que aliás eu repetia para ela sempre que possível. Contra o peso e a segurança do corpo a preocupação não era nada, apenas o zumbido de uma mosca, o rodopiar de uma pluma, uma nuvem de poeira.

Fomos até a IKEA e compramos um trocador, depois o enchemos com pilhas de panos e toalhas, e na parede logo acima eu coleí vários cartões-postais com figuras de focas, baleias, peixes, tartarugas, folhas, macacos e os Beatles da fase mais colorida, para que o nosso filho visse o quanto era fantástico o mundo em que tinha nascido. Yngve e Kari Anne nos mandaram as roupinhas de bebê, enquanto o carrinho que ele tinha prometido ainda demoraria um pouco, o que foi deixando Linda cada vez mais irritada. Uma noite enfim ela explodiu, o carrinho não chegava nunca, não podíamos confiar no meu irmão, seria melhor comprar nosso próprio carrinho, como ela vinha insistindo desde o início. Ainda faltavam

dois meses para o bebê nascer. Liguei para Yngve e insinuei qualquer coisa a respeito de carrinhos de bebê e a irracionalidade das mulheres grávidas, ele disse que estava tudo arranjado, eu disse que sabia, mas tinha achado melhor perguntar mesmo assim. Como eu odiava aquilo. Como eu odiava ir contra a minha natureza para satisfazer os caprichos dela. Mas, eu dizia para mim mesmo, havia uma intenção, havia um objetivo, e enquanto estivesse acima de tudo, bastava suportar tudo o que se passava nesse mundo onde chafurdamos e nos arrastamos. O carrinho não chegou, mais uma crise ocorreu. Compramos um negócio para colocar na banheira quando o bebê fosse tomar banho, compramos bodies e sapatinhos, conjuntos e um saco de dormir acolchoado para o carrinho. Helena nos emprestou um berço com um cobertorzinho e um travesseirinho que Linda admirou com os olhos rasos d'água. E começamos a falar sobre o nome. Quase todas as noites conversávamos sobre esse assunto, sugerindo os nomes mais diferentes, e sempre tínhamos uma lista com os quatro ou cinco mais recentes, que mudavam o tempo inteiro. Uma noite Linda sugeriu Vanja, e o nome seria esse se fosse uma menina. De repente tivemos certeza. Gostávamos do caráter russo e também das associações que esse nome trazia, a sugestão de força e de ímpeto, e além do mais Vanja era uma derivação de Ivan, que em norueguês era o mesmo nome que Johannes, e portanto o nome do meu avô. Se fosse um menino, o nome seria Bjørn.

Uma certa manhã, enquanto eu descia até a plataforma do metrô debaixo da Sveavägen, meu olhar foi atraído em direção a dois homens que brigavam, uma agressividade inédita em meio ao cansaço matinal dos outros passageiros, eles gritavam, não, berravam um com o outro, e o meu coração de repente começou a bater mais forte, os homens se engalinharam com violência, e bem na hora um trem vinha chegando ao longo da plataforma. Um dos homens se afastou para ter espaço suficiente

para chutar o outro. Cheguei mais perto. Os dois se engalfinharam mais uma vez. Pensei que eu devia tomar uma providência. O episódio com o boxeador, quando eu não me atrevi a arrombar a porta, e o episódio com o passeio de barco, quando não me atrevi a pedir a Arvid que diminuísse a velocidade, somados à preocupação de Linda com a minha capacidade de agir, tinham desencadeado tantos pensamentos que naquele instante não havia nenhuma dúvida na minha alma. Eu não podia ficar simplesmente olhando. Eu tinha que tomar uma providência. A simples ideia fez minhas pernas fraquejarem e meus braços tremerem. Mesmo assim, larguei a minha bolsa, aquilo era uma provação, e pensei, que se dane tudo, caminhei em direção aos dois homens e segurei o que estava mais próximo com os dois braços. Abracei-o com toda a minha força. No mesmo instante um outro homem se posicionou entre os dois, e depois mais um, e assim a briga acabou. Peguei a minha bolsa, entrei no trem pelo outro lado e durante todo o trajeto até Åkeshov me senti incapacitado enquanto o coração martelava no meu peito. Ninguém poderia dizer que eu não tinha agido, mas tampouco que eu tinha sido muito esperto, um dos homens podia ter uma faca, ou qualquer outra coisa, e o que aconteceu não tinha absolutamente nada a ver comigo.

O mais estranho durante esses meses foi a maneira como ao mesmo tempo nos aproximamos e nos afastamos um do outro. Linda não fazia planos para o futuro, e quando uma coisa acontecia, simplesmente tinha acontecido, no sentido de que era passado. Comigo era diferente. Eu fazia planos para o futuro, e cada um dos episódios ocorridos naquele espaço de um ano estava por assim dizer gravado em mim. Ao mesmo tempo eu entendia o que estava acontecendo, os momentos de raiva que tinham começado a se instalar em nossa vida desde o primeiro outono estavam relacionados àquilo que tinha desaparecido em nosso relacionamento, e Linda tinha medo de perder o que ainda restava, ela tentava me prender, e

a minha relutância em relação a qualquer tipo de ligação era justamente o que ela mais temia. Com a gravidez tudo havia mudado, porque de repente surgiu um horizonte além de tudo o que tínhamos construído juntos, algo maior do que nós e que nos acompanhava o tempo inteiro, nos meus pensamentos e nos pensamentos dela. A preocupação talvez fosse grande, porém mesmo assim Linda parecia sentir-se o tempo inteiro completa e segura. Tudo se ajeitaria, tudo daria certo, eu tinha certeza.

No meio de dezembro Yngve e as crianças nos fizeram uma visita. Junto ele trouxe o tão esperado carrinho de bebê. Eles passaram uns dias conosco. Linda foi amistosa no primeiro dia e durante as primeiras horas do segundo dia, mas depois se afastou, foi tomada por aquele elemento hostil que me deixava louco, não quando o alvo era eu, porque eu estava acostumado e sabia como me defender, mas quando eram os outros. Nesses casos eu tinha que intervir para que Linda se mostrasse um pouco mais amigável, para que Yngve se mostrasse um pouco mais amigável, e assim a convivência funcionasse. Faltavam seis semanas para o término da gravidez, ela queria ter paz e tranquilidade, achava que tinha esse direito, e talvez tivesse mesmo, mas será que nesse caso não seria mais necessário ser educado com as visitas? Dar liberdade às visitas, deixar que se hospedassem na nossa casa e ficassem por quanto tempo quisessem era importante para mim, e eu não conseguia entender como era possível agir como Linda agia. Ou melhor, eu entendia o que estava acontecendo: em parte ela logo entraria em trabalho de parto e não queria ter a casa cheia de gente, e em parte ela e Yngve eram muito distantes um do outro. Yngve costumava ter um relacionamento próximo e agradável com Tonje, mas não tinha dado certo com Linda, e ela com certeza percebia, mas por que diabos sentia a necessidade de agir motivada por esse detalhe? Por que simplesmente não escondia o que sentia de verdade e não jogava de acordo com as regras do jogo? Por que não tratava a minha família de maneira amistosa? Não era

assim que eu tratava a família dela? Por acaso eu já tinha dito que talvez nos visitassem demais e que se intrometiam em assuntos que não lhes diziam respeito? A família e os amigos de Linda nos visitavam com muito mais frequência, numa proporção de um para mil, e mesmo que essa diferença fosse insana, ela não suportava, não queria, simplesmente virava as costas. Por quê? Porque ela agia de acordo com os sentimentos. Mas os sentimentos precisam ser contidos.

Eu não disse nada, guardei todas as minhas críticas e a minha raiva para mim, e quando Yngve e as crianças foram embora, e Linda mais uma vez se mostrou leve e cheia de expectativa, não a castiguei mantendo distância e bancando o difícil, de acordo com os meus impulsos naturais, não, pelo contrário, eu esqueci completamente o assunto, tratei o acontecido como um conflito passado, e tivemos um ótimo Natal e um ótimo Ano-Novo.

Na última noite de 2003, enquanto eu andava de um lado para o outro na cozinha e preparava a ceia enquanto Geir estava sentado num banco falando enquanto olhava para mim, a vida que eu tinha abandonado quando saí de Bergen não existia mais. Tudo o que eu tinha ao meu redor estava de uma ou de outra forma ligado àquelas duas pessoas que na época eu nem ao menos conhecia. Principalmente a Linda, com quem eu tinha começado a dividir toda a minha vida, mas também a Geir. Eu tinha me deixado influenciar por ele, e não foi pouco, e era meio incômodo pensar nessas coisas, que eu me deixava influenciar com facilidade, que o meu olhar com facilidade se deixava colorir pelo olhar dos outros. Às vezes eu tinha a impressão de que Geir era como um daqueles amigos de infância com quem a minha mãe tinha me proibido de brincar. Não se aproxime dele, Karl Ove, ele é uma má influência.

Coloquei a última metade da lagosta na bandeja e larguei a faca, enxuguei o suor na minha testa.

— Pronto — eu disse. — Agora só falta decorar.

— Imagine se as pessoas soubessem o que você está fazendo agora! — disse Geir.

— Como assim?

— Segundo a opinião geral os escritores têm um trabalho desejável e emocionante. Mas você passa a maior parte do tempo limpando a casa e preparando comida.

— É verdade — concordei. — Mas veja como vai ficar bonito!

Cortei o limão em quatro e coloquei os pedaços entre as lagostas, colhi ramos de salsa e os coloquei ao lado da bandeja.

— Você sabe muito bem que as pessoas querem que os escritores se envolvam em escândalos. Você tem que entrar no Theatercaféen com um harém de mulheres jovens correndo ao redor! A expectativa é essa. Não que você fique aqui se deprimindo em meio aos baldes... A maior decepção da literatura norueguesa deve ter sido Tor Ulven, que não saiu nenhuma vez! Ha ha ha!

A risada de Geir era contagiante. Eu também comecei a rir.

— E que ainda por cima se matou! — ele disse. — Ha ha ha!

— Ha ha ha!

— Ha ha ha! Mas nesse caso Ibsen também foi uma decepção. Mas não o espelho na cartola! Aquilo impõe respeito. E o escorpião vivo que ele tinha na escrivaninha. Bjørnson não foi uma decepção. E Hamsun muito menos. Mas é possível dividir toda a literatura norueguesa de acordo com esse critério. E lamento dizer, mas nesse caso você não se sai muito bem.

— Não — concordei. — Mas pelo menos a minha casa é limpa. Certo. Agora só falta o pão.

— Você devia escrever aquele ensaio sobre Hauge que você tinha mencionado, e logo.

— O vilão de Hardanger? — perguntei enquanto eu tirava o pão do saco de papel marrom.

— Esse mesmo.

— Um dia ainda vou escrever esse ensaio — eu disse enquanto lavava a faca sob um jato de água quente e a secava em um pano de prato antes de começar a cortar. — Para dizer a verdade eu volta e meia penso a respeito dessa história. Imagino Hauge pelado no depósito de carvão debaixo da casa depois de ter destruído todos os móveis da sala. Ou os garotos do vilarejo atirando pedras nele. Puta merda, ele deve ter passado uns bons anos completamente fora de si.

— Ou ainda os elogios que escreveu para Hitler, e que durante a guerra ele tirou do diário — acrescentou Geir.

— É verdade — eu disse. — Porém o mais impressionante em todo o diário é o que ele escreve quando começam os períodos de doença. Você pode ver como as coisas começam a acontecer cada vez mais rápido ao mesmo tempo em que as inibições vão desaparecendo. E de repente ele está sentado escrevendo tudo o que *realmente* pensa a respeito das pessoas e do que elas escrevem. Em geral ele toma o cuidado de dizer *sempre* coisas boas a respeito de todo mundo. Sempre cortês e atencioso e amigável e gentil. E de repente vem a crise. Não é estranho que ninguém tenha escrito a respeito? Me refiro, por exemplo, à mudança radical na opinião dele a respeito de Vold.

— Ninguém tem coragem — disse Geir. — Você está louco. Os críticos mal têm coragem de falar sobre os períodos de surto.

— Mas existe uma boa razão para isso — eu disse, e então coloquei as fatias de pão na cesta e peguei o outro pão para fatiar.

— E que razão é essa?

— O decoro. A tradição popular. A consideração.

— De repente me bateu um sono insuportável. Está muito chato aqui.

— Estou falando sério. Eu acho mesmo que esse é o motivo.

— Claro que você acha. Mas ouça bem: está tudo registrado no diário, não?

— Está.

— E não é possível entender Hauge sem entender essa fase?

— Não.

— E você acha que Hauge foi um grande poeta?

— Acho.

— E o que você conclui? Que devemos ignorar uma parte essencial da vida de um grande poeta e de um grande diarista para não ferir o decoro? Que devemos excluir as partes desagradáveis?

— Mas que diferença faz saber ou não saber que Hauge acreditava ser iluminado por forças do espaço? Digo, para os poemas? Além do mais, quem pode saber que tipo de relação existe entre o bruto e direto e o cortês e ponderado? Enfim, qual é o critério?

— Como? Por acaso algum cuco se instalou na sua cabeça? Foi você que me contou sobre esse lado mais excêntrico de Hauge, e você que estava pesquisando o assunto! Foi você que me disse que a imagem daquele sábio em Hardanger precisa ser questionada agora que sabemos que durante longos períodos ele foi louco e nem um pouco sábio! Ou, dito de outra forma, que essa sabedoria, seja o que for, não pode ser entendida fora do contexto da vida infeliz que ele teve!

— Onde há um cuco há fogo, como dizem os chineses — respondi. — Talvez seja porque rimos de Tor Ulven agora há pouco. Fiquei com a consciência meio pesada.

— Ha ha ha! É sério? Você não costuma ser tão sensível e tão cuidadoso. Ele já morreu. E *não costumava* ser a alma da festa, certo? Ele operava gruas, não é mesmo? Ha ha ha!

Cortei as últimas fatias enquanto eu ria, não sem um certo desconforto.

— Muito bem, agora chega — eu disse enquanto as colocava na cesta.

— Leve essa cesta com o pão, a manteiga e a maionese e vamos para dentro com o pessoal.

— Ah, que lindo! — Helena disse quando larguei a bandeja em cima da mesa.

— Que capricho, Karl Ove — Linda elogiou.

— Sirvam-se — eu disse. Servi o que havia sobrado da champanhe e abri uma garrafa de vinho branco antes de me sentar e colocar uma das meias lagostas no meu prato. Primeiro quebrei a grande garra com o alicate do jogo de talheres para frutos do mar que Gunnar e Tove tinham me dado muito tempo atrás. A carne que crescia grossa e deliciosa ao redor da pequena cartilagem, ou o que quer que fosse. O espaço entre a carne e a carapaça, que às vezes estava cheio d'água: como seria *andar* pelo fundo do mar?

— Agora estamos muito bem tratados! — eu disse, e em seguida ergui a minha taça. — Saúde!

Geir sorriu. Os outros ignoraram a parte que não tinham entendido e ergueram as taças.

— Saúde! E obrigado pelo convite! — disse Anders.

Em geral era eu quem preparava a comida quando recebíamos visitas. Não tanto porque eu gostasse, mas porque eu podia aproveitar a oportunidade para me esconder. Estar na cozinha quando as visitas chegassem, cumprimentá-las, e depois voltar para a cozinha, escondido, até que a comida fosse servida e eu precisasse aparecer. Mas eu sempre podia me esconder atrás de outras coisas; uma taça de vinho que precisava ser enchida, um copo d'água, eu podia me ocupar com essas coisas e assim que o primeiro prato acabasse eu podia tirar a mesa e servir o próximo.

Aquela noite não foi exceção. Eu estava fascinado com Anders, mas não conseguia falar com ele. Eu gostava de Helena, mas não conseguia falar com ela. Com Linda eu conseguia falar, mas naquele momento estávamos ocupados com o bem-estar dos nossos convidados, e portanto não podíamos voltar nossa atenção um para o outro. Com Geir eu também conseguia falar, mas quando estava com outras pessoas um outro traço da personalidade o dominava; ele estava conversando com Anders a respeito de conhecidos envolvidos com o crime, os dois riam e conversavam, Helena se entretinha com aquela sinceridade chocante e reagia com um misto de espanto e gargalhadas. Mas por baixo de tudo o que acontecia

também havia outras tensões. Linda e Geir eram como dois ímãs, os dois repeliam um ao outro. Helena nunca se dava por satisfeita com Anders quando os dois saíam juntos, muitas vezes ele dizia coisas das quais ela discordava ou que simplesmente achava estúpidas, e essa atmosfera ruim começou a me afetar. Christina passava longos períodos sem dizer nada, o que também começou a me afetar, mas por quê, será que ela não estava se divertindo, o problema seria conosco, com Geir, com ela mesma?

Não tínhamos praticamente nenhum ponto em comum, nossas simpatias e antipatias corriam o tempo inteiro por baixo da superfície, ou seja, por baixo do que era dito e feito, porém mesmo assim, ou talvez por isso mesmo, aquela foi uma noite memorável, principalmente porque de repente chegamos a um ponto onde tivemos a impressão de que ninguém tinha mais nada a perder, e assim pudemos contar o que bem entendêssemos a respeito das nossas vidas, inclusive as coisas que em geral guardávamos para nós mesmos.

Mas o começo foi um pouco desastrado, como em qualquer conversa em que as pessoas mais sabem a respeito umas das outras do que propriamente conhecem umas às outras.

Separei a carne lisa e grossa da carapaça, cortei-a, espetei-a com o garfo e deixei que deslizasse pela maionese antes que o trajeto até a minha boca começasse.

Ouvimos um barulho enorme na rua, parecia uma explosão. As vidraças tremeram.

— Com certeza foi uma explosão ilegal — Anders disse.

— Claro, pelo que entendi você é especialista nesses assuntos — Geir comentou.

— Nós trouxemos uma lanterna chinesa — Helena disse. — Você acende uma vela, o ar quente enche a lanterna e ela começa a subir rumo ao céu. Alto, bem alto. Sem barulho nenhum. Ela vai subindo em silêncio absoluto. É incrível.

— E não tem problema soltar essas lanternas na cidade? — Linda perguntou. — Quer dizer, e se ela cair ainda acesa em um telhado?

— No Ano-Novo vale tudo — Anders disse.

A mesa ficou em silêncio. Pensei se eu devia contar a história da vez em que eu e um amigo juntamos foguetes usados no primeiro dia do ano, tiramos toda a pólvora de dentro, colocamos em um recipiente e acendemos. A cena continuava vívida na minha lembrança: Geir Håkon se virando para me olhar com o rosto preto de fuligem. O medo que tomou conta de mim quando notei que o meu pai podia ter ouvido a explosão, e que a fuligem talvez não saísse direito, e que ele talvez percebesse. Mas pensei que a história não tinha moral nenhuma, me levantei e servi mais vinho, olhei nos olhos de Helena, que respondeu com um sorriso, me sentei, olhei para Geir, que estava falando sobre as diferenças entre a Suécia e a Noruega, um tema ao qual sempre recorria quando a conversa estava um pouco devagar porque todos podiam opinar.

— Mas por que falar sobre a Suécia e a Noruega? — Anders perguntou depois de um tempo. — Não acontece nada por aqui. E além do mais é frio e horrível.

— O Anders quer voltar para a Espanha — Helena explicou.

— Você não acha? — Anders retrucou. — Devíamos mesmo ter nos mudado. Todos juntos. O que está nos prendendo aqui? Nada?

— O que a Espanha tem de especial? — Linda perguntou.

Anders abriu os braços.

— Você pode fazer o que você bem entender. Ninguém se importa. E o clima é quente e agradável. Existem cidades incríveis por lá. Sevilha. Valência. Barcelona. Madri.

Linda olhou para mim.

— Para não falar na diferença de nível no futebol. A gente devia dar um passeio por aqueles lados. Assistir El Clásico. Passar uma noite. Eu posso cuidar das passagens. Não é problema nenhum para mim. O que você acha?

— Parece uma boa — respondi.

— Parece uma boa — Anders debochou. — Vamos!

Linda olhou para mim e sorriu. Dou toda a força para você ir, dizia aquele olhar. Mas eu sabia muito bem que havia outros olhares e estados de espírito que apareceriam mais cedo ou mais tarde. Vá e se divirta enquanto eu fico aqui sozinha em casa, diziam. Você só pensa em você mesmo. Se você quer ir para outros lugares, tem que ser comigo. Tudo isso estava no olhar de Linda. Um amor infinito e uma ansiedade infinita. Os dois lutavam o tempo inteiro pela supremacia. Nos últimos meses tinha surgido um elemento novo, que dizia respeito à criança que logo viria, e que parecia um pouco abafado nela. A ansiedade era límpida, etérea, ondulava acima da consciência como a aurora boreal sobre um céu de inverno, ou como os relâmpagos no céu de agosto, e a escuridão que a acompanhava também era leve, no sentido de que era uma ausência de luz, e a ausência não tem peso. O que a preenchia naquele instante era outra coisa, eu achava que tinha a ver com a terra, algo telúrico, estável. Ao mesmo tempo pensei que era um pensamento estúpido e mitologizante.

Mas enfim. Terra.

— Quando é El Clásico, afinal? — perguntei me inclinando por cima da mesa para encher a taça de Anders.

— Não sei. Mas não precisamos assistir necessariamente a esse jogo. Qualquer outra partida serve. Só quero ver o Barcelona.

Servi a minha própria taça e retirei a carne que ficava no fundo da garra.

— É, seria uma boa — eu disse. — Mas temos que esperar uma semana após o nascimento. Não sou nenhum homem dos anos 1950.

— Eu sou! — Geir exclamou.

— Eu também — Anders concordou. — Ou pelo menos quase. Se eu pudesse eu teria ficado no corredor durante o nascimento.

— E por que você não pôde? — Geir perguntou.

Anders olhou para ele e os dois riram.

— Todos servidos? — perguntei. Quando todos acenaram a cabeça e agradeceram pelo jantar eu recolhi os pratos e levei tudo para a cozinha. Christina veio atrás de mim com as duas bandejas.

— Você quer uma ajuda? — ela ofereceu.

Balancei a cabeça e olhei de relance para o rosto dela antes de desviar o olhar para o chão.

— Não — respondi. — Mas obrigado mesmo assim.

Ela voltou, eu enchi uma panela com água e a coloquei no fogão. Da rua vinham os estalos e explosões dos foguetes. O pequeno rasgo de céu que eu conseguia ver foi iluminado por uma luz intermitente que se espalhou e se apagou enquanto caía. Da sala vinham risadas.

Coloquei as duas panelas de ferro pretas no fogão e aumentei a temperatura ao máximo. Abri a janela e o volume das vozes na rua de repente aumentou. Voltei para a sala, coloquei um disco para tocar, o novo do Cardigans, boa música de fundo.

— Nem vou perguntar se você precisa de ajuda — Anders disse.

— Esse é apenas um outro jeito de dizer — Helena comentou e em seguida se virou em minha direção. — Você *precisa* de ajuda?

— Não, não, está tudo certo.

Cheguei por trás de Linda e pousei as mãos sobre os ombros dela.

— Que bom — ela disse.

Fez-se silêncio. Pensei que eu devia esperar até que o pessoal voltasse a conversar.

— Pouco antes do Natal eu almocei com um pessoal na Filmhuset — Linda disse após um breve intervalo. — Alguém por lá tinha acabado de ver uma cobra albina, acho que uma píton ou uma jiboia, mas enfim. Toda branca com desenhos amarelos. Uma outra mulher disse que tinha *criado* uma jiboia. No apartamento, como animal de estimação. Uma cobra *enorme*. Um dia ela tomou um susto, a cobra estava ao lado dela na cama, com o corpo totalmente estendido. Ela sempre tinha visto a cobra toda enrodilhada, mas naquele instante ela estava estendida no sentido

máximo do comprimento, como uma régua. A mulher ficou apavorada e ligou para Skansen para falar com o responsável pelas cobras. Sabem o que ele disse? Que ela tinha feito muito bem em ligar. Que tinha sido por um fio. Porque as cobras grandes se estendem desse jeito para medir a presa. Para ver se conseguem engoli-la.

— Puta que pariu! — eu disse. — Puta que pariu!

Os outros riram.

— O Karl Ove tem pavor de cobras — Linda disse.

— Essa foi a história mais terrível que eu já ouvi! Puta que pariu!

Linda se virou na minha direção.

— Ele sonha com cobras. Às vezes durante a noite joga o cobertor no chão e começa a pisar em cima. Outra vez ele se levantou e *pulou* da cama. Ficou totalmente imóvel, como se estivesse paralisado, só olhando. Não foi nada, Karl Ove, você está sonhando, volte para a cama, eu disse. Tem uma cobra aí, ele respondeu. Não tem bicho nenhum aqui, eu disse. Volte para a cama. E aí ele disse, cheio de desprezo: Quando você diz *bicho* não parece tão perigoso!

Todos riram. Geir começou a falar com Anders e Helena sobre cobras e eu disse que sabia o que estava por vir, a interpretação freudiana dos sonhos com cobras, e que eu não queria saber daquilo, e fui mais uma vez para a cozinha. A água estava fervendo e eu coloquei o tagliatelle para cozinhar. O óleo nas duas panelas de ferro crepitava. Piquei uns dentes de alho e joguei-os nas panelas, depois peguei os mexilhões que estavam no balcão da pia, derrubei-os lá dentro e tampei. No mesmo instante as panelas começaram a chiar e a estalar. Acrescentei o vinho branco, piquei a salsa e espalhei por cima, tirei os mexilhões do fogo depois de alguns minutos, escorri o tagliatelle, acrescentei o pesto e tudo ficou pronto.

— Parece que está delicioso — disse Helena quando entrei com os pratos.

— Não é nenhum mistério — respondi. — Eu tirei a receita do livro do Jamie Oliver. Mas parece que vai ficar bom.

— O cheiro está ótimo — Christina acrescentou.

— Existe alguma coisa que você não saiba fazer? — Anders me perguntou.

Olhei para baixo e retirei a carne macia de dentro da concha de um mexilhão, a carne era marrom-escura com uma listra cor de laranja na parte de cima, e quando mastiguei os meus dentes rangeram como se eu tivesse areia na boca.

— A Linda já contou da nossa ceia com *pinnekjøtt*? — perguntei a ele.

— *Pinnekjøtt*? O que é isso?

— Uma comida típica de Natal na Noruega — Geir explicou.

— Costelas de ovelha — eu disse. — As costelas são salgadas e penduradas durante uns meses para secar. A minha mãe tinha me mandado por correio...

— Carne de ovelha por correio? — Anders perguntou, surpreso. — Isso também é uma tradição norueguesa?

— De que outra forma eu podia conseguir? Além do mais, a minha mãe salga e seca as costelas ela mesma, no sótão da nossa casa. O sabor é incrível. Ela tinha prometido mandar para o Natal, a gente queria preparar *pinnekjøtt* na ceia da véspera, Linda nunca tinha provado, e para mim é impensável celebrar o Natal sem esse prato, mas a carne só chegou no dia 27. Abri o pacote, decidimos fazer mais uma ceia naquela mesma noite, e de tarde eu comecei a cozinhar a carne no bafo. Nos preparamos com uma toalha de mesa branca, velas, aguardente e tudo mais. Mas a carne não aprontava nunca, a gente não tinha nenhuma panela que ficasse bem fechada, a única coisa que conseguimos foi deixar o apartamento inteiro cheirando a carne de ovelha. No fim Linda desistiu e foi se deitar.

— E depois ele me acordou à uma da manhã! — Linda completou. — E ficamos nós dois lá, comendo uma ceia norueguesa em plena madrugada.

— Estava bom, não estava? — perguntei.

— Estava sim — ela respondeu com um sorriso.

— Então é bom mesmo? — Helena perguntou.

— É. A cara talvez não seja muito boa, mas o gosto é.

— Achei que você ia contar uma história sobre alguma coisa que você não sabia fazer — disse Anders. — Mas esse foi mais um idílio.

— Deixe o Karl Ove ter um pouco de sossego — Geir pediu. — Toda a carreira dele se deve a histórias de fracasso. É um episódio trágico e deprimente atrás do outro. Nada além de vergonha e raiva, o tempo inteiro. Hoje estamos festejando! Deixe-o contar histórias de sucesso para variar um pouco!

— Eu gostaria de ouvir você contar uma história de fracasso, Anders — provocou Helena.

— Lembre com quem você está falando! — Anders retrucou. — Você está falando com um ex-rico. Um ex-ricaço, para dizer a verdade. Eu tinha dois carros, um apartamento em Östermalm e uma conta transbordando dinheiro. Podia sair de férias quando eu bem entendesse e ir para onde eu bem entendesse. Eu tinha até cavalos! E o que faço hoje? Toco uma fábrica de bacon em Dalarne para conseguir pagar minhas contas no fim do mês! Mas ao menos eu não fico me queixando como vocês!

— Vocês quem? — Helena perguntou.

— Você e a Linda, por exemplo! Eu chego em casa e encontro vocês duas no sofá, tomando chá e reclamando a respeito de absolutamente tudo que existe. A respeito de todos os sentimentos possíveis e imagináveis contra os quais vocês passam o tempo inteiro lutando. A vida não é tão complicada assim. Ou as coisas vão bem ou vão mal. E quando vão mal também é bom, porque assim elas só podem melhorar.

— É estranho, você nunca se preocupa em saber onde exatamente você está — Helena respondeu. — Mas não é por falta de sensibilidade. É porque você não quer saber. Às vezes eu invejo você. De verdade. Eu sofro muito tentando entender quem eu sou e por que as coisas que acontecem comigo acontecem.

— A sua história não é muito diferente da história do Anders, não é mesmo? — Geir perguntou.

— Como assim?

— Você também tinha tudo. Trabalhava no Dramaten, ganhava sempre o papel principal nas grandes produções, era convidada para bons papéis no cinema. E de repente você abandonou tudo. E essa também foi uma atitude bem otimista, na minha opinião. Casar com um guru *new age* americano e se mudar para o Havaí.

— Não foi muito bom para a minha carreira — Helena disse. — Nisso você tem razão. Mas eu ouvi a voz do coração. E não me arrependo nem um pouco. Nem um pouco mesmo!

Ela sorriu e olhou ao redor.

— E com a Christina também é a mesma história — Geir continuou.

— Como é a sua história? — Anders perguntou enquanto olhava para Christina.

Ela sorriu e balançou a cabeça, engoliu a comida que tinha na boca.

— Eu estava no topo quase antes de começar. Eu tinha a minha própria grife de roupas e ganhei o prêmio de designer do ano, fui escolhida para representar a Suécia na Feira de Londres, viajei a Paris com a minha coleção...

— O pessoal da TV foi até a nossa casa — Geir interrompeu. — E o rosto da Christina apareceu estampado em bandeiras enormes, do tamanho de uma *vela de navio*, na fachada da Kulturhuset. Saiu um artigo de seis páginas a respeito dela no *Dagens Nyheter*... Fomos convidados para recepções onde as garçonetes se vestiam de fadas. Com champanhe borbulhando por toda parte. Ah, como fomos felizes naquela época!

— Mas o que aconteceu? — Linda perguntou.

Christina deu de ombros.

— O dinheiro simplesmente não entrava. Esse sucesso não tinha nenhuma base sólida. Ou pelo menos não da maneira como devia. Eu acabei falida.

— Mas pelo menos a sua queda fez um barulho e tanto — Geir completou.

— É verdade — Christina disse.

— A pá de cal foi o desfile da última coleção — Geir prosseguiu. — A Christina alugou uma daquelas barracas de lona para eventos e mandou montar no Gärdet. A barraca era uma cópia da Ópera de Sydney. A ideia era que as modelos chegassem cavalgando pelo gramado. Os cavalos eram da Guarda Real e da polícia montada. Tudo era grandioso e caro, e ela não tinha economizado em nada. Vocês sabem, potes enormes cheios de ponche com gelo pegando fogo, espirais de fumaça, todo mundo estava lá. Todas as estações de televisão, todos os grandes jornais. Parecia uma filmagem de cinema.

E de repente começou a chover. E a chover *muito*. Um temporal insano.

Christina riu e levou a mão à boca.

— Vocês tinham que ver as modelos! — Geir disse. — Estavam todas com os cabelos grudados na testa. As roupas estavam encharcadas e desalinhadas. Foi um fiasco absoluto. Mas eu estaria mentindo se não dissesse que teve um lado bom. Não é para qualquer um fracassar com *tanta* pompa.

Todos riram.

— Foi por isso que ela estava desenhando pantufas na primeira vez em que você foi nos visitar — disse Geir, olhando para mim.

— Não eram pantufas — Christina protestou.

— Dá na mesma — Geir continuou. — Um dos modelos antigos dela virou sucesso da noite para o dia quando a Christina o usou num desfile de moda em Londres. Ela não ganhou nada. Mesmo assim, o desenho do calçado serviu de curativo para a ferida. Foi tudo o que restou do sonho.

— Eu nunca estive no *topo* — Linda disse. — Mas o pouco sucesso que tive seguiu exatamente a mesma curva.

— Uma curva direto para baixo? — Anders perguntou.

— Uma curva direto para baixo, isso mesmo. O lançamento do meu primeiro livro foi um acontecimento incrível, não que eu tenha recebido qualquer tipo de atenção, mas era um acontecimento legal e importante para mim, e depois eu ganhei um prêmio justamente no Japão. Eu sempre amei o Japão. Fui convidada para viajar até lá para receber o prêmio. Eu tinha comprado um livrinho para aprender japonês e tudo mais. Mas eu adoeci, de repente eu não conseguia fazer mais nada, ou pelo menos não uma viagem ao Japão... Depois escrevi mais um livro de poemas que foi aceito de cara, eu saí para comemorar assim que recebi a notícia, mas depois a editora voltou atrás. Procurei outra editora e aconteceu *exatamente* a mesma coisa. Primeiro o editor me ligou e disse que o livro era incrível e que ele tinha interesse em me publicar, e foi muito constrangedor, eu já tinha contado para outras pessoas... e depois ele me ligou e disse que no fim não ia publicar. E ficou por isso mesmo.

— Você deve ter ficado bem chateada — disse Anders.

— Ah, na verdade foi melhor assim — Linda respondeu. — Hoje eu me sinto feliz de saber que o livro não foi publicado. Não era tão importante assim.

— E você, Geir? — Helena perguntou.

— Você quer saber se eu também sou um *beautiful loser*?

— É.

— Bem, o que eu posso responder? Eu fui um prodígio acadêmico.

— Você mesmo é quem está dizendo? — perguntei.

— Ninguém mais vai dizer. Mas é um *fato*. Enfim, eu escrevi a minha tese em norueguês sobre um trabalho de campo na Suécia. Não foi uma boa estratégia. No fim nenhuma editora sueca se interessou, e nenhuma editora norueguesa tampouco. Além do mais, eu tinha escrito sobre boxeadores sem analisar qualquer tipo de motivação social para o que eles faziam, ou seja, não tentei mostrar que eram pobres ou desprivilegiados ou criminosos ou qualquer outra coisa parecida. Pelo contrário, tentei demonstrar que a cultura dos boxeadores é uma cultura relevante e

adequada, muito mais relevante e adequada do que a cultura feminista de classe média que a academia promove. Isso também não foi uma boa estratégia. De qualquer modo, a tese foi recusada tanto pelas editoras norueguesas quanto pelas editoras suecas. No fim só foi publicada porque eu paguei. Mas ninguém leu o livro. Sabem qual foi a estratégia de marketing? Um dia eu falei com uma funcionária da editora, ela me disse que tinha lido o meu livro todas as manhãs e todas as tardes no ferry para Nesodden e que achava que as pessoas ficariam curiosas quando vissem a capa!

Ele riu.

— E agora eu parei de lecionar, não escrevo mais artigos interessantes e não participo mais de seminários, mas passo o tempo inteiro sozinho escrevendo um livro que vou levar cinco anos para terminar e que no fim provavelmente ninguém vai querer ler.

— Você devia ter falado comigo — Anders comentou. — Eu podia ter dado um jeito de você aparecer na TV. Assim você poderia ter falado a respeito do seu livro.

— Mas como teria sido essa história? — Helena perguntou. — *An offer you can't refuse?*

— Nem você teria contatos bons o suficiente para conseguir uma coisa dessas — Geir comentou. — Mas obrigado pela oferta.

— Ainda falta você — disse Anders, olhando para mim.

— O Karl Ove? — disse Geir. — Ele fica chorando na limusine. É o que eu venho falando desde o dia em que ele chegou em Estocolmo.

— Não concordo — eu disse. — Já vai fazer cinco anos desde que o meu primeiro livro saiu. De vez em quando um jornalista ainda me liga, é verdade. Mas sobre o que me perguntam? Ei, Knausgård, estou escrevendo um artigo sobre autores com bloqueio criativo. Pensei em de repente conversar um pouco com você. Ou, pior ainda: Escute só. Estamos preparando um artigo sobre autores que escreveram só um livro. Existem vários, como você sabe. E você... bem, você só escreveu um livro. Queria

ver se você teria um tempo para a gente conversar sobre isso. Como você se sente? Essas coisas. Você está trabalhando em outro livro? Está empacado?

— Vocês ouviram? — Geir perguntou. — Ele está chorando na limusine.

— Mas eu não tenho nada! Passei os últimos quatro anos escrevendo, e não tenho nada! Nada!

— *Todos* os meus amigos são fracassados — Geir disse. — Não os fracassados comuns do *mainstream*, de forma alguma. Tem um que escreve que gosta de ir para a floresta e grelhar salsichas na fogueira e coisas desse tipo quando posta anúncios em sites de encontros simplesmente porque não tem dinheiro para bancar uma ida a um restaurante ou a um café. Ele não tem um tostão furado. Absolutamente nada. Um dos meus colegas na universidade ficou obcecado por uma prostituta, começou a gastar todo o dinheiro que tinha com ela, mais de duzentas mil coroas, chegou a pagar um implante de silicone para que tivesse seios maiores, do jeito que ele gostava. Um outro resolveu começar uma vinícola. Em Uppsala! Um terceiro está há catorze anos escrevendo uma tese, ele não termina nunca porque sempre aparece uma nova teoria ou surge alguma outra fonte que ele ainda não leu, então ele precisa ler. Ele escreve e escreve e é um cara de inteligência normal, mas está completamente empacado. E além disso conheci um cara em Arendal que engravidou uma menina de treze anos.

Geir olhou para mim e riu.

— Relaxem, não foi o Karl Ove! Não que eu saiba, pelo menos. Tem um outro amigo meu que é pintor — Geir prosseguiu. — Ele é muito talentoso, mas só pinta barcos vikings e espadas, e percorreu um caminho tão longo rumo à direita que não tem como voltar, e muito menos como entrar. Enfim, barcos vikings não valem exatamente como ingresso para o mundo das artes.

— Não me inclua nessa turma — Anders disse.

— Não, ninguém aqui pertence a essa turma — respondeu Geir. — Pelo menos não por enquanto. Tenho a sensação de que estamos afundando cada vez mais. Que estamos em um naufrágio. Claro, por enquanto está tudo bem, o céu está escuro e cheio de estrelas e a água está quente, mas já começamos a afundar.

— Foi uma declaração bem poética — Linda comentou. — Mas não representa exatamente como eu me sinto.

Ela estava sentada com as duas mãos em cima da barriga. Meus olhos encontraram os dela. Eu sou feliz, dizia aquele olhar. Sorri para ela.

Meu Deus. Em duas semanas teríamos uma criança em casa.

Eu seria pai.

A mesa tinha ficado em silêncio. Todos haviam terminado de comer e estavam inclinados para trás nas cadeiras, Anders com a taça de vinho na mão. Peguei a garrafa e me levantei, servi mais vinho para todo mundo.

— Hoje fomos muito abertos uns com os outros — Helena comentou. — Eu estava aqui pensando que isso nunca acontece.

— É um esporte — eu disse, largando a garrafa em cima da mesa e enxugando a gota que escorria pelo gargalo. — E quem foi o perdedor? Eu!

— Não, eu! — Geir protestou.

— Eu tenho dificuldade em imaginar os meus pais tendo uma conversa desse tipo com os amigos deles — Helena disse. — Mas eles realmente estavam sem rumo. Com a gente é diferente.

— Diferente como? — Christina perguntou.

— O meu pai é o rei dos carecas em Örebro. Ele fabrica perucas. A primeira esposa dele, que é a minha mãe, é alcoólatra. Mas ela é tão repugnante que eu mal consigo visitá-la. E quando a visito eu me sinto arrasada por várias semanas depois. E quando o meu pai se casou outra vez, foi com outra alcoólatra.

Ela fez uma careta e imitou certos tiques que eram uma representação perfeita da segunda esposa do pai. Eu a tinha encontrado uma vez, no

batizado da criança que tiveram juntos; ela parecia ao mesmo tempo totalmente contida e totalmente descontrolada. Helena volta e meia ria dela.

— Quando eu era pequena, eles usavam seringas para injetar destilado naquelas caixinhas pequenas de suco, sabem? Para que parecesse inocente. Ha ha ha! E uma vez em que eu estava de férias sozinha com a minha mãe ela me deu um comprimido para dormir, trancou a porta por fora e desapareceu pela cidade.

Todos riram.

— Mas hoje em dia ela está muito pior. Ela é praticamente um monstro. Quase nos devora quando aparecemos. E só pensa nela mesma, não existe mais nada. Ela bebe e é repugnante o tempo inteiro.

Helena olhou para mim.

— O seu pai também bebia, não?

— Bebia — eu disse. — Mas não quando eu era pequeno. Ele começou quando eu tinha dezesseis anos. E morreu quando eu tinha trinta. Então ele bebeu por catorze anos. O meu pai simplesmente se matou bebendo. E eu acho que talvez fosse o que ele queria.

— Você não tem nenhuma história engraçada com o seu pai? — Anders perguntou.

— Talvez o Karl Ove não tenha a mesma relação prazerosa com as desgraças na vida dele que você tem com as desgraças na vida dos outros — Helena disse.

— Não, não, tudo bem — respondi. — Eu não guardo mais nenhuma mágoa em relação ao que aconteceu. Não sei se é engraçado, mas de qualquer forma: no fim ele estava morando na casa da mãe dele. Bebia o tempo inteiro, claro. Um dia caiu da escada e foi parar no chão da sala. Acho que ele quebrou a perna. Ou talvez fosse apenas uma torção violenta. De qualquer jeito, ele não conseguiu se levantar e ficou caído no chão. Minha vó queria chamar uma ambulância, mas ele não queria. E o meu pai ficou lá, caído no chão da sala, enquanto a minha vó cuidava dele. Ela

descia com comida e cerveja. Não sei direito por quanto tempo. Mas talvez por uns dias. Foi o meu tio que o encontrou. Ele continuava no chão.

Todos riram, e eu também.

— E como ele era antes de começar a beber? — perguntou Anders. — Nos dezesseis primeiros anos?

— O meu pai era um demônio. Eu morria de medo dele. Quase mijava nas calças de tanto medo. Lembro que uma vez... bem, eu gostava de nadar quando era pequeno, e ir para a piscina pública no inverno era um dos grandes momentos da semana. Mas uma vez eu perdi uma meia. Não consegui encontrá-la em lugar nenhum. Procurei e continuei procurando, mas a meia tinha sumido completamente. Fiquei apavorado. Para mim aquilo era um pesadelo.

— Por quê? — Helena perguntou.

— Porque a minha vida seria um inferno se ele descobrisse.

— Que você tinha perdido uma meia?

— Acredite ou não. A chance de que ele fosse descobrir era pequena, afinal eu podia entrar discretamente em casa e colocar outro par de meias assim que chegasse, mas assim mesmo eu voltei para casa morrendo de medo. Abri a porta. Não tinha ninguém. Comecei a tirar os sapatos. E quem chegou, senão o meu pai? E o que ele fez, senão ficar lá parado me olhando enquanto eu tirava a roupa?

— E o que aconteceu? — Helena perguntou.

— Ele bateu em mim e me disse que nunca mais me deixaria ir à piscina — eu disse com um sorriso.

— Ha ha ha! — Geir riu. — Eu admiro homens como o seu pai. Coerente até nos mínimos detalhes.

— O seu pai também batia em você? — Helena perguntou.

Geir hesitou antes de responder.

— Digamos que certos elementos típicos de uma educação norueguesa estiveram presentes. Vocês sabem, aquele negócio de se inclinar por cima dos joelhos com as calças arriadas. Mas ele nunca bateu no meu rosto e

nunca me bateu de maneira inesperada, como o pai do Karl Ove fazia. Era apenas um castigo, nada mais. Para mim era algo totalmente razoável. Mas o meu pai não gostava. Acho que ele encarava os castigos como um dever que precisava cumprir. O meu pai é uma pessoa muito pacata. Um homem bom. Não guardo nenhuma mágoa dele. Nem mesmo em relação aos castigos. Tudo aconteceu em uma cultura totalmente diferente da nossa.

— Eu já não posso dizer a mesma coisa sobre o meu pai — Anders disse. — Não quero começar a discutir a minha infância e toda essa psicologia de merda. Mas, como eu disse, quando eu cresci a minha família era rica, e quando terminei a escola eu fui trabalhar na firma do meu pai, como um parceiro. Vivi a incrível vida da classe alta. E de repente o meu pai foi à falência. Descobri que ele tinha participado de roubalheiras e falcatruas. E eu tinha assinado todos os papéis que ele tinha me dado. Consegui escapar da cadeia, mas tenho uma dívida gigantesca com a Receita Federal e todo o dinheiro que eu ganhar durante o resto da minha vida vai ser usado para pagá-la. É por isso que não tenho mais um emprego normal. Não tem como, eu perco tudo que ganho.

— Mas no fim o que aconteceu com o seu pai? — eu perguntei.

— Fugiu. Eu nunca mais o vi. Não sei por onde anda. Em um país ou outro. Mas eu não quero vê-lo.

— E a sua mãe ficou para trás? — Linda perguntou.

— Digamos que sim — Anders respondeu. — Amargurada e abandonada e sem um centavo.

Ele tinha um sorriso no rosto.

— Eu me encontrei com ela uma vez — comentei. — Não, duas. Ela é uma pessoa muito engraçada. Fica sentada em um banquinho no canto derramando sarcasmo em cima de todos os que se prestarem a ouvir. Tudo com uma grande dose de humor.

— Humor? — perguntou Anders, e então começou a imitá-la, a voz quebrada de senhora idosa que chamava o nome dele e o criticava por todo

e qualquer motivo.

— A minha mãe tem medo — Geir disse. — E esse simples fato acaba com todo o restante da vida dela, ou simplesmente se sobrepõe a tudo. Ela quer ter as pessoas sempre perto dela, o tempo inteiro. Para mim foi um inferno quando eu estava crescendo, foi muito difícil me libertar disso. A técnica dela para me manter por perto consistia em despertar um sentimento de vergonha. Mas eu sempre me recusei a sentir vergonha. E assim pude me afastar. Hoje praticamente não temos contato. É um preço alto a pagar, mas valeu a pena.

— Medo do quê? — Anders perguntou.

— Como esse medo se manifestava?

Anders fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Ela não tem medo de pessoas. Não, ela pode encarar qualquer um de frente. Ela tem medo de espaços. Quando saíamos para dar passeios de carro, por exemplo, ela sempre levava junto um travesseiro. Ficava no colo dela. Toda vez que entrávamos num túnel ela se inclinava para frente e tapava a cabeça com o travesseiro.

— É mesmo? — Helena perguntou.

— É. Toda vez. E depois tínhamos que avisá-la quando saíamos do túnel. E depois foi piorando, de repente ela não conseguia mais andar de carro em ruas com mais de uma pista, não conseguia suportar ver os outros carros passando tão perto. E depois não conseguia mais andar de carro quando havia água por perto. Nossas férias tornaram-se impossíveis. Eu lembro do meu pai debruçado por cima do mapa como um general, tentando descobrir uma rota sem autoestradas, sem água e sem túneis.

— A minha mãe é exatamente o oposto — Linda comentou. — Ela não tem medo de nada. Eu acho que ela é a pessoa mais destemida que eu já conheci. Lembro que eu costumava ir de bicicleta com ela até o teatro. Ela pedalava depressa, na calçada, em meio às pessoas, no meio da rua. Uma vez ela foi parada por um policial. Mas não balançou a cabeça e aceitou a crítica e se desculpou, prometendo que não aconteceria outra vez. Não,

para a minha mãe aquilo era uma injustiça. Ela era quem decidia onde ia andar de bicicleta. E assim foi durante toda a minha infância. Se um professor reclamava de mim ela era capaz de fazer uma queixa a respeito. Não podia haver nada de errado comigo. Eu sempre tinha razão. Quando eu tinha seis anos ela me deixou tirar férias na Grécia sozinha.

— Sozinha? — Christina perguntou. — Só você?

— Não, fui junto com uma amiga e a família dela. Mas eu tinha seis anos, e duas semanas com uma família estranha em um país estranho me parece um pouco demais, não?

— Era a década de 1970 — Geir repetiu. — Tudo era permitido.

— Eu sofri constrangimentos por causa da minha mãe em inúmeras ocasiões, ela é uma pessoa que não tem vergonha de nada, capaz de fazer as coisas mais absurdas, e quando ela tentava me proteger eu tinha vontade de que o chão me engolisse.

— E o seu pai? — Geir perguntou.

— Com o meu pai a história é totalmente outra. Ele era totalmente imprevisível, e qualquer coisa podia acontecer quando estava doente. Ao mesmo tempo a gente precisava esperar que ele fizesse coisas horríveis para chamar a polícia. E muitas vezes tínhamos que sair de perto, a minha mãe e o meu irmão e eu. Simplesmente fugíamos.

— Mas o que ele fazia? — perguntei enquanto olhava para ela. Linda já tinha falado sobre o pai antes, mas sempre em termos genéricos, sem quase nenhum detalhe.

— Ah, tudo o que você pode imaginar. Ele podia subir na calha ou se jogar pela janela. Podia ficar violento. Sangue e estilhaços de vidro e violência. Mas nesse ponto a polícia chegava. E aí ficava tudo bem outra vez. Quando ele estava por perto eu esperava uma catástrofe a qualquer instante. Mas quando realmente acontecia eu me mantinha sempre calma. Para mim é quase um alívio quando o pior acontece. Eu *sei* que posso lidar com a situação. O caminho é que é difícil.

Fez-se uma pausa.

— Agora eu me lembrei de uma história! — Linda exclamou. — Foi uma vez que precisamos deixar o meu pai para trás e ir para a casa da minha vó em Norrland. Eu tinha uns cinco anos e o meu irmão uns sete. Quando voltamos para Estocolmo, nosso apartamento estava cheio de gás. Meu pai tinha aberto o registro e deixado o gás ligado por vários dias. A porta foi quase empurrada para fora quando a minha mãe abriu a fechadura. Ela se virou para nós e pediu que o Mathias me levasse até a rua e ficasse lá comigo. Ela esperou até que tivéssemos nos afastado para entrar no apartamento e desligar o gás. Lá embaixo o Mathias disse, eu me lembro como se fosse ontem, você sabe que a mamãe pode morrer agora? Eu sei, respondi, eu sei. Mais tarde nesse mesmo dia eu ouvi a conversa que a minha mãe teve com o meu pai no telefone. Você queria nos matar?, ela perguntou. Não como um exagero, mas como um simples fato. Por acaso você queria nos matar?

Linda sorriu.

— Vai ser difícil bater essa história — Anders disse. Então se virou para Christina. — Agora só falta você. Como são os seus pais? Os dois ainda são vivos, não?

— São — ela respondeu. — Mas estão bem velhos. Eles moram em Uppsala. Fazem parte da Igreja pentecostal. Eu cresci lá e fui criada para sentir culpa em relação a tudo, até pelas coisas mais insignificantes. Mas são boas pessoas e esse é o projeto de vida deles. Sabe o que eles fazem quando a neve derrete e a areia se espalha pelo asfalto depois do inverno?

— Não sei — eu disse, já que ela estava olhando para mim.

— Eles varrem tudo e devolvem para o departamento de manutenção de estradas.

— Sério? — Anders perguntou. — Ha ha ha!

— Eles não bebem nenhum tipo de álcool, claro. Mas o meu pai também não bebe café nem chá. Quando resolve se fazer um mimo de manhã cedo, ele bebe água quente.

— Não acredito — disse Anders.

— Mas é verdade — Geir respondeu. — Ele bebe água quente, e eles devolvem a areia que fica além do portão para o departamento de manutenção de estradas. São pessoas tão boas que é quase insuportável ficar na casa deles. Me ter como genro deve realmente parecer uma provação do demônio.

— E como foi crescer por lá? — Helena perguntou.

— Por muito tempo eu achei que o mundo inteiro era daquele jeito. Todos os meus amigos e todos os amigos dos meus pais faziam parte da Igreja pentecostal. Não existia nada além daquilo. Quando eu rompi com eles, rompi ao mesmo tempo com todos os meus amigos.

— Quantos anos você tinha?

— Doze — Christina disse.

— Doze anos? — Helena perguntou. — De onde você tirou forças? E como teve essa visão?

— Não sei. Eu simplesmente decidi. E foi difícil, muito difícil. Eu perdi todos os meus amigos.

— Aos doze anos de idade? — Linda perguntou.

Christina acenou a cabeça e sorriu.

— E hoje você bebe café pela manhã? — Anders perguntou.

— Bebo — respondeu Christina. — Mas não quando estou lá.

Todos rimos. Eu me levantei e comecei a recolher os pratos. Geir também se levantou, pegou o prato dele e me acompanhou até a cozinha.

— Você mudou de lado, Geir? — Anders gritou enquanto nos afastávamos.

Joguei as cascas dos mexilhões no lixo, enxaguei os pratos e coloquei-os na máquina de lavar. Geir me alcançou o prato dele, deu alguns passos para trás e se escorou na geladeira.

— Fascinante — disse.

— O quê? — perguntei.

— A conversa que tivemos. Ou melhor, o *fato* de que tivemos essa conversa. Peter Handke criou um nome para isso. Se não me engano ele

chama de “Noite de histórias”. De repente tudo se abre e cada um vem com uma história.

— É — eu disse enquanto me virava. — Você está a fim de dar uma volta? Preciso fumar um cigarro.

— Claro — Geir disse.

Quando terminamos de vestir nossos casacos Anders apareceu.

— Vocês vão descer para fumar? Eu vou junto.

Dois minutos mais tarde estávamos no meio da praça, eu com um cigarro aceso entre os dedos, eles dois com as mãos nos bolsos dos sobretudos. Estava frio e o vento soprava forte. Por toda parte estouravam fogos de artifício.

— Eu tinha uma outra história na ponta da língua lá em cima — Anders disse enquanto passava a mão pelos cabelos. — Sobre perder o que você tem. Mas eu achei que seria melhor contar aqui. Aconteceu na Espanha. Eu e um amigo tínhamos um restaurante. Nossa vida era incrível. A gente passava as noites em claro, à base de cocaína e destilados, tomava sol durante o dia e voltava a trabalhar por volta das sete ou oito da noite. Acho que foi a melhor época da minha vida. Eu era totalmente livre. Podia fazer o que eu quisesse.

— E? — Geir perguntou.

— E acabei fazendo talvez um pouco demais o que eu queria. A gente tinha um escritório no andar logo acima do bar, eu estava traçando a mulher do meu amigo, não consegui resistir, ele nos pegou no flagra e tudo foi pelo ralo. Nosso trabalho conjunto acabou por aí. Mas ainda quero voltar. É só uma questão de convencer a Helena.

— Você já pensou que talvez essa não seja uma vida dos sonhos para ela? — eu perguntei.

Anders deu de ombros.

— Mas pelo menos uma casa de verão a gente tem que alugar por lá. Um mês, nós seis juntos. Em Granada ou algo do tipo. O que vocês acham?

— Parece uma boa ideia — respondi.

— Eu não tenho férias — Geir disse.

— Como assim? — Anders perguntou. — Esse ano, você quer dizer?

— Não, nunca. Eu trabalho todos os dias a semana inteira, inclusive aos sábados e domingos, e em todas as semanas do ano, a não ser talvez na semana do Natal.

— Por quê? — Anders perguntou.

Geir riu.

Eu joguei a bagana do meu cigarro no chão e a pisoteei algumas vezes.

— Vamos subir? — sugeri.

A primeira vez que encontrei Anders foi quando ele nos buscou na estação de trem perto de Saltsjöbaden, onde estavam alugando um apartamento, e ao longo do caminho ele começou a falar sobre o desprezo que sentia pela busca por dinheiro e status que ocupava as pessoas da região, o importante na vida eram outras coisas, porém mesmo tendo a impressão de que ele estava falando simplesmente por falar, e que dizia apenas o que nós, como integrantes da “cena cultural”, gostaríamos de ouvir, levei vários meses para entender que na verdade ele queria dizer exatamente o oposto: a *única* coisa com que realmente se importava era dinheiro e a vida que um monte de dinheiro proporciona. Anders era obcecado pela ideia de voltar a ser rico, tudo o que fazia estava relacionado a esse objetivo, e como esse era o jeito de escapar aos olhos da Receita Federal, ele passou a trabalhar no mundo do dinheiro clandestino. Quando Helena o conheceu ele estava metido em negócios suspeitos, mas, depois de lutar contra a paixão e por fim se entregar em grande estilo, ela fez certas exigências, quando pouco depois os dois tiveram um filho, que davam a impressão de tê-lo endireitado um pouco: o dinheiro que Anders ganhava continuava sendo clandestino, mas de certo modo era ao mesmo tempo um dinheiro “limpo”. Eu não sabia exatamente o que ele fazia, a não ser que usava vários contatos da época em que estava por cima para financiar cada vez mais projetos, e que esses projetos, por um ou outro motivo que dizia respeito a ele, duravam apenas poucos meses de cada vez. Ligar para ele era inútil, ele trocava o número do celular o tempo inteiro, e a mesma coisa valia para os carros, os supostos “carros da firma”, que ele trocava a intervalos regulares. Quando fazíamos uma visita, numa tarde podia haver uma enorme televisão de tela plana na parede da sala, ou um laptop novo na escrivaninha do corredor, mas na tarde seguinte tudo podia ter desaparecido. O limite entre o que ele tinha e as coisas de que dispunha era visivelmente fluido, e não havia nenhuma relação clara entre o que fazia e o dinheiro a que tinha acesso. Todo o dinheiro que ele

ganhava, e que na maioria das vezes não era pouco, ele usava para fazer apostas. Anders apostava em qualquer coisa que se mexesse. Como detinha um grande poder de persuasão, ele não tinha nenhuma dificuldade para conseguir dinheiro emprestado, então realmente estava atolado num pântano. Em geral ele guardava tudo para si mesmo, mas de vez em quando essas coisas chegavam à superfície, como na vez em que alguém ligou para Helena e disse que Anders tinha esvaziado o caixa da firma onde tinha ido renegociar contratos, eram setecentas mil coroas, e o caso seria relatado à polícia. Anders nem ergueu a sobrancelha quando foi confrontado; disse que a contabilidade da empresa era muito desorganizada e duvidosa, e que estavam apenas tentando deitar toda a culpa nele. Mesmo que tivesse fugido com o dinheiro e perdido tudo nas apostas, o dinheiro era clandestino e portanto a polícia era a última coisa que todos gostariam de ter por perto, e assim ele estava de certa forma seguro. Provavelmente ele ficava de olho no pessoal que tinha enganado, mas isso não bastava para eliminar completamente os riscos. Helena tinha contado para Linda que uma vez entraram no apartamento deles enquanto os dois estavam fora, provavelmente só para mostrar que podiam. Depois Anders virou sócio de um restaurante chique, mas esse projeto não durou muito tempo no que dizia respeito a ele, depois foi o trabalho com terrenos de construção, depois a negociação de locais exclusivos para um salão de cabeleireiro, e depois a fábrica de bacon que ele precisava salvar da falência. O problema, se é que se podia chamar de problema, era que era impossível não gostar dele. Anders sabia falar com todo tipo de pessoa, o que é um dom raro, e além de tudo era generoso e essa generosidade ficava evidente assim que você o conhecia. E ele também estava sempre alegre. Era ele quem se levantava quando dávamos festas em casa e agradecia aos anfitriões pela comida ou desejava sorte ou o que quer que fosse necessário, e que tinha uma palavra para cada pessoa, independente do quanto ou do quão pouco tivessem em comum com ele, na maioria das vezes Anders sabia fazer com que todos se sentissem bem. Mas nada

parecia calculado, nada parecia ensaiado, e talvez fosse esse o motivo para que eu, apesar de toda aquela hipocrisia, que é um dos raros traços de personalidade que tenho dificuldades para aceitar, mesmo assim gostasse tanto dele. Anders naturalmente estava pouco se lixando para mim, mas quando nos encontrávamos, não era como se fingisse estar interessado, como às vezes percebemos quando a pessoa com quem conversamos age assim por obrigação, e a distância entre o que ela realmente pensa e a maneira como age torna-se visível nos pequenos gestos reveladores e difíceis de controlar, como por exemplo o olhar fugaz rumo a outro ponto da sala, insignificante em si mesmo, mas que quando é seguido por uma espécie de “sobressalto” na atenção, para em seguida voltar-se a você, torna a própria forma visível como forma. O sentimento de estar diante de uma peça de teatro que surge nesses momentos seria fatal para qualquer um que vive à base da confiança alheia. Anders não fazia nenhum “jogo”, esse era o segredo dele. Também não era “sincero”, no sentido de que as coisas que dizia correspondessem ao que pensava, ao que fazia, ao que queria. Mas quem pode se dizer sincero? Existem pessoas que em geral dizem o que pensam sem se adequar à situação em que se encontram, mas são raras, eu mesmo só conheci duas pessoas assim, e o que acontece é que todas as situações sociais em que se envolvem tornam-se extremamente carregadas. Não porque discordam e começam a discutir, mas porque o objetivo da conversa exclui todos os outros objetivos possíveis, e o caráter totalitário desse automatismo aponta sempre de volta para essas mesmas pessoas, que assim ganham uma aura de egoísmo e obstinação totalmente independente da verdadeira natureza delas, que em ambos os casos era, até onde pude ver, uma natureza essencialmente amigável e generosa. O desconforto social que eu despertava era motivado pela causa oposta. Eu sempre deixava a situação decidir, ou porque eu não dizia absolutamente nada, ou porque eu falava simplesmente por falar. Dizer o que os outros querem ouvir não deixa de ser uma forma de mentir. Portanto, a única diferença entre a prática social de Anders e a minha era uma questão de

grau. Mesmo que a dele corresse a confiança e a minha a integridade, o resultado era no fundo o mesmo: uma lenta degradação da alma.

Que Helena, uma pessoa sempre em busca dos aspectos espirituais da vida e sempre disposta a fazer o possível para entender a si mesma, acabasse com um homem que desprezava qualquer valor que não fosse o dinheiro com um sorriso nos lábios era um tanto irônico, mas não incompreensível, porque os dois tinham em comum o mais importante, a leveza e a alegria de viver. E eram um casal bacana. Com os cabelos escuros, o olhar terno e o rosto claro e bem definido, Helena tinha uma aparência marcante, e a essência dela era vitoriosa, a presença, tangível. Helena era uma atriz talentosa. Eu a tinha visto em duas séries de TV, na primeira, uma série policial, ela interpretava uma viúva, e a escuridão que irradiava nesse papel fez com que se transformasse em uma estranha para mim, era como se eu estivesse vendo outra pessoa com o rosto de Helena. Na outra, uma série de humor, ela interpretava uma esposa megera, e mais uma vez tive a mesma impressão, a de uma outra pessoa com o rosto dela.

Anders também era bonito, fazia o estilo garotão, e quanto à aura que irradiava, não era fácil dizer se vinha do brilho no olhar, do corpo esbelto ou talvez do cabelo, que na década de 1950 seria descrito como “juba”, porque não era fácil vê-lo, Anders. Uma vez eu havia topado com ele em Plattan, no centro da cidade, ele estava perto de uma parede, encolhido e muito muito cansado, eu mal o reconheci, mas quando me viu ele se endireitou, se reergueu, por assim dizer, e no instante seguinte se transformou no homem alegre e cheio de energia que eu estava acostumado a ver.

Quando voltamos para dentro do apartamento, Helena, Christina e Linda haviam tirado a mesa e estavam conversando sentadas no sofá. Eu fui até a cozinha para fazer café. Enquanto eu esperava que aprontasse, entrei no cômodo logo ao lado, que estava totalmente vazio e em silêncio,

a não ser pela respiração da filha de Helena e de Anders, que dormia aquecida pelas roupinhas e por um cobertorzinho em cima da nossa cama. Na penumbra, o berço vazio, o trocador e a cômoda com as roupinhas de bebê pareciam quase sinistros. Tudo estava pronto para a chegada do nosso filho. Tínhamos comprado até um pacote de fraldas e o guardado na estante debaixo do trocador, junto com uma pilha de toalhas e panos, e logo acima estava pendurado um móbile com aviõezinhos que se mexiam com o menor sopro de vento. Sinistro porque não havia criança nenhuma, e a linha que separava o que podia ter acontecido do que estava prestes a acontecer era muito tênue nesses assuntos.

Da sala vinham gargalhadas. Fechei a porta atrás de mim, coloquei uma garrafa de conhaque, copos de conhaque, xícaras de café e pires numa bandeja, servi o café numa garrafa térmica e levei tudo para a sala. Christina estava sentada no sofá com um ursinho de pelúcia no colo, ela parecia estar feliz, o rosto parecia mais aberto e mais tranquilo do que de costume, enquanto Linda, ao lado dela, quase não conseguia manter os olhos abertos. Naquela época ela costumava ir para a cama por volta das nove horas. Faltava pouco para a meia-noite. Helena estava escolhendo alguma coisa para ouvir entre as prateleiras de CDs, enquanto Anders e Geir continuavam sentados à mesa conversando sobre os conhecidos envolvidos com o crime. Tudo dava a entender que um verdadeiro zoológico de criminosos tinha passado pelo clube de boxe durante os anos em que Geir frequentava o lugar. Servi a mesa e me sentei.

— Você conheceu o Osman, não conheceu, Karl Ove? — Geir me perguntou.

Fiz um gesto afirmativo com a cabeça.

Uma vez Geir tinha me levado até o alto de Mosebacke para me apresentar a dois boxeadores que conhecia. Um deles, Paolo Roberto, tinha disputado o título mundial, na época era uma celebridade de TV na Suécia e estava treinando para disputar mais uma vez o título e dar a volta por cima. O outro, Osman, era um boxeador do mesmo nível técnico,

porém desconhecido. Junto com eles estava um treinador inglês, que Geir me apresentou com o título de *doctor in boxing*. “*He’s a doctor in boxing!*” Eu apertei a mão deles, não disse muita coisa, mas observei tudo o que acontecia, pois naquela situação tudo era muito diferente das coisas a que eu estava acostumado. Todos estavam muito à vontade, não havia nenhuma tensão no ar, como me ocorreu que eu estava acostumado a sentir o tempo inteiro. Eles comiam panquecas e bebiam café, olhavam para a multidão, apertavam os olhos por conta do sol baixo, porém mesmo assim quente de outono, e falavam sobre os velhos tempos com Geir. Embora o corpo dele estivesse tranquilo como o dos boxeadores, estava também repleto de uma outra energia, mais leve e mais inquieta, quase nervosa, que se mostrava nos olhos, sempre em busca de uma abertura, e na maneira como falava, abundante e excêntrica, mas também calculada, porque estava se adaptando ao mundo e ao jargão do boxe, enquanto os homens simplesmente falavam o que dava na telha. O homem chamado Osman estava usando uma regata, e mesmo que os músculos dos braços fossem bem desenvolvidos, talvez cinco vezes maiores do que os meus, não pareciam desproporcionais, mas esbeltos. Com o tórax era a mesma coisa. Osman parecia ágil e tranquilo, e toda vez que eu deixava o meu olhar cair em cima dele, eu pensava que ele podia me demolir em poucos segundos sem que eu pudesse fazer nada. E o sentimento que tomou conta de mim foi de feminilidade. Era humilhante, mas a humilhação era toda minha, não podia ser vista, tampouco sentida. Mesmo assim era uma humilhação terrível.

— Muito rapidamente — eu disse. — Em Mosebacke, no ano passado. Você mostrou os boxeadores para mim como se fossem dois macacos.

— Acho que os macacos éramos nós dois — Geir respondeu. — Mas, enfim, sabe o Osman? Ele assaltou um carro-forte em Farsta junto com um amigo. O lugar que escolheram ficava a *cinquenta metros* do quartel-general da polícia. Os dois se atrapalharam um pouco já de cara, os seguranças conseguiram disparar o alarme e a polícia chegou em poucos

segundos! Aí eles se jogaram para dentro do carro e fugiram, sem nenhum dinheiro nem nada. Mas a gasolina acabou! Ha ha ha!

— É sério? Parece um filme B de gângsteres.

— Exato! Ha ha ha!

— E o que aconteceu com o Osman? Em geral não se faz vista grossa a tentativas de assalto à mão armada.

— Não foi tão ruim para ele, no fim foi condenado a dois ou três anos, nada mais. Mas o amigo tinha uma ficha bem longa e vai ficar preso por um bom tempo.

— E isso aconteceu agora há pouco?

— Não, não. Faz vários anos. Muito antes que ele começasse a carreira no boxe.

— Ah — eu disse. — Vocês querem um pouco de conhaque?

Tanto Geir quanto Anders acenaram a cabeça. Abri a garrafa e servi os três copos.

— Vocês também querem? — perguntei olhando para o sofá. Cabeças foram balançadas.

— Eu aceito um golinho, por favor — Helena disse. Quando ela veio em nossa direção começou a sair música das caixas de som ridiculamente pequenas atrás dela. Era o disco que Damon Albarn tinha gravado no Mali, que já tínhamos escutado naquela noite e que ela tinha adorado.

— Pegue aqui — eu disse, alcançando-lhe um copo em que o fundo mal estava coberto pelo líquido âmbar. A luz da luminária suspensa acima da mesa fez com que o conhaque brilhasse.

— Mas tem uma coisa que eu gosto muito — Christina disse do sofá. — E é de ser adulta. É muito melhor ter trinta e dois anos do que vinte e dois.

— Você notou que está com um ursinho de pelúcia no colo, Christina? — perguntei. — Parece um pouco contraditório.

Ela riu. Era maravilhoso ver Christina rir. Ela sempre parecia um pouco reservada, não de uma forma sombria, mas como se precisasse concentrar todas as forças para manter tudo, inclusive a si mesma, dentro de uma certa

coerência. Ela era alta e esbelta, andava sempre bem-vestida, claro, de um jeito bem particular, e estava sempre bonita com a pele pálida e as sardas, mas quando essa primeira impressão passava, o que mais chamava atenção e começava a ocupar os pensamentos a respeito dela era esse jeito um pouco severo, ou pelo menos comigo tinha sido assim. Ao mesmo tempo ela também tinha um jeito meio infantil, em especial quando ria ou ficava entusiasmada e a coerência era vencida. Não infantil no sentido de imatura, mas infantil no sentido de brincalhona e solta. Eu tinha percebido essa mesma característica na minha mãe, nas raras vezes em que tinha perdido o controle e feito alguma coisa descontraída no calor do momento, porque também nela a espontaneidade não se deixava separar da vulnerabilidade. Uma vez tínhamos ido jantar na casa de Geir e Christina, Christina como sempre estava investindo todas as forças e toda a concentração no preparo da comida, eu fiquei sozinho na sala, na penumbra em frente às estantes dos livros, e de repente ela entrou para buscar alguma coisa. Ela não sabia que eu estava lá. Com as vozes da cozinha e o murmúrio do exaustor nas costas, ela sorriu para si mesma. Os olhos dela cintilavam. Ah, me senti feliz de vê-los, mas também triste, porque embora nossa visita fosse muito importante para ela, não era para ninguém perceber.

Uma certa manhã na época em que eu estava morando na casa deles, Christina se levantou e começou a lavar louça na cozinha enquanto eu ficava sentado tomando café, mas de repente ela apontou para uma pilha de pratos e pires no armário.

— Quando nós viemos morar juntos eu comprei dezoito peças de cada — ela disse. — Imaginei que faríamos grandes festas aqui em casa. Jantares deliciosos com muitos amigos. Mas nós nunca usamos essa louça. Nem uma única vez!

Geir deu uma gargalhada no quarto. Christina sorriu.

Esses eram Geir e Christina. Eles eram assim.

— Mas eu concordo — eu disse. — Ter vinte anos é um inferno. Pior do que aquilo, só os anos da adolescência. Mas os trinta são bons.

— O que você acha que mudou? — Helena quis saber.

— Quando eu tinha vinte anos, as coisas que eu tinha, ou seja, aquilo que eu era na verdade, ainda era muito pouco. Claro que eu não percebia, porque o que eu tinha na época era tudo que existia. Mas agora que tenho trinta e cinco eu tenho mais. O que eu tinha aos vinte anos continua sendo meu. Mas agora eu me vejo cercado de muito mais coisas. Acho que é mais ou menos assim.

— Essa ideia é bem otimista — Helena comentou. — Achar que as pessoas ficam melhores à medida que envelhecem.

— Você acha? — Geir perguntou. — Quanto mais novo, mais simples a vida, não?

— Pelo menos para mim, não — eu respondi. — Agora as coisas não são mais tão importantes. Antes tudo era importante. Uma bobagem qualquer às vezes parecia a coisa mais importante do mundo! A coisa mais decisiva!

— É verdade — Geir concordou. — Mas eu não diria que é uma ideia otimista, de qualquer maneira. Fatalista, sim.

— O que acontece simplesmente acontece — eu disse. — E agora estamos juntos aqui. Um brinde!

— Um brinde!

— Faltam sete minutos para a meia-noite — Linda disse. — Vamos ligar a TV e assistir à contagem regressiva com Jan Malmsjö?

— O que é isso? — perguntei indo em direção a Linda e estendendo a mão. Ela me segurou e eu a levantei do sofá.

— Ele lê uns poemas. Depois os sinos dobram. É uma tradição sueca.

— Então ligue — eu disse.

Enquanto ela ligava a TV eu me afastei para abrir as janelas. O barulho dos fogos de artifício aumentava a cada minuto, e àquela altura já não havia mais intervalo entre os estouros e estampidos, era como uma muralha de som acima dos telhados. As ruas se enchiam de pessoas. Com

garrafas de champanhe e fogos de artifício nas mãos, grossos sobretudos e casacos por cima das roupas de festa. Nenhuma criança, somente adultos bêbados e alegres.

Linda pegou a última champanhe, abriu-a e encheu as taças até que a espuma chegasse à borda. Com as taças na mão, postamo-nos de pé em frente à janela. Eu olhei para os nossos amigos. Estavam todos alegres, animados, conversando, apontando, brindando.

Da rua vinha o barulho de sirenes.

— Ou é uma guerra, ou então 2004 começou — Geir disse.

Puxei Linda mais para perto e dei-lhe um abraço. Olhamos nos olhos um do outro.

— Feliz Ano-Novo — eu disse, e então a beijei.

— Feliz Ano-Novo, meu príncipe amado — ela disse. — Esse foi o nosso ano.

— É, foi mesmo — eu respondi.

Quando todos os abraços e votos de felicidades terminaram e as pessoas que estavam na rua começaram a se recolher, Anders e Helena apareceram com a lanterna chinesa. Nos vestimos e descemos até o quintal. Anders acendeu uma espécie de pavio, a lanterna aos poucos se encheu de ar quente e, quando ele por fim a soltou, começou a subir ao longo da parede do prédio, brilhando e sem fazer nenhum som. Nós a acompanhamos com os olhos até que tivesse desaparecido em meio aos telhados de Östermalm. Entramos e nos sentamos mais uma vez ao redor da mesa. Nesse ponto a conversa tornou-se mais espalhada e menos concentrada, mas de vez em quando se reencontrava em um determinado ponto, como por exemplo quando Linda contou sobre a festa da alta sociedade em que tinha estado certa vez durante a época do ginásio, em uma casa com piscina, e nos fundos havia uma enorme parede de vidro, então ela contou que a certa altura da noite eles começaram a tomar banho na piscina, e que ela tinha saltado de cima da parede, que no mesmo instante virou e se quebrou em um milhão de caquinhos tilintantes.

— Eu nunca vou esquecer aquele barulho — ela disse.

Anders contou sobre uma viagem que tinha feito aos Alpes, ele estava andando de esqui fora da pista e de repente o chão se abriu debaixo dele. Com os esquis ainda nos pés ele caiu em uma rachadura na geleira, com uns seis metros de profundidade, e desmaiou. Tiveram que buscá-lo de helicóptero. Anders tinha quebrado a coluna e corria o risco de ficar paraplégico, foi operado assim que deu entrada no hospital e passou semanas na internação enquanto o pai dele, segundo nos disse, de vez em quando passava um tempo sentado ao lado da cama, como num sonho, cheirando a bebida.

Nesse ponto ele ficou de pé no meio da sala, se inclinou para frente e levantou a camiseta, para que pudéssemos ver a longa cicatriz da operação.

Comecei a contar sobre a vez em que eu tinha dezessete anos e o nosso carro derrapou a cem por hora no meio de Telemark, bateu de raspão num poste, voou até o outro lado da estrada e caiu numa vala, sem que ninguém se machucasse por absoluto milagre, porque o carro sofreu perda total. Sobre como o pior não tinha sido o acidente, mas o frio, fazia vinte graus negativos, no meio da noite, estávamos todos de camiseta e jaqueta e tênis de corrida, tínhamos ido ao show do Imperiet, e ficamos lá por horas sem conseguir uma carona.

Servi conhaque para Anders, para Geir e para mim, Linda bocejou e Helena tinha começado a contar uma história de Los Angeles quando um alarme de repente começou a tocar no prédio.

— Que merda é essa? — Anders perguntou. — É o alarme de incêndio?

— É a noite de Ano-Novo! — Geir exclamou.

— Será que temos que sair do prédio? — Linda perguntou enquanto se endireitava um pouco no sofá.

— Vou dar uma olhada primeiro — eu respondi.

— Eu vou junto — disse Geir.

Saímos para o corredor. Não havia nenhuma fumaça. O alarme vinha do primeiro andar, então descemos as escadas correndo. A luz do elevador

estava piscando. Eu me inclinei para frente e olhei pela janelinha da porta. Tinha alguém caído lá dentro. Abri a porta. Era a russa. Ela estava deitada de costas, com um dos pés apoiados na parede. Estava com uma roupa de festa, um vestido preto com um enfeite que parecia de lantejoulas no peito, meias cor de pele e sapatos de salto alto. Ela riu ao nos ver. Por reflexo eu olhei para as coxas dela, a calcinha preta entre as duas, antes de fixar meu olhar no rosto.

— Eu não consigo ficar de pé! — ela disse.

— Nós vamos ajudar você — eu a tranquilizei. Peguei um dos braços e ajudei-a a sentar. Geir segurou-a pelo outro lado e juntos conseguimos pô-la de pé. Ela ria o tempo inteiro. O cheiro de perfume e álcool era forte no interior da pequena cabine.

— Muito obrigada — ela disse. — Muito obrigada mesmo.

Ela segurou as minhas mãos, se inclinou para frente e beijou-as, primeiro uma, depois a outra. Em seguida olhou para mim.

— Ah, como você é bonito! — ela disse.

— Venha, agora nós vamos ajudar você a subir — eu disse. Apertei o botão e fechei a porta. Geir tinha um sorriso de orelha a orelha enquanto olhava ora para a russa, ora para mim. Quando o elevador começou a subir ela se escorou em mim.

— Pronto — eu disse. — Chegamos. Você tem a chave?

Ela olhou para a minúscula bolsa que trazia pendurada no ombro, cambaleando de um lado para o outro como uma árvore ao vento enquanto os dedos vasculhavam lá dentro.

— Achei! — ela disse em tom triunfal quando pegou o molho de chaves.

Geir segurou-a pelo ombro quando ela praticamente caiu para frente com a chave apontada em direção à fechadura.

— Dê mais um passo à frente — ele pediu. — Vai ficar mais fácil.

A russa fez como ele pediu. Depois de algumas tentativas atrapalhadas ela conseguiu enfiar a chave na fechadura.

— Muito obrigada! — ela repetiu. — Vocês dois são anjos que vieram me ajudar hoje à noite.

— Não há de quê — disse Geir. — Tudo de bom para você.

Enquanto subíamos as escadas de volta até o apartamento Geir me lançou um olhar curioso.

— Essa é a vizinha louca de vocês? — ele perguntou.

Acenei a cabeça.

— Ela é prostituta, não?

Balancei a cabeça.

— Não que eu saiba — respondi.

— Mas ela deve ser, dá para notar. Ela não teria condições para morar aqui de outra forma. E aquela aura... Mas ela não parece idiota, certo?

— Já chega — eu disse, abrindo a porta do apartamento. — Ela é uma mulher como qualquer outra. A única diferença é que ela é infeliz, alcoólatra e russa. Com um sério problema de autocontrole.

— É, não há dúvida — Geir disse com uma risada.

— O que houve? — Helena perguntou da sala.

— Foi a nossa vizinha russa — eu respondi enquanto me aproximava delas. — Ela caiu no elevador e estava tão bêbada que não conseguia se levantar. Tivemos que ajudá-la a entrar no apartamento.

— Ela beijou as mãos do Karl Ove — disse Geir. — Ah, como você é bonito!, ela disse.

Todos riram.

— E ainda por cima depois de ter me xingado não sei quantas vezes — eu disse. — E de quase ter nos enlouquecido.

— É um pesadelo — Linda disse. — Essa mulher é totalmente descontrolada. Quando a encontro na escada chego quase a sentir medo de que ela possa sacar uma faca e me apunhalar. Ela me olha com ódio, sabe? Ódio profundo.

— O tempo dela está contado — disse Geir. — E vocês de repente aparecem com uma barriga enorme e uma felicidade iminente...

— Você acha mesmo? — perguntei.

— Claro — Linda respondeu. — A gente devia ter sido um pouco mais discreto logo ao chegar. Mas demos abertura para ela. Agora essa mulher está obcecada por nós.

— É, é verdade — eu disse. — Alguém ainda aguenta uma sobremesa? A Linda preparou o famoso tiramisu dela.

— Ah! — Helena exclamou.

— Se o meu tiramisu é famoso é porque é a única coisa que eu sei fazer — defendeu-se Linda.

Busquei a sobremesa e o café e mais uma vez nos sentamos à mesa. Assim que terminamos de nos servir a música começou no apartamento de baixo.

— É assim que as coisas são por aqui — eu disse.

— E vocês não conseguem despejá-la? — Anders perguntou. — Se vocês quiserem eu posso dar um jeito.

— Que jeito? — Helena perguntou.

— Eu tenho os meus métodos — Anders disse.

— Ah, é? — Helena indagou.

— Chame a polícia — Geir sugeriu. — Assim ela vai ver que vocês não estão brincando.

— Você está falando sério? — perguntei.

— Claro. Se vocês não tomarem uma medida drástica, tudo vai continuar como está.

No instante seguinte a música parou tão de repente quanto havia começado. Ouvimos a porta bater no andar de baixo. Em seguida o estalo dos saltos nos degraus.

— Será que ela está vindo para cá? — perguntei.

Todos ficaram escutando em silêncio. Mas os passos não se detiveram em frente à nossa porta e começaram a subir mais um lance de degraus. Pouco tempo depois ela deu meia-volta e o som desapareceu nos andares mais baixos. Fui até a janela e olhei para baixo. Usando apenas o vestido e

com apenas um pé calçado, a russa saiu cambaleando em direção à rua coberta de neve. Ela acenou com uma das mãos, era um táxi que se aproximava. O carro encostou e ela entrou.

— Ela desceu para pegar um táxi — eu disse. — Com sapato num pé só. Não há como negar que ela tem muita força de vontade.

Me sentei e a conversa tomou outros rumos. Às duas horas Anders e Helena resolveram ir embora, vestiram os grossos casacos de inverno, nos abraçaram e saíram noite afora, Anders com a filha adormecida nos braços. Geir e Christina foram embora cerca de meia hora depois, Geir depois de ter voltado com um sapato de salto alto na mão.

— É como a história da Cinderela — ele disse. — O que vou fazer com isso?

— Deixe em frente à porta dela — respondi. — E agora trate de ir, nós vamos nos deitar.

Quando entrei no quarto, depois de ter recolhido a louça e ligado a máquina de lavar, Linda estava dormindo. Mas não era um sono muito profundo, porque ela abriu os olhos e sorriu para mim enquanto eu tirava a roupa.

— Estava bom, não? — perguntei.

— Bem bom — ela respondeu.

— Você acha que o pessoal também gostou? — perguntei enquanto eu me deitava e me aconchegava junto ao corpo dela.

— Acho que gostou, sim. Você não?

— Claro, eu também acho. Acho mesmo. Eu pelo menos me diverti bastante.

A claridade da iluminação pública fazia o chão do quarto cintilar. Nunca ficava totalmente escuro lá dentro. E o silêncio nunca era total. Da rua ainda vinha o barulho de fogos de artifício que estouravam, de vozes que se erguiam e silenciavam, de carros que passavam com frequência cada vez maior à medida que a noite de Ano-Novo se aproximava do fim.

— Mas estou começando a ficar realmente preocupada com a nossa vizinha — Linda disse. — Não me sinto bem com ela aqui.

— Não — concordei. — Mas também não podemos fazer grande coisa a respeito.

— Não.

— O Geir acha que ela é prostituta — eu disse.

— Isso é óbvio — Linda respondeu. — Ela trabalha para uma dessas firmas de acompanhantes.

— Como você sabe?

— Qualquer um percebe.

— Eu não — respondi. — Essa ideia não me ocorreria nem daqui a um bilhão de anos.

— Porque você é muito ingênuo — Linda disse.

— Pode ser.

— Com certeza.

Ela sorriu, se inclinou para frente e me deu um beijo.

— Boa noite — disse ela.

— Boa noite — disse eu.

Para mim era difícil conceber que naquele instante estávamos em três na cama. Mas era isso mesmo. O bebê na barriga de Linda estava totalmente desenvolvido; a única coisa que o separava de nós era uma fina camada de pele e carne. O bebê podia nascer a qualquer momento, e essa ideia ocupava todos os pensamentos de Linda. Ela não começava a fazer nada novo e mal saía de casa, mas se mantinha em repouso, cuidando de si mesma e do próprio corpo com longos banhos, filmes e cochilos. O estado em que se encontrava era quase onírico, mas a preocupação não a havia deixado por completo. Nesse ponto o que mais a deixava insegura era o meu papel. No curso para futuros pais tinham nos dito que a química entre a mãe e a parteira era importante, e que se por acaso as duas não se

acertassem, se por acaso surgissem desentendimentos, era importante avisar com a maior antecedência possível, para que uma parteira mais adequada pudesse assumir. Depois nos disseram que o papel do homem no nascimento era sobretudo o de um comunicador; ele conhecia a esposa melhor do que ninguém e sabia dizer como ela preferia que tudo acontecesse, e, como a mulher já tinha bastante com que se ocupar, era o homem quem devia transmitir essas mensagens para as parteiras. Era nesse ponto que eu entrava. Eu falava norueguês, será que as parteiras e enfermeiras iam me entender? E, o pior de tudo, eu fugia dos conflitos e sempre levava em conta todos os envolvidos numa situação qualquer, será que eu conseguiria recusar uma parteira horrível e pedir uma substituição, tendo em vista o número de pessoas que sairiam magoadas deste processo?

Relaxe, relaxe, vai dar tudo certo, eu dizia para mim mesmo, não fique pensando a respeito disso, as coisas vão se ajeitar, mas Linda não conseguia se tranquilizar, eu tinha virado o próprio motivo daquela insegurança. Será que eu conseguiria sequer chamar um táxi quando o momento chegasse?

Não ajudava nem um pouco que essa apreensão tivesse fundamento. Qualquer forma de pressão acabava comigo. Eu queria agradar a todos, mas de vez em quando surgia uma situação em que era necessário tomar uma decisão e agir, e nesses casos eu sofria com todas as dores do mundo, era uma das piores coisas que podiam acontecer comigo. Naquele ponto eu tinha vivenciado uma série de situações assim em pouco tempo, e Linda tinha sido testemunha. O episódio com a porta trancada, o episódio com o barco, o episódio com a minha mãe. Que eu, para reparar todas essas situações, tivesse agido aquela manhã na estação de metrô, quando apartei a briga entre os dois homens, não ajudava em nada, afinal que poder de decisão eu tinha naquela hora? Além do mais, eu sabia muito bem que para mim seria mais difícil mostrar a uma parteira o caminho da porta do que ser esfaqueado em uma estação de metrô.

Então, num fim de tarde a caminho de casa, assim que larguei a bolsa com o meu computador e duas sacolas de compras para apertar o botão do elevador que subia até a Malmskillnadsgatan, conferi por acaso o meu celular e descobri oito ligações perdidas de Linda. Como eu estava muito perto de casa, não liguei de volta. Fiquei esperando pelo elevador que deslizava infinitamente devagar para baixo. Me virei e olhei para o rosto de um morador de rua que estava cochilando junto à parede num saco de dormir. Ele era magro e tinha a pele do rosto manchada. Não havia nenhuma curiosidade naquele olhar, mas também não parecia apático. Simplesmente me registrou. Tomado pelo desconforto que aquela cena e as ligações de Linda tinham causado, permaneci imóvel na cabine do elevador enquanto eu subia devagar pelo fosso. Assim que a cabine parou, abri a porta e saí correndo pela calçada, descendo a David Bagares Gata, atravessando o portão e subindo as escadas.

— Olá? — gritei. — Aconteceu alguma coisa?

Nenhuma resposta.

Com certeza ela não teria ido sozinha para o hospital?

— Olá? — gritei mais uma vez. — Linda?

Tirei as botas e entrei na cozinha, espiei pela porta do quarto. Não havia ninguém. Percebi que eu ainda estava com as sacolas de compras nas mãos, larguei-as no balcão da cozinha antes de atravessar o quarto e abrir a porta da sala.

Linda estava no meio da peça, me encarando.

— O que foi? — perguntei. — Aconteceu alguma coisa?

Ela não respondeu. Cheguei mais perto.

— Linda, o que houve?

Ela tinha o olhar preto.

— Eu não senti nada durante o dia inteiro — ela disse. — Estou com a impressão de que tem alguma coisa errada. Eu não sinto nada.

Pousei a mão no ombro dela. Linda se afastou.

— Está tudo bem — eu disse. — Tenho certeza.

— BEM O CARALHO! — ela gritou. — Será que você não percebe nada mesmo? Você não percebe o que aconteceu?

Tentei abraçá-la de novo, mas Linda se afastou mais uma vez.

Então começou a chorar.

— Linda, Linda — eu disse.

— Você não percebe o que aconteceu? — ela repetiu.

— Está tudo bem — eu disse. — Tenho certeza.

Eu esperava mais um grito. Em vez disso, Linda baixou as mãos e olhou para mim com os olhos cheios de lágrimas.

— Como você pode ter certeza?

Não respondi de imediato. O olhar dela, fixo em mim, era como uma acusação.

— O que você quer que a gente faça agora? — perguntei.

— Temos que ir para o hospital.

— Hospital? — eu repeti. — Mas *tudo* está como devia estar. Os bebês se mexem cada vez menos à medida que o parto se aproxima. Venha. Está tudo bem. É só um...

Somente naquele instante, quando percebi o olhar desvairado, compreendi que podia ser de fato sério.

— Vista-se — eu disse. — Vou chamar um táxi.

— Primeiro ligue e diga que estamos a caminho — ela pediu.

Balancei a cabeça e fui até o parapeito, onde o telefone ficava.

— Vamos direto para lá — eu disse enquanto discava o número da central de táxi. — Não nos atender quando a gente chegar.

Enquanto não atendiam eu a segui com os olhos. Vi como, devagar e por assim dizer ausente naqueles movimentos, Linda vestiu a jaqueta, enrolou o cachecol ao redor do pescoço e colocou primeiro um pé e depois o outro em cima do baú para amarrar os sapatos. Com a sala escura ao fundo, todos os detalhes se revelavam no corredor em que ela se vestia. As lágrimas continuavam a correr pelo rosto dela.

O telefone chamava e chamava sem que ninguém atendesse.

Nesse ponto era ela quem estava parada olhando para mim.

— Ainda não atenderam — eu disse.

Então o telefone parou de chamar.

— Stockholm Taxi — disse uma voz de mulher.

— Olá, eu preciso de um táxi na Regeringsgatan, 81.

— Certo... E para onde você gostaria de ir?

— Para o Danderyd Sykehus.

— Certo.

— Em quanto tempo o táxi deve chegar?

— Por volta de uns quinze minutos.

— Não podemos esperar — eu disse. — A minha esposa está em trabalho de parto. Precisamos de um táxi imediatamente.

— A sua esposa está em trabalho de quê?

— De parto.

Notei que tinha sido a palavra norueguesa para “parto” o que a mulher não tinha entendido. Poucos segundos depois me lembrei da palavra sueca.

— *Förlossning* — eu disse enfim. — Precisamos de um táxi agora mesmo.

— Vou ver o que posso fazer — ela disse. — Mas não posso prometer nada.

— Obrigado — eu disse, então desliguei, conferi o bolso interno da jaqueta para ver se o cartão estava lá, tranquei a porta e saí com Linda para o corredor. Ela não olhou para mim uma única vez enquanto descíamos as escadas.

Na rua ainda estava nevando.

— O táxi está vindo agora mesmo? — perguntou Linda quando chegamos à calçada.

Acenei a cabeça.

— O mais rápido possível, disseram.

Mesmo que o tráfego fosse intenso, vi o táxi chegando ao longe. Ele vinha depressa. Fiz um sinal com a mão e o carro reduziu a velocidade e parou à nossa frente. Me inclinei para abrir a porta, deixei que Linda entrasse primeiro e entrei logo depois.

O taxista se virou.

— Estamos com pressa? — perguntou.

— Não como você está pensando — eu disse. — Mas vamos para o Danderyd.

Ele arrancou e começou a descer em direção à Birger Jarlsgatan. Permanecemos em silêncio no banco de trás. Eu segurei as mãos de Linda. Por sorte ela me deixou fazer aquilo. A luz da iluminação pública acima de nós deslizava como uma esteira por cima dos carros. O rádio tocava “I won’t let the sun go down on you”.

— Não tenha medo — eu disse. — Tudo está como devia estar.

Linda não respondeu. Subimos por uma inclinação suave na encosta de um morro. Em meio às árvores de ambos os lados da estrada havia casas. Os telhados estavam brancos de neve, os degraus da entrada, amarelos de luz. Um que outro trenó cor de laranja, um que outro carro escuro e caro. Então dobramos à direita e seguimos pela mesma estrada por onde havíamos chegado em direção ao hospital, que por conta das janelas iluminadas parecia uma enorme caixa cheia de aberturas. Montes de neve se erguiam ao redor dos prédios.

— Você sabe onde fica? — eu perguntei. — O setor de *förlossning*?

O taxista fez um gesto afirmativo com a cabeça e apontou para uma placa onde estava escrito “BB Stockholm”.

— É para lá que vocês vão — ele disse.

Um outro táxi esperava com o motor ligado quando chegamos à entrada. Nosso taxista parou logo atrás, eu alcancei o meu Visa para ele e saí, peguei a mão de Linda e a ajudei a se levantar enquanto outro casal desaparecia porta adentro, o homem com um bebê-conforto e uma bolsa enorme.

Assinei o canhoto, guardei a nota fiscal junto com o cartão no bolso interno e segui atrás de Linda rumo ao interior do prédio.

O outro casal aguardava em frente à porta do elevador. Paramos alguns metros atrás deles. Eu afagava as costas de Linda com a mão. Ela chorava.

— Não era assim que eu tinha imaginado — ela disse.

— Está tudo bem — eu respondi.

O elevador chegou e entramos depois do outro casal. A mulher de repente se encolheu, apertou com força o corrimão debaixo do espelho. O homem continuou olhando para o chão com as mãos ocupadas.

Foram eles que tocaram a sineta quando chegamos. A enfermeira que apareceu trocou algumas palavras com eles primeiro e nos disse que mandaria uma outra enfermeira nos atender antes de acompanhá-los pelo corredor.

Linda sentou-se numa cadeira. Eu fiquei de pé olhando para o corredor. A luz era discreta. No teto em frente a cada quarto havia uma espécie de placa. Algumas estavam iluminadas de vermelho. Toda vez que uma nova placa se acendia soava um sinal, também discreto, mas com o timbre inconfundível de uma instituição. De vez em quando uma enfermeira aparecia indo de um quarto para outro. No fim do corredor um pai embalava um cobertor enrolado. Parecia estar cantando.

— Por que você não disse que temos pressa? — Linda me perguntou. — Eu não posso ficar aqui sentada!

Não respondi.

Eu estava completamente vazio.

Linda se levantou.

— Eu vou entrar — disse.

— Espere um pouco — eu pedi. — Já sabem que estamos aqui.

Não adiantou tentar pará-la, então quando ela começou a andar pelo corredor eu fui atrás.

Uma enfermeira saiu do escritório e parou na nossa frente.

— Vocês já foram atendidos? — ela perguntou.

— Não — disse Linda. — Era para ter vindo alguém. Mas ninguém veio ainda.

A enfermeira encarou Linda por cima dos óculos.

— Eu não senti nenhum movimento hoje o dia inteiro — Linda explicou. — Nada.

— E você ficou preocupada — a enfermeira disse.

Linda acenou a cabeça.

A enfermeira se virou e olhou em direção ao corredor.

— Entre naquela sala ali — ela disse. — Está vazia. Logo alguém vai aparecer para ajudar você.

A sala era tão estranha que a única coisa que eu via era nós dois. Cada movimento de Linda naquela sala ficou gravado em mim.

Ela tirou a jaqueta e a pendurou no encosto de uma cadeira, sentou-se num sofá. Fui até a janela, olhei em direção à estrada, ao fluxo de carros que passava lá embaixo. A neve caía como pequenas sombras indefinidas do outro lado da janela, que se tornavam visíveis apenas quando os flocos adentravam o círculo de luz formado pelas lâmpadas do estacionamento.

Havia uma cadeira ginecológica junto a uma das paredes. Ao lado, vários instrumentos empilhados uns em cima dos outros em um rack. Havia um CD player numa prateleira do outro lado da sala.

— Você está ouvindo? — Linda perguntou.

Um uivo baixo e abafado veio do outro lado da parede.

Eu me virei e olhei para ela.

— Não chore, Karl Ove — ela pediu.

— Não sei o que posso fazer — eu desabafei.

— Está tudo bem — Linda disse.

— Agora *você vai me consolar?* — perguntei. — *Como vai ser?*

Ela sorriu.

Em seguida tudo voltou a ficar em silêncio.

Passados alguns minutos alguém bateu na porta, uma enfermeira entrou, pediu a Linda que se deitasse na cama e descobrisse a barriga,

auscultou-a com um estetoscópio, sorriu.

— Está tudo certo por aqui — ela disse. — Mas podemos fazer um ultrassom para tirar qualquer dúvida.

Quando saímos do hospital meia hora depois, Linda estava aliviada e feliz. Eu estava completamente exausto, e também um pouco constrangido por termos incomodado as enfermeiras sem necessidade. A dizer pelo movimento de pessoas que entravam e saíam, a equipe já estava com as mãos cheias.

Por que sempre acreditamos que o pior aconteceu?

Por outro lado, pensei quando eu estava deitado ao lado de Linda na cama, com a mão na barriga dela, onde o bebê tinha crescido tanto que mal tinha espaço para si, na verdade o pior podia ter acontecido, a vida podia ter se interrompido lá dentro, porque essas coisas acontecem, e se a possibilidade existisse, por menor que fosse, o certo não seria levá-la a sério e não deixar que um simples *constrangimento* me impedisse de agir? Não deixar que o temor de incomodar as outras pessoas me impedisse de agir?

No dia seguinte voltei ao escritório para continuar escrevendo a história sobre Ezequiel, que eu tinha começado para de um jeito ou de outro transformar o material sobre os anjos em uma história, conforme Thure Erik tinha pedido que eu fizesse, e não apenas em uma análise ensaística dos anjos como fenômeno. As visões de Ezequiel eram grandiosas e enigmáticas, e a oferta feita por Deus para que comesse o rolo de pergaminho para assim transformar as palavras em carne e sangue era simplesmente irresistível. Ao mesmo tempo, o próprio Ezequiel se revelava na escrita, o profeta louco das visões apocalípticas, rodeado por um cotidiano pobre e tudo o que trazia consigo de ceticismo e oscilações bruscas no interior das visões, onde os anjos queimam e os homens são abatidos, e o exterior das visões, onde Ezequiel está com o tijolo que representa Jerusalém e faz desenhos que representam exércitos, fortalezas e

muralhas, tudo por ordem de Deus, em frente à casa onde mora, perante os olhos dos homens da cidade. Os detalhes concretos acerca da ressurreição: “Ossos secos, ouvi a palavra do Senhor. Assim diz o Senhor Deus a estes ossos: Eis que vou fazer entrar em vós o fôlego da vida, e vivereis. E porei nervos sobre vós, e farei crescer carne sobre vós, e sobre vós estenderei pele”. E quando tudo está completo: “E se puseram em pé, um exército grande em extremo”.

O exército dos mortos.

Era isso que fazia, era esse o material que eu tentava moldar, porém sem conseguir, os elementos cênicos eram parques, sandálias, camelos e areia, grosso modo nada mais, talvez um ou outro arbusto mirrado, e o meu conhecimento a respeito dessa cultura era quase nulo, enquanto Linda me esperava em casa, ocupada de uma forma totalmente outra com o que estava prestes a acontecer. A data para o parto passou, nada aconteceu, eu ligava para ela mais ou menos de hora em hora, mas não, não havia nenhuma novidade. Não falávamos sobre outra coisa. Então, uma semana após a data prevista, no fim de janeiro, enquanto assistíamos TV, a bolsa se rompeu. Eu sempre tinha imaginado que fosse violento, como um dique que cede, mas não, pelo contrário, saiu tão pouca água que Linda nem tinha certeza se tinha acontecido mesmo. Ela telefonou para o hospital, as enfermeiras foram céticas, em geral não havia dúvida nenhuma quando a bolsa estourava, mas no fim disseram para a gente ir até lá, pegamos a bolsa, entramos num táxi e fomos até o hospital, que brilhava em meio aos grandes montes de neve como da última vez. Linda foi examinada na cadeira ginecológica, eu olhei para fora da janela, para a estrada e para os carros que passavam e para o céu cor de laranja acima deles. Um gritinho de Linda fez com que eu virasse a cabeça. Era a água da bolsa terminando de escorrer.

Como não tinha acontecido mais nada, e as contrações também não tinham começado, nos mandaram para casa. Se a situação continuasse a mesma nos dois dias a seguir, o parto seria induzido. Assim pelo menos ganhamos um prazo com o qual podíamos contar. Linda estava muito cheia de expectativa para conseguir dormir quando voltamos para casa, eu dormi como uma pedra. No dia seguinte assistimos a dois ou três filmes, demos um longo passeio por Humlegården, tiramos fotos nossas, eu com a câmera na mão e o braço estendido, os nossos rostos radiantes colados um no outro, o parque ao fundo branco de neve. Esquentamos um dos vários pratos que a mãe de Linda tinha deixado na geladeira para que comêssemos durante as primeiras semanas, e depois que terminamos, enquanto eu preparava o café, ouvi de repente um longo gemido na sala. Fui depressa até lá e encontrei Linda inclinada para frente, segurando a barriga com as duas mãos. Ahhh, ela dizia. Mas o rosto estava voltado para mim, sorrindo.

Devagar ela endireitou as costas.

— Agora é para valer — ela disse. — Você pode anotar a hora, para a gente controlar o intervalo entre as contrações?

— Doeu? — perguntei.

— Um pouco — ela disse. — Mas nada de mais.

Busquei um caderno e uma caneta. Eram cinco e pouco. As próximas contrações vieram exatamente vinte e três minutos depois. Depois passou mais de meia hora até que viessem as próximas. E assim continuou até de noite, o intervalo entre as contrações variava, mas a dor, conforme ficou claro, aumentava. Depois que nos deitamos por volta das onze horas, Linda gritava quando as contrações voltavam. Eu estava deitado ao lado dela e queria ajudar, mas não sabia como. Ela tinha ganhado da parteira um aparelho chamado TENS, que servia para aliviar a dor e consistia em placas condutoras de eletricidade que deviam ser aplicadas à pele no local que doía, essas placas eram ligadas a um aparelho que servia para regular a potência, e por um tempo ficamos mexendo com aquilo, uma confusão de

fios e botões que eu tentava operar, porém sem nenhum resultado além de dar choques em Linda e fazê-la gritar em meio à dor e à raiva, desligue essa merda! Não, não, eu disse, vamos tentar mais uma vez, assim, agora eu acho que vai dar. Puta que pariu!, ela gritou. Eu estou tomando choques, você não percebeu? Tire essa coisa de mim! Desisti do aparelho, em vez disso tentei fazer massagem nela, esfreguei minhas mãos com o óleo que eu tinha comprado para esse fim, mas eu não acertava nunca, ou massageava muito para cima ou muito para baixo ou muito fraco ou muito forte. Uma das coisas que tinha deixado Linda entusiasmada em relação ao parto era a grande banheira da maternidade, que quando cheia de água morna ajudaria a aliviar as dores até que o parto começasse de verdade, mas como a bolsa já tinha se rompido ela não podia mais entrar, nem usar a banheira de casa. Então ela se levantou e tomou um banho com água fervendo enquanto gemia e resmungava toda vez que uma nova onda de dor varava-lhe o corpo. Quanto a mim, fiquei lá, morto de cansaço naquela luz forte, vendo Linda sentada, sem chance de alcançar o mundo onde ela estava, e muito menos de ajudar. Quando conseguimos pegar no sono o dia já estava raiando, e poucas horas depois decidimos ir para o hospital, mesmo que ainda faltassem seis horas para o nosso horário e que tivessem nos dito com todas as letras que não era para aparecermos antes a não ser que o intervalo entre as contrações estivesse na casa dos três ou quatro minutos. As contrações de Linda vinham mais ou menos de quinze em quinze minutos, mas ela sentia tanta dor que não havia como lembrá-la dessa condição. Mais um táxi, dessa vez na luz cinzenta do amanhecer, mais um passeio na estrada até o Danderyd. Quando Linda foi examinada, disseram que a dilatação era de apenas três centímetros, não era muito, pelo que eu entendi, e fiquei surpreso, porque depois de tudo aquilo pelo que Linda tinha passado eu imaginei que logo aquilo chegaria ao fim. Mas não, muito pelo contrário, na verdade quase nos mandaram voltar para casa, mas como por acaso havia um quarto vago e devíamos parecer

exaustos e sem forças para mais nada nos deixaram ficar. Tratem de dormir um pouco, disseram antes de fechar a porta.

— Enfim estamos aqui — eu disse enquanto largava a bolsa no chão. — Você está com fome, quer comer alguma coisa?

Linda balançou a cabeça.

— Eu tinha pensado em tomar um banho. Você quer vir comigo?

Acenei a cabeça.

Enquanto nos abraçávamos debaixo do chuveiro vieram novas contrações, Linda se inclinou para frente e se agarrou ao corrimão da parede enquanto o barulho que eu tinha ouvido na noite anterior saiu dela mais uma vez. Passei a mão nas costas dela, mas o gesto parecia mais uma zombaria do que um consolo. Linda se endireitou e eu olhei para o rosto dela no espelho. Nossos rostos davam a impressão de estar drenados de tudo, pareciam totalmente vazios, e eu pensei: estamos sozinhos nessa.

Voltamos para o quarto, Linda vestiu as roupas que haviam trazido, eu me deitei no sofá. No instante seguinte eu estava dormindo um sono profundo.

Horas depois uma pequena delegação entrou no quarto, e o trabalho de parto começou de verdade. Linda não queria anestésicos químicos, então recebeu o que chamam de injeções de água estéril, ou seja, injeções subcutâneas de água, que funcionam segundo o princípio de que uma dor ajuda a combater a outra. Ela estava no meio do quarto e segurou a minha mão quando as duas enfermeiras deram a primeira injeção. Ela gritou e berrou JÄVLAR! com todas as forças enquanto por instinto tentava se afastar, e as duas enfermeiras experientes a seguraram com força. Meus olhos se encheram de lágrimas ao vê-la sentir tanta dor. Ao mesmo tempo eu pressentia que aquilo não era nada, que o pior ainda estava por vir. E como seria, com a baixa tolerância à dor que Linda tinha demonstrado?

Vestida com o avental branco, ela estava sentada na cama enquanto as enfermeiras espetavam a agulha com soro no braço, que a partir daquele instante estava ligada por uma fina mangueira a uma bolsa transparente num suporte de metal. Por causa do soro as enfermeiras queriam observar o feto muito de perto, segundo nos disseram, então prenderam uma espécie de sonda na cabeça dele, com um fio que saía de dentro de Linda, passava pela cama e ia até um aparelho logo ao lado, onde no instante seguinte um número começou a piscar. Era o pulso do feto. Como se não bastasse, colocaram uma cinta em volta de Linda, na qual havia sensores que por meio de outro fio estavam ligados a outro monitor. Nele um número também piscava, e logo acima havia uma linha eletrônica ondulante que se ergueu de repente quando as contrações começaram. Deste mesmo aparelho saía também um papel com o gráfico desenhado.

Era como se estivessem prestes a lançá-la em direção à lua.

Quando a sonda foi colocada na cabeça do feto Linda gritou mais uma vez, e a parteira acariciou o rosto dela. Por que a estavam tratando como se fosse uma criança?, pensei no meu desassossego enquanto eu permanecia de pé olhando para tudo o que de repente tinha começado a acontecer ao meu redor. Seria a carta que tinha enviado, que naquele instante devia estar na sala de vigia, na qual tinha escrito que precisava de muito apoio e muito incentivo, embora fosse uma mulher forte e estivesse alegre com o que estava prestes a acontecer?

Linda olhou para mim em meio à confusão de mãos e sorriu. Eu respondi com outro sorriso. Uma parteira de cabelo escuro e expressão austera me ensinou a ler as indicações dos monitores, o pulso do feto era particularmente importante, e se diminuísse ou aumentasse de repente eu devia chamá-las apertando um botão. Se as batidas caíssem para zero, não era para eu me assustar, o mais provável seria que o aparelho simplesmente tivesse perdido o contato. Será que devíamos mesmo estar os dois sozinhos naquele quarto?, eu queria perguntar, mas não perguntei, e também não

perguntei quanto tempo ia levar. Em vez disso acenei a cabeça. A parteira disse que ia voltar para nos ver a intervalos regulares, e então foi embora.

Não muito tempo depois as contrações começaram a vir com intervalos cada vez menores. E a julgar pelo comportamento de Linda eram também muito mais fortes. Ela gritou e começou a se mexer de outro jeito, era como se estivesse à procura de alguma coisa. Não parava de mudar de posição, de gritar, e logo entendi que o que estava procurando era uma forma de escapar à dor. O comportamento dela lembrava o de um bicho.

As contrações passaram, e Linda se deitou.

— Karl Ove, acho que eu não vou conseguir — ela disse.

— Claro que vai — eu respondi. — Não tem perigo nenhum. Eu sei que é doloroso, mas não tem perigo nenhum.

— Dói demais! Dói que é um inferno!

— Eu sei.

— Você acha que pode me fazer uma massagem?

— Claro.

Ela se endireitou e segurou-se nas bordas da cama.

— Assim? — perguntei.

— Um pouco mais para baixo — ela pediu.

Na tela o gráfico começou a subir.

— Parece que agora vem mais uma contração — avisei.

— Ah, não — ela disse.

A indicação subiu como a onda de uma ressaca. Linda gritou, mais para baixo!, mudou de posição, gemeu, mudou de posição mais uma vez, se agarrou às bordas da cama com toda a força que tinha. Assim que o gráfico começou a baixar e a dor daquela contração passou, vi que o pulso do feto tinha aumentado muito.

Linda desabou em cima da cama.

— A massagem ajudou? — perguntei.

— Não — ela disse.

Resolvi que eu ia chamar as enfermeiras se o pulso não baixasse depois da contração seguinte.

— Eu não vou conseguir — Linda disse.

— Claro que vai — eu disse. — Você vai conseguir sem nenhum problema.

— Segure a minha testa.

Coloquei a mão na testa dela.

— Está vindo mais uma — avisei. Linda se endireitou, resmungou, gemeu, gritou, desabou mais uma vez. Apertei o botão e uma luz vermelha começou a piscar acima da porta.

— O pulso subiu bastante — expliquei quando a parteira chegou.

— Hm — ela disse. — Precisamos reduzir um pouco o soro. Talvez tenha sido demais.

A parteira foi até Linda.

— Como você está? — ela perguntou.

— A dor é terrível — Linda disse. — Ainda falta muito?

A parteira fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Ainda falta bastante.

— Eu preciso que você me dê alguma coisa, não vou aguentar. Não dá. Você acha que pode me dar um pouco de gás hilariante?

— Ainda está cedo — disse a parteira. — E o efeito passa depressa. É melhor esperar mais um pouco.

— Mas não dá! — disse Linda. — Eu preciso agora! Não dá!

— Vamos esperar mais um pouco — insistiu a parteira. — Certo?

Linda acenou a cabeça e a parteira saiu mais uma vez.

A hora seguinte continuou da mesma forma. Linda procurava uma forma de lidar com a dor, mas não encontrava, era como se tentasse escapar enquanto a dor a batia e a golpeava. Era uma cena terrível de ver. Eu não podia fazer nada além de secar o suor dela e colocar a mão na testa, e de vez em quando tentar fazer massagem nas costas, embora não com muita boa vontade. Na rua, onde a noite tinha caído sem que eu

percebesse, começou a nevar. Eram quatro horas da manhã, já fazia uma hora e meia que tinham induzido o parto. Não era nada, eu bem sabia, afinal Kari Anne não tinha levado vinte e poucas horas para ter Ylva?

Ouvi uma batida na porta e a parteira fria de cabelos escuros entrou no quarto.

— Como você está? — ela perguntou.

Linda se virou e abandonou a postura encolhida.

— Eu quero gás hilariante! — ela gritou.

A parteira refletiu por um instante. Então acenou a cabeça, saiu e voltou trazendo um suporte com dois frascos que foram postos em frente à cama. Depois de mexer naquilo por alguns minutos tudo estava pronto, e Linda recebeu uma máscara.

— Eu queria poder fazer alguma coisa — expliquei. — Massagem ou qualquer outra coisa. Você pode me mostrar qual é o melhor jeito?

No mesmo instante as contrações voltaram, Linda apertou a máscara contra o rosto e respirou avidamente o gás enquanto contorcia a parte de baixo do corpo. A parteira colocou as minhas mãos na parte mais baixa das costas dela.

— Aqui, acho eu — ela disse. — Certo?

— Certo — respondi.

Passei óleo nas minhas mãos, a parteira fechou a porta ao sair, coloquei uma mão em cima da outra e com a mão de baixo fiz pressão nas costas dela.

— Isso! — ela gritou. A voz ecoava na máscara. — Aí! Bem aí!

Quando as contrações passaram Linda se virou em minha direção.

— Esse gás é incrível! — ela disse.

— Ótimo — respondi.

Quando as contrações seguintes vieram aconteceu alguma coisa com ela. Linda não tentou mais fugir, não era mais como se estivesse procurando um jeito de escapar à dor, como antes eu tinha assistido de coração partido, uma outra coisa tomou conta dela, era como se tivesse

mergulhado na dor, aceitado que a dor estava lá e a enfrentado cara a cara, a princípio com uma certa curiosidade, mas depois com uma tensão cada vez maior, como um bicho, pensei outra vez, mas não como um bicho leve, assustado ou nervoso, porque a partir daquele instante, quando a dor vinha, ela se levantava, segurava as bordas da cama com as duas mãos, mexia a parte de baixo do corpo para frente e para trás enquanto urrava dentro da máscara, sempre do mesmo jeito, aquilo se repetiu por várias e várias e várias vezes. Intervalo, máscara na mão, corpo estendido no colchão. Então veio mais uma onda de dor, eu sempre a via um pouco antes no monitor, comecei a massagear com toda a minha força, Linda se levantou, começou a balançar o corpo de um lado para o outro e gritou até que a onda passasse e ela pudesse deixar o corpo desabar mais uma vez. Não havia mais como fazer contato, ela tinha desaparecido dentro de si mesma, não percebia mais nada ao redor, tudo se resumia a enfrentar a dor, descansar, enfrentar a dor, descansar. Quando a parteira apareceu mais uma vez ela falou comigo como se Linda não estivesse lá, e de certa forma aquilo fazia sentido, a impressão era que estávamos muito, muito longe dela. Mas não totalmente, às vezes ela gritava, com a voz desmesuradamente alta, ÁGUA! ou PANO! e, quando dávamos o que ela pedia, OBRIGADA!

Ah, foi uma noite muito estranha. A escuridão lá fora estava impenetrável e repleta de flocos de neve rodopiantes. O quarto se enchia com as fungadas de Linda quando ela respirava o gás, com os urros quando as contrações estavam no ápice, com os bipes eletrônicos dos monitores. Eu não pensava no bebê, quase não pensava em Linda, tudo em mim estava concentrado na massagem, suave quando Linda estava deitada, cada vez mais forte quando as ondas eletrônicas começavam a se erguer, o que era o sinal para que Linda se levantasse, e então eu a massageava com toda a minha força até que a onda passasse, ao mesmo tempo em que observava a frequência cardíaca. Números e gráficos, óleo e costas, fungadas e urros, isso era tudo. Segundo após segundo, minuto após minuto, hora após hora,

isso era tudo. Aquele instante me engoliu, era como se o tempo não passasse, mas na verdade ele passava, cada vez que uma coisa fora da rotina acontecia eu me sentia afastado daquilo. Uma enfermeira entrou, perguntou se estava tudo bem, o relógio de repente marcava cinco e vinte. Uma outra enfermeira entrou, perguntou se eu queria comida, e o relógio de repente marcava seis e trinta e cinco.

— Comida? — perguntei como se eu nunca tivesse ouvido falar a respeito daquilo.

— É, você pode escolher uma lasanha tradicional ou vegetariana — ela me explicou.

— Ah, é uma boa ideia — eu disse. — Vou querer a lasanha tradicional, por favor.

Era como se Linda nem ao menos percebesse que havia outras pessoas lá. Mais uma onda se aproximou, a enfermeira fechou a porta ao sair, eu apertei as mãos com toda a minha força contra as costas dela, acompanhei o gráfico, e quando passou e Linda não tirou a máscara do rosto, afastei aquilo dela com todo cuidado. Linda não esboçou nenhuma reação, simplesmente ficou parada concentrada em si mesma com a testa escorrendo de suor. O grito que ela deu quando a contração seguinte começou ecoou mais uma vez dentro da máscara, que ela apertava com força contra o rosto. Então a porta se abriu, a enfermeira largou um prato em cima da mesa, o relógio marcava sete horas. Perguntei a Linda se eu podia comer, ela acenou a cabeça, porém no mesmo instante em que afastei a mão ela gritou, não, não pare! e então eu continuei, apertei o botão, a mesma enfermeira apareceu, será que ela podia assumir a massagem? Claro, ela disse, e continuou de onde eu tinha parado. Linda gritou, Não, eu quero o Karl Ove! Eu quero o Karl Ove! Não está forte o suficiente! enquanto eu enfiava as garfadas na boca o mais depressa possível, e assim dois minutos depois pude reassumir a massagem, e Linda mais uma vez se acalmou no ritmo dela.

Contrações, gás, massagem, intervalo, contrações, gás, massagem, intervalo. Não existia mais nada. Então a enfermeira entrou, virou Linda de lado com autoridade, conferiu a dilatação, Linda continuava a gritar, mas era um outro tipo de grito, alguma coisa que ela afastava de si, que não desejava encontrar.

Levantou-se mais uma vez, entrou no ritmo, desapareceu do mundo, e as horas passaram.

De repente ela gritou.

— Estamos sozinhos aqui?

— Estamos — eu disse.

— KARL OVE, EU TE AMO!

Era como se aquilo viesse de dentro dela, de um lugar que Linda não costumava frequentar, ou mesmo de um lugar onde nunca tivesse estado antes. Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Eu te amo — respondi, mas Linda não ouviu, mais uma onda se ergueu dentro dela.

O relógio marcou oito, nove, dez horas. Eu não pensava em nada, apenas a massageava e mantinha os olhos fixos nos monitores, até que de repente me ocorreu: uma criança está nascendo. Nosso filho está nascendo. Faltam poucas horas. Daqui a pouco ele vai estar aqui.

O pensamento se dissipou, tudo se resumia a gráficos e números, mãos e costas, ritmo e urros.

A porta se abriu. Uma nova parteira entrou, uma senhora mais velha. Atrás dela vinha uma garota. A senhora chegou muito perto de Linda, até que houvesse apenas dois ou três centímetros entre o rosto de ambas, e se apresentou. Disse que Linda estava se saindo bem. Disse que ela tinha uma estagiária junto, tudo bem? Linda acenou a cabeça e olhou para a estagiária. Acenou a cabeça quando encontrou os olhos dela. A parteira disse que logo aquilo ia passar. Que era preciso examiná-la.

Linda acenou a cabeça mais uma vez e olhou para ela como uma criança que olha para a mãe.

— Ótimo — disse a parteira. — Você está se saindo muito bem.

Dessa vez Linda não gritou. Ficou deitada com olhos grandes e escuros e olhou para o nada. Eu acariciei a testa dela, mas Linda não percebeu a minha presença. Quando a parteira afastou a mão, Linda gritou:

— JÁ DEU?

— Mais um pouco — a parteira respondeu. Linda se levantou com paciência e voltou à mesma postura de antes.

— Uma hora, talvez menos — a parteira me disse.

Olhei para o relógio. Onze horas.

Fazia oito horas que Linda estava lá.

— Podemos tirar essas coisas de você — a parteira disse enquanto tirava todas as cintas e fios. No instante seguinte ela estava totalmente desligada, um corpo em cima de uma cama, e a dor contra a qual vinha lutando de repente não era mais ondas verdes e números que aumentavam em um monitor, mas uma batalha travada dentro dela.

Antes eu não tinha entendido. Tudo estava dentro dela, e ela estava sozinha com aquilo.

Assim era.

Linda estava livre. Tudo o que acontecia, acontecia dentro dela.

— Está vindo — ela disse, e era dentro dela que aquilo estava vindo, e eu apertei-lhe as costas com toda a minha força. Não havia nada além dela e do que estava dentro dela. Nenhum hospital, nenhum monitor, nenhum livro, nenhum curso, nenhuma fita, nenhum dos corredores que os nossos pensamentos haviam percorrido, nada disso, apenas ela e o que estava dentro dela.

O corpo de Linda estava encharcado de suor, os cabelos estavam desgrenhados, o avental branco se balançava pendurado ao corpo dela. A parteira disse que já voltava. A estagiária ficou no quarto. Enxugou a testa de Linda, deu-lhe água, buscou chocolates. Linda comeu e bebeu com vontade. Faltava pouco, ela devia ter percebido, estava impaciente nos intervalos, que a essa altura duravam apenas instantes.

A parteira voltou. Ela diminuiu a iluminação.

— Deite e descanse um pouco — ela disse. Linda se deitou. A parteira acariciou o rosto dela. Eu fui até a janela. Não havia um carro na estrada lá fora. Ao redor das lâmpadas o ar estava grosso de neve. O quarto estava em absoluto silêncio. Me virei. Linda parecia estar dormindo.

A parteira sorriu para mim.

Linda gemeu. A parteira a segurou pelo braço e ela sentou. O olhar estava escuro como uma floresta à noite.

— Agora força — disse a parteira.

Naquele momento uma coisa nova aconteceu, uma coisa diferente, eu não entendi o que era, mas fui para trás de Linda e comecei a massagear as costas dela mais uma vez. As contrações não paravam de vir, Linda estendeu a mão em direção à máscara de gás, inalou com vontade, mas não pareceu ajudar muito, um grito prolongado foi por assim dizer arrancado dela, e continuou a soar por muito, muito tempo.

Por fim o grito se dissipou. Linda desabou na cama. A parteira enxugou o suor da testa e disse que ela estava se saindo muito bem.

— Você quer sentir o bebê? — ela perguntou.

Linda olhou para ela e acenou a cabeça devagar. Se pôs de joelhos. A parteira tomou a mão dela e a levou até o meio das pernas.

— Esta é a cabeça — ela disse. — Você está sentindo?

— ESTOU! — respondeu Linda.

— Segure a mão aí enquanto você faz força. Você acha que consegue?

— CONSIGO! — respondeu Linda.

— Venha comigo — disse a parteira, ajudando-a a descer da cama. — Fique aqui.

A estagiária pegou um banco que durante todo esse tempo estava junto à parede.

Linda se pôs de joelhos. Eu fui para trás dela, mesmo que tivesse a impressão de que a massagem já não adiantava mais nada.

Ela gritou a plenos pulmões, o corpo inteiro se mexeu ao mesmo tempo em que mantinha a mão na cabeça do bebê.

— A cabeça saiu — disse a parteira. — Mais uma vez. Força!

— A cabeça saiu! — Linda repetiu. — Foi isso que você disse?

— Foi. Agora força!

Mais um grito, que estava além de qualquer outra coisa, saiu dela.

— Você quer segurá-la quando ela nascer? — a parteira me perguntou enquanto me olhava.

— Quero — eu disse.

— Venha, fique aqui — ela explicou.

Eu dei a volta no banco e me posicionei à frente de Linda, que me olhou sem me ver.

— Mais uma vez. Força, querida. Força!

Meus olhos estavam cheios de lágrimas.

O bebê deslizou de dentro dela como uma pequena foca, direto nas minhas mãos.

— Aaaaah! — gritei. — Aaaaah!

O corpinho era quente e viscoso, quase escorregou das minhas mãos, mas a jovem estagiária me ajudou.

— Ele saiu? Ele saiu? — perguntou Linda, saiu, eu disse, erguendo o corpinho para que ela pudesse ver, e larguei a bebê junto ao peito de Linda, chorando de alegria, e Linda me viu pela primeira vez em muitas horas e sorriu.

— É menino ou menina? — perguntei.

— Menina, Karl Ove — ela disse. — É uma menina.

Ela tinha cabelos compridos e pretos colados na cabeça. A pele era cinzenta e pálida. E ela chorou, eu nunca tinha ouvido um som como aquele antes, era o som da minha filha, e eu estava no centro do mundo, onde eu nunca tinha estado antes, mas naquele instante eu estava lá, nós estávamos lá, no centro do mundo. Ao nosso redor tudo estava em silêncio,

ao nosso redor tudo estava às escuras, mas onde nós estávamos, a parteira, a estagiária, Linda, eu e aquele pequeno bebê, tudo estava iluminado.

A parteira e a estagiária ajudaram Linda a voltar para a cama, ela se deitou de costas, e a menina, já com a pele um pouco mais avermelhada, levantou a cabeça e olhou para nós.

Os olhos eram como dois lampiões pretos.

— Olá... — disse Linda. — Seja muito bem-vinda...

A bebê levantou um braço e em seguida o abaixou. O movimento era o de um réptil, um crocodilo, um lagarto. Depois o outro. Para cima, um pouco para o lado, para baixo.

Os olhos escuros olhavam direto para Linda.

— É — disse Linda. — Eu sou a sua mãe. E aquele é o seu pai! Está vendo?

As duas mulheres começaram a arrumar o quarto enquanto nós dois olhávamos e admirávamos aquela criatura que de repente estava lá. Linda tinha sangue na barriga e nas pernas, a bebê também estava coberta de sangue, e as duas tinham um cheiro forte, quase metálico que continuava me parecendo estranho a cada nova inspiração.

Linda colocou a bebê junto do peito, mas ela não estava interessada, queria nos ver. A parteira entrou com uma bandeja de comida, um copo de suco de maçã e uma bandeira da Suécia. Ela e a estagiária pegaram a bebê e a mediram e pesaram enquanto nós comíamos, ela gritou, mas se acalmou quando voltou para o peito de Linda. A maneira como Linda se abriu para ela, o cuidado absoluto que se revelava em cada movimento, eu nunca tinha visto antes.

— Essa é a Vanja? — perguntei.

Linda olhou para mim.

— Claro, você não está vendo?

— Olá, Vanja — eu disse. Olhei para Linda. — Ela parece uma coisa que a gente encontrou na floresta.

Linda fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Nosso pequeno *troll*.

A parteira parou em frente à cama.

— Está na hora de vocês irem para o quarto — explicou. — Vocês querem pôr uma roupinha nela?

Linda olhou para mim.

— Você quer?

Acenei a cabeça. Peguei aquele corpinho pequeno e magro e a deitei no pé da cama, tirei o pijaminha da bolsa e comecei a vestir Vanja com um cuidado infinito enquanto ela gritava com aquela vozinha pequena e estranha.

— Você sabe parir muito bem — a parteira disse a Linda. — Devia fazer isso mais vezes!

— Obrigada — Linda agradeceu. — Acho que esse foi o melhor elogio que eu já recebi.

— Esse foi um ótimo começo. É algo que ela vai levar junto por toda a vida.

— Você acha mesmo?

— Com certeza. Essas coisas não acontecem à toa. Mas agora boa noite, e tudo de bom para vocês. De repente eu apareço amanhã, mas não vou prometer.

— Muito obrigada — Linda disse. — Vocês foram incríveis.

Minutos depois Linda cambaleava pelo corredor a caminho do quarto enquanto eu ia ao lado carregando Vanja no meu colo. Ela olhava para o teto com os olhos bem abertos. Ao chegar no quarto apagamos a luz e nos deitamos. Passamos muito tempo deitados conversando sobre o que tinha acontecido, de vez em quando Linda colocava a bebê junto ao peito, mas ela não parecia estar muito interessada.

— Agora você não precisa ter medo de nada, nunca mais — eu disse.

— Eu sinto a mesma coisa — Linda respondeu.

Passado algum tempo as duas adormeceram, enquanto eu fiquei acordado na cama, tomado de inquietude e de vontade de fazer qualquer

coisa. Afinal eu não tinha feito nada, talvez fosse esse o motivo. Peguei o elevador e saí para o frio da rua, acendi um cigarro e liguei para a minha mãe.

— Oi, é o Karl Ove — eu disse.

— Como foi? — ela perguntou depressa. — Vocês estão no hospital?

— Estamos. É uma menina — eu disse, e minha voz ficou embargada.

— Aaah! — exclamou a minha mãe. — Imagine só, uma menina! Deu tudo certo com a Linda?

— Deu, tudo muito certo. Muito certo mesmo. Tudo está como devia estar.

— Meus parabéns, Karl Ove — ela disse. — Que alegria.

— Obrigado — eu respondi. — Mas agora liguei só para dar a notícia. Amanhã nos falamos mais. Eu estou... eu... eu não estou conseguindo falar agora.

— Eu entendo — a minha mãe disse. — Dê um beijo na Linda e mande os meus parabéns.

— Pode deixar — eu disse, e então desliguei. Liguei para a mãe de Linda. Ela chorou quando eu dei a notícia. Acendi mais um cigarro e disse a mesma coisa para ela outra vez. Desliguei, liguei para Yngve. Acendi mais um cigarro, foi mais fácil falar com ele, por alguns minutos fiquei andando em círculos no estacionamento iluminado com o telefone colado na orelha, quente mesmo que a temperatura devesse estar por volta de menos dez e eu estivesse usando apenas uma camisa, desliguei, olhei inquieto ao redor, desejando que as coisas de certa forma respondessem ao que estava acontecendo dentro de mim, mas não foi o que aconteceu, então comecei a andar outra vez, de um lado para o outro, acendi mais um cigarro, joguei-o fora depois de duas ou três tragadas e corri até a entrada, o que eu estava pensando, elas estavam *lá em cima!* Naquele instante! As duas estavam lá em cima naquele instante!

Linda estava deitada com aquele corpinho em cima dela, dormindo. Eu olhei para as duas por um instante, peguei o meu caderno de anotações,

acendi uma lâmpada, me sentei na cadeira e tentei escrever sobre o que tinha acontecido, mas o resultado ficou idiota demais, não dava, então resolvi ir à sala de TV, de repente me ocorreu que eu devia espetar um alfinete num painel com as datas do nascimento de cada criança, rosa para as meninas, azul para os meninos, espetei um alfinete para a minha linda Vanja, fiz mais duas ou três rondas de um lado para o outro, peguei o elevador e desci para fumar mais um cigarro, subi outra vez, me deitei, mas não consegui dormir, alguma coisa tinha se aberto em mim, de repente eu estava receptivo a tudo, e o mundo onde eu estava parecia carregado de sentido. Seria possível dormir naquela situação?

Claro, no fim todos dormiriam.

Tudo aquilo era tão novo e tão frágil que a simples tarefa de vesti-la era um grande projeto. Enquanto Helena, que tinha ido nos buscar no carro dela, esperava lá embaixo, levamos meia hora para ajeitar Vanja, mas Helena nos recebeu às gargalhadas quando saímos do elevador, vocês não pensaram em levá-la para o frio com essas roupinhas?

Não, não tínhamos pensado.

Helena a enrolou na jaqueta e então atravessamos o estacionamento correndo enquanto Vanja balançava na cadeirinha de bebê que eu tinha na mão. Sozinha no apartamento Linda começou a chorar, sentou-se com Vanja nos braços e chorou por tudo de bom e tudo de ruim que existia na vida dela. Eu estava cheio daquela mesma vontade de fazer qualquer coisa, não conseguia parar quieto, eu tinha que fazer alguma coisa, preparar comida, lavar a louça, correr e fazer compras, o que fosse, desde que eu me mexesse. Linda, por outro lado, queria apenas ficar em repouso, imóvel com a nossa filha no colo. A luz não nos deixava, tampouco o silêncio, como se uma zona de paz tivesse se estabelecido ao nosso redor.

Era incrível.

Passei os dias a seguir repleto de alegria e paz, e ao mesmo tempo daquela vontade insaciável de fazer qualquer coisa. Mas depois tive que voltar ao trabalho. Deixar de lado tudo o que tinha acontecido na minha vida, e que naquele mesmo instante continuava a acontecer no apartamento, para escrever sobre Ezequiel. À tarde abri a porta e encontrei aquela pequena família, e pensei que era a minha família.

Felicidade.

A vida cotidiana, com todas as novas exigências impostas pela nossa filha, ganhou novas feições. Linda sentia-se inquieta por ficar sozinha com a nossa filha, não gostava, mas eu precisava trabalhar, o romance tinha que sair no outono, precisávamos de dinheiro.

Com um romance cheio de sandálias e camelos, não daria certo.

Uma vez eu tinha escrito “Bíblia passada na Noruega” em um caderno de anotações, e “Abraão em Setesdalsheiene”. Era um pensamento idiota, ao mesmo tempo pequeno e grande demais para um romance, mas quando de repente voltou eu precisei dele por um motivo completamente distinto, e pensei, que se dane, vou começar e ver o que acontece. Fiz Caim golpear uma pedra com uma marreta em meio ao crepúsculo de uma paisagem escandinava. Perguntei a Linda se eu podia ler para ela, ela disse que sim, claro, eu disse, mas é totalmente idiota, sabe, ela disse, em geral você diz isso a respeito das melhores coisas que escreve, eu disse, é, mas não dessa vez. Então leia!, ela disse sentada na cadeira. Eu li. Ela disse continue, está incrível, totalmente incrível, você tem que continuar, e eu continuei, escrevi até o batizado de Vanja, que aconteceu na casa da minha mãe em Jølster no mês de maio. Quando voltamos, fomos para Idö no arquipélago próximo a Västervik, onde Vidar, o marido de Ingrid, tinha uma cabana de verão. Enquanto Linda e Ingrid se ocupavam com Vanja eu aproveitava para escrever, era junho, o romance tinha que estar completamente pronto em seis semanas, porém mesmo que a história de Caim e Abel estivesse pronta, ainda era pouco demais. Menti para o meu editor pela primeira vez, eu disse que gostaria de polir o texto mais um

pouco, quando na verdade juntei todas as minhas forças e comecei outra história que eu tinha certeza que acabaria se tornando o romance *de verdade*. Eu escrevia como um louco, aquilo nunca daria certo, eu almoçava e jantava com Linda e com os outros, assistia aos jogos do campeonato europeu à noite com ela e passava todo o restante do tempo numa salinha martelando o teclado. Quando voltamos para casa eu entendi que seria tudo ou nada, avisei Linda que eu estava me mudando para o escritório, eu tinha que escrever dia e noite. Você não pode, ela disse, não tem como, agora você tem uma família, você por acaso esqueceu? É verão, você por acaso esqueceu? Você quer que eu cuide sozinha da sua filha? Quero, eu respondi. É isso mesmo. Não, Linda protestou, você não pode fazer uma coisa dessas. Pode ser, eu disse, mas vou fazer de qualquer jeito. E fiz. Eu estava completamente ensandecido. Escrevia o tempo inteiro, dormia apenas duas ou três horas por dia, a única coisa que importava era o romance que eu estava escrevendo. Linda foi para a casa da mãe dela e me ligava várias vezes todos os dias. Ela *gritava* de tão furiosa, *gritava de verdade* no telefone. Eu simplesmente o afastava da orelha e continuava escrevendo. Ela disse que ia me deixar. Então me deixe, eu respondi. Não me importo, eu preciso escrever. E era verdade. Ela podia me deixar se quisesse. Ela disse, então é isso mesmo o que eu vou fazer. Você nunca mais vai nos ver. Eu disse, tudo bem. Eu escrevia vinte páginas por dia. Não via letras nem palavras, frases nem formas, apenas paisagens e pessoas, e Linda me ligava e gritava, dizia que eu era um cafetão, que eu era um porco, que eu era um monstro sem coração, dizia que eu era a pior pessoa do mundo e que ela amaldiçoava o dia em que tinha me conhecido. Eu dizia, tudo bem, então me deixe, eu não me importo, e era sério, eu não me importava, ninguém ia me impedir de fazer aquilo, ela desligava, ligava outra vez dois minutos mais tarde e continuava a me xingar, dizia que eu estava sozinho, que ela ia criar Vanja sozinha, por mim tudo bem, eu dizia, ela chorava, insistia e implorava, porque o que eu estava fazendo com ela era a pior coisa que alguém podia

fazer, deixá-la sozinha daquele jeito. Mas eu não me importava, eu escrevia dia e noite, e de repente ela ligou e disse que estava voltando para casa na manhã seguinte, será que eu não queria encontrá-las na estação?

Claro que eu queria.

Na estação Linda veio na minha direção com Vanja dormindo no carrinho, me cumprimentou desanimada e perguntou como eu estava, eu disse que bem, ela disse que lamentava por tudo que tinha acontecido. Duas semanas mais tarde eu liguei e disse que o romance estava pronto, milagrosamente no dia exato que a editora tinha me dado como prazo, 1º de agosto, e quando eu cheguei em casa Linda estava no corredor com uma taça de prosecco para mim enquanto o meu disco favorito tocava na sala e o meu prato favorito estava servido na mesa. Eu tinha acabado, o romance estava escrito, mas o que eu tinha vivido, ou seja, o lugar onde eu tinha a impressão de estar, ainda não tinha acabado. Fomos para Oslo, fui a uma coletiva de imprensa, mais tarde no jantar fiquei tão bêbado que passei toda a manhã seguinte deitado e vomitando no quarto do hotel e mal consegui chegar até o aeroporto, onde um atraso foi a gota d'água para Linda, ela xingou os funcionários do balcão, eu escondi a cabeça entre as mãos, será que aquilo ia começar outra vez? O avião foi até Bringelandsåsen, onde a minha mãe estava nos esperando, durante toda a semana a seguir demos longos passeios pelas montanhas, tudo estava bem, mas não bem o suficiente, eu ansiava o tempo inteiro por voltar ao lugar onde eu tinha estado, aquilo doía em mim. Aquele lugar maníaco, solitário e feliz.

Quando voltamos para casa, Linda começou mais um ano no Dramatiska Institutet, durante o qual eu ficaria em casa tomando conta de Vanja. Vanja se entupia de leite pela manhã, eu a levava até o instituto na hora do almoço, onde ela se entupia outra vez, e de tarde Linda pedalava até a nossa casa o mais depressa que podia. Eu não tinha do que reclamar, tudo ia bem, o livro foi bem recebido pela crítica, os direitos foram comprados por editoras estrangeiras e, enquanto tudo isso acontecia, eu

andava com um carrinho de bebê pela bela cidade de Estocolmo com uma filha que eu amava mais do que qualquer outra coisa no mundo, enquanto a minha namorada estava no curso morrendo de vontade de voltar para nós.

O outono deu lugar ao inverno, a vida com papinhas e roupinhas de bebê, com choro e vômito de bebê, com manhãs de vento inúteis e tardes vazias estava acabando comigo, mas eu não podia reclamar, eu não podia dizer nada, o negócio era simplesmente calar a boca e fazer o necessário. No condomínio os pequenos aborrecimentos continuaram, o que tinha acontecido naquela noite de Ano-Novo não mudou nada na atitude da vizinha russa em relação a nós. A esperança de que ela não se esforçaria mais para nos incomodar mostrou-se ingênua, pois o que aconteceu foi o contrário, o ritmo não fez senão acelerar. Se ligávamos o rádio no quarto pela manhã, se eu deixava um livro cair no chão, se eu martelava um prego na parede, os canos ribombavam no momento seguinte. Um dia esqueci um saco da IKEA cheio de roupas limpas na lavanderia do prédio e alguém o colocou debaixo do tanque e depois soltou o cano, e assim toda a água que descia pelo ralo, que era em boa parte água suja, caía direto no saco. Uma manhã no fim do inverno Linda recebeu um telefonema da firma que era proprietária do prédio, tinham feito uma reclamação a nosso respeito, com uma série de agravantes, será que podíamos explicar o que vinha acontecendo? Em primeiro lugar, ouvíamos música alta em horários inapropriados. Em segundo lugar, deixávamos sacos de lixo no corredor em frente à porta. Em terceiro lugar, deixávamos o carrinho de bebê o tempo inteiro no corredor. Em quarto lugar, fumávamos no quintal e espalhávamos as baganas por toda parte. Em quinto lugar, esquecíamos nossas roupas na lavanderia do prédio, deixávamos tudo sujo e ainda por cima lavávamos nossas roupas fora do nosso horário. O que podíamos responder? Que a vizinha estava nos perseguindo? Era a palavra dela contra a nossa. E não era apenas a russa que tinha assinado a reclamação, era também a amiga dela que morava no andar de cima. Além do mais,

algumas das reclamações faziam sentido. Todos os outros moradores do prédio deixavam os sacos de lixo em frente à porta durante a noite para descê-los até o quartinho do lixo pela manhã, e nós fazíamos a mesma coisa. Não podíamos negar; nossas duas vizinhas zelosas tinham batido fotos da nossa porta com o saco de lixo em frente. E o carrinho de bebê, nós também o deixávamos em frente à porta, por acaso elas achavam que íamos carregar a nossa filha e todas as coisas de que ela precisava para cima e para baixo várias vezes ao dia? De vez em quando esquecíamos a nossa hora de lavar a roupa, mas os outros vizinhos não faziam todos a mesma coisa? Bem, nós tínhamos que tomar jeito. Daquela vez deixariam passar, mas se recebessem outras reclamações o nosso contrato seria reavaliado. Na Suécia os contratos de aluguel são vitalícios, é difícil conseguir um, e para conseguir um como o que tínhamos, bem no centro, o único jeito era trabalhar durante a vida inteira ou comprar um no mercado negro por cerca de um milhão de coroas. Linda tinha conseguido nosso apartamento com a mãe dela. Perder o contrato de aluguel para nós seria perder a única coisa de valor que tínhamos. A única coisa que podíamos fazer era tomar cuidado extremo com as regras a partir de então, ser corretos. Para os suecos essas coisas estão no sangue, não existe um único sueco que não pague as contas sempre em dia, porque se o pagamento não é feito, você recebe uma advertência, e se você tem uma advertência, não importa o quão pequena seja a dívida, você não consegue empréstimos no banco, não consegue assinar um plano de telefone celular ou alugar um carro. Para mim, um norueguês que não era tão meticuloso com as contas e que estava acostumado a receber duas ou três cobranças por ano, aquilo não fazia sentido. Só fui entender como era sério anos mais tarde, quando precisei de um empréstimo e tive o pedido negado na mesma hora. Um empréstimo, imagine! Mas os suecos não se deixavam afetar, eles eram meticulosos com as vidas deles e desprezavam todo mundo que não era. Ah, como eu odiava aquele paisinho de merda! Como eram cheios de si! Tudo o que era feito do mesmo jeito que lá era normal, tudo que era feito

de outro jeito era anormal. E ao mesmo tempo eles abraçavam o multiculturalismo e as minorias! Coitados dos negros que vinham de Gana ou da Etiópia e precisavam usar a lavanderia do prédio na Suécia! Ter que marcar uma hora com duas semanas de antecedência para depois ser esculachado por esquecer uma meia, ou ter que abrir a porta para um vizinho irônico que aparece com uma daquelas malditas sacolas da IKEA na mão e pergunta, por acaso isso é seu? A Suécia não teve nenhuma guerra no próprio território desde o século XVII, e quantas vezes não me ocorreu esse pensamento, que alguém tinha que invadir a Suécia, bombardear os prédios, arruinar o país, atirar nos homens, estuprar as mulheres, para que depois um país longínquo, como por exemplo o Chile ou a Bolívia, recebesse os refugiados de braços abertos e dissesse que adora os escandinavos, para então colocá-los em um gueto na periferia das grandes cidades. Só para ver o que os suecos teriam a dizer.

Mas o pior de tudo era talvez a profunda admiração que a Noruega tinha pela Suécia. Eu tinha feito a mesma coisa quando ainda morava lá. Eu não sabia de nada. Mas quando comecei a entender e tentei falar sobre o que eu tinha aprendido em casa, na Noruega, ninguém entendia o que eu estava dizendo. É absolutamente impossível explicar como a Suécia é conformista. Esse conformismo se revela também na ausência; opiniões divergentes nem ao menos *existem* em público. É preciso tempo para notar essas coisas.

Essa era a situação na tarde em fevereiro de 2005 quando, com um livro de Dostoiévski numa mão e uma sacola da NK na outra, encontrei nossa vizinha russa na escada. Que ela nem ao menos olhasse para mim não era tão estranho; quando guardávamos o carrinho na sala das bicicletas à tarde, muitas vezes o encontrávamos junto à parede no dia seguinte, com a capota abaixada para um lado ou para o outro, às vezes até com o cobertorzinho atirado no chão, tudo claramente feito às presas durante um surto de raiva. O carrinho que tínhamos comprado de segunda mão tinha sido posto no lugar reservado a “descartes embaraçosos”, e assim o

caminhão de lixo o levou embora na manhã seguinte. Era difícil imaginar que pudesse ter sido outra pessoa além da russa. Mas não era impossível. O olhar dos outros vizinhos tampouco era direto ou afetuoso.

Abri a porta e entrei em casa, me inclinei para frente e soltei o cadarço das botas.

— Olá? — eu disse.

— Olá! — Linda respondeu da sala.

Não havia nenhuma hostilidade na voz.

— Desculpe o meu atraso — eu disse enquanto endireitava as costas, tirava o cachecol e a jaqueta e os pendurava no cabide do armário. — Acabei perdendo a noção do tempo enquanto eu lia.

— Tudo bem — Linda respondeu. — Eu já dei banho na Vanja e já a coloquei para dormir. Tivemos um dia ótimo.

— Que bom — eu disse, indo até a sala para encontrá-la. Linda estava sentada no sofá assistindo televisão e usando o meu blusão cinza-escuro.

— Você está usando o meu blusão?

Ela desligou a televisão com o controle remoto e se levantou.

— Estou — ela disse. — Sinto falta de você, sabe?

— Mas eu moro aqui — eu disse. — Estou toda hora por aqui.

— Você sabe o que eu estou dizendo — ela disse, ficando na ponta dos pés para me beijar. Ficamos abraçados por alguns instantes.

— Eu lembro que a namorada do Espen reclamou que a mãe dele usava os blusões dele quando o visitava — eu disse. — Talvez ela achasse que a mãe estava querendo demonstrar uma relação de posse em relação ao Espen. Que aquilo era uma atitude hostil.

— E com certeza era — Linda respondeu. — Mas aqui somos apenas você e eu. E não somos inimigos, certo?

— Não — eu disse. — Vou preparar o jantar. Você quer um vinho tinto enquanto não fica pronto?

Linda me encarou.

— Ah, você está amamentando, é verdade! — eu disse. — Mas uma taça não vai fazer mal, certo? Vamos lá...

— Bem que eu gostaria. Mas acho que vou esperar. Tome uma você!

— Só vou dar uma espiada na Vanja antes. Ela está dormindo, não?

Linda acenou a cabeça e entramos no quarto; Vanja estava no berço ao lado da nossa cama de casal. Ela estava meio de joelhos, com a bundinha empinada e a cabeça enfiada no travesseiro, os braços estendidos para os lados.

Eu sorri.

Linda a tapou com a coberta e eu saí para o corredor, levei a sacola para a cozinha, liguei o forno, lavei as batatas, espetei-as uma por uma com o garfo, coloquei-as no refratário, que eu já tinha untado com óleo, pus tudo no forno, preparei uma panela com água para o brócolis. Linda entrou e sentou-se à mesa.

— Hoje eu terminei a primeira edição — ela disse. — Será que depois você pode ouvir? Acho que de repente pode já estar pronto.

— Claro — eu disse.

Linda estava trabalhando num documentário sobre o pai dela, que tinha de ser entregue até quarta-feira. Ela tinha feito várias entrevistas com o pai durante as últimas semanas, e assim ele voltou a fazer parte da vida dela após uma ausência de anos, mesmo que durante todo esse tempo morasse em um apartamento a cinquenta metros do nosso.

Coloquei os entrecôtes na tábua de cortar mais larga, arranquei um pedaço do papel de cozinha e os sequei.

— Essa carne parece deliciosa — disse Linda.

— Torço para que esteja — respondi. — Nem me atrevo a dizer o preço do quilo.

As batatas eram tão pequenas que mal precisaram ficar dez minutos no forno, então peguei a frigideira, larguei-a em cima da boca do fogão e larguei o brócolis na panela, onde a água mal tinha começado a se agitar.

— Eu posso colocar a mesa — Linda disse. — Vamos comer na sala, né?

— Pode ser.

Ela se levantou e pegou dois pratos verdes e duas taças de vinho do armário, e então levou tudo para a sala. Eu a segui com a garrafa de vinho e a água mineral. Quando entrei ela estava pegando o castiçal.

— Você tem um isqueiro?

Acenei a cabeça, tirei-o do bolso e o alcancei para ela.

— Não ficou aconchegante? — ela me perguntou com um sorriso.

— Ficou — eu disse. Abri a garrafa de vinho e servi uma das taças.

— Uma pena que você não pode me acompanhar — comentei.

— Ah, eu posso muito bem tomar um gole — Linda disse. — Só para experimentar. Mas vou esperar a comida ficar pronta.

— Tudo bem — respondi.

No caminho até a cozinha eu parei mais uma vez em frente à cama de Vanja. Dessa vez ela estava deitada de costas, com os braços abertos, como se tivesse sido jogada de uma grande altura. A cabeça era redonda como uma bola e o corpinho era bem gorducho. A enfermeira que a examinava tinha sugerido na última consulta que a fizéssemos emagrecer um pouco. Que talvez Vanja não precisasse mamar *toda* vez que chorava.

As pessoas eram loucas nesse país.

Me apoiei contra a cama e me inclinei por cima dela. Vanja estava dormindo de boca aberta e respirava com pequenos chiados. Às vezes eu percebia certos traços de Yngve no rostinho dela, mas era uma coisa que vinha e logo desaparecia; na maior parte do tempo Vanja não tinha semelhança nenhuma comigo nem com a minha família.

— Ela não é bonitinha? — perguntou Linda, pousando a mão no meu ombro ao passar.

— É — respondi. — Mas não sei para que pode servir.

Quando a médica a examinou poucas horas depois do nascimento, Linda tentou fazer com que ela dissesse não apenas que Vanja era

bonitinha, mas que era *especialmente* bonitinha. A nota rotineira na voz da médica quando ela disse que concordava não a incomodou. Olhei para Linda um pouco surpreso naquele instante. Será que o amor materno funcionava daquela forma, obrigando todas as demais considerações a se curvar perante a própria força?

Ah, foi uma época e tanto. Estávamos tão desacostumados a lidar com crianças pequenas que cada mínima operação vinha acompanhada não apenas de alegria, mas também de preocupação.

Depois nos acostumamos.

Na cozinha se erguia a fumaça da manteiga, que já tinha ganhado uma cor marrom-escura. Na panela ao lado a água fervia. A tampa batia contra a borda. Larguei os dois bifes de entrecôte chiando na frigideira, tirei as batatas do forno, escorri a água do brócolis, coloquei a panela de volta durante alguns segundos para que o vapor terminasse de secar, virei os entrecôtes, me dei conta de que eu tinha esquecido os champignons, peguei mais uma frigideira, coloquei-os lá dentro junto com um tomate cortado ao meio e coloquei o calor no máximo. Então abri a janela para deixar sair o cheiro de fritura, que no mesmo instante foi por assim dizer arrancado da peça. Coloquei os entrecôtes numa travessa branca junto com o brócolis e enfiei a cabeça para fora da janela enquanto eu esperava os champignons aprontarem. O ar frio envolveu o meu rosto. Os escritórios do outro lado da rua estavam vazios e escuros, mas na calçada logo abaixo as pessoas continuavam passando com roupas pesadas e em silêncio. Um pequeno grupo estava sentado ao redor de uma mesa dentro de um restaurante que não podia estar dando muito certo, enquanto os chefs na peça ao lado, invisíveis aos clientes, mas não para mim, andavam de um lado para o outro em meio a balcões e fogões com gestos sempre rápidos e jamais hesitantes. Em frente à entrada do Nalen, que ficava ao lado, uma pequena fila havia se formado. Um homem de boina saiu do ônibus da Sveriges Radio e entrou. Um objeto que devia ser um crachá de identificação estava pendurado no pescoço dele. Me virei e agitei a panela

com os champignons para virá-los. Quase ninguém morava naquele bairro, os prédios eram quase todos ocupados por escritórios ou lojas, então quando tudo fechava no final da tarde a vida nas ruas morria. As pessoas que apareciam caminhando à noite estavam a caminho de um dos vários clubes da região. Criar um filho naquele lugar era impensável. Não havia nada para crianças.

Desliguei a boca do fogão e virei os pequenos cogumelos brancos, que a essa altura tinham ganhado manchas escuras, na travessa. A travessa era branca e tinha uma listra azul ao redor, e em volta dela mais uma listra, desta vez amarela. Não era uma travessa muito elegante, mas eu tinha ficado com ela quando eu e Yngve dividimos as poucas coisas que o nosso pai nos deixou de herança. Ele devia ter comprado aquilo com dinheiro ganho quando se divorciou e a nossa mãe comprou a metade da casa em Tveit a que ele fazia jus. Na época o meu pai comprou tudo para a casa de uma só vez, e por algum motivo o fato de que tudo o que ele tinha remontava ao mesmo período esvaziava aqueles objetos de significado, não havia nenhuma aura ao redor deles, a não ser uma aura de burguesia e de ausência de raízes. Para mim era diferente; as coisas do meu pai, que além daquele serviço de mesa consistiam apenas em um binóculo e um par de galochas, me ajudavam a lembrar dele. Não de maneira especial, era mais uma constatação de que ele também fazia parte da minha vida. Na casa da minha mãe as coisas tinham um papel muito diferente, ela tinha por exemplo um balde de plástico que eles tinham comprado nos anos 1960, quando eram estudantes e moravam em Oslo, que uma vez nos anos 1970 tinha ficado próximo demais a uma fogueira, e por isso tinha se entortado de um lado, de um jeito que, quando eu era pequeno, me fazia pensar num rosto humano, com olhos, um nariz torto e uma boca desfigurada. E aquele ainda era *o balde*, o balde que ela usava para lavar roupa, e ainda era o rosto que eu via quando eu o pegava para enchê-lo d'água, e não o balde. Na cabeça do coitado derramavam primeiro água quente e depois sabão. A colher que ela usava para mexer o mingau era a mesma que tinha

usado para mexer o mingau desde as minhas lembranças mais distantes. Os pratos marrons que ela tinha, que usávamos no café da manhã quando eu a visitava, eram os mesmos que eu tinha usado para tomar café da manhã quando eu era pequeno e me sentava com as pernas balançando no banco da cozinha em Tybakken nos anos 1970. As coisas mais novas que ela tinha arranjado se ajustavam em meio às outras e de fato pertenciam a ela, e não eram como as coisas do meu pai, todas substituíveis. O pastor que oficiou o enterro falou sobre essas coisas no sermão, porque disse que as pessoas tinham que fixar o olhar, tinham que se prender ao mundo, insinuando que o meu pai não tinha feito isso, e ele estava coberto de razão. Muitos anos se passaram até eu entender que também havia muitas razões para se afastar do mundo, para não se prender a nada, simplesmente cair e cair até se despedaçar no fundo.

O que dizer sobre o niilismo, que atraía todos os pensamentos rumo a si dessa forma?

No quarto Vanja começou a gritar. Enfiei a cabeça na porta e vi que ela estava com as mãos na grade do berço pulando de frustração, ao mesmo tempo em que Linda apareceu correndo para ver o que estava acontecendo.

— O jantar está pronto — eu disse.

— Isso sempre acontece! — disse ela, levantando Vanja, deitando-se na cama, levantando o blusão até a altura do peito e soltando a presilha no bojo do sutiã. Vanja se acalmou no mesmo instante.

— Ela vai dormir outra vez daqui a poucos minutos — disse Linda.

— Estou esperando você — respondi enquanto eu voltava para a cozinha. Fechei a janela, desliguei o exaustor, peguei as travessas e levei tudo para a sala através do corredor para não atrapalhar. Servi água mineral num copo e bebi de pé enquanto eu olhava ao redor. Um pouco de música era tudo o que estava faltando. Parei em frente à prateleira de CDs. Peguei o *Anthology* de Emmylou Harris, que tínhamos ouvido bastante durante a semana anterior, e o coloquei para tocar. Era fácil se defender da música

quando você estava preparado, ou apenas a deixava tocando no fundo, porque era simples, pouco refinada e sentimental, mas quando eu não estava preparado, como naquele instante, ou quando eu realmente prestava atenção, aquilo me acertava como um soco. Meus sentimentos afloravam e, antes que eu percebesse o que estava acontecendo, meus olhos se enchiam de lágrimas. Somente naquele instante ficou claro para mim que em geral eu sentia muito pouco, que os meus sentimentos estavam entorpecidos. Quando eu tinha dezoito anos eu me sentia repleto daqueles sentimentos o tempo inteiro, o mundo parecia mais intenso, e era por esse motivo que eu sonhava em escrever, era essa a única razão, eu queria fazer o que a música fazia. Despertar a tristeza e o lamento da voz humana, a alegria e o júbilo, tudo aquilo com que o mundo nos preenchia.

Como eu pude esquecer?

Larguei a caixinha e parei em frente à janela. Como era mesmo o que Rilke tinha escrito? Que a música o erguia para além de si mesmo, e que nunca o devolvia ao lugar onde o havia encontrado, mas a um lugar mais profundo, a um lugar ou outro em meio à incompletude?

Difícilmente Rilke estaria pensando em música country...

Eu sorri. Linda saiu da porta bem na minha frente.

— A Vanja está dormindo outra vez — ela sussurrou, e em seguida puxou uma cadeira e sentou. — Ah, que mesa linda!

— Já deve ter esfriado um pouco — eu disse enquanto me sentava do outro lado da mesa em frente a ela.

— Não tem problema — ela disse. — Posso começar? Estou morta de fome.

— Claro — eu disse, e então servi uma taça de vinho e coloquei umas batatas no prato enquanto Linda servia-se de carne e legumes.

Ela falou um pouco sobre o projeto dos colegas, eu mal sabia o nome deles, mesmo que fossem apenas seis na turma. Tinha sido diferente no início do curso, na época eu os via regularmente, tanto na Filmhuset quanto nos vários outros lugares onde se encontravam. O pessoal da turma

era relativamente velho, todos estavam beirando os trinta e já tinham a vida encaminhada. Um dos colegas, Anders, estava no elenco de *Doktor Kosmos*, e outro, Özz, era um comediante bastante conhecido. Mas quando Linda ficou grávida de Vanja ela interrompeu os estudos por um ano, e na volta entrou para uma nova turma, com a qual eu não suportava me envolver.

A carne estava macia como manteiga. O vinho tinto tinha gosto de terra e madeira. Os olhos de Linda brilhavam com a luz das velas. Larguei a faca e o garfo em cima do prato. Faltavam poucos minutos para as oito.

— Você quer que eu ouça o documentário agora? — perguntei.

— Não precisa, se você não quiser — Linda respondeu. — Pode ser amanhã.

— Mas eu fiquei curioso — prossegui. — E além de tudo não é muito longo, certo?

Ela balançou a cabeça e se levantou.

— Vou trazer o toca-fitas para cá então. Onde você prefere sentar?

Dei de ombros.

— Ali, quem sabe? — eu disse, indicando a cadeira em frente à estante de livros com a cabeça. Linda buscou o equipamento, eu peguei caneta e papel, me sentei e peguei o fone de ouvido, ela lançou um olhar curioso em minha direção, eu fiz um gesto afirmativo com a cabeça e ela apertou play.

Quando terminou de limpar a mesa eu estava lá sentado, escutando sozinho. Eu já conhecia a história do pai de Linda, mas era muito diferente ouvi-la da boca dele. Chamava-se Roland e tinha nascido em 1941, numa cidade em Norrland. Cresceu sem o pai, junto com a mãe e dois irmãos mais novos. A mãe faleceu quando ele tinha quinze anos, e a partir de então assumiu a responsabilidade pelos irmãos mais novos. Os três moravam sozinhos, sem nenhum envolvimento com pessoas adultas, a não ser pela mulher que ia lavar a roupa e fazer comida para eles. Ele frequentou a escola durante quatro anos, formou-se técnico de engenharia,

começou a trabalhar, jogava futebol nas horas vagas, era goleiro do time local e aproveitava a vida por lá. Roland conheceu Ingrid num baile, ela tinha a mesma idade que ele, tinha frequentado a escola de donas de casa, trabalhava na época como secretária no escritório da companhia de mineração e tinha uma beleza fora do comum. Os dois acabaram juntos e se casaram. Mas Ingrid sonhava em ser atriz, e quando foi aceita na Scenskolan em Estocolmo, Roland deixou para trás a vida que tinha levado até então e se mudou com ela para a capital. A vida que a esperava como atriz do Dramaten não oferecia muita coisa para ele, havia um abismo entre a existência como goleiro e técnico de engenharia num vilarejo em Norrland e a existência de então, como marido de uma atriz linda que trabalhava no mais importante teatro do país. Eles tiveram dois filhos em rápida sucessão, mas não foi o bastante para mantê-los juntos, logo veio a separação, e pouco depois Roland adoeceu pela primeira vez. A doença dele não conhecia limites e o fazia oscilar entre picos de mania e abismos de depressão, e nunca mais o abandonou depois da primeira crise. Desde então ele tinha passado por várias instituições psiquiátricas. Quando o conheci, no verão de 2004, Roland estava sem trabalhar desde o meio da década de 1970. Linda tinha passado anos sem vê-lo. Mesmo que já o tivesse visto em fotos, eu não estava preparado para o que me esperava quando abri a porta da nossa casa para Roland. A expressão do rosto era totalmente aberta, era como se não houvesse nada entre ele e o mundo. Ele não tinha defesa nenhuma, estava completamente vulnerável, e a dor causada por aquela visão chegava até o fundo da alma.

— Você que é o Karl Ove? — ele perguntou.

Acenei a cabeça e apertei a mão dele.

— Roland Boström — ele se apresentou. — Eu sou o pai da Linda.

— Ouvi muitas histórias a seu respeito — eu disse. — Por favor, entre!

Linda estava atrás de mim com Vanja nos braços.

— Oi, pai — ela disse. — Essa é a Vanja.

Roland permaneceu em absoluto silêncio e olhou para Vanja, que também estava em silêncio, e depois voltou a olhar para nós.

— Ah! — ele suspirou. Os olhos estavam rasos de lágrimas.

— Me deixe ajudar você a tirar o casaco — eu disse. — Assim podemos entrar e tomar uma xícara de café.

O rosto dele era aberto, mas os movimentos eram duros e quase mecânicos.

— Vocês que pintaram o apartamento? — ele perguntou quando entramos na sala.

— Foi — respondi.

Roland se aproximou da parede e a examinou.

— Foi você que pintou, Karl Ove?

— Foi.

— Excelente trabalho! Pintar exige muita atenção aos detalhes, mas vejo que você sabe disso. Eu estou pintando o meu apartamento agora mesmo, sabia? Turquesa no quarto e amarelo-claro na sala. Mas ainda não terminei o quarto, estou pintando a parede dos fundos.

— Ótimo — disse Linda. — Com certeza vai ficar bonito.

— É, vai ficar bonito, sem dúvida.

Aconteceu com Linda algo que eu nunca tinha visto antes. Ela se ajustava a ele, estava subordinada a ele, de certa forma, agia como a filha dele, dava-lhe atenção e lhe fazia companhia, mas ao mesmo tempo também se erguia acima dele, sob a forma da vergonha que ela o tempo inteiro tentava, mas nem sempre conseguia, esconder. Roland tinha se sentado no sofá, eu servi o café e fui até a cozinha buscar a bandeja com os bolinhos de canela que havíamos comprado pela manhã. Comemos em silêncio. Linda estava ao lado com Vanja no colo. Ela mostrou a filha para ele, mas que aquilo pudesse ser tão importante para ela eu não tinha imaginado.

— Esses bolinhos estavam bons. — Roland disse. — O café também estava bom. Foi você que fez, Karl Ove?

— Foi.

— Vocês têm cafeteira?

— Temos.

— Muito bem — ele disse.

Pausa.

— Desejo tudo de bom para vocês — Roland continuou. — Linda é a minha única filha. Me sinto feliz e agradecido por ter feito essa visita à casa de vocês.

— Você não quer ver umas fotos, pai? — Linda perguntou. — Do nascimento de Vanja?

Roland fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Pegue a Vanja um pouco — Linda me disse. Peguei nos braços aquele corpinho quente, que naquele exato instante piscava os olhos no limite do sono, enquanto Linda se levantou e foi buscar o álbum de fotos na estante.

— Hmm — dizia Roland a cada fotografia que via.

Quando os dois terminaram de folhear o álbum ele estendeu a mão em direção à xícara de café que estava na mesa, levou-a até os lábios com um movimento vagaroso, minuciosamente calculado e bebeu dois grandes goles.

— Eu só estive na Noruega uma única vez, Karl Ove — ele me contou. — Em Narvik. Eu era goleiro do time de futebol, e fomos para lá jogar contra um time norueguês.

— Mesmo? — perguntei.

— Mesmo — ele respondeu acenando a cabeça.

— O Karl Ove também jogava futebol — Linda acrescentou.

— Faz muito tempo — eu disse. — E eu jogava nas divisões mais baixas.

— Você também era goleiro?

— Não.

— Não.

Pausa.

Roland tomou mais um gole de café com aquele jeito elaborado, que dava a impressão de ter sido planejado nos mínimos detalhes.

— Estava muito bom — disse enquanto largava a xícara mais uma vez em cima do pires. — Mas acho que agora está na hora de voltar para a minha casa.

Ele se levantou.

— Mas você acabou de chegar! — Linda exclamou.

— Estava na medida — Roland respondeu. — Mas eu gostaria de retribuir a gentileza convidando vocês para jantar. Fica bom na terça?

Olhei para Linda. Cabia a ela decidir.

— Fica ótimo — ela respondeu.

— Então está combinado — ele disse. — Terça-feira às cinco horas.

Enquanto percorria o caminho até o corredor, Roland olhou para a porta aberta do quarto e parou.

— Você também pintou lá dentro?

— Pinteí — respondi.

— Posso ver?

— Claro — eu disse.

Roland entrou primeiro e nós o seguimos. Deteve-se em frente à parede e olhou para cima, em direção à parede atrás do enorme forno.

— Imagino que não tenha sido nada fácil pintar essa parte — ele disse.

— Mas o resultado ficou ótimo!

Vanja fez um barulho discreto. Ela estava num dos meus braços, e como não pude ver o rosto dela coloquei-a na cama. Ela sorriu. Roland sentou-se na beira da cama e pôs a mão no pezinho dela.

— Você não quer pegá-la no colo? — Linda perguntou. — Pode pegar, se quiser.

— Não — Roland disse. — O que eu mais queria era vê-la.

Então ele se levantou, atravessou o corredor e começou a vestir o casaco. Quando se despediu, Roland me deu um abraço. Senti a barba dele roçar

no meu rosto.

— Foi um prazer conhecer você, Karl Ove — ele disse. Deu um abraço em Linda, pegou no pezinho de Vanja mais uma vez e desapareceu pelas escadas com o longo sobretudo.

Linda desviou os olhos quando me alcançou Vanja para entrar na sala e tirar a mesa. Fui atrás.

— O que você achou dele? — ela perguntou como quem não quer nada.

— Me pareceu uma pessoa boa — eu disse. — Mas ele não tem nenhum tipo de filtro contra o mundo. Acho que eu nunca tinha visto uma pessoa com uma aura tão vulnerável.

— Ele é como uma criança grande, não é mesmo?

— É. É o que me parece.

Ela passou por mim com três xícaras empilhadas numa mão e com a cesta de bolinhos na outra.

— A Vanja ganhou um vô bem interessante — eu disse.

— Como você acha que vai ser? — Linda me perguntou. Não havia nenhuma ironia na voz, a pergunta vinha direto das trevas no coração dela.

— Vai dar tudo certo, claro — eu disse.

— Mas eu não quero o meu pai na nossa vida — ela disse, colocando as xícaras na máquina de lavar louça.

— Se a gente fizer como hoje vai dar tudo certo — expliquei. — Uma visita para tomar um café de vez em quando. E um ou outro jantar na casa dele. Afinal de contas, ele é o vô dela.

Linda fechou a porta da máquina, pegou um saco transparente da gaveta mais baixa e pôs os três bolinhos restantes lá dentro, deu um nó e passou por mim para guardá-los no freezer do corredor.

— Mas ele não vai se dar por satisfeito com isso, tenho certeza. Assim que faz o primeiro contato ele começa a telefonar. E o meu pai só faz isso quando está perdido. E para ele não existe nenhum limite. Você tem que entender.

Ela foi até a sala para buscar os últimos pratos.

— Mesmo assim nós podemos tentar — eu disse. — Para ver o que acontece, não?

— Está bem — ela concordou.

No mesmo instante a campainha tocou.

O que seria? A vizinha louca outra vez?

Não. Era Roland. O olhar dele estava tomado pelo desespero.

— Não estou conseguindo sair — explicou-se. — Não encontro o botão da fechadura. E olhe que eu procurei bastante. Mas o botão não existe. Será que você pode me ajudar?

— Claro — eu disse. — Só vou deixar a Vanja com a Linda.

Quando voltei, calcei os sapatos e o segui até o corredor da entrada, mostrei onde ficava o botão da fechadura, na parede à direita junto da primeira porta.

— Vou tomar nota — disse Roland. — Para a próxima vez. No lado direito da primeira porta.

Três dias depois fomos jantar no apartamento dele. Roland nos mostrou a parede que tinha pintado e ficou todo satisfeito quando elogiei o trabalho que tinha feito. Ele ainda não tinha nem começado a fazer a comida e Vanja já estava dormindo dentro do carrinho no corredor, então Linda e eu ficamos por uns instantes sozinhos na sala conversando enquanto Roland se ocupava na cozinha. Na parede havia fotos de quando Linda e o irmão ainda eram crianças, e ao lado artigos de jornais e entrevistas que tinham dado na época em que estrearam. Porque o irmão também tinha publicado um livro, em 1996, mas a exemplo de Linda não tinha publicado mais nada desde então.

— Ele tem muito orgulho de você — eu disse a Linda.

Ela olhou em direção à mesa.

— Vamos sair para a sacada? — ela sugeriu. — Para você fumar um cigarro?

Não era uma sacada, mas um terraço, de onde, em uma plataforma entre dois outros telhados, tinha-se uma vista de Östermalm. Um terraço nos arredores de Stureplan; quantos milhões de coroas o apartamento não devia valer? Tudo bem que era escuro e cheirava a cigarro, mas seria fácil resolver essas coisas.

— Esse apartamento é do seu pai? — eu perguntei, e então acendi um cigarro com a mão protegendo a chama do isqueiro.

Linda fez um gesto afirmativo com a cabeça.

Em nenhum outro lugar onde eu tivesse morado os endereços certos e os apartamentos elegantes significavam tanto quanto em Estocolmo. De certa forma, tudo se concentrava neles. Se você morasse fora, você não contava. As perguntas sobre onde você morava, que surgiam o tempo inteiro, tinham portanto uma carga muito diferente daquela que tinham por exemplo em Bergen.

Fui até a borda e olhei para baixo. Mesmo que o inverno tivesse acabado, havia pequenos montes de neve e de gelo ao longo da calçada, praticamente derretidos pelo tempo mais ameno e com uma coloração cinza por causa da areia e da fumaça. O céu acima de nossas cabeças também estava cinza, repleto de uma chuva fria que a intervalos regulares peneirava na cidade. Cinza, mas também com uma luz diferente da luz do céu de inverno, porque era março, e a luz de março era tão clara e tão intensa que atravessava as nuvens mesmo num dia carregado como aquele, e por assim dizer abria todas as portas da escuridão. As paredes à minha frente cintilavam, e o asfalto lá embaixo também. Os carros estacionados brilhavam, cada um com a sua própria cor. Vermelho, azul, verde-escuro, branco.

— Me abrace — Linda pediu.

Eu apaguei o cigarro no cinzeiro que estava em cima da mesa e a enlacei com os braços.

Quando tornamos a entrar no apartamento instantes mais tarde a sala continuava vazia, e fomos encontrar Roland na cozinha. Ele estava em

frente ao fogão derramando todo o conteúdo de uma lata de champignons em conserva na frigideira. O líquido chiava ao encontrar a panela quente. Em seguida ele acrescentou uma abobrinha picada. Ao lado o espaguete fervia em outra panela.

— A cara está boa — eu disse.

— É, está mesmo — ele concordou.

No balcão havia uma lata de camarões em salmoura e uma lata de creme de leite.

— Eu costumo jantar no Vikingen. Mas às sextas, sábados e domingos eu como em casa. É quando faço comida para Berit.

Berit era a namorada dele.

— Você quer uma ajuda? — Linda perguntou.

— Não — ele disse. — Podem ficar sentados que eu apareço com a comida assim que tudo estiver pronto.

A comida tinha o gosto de alguma coisa que eu podia ter preparado na minha época de estudante e comido sozinho no apartamento da Absalon Beyers Gate durante o meu primeiro ano em Bergen. O pai de Linda continuou a falar sobre a época em que era goleiro do time de futebol em Norrland. Depois falou sobre o antigo trabalho dele, que consistia em planejar e desenhar galpões. Depois falou sobre o cavalo que tinha, e que se machucou bem quando dava a impressão de que podia começar a ganhar. Tudo era explicado de maneira elaborada e minuciosa, como se todos os detalhes tivessem a mais absoluta importância. A certa altura da conversa ele se levantou para buscar papel e caneta e nos mostrar como tinha chegado à quantidade exata de dias que ainda tinha para viver. Tentei encontrar os olhos de Linda nesse instante, mas ela virou o rosto. Tínhamos decidido que a visita seria curta, então quando a sobremesa, que consistia em um pote de sorvete de dois litros que Roland colocou em cima da mesa, chegou ao fim, nos levantamos e dissemos que infelizmente tínhamos que ir para dar comida a Vanja e trocar as fraldas dela, uma explicação que pareceu deixá-lo satisfeito. A visita supostamente já tinha

demorado tempo demais para ele. Fui até o corredor vestir o meu casaco enquanto Linda trocava algumas palavras a sós com o pai. Ele disse qualquer coisa sobre Linda ser a menina dele, e sobre como ela tinha crescido. Venha aqui e sente um pouco no meu colo. Terminei de amarrar o último sapato e me levantei, fui até a fresta da porta e olhei para dentro da sala. Linda estava sentada no colo de Roland, ele tinha os braços enlaçados ao redor da cintura dela e falava coisas que eu não conseguia distinguir. A visão tinha um elemento grotesco, Linda estava com trinta e dois anos, aquela postura de garotinha era infantil demais para ela, que também percebia o absurdo da situação, porque os lábios dela revelavam insatisfação, todo o corpo dela gritava ambivalência. Ela não queria consentir com aquilo, mas também não queria rejeitá-lo. Essa rejeição não seria compreendida, o pai dela acabaria magoado, então ela precisou ficar sentada no colo dele por um tempo, enquanto ele dava tapinhas nela, até que não fosse mais parecer rejeição se levantar, quando então ela tornou a ficar de pé na frente dele.

Dei alguns passos para trás, evitando que a situação se complicasse ainda mais para ela com uma testemunha. Quando Linda apareceu no corredor eu estava olhando para os quadros pendurados ao longo da parede. Ela vestiu o casaco. O pai veio se despedir de nós, ele me deu um abraço como na vez anterior, ficou olhando para Vanja no carrinho de bebê, deu um abraço em Linda, ficou parado na soleira da porta e nos seguiu com o olhar quando entramos no elevador com o carrinho, ergueu a mão uma última vez e fechou a porta atrás de si ao mesmo tempo em que a porta do elevador se fechou e nós começamos a descer.

Nunca fiz qualquer menção à cena que eu havia testemunhado entre os dois. Da maneira como havia se subordinado a ele, ela tinha sido uma garotinha de dez anos, eu percebia, na maneira como tinha resistido, ela tinha sido uma mulher adulta. Mas o simples fato de que tivesse precisado resistir desqualificava de certa maneira a mulher adulta; afinal, que adulto acabaria em uma situação como aquela? Mas Roland não tinha esses

pensamentos, para ele não havia limites, ela era apenas a filha, uma criatura que pertencia a todas as idades.

E, conforme Linda havia previsto, ele começou a ligar para nós. Ligava praticamente a qualquer hora do dia, e nos mais diversos estados de espírito, então Linda combinou que ele devia ligar numa determinada hora num determinado dia da semana. Roland pareceu se dar por satisfeito com o arranjo. Mas também era uma espécie de obrigação para nós: se não atendêssemos o telefone no dia e na hora combinados, ele podia ficar infinitamente magoado e considerar o arranjo desfeito, e assim ficar livre para nos ligar quando bem entendesse, ou simplesmente para não ligar mais. Falei com Roland um punhado de vezes. Numa delas ele me perguntou se podia cantar uma canção. Ele mesmo a tinha escrito, e a canção tinha sido cantada nos palcos de Estocolmo e no rádio, segundo me disse. Eu não sabia no que acreditar. Mas ele poderia ao menos cantar. Roland começou, a voz dele era poderosa, a dedicação era enorme, e mesmo que ele não tenha acertado todas as notas, o resultado foi impressionante. A canção tinha cinco versos e falava sobre um imigrante que tinha construído uma estrada em Norrland. Quando ele terminou eu não sabia o que dizer além de que era uma bela canção. Roland devia ter esperado mais da minha parte, uma vez que passou alguns segundos em silêncio. Por fim disse:

— Eu sei que você escreve livros, Karl Ove. Ainda não li nenhum, mas ouvi muitas coisas boas a respeito. E eu quero que você saiba uma coisa. Eu tenho um orgulho imenso de você, Karl Ove. É, tenho mesmo...

— Fico muito feliz de ouvir — eu disse.

— Você e a Linda estão bem?

— Estamos.

— Você a trata bem?

— Trato.

— Muito bem. Você não pode abandoná-la nunca. Nunca. Entendido?

— Entendido.

— Você precisa cuidar dela. Você precisa tratá-la bem, Karl Ove.

Então Roland começou a chorar.

— Nós estamos bem — eu disse. — Não há com que se preocupar.

— Eu sou apenas um velho — ele disse. — Mas eu passei por muita coisa, sabe? Passei por mais coisas do que a maioria das pessoas. Agora a minha vida não é grande coisa. Mas eu já contei os dias que me restam, sabia?

— Sei, você nos mostrou como fez o cálculo quando fomos jantar na sua casa.

— Ah, é verdade. Mas você ainda não conheceu a Berit?

— Não.

— Ela é tão boa para mim!

— Foi o que me pareceu — eu disse.

De repente ele ficou na defensiva.

— É mesmo? Como?

— Não, a Linda me falou um pouco a respeito dela. E a Ingrid também. Sabe como é...

— Sei. Mas agora não vou mais incomodar você, Karl Ove, você com certeza tem coisas mais importantes a fazer.

— Não mesmo — eu disse. — Você não está me incomodando de jeito nenhum.

— Diga para Linda que eu liguei. Até mais.

Roland desligou antes que eu pudesse me despedir. O mostrador indicava que a conversa inteira não tinha durado mais do que oito minutos. Linda suspirou quando eu contei o que tinha acontecido.

— Você não precisa ouvir isso — ela disse. — Não atenda o telefone na próxima vez que ele ligar.

— Mas não me incomoda — eu disse.

— Mas incomoda a mim — ela respondeu.

O documentário de Linda não mostrava nada a respeito disso. Ela tinha apagado tudo que não fosse a voz dele. Mas tudo estava contido naquela voz. Roland falava sobre a vida e a voz se enchia de tristeza quando falava sobre a morte da mãe, de alegria quando falava sobre os primeiros anos como adulto, de resignação quando falava sobre a mudança para Estocolmo. Ele falava sobre os problemas que tinha com o telefone, sobre a maldição que esse invento tinha sido para ele, contava que por longos períodos o desligava e o guardava no armário. Falava sobre a rotina, mas também sobre os sonhos, dentre os quais o maior era ser dono de um haras. Ele surgia como que por si mesmo, e a história tinha algo de hipnótico, você era tragado para o mundo de Roland já nas primeiras frases. Mas acima de tudo o documentário girava naturalmente em torno de Linda. Eu me sentia muito próximo dela ao ouvir o que ela tinha preparado ou ao ler o que ela escrevia. Era como se o elemento único que a animava se tornasse visível apenas nesses instantes. Na vida cotidiana tudo desaparecia em meio às coisas que fazíamos, que eram as mesmas coisas que todo mundo faz, e eu não via mais a pessoa por quem eu tinha me apaixonado. Mesmo que eu não a tivesse esquecido, a verdade era que eu não pensava mais naquela pessoa.

Como era possível?

Olhei para Linda. Ela tentou esconder a expectativa quando encontrou os meus olhos. Deixou o olhar desviar com muita facilidade em direção ao toca-fitas em cima da mesa e ao monte de fios embaixo dele.

— Você não precisa mudar mais nada — eu disse. — Está pronto.

— Você acha que está bom?

— Acho. Está ótimo.

Larguei o fone em cima do aparelho, me estiquei e pisquei algumas vezes.

— Fiquei comovido — eu disse.

— Com o quê?

— A vida do seu pai não deixa de ser uma tragédia. Mas quando ele fala a respeito, ela se enche de vida, dá para perceber que é uma vida *de verdade*. Com um valor próprio, a despeito de tudo que possa ter acontecido com ele. É uma constatação óbvia, mas existe uma diferença muito grande entre saber e sentir. E eu pude sentir agora enquanto ouvia.

— Fico muito feliz — Linda disse. — E então acho que não preciso fazer mais nada além de ajustar um pouco o som. Posso fazer isso na segunda. Mas você tem certeza?

— Certeza absoluta — eu disse enquanto me levantava. — E agora vou fumar um cigarro.

No quintal lá embaixo estava ventando forte. As duas únicas crianças no prédio, um menino que tinha entre nove e dez anos e a irmã dele, que tinha entre onze e doze, chutavam uma bola de um lado para o outro entre si bem em frente ao portão do outro lado. Uma música alta e intensa vinha do Glenn Miller Café, que ficava na rua do outro lado do muro atrás das crianças. A mãe, que morava sozinha com os dois no último andar e tinha um aspecto mais cansado do que o normal, estava com a janela aberta. A dizer pelo bater e pelo tilintar que vinham lá de cima, entendi que estava lavando a louça. O menino era gorducho e, sem dúvida para compensar, tinha cortado o cabelo bem curto, para que assim parecesse mais durão. Ele sempre tinha olheiras. Quando a irmã recebia as amigas em casa ele ficava sozinho fazendo embaixadas ou subia no trepa-trepa. Em tardes como aquela, quando os dois estavam sozinhos e ela não tinha nada melhor a fazer além de brincar com o irmão, ele parecia mais satisfeito, mais animado, mais esforçado. De vez em quando os dois gritavam e berravam lá em cima, às vezes os três juntos, mas em geral só ele e a mãe. Por duas ou três vezes eu tinha visto o pai ir buscar as crianças; um cara pequeno, magro e com ar de coitado, que sem dúvida bebia demais.

A irmã foi até a cerca e sentou no chão. Ela tirou o celular do bolso, e estava tão escuro onde havia sentado que a luz azul do mostrador iluminou

todo o rosto dela. O irmão começou a chutar a bola contra a parede, várias e várias vezes. Poft. Poft. Poft.

A mãe enfiou a cabeça para fora da janela.

— Pare com isso! — ela gritou. O menino curvou as costas sem dizer uma palavra sequer, pegou a bola na mão e sentou ao lado da irmã, que virou o tronco para o outro lado sem perder o foco no que estava fazendo por um instante sequer.

Olhei para as duas torres iluminadas. Um sentimento ao mesmo tempo terno e doloroso tomou conta de mim.

Ah, Linda, Linda!

No mesmo instante a nossa vizinha de porta entrou no prédio. Eu a segui com os olhos enquanto ela fechava o portão atrás de si sem nenhum esforço. Era uma mulher na casa dos cinquenta anos, com aquele jeito que as mulheres de cinquenta anos têm hoje em dia, ou seja, com uma certa jovialidade mantida artificialmente. Ela tinha cabelos volumosos e pintados, estava usando um casaco de pele e levava o curioso cachorrinho na coleira. Uma vez ela tinha me dito que era artista, sem que eu tenha entendido ao certo o que ela fazia. Não me parecia exatamente uma artista no estilo de Munch. Às vezes ela estava bem falante, e assim eu ficava sabendo que ia passar o verão na Provença, ou um fim de semana em Nova York ou Londres. Às vezes ela não dizia nada e simplesmente passava por mim sem nem ao menos um cumprimento. Ela tinha uma filha adolescente que havia ganhado um bebê mais ou menos ao mesmo tempo que nós, e estava sempre dando ordens a ela.

— Você não ia parar de fumar? — ela perguntou sem diminuir o passo.

— Ainda não é meia-noite — eu respondi.

— Não — ela disse. — Hoje à noite vai nevar. Preste atenção no que eu estou dizendo!

A vizinha entrou e trancou a porta. Esperei um pouco, joguei a bagana no vaso de ponta-cabeça que tinham colocado junto à parede para este fim e depois entrei. Os nós dos meus dedos estavam vermelhos de frio. Subi os

degraus com pequenos saltos, abri a porta, tirei o casaco e os sapatos e fui até Linda, que estava no sofá assistindo TV. Me inclinei para frente e dei um beijo nela.

— O que você está assistindo? — perguntei.

— Nada. Você quer ver um filme, de repente?

— Quero.

Fui até a estante dos DVDs.

— O que você quer assistir?

— Não tenho a menor ideia. Pode escolher.

Deixei meus olhos correrem pelos títulos. Quando eu comprava filmes, era sempre imaginando que podiam me acrescentar alguma coisa. Que teriam uma linguagem visual que eu pudesse admirar, ou que estabeleceriam relações com lugares que eu não tinha considerado, ou que se passariam em uma época ou em uma cultura que eu não conhecia. Resumindo, eu escolhia filmes pelas razões erradas, porque quando chegava a hora de assisti-los à noite, é claro que não aguentávamos duas horas em preto e branco sobre um evento histórico dos anos 1960 no Japão ou sobre as planícies abertas nos arredores de Roma, onde a única coisa que acontecia eram encontros entre várias pessoas bonitas e profundamente alienadas do mundo como os personagens sempre pareciam ser nos filmes daquela época. Não, quando a noite chegava e sentávamos para assistir um filme, queríamos apenas nos entreter. O filme devia ser o mais leve e simples possível. Era assim com tudo. Eu quase não lia mais livros; se encontrasse um jornal ao redor, preferia ler aquilo. E esse limiar tornava-se cada vez mais alto. Era estúpido, porque aquela vida não oferecia nada, simplesmente fazia o tempo passar. Quando víamos um bom filme, alguma coisa se agitava dentro de nós e dava início a um certo movimento, porque é assim que funciona, o mundo é sempre o mesmo, o que muda é a nossa maneira de vê-lo. O mesmo cotidiano que podia nos oprimir como o pé que pisa em cima de uma cabeça também podia nos alçar rumo a lugares repletos de júbilo. Tudo dependia do olhar. Se o

olhar percebesse a água que estava por toda parte nos filmes de Tarkóvski, por exemplo, e que transformava o mundo em uma espécie de terrário, onde tudo se derramava e escorria, tudo flutuava e se deixava levar, onde todos os personagens podiam abandonar a cena e deixar para trás apenas uma mesa e xícaras de café, que aos poucos se enchiam com a chuva que caía, tendo ao fundo a vegetação intensa e quase ameaçadora, se o olhar percebesse esses detalhes também seria possível ver as mesmas profundezas selvagens e existenciais abrirem-se na vida cotidiana. Afinal, éramos feitos de carne e sangue, ossos e tendões, ao nosso redor cresciam plantas e árvores, insetos zumbiam, pássaros voavam, nuvens deslizavam, a chuva caía. Esse olhar, que conferia significado ao mundo, era o tempo inteiro uma possibilidade, mas quase sempre era ignorado, pelo menos em nossa vida.

— Você aguenta assistir *Stalker*? — perguntei me virando para ela.

— Não tenho nada contra — Linda respondeu. — Coloque o filme e vamos ver o que acontece.

Coloquei o filme no DVD player, apaguei a luz do teto, servi um copo de vinho tinto e me sentei ao lado de Linda, peguei o controle remoto e selecionei o idioma das legendas. Ela se aconchegou junto a mim.

— Tem problema se eu dormir durante o filme? — ela perguntou.

— Não, de onde você tirou essa ideia? — eu disse enquanto a enlaçava com o braço.

A abertura com o homem que acorda na peça escura e úmida eu já tinha visto pelo menos três vezes. A mesa com os pequenos objetos que tremem quando o trem passa. O barbeamento em frente ao espelho, a mulher que tenta impedi-lo, mas não consegue. Muito além disso eu nunca tinha chegado.

Linda colocou a mão no meu peito e olhou para mim. Eu a beijei, e ela fechou os olhos. Acariciei as costas dela, ela se agarrou forte a mim, eu a deitei de costas, beijei-lhe o pescoço, o rosto, a boca, coloquei a cabeça no peito dela, ouvi o coração que batia e batia, tirei a calça macia de corrida

que ela estava usando, beijei a barriga dela, as coxas... Linda olhou para mim com o olhar escuro dela, com aqueles olhos lindos, que se fecharam quando entrei dentro dela. Não temos camisinha aqui, ela sussurrou. Você não quer buscar? Não, eu disse. Não. E quando eu gozei, gozei dentro dela. Era tudo que eu queria.

Depois ficamos deitados juntos por um bom tempo no sofá sem dizer nada.

— Agora vamos ter outro bebê — eu disse depois de um tempo. — Você está pronta?

— Estou — ela respondeu. — Ah, como estou!

Na manhã seguinte Vanja acordou como sempre às cinco horas. Enquanto Linda a colocava na nossa cama para dormir com ela por mais algumas horas, me levantei, peguei meu PC e comecei a trabalhar na tradução que eu estava avaliando. Era um trabalho monótono e interminável, eu já tinha escrito trinta páginas a respeito de uma coletânea de contos que não tinha mais do que cento e quarenta. Mesmo assim eu queria fazer aquilo e gostei de ficar lá sentado. Eu estava sozinho e trabalhando com um texto. Não me faltava mais nada. E havia também os pequenos momentos que acompanhavam o trabalho; ligar a cafeteira, ouvir o gorgolejo da água que corria lá dentro, sentir o cheiro do café recém-passado, descer até a escuridão do quintal antes que os outros se levantassem e beber enquanto eu fumava o primeiro cigarro do dia. Depois subir e trabalhar enquanto o espaço entre os prédios aos poucos se iluminava e a atividade aumentava nas ruas. Naquela manhã a luz que surgiu era diferente, e portanto a atmosfera no apartamento também estava diferente, porque uma grossa camada de neve tinha caído durante a noite. Às oito horas eu desliguei o PC, guardei-o na bolsa e fui até a pequena padaria que ficava um pouco mais adiante em nossa rua. Acima de mim as lonas ao longo da fileira de prédios tremulavam com o vento. Na rua a neve já tinha derretido, mas continuava a cobrir a calçada, cheia de rastros deixados pelos que haviam passado durante a noite. Naquele momento

não havia ninguém. A padaria, aonde cheguei no instante seguinte, era minúscula e pertencia a duas mulheres da minha idade. Entrar lá dentro era como entrar num dos films noir da década de 1940 em que todas as mulheres, até mesmo as que trabalham em quiosques ou lavam o chão dos escritórios, chamam atenção pela beleza. Uma delas era ruiva, tinha pele clara e sardas, feições marcantes e olhos verdes. A outra tinha longos cabelos pretos, um rosto levemente quadrado e olhos azul-escuros com uma expressão amistosa. As duas eram altas e magras, e sempre tinham farinha em uma ou outra parte do corpo. Na testa, nas bochechas, nas mãos, no peito do avental. Na parede havia recortes de jornal onde os clientes podiam ler que as duas haviam trocado trabalhos criativos pela padaria, que sempre tinha sido o sonho delas.

A ruiva surgiu trás do balcão quando a sineta acima da porta tocou, eu disse o que eu queria, um desses pães grandes de massa azeda, seis pãezinhos integrais, dois bolinhos de canela, ao mesmo tempo em que apontava para tudo, porque mesmo as palavras mais simples em norueguês eram recebidas em Estocolmo com um *vad?*, ela colocou tudo numa sacola e registrou a soma no caixa. Com a sacola branca na mão voltei depressa ao apartamento, limpei a neve dos sapatos no capacho do corredor, ouvi no mesmo instante em que abri a porta que Linda e Vanja tinham acordado e estavam na cozinha tomando o café da manhã.

Vanja estava sentada, agitando a colher no ar, e sorriu para mim quando entrei. Ela tinha mingau por todo o rosto. Fazia tempo que não nos deixava mais dar de comer. Reagi de maneira instintiva, quis limpar aquela sujeira, do rosto dela também, eu não gostava de vê-la lambuzada daquele jeito. Estava no sangue. Linda tinha criticado a minha reação desde o início, era importante que não houvesse regras nem restrições quando se tratava de comida, era um assunto sensível demais, Vanja tinha que poder fazer o que bem entendesse. Ela tinha razão, claro, eu entendia aquilo sem nenhum problema, e em termos puramente teóricos aprovava a empolgação, a naturalidade e a liberdade da menina que naquele instante

mastigava a comida e se lambuzava toda, mas na prática o impulso que se anunciava era de correção. Era o meu pai em mim. O meu pai não admitia sequer uma migalha de pão fora do prato quando eu era menino. Eu sabia, eu mesmo tinha sofrido e odiado aquilo com todas as fibras do meu corpo, mas então por que diabos eu insistia em levar tudo adiante?

Cortei umas fatias de pão, coloquei-as em uma cesta junto com os pãezinhos integrais, enchi a chaleira elétrica com água e me sentei para tomar o café da manhã com as duas. A manteiga estava um pouco dura, e a fatia de pão se rasgou quando tentei espalhá-la com a faca. Vanja ficou me olhando. Virei a cabeça com um movimento súbito e a olhei fundo nos olhos. Ela tomou um susto na cadeirinha. Depois por sorte começou a rir. Fiz a mesma coisa outra vez, olhei para o chão por um bom tempo, até que ela perdesse a esperança de que algo pudesse acontecer e entrasse num outro estado de espírito, e então a olhei fundo nos olhos mais uma vez, rápido como um raio. Ela arregalou os olhos e deu um pulo na cadeirinha antes de começar a rir outra vez. Linda e eu também rimos.

— Como a Vanja é divertida — disse Linda. — Você é tão divertida! Gatinha da mamãe!

Ela se inclinou para frente e esfregou o nariz contra o nariz de Vanja. Peguei o caderno de cultura do jornal, que estava aberto em frente a Linda, e abocanhei um pedaço da fatia, que mastiguei enquanto eu deixava os meus olhos correrem pelas manchetes. No balcão atrás de mim a chaleira elétrica se desligou sozinha quando a água começou a ferver. Me levantei, coloquei um saquinho de chá em uma xícara e derramei a água por cima, fui até a geladeira, peguei uma caixa de leite e me sentei mais uma vez. Mexi o saquinho de chá para cima e para baixo até que a substância marrom e ondulante que o preenchia tingisse a água. Acrescentei um pouco de leite e folhee o jornal.

— Você viu o que escreveram sobre o Arne? — perguntei, olhando para Linda.

Ela acenou a cabeça e abriu um sorriso discreto, mas para Vanja, não para mim.

— A editora vai recolher o livro! Que derrota.

— É — disse ela. — Coitado do Arne. Mas ele não tem ninguém além de si mesmo para culpar.

— Você acha que ele sabia que era mentira?

— Não, de jeito nenhum. Ele não planejou nada, tenho certeza. Deve simplesmente ter achado que as coisas eram desse jeito.

— Coitado — eu disse, erguendo a xícara e bebericando o chá cor de barro.

Arne era um dos vizinhos da mãe de Linda em Gnesta. Tinha escrito um livro sobre Astrid Lindgren, publicado naquele outono, livremente baseado em conversas que havia tido com ela antes que ela morresse. Arne era um homem religioso e acreditava em Deus, embora não no sentido comum do termo, e muitos se surpreenderam ao descobrir que Astrid Lindgren compartilhava essa fé pouco convencional. Os jornais começaram a investigar o assunto. Ninguém tinha presenciado as conversas, então mesmo que Lindgren nunca tivesse manifestado essas crenças para outra pessoa, não era possível demonstrar que tinham recebido um tratamento literário para aquela ocasião. Mas também havia outras coisas, entre elas as leituras que Arne fazia de Lindgren, que se revelaram anacrônicas, no período da vida que ele afirmava ter lido *Mio min Mio*, por exemplo, o livro ainda não tinha sido publicado. E assim foi com um número excessivo de coisas ao longo do livro inteiro. Pessoas próximas a Lindgren desmentiram aquelas crenças, afirmaram que ela nunca poderia ter dito aquilo. Não restou muito prestígio para Arne nos jornais, as entrelinhas o chamavam de mentiroso, praticamente um mitômano, e nesse ponto a editora decidiu recolher o livro. O livro que tinha sustentado Arne ao longo dos últimos anos, durante a doença, e que tanto o enchia de orgulho.

Mas era como Linda tinha dito, ele não tinha ninguém além de si mesmo para culpar.

Passei manteiga em mais uma fatia. Vanja estendeu a mão para cima. Linda a tirou da cadeirinha e a levou para o banheiro, de onde logo vieram o barulho da água correndo e os gritinhos de protesto de Vanja.

Na sala o telefone tocou. Eu gelei. Mesmo que no mesmo instante eu tivesse compreendido que era Ingrid, a mãe de Linda, porque ninguém mais nos ligava naquele horário, meu coração começou a bater cada vez mais depressa.

Não fiz nenhum movimento até que o barulho parasse de maneira tão súbita como havia começado.

— Quem era? — Linda perguntou quando saiu do banheiro com Vanja nos braços.

— Não tenho a menor ideia — eu disse. — Não atendi. Mas com certeza era a sua mãe.

— Vou ligar para ela — Linda disse. — Eu já estava pensando em ligar de qualquer jeito. Você pega a Vanja?

Linda a estendeu na minha direção, como se o meu colo fosse o único lugar que havia para ela ficar em todo o apartamento.

— Deixe-a no chão — eu disse.

— Você sabe que ela vai começar a gritar.

— Deixe que grite, então. Não tem problema.

— Tudo bem — Linda disse, daquela maneira que significa exatamente o oposto. Não está nada bem, mas eu vou fazer porque você está pedindo. E aí você vai ver o que acontece.

Vanja obviamente começou a chorar no mesmo instante em que Linda a pôs no chão. Estendeu os bracinhos em direção a ela e então caiu para frente, com as mãos no chão. Linda nem olhou para trás. Abri a gaveta, que eu alcançava mesmo sentado, e puxei um batedor de claras. Vanja não estava interessada, nem mesmo quando eu o fazia vibrar. Segurei uma banana em frente a ela. Ela balançou a cabeça enquanto as lágrimas

escorriam pelas bochechas. Por fim eu a levantei e a levei até a janela do quarto, onde a coloquei de pé no parapeito. Deu certo. Eu disse o nome de tudo o que podíamos ver, ela olhou interessada e apontou para cada um dos carros que passaram.

Linda espiou da porta, com o telefone apertado contra o peito.

— A minha mãe perguntou se queremos jantar com ela amanhã. O que você acha?

— Claro — eu disse. — Pode ser.

— Posso dizer que vamos?

— Pode.

Coloquei Vanja de volta no chão com todo cuidado. Ela conseguia ficar de pé, mas não andar, então se abaixou e começou a engatinhar na direção de Linda.

Vanja não podia esperar um segundo antes que a vontade dela fosse feita. Durante quase todo o primeiro ano ela acordava a cada hora e meia durante a noite para mamar, Linda quase enlouqueceu de cansaço, mesmo assim não quis que Vanja dormisse em uma cama separada, ela começava a gritar. Eu era a favor de uma cura brutal, simplesmente colocá-la na cama e deixar que gritasse até não aguentar mais durante a noite inteira, para que na noite seguinte ela entendesse que não viria ninguém, independente do que ela fizesse, e assim, resignada e talvez um pouco brava também, se aquietasse para dormir. Para Linda essa sugestão era como dizer que eu ia bater na cabeça da nossa filha até que ela parasse. O meio-termo que encontramos foi ligar para Ingunn, a irmã da minha mãe que era psicóloga infantil e que tinha experiência justamente com essas coisas. Ela sugeriu que Linda parasse de amamentá-la aos poucos, e enfatizou que Vanja devia receber carinhos e afagos quando quisesse mamar ou sair da cama, mas não podia, e que a cada noite devíamos adiar um pouco a hora de mamar. No fim acabei sentado em frente à caminha dela com um bloco de anotações, onde eu anotava as horas exatas, fazendo carinhos e afagos enquanto ela berrava feito uma louca e olhava enfurecida

para mim. Levou dez noites para que Vanja dormisse a noite inteira. Podia ter levado uma. Não podia fazer mal nenhum que ela chorasse um pouco, certo? Foi a mesma coisa no parquinho. Tentei fazer com que ela se distraísse sozinha, para que eu pudesse sentar num banco e ler um jornal, mas não havia jeito, bastavam alguns segundos sozinha para que ela me procurasse com o olhar e estendesse as mãozinhas suplicantes.

Linda desligou e entrou com Vanja nos braços.

— Vamos dar uma caminhada? — ela sugeriu.

— Não tem muito mais a fazer — respondi.

— Como assim? — ela perguntou um pouco desconfiada.

— Nada — eu disse. — Para onde vamos?

— Skeppsholmen, talvez?

— Pode ser.

Como era eu quem ficava com Vanja ao longo da semana, aquela era a vez de Linda. Sentada no colo da mãe, Vanja usava um blusão de tricô vermelho que tínhamos herdado dos filhos de Yngve, uma calça de veludo marrom, o macacão vermelho que a mãe de Linda tinha comprado para nós, a touca vermelha com bordas brancas de amarrar embaixo do queixo e um par de luvas de lã brancas. Até um mês atrás ela sempre tinha ficado quietinha quando trocávamos as roupas dela, mas nos últimos tempos tinha começado a se debater e a se contorcer quando a pegávamos. Era especialmente difícil na hora de trocar as fraldas, o cocô se espalhava por todos os lugares imagináveis porque ela não parava de se mexer, e mais de uma vez eu ergui a voz nessas ocasiões. PARE QUIETA! ou PARE QUIETA, PORRA!, e então eu a segurava com mais força do que era necessário. Vanja dava a impressão de se divertir enquanto tentava escapar, ela sorria ou gargalhava o tempo inteiro quando acontecia, e simplesmente não entendia o volume e a irritação na minha voz. Ela ignorava tudo aquilo, às vezes olhava surpresa para mim, o que foi agora? Outras vezes começava a chorar. Primeiro o lábio inferior se projetava para frente e começava a tremer, depois vinham as lágrimas. Que porra era aquilo que eu estava

fazendo?, eu pensava, será que eu tinha ficado louco? Vanja tinha um ano, era a própria imagem da inocência, e eu simplesmente *gritava* com ela?

Por sorte era fácil reconfortá-la, fazê-la rir, e por sorte ela esquecia depressa. Assim foi pior para mim.

Linda era mais paciente, e em cinco minutos Vanja estava vestida e pronta nos braços dela com um sorriso cheio de expectativa nos lábios. No elevador ela tentou apertar os botões, Linda apontou para o botão certo e conduziu a mãozinha dela até lá. O botão começou a brilhar, o elevador começou a descer. Enquanto Linda entrava com Vanja no quarto das bicicletas, onde o carrinho ficava, fui para a rua e acendi um cigarro. Ainda estava ventando forte, e o céu estava encoberto e cinza. A temperatura girava em torno de zero e menos um.

Descemos a Regeringsgatan, entramos no Kungsträdgården, passamos pelo Nationalmuseet e dobramos à esquerda em Skeppsholmen, ao longo dos cais onde os barcos-casa ficavam. Dois ou três remontavam à virada do século e tinham trafegado pelo enorme arquipélago ao redor da cidade. Também havia uma espécie de oficina de barcos de madeira por lá, pelo menos era o que parecia, onde quilhas e balizas estavam dispostas como um esqueleto numa construção de madeira que parecia um galpão. Um ou outro homem barbado enfiava a cabeça para fora enquanto passávamos, porém no mais a região estava totalmente deserta. No alto de um pequeno morro ficava o Moderna Museet, onde Vanja tinha passado uma quantia desproporcionalmente grande de tempo, dado seu pequeno tempo de vida. Mas a entrada era grátis, o restaurante era bom e conveniente para levar crianças, havia lugares para brincar e sempre valia a pena conferir as obras expostas.

A água do porto estava totalmente preta. As nuvens pareciam baixas e espessas no céu. A fina camada de neve no chão deixava toda a paisagem por assim dizer mais dura e mais nua, talvez porque acabasse com as poucas cores que ainda restavam. Todos os museus da cidade tinham em outras épocas sido construções militares, e dava para notar, todos corriam

fechados e atarracados ao longo das estradas vazias, ou então se erguiam no fim do que devia ter sido uma área de exercícios.

— Foi muito bom ontem — disse Linda enquanto me enlaçava com o braço.

— É — eu disse. — Foi mesmo. Mas você quer mesmo ter outro bebê?

— Quero, quero sim. Mas a chance é muito pequena.

— Tenho certeza que você está grávida — eu disse.

— Aquela mesma certeza de que a Vanja era um menino?

— Ha ha.

— Fico muito feliz — ela disse. — Já pensou se eu estiver mesmo? Imagine, mais um bebê!

— É... — respondi. — O que você acha, Vanja? Você quer uma irmãzinha ou um irmãozinho?

Vanja olhou para nós. Depois virou a cabeça para o lado e ergueu a mão em direção a três gaivotas que, com as asas recolhidas junto ao corpo, flutuavam em meio às ondas.

— Dé! — Vanja disse.

— É — eu respondi. — Três gaivotas!

Ter apenas um filho estava completamente fora de cogitação para mim, dois ainda era pouco e fechado demais, mas três, eu achava, seria perfeito. Assim os filhos seriam mais numerosos do que os pais, assim haveria muitas possibilidades combinatórias, assim seríamos uma turma. Eu tinha desprezo pela ideia de planejar os filhos exatamente para o momento mais conveniente, tanto no que dizia respeito à nossa vida quanto no que dizia respeito à idade ideal, era um negócio no qual não tínhamos nenhuma parte. Eu queria que o acaso decidisse, queria deixar as coisas acontecerem, e lidar com as consequências depois que elas surgissem. Por acaso a vida inteira não era assim? Quando eu andava pela rua com Vanja, quando eu dava comida para ela e a trocava, com aquela vontade louca de levar outra vida martelando no meu peito, eu enfrentava as consequências de uma escolha com a qual eu estava *obrigado* a viver. *Não havia saída*, a

não ser a mais antiga e tradicional de todas: aguentar. O fato de que eu obscurecia a vida ao meu redor enquanto fazia essas coisas era apenas mais uma consequência que eu também teria que aguentar. Se tivéssemos mais um filho, o que faríamos independente de Linda estar ou não estar grávida naquele instante, e depois outro, o que era igualmente inevitável, nossa atitude transcenderia o dever, transcenderia o anseio, e enfim se transformaria em uma situação totalmente nova e livre, não? Se não, o que eu poderia fazer?

Estar lá, fazer o que eu tinha que fazer. Na minha vida não havia mais nada a que eu pudesse me apegar, esse era o meu único ponto fixo, e estava gravado em pedra.

Será mesmo?

Semanas antes Jeppe tinha me ligado, ele estava na cidade, o que eu achava de a gente sair para tomar umas cervejas? Eu tinha Jeppe em alta conta, mas nunca conseguia falar com ele no meio de muita gente, como sempre era o caso, mas no fim a gente conseguia engatar uma conversa depois que eu virava umas cervejas o mais depressa possível. Conteí para ele como estava a minha vida. Jeppe olhou para mim e disse, com a autoridade natural que era típica dele: Mas você tem que *escrever*, Karl Ove!

E no fundo, se colocassem uma faca na minha garganta, a escrita vinha em primeiro lugar.

Mas por quê?

Uma criança era vida, e quem gostaria de virar as costas para a vida?

E a escrita, o que era a escrita senão a morte? Letras, o que eram as letras senão ossos num cemitério?

O ferry de Djurgård chegou pela extremidade da ilha. Do outro lado ficava Gröna Lund, o grande parque de diversões, com todos os brinquedos vazios e imóveis, alguns deles tapados com lonas. Algumas centenas de metros adiante ficava a construção que abrigava o navio Vasa.

— Vamos pegar o ferry até o outro lado? — perguntou Linda. — Assim a gente pode almoçar no Blå Porten!

— Mas a gente acabou de tomar o café da manhã — eu disse.

— Uma xícara de café, então.

— Está bem, pode ser. Você tem dinheiro?

Linda acenou a cabeça e ficamos esperando no embarcadouro. Poucos segundos depois Vanja começou a protestar. Linda tirou uma banana da bolsa e ofereceu para ela. Satisfeita, Vanja se deitou no carrinho e começou a olhar para o mar enquanto colocava os pedacinhos de banana na boca. Lembrei da primeira vez que eu tinha saído sozinho com ela, porque tínhamos passeado naquele mesmo lugar. Vanja tinha uma semana. Eu tinha acabado de correr ao redor do morro com o carrinho à minha frente, com medo de que ela parasse de respirar, com medo de que ela acordasse e começasse a gritar. Em casa a situação estava sob controle, tudo estava organizado entre a hora de mamar, dormir e trocar as fraldas num sistema sonolento, porém mesmo assim triunfante. Não tínhamos mais nada a que nos apegar fora de casa. A primeira vez que saímos com Vanja foi no terceiro dia, ela faria um exame de rotina, mas foi como se estivéssemos transportando uma bomba. O primeiro obstáculo foi a quantidade de roupas que ela teve de vestir, porque na rua fazia menos de quinze graus negativos. Outro obstáculo foi a cadeirinha de bebê, como prender aquilo no táxi? O terceiro obstáculo foram os olhos que nos observavam na recepção. Mas deu tudo certo, nós conseguimos, apesar das inúmeras dificuldades, mas tudo valeu a pena quando minutos depois a vimos deitada, mexendo a perninha devagar e tranquila enquanto a examinavam no trocador. Vanja estava com a saúde perfeita e com um bom humor irresistível, e de repente sorriu para a enfermeira que estava inclinada por cima dela. Isso foi um sorriso, disse a enfermeira. Não foi uma cólica. É raro ver um bebê sorrir tão cedo! Nos deixamos paparicar, aquilo certamente dizia muita coisa a respeito de nós como pais, e apenas meses depois percebi que aquele comentário, é raro ver um bebê sorrir tão

cedo, com certeza era feito para todos os casais justamente para causar esse efeito. Mas, ah, a luz baixa e quase introvertida de janeiro que se derramava através da janela por cima da menina em cima do trocador, com a qual ainda não estávamos nem um pouco acostumados, o gelo que cintilava no frio de rachar lá fora e a expressão completamente aberta e relaxada de Linda transformaram aquele momento numa das minhas poucas memórias que não têm o menor resquício de ambivalência. Tudo durou até o momento em que chegamos ao corredor antes de sair, quando Vanja começou a berrar. O que fazer? Pegá-la no colo? Era o que devíamos fazer. Será que Linda devia amamentá-la? Em caso afirmativo, como? Ela estava usando tantas roupas que mais parecia um balão. Será que devíamos tirar as roupas dela? *Enquanto* gritava? Seria assim que se agia naquela situação? E se nem assim ela se acalmasse?

Ah, como Vanja gritou enquanto Linda mexia nas roupinhas com um jeito indeciso e nervoso!

— Deixe comigo — eu disse.

Os olhos dela me fulminaram ao encontrar os meus.

Vanja se acalmou por alguns segundos quando os lábios se fecharam em volta do mamilo. Mas em seguida ela afastou a cabeça e continuou a berrar.

— Não era fome — Linda disse. — Mas o que pode ser então? Será que ela está doente?

— Não, com certeza não. Ela acabou de ser examinada.

Vanja gritava e gritava. O rostinho dela estava completamente contorcido.

— O que vamos fazer? — Linda perguntou desesperada.

— Segure-a perto de você um pouco e vamos ver o que acontece — eu disse.

O casal que tinha sido atendido depois de nós saiu com o bebê deles na cadeirinha. Os dois tomaram o cuidado de não olhar para nós ao passar.

— Não podemos ficar aqui parados — eu disse. — Temos que ir para casa. Vamos. Deixe-a gritar.

— Você já chamou um táxi?

— Não.

— Então trate de chamar!

Ela olhou para Vanja e a estreitou nos braços sem que aquilo surtisse efeito, porque não havia muito aconchego no contato entre o macacão dela e a jaqueta estofada de Linda. Peguei o celular e liguei para a central de táxis, segurei a cadeirinha na outra mão e avancei em direção às escadas no fim do corredor.

— Espere um pouco — Linda pediu. — Eu tenho que pôr a touca nela.

Vanja gritou durante todo o tempo que esperamos. Por sorte o táxi chegou poucos minutos depois. Abri a porta de trás, larguei a cadeirinha em cima do assento e tentei prendê-la com o cinto de segurança, como eu tinha feito uma hora antes sem nenhum problema, mas naquele momento pareceu uma tarefa absolutamente impossível. Tentei de todas as maneiras concebíveis fazer o cinto passar através e por cima e por baixo daquela maldita cadeirinha, mas não havia jeito. E o tempo inteiro Vanja gritava e Linda me encarava com hostilidade no olhar. No fim o taxista desceu para me ajudar. A princípio me recusei a desistir, com certeza eu podia dar um jeito naquela porcaria, mas depois de mais um minuto de tentativas frustradas me vi obrigado a desistir e assistir ao motorista, um homem de feições iraquianas com barba, prender a cadeirinha em dois segundos.

Durante todo o trajeto em meio à cidade coberta de neve, que reluzia com o sol, Vanja gritou. Foi apenas depois que entramos em casa, quando estava sem roupa e deitada na cama com Linda, que o choro parou.

Nós dois estávamos encharcados de suor.

— Que encrenca! — disse Linda quando se levantou da cama onde Vanja dormia.

— É mesmo — eu disse. — Mas pelo menos ela está cheia de vida.

Mais tarde naquele mesmo dia ouvi Linda conversando sobre o exame de Vanja com a mãe. Nenhuma palavra a respeito do berreiro, ou a respeito do pânico que sentimos, não, o que ela contou foi que Vanja sorriu quando estava sendo examinada no trocador. Como Linda estava feliz e orgulhosa! Vanja tinha sorrido, ela era um bebê saudável, e a luz tênue do sol lá fora, que dava a impressão de se erguer das superfícies nevadas, fazia tudo naquele espaço parecer difuso e cintilar, e também Vanja, que estava pelada chutando o cobertor.

Tudo que aconteceu depois passou em silêncio.

E naquele instante, esperando o ferry em meio à ventania, mais ou menos um ano depois, toda aquela cena me parecia estranha. Como explicar tamanha ignorância? Mas foi assim que se passou, eu ainda me lembro do sentimento que me preencheu naquele dia, tudo parecia muito frágil, inclusive a felicidade que se espalhava por toda parte. Nada na minha vida tinha me preparado para um bebê de colo, eu mal tinha visto um bebê antes, e com Linda a situação era idêntica, ela não tinha convivido de perto com nenhuma criança durante toda a vida adulta. Tudo era novo, tudo precisava ser aprendido à medida que as coisas iam acontecendo, inclusive os erros que cometíamos. Logo comecei a encarar os diversos momentos como desafios, como se eu estivesse participando de uma competição que consistia em fazer o maior número possível de coisas ao mesmo tempo, e continuei assim quando assumi a responsabilidade por Vanja durante o dia até que por fim não houvesse mais momentos novos, aquele pequeno território estava conquistado, e a única coisa que havia sobrado era a rotina.

À nossa frente o motor do ferry engatou a marcha a ré enquanto percorria os últimos metros até o cais. O cobrador abriu o portão, e nós, que visivelmente éramos os únicos passageiros, subimos a bordo com o carrinho. Bolhas de água verde-acinzentada subiam até a superfície ao redor dos propulsores. Linda pegou a carteira do bolso de dentro da jaqueta azul que estava usando e pagou. Eu me apoiei na balaustrada e olhei em

direção à cidade. A projeção branca que era o Dramaten, o morro estreito que separava a Birger Jarlsgatan da Sveavägen, onde o nosso apartamento ficava. A enorme massa de prédios que ocupava quase toda a paisagem. Como uma outra perspectiva, que não sabia para que as casas e as estradas serviam, mas as via apenas como formas e massas, como por exemplo muitos pombos deviam ver a cidade onde voavam e aterrissavam, de repente fazia tudo parecer estranho! Um enorme labirinto de passagens e espaços vazios, uns a céu aberto, outros em espaços fechados, outros ainda sob a terra, em estreitos túneis por onde trens deslizavam como larvas.

Mais de um milhão de pessoas viviam naquele lugar.

— A minha mãe disse que pode cuidar da Vanja na segunda, se você quiser. Assim você fica com o dia inteiro para você.

— Claro que eu quero — respondi.

— Não é claro — ela retrucou.

Revirei os olhos sem que ela visse.

— Então podemos dormir lá — ela continuou. — E voltar cedo na manhã seguinte. Se você quiser, enfim. E aí depois a minha mãe traz a Vanja durante a tarde.

— Parece um bom plano — eu disse.

Quando o ferry ancorou do outro lado, subimos a rua ao longo do parque de diversões, que no semestre de verão estava sempre lotado de gente, fosse porque estavam na fila para os ingressos ou para os cachorros-quentes, porque iam comer em um dos restaurantes de fast-food no outro lado ou simplesmente porque estavam dando um passeio. Lá o asfalto estava sempre coberto de ingressos e panfletos, papéis de sorvete e papéis de cachorro-quente, canudos e guardanapos, copos de refrigerante e caixinhas de suco e todas as coisas que as pessoas atiram ao redor quando estão se divertindo. Naquele instante a rua estava vazia e silenciosa e limpa. Não se via uma única pessoa em lugar nenhum, nem nos restaurantes num dos lados da rua nem no parque de diversões que ficava no outro. Em um pequeno morro do outro lado ficava o Circus, um local

para shows. Uma vez eu tinha comido em um restaurante lá junto com Anders, estávamos atrás de um lugar que transmitisse os jogos da Premier League. No telão lá dentro estavam passando uma partida a que queríamos assistir. Além de nós só tinha mais um homem lá dentro. A luz era pouca, as paredes eram escuras, mas assim mesmo ele estava de óculos de sol. Era Tommy Körberg. Todos os jornais tinham o rosto dele estampado na capa naquele dia, tinham-no flagrado bêbado ao volante, era quase impossível andar um metro em Estocolmo sem ficar sabendo. E naquele instante ele estava lá para se esconder. Os olhares que tomavam o cuidado de evitá-lo deviam ser tão desagradáveis quanto os que insistiam em vê-lo, porque logo depois que entramos ele foi embora, mesmo que nenhum de nós tivesse olhado para ele uma única vez.

Os meus piores acessos de pânico etílico empalideciam quando comparados à situação em que parecia se encontrar.

No meu bolso o celular tocou. Peguei-o e olhei para a tela. Era o celular de Yngve.

— Alô? — eu atendi.

— Olá — disse ele. — Como vão as coisas?

— Bem. E com você?

— Bem.

— Ótimo. Mas, escute, agora estamos dando um passeio. Posso ligar para você mais tarde? Hoje à tarde? Ou você tinha alguma coisa especial a dizer?

— Não. Nada. Faça como você disse então, depois nos falamos.

— Tchau.

— Tchau.

Guardei o celular no bolso.

— Era o Yngve — eu disse.

— Tudo bem com ele? — Linda perguntou.

Dei de ombros.

— Não sei. Mas vou retornar a ligação mais tarde.

Duas semanas depois de completar quarenta anos Yngve tinha deixado Kari Anne e ido morar sozinho em outra casa. Tudo aconteceu muito rápido. Foi só na última vez em que nos visitou que Yngve falou sobre os planos que tinha. Ele não costumava falar sobre as coisas e guardava quase tudo para si a não ser que eu fizesse perguntas diretas. Mas eu nem sempre perguntava. Além do mais, eu não precisava de nenhuma confiança para compreender que por muito tempo Yngve tinha vivido uma vida que não queria viver. Quando ele me contou que tinha acabado eu fiquei feliz por ele. Ao mesmo tempo eu não pude deixar de pensar em nosso pai, que tinha abandonado a nossa mãe poucas semanas antes de completar quarenta anos. A coincidência na idade, nesse caso exata até na quantidade de semanas, não era familiar nem genética, e a crise dos quarenta anos não era nenhum mito: ela tinha começado a afetar pessoas ao meu redor, e a afetá-las de maneira violenta. Eu tinha conhecidos que estavam quase enlouquecendo de tanto desespero. O que estava faltando? Mais vida. Aos quarenta anos a vida até então vivida, sempre de maneira provisória, tornava-se *a própria vida*, e essa ocorrência acabava com todos os sonhos, destruía todas as esperanças de que a verdadeira vida, a vida desejada, com todas as coisas grandiosas que as pessoas sonham em fazer, estivesse em outro lugar. Ao completar quarenta anos as pessoas compreendiam que tudo estava aqui mesmo, em tudo que há de pequeno e de cotidiano, já pronto, e que assim seria durante todo o tempo futuro, a não ser que uma atitude fosse tomada. A não ser que houvesse uma última aposta.

Yngve tinha feito essa aposta porque queria uma vida melhor. O nosso pai, porque queria uma virada radical. Assim, não fiquei preocupado com Yngve, e na verdade nunca tinha me sentido preocupado, ele sempre conseguiria se virar.

No carrinho Vanja dormia. Linda parou e a ajeitou. Olhou para o quadro com os pratos do dia que estava na calçada em frente ao Blå Porten.

— Para dizer a verdade eu estou com fome — Linda disse. — Você não?

— Podemos almoçar se você quiser — eu disse. — Os hambúrgueres de ovelha são bons.

O restaurante era agradável. Havia um lugar aberto no meio, cheio de plantas e com uma fonte, onde as pessoas sentavam no semestre de verão. No inverno essa decoração era substituída por um longo corredor com paredes de vidro. A única desvantagem era a clientela, na maior parte composta de mulheres interessadas em cultura na casa dos cinquenta ou sessenta anos.

Segurei a porta aberta para Linda, que empurrou o carrinho para dentro, depois pegou a haste entre as rodas e o carregou enquanto subia os três degraus. Pouco mais da metade das mesas estava ocupada. Escolhemos a que ficava mais afastada, para o caso de Vanja acordar, e fui pedir a nossa comida. Na mesa ao lado da janela estava Cora. Ela se levantou quando nos viu e sorriu.

— Olá! — disse. — Que bom encontrar vocês aqui!

Ela deu um abraço primeiro em Linda e depois em mim.

— E então? — perguntou. — Como vão as coisas?

— Bem — Linda respondeu. — E com você?

— Bem! Estou aqui com a minha mãe, como vocês podem ver.

Cumprimentei a mãe com um aceno de cabeça, eu já a tinha encontrado uma outra vez em uma das festas de Cora. Ela respondeu com outro aceno de cabeça.

— Estão só vocês dois aqui? — Cora perguntou.

— Não, a Vanja está para lá — Linda respondeu.

— Ah, certo. Vocês ainda vão ficar por aqui mais um pouco?

— É, um pouco... — disse Linda.

— Depois eu dou uma passada rápida — Cora prosseguiu. — Para dar uma olhada na filha de vocês. Pode ser?

— Claro — Linda respondeu enquanto se dirigia ao balcão mais ao fundo, onde estava a fila.

Cora foi uma das primeiras amigas de Linda que eu conheci. Ela adorava a Noruega e tudo que era norueguês, tinha morado no país por uns anos e às vezes começava a falar norueguês quando estava bêbada. Dentre todos os suecos que eu tinha conhecido, Cora era a única pessoa a compreender que as diferenças entre os dois países eram grandes, e tinha compreendido as diferenças da única forma possível, com o corpo. A maneira como as pessoas na Noruega se batem o tempo inteiro nas ruas, nas lojas e no transporte coletivo. A maneira como as pessoas na Noruega sempre puxam assunto, nos quiosques, nas filas e nos táxis. Ela ficou apavorada quando leu os jornais noruegueses e viu como os debates eram conduzidos. Os noruegueses não medem as palavras!, Cora disse animada. Vão com tudo para cima uns dos outros! Parecem não ter medo de nada! E não apenas pensam tudo o que se pode pensar entre o céu e a terra e dizem coisas que nenhum sueco jamais diria, mas também praguejam e batem na mesa enquanto falam! Ah, quanta liberdade! Essa maneira de pensar fez com que conhecê-la fosse mais fácil do que conhecer as outras amigas de Linda, que socializavam de maneira bem mais formal e polida, sem falar nas pessoas do escritório coletivo onde ela tinha conseguido um lugar para mim. Eram todos gentis e amistosos, com frequência me convidavam para almoçar, eu recusava os convites com a mesma frequência, a não ser pelas duas ou três vezes em que fiquei em silêncio ouvindo a conversa dos outros. Numa das vezes estavam discutindo a invasão iminente do Iraque, e o eterno conflito entre Israel e a Palestina. Ou talvez nem fosse uma discussão, era mais como se estivessem sentados conversando uma leviandade qualquer sobre a comida ou o tempo. No dia seguinte fui apresentado a Cora, e ela me disse que a amiga tinha desistido do lugar no escritório coletivo furiosa. Contou que tinha havido uma discussão acalorada sobre a relação entre Israel e a Palestina, a amiga tinha perdido a cabeça de tanta raiva e decidido ir embora na mesma hora. Mas

eu estava lá! E não tinha percebido nada! Nenhuma agressão, nenhuma irritação, nada. Apenas as vozes amistosas e contidas de todos, e os cotovelos que surgiam por trás dos cubículos como asas de frango quando usavam garfo e faca. Aquela era a Suécia, e assim eram os suecos.

Mas Cora também ficou irritada naquele dia. Eu contei a ela que Geir tinha viajado ao Iraque duas semanas atrás para escrever um livro sobre a guerra. Ela disse que ele era um cretino egoísta que só pensava no próprio umbigo. Cora não tinha nenhum engajamento político, então fiquei surpreso com aquela reação. Os olhos dela se encheram de lágrimas enquanto praguejava contra Geir. Será que Cora tinha uma empatia tão grande?

Ela me contou que o pai tinha ido para a guerra do Congo nos anos 1960. Trabalhava como repórter de guerra. A viagem destruiu a vida dele. Não que tivesse se ferido ou qualquer outra coisa parecida, nem que a vivência o tivesse abalado a ponto de causar problemas mentais, mas justamente pelo contrário, ele queria voltar, queria continuar a viver a vida que tinha por lá, na proximidade da morte, uma necessidade que nada na Suécia podia suprir. Ela me contou uma história estranha, disse que depois o pai tinha dirigido moto em um circo, a moto da morte, foi assim que ela falou, e claro que nessa época ele tinha começado a beber. O pai tinha impulsos destrutivos e havia morrido pelas próprias mãos quando Cora ainda era pequena. Era por causa dele que os olhos dela tinham se enchido de lágrimas, era por ele que chorava.

Mas pelo menos ela tinha dado sorte de ter uma mãe forte, rígida e autoritária, não?

Bem, não exatamente... a minha impressão era a de que a mãe olhava para a vida de Cora com um certo descontentamento, e que Cora se deixava afetar por aquilo mais do que devia. A mãe era contadora, e ficava evidente que as andanças de Cora em meio a um panorama cultural difuso não correspondiam às expectativas em relação ao que ela imaginava ser uma vida digna para a filha. Cora tinha ganhado a vida como jornalista em

várias revistas femininas sem que a experiência tivesse deixado muitas marcas na autoimagem dela, na verdade ela escrevia poemas, era poeta. Cora tinha frequentado a mesma escola de escrita criativa em Biskops-Arnö onde eu e Linda tínhamos estudado e escrevia bons poemas, ao menos na minha opinião; uma vez eu a ouvi ler e fiquei muito surpreso. Os poemas não eram nem no estilo do materialismo linguístico, como os poemas da maioria dos jovens poetas suecos, nem delicados e sentimentais, como os poemas dos outros, mas seguiam por um terceiro caminho, eram livres e experimentais de uma maneira impessoal, escritos numa linguagem expansiva que era difícil associar a ela. Mas Cora nunca tinha sido publicada. As editoras suecas eram infinitamente mais influenciadas pela conjuntura econômica do que as editoras norueguesas, e também muito mais cautelosas, então se você não estava alinhado com as tendências predominantes não tinha nenhuma chance. Se ela não desistisse e trabalhasse com afinco, no fim as coisas dariam certo, porque ela tinha talento, mas quando você olhava para ela a persistência não era a primeira coisa que saltava aos olhos. Cora tinha uma tendência à autocomiseração, falava baixo, muitas vezes sobre assuntos deprimentes, mas também podia de uma hora para outra parecer vivaz e interessante. Quando bebia ela era a única amiga de Linda que podia ocupar todo o espaço e fazer um escândalo. Talvez fosse por isso que eu simpatizava com ela?

Os longos cabelos desciam pelos dois lados de seu rosto. Os olhos por trás dos pequenos óculos tinham um aspecto canino e triste. Sempre que bebia, e às vezes também quando estava sóbria, Cora expressava a grande admiração e a grande identificação que sentia em relação a Linda. Linda nunca sabia direito como lidar com essas situações.

Passei a mão nas costas dela. A mesa ao nosso lado estava repleta de bolos de todos os tipos e tamanhos. Chocolate marrom-escuro, baunilha amarelo-claro, marzipã esverdeado, merengues brancos e cor-de-rosa. Havia uma bandeirinha com o nome em cada prato.

— O que você vai querer? — perguntei.

— Não decidi ainda... salada de frango, quem sabe? E você?

— Hambúrguer de ovelha. Assim não vou ter nenhuma surpresa. Mas deixe que eu peço o seu também. Vá se sentar.

Linda fez como eu disse. Fiz o pedido, paguei, enchi dois copos com água, cortei algumas fatias do pão que estava na ponta da enorme mesa de bolos, peguei os talheres, dois pequenos tabletes de manteiga e guardanapos, coloquei tudo em cima de uma bandeja e fiquei ao lado do balcão esperando que a comida fosse trazida da cozinha, que ficava com a parte superior à mostra no alto da porta. No lugar que parecia um átrio as mesas e as cadeiras permaneciam vazias em meio às plantas viçosas, que ganhavam um aspecto mais bonito ainda graças ao chão de cimento cinza e ao céu encoberto. Essa combinação era muito chamativa, cinza e verde. Nenhum pintor a soube usar melhor do que Braque. Me lembrei das gravuras dele que eu tinha visto em Barcelona quando estive lá com Tonje, com barcos numa praia sob um céu imenso, uma beleza quase chocante. As gravuras custavam alguns milhares de coroas, e pensei que era demais. Quando me arrependi já era tarde demais, no dia seguinte, um sábado, nosso último dia na cidade, tentei em vão abrir a porta da galeria.

Cinza e verde.

Mas também cinza e amarelo, como na incrível pintura de David Hockney com limões em cima de uma bandeja. Separar a cor do tema foi a conquista mais importante do modernismo. Antes, pinturas como as de Braque e de Hockney eram inconcebíveis. A questão era saber se tinha valido a pena quando se levavam em conta todas as outras coisas que o modernismo havia feito para a arte.

O café onde eu estava pertencia à galeria de arte Liljevalch, os fundos da galeria formavam a quarta e última parede da área ao ar livre, e o corredor ladeado por colunas até onde a escada conduzia também fazia parte da construção. Na minha última visita eu tinha visto uma exposição de Andy Warhol, em relação à qual eu não conseguia, independente da perspectiva adotada, perceber qualquer tipo de qualidade. Me senti um pouco

retrógrado e reacionário, características que eu absolutamente não queria ter, e muito menos cultivar. Mas o que eu podia fazer?

Thure Erik costumava dizer que o passado era apenas um dos vários futuros possíveis. Não era o passado que devia ser evitado e ignorado, mas apenas a estagnação. O mesmo valia em relação ao presente. E quando o movimento que a arte cultivava tornava-se estagnado chegava o momento de evitá-la e ignorá-la. Não porque fosse moderna e estivesse ligada à época em que vivemos, mas porque não se movimentava e não passava de uma coisa morta.

— Hambúrguer de ovelha e salada de frango?

Me virei. Um jovem com espinhas na cara, chapéu de cozinheiro e avental estava atrás do balcão com um prato em cada mão olhando ao redor.

— Aqui — eu disse.

Coloquei os pratos na bandeja e atravessei o lugar até chegar à nossa mesa, onde Linda me esperava com Vanja no colo.

— Ela acordou? — perguntei.

Linda fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Eu posso ficar com ela — me ofereci. — Para você comer.

— Obrigada — Linda disse.

A oferta não foi motivada por altruísmo, mas por interesse. Muitas vezes Linda tinha hipoglicemia e começava a ficar cada vez mais irritada. Depois de quase três anos morando com ela, eu notava os sinais muito antes que ela mesma os percebesse, eles apareciam nos detalhes, um movimento brusco, uma pincelada de preto no olhar, respostas um pouco lacônicas. Mas era só colocar um prato de comida na frente dela que tudo passava. Antes de vir para a Suécia eu nunca tinha ouvido falar desse fenômeno, não sabia nem que existia uma coisa chamada hipoglicemia, e não entendi nada quando percebi os sintomas em Linda pela primeira vez, por que ela estava sendo tão grossa com o garçom? Por que respondia apenas com breves acenos de cabeça e desviava o olhar quando eu perguntava qual era

o problema? Geir achava que o fenômeno, que era muito disseminado e muito discutido, devia-se ao fato de que todos os suecos tinham frequentado o jardim de infância, onde faziam refeições intermediárias durante o dia inteiro, as chamadas *mellanmål*. Eu estava acostumado a ver pessoas emburradas porque alguma coisa tinha dado errado, ou porque alguém feito um comentário ofensivo ou algo do tipo, enfim, por razões mais ou menos práticas, e a pensar que apenas o humor de crianças pequenas era afetado pela fome ou pela saciedade. Obviamente eu ainda tinha muito a aprender sobre o funcionamento da mente humana. Ou seria o funcionamento da mente sueca? Da mente feminina? Da mente da classe média cultural?

Peguei Vanja e fui buscar uma cadeirinha de bebê junto à porta de entrada. Voltei com Vanja numa mão e a cadeirinha na outra, tirei a touca, o macacão e os sapatos dela e a coloquei sentada. Os cabelos estavam desgrenhados, o rosto sonolento, mas nos olhos ela tinha um brilho que dava a esperança de uma meia hora tranquila.

Cortei uns pedacinhos dos hambúrgueres e os larguei na mesinha em frente a ela. Vanja tentou derrubá-los, mas a borda plástica impediu que caíssem. Antes que ela conseguisse juntá-los e jogá-los para longe um por um, coloquei-os de volta no meu prato. Me inclinei para frente e remexi a bolsa do carrinho para encontrar qualquer coisa que pudesse entretê-la por alguns minutos.

Um pote de piquenique em metal, será que podia funcionar?

Peguei os biscoitos e os coloquei em cima da mesa, larguei o pote na frente dela, peguei as minhas chaves e larguei-as em cima do pote.

Objetos barulhentos e desmontáveis eram justamente o que ela precisava. Satisfeito comigo mesmo, me sentei à mesa e comecei a comer.

Ao nosso redor ouvíamos o sussurro de vozes, o tilintar de talheres, uma ou outra risada contida. No curto tempo desde a nossa chegada o restaurante tinha praticamente lotado. Djurgården estava sempre cheia nos fins de semana, e assim tinha sido por mais de cem anos. Não apenas

porque os parques eram grandes e bonitos, em certos pontos mais floresta do que parque, mas também porque lá havia diversos museus. A Thielska Galleriet, com a máscara mortuária de Nietzsche e as pinturas de Munch, Strindberg e Hill; Waldemarsudde, a residência de Eugen, o príncipe artista; o Nordiska Museet, o Biologiska Museet e naturalmente Skansen, com o zoológico de animais nórdicos e construções de todos os períodos da história sueca, tudo surgido no fim do século XIX e no início do século XX, em meio àquela estranha mistura de burguesia, romantismo nacionalista, obsessão com a saúde e adoração pelo decadentismo. De tudo isso, restava apenas a obsessão com a saúde; o restante, em especial o romantismo nacionalista, era mantido à distância, agora o ideal não era mais uma pessoa única, mas igualitária, e não mais a cultura única, mas o multiculturalismo, de maneira que todos os museus em Djurgården haviam se transformado em museus de museus. O caso mais marcante era sem dúvida o do museu de biologia, que não tinha sofrido nenhuma alteração desde a época em que fora construído no início do século passado e continuava a apresentar o mesmo acervo de então, com diversos animais empalhados em ambientes que imitavam a natureza, tendo ao fundo pinturas de Bruno Liljefors, o grande pintor de animais e pássaros. Naquela época ainda havia enormes áreas intocadas pelo homem, então a recriação não era fundamentada em nenhum tipo de necessidade, a não ser a necessidade do conhecimento, e o olhar que oferecia sobre a nossa civilização, a constatação de que tudo devia ser trazido para dentro da esfera humana, não por necessidade, mas por desejo, por anseio, e a constatação de que esse desejo e esse anseio por conhecimento, que tinha por finalidade expandir o mundo, ao mesmo tempo o diminuía também em termos físicos, revelavam que o projeto, na época recém-começado, e portanto notável, agora estava completo, o que me dava vontade de chorar todas as vezes que eu ia até lá. O fato de que o fluxo de pessoas ao longo dos canais e das estradinhas de cascalho, nos gramados e em meio aos bosques nos fins de semana em princípio fosse o mesmo fluxo do fim do

século XIX tornava o sentimento ainda mais intenso: éramos como as pessoas daquela época, apenas mais perdidos.

Um homem da minha idade parou na minha frente. Alguma coisa a respeito dele me pareceu familiar, mas eu não consegui definir o quê. O homem tinha um queixo forte e protuberante e tinha raspado a cabeça para esconder o início da calvície. Os lóbulos das orelhas eram grossos, e a pele do rosto tinha um leve matiz rosado.

— Essa cadeira está vaga? — ele perguntou.

— Está — eu disse.

O homem levantou a cadeira com cuidado e a levou até a mesa ao lado, onde duas mulheres e um homem na casa dos sessenta anos estavam sentados com uma mulher no início dos trinta e duas crianças pequenas que deviam ser dela. Uma família passeando com os avós.

Vanja soltou um dos gritos terríveis que tinha começado a dar nas últimas semanas. Berrou com todas as forças que tinha. Aquele som atingia todo o meu sistema nervoso e era insuportável. Olhei para ela. Tanto o pote de piquenique quanto as chaves estavam no chão ao lado da cadeirinha. Juntei-os e os coloquei em frente a ela. Ela os pegou com as duas mãos e os jogou de volta para o chão. Podia ter sido uma brincadeira, se não fosse pelo grito que veio a seguir.

— Não grite, Vanja — eu disse. — Por favor.

Espetei o garfo na última meia batata, quase amarela em contraste com o prato branco, e o ergui em direção à boca. Enquanto eu mastigava, juntei os pedaços restantes de hambúrguer no prato, coloquei-os no garfo com a ajuda da faca, junto com uns anéis de cebola da salada, engoli e o ergui mais uma vez em direção à boca. O homem que tinha pegado a cadeira estava a caminho do balcão junto com o outro homem, que imaginei ser o pai da esposa, uma vez que nenhum dos traços característicos do rosto deixava-se entrever na expressão mais comum do homem mais velho.

Onde eu o tinha visto antes?

Vanja gritou mais uma vez.

Ela estava simplesmente impaciente, não havia motivo para se irritar, pensei enquanto sentia a raiva tomar conta do meu peito.

Larguei os talheres em cima do prato, me levantei e olhei para Linda, que também já estava acabando a refeição.

— Vou dar uma volta com ela — eu disse. — Só vou subir até o corredor. Você vai querer tomar um café depois ou prefere ir para outro lugar?

— Pode ser em outro lugar — ela disse. — Ou podemos ficar aqui.

Revirei os olhos e me inclinei para levantar Vanja.

— Você não pode revirar os olhos desse jeito para mim — disse Linda.

— Mas eu fiz uma pergunta simples — expliquei. — Uma pergunta no estilo sim ou não. Você quer ou não quer? E você não me respondeu.

Sem esperar a resposta, larguei Vanja no chão, peguei a mão dela e comecei a caminhar levando-a à minha frente.

— O que você quer, então? — Linda perguntou às minhas costas. Fingi que eu estava ocupado demais com Vanja para ter ouvido. Mais por conta da empolgação do que por ter um destino qualquer em mente, Vanja foi colocando um pé na frente do outro até que chegássemos à escada, onde cuidadosamente eu soltei a mão dela. No instante seguinte ela estava de pé, cambaleando um pouquinho. Então se ajoelhou e subiu os três degraus engatinhando. Depois seguiu a toda velocidade em direção à porta de entrada, como um filhote de cachorro. Quando a porta se abriu, ela se pôs de joelhos e olhou com olhos arregalados para as pessoas que vinham. Havia duas senhoras. A que vinha mais atrás parou e olhou sorrindo para Vanja. Ela desviou o olhar.

— Ela é um pouco tímida, não? — disse a mulher.

Dei um sorriso polido, peguei Vanja no meu colo e a levei comigo para a rua. Ela apontou para os pombos que bicavam migalhas debaixo de uma mesa. Depois olhou para cima e apontou para uma gaviota que deslizava no céu.

— Passarinhos — eu disse. — E você está vendo lá dentro, atrás da janela? Lá estão as pessoas.

Primeiro Vanja olhou para mim, depois para as pessoas. O olhar dela estava repleto de vida, parecia ao mesmo tempo expressivo e aberto a novas impressões. Quando meus olhos encontravam os dela eu sempre tinha a sensação de que Vanja era uma pessoinha muito determinada.

— Como está frio! — eu disse. — Melhor voltar para dentro, não?

Ainda nos degraus eu vi que Cora tinha ido até a nossa mesa. Por sorte ela não tinha sentado. Tinha apenas ficado atrás da cadeira com as mãos no bolso e um sorriso nos lábios.

— Como a Vanja cresceu! — ela disse.

— É — respondi. — Quanto a Vanja cresceu?

Em geral Vanja sentia orgulho em responder a uma pergunta estendendo os braços acima da cabeça. Mas naquele momento ela apenas escorou a cabeça no meu ombro.

— Estamos indo para casa. Não estamos? — perguntei enquanto olhava para Linda. — Agora vai demorar meia hora caso a gente peça um café.

Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Nós também estamos indo daqui a pouco — disse Cora. — Mas acabei de acertar com a Linda uma visita para uma hora dessas. Nos vemos em breve.

— Ótimo — eu disse. Coloquei Vanja no meu colo e comecei a vestir o macacão nela. Olhei para Cora e sorri para não parecer inamistoso.

— Como é estar de licença-paternidade? — ela perguntou.

— Horrível — eu disse. — Mas estou aguentando.

Cora sorriu.

— É sério — expliquei.

— Eu entendi — ela disse.

— O Karl Ove aguenta tudo — Linda completou. — É o método que usa para enfrentar a vida.

— Eu só fui sincero — disse. — Você preferia que eu mentisse?

— Não — Linda respondeu. — Só estou meio cansada de ver você tão contrariado.

— Eu não estou *tão* contrariado assim — respondi.

— Minha mãe está me esperando na rua — Cora disse. — Foi bom ver vocês. Nos vemos em seguida!

— Bom ver você também — eu disse.

Quando Cora saiu encontrei os olhos de Linda.

— Não falei nada de mais — eu disse enquanto ajeitava Vanja no carrinho, prendia-a com o cinto e soltava a trava da roda.

— Não — respondeu Linda, com um jeito lacônico que significava exatamente o contrário. Em silêncio ela se inclinou para frente e ergueu o carrinho quando chegamos à escada, e em silêncio caminhou ao meu lado até atravessarmos o pátio e tomarmos o caminho do centro. Era como se um vento frio soprasse direto nos ossos. Ao nosso redor havia multidões. Os estacionamentos nos dois lados estavam apinhados de pessoas quase congeladas e vestidas de preto, que de certa forma não deixavam de ter uma certa semelhança com pássaros, daqueles que ficam amontoados e imóveis em um ou outro pedaço de gelo na Antártida.

— Ontem foi tão bom e tão romântico — Linda disse por fim quando deixamos o museu de biologia para trás e pudemos ter o primeiro vislumbre do canal cintilante que reluzia preto em meio aos galhos distantes. — E de repente é como se nada daquilo existisse hoje.

— Eu não sou uma pessoa romântica, como você sabe — eu disse.

— Não. Mas então que tipo de pessoa você é?

Ela me encarou quando fez a pergunta.

— Corta essa — eu disse. — Não vamos começar com essa história outra vez.

Encontrei os olhos de Vanja e sorri para ela. Vanja vivia em um mundo próprio, ligado ao nosso através de sentimentos e sensações, movimentos físicos e sons de vozes. Oscilar entre esses mundos, como fiz naquele momento, ficando aborrecido com Linda num instante e alegre com

Vanja no instante seguinte, era estranho, era quase como se eu vivesse duas vidas completamente independentes. Mas ela vivia uma vida só, que logo se transformaria na outra quando a inocência desaparecesse e Vanja começasse a entender um pouco do que acontecia entre mim e Linda em momentos como aquele.

Chegamos à ponte acima do canal. O olhar de Vanja ia de um lado para o outro em meio às pessoas que passavam. Toda vez que ela via um cachorro ou uma motocicleta ela apontava.

— A ideia de que a gente talvez vá ter um filho outra vez me deixou tão feliz! — Linda disse. — Mas isso foi ontem, e hoje é outro dia. Pensei nisso quase o tempo inteiro. Um frio na barriga de tanta felicidade. Mas você não sente a mesma coisa. E eu fico triste por isso.

— Você está enganada — respondi. — Eu também fiquei contente.

— Mas não está contente agora.

— Não — eu disse. — Mas o que há de estranho, afinal? Simplesmente não estou tão bem-humorado.

— Porque você tem ficado em casa com a Vanja?

— Entre outras coisas.

— E vai ser melhor se você puder escrever?

— Com certeza.

— Então precisamos colocar a Vanja no jardim de infância — ela disse.

— Você está falando sério? — perguntei. — Ela ainda é muito pequena.

Estávamos no meio do rush dos pedestres, olhamos para a ponte, que era um gargalo na saída de Djurgården, e fomos obrigados a diminuir a marcha. Linda estava segurando o carrinho com uma mão só. Mesmo detestando aquilo eu não disse nada, era pouco demais para que importasse, em especial naquele momento, quando estávamos tendo aquela discussão.

— É, ela é pequena demais — Linda concordou. — Mas o tempo de espera é de três meses. Até lá ela vai estar quase com dezesseis meses. Ainda vai ser pequena demais, mas...

Dobramos à esquerda quando chegamos ao outro lado e continuamos ao longo do cais.

— O que você está querendo dizer, afinal? — perguntei. — Primeiro você diz que ela devia ir para o jardim de infância. Depois você diz que ela é pequena demais.

— Eu acho que ela é pequena demais. Mas se para você trabalhar é absolutamente necessário, não temos outra alternativa. Eu também não posso desistir do meu curso.

— Ninguém cogitou essa ideia. Eu disse que ia cuidar da Vanja até o verão. E que depois ela podia começar o jardim de infância no outono. Não estou mudando nada do que eu disse.

— Mas você está insatisfeito.

— Estou mesmo. Mas será que é tão importante assim? Não quero ser o marido malvado que contra a vontade da esposa bondosa manda a filha para o jardim de infância cedo demais porque quer aproveitar mais a vida.

Linda me encarou.

— Se você pudesse escolher, o que você escolheria?

— Se eu pudesse escolher, Vanja começaria o jardim de infância na segunda-feira.

— Mesmo que você ache que ela é pequena demais?

— Sim. Mas essa escolha não é só minha, não é mesmo?

— Não. Mas eu estou de acordo. Vou ligar na segunda-feira e colocar o nome dela na lista de espera.

Andamos por mais um tempo em silêncio. À nossa direita estavam alguns dos apartamentos mais exclusivos de Estocolmo. Simplesmente não existia endereço mais chique na cidade. E os prédios não deixavam margem a dúvidas. As fachadas não revelavam nada, não deixavam que nada fosse percebido, mais pareciam castelos ou fortalezas. Por dentro havia um apartamento enorme com doze ou catorze ambientes, eu sabia. Lustres, nobreza, enormes quantidades de dinheiro. Uma vida sobre a qual eu nada sabia.

Do outro lado ficava o porto, todo preto até o cais, branco e espumoso na crista das ondas um pouco mais adiante. O céu estava cinza e pesado, o brilho dos prédios no outro lado era como pequenos rasgos de luz na imensidão cinzenta.

Vanja resmungou um pouco e se mexeu no carrinho, deslizou e acabou de lado. Então começou a resmungar ainda mais. Quando Linda se inclinou para frente e a levantou, ela achou por um segundo que estava saindo do carrinho, e soltou um grito de frustração quando percebeu que não era o caso.

— Espere um pouco — Linda pediu. — Vou ver se temos uma maçã na sacola.

A maçã estava lá, e no momento seguinte toda a frustração desapareceu. Satisfeita, Vanja começou a mascar e a roer a maçã verde enquanto continuamos nossa caminhada.

Em três meses seria maio. Eu não ganharia mais do que dois meses. Mas ainda era melhor do que nada.

— Talvez a minha mãe também possa cuidar da Vanja alguns dias da semana — disse Linda.

— Seria ótimo — eu disse.

— Podemos falar com ela amanhã.

— Estou com a impressão de que ela vai aceitar — eu disse com um sorriso.

A mãe de Linda largava tudo o que estava fazendo e vinha correndo assim que um dos filhos precisava de ajuda. E se antes havia limites para esse instinto, todos haviam desaparecido quando a neta veio ao mundo. Ela idolatrava Vanja e queria fazer tudo, absolutamente tudo por ela.

— Está feliz agora? — Linda perguntou enquanto passava a mão nas minhas costas.

— Estou — respondi.

— Ela vai estar bem mais crescadinha — ela continuou. — Com dezesseis meses. Já não vai ser *tão* pequena.

— Torje tinha dez meses quando entrou para o jardim de infância — eu disse. — E não sofreu nenhum abalo perceptível.

— E se eu estiver *mesmo* grávida o parto vai ser em outubro. Vai ser bom para Vanja ter uma rotina.

— E eu acho que você está.

— Eu também acho. Ou melhor, eu *sei*. Desde ontem tenho certeza.

Quando chegamos à praça em frente ao Dramaten e paramos à espera do sinal verde começou a nevar. O vento soprava nas esquinas e nos telhados, os galhos nus balançavam, bandeiras se batiam. Os pobres pássaros que tentavam voar acabavam à deriva nas rajadas. Fomos até o mercado no fim da Biblioteksgatan, onde o sequestro dramático que abalou a Suécia e deu origem ao conceito de síndrome de Estocolmo se desenrolou em meio à inocência dos anos 1970, e subimos uma das ruas nos fundos até a Nordiska Kompaniet, onde faríamos as compras para o jantar daquela noite.

— Você pode ir para casa com a Vanja enquanto eu faço as compras, se quiser — eu disse, sabendo que Linda não gostava de lojas e shopping centers.

— Não, eu quero ficar com você — ela disse.

Então pegamos o elevador até o mercado no subsolo, compramos linguiça, tomate, cebola, salsa e dois pacotes de rigatoni, sorvete e amoras congeladas, pegamos o elevador de volta para o andar onde ficava o Systembolaget e compramos uma caixa de vinho branco para o molho de tomate, uma caixa de vinho tinto e uma garrafa pequena de conhaque. No caminho peguei os jornais noruegueses que tinham acabado de sair, o *Aftenposten*, o *Dagbladet*, o *Dagens Næringsliv* e o *Verdens Gang*, além do *Guardian* e do *The Times*, para se de repente, embora não fosse certo, surgisse uma hora livre para leitura durante o fim de semana.

Quando chegamos em casa faltavam poucos minutos para a uma. Ajeitar o apartamento, ou seja, limpar e organizar tudo, levou mais ou menos duas horas. E além disso tínhamos uma pilha enorme de roupas

para lavar. Mas o tempo seria suficiente; Fredrik e Karin não chegariam antes das seis.

Linda colocou Vanja na cadeirinha e aqueceu um pote com comida de criança no micro-ondas, enquanto eu juntei todos os sacos de lixo acumulados, inclusive no banheiro, onde as fraldas tinham não apenas enchido o lixo até que a tampa ficasse completamente aberta, mas também se amontoado pelo chão, e os levei para o quartinho do lixo no térreo. Como a semana estava no fim, todas as lixeiras quadradas lá dentro estavam cheias. Abri a tampa de cada uma e comecei a jogar os diversos tipos de lixo no lugar onde deviam estar: papelão aqui, vidro colorido aqui, vidro transparente aqui, plástico aqui, metal aqui, o resto aqui. Como sempre, pude verificar que se bebia um bocado naquele prédio; uma quantidade considerável do papelão consistia em caixas de vinho, e quase todo o vidro descartado eram garrafas de vinho ou de destilados. Além disso havia sempre pilhas de revistas, tanto daquelas baratas que vêm com os jornais como revistas especiais mais grossas e mais elaboradas. Moda, decoração e casas de campo eram os assuntos sobre os quais mais se lia a respeito no prédio. No canto da parede menor havia um buraco, provisoriamente fechado com pregos e uma tábuia, que alguém havia serrado uma noite qualquer para entrar no salão de cabeleireiro ao lado. Eu quase topei com os ladrões; numa das manhãs em que acordei às cinco horas eu estava saindo com uma xícara de café na mão e ouvi o alarme soar no salão de cabeleireiro assim que saí para o corredor. Lá embaixo encontrei uma vigia com o telefone no ouvido. Ela terminou a conversa no mesmo instante em que apareci, perguntou se eu morava lá. Disse que tinham acabado de arrombar o salão de cabeleireiro e que a polícia estava a caminho. Entrei com ela na sala das bicicletas, que estava com a porta arrombada, e vi o buraco de meio metro na parede de gesso. Eu tinha piadas sobre ladrões vaidosos na ponta da língua, mas não toquei no assunto, ela era sueca e ou não me entenderia ou não entenderia a graça. Essa era uma das consequências de morar aqui, pensei ao fechar todas as

tampas e trancar a porta antes de ir fumar na rua, eu simplesmente falo menos. Eu tinha praticamente dado fim a essas conversas rápidas com atendentes de lojas e cafés, condutores de trens e pessoas aleatórias que estivessem comigo numa situação qualquer. Uma das melhores coisas quando eu voltava à Noruega era justamente perceber o retorno dessa confiança em pessoas que eu não conhecia, sentir os meus ombros relaxarem. E também o retorno de todo o conhecimento a respeito dos meus compatriotas, que quase me sobrepujava quando eu saía para o saguão de chegadas em Gardermoen: ele vem de Bergen, ela vem de Trondheim, aquele lá é de Arendal, e ela, por acaso não seria de Birkeland? O mesmo acontecia com as nuances da paisagem social. O trabalho das pessoas, a bagagem de cada um: tudo se revelava em questão de segundos, enquanto na Suécia tudo permanecia eternamente oculto. Um mundo inteiro desaparecia. Como não teria sido então morar numa cidade africana? Ou japonesa?

Na rua o vento batia contra mim. A neve que tinha caído deslizava e se amontoava em movimentos sinuosos por cima do asfalto, e aqui e acolá se erguia num véu, como se eu estivesse em um platô no alto de uma montanha, e não em um quintal numa cidade às margens do Mar Báltico. Fiquei embaixo da cobertura junto ao portão, onde os pinicantes grãos de neve me alcançavam somente de vez em quando, embora sempre com uma força desvairada. A pomba estava imóvel no canto de sempre, totalmente alheia a mim e aos meus movimentos. Vi que o café do outro lado da rua estava lotado, os clientes eram na maioria jovens. Um que outro pedestre andava pela calçada com a cabeça inclinada contra o vento. Todos viravam o rosto em direção a mim.

O arrombamento que eu quase havia testemunhado não tinha sido o único. Como o prédio ficava no meio de City, às vezes era usado por mendigos. Uma vez pela manhã encontrei um na lavanderia coletiva, ele estava dormindo no canto mais afastado da peça, ao lado de uma máquina de lavar, que emanava um calor que talvez tivesse buscado, como um gato.

Bati a porta, desci e esperei uns minutos, e quando voltei ele tinha desaparecido. No porão eu tinha encontrado também um outro mendigo por volta das dez horas da noite, eu tinha ido buscar uma coisa qualquer na nossa despensa e ele estava lá, sentado junto à parede, com a barba comprida e os olhos fixos, olhando para mim. Cumprimentei-o com um aceno de cabeça, destranquei a despensa e fui embora depois de pegar o que eu queria. O certo a fazer seria chamar a polícia, aqueles mendigos aumentavam por exemplo os riscos de um incêndio, mas eles não me incomodavam, então eu os deixava em paz.

Apaguei o cigarro contra a parede e o levei comigo de maneira exemplar até o grande cinzeiro pensando que logo eu teria que parar de vez, era como se os meus pulmões estivessem em chamas. E por quantos anos eu não tinha acordado pela manhã com a garganta coberta por um muco espesso? Mas não hoje, nunca hoje, eu dizia a meia-voz para mim mesmo, como eu tinha me acostumado a fazer nos últimos tempos, e então tornei a entrar.

Enquanto limpava o apartamento eu ouvia o tempo inteiro o que Linda e Vanja estavam fazendo; Linda leu em voz alta, pegou os brinquedos, que quase sempre eram atirados no chão repetidas vezes, uma situação com a qual em vários momentos estive a ponto de intervir, mas a vizinha evidentemente não estava em casa, então deixei passar; ela cantou, fez um lanche com Vanja. Às vezes as duas apareciam para me ver, Vanja pendurada nos braços de Linda, às vezes Linda tentava ler o jornal enquanto Vanja brincava sozinha, mas a brincadeira não durava muito tempo até que ela começasse a exigir a atenção total de Linda. E Linda estava sempre disposta a dar essa atenção! Mas eu tinha que tomar cuidado para não entrar e dar a minha opinião, que poderia facilmente ser entendida como uma crítica. Ter mais um filho talvez interrompesse aquela dinâmica tão próxima. Ter mais dois seria uma garantia de sucesso.

Quando terminei, me sentei no sofá com a pilha de jornais. Faltava apenas passar a toalha de mesa, pôr a mesa e preparar a comida. Mas era um prato simples, não levaria mais do que meia hora, então eu tinha tempo de sobra. Na rua o céu começou a escurecer. Do apartamento de cima vinha o som de uma guitarra, era o vizinho barbudo de quarenta anos ensaiando canções de blues.

Linda estava parada junto à porta.

— Você fica um pouco com a Vanja? — ela perguntou. — Eu também quero descansar um pouco.

— Mas eu acabei de me sentar — respondi. — Limpei toda a porcaria desse apartamento, como você deve ter notado.

— E eu fiquei com a Vanja — ela disse. — Você acha que é menos trabalhoso?

Eu achava que era. Eu podia ter cuidado de Vanja e limpado o apartamento sozinho. Ela teria chorado um pouco, mas tudo bem. Por outro lado, não daria para seguir por esse caminho se eu quisesse evitar um confronto total.

— Não, acho que não — eu disse. — Mas eu já cuido da Vanja a semana inteira.

— Eu também — Linda retrucou. — De manhã e de tarde.

— Por favor! — eu pedi. — Sou eu quem fica em casa com ela.

— E quando eu estava em casa com ela, o que você estava fazendo? Era você quem cuidava dela de manhã e de tarde? E por acaso eu saía para ir ao café todos os dias depois que você chegava em casa, como você faz agora?

— Tudo bem — concordei. — Vou ficar com ela. Pode sentar.

— Não se você mantiver essa atitude. Pode deixar que eu mesma cuido dela.

— A minha atitude não interessa. Eu fico com ela e você pode descansar um pouco. É bem simples.

— E além do mais você faz intervalos para fumar toda hora. Eu não. Você já pensou nisso?

— Você devia começar a fumar, então — eu disse.

— Talvez eu comece mesmo — ela respondeu.

Passei por Linda sem encontrar os olhos dela, fui até Vanja, que estava no chão soprando a flauta doce que tinha numa mão enquanto agitava a outra para cima e para baixo. Parei junto à janela e cruzei os braços. Atender todos os desejos de Vanja sem exceção era algo que eu definitivamente não ia fazer. Ela precisava aguentar cinco minutos sem receber atenção, como as outras crianças.

Ouvi o barulho de Linda folheando um jornal na sala.

Será que eu devia dizer que ela ainda tinha que passar a toalha de mesa, pôr a mesa e preparar a comida? Ou surpreendê-la dizendo que essa era a parte dela quando viesse pegar Vanja? Afinal tínhamos trocado, não?

Um forte cheiro de podre começou a se espalhar pelo apartamento. Vanja tinha parado de soprar a flauta doce e estava imóvel e em silêncio à minha frente. Me virei de costas e olhei para a rua. Os flocos de neve que deslizavam lá embaixo, onde o brilho das luzes suspensas os iluminava, mas que não eram visíveis enquanto não batessem contra o vidro com um ruído discreto, quase inaudível. A porta da US Video que não parava de abrir e fechar. Os carros que passavam a intervalos regulares por causa de um semáforo que permanecia invisível para mim. As janelas dos apartamentos no outro lado da rua, tão distantes que os habitantes eram visíveis apenas como intromissões vagas sob a luz difusa das vidraças.

Me virei de volta.

— Você já terminou agora? — perguntei a Vanja enquanto eu a olhava. Ela sorriu. Peguei-a debaixo do braço e a atirei em cima da cama. Vanja começou a rir.

— Agora eu vou trocar a sua fralda — eu disse. — Preciso que você fique bem quietinha. Está bem?

Levantei-a e a joguei mais uma vez.

— Está bem, minha trollzinha?

Ela ria tanto que mal conseguia respirar. Quando tirei as calças dela, Vanja se virou e começou a engatinhar o quanto podia em cima da cama. Peguei o tornozelo dela e a puxei de volta.

— Você precisa ficar quieta, está bem? — eu disse, e por um instante ela deu a impressão de entender de verdade, porque ficou totalmente parada e me olhou com aqueles olhos redondos. Mas com uma mão eu levantei as pernas dela, enquanto com a outra soltei as tiras e retirei a fralda. Vanja tentou se soltar, torceu o corpo de um lado para o outro e, como eu a segurava firme, de repente arqueou o corpo como se fosse epilética.

— Não, não, não — eu disse enquanto a colocava de volta no lugar. Vanja riu, eu puxei uns lenços umedecidos do pacote o mais depressa que podia, ela tentou se jogar para longe mais uma vez, eu a segurei no lugar e a limpei enquanto respirava pelo nariz e tentava ignorar a irritação, que naquele momento quase não cabia mais dentro de mim. Eu tinha esquecido de tirar de perto a fralda suja, Vanja acertou-a em cheio com o pé, empurrei a fralda para longe e limpei o pé dela com um pouco de má vontade, porque eu sabia que naquele ponto os lenços umedecidos não seriam mais suficientes. Eu a levantei e a levei para o banheiro, onde, com Vanja esperneando debaixo do braço, tirei o chuveiro do suporte, abri a água, experimentei a temperatura nas costas da mão e comecei a enxaguá-la da cintura para baixo com todo cuidado, enquanto ela tentava pegar as franjas amarelas da cortina de banho. Ao terminar eu a sequei com uma toalha e, depois de evitar mais duas ou três tentativas de fuga, consegui colocar a fralda limpa. Depois enrolei a suja, coloquei-a num saco plástico, dei um nó e o larguei do lado de fora da porta.

Na sala Linda continuava folheando o jornal. Vanja bateu no chão com um dos blocos de montar que tinha ganhado de Öllgård no aniversário de um ano. Me deitei na cama com os braços embaixo da cabeça. No instante seguinte os canos ribombaram.

— Não preste atenção nela — disse Linda. — Deixe Vanja brincar como ela quiser.

Mas eu não consegui. Me levantei, fui até Vanja e tirei o bloco dela. Em troca ofereci uma ovelha de brinquedo. Ela a jogou longe. Mesmo quando comecei a falar com uma voz idiota e a fazer com que a ovelha andasse de um lado para o outro ela continuou desinteressada. Ela queria o bloco de montar, o barulho que aquilo fazia ao bater contra o parquê era um atrativo. Resolvi deixar que Vanja brincasse. Ela pegou dois blocos da caixa e começou a batê-los contra o chão. No instante seguinte os canos ribombaram mais uma vez. O que era aquilo? Por acaso ela ficava lá embaixo *de prontidão*? Peguei um dos blocos da caixa e bati com toda a minha força no radiador. Vanja olhou para mim e riu. No instante seguinte ouvi a porta do andar de baixo bater. Atravessei a sala e fui até o corredor. Quando a campainha tocou eu abri a porta de supetão. A russa me encarou com fúria no olhar. Dei um passo à frente e parei a poucos centímetros do rosto dela.

— Que DIABOS você quer? — gritei. — Que DIABOS você pretende vindo até aqui? Eu não quero saber de você aqui. ENTENDEU?

A russa não esperava por aquilo. Ela deu um passo para trás e tentou dizer alguma coisa, mas assim que a primeira palavra saiu dos lábios dela eu comecei outra vez.

— E AGORA SAIA DAQUI E VÁ PARA O INFERNO! — gritei. — SE VOCÊ BATER AQUI OUTRA VEZ EU VOU CHAMAR A POLÍCIA.

Nesse mesmo instante uma senhora com uns cinquenta anos apareceu na escada. Era a vizinha do andar de cima. Ela olhou para baixo quando passou. Mesmo assim, era uma testemunha. Talvez aquilo tivesse dado coragem à russa, porque ela não foi embora.

— VOCÊ NÃO OUVIU O QUE EU DISSE? SERÁ QUE VOCÊ É UMA IDIOTA TOTAL? EU JÁ MANDEI VOCÊ IR EMBORA DAQUI. VÁ! VÁ!

Quando terminei de falar eu dei mais um passo em direção a ela. A russa se virou e começou a descer a escada. No segundo ou no terceiro

degrau ela se virou mais uma vez na minha direção.

— Você vai sofrer as consequências — ela ameaçou.

— Estou me lixando — eu disse. — Em quem você acha que vão acreditar? Numa russa alcoólatra e solitária ou num casal bem-sucedido com uma filha pequena?

Então voltei para dentro do apartamento e fechei a porta. Linda estava junto à porta da sala, olhando para mim. Passei sem encontrar os olhos dela.

— Talvez não tenha sido muito esperto — eu disse. — Mas a sensação foi ótima.

— Eu imagino — ela disse.

Entrei no quarto e tirei os blocos de Vanja e guardei-os na caixa, que coloquei em cima da cômoda para que ela não pudesse alcançá-los. Para fazê-la pensar em outra coisa além do desespero que se instalou a seguir eu a levantei e a coloquei em cima do parapeito. Ficamos um tempo olhando para os carros. Mas eu estava muito fora de mim para conseguir ficar parado durante muito tempo, então a coloquei de volta no chão e entrei no banheiro, onde enxaguei as mãos, sempre muito frias no inverno, com água quente, sequei-as e olhei para a minha imagem no espelho, que não revelava um único dos pensamentos ou dos sentimentos que fervilhavam dentro de mim. Talvez minha lembrança mais forte da minha infância fosse que vozes altas e agressão me davam medo. Para mim, brigas e escândalos eram as piores coisas que existiam. E por muito tempo durante a minha vida adulta eu tinha conseguido evitá-los. Em nenhum dos meus relacionamentos anteriores tinha havido discussões em voz alta, tudo sempre transcorria de acordo com o meu método, que consistia em ironia, sarcasmo, inimizade, mau humor e silêncio. Isso mudou apenas quando Linda entrou na minha vida. E como mudou! Eu sentia medo. Não era um medo racional, a minha força física era naturalmente muito superior à dela, e no que dizia respeito ao equilíbrio em nosso relacionamento, ela precisava de mim mais do que eu precisava dela, no sentido de que eu

podia muito bem ficar sozinho, para mim ficar sozinho não era apenas uma possibilidade, mas também uma tentação, enquanto Linda temia a solidão mais do que qualquer outra coisa, porém mesmo assim, a despeito dessa relação de poder, eu sentia medo quando ela vinha para cima de mim. Medo como eu sentia quando era criança. Ah, eu não sentia nenhum orgulho a esse respeito, mas que diferença faria? Não era uma coisa que eu pudesse controlar com os meus pensamentos ou com a minha vontade, mas algo que acontecia dentro de mim nessas horas, algo com raízes profundas, que chegavam ao que talvez fossem as próprias fundações do meu caráter. Mas tudo isso permanecia oculto a Linda. Não dava para ver que eu tinha medo. Quando eu retrucava, minha voz podia quebrar, porque o choro estava no meu peito, mas a minha impressão era que para ela aquilo podia muito bem parecer uma consequência da raiva. Não, pensando melhor, em uma ou outra ocasião ela devia ter notado. Mas talvez não exatamente o quão terrível aquilo era para mim.

Eu com certeza tinha aprendido com essas experiências. Xingar outra pessoa da maneira como eu tinha acabado de xingar a russa seria impensável um ano atrás. Mas no caso dela naturalmente a reconciliação estava além de qualquer esperança. Daquele ponto em diante as coisas só haviam de piorar.

E daí?

Peguei as quatro sacolas da IKEA com roupas sujas, que eu tinha esquecido por completo, e as levei para o corredor. Tirei os sapatos e disse em voz alta que eu estava descendo ao porão para lavar as roupas. Linda apareceu na porta.

— Você tem que fazer isso agora? — ela perguntou. — Você sabe que eles vão chegar daqui a pouco. E ainda nem começamos a preparar a comida...

— Ainda são quatro e meia — eu disse. — E não tem nenhum horário disponível para quinta.

— Tudo bem — Linda concordou. — Amigos?

— Amigos — eu respondi. — Claro.

Ela se aproximou de mim e nos beijamos.

— Eu te amo, sabia? — ela disse.

Vanja chegou engatinhando da sala. Ela se agarrou na perna da calça de Linda e ficou de pé.

— Ei! Você também quer participar? — eu disse enquanto a pegava no colo. Ela colocou a cabeça entre as nossas. Linda riu.

— Muito bem! — eu disse. — Agora vou colocar as roupas para lavar.

Desci as escadas cambaleando com duas sacolas em cada mão. A ansiedade que os pensamentos sobre a nossa vizinha causavam, a ideia de que era totalmente imprevisível e a partir daquele momento ainda estava profundamente ofendida, eu simplesmente tirei da cabeça. Qual era a pior coisa que podia acontecer? Eu não achava que ela fosse investir contra mim de faca em punho. O negócio dela era uma vingança às escondidas.

A escada estava vazia, o corredor estava vazio, a lavanderia estava vazia. Acendi a luz, separei as roupas em quatro pilhas, roupas coloridas de quarenta graus, roupas coloridas de sessenta graus, roupas brancas de quarenta graus, roupas brancas de sessenta graus, enfiei duas das pilhas para dentro das duas máquinas enormes, coloquei o sabão em pó na gaveta do painel e as liguei.

Quando cheguei de volta ao apartamento Linda tinha colocado música, um dos discos de Tom Waits que tinha saído depois que eu perdi o interesse por ele, e a respeito do qual eu não tinha nenhuma outra opinião além de que a música era parecida com a de Tom Waits. Uma vez Linda tinha traduzido as letras de Waits para uma exposição em Estocolmo, ela disse que tinha sido uma das coisas mais divertidas e recompensadoras que ela já tinha feito, e a partir de então continuou a ter uma relação intensa, para não dizer íntima, com a música dele.

Ela tinha buscado copos, talheres e pratos na cozinha e os colocado em cima da mesa. Também havia uma toalha de mesa, ainda dobrada, e uma pilha de guardanapos de pano amarfanhados.

— Vamos passar esses guardanapos, não? — ela perguntou.

— Se você quer a toalha, é o jeito. Você não quer passá-los? Assim já posso começar a fazer a comida.

— Pode ser.

Ela buscou a tábua de passar no armário enquanto fui até a cozinha e comecei a pegar os ingredientes. Coloquei a panela de ferro no fogão e liguei a chapa, coloquei um pouco de óleo e estava descascando e picando alho quando Linda entrou na cozinha e pegou o borrifador no armário debaixo do balcão. Ela o sacudiu um pouco para ver se tinha água dentro.

— Você vai preparar a comida sem receita? — ela perguntou.

— A essa altura eu já posso — respondi. — Afinal, quantas vezes já não servimos esse mesmo prato? Vinte?

— Mas eles ainda não provaram — ela disse.

— Não — eu disse, segurando a tábua em cima da panela e derrubando as pequenas fatias de alho enquanto ela voltava para a sala.

Na rua continuava a nevar, um pouco menos forte. Pensei que em dois dias eu estaria de volta ao escritório, e uma onda de alegria atravessou o meu corpo. Talvez Ingrid pudesse cuidar de Vanja não apenas dois, mas três dias na semana? Eu não queria mais nada na vida. Queria apenas estar em paz, e queria escrever.

Fredrik era o amigo mais antigo de Linda. Eles tinham se conhecido aos dezesseis anos, na época em que trabalhavam juntos no figurino do Dramaten, e nunca tinham perdido contato desde então. Fredrik era diretor de cinema e trabalhava principalmente com publicidade enquanto aguardava a oportunidade de filmar o primeiro longa-metragem. Os clientes eram empresas grandes, os comerciais passavam toda hora na TV, então eu acreditava que ele devia ser competente, e que tinha uma renda mais do que boa. Ele tinha feito três curtas-metragens, todos com script de Linda, e um média-metragem. Fredrik tinha olhos azuis um tanto próximos um do outro e cabelos loiros. A cabeça dele era grande, o corpo magro, e a personalidade tinha algo de evasivo, talvez um pouco indefinível também, que tornava difícil saber em que pé a conversa estava. Quase sempre ele dava risadinhas em vez de gargalhar, e tinha um temperamento leve, e juntas essas características podiam levar os outros a tirar conclusões equivocadas a respeito dele. Não que necessariamente a leveza parecesse esconder uma grande profundidade ou um grande peso, era mais como se aquilo operasse de forma oculta. Dentro de Fredrik havia alguma coisa, o que era, eu não tinha a menor ideia, mas apenas o fato de que havia alguma coisa que talvez um dia se transformasse em um filme magistral, ou talvez não, era suficiente para me deixar curioso a respeito dele. Fredrik era esperto e destemido, e devia ter descoberto muitos anos atrás que não tinha muito a perder. Pelo menos era assim que eu interpretava o caráter dele. Linda disse que o ponto forte de Fredrik como diretor era que ele tinha uma habilidade incrível para lidar com os atores, para fornecer a eles tudo que fosse necessário para a melhor performance possível, e ao vê-lo eu conseguia entender, ele tinha uma alma amistosa que lisonjeava todas as pessoas com quem se encontrava, e aquela presença inofensiva promovia um sentimento de maior força nos outros, ao mesmo tempo que o elemento calculista nele sabia como tirar vantagens dessa situação. Os atores precisavam discutir os papéis e tentar explorar os

personagens a fundo, mas a completude, onde o verdadeiro significado residia, não era revelada durante o processo, apenas Fredrik tinha acesso.

Eu gostava de Fredrik, mas era incapaz de conversar com ele e tentava sempre evitar situações em que acabássemos a sós. Até onde eu conseguia perceber, ele fazia a mesma coisa.

Karin, a namorada dele, eu não conhecia tão bem. Ela frequentava a mesma escola de Linda, no Dramatiska Institutet, mas fazia o curso de roteiros. Como eu também escrevia seria razoável esperar que eu conseguisse me identificar com o trabalho dela, mas como o aspecto artesanal era muito evidente na escritura de roteiros, onde havia todo tipo de curvas de tensão, desenvolvimento de personagens, tramas principais e tramas secundárias, complôs e reviravoltas, eu imaginava que teria pouco a dizer em relação a tudo isso e portanto nunca fiz mais do que manifestar um interesse educado. Karin tinha cabelos pretos, olhos castanhos e pequenos, e a pele do rosto, também pequeno, era branca. Ela irradiava uma objetividade que combinava bem com os elementos levianos e pueris do caráter de Fredrik. Os dois tinham um filho, e estavam esperando o segundo bebê. Ao contrário de nós eles conseguiam ser produtivos, tinham uma casa organizada, se viravam bem com o filho e faziam coisas interessantes. Depois das nossas visitas à casa deles, ou das visitas deles à nossa, muitas vezes Linda falava sobre isso, sobre por que uma coisa que para eles parecia tão simples estava totalmente fora do nosso alcance.

Muitas coisas davam a entender que os dois casais podiam ser amigos: tínhamos a mesma idade, fazíamos as mesmas coisas, tínhamos uma cultura idêntica e crianças pequenas. Mas sempre faltava alguma coisa, era sempre como se estivéssemos em lados diferentes de um pequeno abismo, as conversas eram sempre travadas, nunca pareciam ir adiante. Mas nas poucas vezes em que dava certo, todos acabavam felizes e aliviados. A principal razão para que as conversas não fossem adiante era eu, tanto os meus longos períodos de silêncio como o leve desconforto que tomava conta de mim quando eu por fim conseguia dizer alguma coisa. Aquela

noite transcorreu grosso modo da mesma forma. Fredrik e Karin chegaram poucos minutos depois das seis, trocamos cordialidades, eu e Fredrik começamos a beber gim-tônica, nos sentamos e comemos, informamo-nos a respeito das várias situações na vida uns dos outros, como iam as coisas em relação a isso e àquilo, e como sempre ficou evidente que eles se saíam muito melhor nessas conversas do que nós, ou pelo menos do que eu, que nem sonhava em tomar a iniciativa em relação a nada, em de repente contar alguma coisa que eu tivesse vivenciado ou pensado, numa tentativa de construir uma conversa ao redor daquilo. Linda tampouco agia assim com frequência, a estratégia dela era mais se adequar a eles, fazer uma pergunta e depois tocar a conversa adiante a partir daquele ponto, isso se não estivesse segura e tranquila o suficiente para assumir um papel dominante na conversa com a mesma naturalidade que eu não tinha. Quando isso acontecia a noite era sempre boa, surgiam três jogadores que não prestavam atenção no jogo.

Eles elogiaram a comida, eu tirei a mesa, coloquei o café para passar e preparei tudo mais uma vez para servir a sobremesa enquanto Karin e Fredrik deixavam o filho no quarto ao lado do berço onde Vanja já estava dormindo.

— Aliás, o seu apartamento apareceu na televisão norueguesa pouco tempo antes do Natal — eu disse quando o filho deles adormeceu e os dois se sentaram mais uma vez e serviram-se de sorvete e amoras quentes.

O “apartamento” era o meu escritório, na verdade um apartamento de um ambiente, com banheiro e uma pequena cozinha, que eu alugava de Fredrik.

— É mesmo? — ele perguntou.

— Eu fui entrevistado pelo *Dagsrevyen*, a versão norueguesa do *Aktuelt*. Primeiro queriam fazer a entrevista aqui em casa. Eu recusei, claro. Depois ficaram sabendo que eu estava temporariamente em casa para cuidar da Vanja e perguntaram se podiam me filmar com ela. Recusei mais uma vez, claro. Mas eles continuaram a tagarelar. Na verdade não

precisavam filmá-la, podia ser apenas o carrinho de bebê. Será que eu podia andar com o carrinho pela cidade, e deixar a Vanja por exemplo com Linda antes que a entrevista começasse? O que eu podia dizer?

— “Não”, de repente? — disse Fredrik.

— Mas eu tinha que oferecer *alguma coisa*. Para eles, fazer a entrevista num café ou em outro lugar do tipo estava fora de cogitação. A entrevista tinha que ser *a respeito* de alguma coisa. Acabou sendo no seu escritório, e no fim eu saí e fui escolher um anjo de presente para Vanja em Gamla Stan. Foi tão estúpido que me dá vontade de chorar. Mas é assim mesmo. Eles têm que ganhar alguma coisa.

— Mas ficou bom — Linda comentou.

— Não, não ficou — eu disse. — Mesmo assim, tenho dificuldade para imaginar como poderia ficar melhor. Dadas as condições.

— Então você é famoso na Noruega? — Fredrik perguntou enquanto me lançava um olhar travesso.

— Não, não, não — eu disse. — Tudo aconteceu porque eu fui nomeado para aquele prêmio.

— Aham — Fredrik disse. Em seguida riu. — Eu só estava brincando um pouco com você. Na verdade eu acabei de ler um trecho do seu romance num periódico sueco. Achei muito sugestivo.

Eu sorri para ele.

Para desviar a atenção do fato de que tinha havido um certo grau de vaidade no tema que eu tinha acabado de introduzir, me levantei e disse:

— Ah, lembrei de uma coisa. Compramos uma garrafinha de conhaque para esse jantar. Você quer tomar um pouco?, e comecei a caminhar em direção à cozinha antes que Fredrik pudesse responder. Quando voltei o tema da conversa era bebida e amamentação, um médico tinha dito a Linda que não havia nenhum risco, pelo menos no caso de quantidades moderadas, porém mesmo assim ela não queria arriscar, porque o conselho de medicina da Suécia recomendava a abstinência total. Uma coisa era álcool e gravidez, quando o feto estava em contato direto com o sangue da

mãe, outra coisa era a amamentação. Depois o assunto passou a ser gravidez em geral, e depois o parto. Eu concordava com uma que outra coisa, fazia um comentário aqui e acolá, mas passei um bom tempo ouvindo em silêncio. O parto é um assunto íntimo e delicado para as mulheres, pode haver muito prestígio oculto, e para os homens a única alternativa é se manter o mais longe possível. Não dizer absolutamente nada a respeito. E nem eu nem Fredrik dissemos qualquer coisa. Até elas começarem a falar sobre cesariana. Nesse momento eu não consegui me conter.

— É absurdo que a cesariana exista como alternativa para ter um filho — eu disse. — Quando existem razões médicas eu não vejo problema nenhum. Mas quando não existem razões médicas, quando a mãe é saudável, por que cortar a barriga dela e tirar o bebê lá de dentro? Uma vez eu vi uma cesariana na televisão, e caramba, é muito brutal: num instante o bebê está dentro da barriga, no instante seguinte está na luz. Deve ser absolutamente traumático para o bebê. E para a mãe também. O nascimento é uma transição, e a demora é uma forma de se preparar, tanto para a mãe como para o bebê. Não tenho a menor dúvida de que existe um significado, de que um nascimento ocorre dessa forma por uma boa razão. Mas as pessoas simplesmente optam por cancelar todo esse processo e tudo o que acontece com o bebê durante esse tempo, que se passa totalmente fora do nosso controle, simplesmente porque é mais fácil cortar a barriga e tirar a criança lá de dentro. Na minha opinião é doentio.

Tudo ficou em silêncio. O clima ficou ruim. Linda pareceu constrangida. Entendi que eu tinha atravessado uma fronteira sem saber a respeito do que eu estava falando. A situação precisava ser remediada, mas como eu não sabia o que tinha feito de errado, eu não teria como consertar. Fredrik tomou a iniciativa.

— Um legítimo reacionário norueguês! — exclamou sorrindo. — E ainda por cima escritor. Hamsun que se cuide!

Olhei surpreso para ele. Fredrik piscou o olho e sorriu mais uma vez. Durante todo o resto da noite ele me chamou de Hamsun. Ele dizia coisas como por exemplo, ei, Hamsun, ainda tem café? Ou então, e você, Hamsun, o que pensa a respeito disso? É melhor a gente se mudar para junto da natureza ou continuar morando na cidade?

Esse era um problema que discutíamos com certa frequência, não apenas eu e Linda pensávamos em nos mudar de Estocolmo, talvez para uma das ilhas no litoral sul ou oeste da Noruega, mas também Fredrik e Karin tinham ideias parecidas, especialmente Fredrik, que nutria sentimentos românticos em relação à vida em uma pequena fazenda no meio da floresta em um lugar qualquer e às vezes chegava a nos mostrar fotos de pequenas propriedades que estavam à venda na internet. Mas a tirada com Hamsun colocou nossas motivações em uma perspectiva totalmente nova. E tudo porque eu tinha dito que a cesariana talvez não fosse a melhor forma de dar à luz uma criança.

Como poderia ser?

Quando eles foram embora, cheios de agradecimentos pela noite agradável e com muitos pedidos para que repetíssemos o programa, e depois que arrumei a sala, tirei a mesa e liguei a máquina de lavar, fiquei mais um tempo acordado enquanto Linda e Vanja dormiam no quarto. Eu não estava mais acostumado a beber, então senti bastante o conhaque, uma chama agradável que ardia por trás dos pensamentos e os iluminava com o brilho da leviandade. Mas eu não estava bêbado. Depois de permanecer parado no sofá por meia hora sem pensar em nada especial, fui até a cozinha e bebi uns copos d'água, peguei uma maçã e me sentei em frente ao PC. Quando ele terminou de iniciar acessei o Google Earth. Girei o globo terrestre devagar, encontrei a ponta da América do Sul e fui subindo aos poucos, a grande distância, até encontrar um fiorde que avançava continente adentro, e então dei um zoom. Um rio corria em meio a um vale, de um lado as montanhas escarpadas se erguiam a pique, do outro o rio se transformava no que parecia ser um enorme charco. Um pouco mais

adiante, às margens do fiorde, havia uma cidade, Río Gallegos. As ruas que dividiam os quarteirões eram retas perfeitas. Pelo tamanho dos carros nas ruas pude compreender que as casas eram baixas. A maioria tinha telhados achatados. Ruas largas, casas baixas, telhados achatados: uma província. A ocupação tornava-se cada vez mais esparsa à medida que a cidade se aproximava do mar. As praias davam a impressão de ser completamente abandonadas, a não ser por algumas instalações portuárias. Diminuí um pouco o zoom e vi os rasgos verdes das partes mais rasas que em certos pontos se afastavam da costa, o azul-escuro onde as profundezas começavam. As nuvens que pairavam acima do mar. Então continuei ao longo da costa, naquele panorama deserto que devia ser a Patagônia, e parei em uma outra cidade, Puerto Deseado. Era uma cidade pequena e tinha uma coloração dourada que me fez pensar num deserto. Tinha uma montanha no meio da cidade, praticamente desabitada, e dois lagos que pareciam mortos. Junto ao mar havia uma refinaria de petróleo e um cais com enormes navios-tanque. Ao redor da cidade viam-se montanhas desabitadas, altas e sem vegetação, e uma ou outra rua estreita e serpenteante, um ou outro lago, um ou outro vale com rios e árvores e casas. Me afastei um pouco mais uma vez e dei zoom em Buenos Aires, que ficava às margens do Atlântico com Montevideú do outro lado, escolhi um lugar ao longo da costa e cheguei ao aeroporto. Os aviões pareciam um bando de pássaros brancos juntos ao terminal, a um tiro de pedra do mar, que era rodeado por uma estrada com árvores nos dois lados. Eu a segui e cheguei a um lugar que parecia uma enorme piscina no meio de um parque. O que podia ser aquilo? Aumentei o zoom. Aha! Um parque aquático! Mais além, eu sabia, do outro lado da estrada em meio à região grande e aberta por onde passava, ficava o estádio do River Plate. O estádio chamava atenção pela largura, e não apenas tinha uma pista de corrida ao redor, mas também um gramado um pouco mais além, antes que as arquibancadas começassem a se erguer. A final da Copa do Mundo entre a Holanda e a Argentina em 1978 era uma das primeiras coisas que eu

lembrava de ter visto na televisão. Todo o confete branco, a enorme multidão de espectadores, o uniforme azul e branco da Argentina e o laranja da Holanda contrastando com o verde do gramado. A Holanda que perdeu a segunda final em sequência. Diminuí o zoom mais uma vez, encontrei o rio um pouco mais acima e o segui rumo ao sul. Indústria pesada nas duas margens, equipamentos portuários com gruas e barcos enormes, pontes rodoviárias e ferroviárias. Muitos campos de futebol também. No ponto onde o rio chegava ao centro parecia haver mais embarcações de recreio. Eu sabia que dentro havia o bairro cheio de construções de madeira colorida. La Boca. Mais para baixo uma autoestrada de oito pistas avançava por cima do rio, e eu a segui. A estrada continuava por um tempo ao longo do porto. Enormes barcaças de ambos os lados. Talvez dez quarteirões mais adiante ficava o centro, com parques, monumentos e construções suntuosas. Aumentei o zoom no lugar onde ficava o Teatro Cervantes, mas a resolução da imagem era muito ruim nesse ponto, tudo se resumia a borrões indefinidos de verde e cinza, então desliguei o computador, tomei um último copo d'água e me deitei na cama ao lado de Linda.

Na manhã seguinte fomos cedo à Centralstationen para tomar o trem para Gnesta, onde a mãe de Linda morava. Uma camada de mais ou menos cinco centímetros de neve cobria as ruas e os telhados. O céu acima de nós era cinza-chumbo, e em certos pontos chegava quase a brilhar. Tinha pouca gente na rua, claro, era manhã de domingo. Vimos um que outro jovem voltando de uma festa, um que outro idoso passeando com o cachorro, e quando chegamos perto da estação um que outro viajante puxando a mala atrás de si. Na plataforma um jovem dormia sentado com o queixo apoiado no peito. Um pouco mais além uma gralha espetava o bico numa lixeira. Um trem deslizou algumas plataformas adiante sem parar. O painel eletrônico acima de nós estava desligado. Linda começou a

andar de um lado para o outro junto à borda da plataforma, com a jaqueta branca que eu tinha comprado para ela de presente de trinta anos, uma touca branca de tricô e um cachecol de lã branco com uns bordados rosados que eu tinha dado para ela no Natal, e que até onde eu tinha entendido não era muito do gosto dela, mesmo que lhe caísse muito bem. Tanto pela cor, já que ela ficava tão bem de branco, como pelo desenho, romântico como ela. O frio deixou as bochechas dela avermelhadas, os olhos úmidos. Às vezes ela batia as mãos, dava dois ou três passos rápidos sem sair do lugar. Pela escada rolante chegou uma mulher gorda na casa dos cinquenta anos com uma bolsa de rodinhas de cada lado. Logo atrás vinha uma garota de talvez dezesseis anos, com olhos pintados de preto e luvas pretas, touca preta e longos cabelos loiros. As duas pararam uma do lado da outra junto à borda da plataforma. Deviam ser mãe e filha, mesmo que fosse difícil perceber qualquer semelhança.

— Huh huh! — disse Vanja, apontando para duas pombas que chegaram caminhando com passinhos curtos. Ela tinha acabado de aprender a imitar a coruja que aparecia num dos livros que líamos para ela, e aquele tinha se tornado o som de todos os pássaros.

As feições do rosto dela eram pequenas, eu pensei. Olhos pequenos, nariz pequeno, boca pequena. Não porque ela era pequena, ela sempre teria feições pequenas, dava para ver. Ainda mais quando estava ao lado de Linda. As duas não tinham nenhuma semelhança direta notável, mas o parentesco era mesmo assim evidente, em especial nas proporções do rosto. Linda também tinha olhos pequenos e a boquinha e o nariz pequenos. Os traços do meu rosto eram totalmente ausentes, a não ser pela cor dos olhos e talvez pelo formato amendoado na parte superior dos olhos. Mas de vez em quando eu percebia nela uma expressão familiar, era a expressão de Yngve, como tinha sido na época em que estávamos crescendo.

— É, são duas pombas — eu disse me agachando na frente dela. Vanja me olhou cheia de expectativa. Levantei um dos tapa-orelhas da touca e

cochichei no ouvido dela. Vanja riu. No mesmo instante o painel eletrônico se acendeu. Gnesta, plataforma dois, em três minutos.

— Parece que ela não quer saber de dormir — eu disse.

— Não — disse Linda. — Ainda é cedo demais.

Uma das coisas que Vanja menos gostava era ficar sentada com o cinto afivelado, a não ser que o carrinho estivesse em movimento, então durante as viagens para Gnesta, que levavam uma hora, tínhamos que mantê-la ocupada o tempo inteiro. Andávamos de um lado para o outro pelo corredor, íamos até a janela e até os vidros das portas, isso se não conseguíssemos captar a atenção dela com um livro, um brinquedo ou um pacote de passas, que podiam ocupá-la por até meia hora. Quando havia poucos passageiros não era nenhum problema, a não ser quando você tinha planejado ler jornais, como eu tinha feito naquele dia, toda a grossa pilha do dia anterior estava na minha bolsa, mas na hora do pico, quando aqueles trens estavam abarrotados de gente, podia ser meio desconfortável, uma criança que não parava de gritar durante uma hora inteira e que não podia ser levada a nenhum outro lugar, era bem exaustivo. E nós percorríamos aquele trajeto com frequência. Não apenas porque a mãe de Linda podia cuidar de Vanja e nós podíamos ter umas horinhas para nós, mas também porque nós, ou pelo menos eu, gostávamos de ir para lá. Fazendas, animais pastando, grandes florestas, estradinhas de cascalho, lagos, ar puro e fresco. Escuridão total à noite, céu estrelado, silêncio absoluto.

O trem chegou devagar à plataforma, entramos e nos sentamos no assento junto à porta, onde havia lugar para o carrinho, e eu levantei Vanja e a deixei ficar de pé no banco com as mãozinhas na janela para ver a composição que deslizava pelo túnel e saía na ponte acima de Slussen. A água congelada e coberta de neve reluzia em meio à brancura, tendo ao fundo as casas amarelas e marrom-avermelhadas, e também a escarpa de Mariaberget, onde a neve não havia se instalado. As nuvens no ocidente estavam levemente douradas, como se fossem iluminadas a partir de dentro

pelo sol, que estava atrás delas. Entramos no túnel debaixo de Söder, e ao sair nos erguemos acima da água em uma ponte que levava direto à outra margem, primeiro repleta de prédios em função dos vários centros das cidades-satélite, depois cheia de loteamentos e casas com pátio, até que a relação entre as construções e a natureza se invertesse por completo, e as áreas urbanizadas começassem a surgir como pequenas unidades em meio a enormes superfícies de florestas e lagos.

Branco, cinza, preto, um que outro trecho verde-acinzentado, essas eram as cores do panorama que atravessávamos. No verão anterior eu tinha feito a viagem todos os dias. Moramos na casa de Ingrid e de Vidar nas últimas duas semanas de junho, e passei esse tempo todo entre Gnesta e Estocolmo, onde eu escrevia. Era uma existência perfeita. De pé às seis, uma fatia de pão para o desjejum, um cigarro e uma xícara de café nos degraus em frente à casa, já aquecidos pelo sol, de onde eu tinha uma vista do prado que alcançava até a orla da floresta, e depois pedalar até a estação, com o piquenique que Ingrid preparava para mim na mochila, ler durante o percurso do trem, subir até o escritório para escrever, às seis fazer a viagem de volta através da floresta, que dava a impressão de estar preenchida com a luz do sol e de cintilar com as mais variadas cores, pedalar pelo campo até a pequena casa onde me esperavam para o jantar, às vezes tomar um banho vespertino de lago com Linda, me sentar na rua para ler um pouco e me deitar cedo.

Um dia a floresta pegou fogo ao longo dos trilhos. Foi incrível. A encosta inteira, a poucos metros do trem, ardia em chamas. As chamas lambiam os troncos das árvores, outras árvores já estavam com a copa inteira a queimar. Línguas cor de laranja deslizavam pela grama, se erguiam em moitas e arbustos, tudo iluminado pelo mesmo sol de verão, que junto com o fino céu azul dava a impressão de fazer tudo aquilo que estava acontecendo transparente.

Ah, aquilo me preencheu todo, foi sublime, foi como se o mundo inteiro se abrisse para mim.

No estacionamento ao lado da estação de Gnesta, Vidar desceu do carro assim que o trem chegou e nos esperou com um sorriso discreto nos lábios quando, no instante seguinte, começamos a andar em direção a ele. Vidar tinha setenta e poucos anos, barba branca e cabelos brancos e as costas um pouco curvadas, mas ainda era um homem cheio de vigor, um fato comprovado tanto pelo tom bronzeado da pele, conferido por uma vida passada ao ar livre, quanto pelo olhar azul penetrante, inteligente e ao mesmo tempo um pouco evasivo. Eu não sabia quase nada a respeito do que ele tinha feito na vida, a não ser pelo pouco que Linda tinha me contado e pelo que eu podia adivinhar a partir daquela aparência. Muitos eram os temas que discutia ao longo de um fim de semana, mas raramente falava a respeito de si. Vidar tinha crescido na Finlândia, e a família continuava morando lá, mas ele falava sueco sem nenhum sotaque. Era um homem de personalidade forte mas discreta, que gostava de falar com as pessoas. Lia muito, tanto os jornais, que percorria da primeira à última página todos os dias, quanto literatura, uma área em que se orientava melhor do que a maioria das pessoas. O fato de que era velho se evidenciava acima de tudo em certas opiniões que defendia de maneira ferrenha, e que não eram muitas, mas que, segundo pude entender, podiam ocupar muito espaço. Essas características não incomodavam a mim, mas apenas a Ingrid e a Linda, que Vidar tratava como se fossem uma só pessoa, e ao irmão de Linda. Essa situação devia-se em parte ao fato de que eu era novo na família e, segundo me parecia, em parte ao fato de que eu gostava de ouvi-lo falar e tinha um interesse genuíno pelo que dizia. A constatação de que nossas conversas não eram equilibradas, uma vez que as minhas intervenções ocorriam acima de tudo na forma de perguntas e em uma série interminável de “é”, “ah, sim”, “é mesmo”, “hmm”, “sei”, “que interessante” e assim por diante, parecia-me natural, porque a bem dizer não havia equilíbrio nenhum entre nós, Vidar tinha o

dobro da minha idade e uma longa vida atrás de si. Linda não entendia muito bem, muitas vezes ela gritava o meu nome ou aparecia para me resgatar por estar convencida de que eu precisava ser salvo de uma conversa chata da qual eu era educado demais para conseguir me livrar sozinho. Às vezes acontecia, mas quase sempre o meu interesse era genuíno.

— Oi, Vidar! — disse Linda enquanto se aproximava empurrando o carrinho.

— Oi — ele respondeu. — Que bom ver vocês outra vez!

Linda pegou Vanja no colo, eu dobrei o carrinho e guardei-o no portamalas, que Vidar tinha aberto para mim.

— E agora a cadeirinha — eu disse enquanto a ajustava ao banco de trás, colocava Vanja sentada e afivelava o cinto de segurança.

Vidar dirigia como muitos homens idosos dirigem, levemente inclinado sobre o volante, como se aqueles poucos centímetros mais próximo da estrada fossem decisivos para garantir uma boa visão. À luz do dia ele era um bom motorista, na primavera por exemplo fizemos uma viagem de quatro horas sem paradas até Idö, onde Vidar tinha uma casa de campo, mas quando a noite caía sobre a estrada eu não me sentia tão seguro. Uma semana atrás tínhamos quase atropelado um dos vizinhos, que caminhava ao longo do acostamento. Eu o vi de longe, e achei que Vidar também tinha visto, que estava se mantendo na mesma rota para desviar poucos metros antes, mas não, ele não tinha visto, e foi apenas a combinação de um grito meu e da presença de espírito do vizinho ao pular no meio dos arbustos que evitou um acidente.

Nos afastamos da estação de trem e pegamos a principal rua da cidade, que era a única rua em Gnesta.

— Tudo bem com vocês? — Vidar perguntou.

— Tudo — eu disse. — Não temos do que reclamar.

— Tivemos um temporal daqueles na noite passada — ele disse. — Várias árvores caíram. Depois ficamos sem luz em casa. Mas acredito que

deva estar tudo arrumado hoje à tarde. Como foi na cidade?

— Também ventou um pouco por lá — eu disse.

Fizemos uma curva à esquerda, avançamos pela estreita ponte e chegamos ao grande terreno onde os fardos brancos de trigo continuavam empilhados junto à estrada. Depois de percorrer mais um quilômetro e de andar por uma estradinha de cascalho no meio da floresta, que consistia na maior parte de árvores decíduas, entre as quais um gramado que mais parecia um lago podia ser visto de um lado, naturalmente delimitado por rochas nuas e uma área repleta de coníferas que haviam crescido por cima. Uma raça de gado robusto e com chifres compridos pastava na área durante o ano inteiro. Cem metros mais adiante uma estradinha coberta de grama seguia até a casa de Vidar e de Ingrid, enquanto a via principal continuava por mais uns dois quilômetros até acabar num outeiro no meio da floresta.

Ingrid estava nos esperando em frente à casa quando chegamos de carro. Ela se aproximou a passos ligeiros quando o carro parou e abriu a porta de trás, onde Vanja estava sentada.

— Ah, meu coração! — ela disse colocando a mão em cima do peito. — Como eu estava ansiosa para encontrar você!

— Pode pegá-la no colo, se você quiser — disse Linda, abrindo a porta do outro lado. Enquanto Ingrid pegava Vanja e alternava entre segurá-la longe do corpo para conseguir vê-la e abraçá-la junto do peito, peguei o carrinho, montei-o e o levei até a porta da casa.

— Espero que vocês estejam com fome — Ingrid disse. — O jantar está pronto.

A casa era pequena e antiga. A propriedade era rodeada em todos os lados pela floresta, a não ser pela frente da casa, onde havia um gramado. Nesse gramado os cervos costumavam aparecer à tardinha e no raiar do dia, quando saíam da floresta no outro lado. Eu também tinha visto raposas correrem e lebres saltitarem por lá. Originalmente o lugar tinha sido uma pequena propriedade rural, e ainda trazia marcas dessa história: mesmo

que os dois cômodos que em outra época compunham a totalidade da casa tivessem sido completados com um anexo que incluía banheiro e cozinha, Ingrid e Vidar não dispunham de muitos metros quadrados para viver. A sala era escura e abarrotada com todo tipo de coisa, e no quarto mal havia lugar para qualquer outra coisa além das duas camas embutidas e de algumas prateleiras com livros na parede menor. Além do mais havia um porão que ficava um pouco mais acima na encosta atrás da casa, uma cabana recém-construída com duas camas e uma televisão, e ainda mais acima uma outra cabana que funcionava como um misto de oficina e porão de lenha. Quando íamos visitá-los, Vidar e Ingrid se mudavam para a cabana, e assim tínhamos a casa inteira só para nós à noite. Poucas coisas na vida me agradavam mais do que estar naquele lugar, deitado na cama perto das vigas antigas e rústicas com um céu estrelado no outro lado da janela, rodeado pelo silêncio e pela escuridão. Na última visita eu tinha lido *O barão nas árvores* de Calvino, na vez anterior o *Dressinen* de Wijkmark, e o mais incrível a respeito dessas duas experiências como leitor era provavelmente o cenário onde os livros tinham sido lidos e o estado de espírito que haviam desencadeado em mim, mais do que o conteúdo dos livros. Ou será que o espaço criado por aqueles livros teria uma ressonância especial no lugar onde eu me encontrava? Afinal, antes de Wijkmark eu tinha lido um romance de Bernhard em que nada esteve sequer perto de me preencher da mesma forma. Nenhum espaço se abriu em Bernhard, tudo estava trancado em pequenas câmaras de reflexão, e mesmo que ele tivesse escrito um dos romances mais aterradores e chocantes que eu já tinha lido, *Extinção*, não era aquele o caminho que eu queria trilhar, não era aquele o caminho que eu queria seguir. Não, pelo contrário, eu queria ficar o mais longe possível daquele espaço exíguo e claustrofóbico. *Venha para fora, meu amigo*, como Hölderlin tinha escrito em algum lugar. Mas como, como?

Me sentei na cadeira perto da janela. Uma panela com sopa de carne soltava fumaça no centro da mesa. Uma cesta com pães caseiros recém-

assados estava ao lado, junto com uma garrafa de água mineral e três latas de cerveja. Linda colocou Vanja na cadeirinha de bebê, cortou um pão e ofereceu-o para ela antes de sair para esquentar um vidro de comida para bebê no micro-ondas. A mãe dela assumiu e Linda sentou-se ao meu lado. Vidar estava sentado no outro lado da mesa torcendo a barba entre o indicador e o polegar enquanto olhava para nós com um sorriso discreto nos lábios.

— Sirvam-se! — Ingrid exclamou da cozinha. — Podem começar a comer!

Linda passou a mão no meu braço. Vidar fez um gesto afirmativo com a cabeça. Linda começou a encher o prato de sopa. Anéis verde-pálidos de alho-poró, fatias alaranjadas de cenoura, pedaços branco-amarelados de nabo e grandes pedaços de carne cinzenta, com fibras avermelhadas em certos pontos e superfícies brilhantes e quase azuladas em outros. Os ossos brancos e achatados a que a carne estava presa, uns lisos como pedras polidas, outros ásperos e porosos. Tudo envolvido pela força do calor, com uma gordura que começava a coagular assim que o calor a abandonava, mas que naquele instante flutuava como bolhas e pérolas transparentes no líquido turvo.

— Está muito bom, como sempre — eu disse olhando para Ingrid, que tinha sentado ao lado de Vanja e estava soprando a comida dela.

— Que bom — ela respondeu, e por um instante encontrou os meus olhos antes de mergulhar a colher de plástico no prato de plástico e levá-la à boca de Vanja, que para variar abriu a boca como um filhote de passarinho. Quando íamos para lá, Ingrid instintivamente tomava conta de tudo que dizia respeito a Vanja. Comida, fraldas, roupas, sono, ar fresco, tudo o que ela queria fazer. Ingrid tinha comprado uma cadeirinha de bebê, pratos de bebê e talheres de bebê, mamadeiras, brinquedos e até um carrinho de bebê extra, que sempre estava lá à espera de Vanja, além de todos os potes com comida de bebê, mingau de bebê e sopa que estavam no armário. Se faltasse qualquer coisa, se Linda por exemplo pedisse uma

maçã ou talvez ficasse apreensiva porque Vanja estava muito quente, Ingrid montava na bicicleta e pedalava os três quilômetros até a mercearia ou a farmácia e voltava com maçãs ou termômetros e antitérmicos na pequena cesta do guidom. E quando íamos para lá ela sempre planejava e fazia as compras para todas as refeições, muitas vezes almoços com dois pratos e jantares com três. Ela se levantava quando Vanja acordava às seis horas, assava os pães, às vezes dava um passeio com ela e aos poucos começava a preparar o almoço. Quando nos levantávamos, às nove horas, encontrávamos uma mesa farta posta para o café da manhã, com pães frescos, ovos cozidos, muitas vezes um omelete e, se ela por exemplo achasse que eu gostava, café e suco, e quando eu me sentava ela sempre largava o jornal que tinha ido buscar para mim no meu lugar. Ingrid era uma pessoa bem mais positiva do que o normal, compreensiva em relação a tudo, nunca se ouvia um não da boca dela, e não havia nada com que não pudesse nos ajudar. O freezer na nossa casa estava cheio de uma quantidade quase interminável de caixas de sorvete e baldinhos de *sild* com vários pratos que ela tinha preparado e identificado: *molho à bolonhesa, Janssons frestelse, carne com batatas, almôndegas, pimentões recheados, panquecas recheadas, sopa de ervilha, filé de cordeiro c/ batata, ensopado da Borgonha, pudim de salmão, torta de queijo com alho-poró...* Se houvesse um sopro de ar frio enquanto ela passeava com Vanja, Ingrid podia muito bem entrar numa loja de sapatos e comprar novas botinhas para ela.

— Como vai a sua mãe? — ela me perguntou. — Bem?

— Acho que sim — respondi. — Pelo que entendi ela está quase terminando o trabalho final do curso.

Limpei um pouco de sopa que estava no meu queixo com o guardanapo.

— Mas ela não quis me deixar ler — acrescentei com um sorriso.

— Eu tenho muito respeito pela sua mãe — disse Vidar. — Não são todas as pessoas de sessenta anos que ainda têm curiosidade suficiente para

estudar na universidade, quanto a isso não há dúvida.

— Ela se sente um pouco dividida justamente por causa disso — eu disse. — A minha mãe sempre quis estudar, sabe, e no fim as coisas aconteceram quando a carreira profissional dela está praticamente no fim.

— Mesmo assim — Ingrid comentou. — Não deve ser fácil. Sua mãe é uma mulher forte.

Sorri mais uma vez. A distância entre os suecos e os noruegueses era bem maior do que imaginavam, e naquele instante vi a minha mãe pelo olhar sueco.

— É, pode ser — eu disse.

— Mande os meus cumprimentos para ela — Vidar pediu. — Aliás, para o resto da família também. Eu gostei tanto da sua família!

— O Vidar fala a respeito de todos desde o batizado — Ingrid explicou.

— São personalidades muito interessantes! — Vidar acrescentou. — O Kjartan é poeta. Um homem interessante e incomum. E como se chamavam mesmo os psicólogos infantis de Ålesund?

— Ingunn e Mård?

— Exato. Quanta simpatia! E Magne, é esse o nome dele? O seu primo, pai de Jon Olav? Diretor de desenvolvimento?

— É — eu disse.

— Um homem que inspira respeito — Vidar comentou.

— Verdade — respondi.

— E o irmão do seu pai. Professor em Trondheim. Também o achei muito simpático. Ele se parece com o seu pai?

— Não — eu disse. — Acho que é quem menos se parece com ele. Sempre viveu meio afastado, e acho que foi uma decisão acertada.

Fez-se um silêncio momentâneo. O barulho das pessoas tomando a sopa, Vanja na mesinha com o copo, as risadas gorgolejantes dela.

— Eles também ainda falam sobre vocês — eu disse olhando para Ingrid. — E em especial sobre a comida que você preparou!

— A Noruega é muito diferente — disse Linda. — Realmente um lugar à parte. Em especial no Dezessete de Maio, acho eu. As pessoas andam de *bunad* com medalhas no peito.

Linda riu.

— Primeiro achei que aquilo era irônico, mas não, não tinha ironia nenhuma. Era sério. Mas as medalhas foram envergadas com honra. Nenhum sueco conseguiria, tenho certeza.

— Mas vocês são um povo orgulhoso, não?

— Justamente — Linda disse. — Mas nenhum sueco no mundo admitiria uma coisa dessas, nem para si mesmo.

Segurei o prato enviesado para conseguir pegar os últimos bocados de sopa ao mesmo tempo em que eu olhava para a rua, para o gramado comprido e coberto de neve sob o céu cinzento, para o renque de árvores escuras junto à orla da floresta lá fora, interrompido aqui e acolá pela exuberância dos espruces. Para o chão escuro e coberto por gravetos secos de onde saíam.

— Henrik Ibsen era obcecado por medalhas — eu disse. — Não existia ordem que não estivesse disposto a se humilhar profundamente para conseguir. Escreveu cartas para todos os reis e regentes imagináveis para consegui-las. E depois andava pela sala de casa com elas. Desfilava com o peito coberto de medalhas. Hehehe. Ele também tinha um espelho na parte interna da cartola. Assim ficava sentado no café se olhando em segredo.

— Ibsen fez isso de verdade? — Ingrid perguntou.

— Fez — eu disse. — Ele era vaidoso ao extremo. Essa não é uma forma de exagero ainda mais incrível que a de Strindberg? Com Strindberg tudo era alquimia e loucura e absinto e misoginia, esse é o mito do artista. Mas com Ibsen tudo era vaidade burguesa levada às últimas consequências. Ele era muito mais louco do que Strindberg.

— A propósito — disse Vidar. — Vocês viram a última notícia sobre o livro do Arne? A editora decidiu recolher os exemplares.

— E fizeram bem — eu disse. — O livro tinha erros demais.

— É, fizeram bem mesmo — Vidar concordou. — Mas de qualquer jeito a editora devia tê-lo ajudado um pouco. Afinal, ele estava doente. E o Arne tem dificuldade para distinguir entre as próprias fantasias, ou os próprios desejos, e a realidade.

— Então você acha que ele acreditava mesmo que as coisas tinham acontecido daquele jeito?

— Sem dúvida. Arne é uma boa pessoa. Mas também tem um pouco de mentiroso contumaz. Depois de um tempo as histórias acabam se transformando em realidade para ele.

— E como o Arne reagiu?

— Não sei. Esse não é exatamente o primeiro assunto que surge quando você fala com ele.

— Claro, eu entendo — disse eu com um sorriso. Tomei o último gole de *folköl*, a cerveja sueca com teor reduzido de álcool, comi o pão e me reclinei no encosto da cadeira. Não adiantava querer ajudar com a louça ou qualquer coisa do tipo, eu sabia, então nem ao menos me ofereci.

— Vamos dar um passeio? — Linda sugeriu olhando para mim. — Assim de repente a Vanja dorme.

— Pode ser — eu disse.

— Ela também pode ficar aqui comigo — Ingrid disse. — Se vocês quiserem dar um passeio a dois.

— Não. Vamos levá-la junto. Veja, minha pequena *troll*, agora nós vamos passear, disse ela, levantando Vanja para lavar a boca e as mãos dela enquanto eu me vestia e preparava o carrinho.

Seguimos um caminho que descia até o lago. Um vento frio soprava pelo campo. Pássaros que pareciam gralhas ou pega-rabudas saltitavam na outra margem. No alto, em meio às árvores mais acima, as enormes vacas olhavam imóveis para frente. Algumas das árvores eram carvalhos, e eram

velhas, talvez do século XVII, eu tinha pensado, talvez até mais velhas, sei lá. Ao lado ficava o trilho do trem, era de lá que o barulho vinha toda vez que a composição passava antes de se espalhar por todo o panorama. O caminho que ia para lá terminava numa pequena e bonita casa de alvenaria. Lá morava um velho pastor, era o pai de Lars Ohly, o líder de direita, e as pessoas diziam que tinha sido nazista. Se era ou não verdade eu não fazia a menor ideia, esse tipo de boato era comum entre pessoas famosas. Mas às vezes o pastor andava por lá, com as costas recurvadas e cabisbaixo.

Uma vez em Veneza eu tinha visto um velho que andava com a cabeça na horizontal. O pescoço formava um ângulo de noventa graus em relação aos ombros. Ele não conseguia ver nada além do chão logo à frente dos pés. Chegou com passos hesitantes e infinitamente lentos à praça, foi no Arsenal, perto de uma igreja onde um coral estava ensaiando, eu me sentei num café e comecei a fumar e não consegui desgrudar meus olhos do velho. Era uma noite no início de dezembro. Além de nós dois e dos três garçons que estavam de braços cruzados junto à entrada, não havia nenhuma outra pessoa nas redondezas. A neblina pairava acima dos telhados. O calçamento e os antigos muros de pedra, cobertos de umidade, cintilavam com o brilho das lâmpadas. O velho parou defronte a uma porta, tirou uma chave do bolso e, com ela na mão, *inclinou* o corpo inteiro para trás, para que assim pudesse ver aproximadamente onde a fechadura estava. Para encontrar o buraco ele tateou com os dedos. A deformidade fazia com que os movimentos do corpo dessem a impressão de não pertencer a ele, ou melhor, toda a atenção se concentrava na cabeça imóvel e voltada para baixo, que por esse motivo surgia como uma espécie de central, uma parte do corpo, mas também independente, onde todas as decisões eram tomadas e todos os movimentos eram decididos.

Ele abriu a porta e entrou. De costas era como se a cabeça estivesse faltando. E assim, com um movimento brusco e inesperado, que eu não imaginaria possível, ele bateu a porta atrás de si.

Foi perturbador, perturbador.

Do alto do morro algumas centenas de metros à nossa frente chegava uma caminhonete. A neve rodopiava no vácuo mais atrás. Nos afastamos para o lado quando ela se aproximou. Os bancos traseiros haviam sido removidos, e no grande compartimento de bagagem dois cachorros brancos corriam e latiam.

— Você viu? — eu perguntei. — Pareciam dois huskies. Mas será possível?

Linda deu de ombros.

— Não sei — ela respondeu. — Mas eu acho que são os cachorros daquela casa depois da curva, sabe? Aqueles que sempre latem assim.

— Nunca vi nenhum cachorro nas vezes que passei por lá — eu disse. — Mas lembro que você já tinha comentado antes. Você ficou com medo, não?

— Não sei. Pode ser, um pouco — ela disse. — É desagradável. Eles vêm de repente, correndo...

Linda tinha morado em Gnesta por longos períodos na época em que estava tão deprimida que não conseguia cuidar de si mesma. Basicamente ela tinha passado todo esse tempo deitada assistindo TV na cabana de hóspedes dia após dia. Quase não falava com Vidar e com a mãe, não tinha vontade de fazer nada, não conseguia fazer nada, tudo nela havia parado. Quanto tempo aquilo tinha durado eu não sabia ao certo. Ela quase não tinha falado sobre essa época. Mas eu percebia as marcas em muitos lugares, como por exemplo no cuidado que eu percebia no olhar ou nas vozes dos vizinhos ao tratar com ela.

Passamos pela maior fazenda do vale, que não era tão grande assim, e que tinha outras construções um pouco decrépitas, onde o vetusto e enrugado patriarca morava. Havia luz nas janelas, mas ninguém à vista no interior. No gramado entre o galpão e a casa estavam três carros, um deles apoiado em blocos. Todos estavam cobertos pela neve.

Que em outra ocasião tivéssemos sentado lá, numa mesa posta ao lado da piscina, em uma noite quente e escura de agosto, nos empanturrando de lagostins, parecia quase inacreditável naquele momento. Mas tinha sido assim mesmo. Lanternas de papel que ardiam na escuridão, vozes alegres, uma pilha de lagostins vermelhos e brilhantes nos dois lados da mesa comprida. Latas de cerveja, garrafas de aguardente, risadas e música. O ruído dos grilos e dos carros distantes. Me lembro que Linda me surpreendeu naquela noite, de repente ela bateu no copo, se levantou e cantou uma canção de beber. Ela fez isso duas vezes. Disse que era uma exigência quando estava em Gnesta, que sempre tinha feito aquilo. Ela tinha sido o tipo de criança que se apresenta para os adultos. Fez parte do elenco de *A noviça rebelde* por mais de um ano em um teatro de Estocolmo na época em que ainda frequentava o primário. Mas também se apresentava nas festas em casa, segundo eu imaginava. Uma exibicionista, como eu também tinha sido, e igualmente pronta para se esconder.

De certa forma Ingrid também se apresentava. Ela chamava a atenção de todos quando aparecia entre os vizinhos, abraçava todo mundo, mostrava a comida que tinha consigo, conversava e ria, e todos tinham uma palavra a trocar com ela. Quando organizavam eventos no vilarejo ela sempre ajudava, assando pão ou fazendo comida, e se alguém estivesse doente ou precisando de ajuda por outro motivo ela pedalava até a casa da pessoa e fazia o quanto fosse possível.

A festa começou, todos estavam debruçados por cima dos lagostins, pescados no lago um pouco mais abaixo, e de vez em quando jogavam a cabeça para trás para beber o que os suecos chamavam de *nubbe*. A atmosfera era muito animada. De repente ouvimos vozes no galpão, era um homem xingando uma mulher, a atmosfera ao redor da mesa se desfez, uns viram, uns tentaram não ver, mas todos perceberam. Era o filho do velho proprietário da fazenda principal, ele tinha fama de truculento e estava dando uma lição na filha adolescente, que tinha fumado. Ingrid se levantou na mesma hora e foi até lá com passos rápidos e decididos

enquanto todo o corpo dela tremia com a raiva contida. Postou-se em frente ao homem, ele devia ter uns trinta e cinco anos, era grande e forte e tinha um olhar duro, e começou a dar um sermão tão veemente que ele chegou a se encolher. Depois que terminou e o homem pegou o carro e foi embora, Ingrid pôs a mão no ombro da filha, que tinha ficado chorando de pé, e a levou consigo até a mesa. No mesmo instante em que se sentou à mesa ela reencontrou a atmosfera animada de antes, começou a falar e a rir e a contagiar as outras pessoas.

Tudo estava branco e quieto.

Mais abaixo o caminho subia em direção a umas cabanas. A neve continuava a cobrir a estrada, não tinha ninguém por lá naquela época do ano.

Enquanto trabalhava no meu romance *En tid for alt*, era em Ingrid que eu pensava quando escrevia sobre Anna, a irmã de Noak. Uma mulher mais forte do que todos os outros, uma mulher que, quando a enchente chegava, subia com a família inteira para o alto da montanha, e quando a enchente chegava lá também, levava todos para ainda mais alto, até que não pudessem mais subir e não houvesse mais esperança. Uma mulher que não desistia nunca, disposta a sacrificar tudo pelos filhos e pelos netos.

Ingrid era uma pessoa notável. Ela ocupava todo o espaço aonde quer que chegasse, ao mesmo tempo em que era humilde. Às vezes dava a impressão de ser superficial, mas ao mesmo tempo tinha profundezas no olhar que contrariavam essa impressão. Ela tentava manter distância em relação a nós, sempre se afastava, sempre fazia o possível para não ficar no caminho, e ao mesmo tempo era a pessoa mais próxima de nós.

— Você acha que o Fredrik e a Karin se divertiram ontem? — Linda perguntou enquanto olhava para mim.

— Acho que sim — respondi. — Estava bem agradável.

De algum lugar distante começou a vir um ruído.

— Mesmo que o Fredrik tenha exagerado ao me chamar de Hamsun tantas vezes — continuei.

- Você sabe que ele só estava brincando!
- Eu entendi.
- Os dois gostam muito de você.
- Isso eu já não entendo. Não digo quase nada quando estou com eles.
- Claro que diz. E além do mais você é atencioso, então nem dá para notar.
- Sei.

Às vezes eu sentia a consciência pesada por esse motivo, por eu ser tão quieto e tão sem iniciativa em relação aos amigos de Linda, por não me preocupar com eles, mas apenas me contentar em estar presente quando estavam juntos, como se fosse um dever. Para mim era mesmo um dever, mas para Linda era uma vida da qual eu não participava. Ela nunca tinha reclamado, mas eu percebia o desejo de que as coisas fossem diferentes.

O ruído aumentou de volume. Lá embaixo no desvio de nível o sinal começou a soar. *Dingue-dingue-dingue-dingue*. Percebi uma movimentação em meio às árvores. No instante seguinte o trem emergiu da floresta. A neve o envolvia como se fosse uma nuvem. O trem avançou ao longo do lago por algumas centenas de metros com uma longa composição de vagões de mercadorias cheios de contêineres nas mais diversas cores, todos brilhavam em meio ao branco e ao cinza, e desapareceu mais uma vez por trás das árvores na floresta do outro lado.

— A Vanja tinha que ter visto isso! — eu disse. Mas Vanja estava dormindo e não prestava atenção a nada. O rosto estava quase todo encoberto, como o de um verdugo, pelo agasalho por baixo da touca, que protegia o pescoço, e pela touca de poliéster com forro branco e tapanhas sólidas. Ela também estava usando um cachecol e um grosso macacão vermelho com blusão e calças de lã.

— O Fredrik foi muito atencioso quando eu estava doente — disse Linda. — Ele costumava me buscar no hospital. A gente ia ao cinema. Não conversávamos muito. Mas foi uma ajuda enorme poder sair um pouco. E também o fato de que ele tomou conta de mim desse jeito.

— Mas todos os seus amigos ajudaram você, não?

— É, cada um à sua maneira. E isso mexeu comigo... entendi que eu sempre tinha estado no outro lado, sempre tinha sido a pessoa que ajudava, que compreendia, que se doava... eu tinha limites, claro, mas em geral era assim. O meu irmão quando estávamos crescendo, o meu pai também, às vezes a minha mãe. E depois tudo virou de ponta-cabeça; quando fiquei doente foi a minha vez de receber. Eu precisei receber. O mais estranho é que... ah, os únicos vislumbres de liberdade que eu tive, os momentos em que segui a minha própria vontade, foram todos durante a minha doença. Mas essa liberdade era tão intensa que eu não sabia como lidar com ela. Foi muito doloroso. Mas também havia um aspecto positivo. Finalmente estar livre. Mas não havia como. Não daquele jeito.

— Não — respondi.

— No que você está pensando?

— Duas coisas, para dizer a verdade. Uma não tem nada a ver com você. Mas tem a ver com o que você disse sobre receber. Me ocorreu que se eu acabasse numa situação dessas, eu não aceitaria receber nada. Eu não aceitaria que as outras pessoas me vissem. E menos ainda que me ajudassem. Esse impulso é muito forte em mim, você não faz ideia. Receber não é nada para mim. E nunca vai ser. Essa era uma coisa. A outra foi que eu fiquei me perguntando o que você fez enquanto estava doente. Quero dizer, já que você associa a doença à liberdade. O que você fez enquanto estava livre?

— Se você não recebe, como as outras pessoas vão alcançar você?

— O que faz você pensar que eu quero que as outras pessoas me alcancem?

— Você não pode viver assim.

— Não. Mas responda a minha pergunta.

À esquerda surgiu o lugar da festa. Era um pequeno gramado plano com bancos e mesas compridas que grosso modo eram usadas apenas nos solstícios de verão, quando o vilarejo inteiro se reunia para dançar ao redor

do mastro coberto de folhas que ficava no meio, comer bolo, tomar café e participar da competição de conhecimentos gerais, cuja cerimônia de premiação encerrava o programa da noite. Aquele verão foi a minha primeira vez que estive lá, e esperei intuitivamente que fossem tocar fogo no mastro, afinal não podia existir uma festa de solstício de verão sem fogo. Linda riu quando eu disse isso para ela. Não, nada de fogo, nada de magia, apenas crianças que dançavam ao som de “Små grodorna” ao redor daquele enorme falo bebendo refrigerantes caseiros que as pessoas faziam em todas as pequenas cidades da Suécia naquela noite.

O mastro continuava no lugar. As folhas estavam secas e tinham uma coloração marrom-avermelhada, interrompida aqui e acolá por acúmulos brancos de neve.

— O que eu fazia não era tão importante quanto a maneira como eu me sentia — ela disse. — O sentimento era de que tudo era possível. De que não havia limites. Uma vez falei para a minha mãe que eu podia ter sido presidente dos EUA, e o pior é que eu não estava brincando. Quando eu saía, as situações sociais não eram nenhum tipo de obstáculo, muito pelo contrário, eram uma arena, um lugar onde eu podia fazer com que as coisas acontecessem ao mesmo tempo em que me apresentava de maneira total e completa como eu era de verdade. Todos os impulsos eram válidos, não havia nenhum resquício de autocrítica, tudo valia, sabe, e o importante era que *tudo* acabava sendo verdade também. Você entende? Tudo valia *de verdade*. Mas eu sentia uma inquietação constante, lógico, o que acontecia nunca era suficiente, havia um anseio por mais, e era como se aquilo não pudesse ter fim, como se não devesse ter fim, porque em um momento ou outro eu devo ter percebido que aquilo também acabaria, a viagem em que eu me encontrava acabaria com uma queda. Uma queda na estagnação absoluta. O pior inferno de todos.

— Parece terrível.

— E era. Mas não apenas. É incrível sentir tanta força. Tanta convicção. E em certos aspectos esses sentimentos *também* são verdadeiros. Essas

coisas todas existem dentro de mim. Enfim, você sabe o que estou querendo dizer.

— Na verdade não — respondi. — Eu nunca cheguei tão longe. Conheço esse sentimento, acho eu, teve uma vez em que também me senti assim, mas foi enquanto eu escrevia, enquanto eu estava sentado em silêncio atrás de uma escrivaninha. É totalmente diferente.

— Acho que não. Eu tenho a impressão de que você estava numa crise de mania. Você não comia, não dormia, estava tão feliz que não cabia dentro de você mesmo. Mas você tem limites mesmo assim, um instinto de preservação, e muita coisa depende disso, de não ultrapassar os limites do que na verdade, na verdade mais profunda, você pode aguentar. Se você faz mais do que pode aguentar as consequências são enormes. Você tem que pagar o preço. E não sai barato.

Tínhamos pegado a estrada que seguia pela margem do lago e entrava na floresta. O vento tinha revelado grandes superfícies de gelo. Em certos pontos ele estava liso e refletia o céu escuro como um espelho, em outros parecia áspero e cinzento, quase verde, como neve que derreteu e tornou a congelar outra vez. Depois que o trem passou e o sinal parou de soar fez-se um silêncio quase absoluto entre as árvores. Não havia nada além de farfalhares e estalos quando os galhos roçavam ou se batiam uns contra os outros. O rumor das rodas do carrinho, nossos passos secos.

— Quando eu estava no hospital me disseram um negócio que acabou sendo muito importante para mim — Linda continuou. — Foi um comentário simples. Mas o que disseram foi que eu precisava tentar lembrar que na verdade eu estava aborrecida mesmo durante os surtos de mania. De que na verdade eu estava na fossa. E essa simples ideia de que havia uma verdade por trás de tudo aquilo me ajudou. Muita coisa depende desse detalhe, porque você acaba perdendo totalmente a noção de quem você é. De quem você é na verdade. Acho que esse foi o principal motivo para que as coisas tenham ido tão longe. Eu nunca tinha vivido de verdade. Nunca tinha vivido a partir do meu interior. Sempre tinha vivido

a partir do exterior. E por um tempo deu certo, eu me obrigava a levar aquilo tudo cada vez mais longe, mas no fim não deu mais. Chegou um momento em que tudo parou.

Linda olhou para mim.

— Acho que eu era meio indiferente naquela época. Ou pelo menos havia alguma coisa em mim que era indiferente. Eu me sentia como se todos os meus laços com as outras pessoas tivessem sido cortados, se é que dá para entender o que estou dizendo.

— Acho que entendo — eu disse. — Na primeira vez que nos encontramos você tinha uma aura totalmente diferente da que tem agora. E acho que indiferente é uma boa descrição. Eu senti atração e perigo. Mas não me sinto mais assim em relação a você.

— Eu estava totalmente fora dos trilhos. Foi justamente naquelas semanas que começou, que eu comecei a perder o rumo. Fico muitíssimo contente por não termos começado a namorar naquela época! Não teria dado certo. Não teria como dar certo.

— Não, com certeza não. Mas admito que fiquei um pouco surpreso quando descobri o quanto você era romântica. E o quanto você deseja estar próxima das pessoas que fazem parte da sua vida. O quanto isso é importante para você.

Continuamos por um tempo sem dizer nada.

— Você teria ficado comigo da maneira como eu era naquela época?

— Não.

Eu sorri. Linda sorriu. Tudo estava em silêncio ao nosso redor, a não ser por um ou outro rumor na floresta quando o vento soprava. Era uma sensação boa estar lá. Pela primeira vez em muito tempo eu pude sentir um pouco de paz na minha alma. Mesmo que a neve estivesse por toda parte e que branco fosse uma cor leve, a impressão dominante naquele cenário não era de leveza, pois da neve, que reflete de maneira tão delicada a luz do céu, e sempre brilha, por mais escuro que esteja, erguiam-se os troncos das árvores, pretos e retorcidos, e acima deles

pairavam os galhos, também pretos, e filtravam a luz uns nos outros das mais variadas maneiras possíveis. As encostas das montanhas eram pretas, pretos eram os tocos e pretas eram as folhas trazidas pelo vento, pretas eram as laterais das pedras, preto era o interior da floresta sob a abóbada formada pelos galhos enormes dos espruces.

Tanto o branco suave quanto o preto ameaçador estavam no mais absoluto silêncio, totalmente imóveis, e era impossível não pensar em quantas coisas mortas havia ao nosso redor, em como era pequena a parte de nós que vivia de verdade, e em como era grande o espaço ocupado por essa vida. Era por isso que eu queria ter sido pintor, como eu queria ter esse talento, porque era apenas na pintura que essa sensação podia ser expressa. Stendhal escreveu que a forma de arte mais sublime era a música, que todas as outras artes na verdade aspiravam a se transformar em música. Era uma ideia evidentemente platônica, todas as outras formas de arte representam outras coisas, a música é a única que é alguma coisa em si mesma, absolutamente sem parâmetros de comparação. Mas eu queria estar mais próximo da realidade, ou seja, da realidade física e concreta, e para mim a visão vinha sempre em primeiro lugar, mesmo quando eu lia ou escrevia, o que mais me interessava era o que se escondia por trás das letras. Quando eu estava caminhando ao ar livre, como naquele instante, as coisas que eu via não revelavam nada. A neve era apenas neve, as árvores eram apenas árvores. A cena adquiria significado somente quando eu via uma pintura com neve ou com árvores. Monet tinha um olho excepcionalmente bom para a luz da neve, assim como Thaulow, possivelmente o pintor norueguês mais técnico de todas as épocas, era uma festa ver as pinturas de ambos, a presença no instante retratado era tão intensa que o valor daquilo que a gerava sofria um aumento radical, uma cabana velha e decrépita às margens de um rio ou um trapiche numa colônia de férias de repente tornavam-se inestimáveis, animados pela ideia de que estavam realmente conosco, naquele intenso agora, e de que logo morreríamos para eles, mas quando se tratava de neve, a outra face desse

cultivo do instante se revelava, a atribuição de uma alma à neve e o reflexo da luz deixavam claramente um elemento impercebido, a saber, a ausência de vida, o vazio, o não carregado e o neutro, em suma, a primeira coisa que salta à vista quando se entra na floresta em pleno inverno, e naquele cenário, que era o cenário da permanência e da morte, o instante não podia se impor. Friedrich sabia de todas essas coisas, mas ele não pintava a cena, apenas o conceito de uma cena. Era dessa constatação que o problema de todas as representações naturalmente derivava, pois nenhum olhar é puro, nenhum olhar é vazio, nada é visto da maneira como é em si mesmo. E assim se impunha a questão do significado da arte. Mas, enfim, eu estava vendo a floresta, caminhando pela floresta e pensando a respeito. Mesmo assim, todo o sentido que eu podia apreender vinha de mim, eu o preenchia com o que era meu. Se houvesse qualquer significado para além deste, não podia ser apreendido através do olhar, mas somente através da ação, ou seja, do uso. As árvores tinham que ser derrubadas, as casas tinham que ser construídas, os bichos tinham que ser caçados, não porque me desse prazer, mas porque a minha vida dependia disso. Assim a floresta ganharia um significado, e um significado tão grande que eu chegava a perder a vontade de apreendê-lo.

No ponto em que o caminho fazia uma curva, talvez vinte metros à nossa frente, um homem com uma grossa jaqueta vermelha apareceu caminhando. Ele tinha um bastão de esqui em cada mão. Era Arne.

— Dando uma volta, vocês dois? — perguntou quando estava a poucos metros de distância.

— Oi, Arne! Há quanto tempo — disse Linda.

Ele parou ao nosso lado e olhou para o carrinho. Não parecia estar muito arrasado pelo escândalo.

— Como ela cresceu! — Arne disse. — Com que idade ela está?

— Completou um ano duas semanas atrás — Linda respondeu.

— Já? É, o tempo passa depressa — ele disse olhando para mim. Um dos olhos estava completamente imóvel e raso de lágrimas. Arne tinha sofrido com todas as pragas do mundo ao longo dos últimos anos, primeiro foi um tumor no cérebro, depois ele foi operado e ficou bom, mas não conseguiu se livrar do gosto pela morfina que tinha adquirido no hospital, então precisou frequentar a clínica de reabilitação por um tempo. Quando recebeu alta, teve um derrame. E parece que tinha acabado de ter pneumonia.

Mas ainda que parecesse mais decrepito e mais desatinado cada vez que eu o via, embora tivesse dificuldades para caminhar e gestos cada vez mais lentos, Arne não parecia mais fraco, não eram as forças que o deixavam, nem mesmo a chama da vida, que continuava a arder com a constância de sempre, ele seguia adiante mesmo com todos aqueles defeitos, e o que poderiam ter dito a seu respeito dois anos atrás, que já não lhe restava muito tempo por aqui, ele continuava a tratar com zombaria. Era justamente essa chama, essa sede de viver, que o havia mantido de pé. Qualquer outra pessoa que tivesse sofrido como Arne desejaria estar sete palmos abaixo da terra.

— O seu livro vai ser traduzido para o sueco, pelo que o Vidar me disse?
— ele perguntou.

— É — respondi.

— Quando? Fique sabendo que eu quero mesmo ler.

— Me disseram que no próximo outono, mas deve ficar pronto no outono seguinte.

— Eu espero — disse Arne.

Que idade ele tinha? Quase setenta? Era difícil dizer, não havia nada que sugerisse um senhor idoso no que dizia respeito a Arne, o olho bom tinha o brilho da juventude, e mesmo que em relação a esse aspecto estivesse sozinho no rosto, cujas outras partes eram enrugadas e maltratadas pelo tempo, ruborizadas e injetadas de sangue, essa jovialidade se manifestava também de outras formas, acima de tudo no tom

entusiasmado da voz, obrigada a adotar uma inconveniente lentidão, mas também na impressão geral que ele causava, na aura dele, que dava a impressão de permanecer inalterada apesar de toda a resistência imposta pelo corpo. Arne tinha crescido num orfanato, mas não acabou na marginalidade, como os antigos colegas. Tinha jogado futebol em nível profissional, pelo menos de acordo com as histórias que contava, e trabalhado como jornalista para o *Expressen* durante muitos anos. E além de tudo tinha publicado vários livros.

A esposa sempre parecia exercer uma influência poderosa sobre ele quando ela estava por perto e ele dizia alguma coisa, como todas as mulheres casadas com garotos parecem exercer uma influência poderosa sobre eles. Ela trabalhava como enfermeira e estava chegando no limite, porque além de tomar conta do marido doente, os dois eram avós de duas crianças gêmeas recém-nascidas na família, e os pais precisavam de muita ajuda.

— Bem — disse Arne de repente. — Foi um prazer ver você, Linda, e também você, Karl Ove.

— Igualmente — eu disse.

Arne levou a mão à testa e continuou a caminhar, levantando os bastões bem alto a cada passo.

O olho paralisado e aquoso, que durante toda a conversa tinha olhado para frente, podia ter sido o olho de um *troll* ou de outra criatura mitológica, e mesmo que eu não tenha passado o resto do tempo pensando naquilo, a impressão que tive me acompanhou durante o dia inteiro.

— Ele não pareceu muito arrasado — eu disse quando Arne desapareceu na curva e começamos a caminhar outra vez.

— Não — Linda concordou. — Mas nunca é fácil perceber como as pessoas se sentem de verdade.

Mais um rumor veio de longe, dessa vez do outro lado da floresta. Coloquei Vanja, que estava deitada piscando os olhos, de pé no carrinho e o girei de maneira que pudesse ver o trem que pouco depois passou por

nós em meio às árvores. Aquilo não passou despercebido, Vanja apontou e gritou quando o trem passou tão perto que uma fina camada de neve em pó cobriu o meu rosto e se derreteu no instante seguinte.

Cerca de um quilômetro adiante, junto a um banco de terra próximo à estação ferroviária, a estrada acabava. O gramado no outro lado, onde os cavalos pastavam no semestre de verão, estava branco e imóvel como um tapete em meio às árvores. À esquerda, rumo ao oriente, havia um conjunto de casas, e mais atrás uma estrada que levava a uma fazenda grande e bonita que pertencia ao irmão de Olof Palme. Num entardecer de verão em que eu e Linda saímos para dar um passeio de bicicleta acabamos nos perdendo por lá, descemos a estrada de cascalho por entre as casas, onde um grupo vestido de branco estava fazendo uma refeição ao ar livre, com vista para o grande lago e o centro de Gnesta na outra margem. Por mais que eu tenha me esforçado para olhar em outra direção, a imagem desse grupo me acompanhou, a maneira bergmaniana como estavam sentados nos móveis de jardim brancos para a refeição em meio a casas rurais brancas e austeras e prédios comerciais vermelhos e modernos em meio à paisagem verde e ondulante de Sörmland.

Então tirei Vanja do carrinho e coloquei-a no braço enquanto dávamos meia-volta para voltar pelo mesmo caminho.

Quando meia hora mais tarde chegamos ao alto do morro em frente à casa, ouvimos vozes lá dentro. Pela janela da cozinha vi Ingrid e Vidar, os dois estavam em lados opostos da mesa gritando um com o outro. Havíamos chegado um pouco antes do que eles haviam imaginado, e a neve tinha abafado os sons da nossa chegada. Foi apenas quando bati as botas contra os degraus que as vozes silenciaram. Linda pegou Vanja, eu levei o carrinho para dentro da garagem ao lado da casa, que Vidar tinha construído ao longo da primavera e do verão. Quando voltei, ele estava no corredor, vestindo o macacão.

— E então? — Vidar me perguntou com um sorriso. — Vocês foram longe?

— Não — eu disse. — Não nos afastamos muito. O tempo está ruim!

— É, é verdade — ele concordou enquanto calçava as longas botas marrons de borracha. — Eu vou subir um pouco para consertar umas coisas.

Vidar passou por mim e começou a caminhar lentamente morro acima, em direção à cabana de ferramentas. Na cozinha, que começava a meio metro do lugar onde eu estava tirando as minhas roupas de inverno, Ingrid tinha colocado Vanja em uma cadeirinha de bebê em frente ao balcão, onde ela descascava batatas. Coloquei a touca e as luvas no chapeleiro, deixei as botas junto à soleira da porta, Ingrid largou um pote com água e colheres de medida em frente à Vanja. Aquilo podia ocupá-la por um longo tempo, eu bem sabia, então pendurei o sobretudo no cabide e o empurrei para dentro junto com todas as outras jaquetas, casacos e sobretudos que estavam pendurados lá e passei por elas.

Ingrid parecia estar agitada. Mesmo assim os movimentos eram tranquilos e calculados, a voz que usava para falar com Vanja era suave e amistosa.

— O que vamos ter de bom para o jantar de hoje? — perguntei.

— Pernil de cordeiro — ela disse. — Batata assada. E molho de vinho tinto.

— Ah, está ótimo! — eu disse. — Cordeiro é a minha comida favorita.

— Eu sei — Ingrid respondeu. Os olhos dela, enormes por trás dos óculos, olharam para mim com um sorriso.

Vanja batia com as colheres de medida n'água.

— Aqui você se diverte, não é mesmo, Vanja? — eu disse. Passei a mão nos cabelos dela. Olhei para Ingrid. — E a Linda? Foi se deitar?

Ingrid respondeu com um aceno de cabeça. No quarto de dormir, que estava fora de vista, embora não ficasse a mais do que quatro metros de distância, a voz de Linda soou no mesmo instante.

— Estou aqui dentro!

Entreí no quarto. As duas camas ficavam encostadas uma na outra em um ângulo de noventa graus e ocupavam todo o espaço no interior da peça. Linda estava deitada na cama mais longe da porta, com o cobertor puxado até o queixo. Mesmo que as cortinas estivessem abertas, o cômodo estava quase às escuras. As paredes de madeira escura e rústica absorviam a luz.

— Brr! — ela disse. — Você não quer vir se deitar comigo?

Balancei a cabeça.

— Acho que vou ler um pouco. Mas pode dormir!

Me sentei na beira da cama e acariciei os cabelos dela. Numa das paredes havia fotos dos filhos e netos de Vidar. A outra estava cheia de livros. Um relógio despertador e uma foto da filha mais nova de Vidar estavam no parapeito. O quarto das outras pessoas em geral me dava um certo desconforto, eu sempre via alguma coisa que preferia não ter visto, mas aquele quarto era uma exceção.

— Eu te amo — disse Linda.

Me inclinei para frente e a beijei.

— Durma bem — eu disse, e então me levantei e fui para a sala. Peguei os livros que eu tinha empacotado, não aguentei Dostoiévski, era muito custoso explorar aquele mundo naquele instante, em vez disso peguei uma biografia de Rimbaud, que eu planejava ler desde muito tempo atrás, e me deitei na cama debaixo da janela com o livro na mão. Era a relação com a África que despertava o meu interesse. Essa relação e a época em que Rimbaud tinha vivido. Os poemas dele não tinham interesse nenhum para mim, a não ser pelo que tinham a dizer sobre o caráter incomum e único do autor.

Na cozinha, Ingrid falava com Vanja enquanto preparava a comida. Ela levava jeito, conseguia transformar até as tarefas mais corriqueiras em acontecimentos emocionantes e dignos de um conto de fadas, em boa parte porque deixava as próprias necessidades totalmente de lado quando

as duas estavam juntas. Tudo dizia respeito a Vanja e às vivências dela. Mas não parecia ser nenhum sacrifício, a alegria que Ingrid sentia parecia ser íntima e profunda.

Pensei que não devia haver no mundo uma mulher mais diferente da minha mãe do que Ingrid. A minha mãe também deixava as próprias necessidades de lado, mas a distância entre Vanja e o que as duas faziam juntas era muito maior, e ela não parecia sentir uma alegria tão profunda. Uma vez em que eu fui a um parquinho com as duas a distância no olhar dela me levou a perguntar se aquilo a aborrecia, ela respondeu que sim, e que aquilo sempre a tinha aborrecido, mesmo quando nós éramos pequenos.

Ingrid conseguia chamar a atenção de todas as crianças se quisesse, alguma coisa nela fazia com que o contato se estabelecesse de imediato. A aura dela era forte, ela não conseguia entrar num lugar qualquer sem fazer diferença. O lugar passava a ser dela. Minha mãe podia sentar numa sala qualquer sem que ninguém notasse a presença dela. Ingrid tinha sido atriz no palco mais importante do país, tinha vivido uma vida de verdade, uma vida ativa. Minha mãe observava, pensava, lia, escrevia, refletia, vivia uma vida contemplativa. Ingrid adorava cozinhar, minha mãe cozinhava porque era necessário.

Vidar passou do outro lado da janela, um pouco cabisbaixo com o macacão azul e dando passos cuidadosos para não escorregar no caminho. No instante seguinte ele apareceu do outro lado da janela da sala, a caminho da garagem. Na cozinha Vanja se apoiava contra o armário enquanto Ingrid tirava a borbulhante panela de batatas do fogão. Me levantei e fui até o corredor, vesti a jaqueta, a touca e as botas, abri a porta e me sentei na cadeira que ficava junto à parede da casa para fumar. Vidar saiu da garagem com um balde na mão.

- Você acha que mais tarde pode me dar uma mão? — ele perguntou.
- Por uns dez minutos?
- Claro — respondi.

Ele acenou a cabeça e continuou a dar a volta na casa. Deixei meu olhar se perder na distância. A luz do céu tinha perdido o brilho. A escuridão iminente se espalhava de maneira irregular pela paisagem, os trechos já escuros tragavam-na ávidos para si, como por exemplo as árvores na orla da floresta: os troncos e os galhos estavam completamente pretos naquele instante. A luz tênue de fevereiro desapareceu sem nenhuma resistência, sem nenhuma batalha, sem oferecer nem ao menos um último chamejar, apenas com um fenecer lento e quase imperceptível, até que tudo se transformasse em trevas e em noite.

Fui tomado por um sentimento repentino de felicidade.

Havia luz sobre a terra, frio no ar, silêncio entre as árvores. Era a escuridão que esperava. Era um fim de tarde em fevereiro que infundia aquele estado de espírito em mim e que despertava lembranças de todos os outros fins de tarde em fevereiro que eu tinha vivido, ou os ecos que haviam deixado, pois as lembranças em si tinham morrido muito tempo atrás. Aquele momento era infinitamente rico e infinitamente completo porque toda vida se concentrava nele. Era como se cortasse através dos anos; aquela luz nítida era como círculos concêntricos na memória.

Mas o sentimento de felicidade transformou-se em um profundo sentimento de tristeza. Apaguei o cigarro na neve e o atirei em direção ao barril que estava debaixo da calha, disse para mim mesmo que eu não podia esquecer de limpar as bitucas antes que fôssemos embora e subi pelo lado de trás da casa, onde Vidar estava no galpão acima da despensa parafusando a tampa de um freezer.

— Temos que levar isso aqui para a cabana — ele disse. — O chão está um pouco escorregadio, mas é só a gente tomar cuidado que tudo vai dar certo.

Eu acenei a cabeça. Uma gralha grasnou um pouco adiante. Me virei em direção ao som e olhei para o renque de árvores no outro lado, mas não consegui ver nada.

Na neve toda a movimentação ao longo do dia estava visível. Os rastros seguiam os caminhos que iam da porta da casa até todas as pequenas construções. Nos outros lugares a neve continuava branca e intocada.

Vidar começou a apertar o terceiro parafuso. Os dedos dele eram macios e hábeis. Ele consertava todas as pequenas coisas que estragavam, parecia que quanto menor, melhor. Quanto a mim, eu perdia a paciência com qualquer coisa que não enchesse a minha mão. Parafusar móveis da IKEA me deixava enfurecido.

Os lábios de Vidar se entreabriram enquanto parafusava. Os dentes tortos que se revelaram, junto com os pequenos olhos e o rosto triangular cujo formato era reforçado pelo cavanhaque, conferiam-lhe um ar de raposa.

O balde que ele tinha buscado, e que estava cheio de areia, estava logo ao lado, vermelho-pálido com o chão de concreto cinza ao fundo.

— Você pensou em espalhar areia pelos caminhos? — perguntei.

— Pensei — ele disse. — Será que você pode fazer isso?

— Claro que posso — eu disse.

Levantei o balde, peguei um punhado de areia e o espalhei pelos rastros à minha frente enquanto eu descia. Ingrid saiu da casa, ela andava com passos curtos e ligeiros pela neve, estava usando uma jaqueta esverdeada aberta e indo em direção à despensa. Mesmo num momento insignificante como aquele havia uma aura de intensidade ao redor dela. Linda deve ter se levantado, pensei. Ou será que Vanja teria se deitado com ela?

Umhas poucas maçãs ainda pendiam das duas macieiras um pouco mais abaixo no caminho. As maçãs tinham a superfície enrugada e cheia de manchas pretas, e as cores que haviam restado, um vermelho e um verde desbotados e escurecidos, tinham por assim dizer crescido nas frutas ao mesmo tempo em que o ambiente de galhos nus e negros as tornava mais vibrantes. Vistas com o gramado e a floresta ao fundo, onde não havia nenhuma cor, elas cintilavam. Vistas com as cabanas pintadas de vermelho no campo de visão, as cores tornavam-se foscas e quase imperceptíveis.

Ingrid saiu da despensa com duas garrafas de um litro e meio de água mineral nas mãos e três latas de cerveja presas debaixo do braço, colocou uma das garrafas na neve para fechar o trinco da porta, a tampa e o rótulo brilhavam em contraste com o branco da neve, então tornou a pegá-la e caminhou de volta em direção à casa. Eu tinha subido até o galpão e espalhado o resto da areia no caminho de volta. Assim que coloquei o balde no chão me ocorreu com quem o homem do café no dia anterior se parecia. Era Tarjei Vesaas! O homem era muito parecido. Tinha o mesmo vinco no queixo, o mesmo olhar suave, a mesma careca. Mas a boca era diferente, muito rosada e com a maciez de um bebê. Como se o crânio de Vesaas tivesse reaparecido, ou então o código tivesse sido usado mais uma vez, em um dos muitos caprichos da natureza, mas com uma outra pele colocada em cima.

— Pronto — disse Vidar enquanto largava a chave de fenda no torno atrás de si. — Agora podemos levar. Eu empurro aqui por trás e você levanta a outra ponta. Pode ser?

— Pode — eu disse.

Levantei o freezer e notei que o peso sustentado por Vidar deixava o corpo dele tenso. Eu teria de bom grado me encarregado da maior parte do peso, que não era muito grande, mas não havia como. Descemos o pequeno morro com passos curtos, nos viramos e andamos lado a lado na suave encosta até a cabana, onde largamos o freezer no chão, e depois o ajeitamos no canto.

— Muito obrigado — Vidar me agradeceu. — Fico contente de ter resolvido esse assunto.

Como ele não tinha ninguém para ajudá-lo, muitas vezes essas pequenas tarefas estavam à nossa espera quando aparecíamos.

— Não há de quê — respondi.

Vidar ligou a tomada e no mesmo instante o freezer começou a zumbir. Havia outros dois freezers verticais como aquele lá dentro, além dos dois grandes freezers horizontais. Todos cheios de comida. Carne de alce e

carne de veado, carne de novilho e carne de ovelha. Lúcios e percas e salmões. Verduras e frutas silvestres. Todo tipo de comida caseira. Aquela forma de se relacionar com a comida e com o dinheiro era totalmente estranha para nós. Além de tentar ser o mais independente possível, Ingrid sempre comprava em grandes quantidades quando alguma coisa estava barata, economizava cada moeda, para ela era uma questão de honra. Era uma questão de aproveitar todos os recursos. Ela tinha por exemplo convencido o pessoal do supermercado a guardar para ela frutas que de outra forma teriam jogado fora, e usava-as para fazer suco ou geleia ou bolos ou o que mais quisesse. De vez em quando dizia o quanto havia custado a carne no prato em que estávamos comendo, por exemplo, e nesses casos o que queria mostrar era a diferença entre o valor do prato antes e depois de ter empregado suas artes mágicas na cozinha. Quanto mais barato, melhor. Mas Ingrid não era de maneira alguma uma pessoa mesquinha, pelo contrário, sempre nos regalava com todas as coisas possíveis e impossíveis, independente da situação financeira em que se encontrasse. Para ela a questão era outra, talvez o orgulho e a honra de uma dona de casa, porque tinha frequentado a escola de donas de casa, e quando a carreira de atriz terminou, ficou evidente que ela tinha se voltado para a vida que levava antes.

Por isso a peça se enchia com os rumores e os zumbidos de freezers horizontais e verticais, por isso a despensa estava cheia de legumes, frutas, vidros de geleia e latas de conserva, por isso ela nos servia comidas excepcionais toda vez que aparecíamos, em geral pratos que se comem aqui no país há uma ou duas gerações, mas também pratos italianos e franceses e asiáticos que tinham em comum o fato de serem de um jeito ou de outro rústicos.

Quando resolvemos batizar Vanja, Ingrid quis ajudar com a preparação da comida. O batismo seria na casa da minha mãe em Jølster, e como tanto a cozinha como as lojas eram lugares estranhos a Ingrid, ela sugeriu preparar a comida em casa e simplesmente levar para lá. Para mim a ideia

parecia um absurdo completo, transportar a comida para uma festinha por milhares de quilômetros, mas Ingrid insistiu, disse que seria o mais simples, então acabou sendo assim. Como resultado, além da bagagem habitual, Ingrid e Vidar estavam com três bolsas térmicas cheias quando chegaram ao aeroporto de Bringelandsåsen nos arredores de Førde naquele dia no fim de maio do ano anterior. Seriam duas festas, primeiro o aniversário de sessenta anos da minha mãe na sexta-feira, depois o batizado de Vanja no domingo. Eu e Linda tínhamos chegado uns dias antes, não sem um pouco de turbulência, porque a minha mãe tinha decidido fazer uma reforma na sala para as festividades, mas ainda não tinha conseguido tempo para limpar tudo, então o lugar mais parecia um canteiro de obras, o que deixou Linda decepcionada e furiosa. Quando viu o estado em que o lugar se encontrava, ela percebeu que eu levaria no mínimo três dias para deixar tudo em ordem. Eu entendia aquela fúria, e até mesmo a intensidade, mas não podia admiti-la. Demos um passeio com Vanja pelo vale e ela começou a xingar a minha mãe, aquelas não eram as condições que tinha nos prometido; se ela soubesse, nunca teríamos batizado Vanja em Jølster, teríamos simplesmente feito tudo em Estocolmo.

— A Sissel é egoísta, pouco acolhedora, fria e fechada em si mesma! — gritou Linda em meio ao vale verde e ensolarado. — Essa é a verdade a respeito dela. Você diz que eu não vejo a minha mãe, diz que um presente nunca é um simples presente, que ela tenta me tornar dependente dela, e pode até ser que você tenha razão, mas você não vê *mesmo* a sua mãe.

Senti dor de barriga de tanto desespero, como sempre acontecia quando eu enfrentava a loucura de Linda, que eu achava totalmente descabida, quase patológica, com argumentos e pragmatismo.

Estávamos quase correndo ao longo da estrada com o carrinho, onde Vanja dormia.

— É o batizado da *nossa* filha — eu disse. — É claro que a casa tem que estar em ordem! Você sabe que, ao contrário da sua mãe, a minha mãe trabalha, e por isso não conseguiu aprontar tudo a tempo. Ela não pode

dedicar todo o tempo dela a nós e às coisas que nos ocupam. Ela tem a vida dela também.

— Você não enxerga mesmo — disse Linda. — Você sempre precisa trabalhar quando a gente vem para cá, ela se aproveita da oportunidade, se aproveita de nós dois, nunca temos um tempo para nós dois quando estamos aqui.

— Mas nós passamos o tempo inteiro só nós dois! — eu retruquei. — Por aqui não temos nada além de tempo para nós dois. Porra, é a única coisa que temos aqui!

— Ela nunca nos dá espaço — disse Linda.

— Como é que é? — eu disse. — Espaço? Se existe uma pessoa no mundo que nos dá espaço, essa pessoa é a minha mãe. Quem não dá espaço é a sua. Não temos sequer um centímetro. Você lembra de quando Vanja nasceu? Quando você disse que não queria receber nenhuma visita durante os primeiros dias, que preferia que nós ficássemos sozinhos por um tempo?

Linda não respondeu, mas apenas olhou para frente com uma expressão hostil no olhar.

— Lógico que a minha mãe sentiu vontade de nos visitar. O Yngve também. Mas eu liguei e expliquei que não podiam nos visitar nas duas primeiras semanas, só depois. Mas o que aconteceu? Quem foi que entrou porta adentro, depois de ser convidada por você mesma, senão a sua mãe? E o que você disse? “É só a minha mãe!” Claro, lógico! Esse “só” explica tudo. Você não a enxerga, vocês duas têm tanta intimidade que ela vem e ajuda você e você nem percebe. *Ela* podia nos visitar, mas a minha mãe não.

— Mas a sua mãe nunca foi visitar a Vanja. Vários meses se passaram.

— Você acha mesmo? Eu a afastei!

— O amor é maior do que o sentimento de ter sido afastada, Karl Ove.

— Pelo amor de Deus! — eu disse.

Então ficamos em silêncio.

— Ontem, por exemplo — Linda continuou. — Ela ficou sentada com a gente até a hora em que fomos nos deitar.

— E?

— Você acha que a minha mãe teria feito a mesma coisa?

— Não, porque ela vai se deitar às oito horas se acha que é isso que você quer. E ela faz tudo quando estamos na casa dela, nisso você tem razão. Mas por acaso esse é o jeito certo? Eu ajudo a minha mãe com pequenas coisas desde que saí de casa. Já pintei a casa e cortei a grama e lavei a roupa. Será que tem alguma coisa errada? Por acaso agora é errado oferecer ajuda? Hein? E dessa vez não estamos nem ao menos ajudando a ela, mas a nós mesmos! É o batizado da *nossa* filha. Será que você não consegue entender?

— Você é que não entende do que estamos falando — disse Linda. — Não viemos para cá para você trabalhar enquanto eu fico passeando sozinha com a Vanja. Isso é justamente o que não queremos. E a sua mãe não é tão inocente quanto você pensa, o que está acontecendo foi sem dúvida planejado e calculado.

Putá que pariu, pensei enquanto seguíamos em silêncio pelo caminho depois dessas últimas palavras. Putá que pariu essa porra do caralho, inferno. Como diabos eu podia ter acabado no meio de toda aquela merda?

O sol ardia no céu azul e límpido acima de nós. As encostas se erguiam de repente nas duas margens do rio, que, por estar cheio da água do degelo, corria gorgolejando em direção ao Jølstravannet, liso e silencioso como um espelho em meio às montanhas, com um pedaço da geleira a brilhar no alto de um pico. O ar estava puro e frio, os barrancos acima e abaixo de nós estavam verdes e repletos de ovelhas tilintantes, as partes mais altas das montanhas pareciam azuis e aqui e acolá tinham enormes manchas brancas de neve. Era tão bonito que chegava a doer. Eu e Linda seguimos caminhando com Vanja adormecida no carrinho e discutindo porque eu levaria alguns dias para ajeitar a casa da minha mãe.

A falta de bom senso dela não tinha limites. Não existia um momento em que pensasse, ah, agora eu fui longe demais.

O que Linda estava pensando?

Ah, eu sabia muito bem. Linda passava os dias sozinha com Vanja, desde a hora em que eu saía para o escritório até a hora em que eu voltava para casa, ela se sentia sozinha, e então tinha esperado por aquelas duas semanas com uma alegria violenta. Para ela seria uma realização passar dias tranquilos com a nossa pequena família. Quanto a mim, a maior realização era o momento em que a porta do escritório se fechava atrás de mim e eu ficava sozinho para começar a escrever. Especialmente naquele instante, quando, após seis anos de falsos começos, eu finalmente tinha conseguido alguma coisa e percebido que não parava por ali, que havia mais coisas por trás. Era esse o meu anseio, era isso que ocupava os meus pensamentos, não Linda ou Vanja ou o batizado em Jølster, que eu simplesmente aceitava da forma que viesse. Se desse certo, muito bem, tinha dado certo. Se não desse certo, muito bem, não tinha dado certo. Para mim essa diferença não era muito importante. A discussão também podia ser colocada na mesma categoria, mas não, os meus sentimentos eram intensos demais, me dominavam.

A sexta-feira chegou, eu tinha passado a noite inteira em claro escrevendo um discurso para a minha mãe e estava cansado quando atravessamos de carro o vertiginoso cenário repleto de fiordes e montanhas, rios e fazendas no caminho até Loen, em Nordfjord, onde ela tinha alugado da Associação de Enfermagem uma antiga casa em estilo rural onde seria a festa. Os outros convidados foram para Briksdalsbreen, Linda e eu ficamos no quarto com Vanja para dormir um pouco. A beleza da paisagem ao nosso redor era profunda e perturbadora. Todo o azul, todo o verde, todo o branco, todas aquelas profundezas e todo aquele espaço. Eu nunca tinha vivido nada parecido; eu lembrava que antes o cenário era cotidiano, quase trivial, um caminho que era preciso atravessar para chegar de um lugar ao outro.

Ouvi os murmúrios do rio mais além. Em um terreno próximo alguém dirigia um trator. O volume do som aumentava e diminuía. De vez em quando ouviam-se vozes em frente à construção. Linda estava dormindo ao meu lado com Vanja junto ao peito. Para ela a discussão era um assunto resolvido. Só eu continuaria aborrecido e mal-humorado por várias semanas, só eu levaria aquela mágoa comigo por vários anos. Mas apenas em relação a ela. Linda era a única pessoa com quem eu discutia, a única pessoa com quem eu tinha assuntos mal resolvidos. Quando minha mãe, meu irmão ou meus amigos faziam um comentário ofensivo, eu deixava passar, nada do que eles diziam me afetava e nada era importante para mim, na verdade. Eu tinha pensado que aquilo fazia parte da minha vida adulta, que eu tinha conseguido abafar todos os subtons e sobretons no meu caráter, tão explosivos no ponto de partida, e que portanto eu viveria o resto da minha vida em paz e harmonia, e resolveria todos os conflitos nos meus relacionamentos com a ironia e a zombaria e o mau humor silencioso que tinha virado uma especialidade minha graças aos três longos relacionamentos pelos quais eu tinha passado. Mas com Linda era como se eu fosse empurrado para trás, de volta à época em que os meus sentimentos variavam entre a alegria mais profunda e a raiva mais profunda e o desespero e o desatino sem fim, a época em que eu parecia viver numa sequência de instantes decisivos e a intensidade era tanta que a vida por vezes parecia ser quase insuportável, e eu não conseguia encontrar paz em nada, a não ser nos livros, cheios de lugares, épocas e pessoas, onde eu não era ninguém e ninguém era eu.

Essa foi a época em que eu era pequeno e não tinha outra escolha.

Mas aos trinta e cinco anos eu queria reduzir os momentos de turbulência e perturbação anímica ao mínimo possível, eu devia ter essa tranquilidade, ou ao menos dar um jeito de consegui-la, não?

Não era o que parecia.

Me sentei numa pedra do lado de fora e fumei um cigarro enquanto corria os olhos pelo discurso que eu tinha escrito. Eu tinha tentado ao

máximo escapar daquilo, mas não houve jeito, como eu e Yngve percebemos, cada um de nós teria que fazer um discurso. Eu sentia enjoos só de pensar naquilo. Às vezes quando eu fazia leituras públicas ou participava de uma discussão ou era entrevistado no palco eu me sentia tão nervoso que mal conseguia andar. Ou melhor, “nervoso” é uma palavra pouco abrangente para a maneira como eu me sentia, o nervosismo é uma sensação passageira dos nervos, uma sensação meio perturbadora, um tremor da alma. O que eu sentia me fazia sofrer, era um golpe. Mas aquilo também passaria.

Me levantei e caminhei até a estrada, de onde se tinha uma vista de todo o vilarejo. Os terrenos férteis e verdejantes entre as encostas, a grinalda de árvores que crescia junto às margens do rio, o pequeno centro na planície com o punhado de lojas e moradias. O fiorde próximo, verde-azulado e eternamente imóvel, as montanhas que assomavam do outro lado, as poucas fazendas que havia por lá, no alto da encosta, com as casas brancas de telhados vermelhos, terrenos amarelos e verdes, tudo reluzindo profundamente sob a luz do sol, que baixava e logo desapareceria no mar ao longe. As encostas nuas acima das fazendas, azul-escuras, aqui e acolá quase pretas, os picos negros, o céu claro mais acima, onde as primeiras estrelas logo haveriam de surgir, a princípio quase imperceptíveis, apenas como uma vaga cintilação na cor, para depois se tornarem cada vez mais distintas, até que reluzissem e brilhassem na escuridão que envolveria o mundo.

Não havia como se apropriar daquilo. Podíamos acreditar que o nosso mundo compreendia tudo, podíamos nos entreter nas praias, dirigir por aí com nossos carros, telefonar e conversar uns com os outros, fazer visitas, comer e beber e ficar em casa e deixar que os rostos e as opiniões e os destinos das pessoas na tela da televisão nos impregnassem com essa estranha simbiose artificial em que vivemos, e assim nos deixar levar cada vez mais, ano após ano, rumo à noção de que isso era tudo o que existia, mas se erguêssemos o rosto e olhássemos para tudo aquilo, o único

pensamento possível era o de não apropriação e o de impotência, pois as coisas rumo às quais nos deixávamos levar não eram afinal pequenas e ínfimas? Com certeza os dramas a que assistíamos eram grandiosos, as imagens que guardávamos conosco eram sublimes e por vezes apocalípticas, mas vamos admitir a verdade, como escravos, que parte temos nisso tudo?

Nenhuma.

Mas as estrelas cintilam acima das nossas cabeças, o sol arde, a grama cresce e a terra, ah, a terra engole toda a vida e apaga todos os rastros, faz crescer vida nova em uma enxurrada de pernas e olhos, folhas e unhas, capins e rabos, queixos e peles e troncos e entranhas, para depois engolir tudo outra vez. E o que nunca entendemos direito, nem vamos entender, é que tudo acontece fora de nós, que nós mesmos não temos parte nenhuma nisso tudo, que somos apenas aquilo que cresce e morre, cegos como as ondas do mar.

Pelo trecho do vale às minhas costas chegaram quatro carros. Eram os convidados da minha mãe, ou seja, as irmãs dela, com os maridos e os filhos, além de Ingrid e Vidar. Subi em direção à casa, vi que todos estavam cheios de animação e entusiasmo ao sair do carro, a geleira sem dúvida tinha sido um passeio incrível. Durante a hora seguinte eles arrumariam os quartos, depois nos reuniríamos na sala para comer bife de veado e tomar vinho tinto, ouvir os discursos, beber café e conhaque, nos reunir em pequenos grupos e conversar e nos entreter enquanto o fim da tarde se transformava em noite clara.

Yngve foi o primeiro a se levantar. Ele entregou o nosso presente, uma câmera reflex, e fez um discurso. Eu estava tão nervoso que não consegui acompanhar o que ele dizia. Yngve encerrou dizendo que ela sempre tinha sentido uma grande confiança em si mesma como fotógrafa, mas que essa confiança sempre tinha sido infundada, uma vez que ela não tinha uma câmera própria. Por isso o presente.

Depois foi a minha vez. Eu não tinha conseguido nem tocar na comida. Mesmo que eu tivesse conhecido praticamente todas as pessoas que estavam me olhando naquele momento durante toda a minha vida, e que nos olhares não houvesse nada além de boa vontade. Mesmo assim era preciso fazer o discurso. Eu nunca tinha dito para a minha mãe que ela significava qualquer coisa que fosse para mim. Eu nunca tinha dito que a amava, ou sequer que gostava dela. A simples ideia de verbalizar essas palavras me dava vontade de virar o rosto, tomado pelo desgosto e pela repugnância. Era evidente que eu não diria nada parecido. Mas ela estava completando sessenta anos, e eu, o filho dela, devia honrá-la com um breve discurso.

Me levantei. Todos olharam para mim, a maioria sorrindo. Precisei usar toda a minha concentração para que as mãos que seguravam a folha não tremessem.

— Mãe — comecei, me virando em direção a ela. Ela abriu um sorriso cheio de entusiasmo. — Eu gostaria de começar agradecendo — continuei. — Eu gostaria de agradecer por você ter sido uma mãe tão boa. O fato de que você foi uma mãe tão boa pertence às coisas que eu simplesmente sei. Mas é assim mesmo com as coisas que simplesmente sabemos, nem sempre é fácil colocá-las em palavras. Nesse caso em particular foi extremamente difícil, porque as qualidades que você tem nem sempre são fáceis de perceber.

Engoli em seco, olhei para o copo d'água que estava em cima da mesa, decidi não pegá-lo, tornei a erguer a cabeça e enfrentei os olhares à minha frente.

— Frank Capra tem um filme que trata justamente disso. *A felicidade não se compra*, de 1946. O filme conta a história de um bom homem num vilarejo americano, que no início do filme se encontra em uma profunda crise e está pensando em desistir de tudo. Nesse instante um anjo intervém e mostra como o mundo seria *sem* ele. Só assim o homem consegue ver a importância que *de fato* tem para as outras pessoas. Acho que você não

precisa da ajuda de nenhum anjo para entender o quanto é importante para nós, mas às vezes talvez *nós* precisemos dessa ajuda. Você sempre deixa espaço para que as pessoas ao seu redor sejam elas mesmas. Talvez pareça uma obriedade, mas não é, pelo contrário, essa é uma qualidade muito rara. É uma qualidade às vezes difícil de perceber. Ver as pessoas que se enaltecem é fácil. Ver as pessoas que impõem limites é fácil. Mas você nunca se enaltece, e nunca impõe limites aos outros: você aceita todos da maneira como são, e se relaciona com *isso*. Acredito que todos que estão aqui hoje já tiveram essa experiência.

Um murmúrio tomou conta da mesa.

— Quando eu tinha dezesseis ou dezessete anos, essa qualidade foi inestimável. Morávamos sozinhos em Tveit, e eu estava passando por um período difícil, mas o tempo inteiro eu sentia que você tinha confiança em mim, que você sentia orgulho de mim, e acima de tudo que você acreditava em mim. Você me deixou livre para que eu tivesse as minhas próprias vivências. Naquela época eu não entendia o que você estava fazendo, acho que eu não via nem a mim nem a você. Mas hoje eu vejo. E gostaria de agradecer a você.

Quando eu disse essa frase, olhei nos olhos da minha mãe, e a minha voz quebrou. Peguei o copo, tomei um gole d'água, tentei sorrir, mas não era fácil, havia uma certa empatia na atmosfera que reinava ao redor da mesa, eu percebia, e não era fácil lidar com aquilo. Eu tinha me disposto simplesmente a fazer um discurso, não a mergulhar nas profundezas do meu sentimentalismo.

— E hoje estamos aqui — continuei. — Hoje você completa sessenta anos. O fato de que você não está planejando a sua aposentadoria, mas que em vez disso acabou de se formar na universidade, diz muito a respeito da pessoa que você é: em primeiro lugar, você é uma pessoa cheia de vida e cheia de curiosidade intelectual — em segundo lugar, você nunca desiste. Isso vale não apenas para você, para a sua vida, mas também para a maneira como você se relaciona com os outros: as coisas podem levar

tempo. As coisas podem levar o tempo necessário. Quando eu tinha sete anos e entrei para a escola, eu não sabia apreciar essa qualidade. Você me levou para o primeiro dia de aula, eu lembro muito bem, você não sabia o caminho para a escola, mas achava que tudo daria certo. Acabamos em um bairro cheio de casas residenciais. Depois em outro. Eu fiquei no carro com o meu uniforme azul-claro e a mochila nas costas e o cabelo recém-penteado dando voltas em Tromøya enquanto os meus colegas estavam no pátio ouvindo os discursos. Quando finalmente chegamos à escola, tudo havia acabado. Existem várias outras anedotas similares que eu podia contar, foram literalmente dezenas e dezenas de quilômetros em que você dirigiu perdida, atravessando quilômetro atrás de quilômetro em meio a um cenário estranho, para no fim descobrir que você não estava na estrada para Oslo apenas quando se viu em uma estrada para tratores num recanto escuro e longínquo do vale. Essas anedotas são tantas que vou me dar por satisfeito com a última da sequência, quando você uma semana atrás, por ocasião do seu próprio aniversário de sessenta anos, convidou os colegas para tomar café, eles vieram, mas você esqueceu de comprar café e todos precisaram beber chá. Às vezes eu penso que essa distração toda é justamente o preço a ser pago para que você possa estar sempre tão presente nas conversas que temos, e nas conversas que você tem com as outras pessoas.

Mais uma vez cometi a idiotice de encontrar os olhos dela. Ela sorriu para mim, meus olhos ficaram úmidos, e então, essa não, ela se levantou e veio me dar um abraço.

Os outros convidados bateram palmas, eu tornei a me sentar, cheio de desprezo por mim, porque mesmo que a perda de controle sobre os meus sentimentos ajudasse, realçando o que eu estava dizendo, eu me envergonhava por ter mostrado tamanha fraqueza às pessoas que estavam lá.

Em um outro assento Kjellaug, a irmã mais velha da minha mãe, se levantou, começou a falar sobre o outono da vida e foi recebida com bem-

humoradas vaias, mas o discurso foi caloroso e interessante, e sessenta já não era mais quarenta.

Durante o discurso Linda entrou e sentou-se ao meu lado, colocou a mão no meu braço. Tudo certo?, ela perguntou num sussurro. Acenei a cabeça. A Vanja está dormindo?, perguntei num sussurro, e Linda acenou a cabeça e sorriu. Kjellaug tornou a se sentar e o próximo orador se levantou, e assim foi até que todos os convidados ao redor da mesa tivessem falado. Vidar e Ingrid foram as exceções, claro, porque não conheciam a minha mãe. Mas aproveitaram mesmo assim, pelo menos Vidar. O elemento rígido e limitante que às vezes se manifestava nele havia desaparecido, Vidar estava como um rei, alegre e sorridente, cheio de fogo nos olhos e nas faces, tinha uma palavra gentil para todos, parecia verdadeiramente interessado no que as pessoas diziam e tinha várias anedotas, histórias e raciocínios para contribuir. Já em relação a Ingrid era mais difícil dizer. Ela parecia entusiasmada, ria alto e espalhava superlativos ao redor de si, tudo estava absolutamente incrível e fantástico, mas não conseguia ir muito além disso, estava por assim dizer parada no mesmo lugar, não conseguia compreender ao certo o que era importante de verdade naquela noite, fosse porque não conseguia se sentir à vontade em meio a pessoas desconhecidas ou porque estivesse demasiado exaltada, ou simplesmente porque a distância entre aquilo e a vida que costumava levar era grande demais. Eu tinha percebido esse comportamento diversas vezes em pessoas mais velhas, elas não conseguem lidar muito bem com mudanças repentinas, não gostam de se mudar, no início tornam-se intolerantes e retrógradas, mas essa não era exatamente uma característica da personalidade de Ingrid, que mais se parecia com o oposto, e além do mais ela não era velha, pelo menos não segundo os padrões da nossa época. Quando voltamos no dia seguinte para os preparativos do batizado ela continuou assim, mas como tinha um pouco mais de espaço ao redor esse comportamento chamava menos atenção. Ingrid estava preocupada com a comida, ela havia tentado preparar tudo que fosse possível na noite

anterior, e quando o dia do batizado chegou ficou preocupada achando que a porta da casa podia estar trancada e que assim não conseguiria preparar tudo antes que os convidados chegassem, e que, sozinha na cozinha, não conseguiria encontrar os apetrechos necessários.

A pastora era uma mulher jovem, ficamos ao redor dela junto à pia batismal, Linda segurou Vanja quando a cabecinha dela foi aspergida com água. Ingrid saiu da igreja quando a cerimônia acabou, os outros continuaram sentados. Houve a celebração da eucaristia. Jon Olav e a família dele atravessaram a nave e se ajoelharam junto do altar. Por um ou outro motivo qualquer eu me levantei e os segui. Ajoelhado junto do altar, recebi a hóstia na minha língua, bebi o vinho do altar, fui abençoado, me levantei e voltei para o meu lugar, enquanto a minha mãe e Kjartan e Yngve e Geir me encaravam com uma expressão mais ou menos incrédula.

Por que eu tinha feito aquilo?

Por acaso eu tinha me convertido ao cristianismo?

Eu, que desde a mais tenra juventude tinha sido um anticristão ferrenho, e que no fundo era um materialista, tinha, no intervalo de um segundo, sem pensar no que eu fazia, me levantado, atravessado a nave e me ajoelhado perante o altar. Tinha sido um impulso. E quando enfrentei aqueles olhares eu não tinha como defender o que eu tinha feito, eu não podia me dizer *cristão*, então baixei os olhos, um pouco envergonhado.

Muita coisa tinha acontecido.

Quando meu pai morreu eu fui conversar com um pastor, foi como uma confissão, as palavras simplesmente transbordavam de mim, e o pastor estava lá para me ouvir e me consolar. O enterro, o ritual em si, era para mim quase uma entidade física à qual eu podia me agarrar. Aquilo transformou a vida do meu pai, tão miserável e tão destrutiva no final, outra vez em uma vida.

Quanto consolo não havia nisso?

E além do mais eu havia trabalhado com isso durante o último ano. Não que eu escrevesse a respeito, mas aos poucos comecei a entender que eu

queria me aproximar do sagrado. No romance o sagrado acabou sendo travestido e invocado, mas sem a seriedade dos hinários que havia nessas regiões, nesses textos que eu havia começado a ler, e a seriedade, a intensidade desvairada em tudo aquilo, que sempre se manifestava na presença do sagrado, onde eu nunca tinha estado nem desejado estar, porém mesmo assim pressentia, tinha me levado a pensar de outra maneira em Cristo, porque havia um corpo e havia sangue, havia nascimento e havia morte, e estávamos ligados a isso através do nosso corpo e do nosso sangue, do nosso nascimento e da nossa morte, de forma perene, constante, uma tempestade assolava o nosso mundo, sempre tinha sido assim, e o único lugar onde eu sabia que essas coisas ganhavam forma, essas coisas sublimes, mas ao mesmo tempo simples, era nos textos religiosos. E nos poetas e artistas que se movimentavam ao redor. Trakl, Hölderlin, Rilke. Ler o Velho Testamento, em especial o terceiro livro de Moisés, com a riqueza de detalhes sobre a prática do sacrifício, e o Novo Testamento, mais jovem e mais próximo de nós, era como revogar o tempo e a história, a única diferença era a nuvem de poeira, e então apontar para tudo o que sempre havia permanecido igual.

Eu tinha pensado muito a respeito desse assunto.

E havia também o detalhe trivial de que a pastora quase se recusou a batizar Vanja, porque não éramos casados, eu era divorciado, e quando ela começou a fazer mais perguntas sobre a nossa fé, eu não consegui dizer que era cristão, que eu acreditava que Jesus era o filho de Deus, um pensamento insano no qual eu jamais conseguiria acreditar, mas comecei a dar respostas genéricas, falando sobre a tradição, o enterro do meu pai, a vida e a morte, o ritual, e me senti falso depois, como se tivéssemos batizado a nossa filha sob falsos pretextos, e quando chegou a hora da eucaristia, tentei revogar tudo aquilo, segundo imagino, e o resultado foi que acabei parecendo ainda mais falso. Eu tinha não apenas batizado a minha filha sem ser cristão, mas também recebido a porra da eucaristia!

Mesmo assim, havia o sagrado.

A carne e o sangue.

Tudo o que se transforma e permanece o mesmo.

E por último, mas não menos importante, a visão de Jon Olav atravessando a igreja para se ajoelhar lá no alto. Ele era um homem completo, uma pessoa boa, e de um jeito ou de outro aquilo também me levou a atravessar a nave e me ajoelhar: eu queria muito ser completo. Eu queria muito ser bom.

Nos posicionamos nos degraus da igreja para as fotos, os pais, a criança recém-batizada, os padrinhos. O vestidinho de Vanja era o mesmo em que a bisavó tinha sido batizada em Jølster. Alguns dos irmãos da minha avó estavam lá, entre outros Alvdís e Anfinn, os favoritos de Linda, todos os irmãos da minha mãe, alguns dos filhos e dos netos deles, um dos irmãos do meu pai tinha vindo de longe também, sem contar os amigos de Linda que moravam em Estocolmo, Geir e Christina, e também Vidar e Ingrid, claro.

Quando estávamos nos degraus Ingrid chegou correndo pelo morro. O temor de que a casa estivesse trancada não fora infundado, porque a minha mãe, sempre muito distraída, tinha de fato chaveado a porta. Ingrid pegou a chave e correu de volta. Quando chegamos meia hora mais tarde ela estava desesperada porque não conseguia encontrar uma bandeja. Mas deu tudo certo, claro, o tempo estava ótimo, fizemos a festa no jardim, com uma vista para o lago onde as montanhas se espelhavam, e a comida foi elogiada por todos. Mas quando a comida foi servida e Vanja começou a passar de colo em colo sem precisar de nenhum cuidado direto, Ingrid não tinha mais nenhuma tarefa a desempenhar, e talvez isso tenha sido difícil, porque ela foi para o quarto e ficou lá até começarmos a sentir falta dela, por volta das cinco ou cinco e meia, quando os primeiros convidados já tinham ido embora. Linda entrou para buscá-la. Ingrid estava dormindo e foi praticamente impossível acordá-la. Sempre tinha sido assim, eu sabia,

Linda tinha me contado antes, ela tinha um sono incrivelmente profundo, e era quase impossível estabelecer contato durante os primeiros cinco ou dez minutos depois que ela acordava. A teoria de Linda é que aquilo devia ter alguma relação com comprimidos para dormir. Quando Ingrid saiu ela quase cambaleava pelo gramado, e as risadas pareciam fora de lugar, tanto porque eram altas demais em relação ao que estava acontecendo ao redor da mesa onde estava sentada como também porque não acompanhavam muito bem o momento que os outros julgavam adequado para rir. Fiquei nervoso ao vê-la naquele estado, para mim estava claro que tinha alguma coisa errada. Ela não parecia estar presente, mas ao mesmo tempo falava em voz alta num tom exaltado, com os olhos brilhantes e o rosto enrubescido. Eu e Linda discutimos o assunto depois que todos haviam se deitado. Eram os remédios para dormir, e além disso todo o estresse relacionado à festa, afinal de contas ela tinha preparado a comida e servido vinte e cinco convidados. E tudo aquilo era novo e estranho para ela.

Quando tornamos a encontrá-la foi em Gnesta, onde o nervosismo e a perturbação tinham desaparecido. E Vidar havia afundado mais uma vez na existência rotineira.

Naquele instante ele pôs as mãos na cintura a fim de contemplar o próprio trabalho. O barulho de um trem que se aproximava veio do outro lado da colina, desapareceu, ressurgiu poucos segundos depois no outro lado, mais alto e mais nítido, ao mesmo tempo em que Linda apareceu subindo a encosta.

— A comida está pronta! — ela gritou ao nos ver.

Cedo na manhã seguinte Vidar nos deu carona até a estação de trem. Quando chegamos o trem já estava saindo, então não tive tempo para comprar o bilhete. Ingrid, que estava com a gente para ajudar a cuidar de Vanja durante os três dias a seguir, tinha o cartão mensal, e Linda tinha um bilhete válido até Estocolmo. Me sentei junto à janela e peguei a pilha

de jornais, que eu ainda não tinha conseguido ler. Ingrid ficou com Vanja, Linda sentou-se e ficou olhando para fora da janela. O condutor só apareceu depois que havíamos trocado de trem em Södertälje. Ingrid mostrou o cartão, Linda entregou o bilhete e eu revirei meus bolsos à procura de dinheiro. Quando o condutor se virou em direção a mim, Ingrid disse:

— Ele pegou o trem em Haninge.

Como?

Ela estava mentindo por minha causa?

O que era aquilo?

Olhei para o condutor.

— Para Estocolmo — eu disse. — De Haninge. Quanto é?

Eu não podia dizer que tinha pegado o trem em Gnesta, como ficaria Ingrid nesse caso? Ao mesmo tempo eu sempre pagava tudo da maneira correta, era uma regra que eu tinha; se eu recebia troco a mais em uma loja, por exemplo, eu sempre avisava o caixa. Mentir num trem era a última coisa que eu gostaria de fazer.

O condutor me entregou o bilhete e o troco, eu agradeci e ele desapareceu em meio aos passageiros que viajavam até a capital para trabalhar.

Eu estava furioso, mas não disse nada, simplesmente continuei a ler. Quando chegamos a Stockholm Central e erguemos o carrinho até a plataforma, me dispus a levar a mala de Ingrid para o escritório, para que ela não precisasse carregá-la primeiro até nossa casa e depois de volta até o escritório, onde costumava ficar quando passava as tardes conosco. Ela ficou contente com a oferta. Me despedi no saguão e segui rumo ao trem expresso, até a praça onde ficava o prédio reforçado da Landsorganisationen, continuei pela Dalagatan a partir de lá, com uma mão na alça da mala que eu arrastava às minhas costas e a outra na bolsa com o PC, e abri a porta do escritório poucos minutos depois.

Aquele já era para mim um lugar repleto de memórias. A época em que eu tinha escrito *En tid for alt* se revelava por toda parte. Caramba, como eu tinha sido feliz!

Abri espaço para a mala de Ingrid no armário debaixo da pia, eu não queria ter aquilo no meu campo de visão enquanto trabalhasse, e depois fui ao banheiro mijar.

O que encontrei lá dentro, senão o xampu e o condicionador de Ingrid? E o que estava no fundo do saco de lixo, senão os cotonetes e o fio dental de Ingrid?

Que MERDA é essa?, eu disse em voz alta, pegando os dois frascos e jogando-os no lixo da cozinha, JÁ CHEGA, gritei, arranquei o saco da cesta de papel no banheiro, me inclinei para frente e puxei o pequeno tufo de cabelos que estava no ralo, era o cabelo dela, e puta que pariu, aquele era o meu escritório, o único lugar no mundo inteiro que eu tinha só para mim, onde eu podia estar sozinho, e até naquele lugar ela tinha que chegar com as coisas dela e alhos e bugalhos, até naquele lugar ela tinha que me invadir, pensei enquanto eu atirava o cabelo com toda a força no saco de lixo, enrolava-o e colocava-o no fundo, bem no fundo do cesto de lixo no armário sob o balcão da cozinha.

Que merda.

Em seguida liguei o PC e me sentei na escrivaninha. Esperei sem paciência pela inicialização. No chão estava o Cristo resignado com a coroa de espinhos. Na parede atrás do sofá estava o pôster com a cena noturna de Balke. Acima da escrivaninha as duas fotografias de Thomas. Na parede às minhas costas a baleia dissecada e o desenho quase fotográfico dos besouros, feitos durante a mesma expedição do século XVIII.

Eu não tinha como escrever naquele lugar. Ou melhor, eu não tinha como escrever nada novo.

Mas tampouco era o que eu pretendia fazer naquela semana. Na manhã de sábado eu daria uma palestra sobre a minha “obra” justamente em Bærum, e era em cima disso que eu pretendia trabalhar durante os três dias

seguintes. Era um compromisso sem nenhum sentido, mas eu tinha aceitado muito tempo atrás. O convite chegou no mesmo dia em que eu fiquei sabendo que o meu livro tinha sido indicado ao Nordisk Råds Litteraturpris, me escreveram dizendo que era uma tradição que os indicados noruegueses falassem sobre um livro ou sobre a própria obra, e como as minhas defesas estavam baixas naquele momento eu aceitei.

E lá estava eu.

Senhoras e senhores. Estou me lixando para vocês, estou me lixando para o livro que escrevi, estou me lixando se vou ou não vou ganhar o prêmio, a única coisa que eu quero é continuar escrevendo. Então o que estou fazendo aqui? Eu deixei que me lisonjeassem, tive um momento de fraqueza, eu tenho vários momentos assim, mas agora já chega de lisonjas e de momentos de fraqueza. Para marcar essa transição de maneira clara e inconfundível, eu trouxe comigo esses jornais. Pensei em colocá-los no chão em frente ao púlpito e cagar em cima deles. Passei os últimos dias me segurando para ser o mais enfático possível. Então vamos lá. Assim. Ah. Muito bem. Agora só preciso limpar um pouco o rabo e estou pronto. Eu gostaria de passar a palavra ao segundo indicado, Stein Mehren. Muito obrigado.

Apaguei tudo, fui até a cozinha e enchi a chaleira elétrica com água, usei uma colher para cutucar o vidro com café congelado, soltei uns pedaços e os derrubei na xícara, que no instante seguinte enchi com água fervente. Depois vesti roupas grossas e fui até o banco em frente ao hospital do outro lado da estrada, onde me sentei e fumei três cigarros bem depressa um atrás do outro enquanto eu olhava para as pessoas e os carros que passavam. O céu tinha uma coloração cinzenta e desolada, o ar estava frio e cortante, a neve na sarjeta escurecida pela fumaça.

Peguei o celular e comecei a escrever até que eu tivesse aprontado um verso que eu pudesse mandar para Geir.

*Geir, Geir, não seja demagogo
O seu pau morreu e está fora do jogo
Mas não há o que temer
você há de ter
uma filha que não nega fogo*

Depois entrei e me sentei outra vez em frente ao PC. A má vontade que eu sentia, somada ao fato de que faltavam cinco dias inteiros para eu me livrar daquilo, fazia com que fosse quase impossível sentir qualquer tipo de motivação. Para que serviria qualquer coisa que eu dissesse? Blá blá blá, *Ute av verden*, blá blá blá, *En tid for alt*, blá blá blá feliz e orgulhoso.

No bolso da minha jaqueta o celular apitou. Peguei-o e abri a mensagem de Geir.

De fato morreu hoje pela manhã num acidente de carro. Eu não sabia que a notícia tinha chegado ao grande público. Você pode ficar com as minhas revistas pornô, não preciso mais delas, estou duro como nunca estive antes. Aliás, esse é um ótimo epitáfio. Mas com certeza você consegue fazer melhor?

Consigo, escrevi de volta. *Que tal esse?*

*Aqui jaz Geir, nesse túmulo frio
Estava no Saab quando a roda caiu
Morreu com olhos baços e peito arfante*

*Porém não havia nenhum passante
E embora a morte tenha vindo no ato
Essa história não foi mais que um boato
Até o caixão sumir sob a terra das pás
Durante o enterro desse bom rapaz!*

Não era tão engraçado assim, mas pelo menos ajudava a passar o tempo. E talvez fizesse Geir dar uma risada no escritório da universidade. Depois que enviei a mensagem fui até o supermercado comprar comida. Comi, dormi uma hora no sofá. Terminei de ler o primeiro volume de *Os irmãos Karamázov*, continuei a ler o segundo, e quando terminei já estava escuro e o prédio tinha se enchido com os barulhos do início da noite. Me senti como eu tinha me sentido durante a adolescência, quando eu ficava deitado por longos períodos simplesmente lendo, com a cabeça fria, por assim dizer, como que mantida acima do sono, de um sono frio, em cujo brilho o cenário ao meu redor parecia hostil e implacável. Enxaguei as mãos com água quente, sequei-as bem, desliguei o PC e guardei-o na bolsa, enrolei o cachecol em volta do pescoço, coloquei a touca na cabeça, vesti a jaqueta e calcei os sapatos, tranquei a porta atrás de mim, pus as luvas e saí à rua. Ainda faltava mais de meia hora para o meu encontro com Geir no Pelikanen, então daria tempo.

A neve na calçada estava marrom-amarelada e tinha uma consistência granulada e fina, como sêmola, que a fazia deslizar para longe com o peso dos passos. Subi a Rådmannsgatan em direção à estação de metrô no ponto onde cruzava a Sveavägen. Eram seis e meia. As ruas ao meu redor estavam praticamente vazias, mas cheias da escuridão fugidia que existe apenas no brilho da luz elétrica, que naquele ponto saía de todas as janelas, de cada um dos postes de iluminação pública, e se derramava por cima da neve e do asfalto, das escadas e dos corrimãos, dos carros estacionados e das bicicletas acorrentadas, de fachadas, cornijas, placas, postes de iluminação.

Eu podia muito bem ser um outro, pensei enquanto eu caminhava, não havia nada em mim que naquele instante parecesse valioso o bastante a ponto de eu não poder trocar por outra coisa. Passei pela Drottninggatan, que mais ao longe pululava com homens pretos que mais pareciam besouros, desci os degraus que ladeavam o Observatorielunden, segui ao longo da rua onde ficava o restaurante japonês com a placa repulsiva que convidava os clientes a “se empanturrar” e desci as escadas até os trilhos subterrâneos. Talvez houvesse trinta ou quarenta pessoas nas duas plataformas, a maioria indo do trabalho para casa, a dizer pelas bolsas que tinham consigo. Me positionei de forma a manter a maior distância possível em relação a todos, coloquei a bolsa no chão entre as minhas pernas, apoiei um dos ombros contra a parede, peguei o celular e liguei para Yngve.

— Alô? — ele atendeu.

— Alô! É o Karl Ove — eu disse.

— Ah, é você — Yngve respondeu.

— Você me ligou?

— Liguei no sábado — ele disse.

— Eu queria ter ligado de volta, mas ficou meio complicado, fizemos um jantar lá em casa e acabei esquecendo.

— Tudo bem — Yngve disse. — Não era nada especial.

— A cozinha já chegou?

— Já. Chegou hoje, para dizer a verdade. Está aqui ao meu lado. E eu também comprei um carro novo.

— Não!

— Eu precisei. É um Citroën XM, não muito velho. Foi usado como carro fúnebre.

— Você está brincando comigo?

— Não.

— Você vai andar por aí em um carro fúnebre?

— O carro foi reformado. Não se preocupe que não tem mais nenhum lugar especial para os caixões. Parece um carro normal.

— Mesmo assim. Só de pensar que cadáveres andaram nesse carro... é a pior coisa que ouvi em muito tempo.

Yngve soltou ar por entre os lábios.

— Você é sensível demais — disse. — É um carro como qualquer outro. Foi o que eu pude comprar.

— Claro, claro — eu disse.

Fez-se uma pausa.

— E no mais? — perguntei.

— Nada de especial. E com você?

— Não, nada. Ontem fomos visitar a mãe de Linda no campo.

— Ah, sei.

— Pois é.

— E a Vanja? Já está andando?

— Já consegue dar uns passinhos. Mas para dizer a verdade é mais como se ela estivesse cambaleando do que andando.

Yngve riu do outro lado da linha.

— E o Torje e a Ylva?

— Vão bem — Yngve disse. — Aliás, o Torje mandou uma carta para você. Por causa de um trabalho da escola. Você a recebeu?

— Não.

— Ele não quis me dizer o que tinha escrito. Mas você logo vai descobrir.

— Pode deixar.

No interior do túnel surgiram as luzes de um trem. Uma leve brisa soprou na plataforma. As pessoas começaram a andar em direção à borda.

— O meu trem está chegando — eu disse. — Mas nos falamos em seguida.

O trem freou devagar na minha frente. Levantei a bolsa e dei alguns passos adiante para me aproximar da porta.

— Certo, nos falamos então — Yngve disse. — Tchau.

— Tchau.

As portas se abriram e as pessoas começaram a sair. Assim que afastei a mão da orelha, alguém esbarrou no meu cotovelo por trás e o telefone voou no meio da multidão em frente à porta sem que eu conseguisse ver para onde, já que eu tinha me virado instintivamente para a pessoa que tinha esbarrado em mim.

Onde tinha ido parar?

O celular não fez nenhum barulho. Talvez houvesse caído no pé de alguém? Me agachei e examinei a plataforma. O telefone não estava lá. Será que alguém o teria chutado para mais longe? Não, eu teria percebido, pensei enquanto eu me levantava e virava a cabeça em direção às pessoas que caminhavam em direção à saída. Com certeza o telefone não teria parado na bolsa de alguém? Tinha uma mulher andando com a bolsa aberta. Será que o celular podia ter caído dentro? Não, esse tipo de coisa não acontece.

Ou será que acontece?

Comecei a segui-la. Será que eu podia tocar no ombro dela e pedir que abrisse a bolsa, eu perdi um telefone, sabe, e acho que de repente ele pode ter ido parar na sua bolsa?

Não, não havia como fazer isso.

O sinal de que as portas estavam fechando soou no vagão. O trem seguinte demoraria pelo menos outros dez minutos para chegar e assim eu me atrasaria com certeza, e o celular era um modelo antigo, consegui pensar antes de entrar no trem por entre as portas, que já estavam fechadas até a metade. Confuso, me sentei no assento ao lado de um gótico de vinte anos enquanto a luz da estação varria o vagão e de repente dava vez à escuridão absoluta.

Quinze minutos mais tarde desci em Skanstull, saquei dinheiro no caixa eletrônico do lado de fora da estação, atravessei a rua e fui até o Pelikanen. Era um restaurante com cervejaria no estilo clássico, com bancos ao longo

das paredes, cadeiras e mesas bem perto umas das outras sobre o assoalho xadrez, lambris de madeira ao longo das paredes, pinturas acima dos painéis e no teto, pilares no meio do salão, também ornados com painéis de madeira na parte de baixo, de onde os bancos saíam, e um bar comprido e largo no fundo. Os garçons eram quase todos velhos e usavam roupas pretas e aventais brancos. Não havia música lá dentro, mas o nível de ruído era alto mesmo assim, um murmúrio de vozes e gargalhadas e um tilintar de talheres e copos que pairava acima das mesas como uma densa camada de nuvens, quase imperceptível depois que você passava um tempo lá dentro, mas um tanto chamativo e às vezes também incômodo quando você abria a porta e entrava vindo da rua, porque era muito barulho. Em meio à clientela ainda havia um ou outro bêbado que dava a impressão de beber naquele lugar desde os anos 1960, um ou outro velho que aparecia todos os dias para jantar, mas estavam todos moribundos, os clientes que dominavam por lá, assim como em outros lugares em Söder, eram homens e mulheres da classe média cultural. Não eram nem jovens demais, nem velhos demais, nem bonitos demais, nem feios demais, e nunca bebiam além da conta. Eram jornalistas culturais, bolsistas da universidade, estudantes de ciências humanas, empregados das editoras, gente que trabalhava nos bastidores do rádio ou da televisão e um ou outro ator ou escritor, mas raramente se viam aqueles que estavam mais em evidência.

Parei depois de andar poucos metros no lado de dentro e deixei meu olhar correr enquanto eu soltava o cachecol e desabotoava a jaqueta. A luz se refletia nos óculos, cintilava nas carecas, brilhava nos dentes. À frente de todos havia um caneco de cerveja, que tinha ao fundo a superfície da mesa, quase ocre. Mas não vi Geir.

Fui até uma das mesas com toalha e me sentei com as costas apoiadas na parede. Cinco segundos depois uma das garçonetes apareceu e me alcançou o cardápio grosso, encadernado em imitação de couro.

— Estou esperando mais alguém, então não vou pedir a comida por enquanto — eu disse. — Mas enquanto isso você pode me trazer uma Staropramen?

— Claro — disse a garçonete, uma senhora na casa dos sessenta de rosto largo e carnudo e cabelos volumosos e ruivos. — Clara ou escura?

— Clara, por favor.

Ah, o tempo estava ótimo naquele dia. O estilo típico e clássico da cervejaria levou meus pensamentos a uma época mais clássica, sem que no entanto parecesse um museu, não havia nada de forçado naquela atmosfera, era um lugar onde as pessoas iam para beber e para conversar, como vinham fazendo desde a década de 1930. Uma das melhores coisas a respeito de Estocolmo era que havia muitas épocas ainda em uso sem que precisassem de anúncios no jornal. O Palácio Van der Nootska do século XVII, por exemplo, onde segundo diziam Bellman havia tomado o primeiro porre da vida, quando o lugar já tinha mais de um século, era onde eu às vezes almoçava — a primeira vez foi no dia seguinte ao assassinato da ministra de Relações Exteriores Anna Lindh, aliás, e a cidade parecia estranhamente contida e alerta —, depois havia o restaurante do século XVIII Den Gyldene Freden, em Gamla Stan, lugares do século XIX como o Tennstopet e o Berns Salonger, onde ficava a sala descrita por Strindberg em *Röda Rommet*, para não falar do belo Jugendbaren Gondolen, que permanecia inalterado desde a década de 1920 no alto do elevador Katharina com vista para toda a cidade, um lugar onde você se sentia a bordo de um zepelim, ou talvez no salão de um barco a vapor que fizesse a travessia do Atlântico.

A garçonete voltou com uma bandeja cheia de canecos de cerveja na mão, largou um deles com um sorriso em cima da rodela atirada à minha frente no segundo anterior e continuou em direção às outras várias mesas ruidosas, onde talvez a cada duas cervejas fosse recebida com um ou outro comentário jocoso.

Levei o caneco à boca, senti a espuma tocar os meus lábios, senti o líquido frio e levemente amargo encher a minha boca, que estava tão despreparada para aquele sabor que senti um arrepio, e descer pela minha garganta.

Ah.

Quando pensamos no futuro e imaginamos um mundo onde a vida urbana se espalhou por toda parte e o homem pôde completar a tão desejada simbiose com as máquinas, nunca levamos em conta as coisas mais simples, como por exemplo a cerveja, tão dourada e saborosa e robusta, feita com a cevada do campo e o lúpulo do prado, ou o pão ou a beterraba, que têm um sabor adocicado, mas escuro e telúrico, enfim, todas as coisas que sempre comemos e bebemos em uma mesa feita de madeira perto de uma janela por onde entra a luz do sol. O que faziam as pessoas nos palácios do século XVII, com a criadagem de libré, sapatos de salto alto e perucas empoadas que cobriam cabeças repletas de pensamentos da época, senão beber cerveja e vinho, comer pão e carne e mijar e cagar? A mesma coisa com os séculos XVIII, XIX e XX. As ideias relativas ao homem mudaram constantemente, as ideias relativas ao mundo e à natureza também, todos os tipos de ideias e crenças estranhas surgiram e desapareceram, coisas úteis e inúteis foram inventadas, o conhecimento foi penetrando cada vez mais fundo nos mistérios, as máquinas se multiplicaram, a velocidade aumentou e cada vez mais os costumes antigos foram abandonados, mas a cerveja ninguém pensou em abandonar nem em transformar. Malte, lúpulo, água. O campo, o prado, o riacho. E assim era em relação a tudo, no fundo. Estávamos afundados em costumes arcaicos, não havia nada de essencial a respeito de nós, de nossos corpos ou de nossas necessidades que houvesse se modificando desde que o primeiro ser humano viu a luz do dia em um lugar ou outro da África quarenta mil anos atrás ou por quanto tempo o *Homo sapiens* tivesse existido. Mas tentávamos nos convencer de que não era assim, e a influência desse pensamento era tão forte que não apenas acreditávamos

nisso, mas também nos orientávamos em função dessa certeza quando sentávamos para encher a cara em cafés e clubes escuros e dançávamos as nossas danças, possivelmente ainda mais desengonçadas do que aquelas dançadas vinte e cinco mil anos atrás ao lume de uma fogueira em um lugar ou outro da costa do Mediterrâneo.

Como a ideia de que éramos modernos pôde surgir quando as pessoas ao nosso redor sofriam com doenças para as quais não havia cura? Quem era moderno com um tumor maligno no cérebro? Como podíamos nos sentir modernos quando sabíamos que logo todos estariam apodrecendo sob a terra em algum lugar do planeta?

Levei o caneco à boca mais uma vez e tomei goles longos e profundos.

Como eu gostava de beber! Eu não precisava mais do que um caneco de cerveja para começar a pensar que seria daquela vez. Simplesmente ficar lá bebendo sem parar. Mas seria mesmo uma boa ideia?

Não, não seria.

Durante os poucos minutos que eu tinha passado lá dentro houve um fluxo constante de pessoas entrando pela porta. Quase todos faziam como eu tinha feito, paravam alguns metros adiante depois de entrar e analisavam a clientela enquanto tiravam as roupas de inverno.

No fundo da última leva eu reconheci um rosto. Era Thomas!

Acenei e ele se aproximou.

— Oi, Thomas — eu disse.

— Oi, Karl Ove — ele disse, estendendo a mão. — Faz tempo que não nos vemos.

— É mesmo. Tudo bem com você?

— Tudo bem. E com você?

— Tudo certo.

— Estou aqui com um pessoal que está sentado no canto. Pode vir sentar com a gente se você quiser!

— Obrigado, mas estou esperando o Geir.

— Ah! Claro, acho que ele tinha me dito. Eu falei com o Geir ontem. Mas então depois eu venho conversar um pouco, se você não se importar.

— Claro que não — eu disse. — Até mais.

Thomas era um dos amigos de Geir, e indisputavelmente o amigo dele que eu mais gostava. Estava no início dos cinquenta, tinha uma semelhança notável com Lênin, tudo desde a barba e o início da careca até os olhos mongóis era idêntico, e trabalhava como fotógrafo. Tinha publicado três livros, o primeiro com fotos dos soldados do Kystjegerkommandoen, o segundo com fotos de boxeadores — foi nesse ambiente que ele e Geir tinham se conhecido — e o último com uma série de fotos de bichos, objetos, paisagens e pessoas sobre as quais pairava uma escuridão profunda e onde o vazio ao redor era o que mais chamava a atenção. Thomas era amistoso e pouco exigente em contextos sociais, mas dava a impressão de não ter nada a perder quando falava, talvez porque inspirasse pouca relevância com a própria presença, mesmo que parecesse bastante seguro de si mesmo, ou talvez justamente por esse motivo. Ele queria o bem dos outros, era a impressão que dava. No trabalho, contudo, era rígido e exigente ao extremo, estava sempre em busca da perfeição, as fotografias dele eram muito mais orientadas à estilização do que à improvisação. As que eu mais gostava eram as fotografias intermediárias; a estilização improvisada, o congelamento do acaso. Eram brilhantes. Certas fotografias de boxe me faziam pensar nas esculturas gregas, tanto no equilíbrio dos corpos como no fato de que tinham sido flagrados em atividades longe da arena, outras continham uma escuridão profunda, e naturalmente violência. Eu tinha comprado duas fotos dele naquele inverno, seriam o presente de quarenta anos de Yngve, me sentei no laboratório de Thomas e folhee a série que compunha o último livro, hesitei por um bom tempo, mas por fim escolhi duas. Quando as dei para Yngve tive a impressão de que ele não ficou totalmente satisfeito, então eu disse que ele podia escolher duas ele mesmo e fiquei com as duas primeiras fotografias, que naquele instante estavam penduradas no meu

escritório. Eram brilhantes, mas também repletas de trevas, então compreendi por que Yngve não quis colocá-las na sala, mesmo que eu tenha ficado um pouco chateado. E na verdade não foi tão pouco assim. Quando fui buscar as fotos que Yngve finalmente tinha escolhido e bati na porta do porão em Gamla Stan onde ficava o laboratório de Thomas, fornido com paredes maciças do século XVI, foi o colega dele, foi um homenzinho desalinhado e meio desleixado na casa dos sessenta anos que abriu a porta. Thomas não estava, mas eu podia entrar e esperar se quisesse. Aquele era Anders Petersen, o fotógrafo com quem Thomas dividia o laboratório, que para mim era mais conhecido como o criador da foto na capa do *Rain Dogs* de Tom Waits, mas que tinha feito o próprio nome na década de 1970 com *Café Lehmitz*. As fotografias dele eram cruas, íntimas, caóticas e tão próximas da vida real quanto era possível chegar. Anders sentou-se no sofá que ficava na sala acima dos laboratórios, perguntou se eu aceitava um café, eu agradei e ele voltou ao trabalho, que consistia em folhear uma pilha de cópias de contato enquanto cantarolava. Eu não queria atrapalhar nem parecer intrometido, então me postei em frente a um quadro cheio de fotografias e fiquei olhando por um tempo, não sem perceber a aura dele, que possivelmente teria se dissolvido se houvesse mais pessoas na sala, mas éramos só nós dois, e eu pressentia cada movimento dele. Anders emanava ingenuidade, mas não o tipo que vem da inexperiência, pelo contrário, ele apresentava todas as marcas de alguém que tinha passado por muita coisa, era mais como se todas as experiências simplesmente estivessem lá, sem ocasionar nenhum tipo de consequência, como se por assim dizer permanecesse intocado. Com certeza não podia ser assim, mas esse foi o sentimento que tive ao encontrar os olhos dele e depois vê-lo sentado enquanto trabalhava. Thomas chegou poucos minutos depois e pareceu feliz ao me ver, como sempre parecia ao ver outras pessoas. Ele buscou café, nos sentamos em um sofá ao lado da escada, ele pegou as fotografias, analisou-as com todo cuidado uma última vez, guardou-as cada uma em uma capa de plástico,

que mais uma vez guardou num envelope, enquanto eu deixava o envelope com o pagamento na frente dele, de maneira tão discreta que não tive nem ao menos certeza de que ele tinha percebido, havia uma coisa nas transações pessoais pagas em dinheiro que me deixava constrangido, o equilíbrio natural era de certa forma perturbado, ou até mesmo destruído, sem que eu soubesse direito o que se passava com aquilo. Guardei as fotografias na bolsa, conversamos um pouco sobre amenidades; além de Geir, tínhamos uma outra conhecida em comum, Marie, a mulher com quem Thomas morava, e também poeta, ela tinha dado aulas para Linda em Biskops-Arnö muitos anos atrás, e depois passou a ser uma espécie de mentora para Cora, a amiga de Linda. Marie era uma boa poeta, tinha um estilo meio clássico; beleza e verdade não eram grandezas incompatíveis nos poemas dela, e o sentido não era somente algo que tinha a ver com a própria linguagem. Ela tinha traduzido umas peças de Jon Fosse para o sueco e estava trabalhando entre outras coisas com os poemas de Steinar Opstad. Eu a tinha encontrado apenas duas ou três vezes, mas ela tinha me parecido uma pessoa muito rica, havia muitas nuances naquela personalidade, e também era possível entrever uma grande profundidade da alma, sem que a neurose, companheira fiel da sensibilidade, parecesse estar presente, ao menos não de maneira incômoda. Mas quando Marie estava na minha frente não era em nada disso que eu pensava, porque no olho direito dela a pupila tinha por assim dizer se dissolvido e escorrido, estava em um lugar entre a íris e a esclera, e aquilo era tão perturbador que chegava a influenciar a primeira impressão da personalidade dela como um todo.

Thomas disse que eles nos convidariam para jantar uma noite qualquer, eu disse que tinha sido um prazer vê-lo mais uma vez, me levantei e peguei a bolsa, ele também se levantou e apertou a minha mão, e como ele parecia não ter visto o envelope com o dinheiro eu disse, deixei o seu pagamento ali, ele acenou a cabeça e me agradeceu, como se eu o tivesse

obrigado a fazer um agradecimento, e então subi os degraus levemente envergonhado e saí para as ruas invernais de Gamla Stan.

Já fazia quase dois meses. Mas não levei a mal que nenhum convite tivesse surgido; uma das primeiras coisas que tinham me dito a respeito de Thomas era que esquecia tudo que era possível o tempo inteiro. Eu também fazia a mesma coisa, então não o culpei.

Quando ele sentou em uma das mesas no fundo do Pelikanen, foi como um homem magro e bem-vestido com uma máscara de Lênin. Peguei o pacote amarelo de tabaco Tiedemanns da minha bolsa e enrolei um cigarro, por um ou outro motivo as pontas dos meus dedos estavam tão suadas que os fios de tabaco grudavam na minha pele o tempo inteiro, tomei mais uns goles de cerveja, acendi o cigarro e vi o vulto de Geir passar em frente à janela pelo lado de fora.

Ele me viu no mesmo instante em que atravessou a porta, mas olhou ao redor enquanto avançava em direção à mesa, como se estivesse em busca de outras possibilidades. Não muito diferente de uma raposa, alguém poderia pensar, incapaz de entrar num lugar onde não haja múltiplas possibilidades de saída.

— Por que você não atende a merda do seu telefone? — ele perguntou enquanto estendia a mão para mim sem nem ao menos olhar direito para a minha cara. Eu me levantei e apertei a mão dele, me sentei outra vez.

— Achei que a gente tinha combinado às sete — eu disse. — Já é mais de sete e meia agora.

— E o que você acha que eu teria dito no telefone? Que era para você tomar cuidado com o vão entre o trem e a plataforma ao descer?

Geir tirou o cachecol e a touca e colocou tudo no banco ao meu lado, pendurou a jaqueta na cadeira e sentou-se.

— Eu perdi o meu telefone na estação — eu disse.

— Perdeu? — ele perguntou.

— É, alguém bateu no meu braço e o telefone voou pelos ares. Acho que caiu dentro de uma bolsa, porque eu não ouvi nenhum barulho. E

naquele exato instante tinha uma mulher passando com a bolsa aberta.

— Você é inacreditável — Geir disse. — E garanto que você não a abordou e não perguntou se podia pegar o celular de volta?

— Não! Em primeiro lugar o trem estava chegando naquele exato instante, e em segundo lugar eu não tinha certeza do que tinha acontecido. Não posso sair por aí pedindo às mulheres que me deixem olhar dentro da bolsa delas.

— Você já pediu a comida? — ele perguntou.

Balancei a cabeça. Geir pegou o cardápio nas mãos e olhou ao redor em busca da garçonete.

— É aquela que está ao lado da pilastra — eu disse. — O que você vai pedir?

— O que você acha?

— Porco com molho de cebola, talvez?

— Talvez.

Sempre parecia haver uma grande distância em Geir quando eu o encontrava, era como se ele não conseguisse assimilar o fato de que eu estava junto, mas tentasse manter-me afastado. Ele não olhava nos meus olhos e não dava continuidade aos meus assuntos, mas por assim dizer os sequestrava, desviando a minha atenção para outra coisa, de vez em quando parecia sarcástico e sempre emanava arrogância com todo o ser. Às vezes isso me desanimava, e quando me desanimava eu não dizia nada, o que também acabava virando assunto. “Meu Deus, como você está sério hoje”, “Você pretende ficar aí sentado olhando para o nada a tarde inteira?”, “Você está realmente animado, Karl Ove”. Era uma espécie de duelo preliminar que se desenrolava no âmago dele, porque passado um tempo, às vezes meia hora, às vezes cinco minutos, Geir se transformava, deixava as defesas de lado e por assim dizer se permitia entrar na situação, lúcido, atencioso e presente, e a gargalhada, até então dura e fria, tornava-se calorosa e sincera, em uma transformação que também se operava na voz e no olhar. Quando falávamos por telefone não havia defesas, nessas

horas começávamos a falar de igual para igual no instante em que a ligação era atendida. Geir sabia mais a meu respeito do que qualquer outra pessoa, de maneira que eu, provavelmente, embora não com certeza, também devia saber mais a respeito dele do que qualquer outra pessoa.

A diferença entre nós, que tinha diminuído com o passar dos anos, mas jamais seria apagada, porque não se encontrava nas opiniões nem nas atitudes, mas nos traços de caráter mais fundamentais, nas profundezas de tudo aquilo que permanece para sempre imutável, manifestou-se de maneira inconfundível num presente que Geir me deu quando terminei de escrever *En tid for alt*. Era uma faca do modelo usado pelos fuzileiros navais dos EUA, que não podia ser usada para muita coisa senão para matar outras pessoas. E ele não fez aquilo de brincadeira, simplesmente era o objeto mais elegante que podia imaginar. Fiquei alegre com o presente, mas a faca, tão assustadora com o aço reluzente, o fio cortante e os sulcos fundos para que o sangue escorresse, ficou guardada na caixa atrás de uns livros na estante do escritório. Pode ser que Geir tenha percebido o quanto aquele objeto era estranho para mim, porque quando *En tid for alt* foi publicado uns meses depois eu ganhei um outro presente, uma edição fac-similar da *Encyclopedia Britannica* do século XVIII — profundamente fascinante devido à ausência de verbetes para objetos e fenômenos que ainda não existiam no mundo — que fazia bem mais o meu estilo.

De repente Geir pegou uma pasta de plástico com umas folhas dentro e a alcançou para mim.

— São apenas três páginas — disse. — Você pode ler e me dizer se está melhor?

Acenei a cabeça, tirei as folhas de dentro da pasta, apaguei o cigarro e comecei a ler. Era a abertura do ensaio que eu gostaria de ter encontrado quando li o manuscrito dele. O ensaio partia do conceito de situação-limite proposto por Karl Jaspers. O lugar onde a vida é vivida na intensidade máxima, a antítese do cotidiano, em outras palavras, a proximidade da morte.

— Está bom — eu disse quando terminei de ler.

— Tem certeza?

— Claro.

— Ótimo — ele respondeu, e então guardou as folhas de volta na pasta e a colocou na bolsa que estava na cadeira ao lado. — Depois você pode ler mais um pouco.

— É o que espero — eu disse.

Geir puxou a cadeira para mais perto, apoiou os cotovelos em cima da mesa e enlaçou os dedos. Acendi mais um cigarro.

— A propósito, o seu jornalista me ligou hoje — ele disse.

— Quem? — eu perguntei. — Ah, o sujeito do *Aftenposten*?

Como faria um retrato, o jornalista tinha pedido para falar com dois ou três amigos meus. Eu tinha dado o número de Tore, que era um canhão descontrolado em assuntos como esse, capaz de dizer qualquer coisa a meu respeito, e o número de Geir, que sabia melhor qual era a minha situação naquele exato momento.

— O que você disse? — perguntei.

— Nada.

— Nada? Por que não?

— O que eu devia ter dito? Se eu tivesse dito a verdade a respeito de você, ou ele não teria entendido, ou teria distorcido tudo. Falei o menos possível.

— Mas o que você pretendia?

— Eu sei lá! Foi você que deu o meu número para ele...

— Para você falar sobre mim. Qualquer coisa, foi o que eu disse, para mim não importa o que sair.

Geir me encarou.

— Você não está falando sério — ele disse. — Mas teve uma coisa que eu disse. Talvez a mais importante, na verdade.

— E o que foi?

— Que você tem princípios morais elevados. Sabe o que o idiota me respondeu? “Todo mundo tem.” Você consegue imaginar? É justamente o que todo mundo *não* tem! Não existe praticamente *ninguém* com princípios morais elevados, ou que sequer saiba o que é isso.

— Pode ser que ele simplesmente tenha uma ideia de moral diferente da sua.

— Pode ser, mas você sabe que ele só estava atrás de fofocas. De anedotas sobre uma vez que você tenha ficado bêbado e coisas do tipo.

— Claro, claro — eu disse. — Vamos descobrir amanhã. Também não vai ser nenhum *desastre*. Afinal de contas, é o *Aftenposten*.

Geir balançou a cabeça do outro lado da mesa. O olhar dele procurou a garçonete, que veio no mesmo instante.

— Vou querer o porco com molho de cebola — disse. — E uma Staropramen clara.

— E eu vou querer as almôndegas — eu disse, erguendo de leve o caneco. — E mais uma cerveja.

— Pois não, senhores — disse a garçonete, enfiando o bloqueto no bolso do peito e indo em direção à cozinha, que se deixava entrever por entre as portas em constante movimento.

— *O que* você quer dizer com princípios morais elevados, afinal? — perguntei.

— Ora. Você é uma pessoa profundamente ética, que tem uma estrutura fundamental irreduzível na base do ser. Você reage fisicamente a tudo o que é inadequado, a vergonha que de repente toma conta de você não é abstrata ou conceitual, mas puramente física, e você não tem como evitá-la. Você não é nenhum jogador. Tampouco um moralista. Você sabe que eu adoro o vitorianismo, esse sistema com um palco onde tudo é visível e um bastidor onde tudo permanece oculto. Não acho que uma vida assim seja mais feliz, mas é mais vida. Você é protestante até os ossos. E o protestantismo é a vida interior, é estar sozinho consigo mesmo. Você não poderia levar uma vida dupla nem se quisesse, simplesmente não está ao

seu alcance. Para você existe uma relação de um para um entre a vida e a moral. Por isso você é inatacável do ponto de vista ético. A maioria das pessoas são como Peer Gynt, elas trapaceiam um pouco ao longo do percurso, não é mesmo? Mas você não. Tudo que você faz, você faz com total seriedade e total consciência. Alguma vez você já pulou uma linha dos manuscritos que analisa, por exemplo? Já aconteceu de você não os ler da primeira à última página?

— Não.

— Não, e isso quer dizer uma coisa. Você não sabe trapacear. Você *não consegue*. Você é um arquiprotestante. E como eu disse antes, você é um guarda-livros da felicidade. Se você alcança um sucesso que teria levado outras pessoas a oferecer a própria vida em troca, você simplesmente o risca da sua lista. Você não se alegra. E quando está sozinho, como está quase o tempo inteiro, você é muito mais controlado do que eu. E você sabe como eu lido com todos os meus sistemas. Você tem zonas cegas onde perde o controle, mas quando você não as visita, o que você praticamente não faz mais, você adota uma moral completamente implacável. Você está muito mais exposto a tentações do que eu e outras pessoas que você não conhece. Se você fosse eu, teria levado uma vida dupla. Mas não foi o que você fez. Você está condenado a viver uma vida simples. Ha ha ha! Você não é nenhum Peer Gynt, e acho que esse é o cerne do seu ser. O seu ideal é o inocente, a inocência. Mas o que é ser inocente? Já eu estou no extremo oposto. Baudelaire escreve sobre essas coisas, sobre Virginia, lembra, o retrato da inocência pura que se defronta com uma caricatura, e ela escuta uma risada grosseira e entende que alguma coisa vergonhosa aconteceu, mas não sabe o quê. Ela não sabe! Ela fecha as asas ao redor do corpo. E assim voltamos àquela pintura de Caravaggio, sabe, *Os trapaceiros*, o sujeito que é enganado pelos outros. Esse é você. E também é o retrato da inocência. E nessa inocência, que no seu caso também se encontra no passado, na garota de treze anos sobre a qual você escreveu em *Ute av verden* e naquela nostalgia patológica que

— você sente pelos anos 1970... Linda também tem um pouco disso. Como foi que ela foi descrita, como um misto de Madame Bovary e Kaspar Hauser?

— É.

— Kaspar Hauser, essa foi a tábula rasa. Tudo bem que eu nunca encontrei Tonje, a sua ex-mulher, mas eu vi fotografias dela, e mesmo que não seja parecida com Linda, tem alguma coisa inocente a respeito dela, da aparência dela. Não que eu acredite necessariamente que Tonje seja inocente, mas é a impressão que passa. A inocência é uma característica sua. Para mim a pureza e a inocência não têm interesse nenhum. Mas é uma coisa que se percebe a respeito de você. Você é uma pessoa profundamente moral e inocente. O que é ser inocente? É permanecer intocado pelo mundo, é tudo aquilo que não foi destruído, é como um lago onde ninguém jamais atirou uma pedra. Não que você não tenha vontades, não sinta desejos, porque você sente, mas você mesmo assim preserva essa inocência. O enorme anseio pela beleza que você sente também está relacionado. Não é por acaso que você resolveu escrever justamente a respeito de anjos. Os anjos são a essência da pureza. Não existe nada mais puro.

— Mas não no meu livro. Como você sabe o meu livro trata dos aspectos físicos e corpóreos dos anjos.

— Não, mesmo assim eles são o próprio símbolo da pureza. E da queda. Mas você os humanizou, deixou que caíssem, não em pecado, mas no mundo humano.

— No plano abstrato eu acho que você tem um pouco de razão. A garota de treze anos era a inocência, mas o que aconteceu? Essa inocência foi corporificada.

— É outra forma de dizer a mesma coisa!

— É, é mesmo. E ela acabou sendo fodida. E os anjos viraram pessoas. Existe uma certa coerência. Mas tudo acontece de forma inconsciente. Nas profundezas. E visto por esse ângulo você não está certo. Pode ser que

eu busque essas coisas, mas não sei nada a respeito delas. Eu não sabia que eu tinha escrito um livro sobre a vergonha, fui descobrir quando li o texto da quarta capa. E a primeira vez que pensei na relação entre a garota de treze anos e a inocência foi muito depois.

— Mas a relação existe mesmo assim. De maneira explícita e indubitável.

— É verdade. Mas oculta a mim. E agora me ocorreu uma coisa que você esqueceu. A inocência está relacionada à estupidez. Na verdade você está falando sobre a estupidez, não? Sobre a ignorância?

— Não mesmo — disse Geir. — A inocência e a pureza tornaram-se *símbolos* da estupidez, mas isso aconteceu no nosso tempo. Vivemos em uma cultura onde quem tem mais experiência vence. É completamente doentio. Todo mundo sabe o caminho que o modernismo está tomando, você cria uma forma ao destruir uma forma, numa regressão infinita que não para nunca, e enquanto for assim a experiência vai levar vantagem. A característica única do nosso tempo, a atitude pura ou independente, consiste em se afastar, em não aceitar. Aceitar é fácil demais. Não há nada que precise ser conquistado. É nesse lugar onde a meu ver você se encontra. Um lugar quase santo.

Eu sorri. A garçonete chegou com as nossas cervejas.

— Tim-tim — eu disse.

— Tim-tim — disse Geir.

Tomei um gole demorado, limpei a espuma dos meus lábios com as costas da mão e larguei o caneco na rodela à minha frente. Me ocorreu que aquela cor dourada e clara parecia animadora. Olhei para Geir.

— Quase santo? — indaguei.

— É. Os santos católicos são muito próximos da sua maneira de pensar e de agir.

— Você não acha que está indo meio longe demais?

— Não, de maneira nenhuma. Para mim o que você faz é uma mutilação pura e simples.

— Mutilação do quê?

— Da vida, das possibilidades, da oportunidade de viver e de criar. De criar vida, não literatura. Para mim você vive num estado assustador de ascese. Ou melhor, você se regala na ascese. Da maneira como eu vejo, é um comportamento totalmente incomum. Totalmente fora dos padrões. Acho que nunca conheci outra pessoa, nem ouvi falar de outra pessoa que... enfim, nesse caso temos que voltar aos santos ou aos fundadores da Igreja, como eu disse antes.

— Pode parar.

— Foi você quem pediu. Para você não existe outro dispositivo conceptual. Não é uma característica externa, não é nenhuma moral, não é nenhuma moral social, não está em nada disso. É a religião. Sem nenhum deus, claro. Você é a única pessoa que eu conheço capaz de fazer a comunhão sem acreditar em Deus, sem parecer blasfemo. A única pessoa.

— Você por acaso conhece mais alguém que tenha feito a mesma coisa?

— Conheço, mas não com aquela pureza! Eu mesmo fiz, na minha confirmação. Fiz pelo dinheiro. Depois me afastei da igreja. Para que usei o dinheiro? Para comprar uma faca, claro. Mas não é sobre isso que estamos falando. Sobre o que estamos falando mesmo?

— Sobre mim.

— Ah, claro. Você tem uma certa semelhança com Beckett, no fundo. Não na maneira como você escreve, mas na santidade. É como Cioran escreveu: “Comparado a Beckett eu sou uma puta”. Ha ha ha! Eu acho que ele está coberto de razão. Ha ha ha! E Cioran ainda é visto como um dos mais incorruptíveis. Quando olho para a sua vida eu penso que ela foi totalmente jogada no lixo. Penso assim a respeito de todo mundo, mas a sua vida foi ainda mais desperdiçada porque havia mais o que jogar no lixo. A sua moral não diz respeito à declaração do imposto de renda, como aquele imbecil pensou, mas à existência. Simplesmente à existência. E é essa discrepância gigantesca entre nós dois que faz com que possamos nos

falar todos os dias. O conceito de *sympatio*. Eu consigo ter uma relação simpática com o seu destino. Porque é um destino, não tem nada que você possa fazer a respeito. Eu só posso observar. Não se pode fazer nada com você. Não há nada a fazer. E eu tenho pena de você. A única coisa que me resta a fazer é assistir a tudo como se fosse uma tragédia que se desenrola perto de mim. E uma tragédia, como você sabe, é quando as coisas vão mal para um grande homem. É o oposto da comédia, quando as coisas vão bem para um homem mau.

— Por que tragédia?

— Porque não existe nenhuma alegria. Porque na sua vida não existe nenhuma alegria. Você tem recursos e talentos que param por aí, que viram arte, mas nada mais. Você é como Midas. Tudo o que ele toca se transforma em ouro, mas isso não traz alegria nenhuma para ele. Tudo brilha e reluz aonde quer que ele vá. Os outros passam a vida procurando, e quando encontram uma pepita, vendem-na para ter acesso à vida, à opulência, à música, à dança, ao prazer, ao luxo, ou pelo menos a uma boceta, sabe, se atirar em cima de uma mulher para esquecer a existência por uma ou duas horas. O que você deseja é a inocência, mas essa conta não fecha. Não se pode conciliar o desejo e a inocência. O sublime deixa de ser sublime quando você enfia o pau nele. Você está na situação de Midas, pode ter o que bem entender, quantas pessoas você acha que estão nessa posição? Praticamente ninguém. Quantas pessoas a recusam? Menos ainda. Só existe uma que a recusou, até onde eu sei. Se isso não é uma tragédia, não sei de mais nada. Você acha que o jornalista poderia usar esse material?

— Não.

— Não.

— Ele tem uma balança de jornalista onde pesa todo mundo. Os jornalistas jogam todo mundo no mesmo saco, essa é a base de todo o sistema. Mas assim ele não consegue se aproximar, não consegue se aproximar de você e da pessoa que você é. Podemos esquecer.

— O que você está dizendo vale para todo mundo, Geir.

— Hm, talvez sim, talvez não. Você tem uma autoimagem distorcida e um desejo de ser como todos os outros também nesse assunto.

— Pode ser. O que eu tenho a dizer é que a imagem que você pinta de mim é uma imagem que só você podia pintar. O Yngve ou a minha mãe ou qualquer outro familiar ou amigo meu não teria a menor ideia do que você está falando.

— Mas isso não faz com que deixe de ser verdade, certo?

— Não, não necessariamente, mas estou pensando naquilo que ele disse aquela vez sobre você, que você faz todas as pessoas ao seu redor parecerem grandiosas porque você quer ter uma vida grandiosa.

— Mas ela é grandiosa. A vida de todo mundo tem a grandeza que cada um lhe confere. Eu sou o herói da minha própria vida, não? Pessoas conhecidas, pessoas famosas, pessoas que todo mundo sabe quem são, essas pessoas não acabaram conhecidas e famosas por conta própria, por si mesmas, tem sempre alguém que as tornou famosas, alguém que escreveu a respeito delas, que as filmou, que falou a respeito delas, que as analisou, que as admirou. Assim elas se tornam grandiosas para as outras pessoas. Mas tudo não passa de uma encenação. Será que por isso a minha encenação tem que ser menos verdadeira? Não, pelo contrário, porque as pessoas que eu conheço estão no mesmo lugar que eu, eu posso tocá-las, olhar nos olhos delas quando nos falamos, estamos juntos no aqui e no agora, e não fazemos isso com nenhum dos nomes que ouvimos o tempo inteiro ao nosso redor. Eu sou o homem do subsolo, e você é Ícaro.

A garçonete apareceu com a nossa comida. No prato que serviu à frente de Geir havia um pedaço de porco que se erguia como uma ilha num mar de molho de cebola. No meu prato as almôndegas se empilhavam em um monte escuro junto ao verdejante cozido de ervilhas e à geleia de *lingon*, tudo acompanhado por um grosso molho marrom-claro à base de nata. As batatas foram servidas em uma tigela à parte na mesa.

— Obrigado — agradei à garçonete. — Você pode me trazer mais uma?

— Mais uma Staro — ela disse olhando para Geir. Ele ajeitou o guardanapo no colo e balançou a cabeça.

— Eu vou dar um tempo, obrigado.

Bebi o último gole do caneco e servi três batatas no prato.

— Não foi nenhum elogio, se você entendeu assim — disse Geir.

— Como? — eu perguntei.

— A imagem do santo. Nenhuma pessoa moderna quer ser santa. O que é a vida de um santo? Sofrimento, sacrifício e morte. Quem diabos quer ter uma vida interior boa quando não se tem uma vida exterior? As pessoas só pensam no que a introspecção pode oferecer a elas em termos de vida exterior e progresso. Mas qual é a visão das pessoas modernas quanto a rezar? Só existe um tipo de oração para as pessoas modernas, a oração que faz um desejo. Não se reza a menos que se tenha um pedido a fazer.

— Eu quero ter um monte de coisas.

— Claro, claro. Mas isso não traz nenhuma felicidade para você. A coisa mais provocadora que se pode fazer é não lutar por uma vida feliz. E, mais uma vez, isso não é nenhum elogio. Pelo contrário. Eu quero saber da vida. É a única coisa que importa.

— Falar com você é como fazer terapia com o diabo — eu disse, largando a tigela com as batatas na frente dele.

— Com a diferença que o diabo sempre perde no final — Geir disse.

— Não sei — respondi. — Ainda não chegamos ao fim.

— Você tem razão. Mas nada indica que ele possa ganhar. Pelo menos eu não vejo como.

— Mesmo que Deus não esteja mais entre nós?

— A questão é justamente esse “entre nós”. Porque antes ele não estava aqui, mas acima de nós. Agora nós o internalizamos. Nós o conquistamos.

Comemos por um tempo em silêncio.

— Mas e então? — disse Geir. — Como foi o seu dia?

— Não aconteceu praticamente nada — eu disse. — Tentei escrever para a minha palestra, aquela, sabe, mas saiu apenas um monte de asneiras, então me deitei e li até a hora de sair para encontrar você.

— Podia ser pior.

— É verdade. Comecei a notar que estou muito puto da cara com essa história toda. Mas você nunca vai entender.

— O que é “essa história toda”? — perguntou Geir enquanto largava o caneco de meio litro em cima da mesa.

— No caso em questão é o que eu sinto quando tento escrever sobre os meus dois livros. Eu sou *obrigado* a dar a impressão de que são relevantes, senão não há como falar a respeito deles, mas isso acaba sendo uma espécie de autobajulação, sabe, é asqueroso, porque vou ter que aparecer na frente de todo mundo e bajular os meus próprios livros, e as pessoas que vão me ouvir estão interessadas *de verdade*. Por quê? E depois vão me cumprimentar e dizer que os livros são incríveis, e que a minha palestra foi muito interessante, e eu vou evitar o olhar delas, não vou querer vê-las, eu quero fugir desse inferno, porque isso é uma prisão, você entende? O diabo que me carregue, mas elogios são a pior coisa a que uma pessoa pode ser sujeita. Georg Johannesen falou a respeito da competência do elogio, mas essa distinção me parece desnecessária, ela parte do pressuposto de que *existe* um elogio com valor, mas na verdade não existe. E de quanto mais alto vier, pior. Primeiro eu fico constrangido, porque não tenho nenhuma proteção, e depois fico puto da cara. Quando as pessoas começam a me tratar dessa forma. Enfim, você sabe. Ou não, puta que pariu, você não sabe nada a respeito disso! Você está no nível mais baixo da hierarquia! Mas você *quer* subir, não? Ha ha ha!

— Ha ha ha!

— Mas o que eu disse a respeito dos elogios não é totalmente verdadeiro — continuei. — Quando você diz que uma coisa é boa, isso tem um significado. Quando o Geir diz isso, tem um significado. E também a Linda, claro, e o Tore e o Espen e o Thure Erik. Todas as pessoas próximas

de mim. Eu estava falando de tudo o que fica do lado de fora. Onde não tenho nenhum controle. Eu não sei o que pode ser... mas o sucesso é traiçoeiro. Eu percebo que fico bravo só de falar a respeito.

— Tem duas coisas que você disse que chamaram a minha atenção e que eu penso muito a respeito — disse Geir enquanto me olhava com a faca e o garfo suspensos acima do prato. — A primeira foi quando você me falou sobre o suicídio de Harry Martinson. Que ele tinha cortado a própria barriga depois que ganhou o prêmio Nobel. Você disse que compreendia exatamente por quê.

— Mas é óbvio — eu disse. — Receber o Nobel de literatura é a maior humilhação que existe para um escritor. E o prêmio dele veio acompanhado de questionamentos sistemáticos. Ele era sueco, fazia parte da Academia, ficou claro que foi uma espécie de favor de amigo, que na verdade ele não merecia. E se de fato não merecia, aquilo não era nada além de uma humilhação. Cacete, você tem que ser muito forte para aguentar uma humilhação desse tipo. E para Martinson, que já tinha vários complexos de inferioridade, deve ter sido insuportável. Se é que esse foi o motivo. Qual foi a outra coisa?

— Hm?

— Você disse que tinha duas coisas que chamaram a sua atenção. Qual foi a outra?

— Ah. Foi um comentário sobre Jastrau em *Hærværk*. Você lembra?

Balancei a cabeça.

— Você é o melhor lugar que existe para guardar um segredo — Geir disse. — Você esquece tudo. O seu cérebro é como um queijo suíço, menos o queijo. Você disse que *Hærværk* era o livro mais assustador que você já tinha lido. Disse que a não era uma queda. Que Jastrau simplesmente largava tudo o que tinha e ficava à deriva, renunciava a tudo o que tinha, para beber, e que no livro essa parecia uma alternativa possível. E ainda por cima uma boa alternativa. Simplesmente largar tudo o que você tem e ficar à deriva. Como se você estivesse no cais.

— Agora eu lembrei. Ele escreve muito bem sobre como é estar bêbado. Sobre como pode ser incrível. E assim você fica com a impressão de que não é perigoso. Eu nunca tinha pensado numa queda passiva, quase desprovida de vontade. Na época eu vi aquilo como um tratamento dramático e revolucionário. E foi um choque pensar naquilo como uma coisa trivial, arbitrária e quem sabe até maravilhosa. Porque na verdade é maravilhoso. A ressaca no dia seguinte, por exemplo. As ideias que ocorrem a você...

— Ha ha ha!

— Você nunca conseguiu largar tudo — eu disse. — Ou conseguiu?

— Não. Você conseguiu?

— Não.

— Ha ha ha! Mas quase todo mundo que eu conheço conseguiu. O Stefan por exemplo bebe o tempo inteiro na fazenda. Bebe, assa porcos inteiros e dirige um trator. Quando eu passava o verão em casa, o Odd Gunnar bebia uísque num copo de leite. A desculpa para enchê-lo até a borda era que eu tinha ido visitar. Mas eu não bebia, como você sabe. Com o Tony é a mesma coisa. Mas ele é drogado, é um pouco diferente.

De uma das mesas ao lado levantou-se uma mulher que até então tinha estado atrás de mim, e assim que ela começou a andar em direção à porta do banheiro eu percebi que era Gilda. Nos poucos segundos que estive ao alcance do olhar dela, inclinei a cabeça para frente e olhei para a superfície da mesa. Não que eu tivesse qualquer coisa contra Gilda, eu simplesmente não estava com vontade de conversar com ela naquele instante. Por muito tempo ela tinha sido uma das melhores amigas de Linda, as duas tinham chegado a morar juntas por um tempo, e no começo do nosso relacionamento passamos um tempo juntos. Teve uma época em que ela tinha bastante envolvimento com a editora Vertigo, eu nunca consegui entender direito o que ela fazia, mas a fotografia dela aparecia numa das sobrecapas, um livro do Marquês de Sade, e além disso ela trabalhava na livraria Hedengrens em certos dias da semana, e não

muito tempo atrás tinha começado uma firma junto com uma amiga, que também tinha alguma relação com literatura. Gilda era imprevisível e volúvel, mas não de maneira doentia, era mais um excesso de vida que tornava impossível saber o que ela ia dizer ou fazer. Uma faceta de Linda combinava perfeitamente com ela. A maneira como as duas se conheceram foi bastante típica. Linda a tinha cumprimentado na cidade, as duas nunca tinham se visto antes, mas Linda achou que Gilda parecia interessante, abordou-a e as duas acabaram fazendo amizade. Gilda tinha quadris largos, busto volumoso, cabelos escuros e feições latinas, pela aparência lembrava acima de tudo o padrão feminino dos anos 1950, e tinha sido cortejada por uns quantos autores famosos de Estocolmo, porém mesmo com essa aparência às vezes deixava entrever um jeito de garotinha, a descortesia, o aborrecimento e o ímpeto. Cora, que era um pouco mais frágil, tinha dito uma vez que sentia medo dela. Gilda namorava Kettil, um estudante de literatura que mal tinha começado uma bolsa de doutorado; depois de ter um projeto sobre Herman Bang recusado, Kettil decidiu fazer o que o pessoal da universidade queria, aquilo que não poderiam negar, ou seja, literatura relacionada ao Holocausto, e assim foi aprovado, claro. A última vez que nos vimos tinha sido em uma festa na casa deles, Kettil tinha acabado de voltar de um seminário na Dinamarca, e me contou que lá tinha conhecido um norueguês que estudava em Bergen, quem, eu perguntei, Jordal, disse ele, não é Preben, por acaso?, eu perguntei mais uma vez, é, respondeu ele, o nome era esse mesmo, Preben Jordal. Eu contei que éramos amigos, que tínhamos trabalhado juntos na redação da *Vagant* e que eu o tinha em alta conta, Preben era espirituoso e brilhante, mas Kettil não respondeu nada, e pela maneira como não disse nada, pelo constrangimento discreto que tomou conta dele, pela vontade súbita de encher o copo e assim criar uma distância que tornasse a interrupção da nossa conversa menos perceptível, entendi que Preben talvez não tivesse falado a meu respeito com a mesma admiração. No instante seguinte me ocorreu que Preben tinha escrito resenhas arrasadoras a respeito do meu

último livro, e ainda por cima duas vezes, primeiro na *Vagant*, depois no *Morgenbladet*, e que esse devia ter sido o assunto da conversa na Dinamarca. Kettil acabou constrangido porque o meu nome não era tido em boa conta. Tudo não passava de uma teoria, mas eu tinha uma certeza razoável de que não era totalmente descabida. Que eu não tivesse me lembrado antes das resenhas arrasadoras talvez fosse um pouco mais estranho, mas não mais do que aquilo que segundo eu imaginava estaria por trás de tudo: Preben era uma das minhas lembranças de Bergen, era àquele mundo que ele pertencia, enquanto as resenhas destruidoras pertenciam ao período em Estocolmo, ao aqui e agora, e se relacionavam ao livro, não à vida que o rodeava. Ah, tinha sido doloroso, como ser apunhalado no coração, ou talvez apunhalado nas costas fosse uma expressão mais adequada, já que eu conhecia Preben. Não deitei a culpa nele, mas no fato de que o livro não era infalível, de que não tinha defesas contra aquele tipo de crítica, em outras palavras, de que não era bom o suficiente, e ao mesmo tempo tive medo de que aquele fosse o juízo predominante a respeito do livro, de que fossem aquelas as palavras a serem lembradas.

Mas não seria por isso que eu evitei falar com Gilda? Ou seria? Para mim, acontecimentos como esse permaneciam como sombras que pairavam acima de todos os envolvidos. Não, a verdade era que eu não queria ouvi-la falar sobre a firma. Elas trabalhavam com as editoras e as livrarias, até onde eu tinha entendido. Talvez promoção de eventos? Festas e eventos...? Independente do que fosse, eu não queria saber.

— A propósito, a última noite na casa de vocês estava muito boa — Geir comentou.

— Foi a última vez que a gente se viu?

— Como assim?

— Já faz cinco semanas. É estranho você puxar o assunto justo agora.

— Ah, entendi. Eu estava falando sobre isso com a Christina ainda ontem, talvez por isso. Estamos pensando em retribuir o convite em

seguida.

— Boa ideia — eu disse. — Aliás, você viu que o Thomas está aqui? Está sentado lá no fundo.

— É mesmo? Você falou com ele?

— Bem rápido. Ele disse que mais tarde ia vir para cá.

— O Thomas está lendo o seu livro, ele comentou?

Balancei a cabeça.

— Ele gostou muito do ensaio sobre os anjos, disse que devia ser muito mais longo. Mas é a cara dele não dizer nada para você. Deve ter esquecido que foi você quem escreveu o livro. Ha ha ha! Ele é muito esquecido.

— Ele só está perdido nas próprias ideias — eu disse. — Eu sei bem como é. E eu ainda estou com trinta e cinco anos. Você se lembra de quando eu estava com o Thure Erik? A gente passou o dia e a noite bebendo aqui. De vez em quando ele falava sobre a vida dele. Falou sobre a criação dele, sobre o pai e a mãe e as irmãs, sobre a família, e em primeiro lugar o Thure Erik é um excelente contador de histórias, e em segundo lugar tinha duas ou três coisas realmente excepcionais a dizer. Mas por mais que eu ouvisse com toda a minha atenção, por mais que eu pensasse que tudo aquilo era incrível, no dia seguinte eu tinha esquecido tudo. Sobrou apenas a moldura. A lembrança de que ele falou sobre a infância, o pai e a família. E que tinha sido excepcional. Mas *no que* consistia essa excepcionalidade eu não lembrava, como estou dizendo. Nada! Branco total!

— Você estava bêbado.

— Isso não tem nada a ver. Lembro que a Tonje sempre falava sobre uma coisa horrível que tinha acontecido na vida dela, muito tempo atrás, não parava de voltar ao assunto, mas também não queria me dizer o que era, a gente ainda não se conhecia bem o suficiente e aquele era o grande segredo na vida dela. Você entende? Dois anos se passaram antes que ela me contasse. E não teve nenhum álcool envolvido quando aconteceu. Eu

estava presente de corpo e alma, ouvi atentamente tudo o que ela tinha a dizer, e depois tivemos uma longa conversa a respeito. Mas depois tudo desapareceu como num passe de mágica. Meses depois tudo havia desaparecido. Eu não me lembrava de nada. E assim fiquei numa posição extremamente difícil, porque era um assunto muito doloroso para ela, era um ponto muito sensível, era quase como se ela pudesse me abandonar caso eu dissesse que infelizmente tinha esquecido. Então eu tinha que fingir que sabia do que ela estava falando toda vez que o assunto surgia. É assim com tudo o que você pode imaginar. Uma vez por exemplo eu sugeri ao Fredrik da Damm que ele editasse um volume de contos noruegueses, e no e-mail seguinte ele mencionou o assunto, mas não fez menção explícita à minha ideia, então eu não tinha a menor ideia do que ele estava falando. Eu tinha esquecido totalmente. Outros autores já me contaram sobre o que escrevem tomados de furor e entusiasmo, e eu reagi, fiquei lá sentado conversando com um furor idêntico por talvez meia hora ou uma hora. Poucos dias depois, tudo desapareceu. Eu *ainda* não sei sobre o que a minha mãe escreveu o trabalho de conclusão dela. Chega um ponto em que não é mais possível perguntar sem ofender profundamente as pessoas, sabe, então eu simplesmente finjo. Fico acenando a cabeça e sorrindo e me perguntando que diabos pode ser aquilo. É assim em todos os aspectos da minha vida. E você talvez ache que é porque eu não me importo, ou porque não estou presente o bastante, mas não é nada disso, eu me importo, eu estou presente. Mesmo assim, vapt, as coisas desaparecem. O Yngve, por outro lado, se lembra de tudo. Tudo! A Linda se lembra de tudo. E você se lembra de tudo. Mas para complicar tudo ainda mais, existem coisas que nunca foram ditas ou que nunca aconteceram que eu tenho certeza que já se desenrolaram diante dos meus olhos. Mais uma vez o Thure Erik: lembra de quando eu encontrei o Henrik Hovland em Biskops-Arnö?

— Claro que lembro.

— Eu descobri que ele morava em uma fazenda perto da fazenda do Thure Erik. Ele conhecia bem a família, e falou um pouco sobre o pai do Thure Erik. Eu disse que o pai do Thure Erik tinha morrido. É mesmo?, perguntou o Henrik Hovland, ele não tinha recebido a notícia. Mas também já não tinha mais um contato muito próximo com o pessoal da região, pelo que disse. Mesmo assim ele ficou bastante surpreso. Não duvidou por um instante de que fosse verdade. Por que eu diria que o pai do Thure Erik tinha morrido se ele não tivesse? Só que ele não tinha. Na vez seguinte em que encontrei o Thure Erik ele falou sobre o pai no presente, cheio de convicção e sem nenhuma tristeza. O pai estava absolutamente vivo. O que tinha me levado a acreditar que tivesse morrido? A ponto de eu dar a notícia como se fosse um fato? Eu realmente não sei. Não faço a menor ideia. Mas isso fez com que eu me sentisse angustiado cada vez que eu encontrava o Thure Erik depois desse episódio, porque o que aconteceria se tivesse encontrado o Hovland, e o Hovland tivesse prestado condolências, e o Thure Erik tivesse feito uma cara de interrogação, do que você está falando?, do seu pai, claro, ele morreu tão de repente, o meu pai, de onde foi que você tirou essa história? Foi o Knausgård que me disse. O seu pai está vivo? É isso que você está dizendo? Mas o Knausgård disse que...? Nenhum ser humano na terra acreditaria que eu disse aquilo sem querer, que na verdade eu acreditava no que estava dizendo, pois como eu podia acreditar numa coisa daquelas, ninguém tinha me dito nada parecido, eu não tinha nenhum outro conhecido que tivesse perdido o pai na mesma época, não existia nenhuma chance de confusão. Era uma fantasia, mas eu achei que era verdade. Esse tipo de coisa aconteceu diversas vezes, não porque eu seja um mitômano, eu realmente acredito no que estou dizendo. Deus sabe quantas coisas eu imagino serem fatos, quando na verdade não passam de besteiras!

— Então é bom para você que eu seja monomaníaco e passe o tempo inteiro falando sobre a mesma coisa. Assim posso martelar o que estou

dizendo e você não se engana.

— Tem certeza? O seu pai, faz tempo desde a última vez que você falou com ele?

— Ha ha.

— É uma incapacidade total minha. É como enxergar mal. Aquele vulto ao longe, é uma pessoa? Ou uma árvore pequena? Ops, acabei de bater em alguma coisa. Uma mesa! Ah, é um restaurante! Depois o jeito é seguir ao longo da parede até o bar. Opa! Uma coisa macia? Uma pessoa? Me desculpe! Você *me conhece*? Ah, Knut Arild! Putz! Eu não te reconheci... e o mais terrível a respeito disso é pensar que todo mundo tem defeitos desse tipo. Falhas íntimas, particulares e secretas que as pessoas tentam esconder com todas as forças. Que o mundo está cheio de aleijados mentais que não param de se bater uns contra os outros. É, por trás de todos os rostos bonitos e também dos nem tão bonitos assim, mas pelo menos normais e não assustadores, com os quais estabelecemos relações. Não estou falando de perturbações anímicas nem espirituais ou psíquicas, mas cognitivas, quase fisionômicas. Defeitos nos pensamentos, na consciência, na memória, na capacidade de apreensão, na compreensão.

— Mas é *assim mesmo*. Ha ha ha! É *assim* que as coisas são! Olhe ao redor, cara! Acorde! Quantos defeitos de compreensão você acha que poderia contar só aqui dentro? Por que você acha que temos formas preestabelecidas para tudo o que fazemos? Formas de conversação, formas de tratamento, formas de palestras, formas para comer, formas para beber, formas para caminhar, formas para sentar e até formas para fazer sexo? *You name it*. Por que você acha que a normalidade é tão desejável se não justamente por esse motivo? É o único lugar onde podemos ter a certeza de um encontro. Mas nem assim conseguimos nos encontrar. O Arne Næss uma vez falou sobre como, quando sabia que ia encontrar uma pessoa comum e normal, se esforçava o quanto podia a fim de parecer comum e normal, enquanto a pessoa normal em questão provavelmente se esforçava

ao máximo para estabelecer contato com ele. E no entanto, de acordo com o Næss, os dois nunca realizariam esse encontro, porque nada poderia servir como ponto comum entre o abismo que os separava. Em termos formais haveria um encontro, mas na verdade não.

— Mas não foi o Arne Næss que também disse que poderia saltar de paraquedas em qualquer lugar do globo com a certeza de que encontraria hospitalidade? De que sempre ofereceriam uma refeição e uma cama onde ele pudesse dormir?

— Foi ele mesmo. Eu escrevi a respeito disso na minha tese.

— Deve ter sido onde li. O mundo é pequeno.

— Pelo menos o nosso — Geir disse com um sorriso. — Mas ele estava totalmente certo. Essa também é a minha experiência. Existe uma certa humanidade mínima comum que você encontra aonde quer que vá. Em Bagdá foi exatamente assim.

Gilda voltou, ela usava sapatos de salto e um vestido florido de verão.

— Oi, Karl Ove — ela me cumprimentou. — Como você está?

— Oi, Gilda — respondi. — Estou bem. E você?

— Tudo bem. Tenho trabalhado muito, claro. E como vão as coisas em casa? Com Linda e a filhota? Faz um horror de tempo desde a última vez que nos falamos. Ela está bem? Está se acertando?

— Está. Claro. Ela está bastante envolvida com o curso agora. Sou eu que levo a Vanja a passear de carrinho durante o dia.

— E o que você está achando?

Dei de ombros.

— Normal.

— Eu mesma tenho pensado a respeito disso, sabe? Sobre como deve ser ter um filho. Eu particularmente acho as crianças um pouco nojentas. E essa história de barriga enorme e leite no peito me deixa nervosa, para dizer a verdade. Mas a Linda está gostando?

— Ah, com certeza.

— É o que eu tinha imaginado. Mande um abraço para ela. E diga que vou ligar em seguida. Não esqueça!

— Pode deixar. Mande lembranças para o Kettil!

Gilda levantou a mão para dar um leve aceno e voltou para o lugar.

— Ela acabou de tirar a carteira de motorista — eu disse. — Já contei para você? Na primeira vez que saiu para dirigir sozinha um caminhão estava indo na frente, e um pouco adiante as duas pistas se estreitavam e viravam uma só, mas ela achou que dava para ultrapassar, então acelerou e foi em frente, mas descobriu que *não dava*. O carro foi prensado contra a mureta, virou de lado e foi arrastado por várias centenas de metros. Mas ela saiu sem nenhum arranhão.

— Essa não morre tão cedo — disse Geir.

A garçonete apareceu mais uma vez e limpou a nossa mesa. Pedimos mais duas cervejas. Ficamos um tempo sem dizer nada. Acendi um cigarro e juntei as cinzas macias em um montinho no cinzeiro reluzente usando a ponta.

— Já aviso que hoje eu que vou pagar — eu disse.

— Tudo bem — Geir respondeu.

Se eu não dissesse primeiro que ia pagar, Geir teria dito a mesma coisa, e depois não haveria nada que pudesse fazê-lo mudar de ideia. Uma vez em que tínhamos saído juntos os quatro, Geir e Christina e eu e Linda, para ir a um restaurante tailandês no fim da Birger Jarlsgatan, ele disse que ia pagar e eu protestei, dizendo que pelo menos tínhamos que dividir a conta, não, disse Geir, eu vou pagar e pronto. Quando a conta chegou ele pegou o cartão de crédito e eu peguei metade do valor em dinheiro e deixei na mesa em frente a ele. Geir não esboçou nenhum sinal de que fosse pegar o dinheiro, na verdade tive a impressão de que ele nem ao menos tinha visto. O café foi servido, nós bebemos e, quando nos levantamos para ir embora, dez minutos mais tarde, ele ainda não tinha encostado no dinheiro. Vamos, pegue o dinheiro, eu disse, vamos dividir. É sério. Não, eu vou pagar, ele repetiu. Esse dinheiro é seu. Pegue você.

Nesse momento percebi que não havia mais nada a fazer senão pegar o dinheiro e guardá-lo no bolso. Eu tinha certeza que se não fizesse isso o dinheiro acabaria ficando em cima da mesa. Geir abriu o mais repulsivo sorriso dele no estilo “eu já sabia”. Naquele instante eu me arrependi por não ter simplesmente deixado. Nenhum sacrifício era grande demais quando se tratava de não passar vergonha na frente de Geir. Mas no rosto de Christina, que era incrivelmente sensível e revelava cada pensamento dela, a impressão era de vergonha. Ou pelo menos de que tinha achado a situação constrangedora. Confrontar Geir diretamente era uma coisa que eu nunca tinha feito. Talvez fosse para o meu próprio bem, pois havia nele um elemento que eu não poderia vencer. Se fizéssemos por exemplo um desafio para ver quem aguentava encarar o outro por mais tempo, como as crianças fazem, ele me encararia por uma semana inteira, se fosse necessário. Eu também me sentia capaz de fazer o mesmo, porém mais cedo ou mais tarde eu pensaria que aquilo não era necessário, e assim desviaria o olhar. Mas esse era um pensamento que nunca ocorreria a Geir.

— Mas e então? — eu disse. — Como foi o *seu* dia, afinal?

— Escrevi sobre a situação-limite. Concretamente, na Estocolmo do século XVIII. Sobre a proximidade da morte, sobre a baixa expectativa de vida das pessoas e o que elas faziam com a vida que viviam, em comparação à nossa vida hoje. Depois a Cecilia apareceu no escritório querendo conversar. Fomos almoçar juntos. Ela saiu ontem com o namorado e um amigo dele. Passou a noite inteira flertando com o amigo, pelo que disse, e o namorado estava furioso quando os dois voltaram para casa.

— Há quanto tempo os dois estão juntos?

— Seis anos.

— E ela está pensando em terminar com ele?

— Não, de jeito nenhum. Pelo contrário, quer ter filhos com ele.

— Então por que o flerte? — perguntei.

Geir me encarou.

— Ela está querendo as duas coisas, é óbvio.

— E o que você disse para ela? Imagino que ela tenha ido em busca de conselhos.

— Eu disse que ela tem que negar. Simplesmente negar tudo. Dizer que não tinha flertado, apenas sido amigável. E dizer não, não, não. E também disse para ela não ser tão burra da próxima vez, mas esperar que a oportunidade surja, e então ir com calma. Não a repreendi por ter feito o que fez, mas por ter agido sem nenhuma consideração. Ela o magoou. Foi totalmente desnecessário.

— Ela deve ter esperado que você ia dizer alguma coisa do tipo. Senão não teria procurado você.

— Também acho. Se ela tivesse procurado você, teria sido em busca de um conselho para confessar tudo, se ajoelhar e implorar por perdão e se comportar direito em relação ao homem, como ele merece.

— É, ou isso ou terminar.

— O pior de tudo é que você realmente pensa assim.

— Evidente que eu penso assim — respondi. — O ano depois que eu traí a Tonje, sem nunca dizer nada, foi o pior ano da minha vida. Foi um ano negro. Uma noite sem fim. Eu pensava o tempo inteiro no que tinha acontecido. Tinha um sobressalto cada vez que o telefone tocava. E se a palavra traição era dita na TV eu enrubescia da cabeça aos pés. Eu queimava. Quando a gente alugava um filme, eu evitava cuidadosamente todos os que tratassem do assunto, porque sabia que mais cedo ou mais tarde ela ia perceber que eu me retorcia como um verme toda vez que esse tema aparecia na tela. E essa traição destruiu todo o resto da minha vida também, eu não conseguia dizer mais nada de maneira sincera, tudo era mentira e fingimento. Foi um pesadelo.

— Você teria dito se acontecesse hoje?

— Teria.

— E quanto ao que aconteceu em Gotland?

- Aquilo não foi traição.
- Mas ainda atormenta você?
- Atormenta, sim.
- Mas a Cecilia não traiu o namorado. Por que ela devia contar a ele sobre o que *pensou* em fazer?
- Não é por aí. Estou falando sobre a intenção. Quando a intenção existe, é preciso viver com as consequências.
- E quanto à sua intenção em Gotland?
- Eu estava bêbado. Eu não teria feito nada parecido se estivesse sóbrio.
- Mas teria pensado?
- Talvez. Mas a distância é enorme.
- O Tony é católico, como você sabe. O padre disse uma vez para ele, e chamou a minha atenção quando fiquei sabendo, que pecar é se colocar numa posição onde o pecado se torna possível. Encher a cara, quando você sabe o que está pensando e conhece o impulso que existe dentro de você, é se colocar nessa posição.
- Verdade. Mas eu estava me sentindo totalmente seguro antes de começar a beber.
- Ha ha ha!
- Estou falando sério.
- Karl Ove. O que você fez não foi nada. Apenas uma bagatela. Todo mundo entende o que aconteceu. Todo mundo. Mas o que foi que você fez, afinal? Bateu em uma porta?
- Bati. Por meia hora. Durante a madrugada.
- Mas não conseguiu entrar?
- Não, não. Ela abriu a porta, me deu um copo d'água e fechou a porta outra vez.
- Ha ha ha! E por conta disso você estava pálido e tremendo quando te encontrei. Quem visse acharia que você tinha matado alguém.
- Era como eu estava me sentindo.

— Mas na verdade não foi nada mesmo?

— Pode ser que não. Mas eu não consigo me perdoar pelo que aconteceu. E assim vai ser até o dia em que eu morrer. Eu tenho uma longa lista de coisas que fiz quando não fui bom o suficiente. Porque é disso que se trata. Caralho, você não deve trapacear. E as pessoas deviam saber que esse é um ideal ao qual devem se apegar. Para certas pessoas é assim. Eu conheço algumas pessoas, não muitas, mas algumas, que sempre fazem a coisa certa. Que são sempre pessoas legais, pessoas boas. Não estou falando de quem nunca faz nada errado porque nunca faz nada, porque a vida que vivem é tão medíocre que na verdade não há nada a destruir, porque também existe gente assim. Estou falando das pessoas que são justas na plenitude do ser, e que sempre sabem qual é a melhor forma de agir em cada situação. Das pessoas que não se põem sempre em primeiro lugar, mas que tampouco se boicotam. Você também conheceu pessoas assim, tenho certeza. Pessoas boas de verdade, não? E essas pessoas nem entenderiam o que eu estou falando. Justamente porque nunca refletiram sobre o tema, elas não pensam que têm que ser boas, simplesmente *são*, e nem ao menos se dão conta. Cuidam dos amigos, têm consideração com a namorada, são bons pais, mas não de um jeito feminino, sempre fazem um bom trabalho, desejam coisas boas e fazem coisas boas. Pessoas completas. Sabe o Jon Olav, por exemplo, o meu primo?

— Sei, eu o conheço.

— Ele sempre foi um idealista, mas não porque desejasse conquistas para si próprio. Ele sempre ajudou as pessoas que precisaram dele. E também é totalmente incorruptível. A mesma coisa com o Hans. O Hans tem uma honradez que... ah, era essa a palavra que eu estava procurando. Honradez. Quando você é honrado, você faz a coisa certa. Eu sou desonrado pra cacete, sempre aparece uma coisa que... não necessariamente doentia, mas é uma coisa vulgar, bajuladora e rastejante que sai de dentro de mim. Se eu me vejo em uma situação que requer calma, uma situação em que todos percebem que a calma é necessária, eu

simplesmente me atiro, não é verdade, e por quê? Porque eu só quero saber de mim, só penso em mim mesmo, estou sempre transbordando de mim mesmo. Eu consigo ser bom com as outras pessoas, mas para isso preciso fazer planos antecipados. Não está no meu sangue. Não existe na minha natureza.

— E onde você me coloca nesse seu sistema?

— Você?

— É.

— Ah, você é um cínico. Você é orgulhoso e ambicioso, talvez a pessoa mais orgulhosa que eu conheço. Você jamais faria qualquer coisa humilhante de maneira explícita, com certeza escolheria passar fome e mendigar na rua. Você é leal com os seus amigos. Eu tenho uma confiança cega em você. Ao mesmo tempo você é muito individualista e pode tratar outras pessoas sem nenhuma consideração, se você por um ou outro motivo tem alguma coisa contra elas, ou se elas fizeram alguma coisa contra você, ou ainda se essa puder ser uma forma de você conquistar um objetivo mais elevado. Não é verdade?

— É. Mas eu sempre tenho consideração no que diz respeito às pessoas com quem me importo. Estou falando sério. Inescrupuloso talvez seja uma palavra mais abrangente. Na verdade essa é uma distinção importante.

— Inescrupuloso, então. Mas vamos pegar um exemplo. Você viveu junto com os escudos humanos no Iraque, fez toda a viagem com eles desde a Turquia, dividiu tudo com eles em Bagdá. Você fez amizade com algumas dessas pessoas. E tudo graças à convicção delas, da qual você não compartilhava, embora ninguém soubesse.

— No fundo suspeitavam — Geir disse com um sorriso.

— Depois, quando chegaram os fuzileiros navais dos EUA, você simplesmente se despede dos amigos e vai para o lado do inimigo, sem nem ao menos olhar para trás. Você os traiu, e não há como ver o que aconteceu de outra forma. Mas você não traiu as suas próprias convicções. Esse é o lugar que você ocupa no meu sistema. Um lugar livre e

independente, mas que custa um alto preço. As pessoas acabam espalhadas ao redor como pinos de boliche. Para mim é impossível viver assim, a pressão social começa no instante em que me levanto da cadeira no escritório e, quando saio à rua, já me amarrou os pés e as mãos. Eu quase não consigo me mexer. Ha ha ha! Mas é verdade. Acho que você ainda não entendeu, mas no fundo não existe nenhuma santidade e nenhum princípio moral elevado, apenas covardia. Covardia e nada mais. Ou você por acaso não acha que tenho vontade de partir todas as correntes e fazer o que eu quero, e não o que os outros querem?

— Acho.

— Mas você acha que eu vou conseguir?

— Não.

— Você é livre. Eu não sou livre. É simples assim.

— Não, de jeito nenhum — disse Geir. — Você se sente tolhido pelo social, o que me parece estranho, porque você nunca fala com ninguém, ha ha ha!, mas eu entendo o que você está dizendo e acho que você tem razão, você tenta demonstrar consideração por todo mundo de uma vez só, eu mesmo notei como você estava correndo naquele dia em que fomos jantar na casa de vocês. Mas existem várias formas de ser tolhido, várias formas de não ser livre. Não se esqueça de que você conseguiu tudo o que você queria. Você conseguiu se vingar das pessoas de quem queria se vingar. Você tem um status. Tem gente que espera que você faça o que sabe fazer e que abana folhas de palmeira assim que você aparece. Você pode escrever uma crônica sobre um assunto que interessa a você e poucos dias mais tarde vê-la impressa no jornal que você quiser. As pessoas ligam para você e querem que você esteja neste ou naquele lugar. Os jornais pedem que você comente todos os assuntos imagináveis. Os seus livros vão ser publicados na Alemanha e na Inglaterra. Você percebe a liberdade que existe nisso tudo? Percebe as oportunidades que se abriram na sua vida? Há pouco você estava falando sobre o anseio por largar tudo e sofrer com a queda. Se eu largasse tudo o que eu tenho, eu continuaria no mesmo

lugar. Eu estou no fundo. Ninguém se interessa pelo que eu escrevo. Ninguém se interessa pelo que eu penso. Ninguém me convida para ir a lugar nenhum. Eu sou obrigado a abrir caminho, não? Toda vez que entro numa sala com outras pessoas eu sou obrigado a fazer alguma coisa de mim mesmo. Não existo a priori, como você, não tenho um nome, eu preciso criar tudo a partir do nada todas as vezes. Estou no fundo de um buraco no chão gritando num megafone. E não importa o que eu diga, ninguém escuta. Você sabe, em tudo o que eu falo do lado de fora existe sempre uma crítica ao lado de dentro. E essa é a definição de um fariseu. Um sujeito amargo e falastrão. E nesse meio-tempo os anos vão passando. Logo vou fazer quarenta anos e ainda não consegui *nada* do que eu queria. Você diz que isso é um feito brilhante e único, e talvez seja mesmo, mas do que adianta? Você conseguiu tudo o que você queria e agora pode se afastar, deixar quieto, não usar. Mas eu não posso. Eu *preciso* conseguir. Já investi vinte anos nisso. O livro que estou escrevendo agora vai levar no mínimo outros três. Já percebo que o mundo ao meu redor está perdendo a fé nele, e assim perdendo também o interesse. Cada vez mais eu me sinto como um louco que se nega a abandonar o projeto da loucura. Tudo o que eu digo é compreendido por esse viés. Quando eu disse um negócio pouco depois de terminar o meu doutorado foi assim, na época eu ainda tinha uma vida acadêmica e intelectual, mas agora estou morto. E quanto mais tempo passa, melhor tem que ser o próximo livro. Ele não pode ser razoável, nem bom, nem muito bom, porque o investimento de tempo e de vida foi tão alto, relativamente falando, que o livro tem que ser excepcional. Nessa perspectiva eu não sou livre. E assim podemos estabelecer uma ligação com aquilo que estávamos discutindo agora há pouco, o ideal vitoriano, que na verdade não era um ideal, mas uma prática, a vida dupla. Nessa prática também existe uma tristeza, porque nela a vida nunca pode ser completa. E é com isso que todo mundo sonha, com o amor único, ou o amor por uma pessoa única, com o momento em que os cínicos e calculistas desaparecem, com o momento em que tudo se

torna completo. Ah, você sabe. O romantismo. A vida dupla é uma solução adequada para um problema, mas também causa outros problemas, caso você ache que eu ando por aí pensando o contrário. É uma solução prática, provisória, pragmática, e portanto viva. Mas não é completa, e tampouco ideal. A diferença mais importante entre nós não é que eu sou livre e você não, porque eu nem acho que seja assim. A diferença mais importante é que eu sou alegre e você não.

— Eu também não me sinto desalegre...

— Justamente! “Desalegre” é uma palavra que só você usaria! Essa palavra diz tudo a seu respeito.

— “Desalegre” é uma palavra que existe. Está até no *Heimskringla*, se você quer saber. E a edição da Storm tem mais de um século. Mas que tal a gente mudar de assunto?

— Se você tivesse dito a mesma coisa dois anos atrás eu teria entendido.

— Tudo bem. Eu posso continuar, então. Depois do que aconteceu em relação à Tonje eu passei dois meses morando numa ilha. Eu já tinha estado lá antes, foi só dar um telefonema e tudo estava resolvido. Uma casa, uma ilhota no meio do mar onde moravam outras três pessoas. Foi no fim do inverno, tudo estava congelado e imóvel. Eu ficava andando e pensando. E o que eu pensava era que eu tinha que fazer todo o possível para me tornar uma pessoa boa. Que tudo o que eu fizesse devia ter esse objetivo. Mas não do jeito rastejante e deslizando que caracterizava o meu comportamento até então, sabe, quando eu deixava a vergonha tomar conta de mim por um simples detalhe. A indignidade. Não, a nova imagem que eu tinha pintado de mim tinha coragem e tutano. Olhar as pessoas nos olhos, dizer o que eu achava. Eu andava com as costas cada vez mais curvas, sabe, queria ocupar cada vez menos espaço, mas lá eu comecei a levantar o queixo, literalmente. Em termos absolutamente concretos. Ao mesmo tempo li os diários de Hauge. Todas as três mil páginas. Foi um consolo enorme.

— Ele tinha uma vida ainda pior?

— Sem dúvida. Mas a questão não era essa. Ele lutava o tempo inteiro contra a mesma coisa, o ideal de como devia ser versus a pessoa que era. A vontade que Hauge tinha de travar essa batalha era enorme. E estamos falando de um homem que a bem dizer não fazia nada, não tinha vivência nenhuma, simplesmente lia, escrevia e travava essa batalha interior em uma fazendinha de nada num fiordezinho de nada em um paisinho de nada no fim do mundo.

— Não chega a causar surpresa que pirasse de vez em quando.

— Você fica com a impressão de que também era um alívio. De que ele cedia e de que um pouco da intensidade que as crises traziam era pura alegria. Ele afrouxava a mão de ferro com que se controlava o tempo inteiro e se deixava levar, é quase o que parece.

— A questão é saber se não era Deus — disse Geir. — Esse sentimento de estar o tempo inteiro sendo observado, de ser obrigado a se prostrar de joelhos por aquilo que nos observa. Nós simplesmente usamos outro nome. Superego ou vergonha ou o que você bem entender. E era por isso que Deus era uma realidade mais forte para uns do que para outros.

— Então o impulso de ceder aos sentimentos mais baixos e simplesmente se atirar no prazer e no vício seria o diabo?

— Exato.

— Eu nunca sinto essa vontade. A não ser quando bebo. Nesse caso as coisas fogem ao meu controle. O que eu quero é viajar, ler, escrever. Ser livre. Totalmente livre. E essa foi a chance que eu tive naquela época, porque na realidade tudo estava acabado com a Tonje. Eu podia ter viajado para onde eu quisesse. Tóquio, Buenos Aires, Munique. Mas acabei indo para a ilha, onde não havia mais ninguém. Eu não me entendia, não tinha a menor ideia de quem eu era, e no fim essa decisão, todas essas ideias sobre ser uma pessoa boa, eram simplesmente a única coisa que eu tinha. Eu não assistia TV, não lia jornal e a única coisa que eu comia era pão e sopa. Quando surgia um motivo para festejar eu comia bolinhos de peixe e couve-flor. E maçãs. Comecei a fazer apoios e

abdominais. Você já pensou? O desespero de uma pessoa que decide resolver os problemas à base de apoio?

— Tudo o que você está me dizendo remete à pureza. Absolutamente tudo. À ascese. Não se deixar corromper pela TV ou pelos jornais, comer o menos possível. Você bebia café?

— Café eu bebia. Mas é verdade o que você está dizendo a respeito da pureza. Tudo me parece um pouco fascista.

— Hauge escreveu que Hitler foi um grande homem.

— Ele ainda era novo quando escreveu isso. Mas o pior é que eu entendo, a necessidade de afastar tudo de pequeno e de medíocre que apodrece dentro de nós, todas as bagatelas que podem nos atormentar ou provocar a nossa infelicidade, isso pode criar um desejo por algo puro e grandioso que você possa atingir e onde você possa se diluir e desaparecer. Se livrar de toda a merda, sabe? Povo, nação e raça. Agora tudo isso foi desacreditado de uma vez por todas. Mas e a ideia que está por trás? Ninguém tem dificuldade para entender. Sensível como sou a todas as pressões sociais e suscetível como sou ao que os outros pensam a meu respeito, só os deuses sabem no que eu podia ter me metido se vivesse na década de 1940.

— Ha ha ha! Relaxe. Você não faz como os outros hoje, então não teria feito como os outros naquela época.

— Mas quando eu me mudei para Estocolmo e me apaixonei pela Linda tudo mudou. Era como se eu tivesse me erguido acima de todas essas banalidades, nada disso tinha qualquer importância, tudo estava bem, não havia nenhum problema em lugar nenhum. Não sei bem como eu posso explicar... Era como se eu estivesse tão cheio de força interior que todo o exterior foi derrubado. Eu era invencível, você entende? Repleto de luz. Tudo era luz! Eu conseguia até mesmo ler Hölderlin! Foi uma época incrível. Nunca me senti tão bem em toda a minha vida. Eu transbordava luz.

— Eu lembro. Você ficava na Bastugatan, radiante. Era quase como se tivesse luz própria. Ouvia Manu Chao sem parar. Era quase impossível falar com você. Você transpirava felicidade. Ficava sentado em cima da cama como uma porcaria de uma flor de lótus, sorrindo.

— A questão é que tudo diz respeito aos pontos de vista. Visto de uma determinada forma, tudo pode trazer felicidade. Visto de outra forma, não traz mais do que tristeza e desgraça. Você acha que eu me preocupava com todo esse lixo na TV e no jornal enquanto eu estava lá sentado e feliz da vida? Você acha que eu sentia vergonha do que quer que fosse? Eu tinha paciência em relação a tudo. E nada me fazia perdê-la. Foi como eu disse quando você estava deprimido e irreconhecível no outono seguinte. Tudo dizia respeito ao ponto de vista. Nada no mundo tinha mudado nem se agravado, a não ser a forma como você encarava as coisas. Mas lógico que você não deu a mínima para o que eu disse e foi para o Iraque.

— A última coisa que você quer ouvir quando está rodeado de pensamentos lúgubres é o discurso de um idiota alegre. Mas eu fiquei feliz quando voltei. Fez com que aquilo passasse.

— É. E agora os nossos papéis se inverteram mais uma vez. Agora sou eu quem está aqui se queixando das misérias da vida.

— Essa é a ordem natural das coisas — Geir disse. — Você está fazendo apoios outra vez?

— Estou.

Ele sorriu. Eu sorri também.

— O que mais você queria que eu fizesse?

Saímos do Pelikanen uma hora mais tarde e pegamos o mesmo metrô de volta a Slussen, onde Geir trocou para a linha vermelha. Ele pôs a mão no meu ombro, disse para eu me cuidar e mandou lembranças para Linda e Vanja. Me afundei no assento depois que ele foi embora, desejei que eu

pudesse ficar lá sentado hora após hora viajando noite adentro, e não fazer o que fiz, me levantar e descer em Hötorget, apenas três estações depois.

O vagão estava quase vazio. Um rapaz com um estojo de guitarra nas costas estava de pé se segurando na barra em frente à porta, magro como um palito e com cabelos pretos e crespos saindo pelas bordas da touca. Duas garotas com uns dezesseis anos estavam sentadas mostrando mensagens de texto uma para a outra no banco mais afastado. Um senhor com sobretudo preto, cachecol vermelho-ferrugem e uma boina cinza, lanosa e praticamente quadrada do tipo que se usava nos anos 1970 estava sentado à minha frente. De frente para ele havia uma mulher pequena e gorducha de traços sul-americanos com uma enorme jaqueta estofada azul-escura, jeans e botas de camurça com um detalhe de lã sintética na parte de cima.

O interlúdio com o telefone estava totalmente esquecido até o momento em que Geir me lembrou do que tinha acontecido pouco antes de irmos embora. Ele me deu o telefone dele e disse que eu tinha que ligar para o meu, eu liguei, mas ninguém atendeu. Concordamos que o melhor seria escrever uma mensagem de texto pedindo à mulher que ligasse para o meu telefone fixo, e mandá-la cerca de meia hora mais tarde, quando eu já estaria em casa.

Talvez ela pudesse achar que era algum tipo de cantada? Que eu tinha colocado o meu telefone na bolsa dela de propósito, para que depois eu pudesse telefonar para ela?

A T-Centralen estava lotada de gente. Na maior parte jovens, duas ou três turmas barulhentas, pessoas solitárias com pequenos fones de ouvido, algumas com uma bolsa esportiva entre os pés.

Sem dúvida Linda e Vanja estariam dormindo em casa.

O pensamento me ocorreu de repente e foi bastante agradável.

Era a minha vida. Aquela era a minha vida.

Eu tinha que me recompor. Erguer a cabeça.

Um trem passou no trilho ao lado, poucos segundos mais tarde olhei para o vagão que mais parecia um aquário onde outras pessoas estavam distraídas com seus afazeres e logo subiram pelo trilho delas, enquanto nós demos uma guinada para baixo em direção a um túnel, onde a única coisa que havia para ver era o reflexo do vagão, meu próprio rosto vazio. Me levantei e fui até a porta assim que a composição reduziu a velocidade. Atravessei a plataforma e peguei a escada rolante que subia para a Tunnelgatan. A mulher gorda e loira com cerca de trinta anos, que por muito tempo não tinha sido nada além de uma anônima para mim até o dia em que Linda a cumprimentou e me disse que as duas tinham sido colegas em Biskops-Arnö, estava sentada do outro lado do guichê. Quando nossos olhares se encontraram ela olhou para baixo. Por mim tudo bem, pensei, empurrando a roleta com a coxa e subindo depressa os últimos degraus.

Que o caminho até a minha casa fosse o mesmo supostamente percorrido pelo assassino de Palme era um pensamento que me ocorria quase todas as vezes em que eu subia a escada até a Malmskillnadsgatan. Eu lembrava exatamente do dia em que o assassinato foi descoberto. O que eu estava fazendo, o que pensei. Foi num sábado. Minha mãe estava doente e eu tinha pegado o ônibus para a cidade junto com Jan Vidar. Tínhamos dezessete anos na época. Se não fosse pelo assassinato de Palme, aquele dia teria desaparecido, como todos os outros dias tinham desaparecido. Todas as horas, todos os minutos, todas as conversas, todos os pensamentos, todos os acontecimentos. Tudo jogado no lago do esquecimento. E assim o pouco que restava servia para representar o todo. Era um tanto irônico, já que esse tanto permanecia justamente porque se diferenciava de todo o restante.

No KGB, rapazes de cabelo comprido estavam sentados junto à vitrine bebendo. A não ser por eles o lugar parecia estar vazio. Mas talvez as coisas estivessem acontecendo no porão.

Dois táxis pretos e reluzentes passaram depressa em direção ao centro. Os flocos de neve que se levantaram grudaram-se no instante seguinte ao meu rosto, que estava na mesma altura da pista. Atravessei a rua, corri durante o último pedaço e destranquei a porta. Por sorte não tinha ninguém no corredor nem na escada. Tudo estava em silêncio no apartamento.

Tirei as roupas de inverno e atravessei a sala em silêncio, abri a porta do quarto. Linda abriu os olhos e olhou para mim em meio à penumbra. Estendeu os braços na minha direção.

— Tudo bem com você?

— Tudo — eu respondi enquanto me inclinava para dar um beijo nela

— E por aqui, tudo certo?

— Aham. Ficamos com saudade. Você vai se deitar agora?

— Só vou comer qualquer coisa antes. Em seguida eu venho. Pode ser?

— Pode.

No berço Vanja dormia com a bundinha empinada e o rosto enfiado no travesseiro como de costume. Eu sorri ao passar por ela. Bebi um copo d'água na cozinha, passei um tempo olhando para dentro da geladeira antes de pegar margarina e um pacote de presunto. Peguei o pão do armário ao lado. Quando eu ia fechar a porta lancei um olhar em direção às garrafas que estavam na prateleira mais alta. Não foi um olhar casual, porque as garrafas não estavam arrumadas como de costume. A meia garrafa de aguardente que tinha sobrado do Natal havia trocado de lugar com o Calvados. A grapa, que estava bem no fundo, tinha ido parar ao lado do jenever, bem do lado de fora. Se fosse só isso eu não teria pensado mais nada a respeito do assunto, acharia simplesmente que eu tinha limpado a geladeira sem nem me dar conta no sábado, mas a questão é que também havia menos bebida dentro das garrafas. O mesmo pensamento tinha me ocorrido uma semana antes, quando eu simplesmente concluí que tínhamos bebido mais do que eu lembrava na última vez em que recebemos visitas. Mas dessa vez os lugares estavam trocados.

Fiquei um tempo girando as garrafas nas mãos enquanto eu pensava sobre o que podia ter acontecido. A grapa estava quase cheia, não? Eu não tinha servido mais do que três doses depois de um jantar poucas semanas atrás. Mas naquele instante o líquido estava na altura do rótulo. E a aguardente, a garrafa não tinha mais do que um único gole no fundo? E o conhaque, também não estava mais cheio?

Eram garrafas que eu trazia das viagens, ou então que tinham sido presentes. Nunca bebíamos delas, a não ser quando recebíamos visitas.

Será que era Linda?

Será que tinha começado a beber enquanto ficava sozinha em casa?

Às escondidas?

Não, não, não podia ser. Ela não colocava uma gota de álcool na boca desde a gravidez. E com certeza também não beberia durante a amamentação.

Será que estaria mentindo?

Linda?

Não, puta que pariu. Eu não podia ser cego a esse ponto.

Coloquei as garrafas de volta ao lugar, exatamente como estavam antes, e como eu queria me lembrar delas. Tentei memorizar também mais ou menos quanta bebida havia em cada uma. Então fechei a porta da geladeira e me sentei para comer.

O mais provável era que eu não estivesse lembrando direito. O mais provável era que tivéssemos bebido mais do que eu lembrava durante as últimas semanas. Afinal eu não lembrava exatamente quanto tinha sobrado em cada garrafa. E depois as garrafas foram trocadas de lugar quando limpei a geladeira no sábado. Não lembrar uma coisa dessas era absolutamente normal. Não foi Tolstói que escreveu a respeito disso nos diários, segundo Chklóvski? Que ele de repente não lembrava se tinha tirado o pó da sala ou não? Se tinha, qual era o status dessa experiência, e também do tempo que tinha ocupado?

Ó formalismo russo, onde você foi parar na minha vida?

Me levantei e estava prestes a limpar a mesa quando o telefone tocou na sala. Meu peito foi tomado pelo medo. Mas então lembrei da mensagem de texto que Geir tinha mandado para o meu celular. Não era nada de mais.

Fui depressa até a sala e atendi.

— Alô? Aqui é o Karl Ove — eu disse.

A pessoa do outro lado da linha permaneceu em silêncio por alguns instantes. Então veio uma voz:

— Foi você que perdeu o celular?

Era a voz de um homem. Ele falava sueco com sotaque, e mesmo que o tom não fosse agressivo, também não era particularmente amigável.

— Eu mesmo. Você o encontrou?

— Estava na bolsa da minha noiva quando ela voltou para casa. Mas será que você poderia fazer o favor de me explicar como o seu telefone foi parar lá dentro?

A porta à minha frente se abriu. Linda saiu e olhou para mim com uma expressão preocupada. Levantei a mão, fiz um gesto que denotava pouca importância e sorri para ela.

— Eu estava com o telefone na mão na estação da Rådmannsgatan quando alguém esbarrou em mim e me fez derrubar o telefone. Me virei em direção à pessoa que esbarrou em mim e não vi onde o telefone caiu. Mas também não ouvi nenhum barulho. Em seguida notei que uma mulher passou com a bolsa aberta e concluí que devia ter caído lá dentro.

— E por que você não disse nada para ela? Por que você quis que ela entrasse em contato com você?

— O trem chegou na mesma hora. E eu estava atrasado. Além do mais eu não tinha certeza de que tinha caído na bolsa dela. Você com certeza entende que eu não poderia abordar uma mulher desconhecida e pedir para olhar dentro da bolsa dela.

— Você é norueguês?

— Sou.

— Está bem. Vou acreditar em você. E vou devolver o seu telefone.
Onde você mora?

— Em City. Na Regeringsgatan.

— Você sabe onde fica a Banérgatan?

— Não.

— É em Östermalm, uma rua depois da Strandgatan, perto de Karlaplan. Tem uma loja da ICA. Apareça lá ao meio-dia. Vou estar na frente. Se eu não estiver lá, vou deixar o seu telefone no caixa. É só pedir para o funcionário. Está bem?

— Ótimo. Obrigado.

— E mais cuidado com essa mão furada na próxima vez.

Então ele desligou. Linda, que tinha sentado no sofá com um cobertor de lã em cima do colo, me lançou um olhar curioso.

— O que foi? — perguntou. — Quem estava ligando a uma hora dessas?

Ela riu quando contei o que tinha acontecido. Nem tanto do que tinha acontecido, mas da suspeita que havia levantado. Para um homem que deseja entrar em contato com uma desconhecida, que jeito melhor do que largar um telefone na bolsa dela e mais tarde fazer uma ligação?

Me sentei ao lado dela no sofá. Linda se aconchegou em mim.

— Agora a Vanja está na fila do jardim de infância — ela disse. — Eu liguei para lá hoje.

— É mesmo? Que boa notícia!

— Confesso que estou meio dividida — ela disse. — Ela é tão pequena! Mas de repente podemos começar com meio período?

— Claro.

— Nossa pequena Vanja.

Olhei para Linda. O rosto dela ainda estava cansado do sono que tinha acabado de deixar para trás. Os olhos eram pequenos, as feições, macias. Com certeza ela não podia estar bebendo às escondidas? Ainda mais com

os sentimentos que nutria por Vanja, e também com a seriedade que tinha atribuído ao papel de mãe?

Não, com certeza não. Como cheguei a pensar uma coisa dessas?

— Está acontecendo um negócio um pouco místico na geladeira da cozinha — eu disse. — Cada vez que eu olho, as garrafas têm menos bebida dentro. Você também notou?

Linda sorriu.

— Não. Mas com certeza a bebida vai mais rápido do que você consegue registrar.

— Vai mesmo — eu concordei.

Encostei a minha testa na testa de Linda. Os olhos dela, que olhavam bem dentro dos meus, me preenchiam por completo. No breve segundo em que aqueles olhos eram tudo o que eu enxergava eles brilhavam com a vida dela, da maneira como Linda a vivia dentro de si.

— Estou com saudade de você — ela disse.

— Mas eu estou aqui — protestei. — O que foi, você me quer por inteiro ou o que é?

— É isso mesmo — ela disse, pegando a minha mão e me deitando no sofá.

Na manhã seguinte acordei às quatro e meia como de costume, trabalhei na revisão da antologia de contos traduzidos até as sete e tomei café com Linda e Vanja sem dizer uma palavra. Às oito Ingrid apareceu para buscar Vanja. Linda tinha que ir para o curso, e eu me sentei e li jornais na internet durante meia hora antes de começar a responder os e-mails que tinham se acumulado. Depois tomei banho, me vesti e saí. O céu estava azul, o sol baixo brilhava por toda a cidade e, mesmo que estivesse frio, a luz trazia uma sensação de primavera, também na rua profundamente marcada e sombria por onde eu andava em direção a Stureplan. Com certeza eu não era o único a me sentir assim; no dia

anterior as pessoas andavam cabisbaixas e com os ombros inclinados para frente, mas naquele instante estavam todos de cabeça erguida, e nos olhares que lançavam ao redor havia curiosidade e alegria. Seria aquela cidade leve e aberta o mesmo lugar pesaroso e trancado em si mesmo por onde tínhamos andado no dia anterior? Enquanto a luz tênue de inverno que tinha atravessado as nuvens dava a impressão de aproximar todas as cores e todas as superfícies umas das outras, minimizando todas as diferenças em função do pouco brilho e do matiz cinzento, a luz clara e direta do sol as acentuava. Ao meu redor a cidade explodia em cores. Não as cores quentes e biológicas do semestre de verão, mas as cores frias e minerais do semestre de inverno e de tudo o que é sintético. Paredes vermelhas, paredes amarelas, latarias verde-escuras, placas azuis, uma jaqueta cor de laranja, um cachecol lilás, o asfalto cinza-escuro, metal azinhave e cromo lustroso. Janelas iluminadas, paredes claras e calhas brilhantes de um lado do prédio, janelas pretas, paredes escuras e calhas enegrecidas, quase invisíveis do outro. Fui até a Birger Jarlsgatan, onde se acumulavam montes de neve, ora cintilantes, ora cinzentos e silenciosos, dependendo de como a luz do sol os iluminava. Cheguei a Stureplan e à livraria Hedengrens, onde um funcionário jovem estava abrindo a porta no exato momento em que cheguei. Desci ao subsolo, andei por entre as prateleiras e peguei uma pilha de livros que me sentei para folhear. Comprei uma biografia de Ezra Pound, eu havia me interessado pela teoria dele acerca do dinheiro e tinha esperanças de que o livro trouxesse informações a esse respeito; um livro sobre a China entre 1550 e 1900; um livro sobre a história econômica do mundo, escrito por um tal de Cameron; e um livro sobre os índios americanos, que descrevia todas as tribos que existiam antes da chegada dos europeus, uma obra belíssima de seiscentas páginas. Além disso encontrei um livro sobre Rousseau escrito por Starobinski e um livro sobre Gerhard Richter, *Doubt and Belief in Painting*, que comprei. Eu não sabia nada sobre Pound, economia, ciência, China ou Rousseau, eu não sabia nem ao menos se tinha interesse

por esses assuntos, mas começaria a escrever um romance em breve e precisava começar de algum lugar. Por muito tempo eu tinha pensado nos índios. Meses atrás eu tinha visto uma fotografia de índios numa canoa, estavam atravessando um lago, e na proa havia um homem vestido de pássaro, com as asas abertas. Essa fotografia atravessou todas as ideias que eu tinha a respeito dos índios, tudo o que eu tinha lido nos livros e nas histórias em quadrinhos e também visto nos filmes, e foi direto à realidade: eles tinham existido de verdade. Tinham mesmo vivido de verdade com totens, lanças, arcos e flechas, sozinhos num continente gigantesco, sem nunca imaginar que uma vida diferente daquela não apenas era possível, mas de fato existia. Era um pensamento incrível. O romantismo que a fotografia emanava, com a selvageria, o homem-pássaro e a natureza intocada, nascia da realidade, e não o contrário, como sempre tinha sido até então. Foi um choque. Não consigo explicar de outra forma. Fiquei chocado. E eu soube que tinha que escrever sobre aquilo. Não sobre a fotografia em si, mas sobre o que continha. Mas em seguida vieram os contra-argumentos. Tudo bem que tivessem existido, mas já não existiam mais, tanto os próprios índios como aquela cultura inteira tinham sido extintos muito tempo atrás. Por que escrever a respeito, então? Aquilo não existia, e nunca mais existiria outra vez. Se eu criasse um novo mundo onde aqueles elementos ainda existissem, seria apenas literatura, apenas poesia, e não teria valor nenhum. Eu podia contestar esse pensamento alegando que Dante, por exemplo, tinha escrito apenas literatura, que Cervantes tinha escrito apenas literatura, que Melville tinha escrito apenas literatura. E não havia como negar que a humanidade não seria a mesma coisa se essas obras não existissem. Então por que não escrever apenas literatura? Afinal, a verdade não tem uma relação de um para um com a realidade. Eram bons argumentos, mas não adiantavam nada, o simples pensamento da ficção, o simples pensamento de um personagem inventado numa situação inventada me fazia sentir náuseas, minha reação era física. Eu não sabia por quê. Mas era assim. Então deixei os índios de

lado. E também a ideia de que talvez eu nem sempre fosse me sentir assim.

Depois que paguei pelos livros caminhei até Plattan, entrei na loja de música e filmes, onde comprei três DVDs e cinco CDs, e fui à Akademibokhandelen, onde encontrei um livro sobre Swedenborg publicado pela editora Atlantis, que comprei, junto com outros dois ou três periódicos. Dificilmente eu chegaria a ler qualquer uma daquelas coisas, o que no entanto não impediu que eu me sentisse bem. Fui para casa, descarreguei as compras, comi umas fatias de pão em pé defronte ao balcão da cozinha e saí de novo, desta vez rumo à loja na Banérgatan, em Östermalm, aonde cheguei exatamente ao meio-dia.

Não havia ninguém por lá. Acendi um cigarro e fiquei esperando. Tentei encontrar os olhos dos transeuntes, mas ninguém parava nem se aproximava de mim. Passados cinco minutos entrei na loja e perguntei para a atendente se alguém tinha entregado um celular. Sim, tinha um celular na loja. Será que eu podia descrevê-lo?

Eu o descrevi, e ela pegou o telefone de uma gaveta ao lado do caixa e o entregou para mim.

— Obrigado — eu disse. — Você sabe quem foi que o deixou aqui?

— Sei. Ou melhor, não sei o nome. Mas é um rapaz que trabalha na embaixada de Israel aqui perto.

— Na embaixada de *Israel*?

— É.

— Ah. Obrigado mais uma vez. Até mais!

— Até mais.

Saí caminhando devagar e sorri comigo mesmo. A embaixada de Israel! Não espanta que o sujeito estivesse tão desconfiado! Devem ter virado o telefone do avesso. Examinado todas as mensagens, todos os números de telefone... He he he!

Liguei o aparelho e telefonei para Geir.

— Alô? — ele atendeu.

— Ontem me ligaram a respeito do celular — eu disse. — O sujeito ficou muito desconfiado, mas no fim resolveu me devolver. Acabei de buscá-lo. Estava aqui no caixa de um supermercado. Perguntei à atendente se ela sabia quem era a pessoa que o tinha deixado lá. Sabe quem era?

— Claro que não.

— Um funcionário da embaixada de Israel.

— Você está brincando?

— Não. O telefone não caiu simplesmente no chão, mas numa bolsa. E quando caiu numa bolsa, não caiu simplesmente na bolsa de uma pessoa qualquer, mas na bolsa da namorada de um funcionário da embaixada de Israel. Curioso, não?

— Pode esquecer essa história da namorada. É bem mais provável que ela trabalhe na embaixada de Israel e tenha contatado o pessoal de lá quando encontrou o seu celular. Eles devem ter ficado olhando para o telefone e imaginando quem o teria plantado na bolsa. E também o que seria aquilo! Uma bomba? Um microfone?

— E que diabos essa relação com a Noruega podia significar? Alguma coisa a ver com água pesada? Vingança pelo que aconteceu em Lillehammer?

— É incrível a capacidade que você tem de se envolver com as coisas. Prostitutas russas e agentes israelenses. Aquela autora que vocês convidaram para jantar, que pesava toda a comida antes de comer, como era mesmo o nome dela?

— Maria. Ela também tem uma ligação com a Rússia, a propósito.

— E que depois ligou para mais alguém e contou exatamente o que tinha comido logo depois da refeição. Ha ha ha!

— Mas o que essa história tem a ver?

— Sei lá. Coisas estranhas que acontecem com você, talvez? Sabe aquela amiga da Linda que é apaixonada por um drogado, que tem uma irmã morando no prédio de vocês? E o apartamento que você conseguiu no mesmo prédio onde a Linda morava? E o seu computador, que já ficou

na rua e se encharcou todo durante uma chuva e caiu do trem em cima dos trilhos sem que nada acontecesse? Que você tenha perdido o telefone na bolsa de uma funcionária da embaixada de Israel parece totalmente natural nesse contexto.

— Falando assim parece mesmo que a minha vida é intensa e emocionante — eu disse. — Mas você sabe que a realidade é outra.

— Ah, será que não podemos deixar essa conversa de lado uma vez que seja?

— Não. O que você está fazendo? — perguntei.

— O que você acha?

— Não me parece que você esteja fazendo nada nos bastidores. Você deve estar escrevendo.

— Estou. E você?

— Estou indo para a Filmhuset. Vou almoçar com a Linda. Nos falamos mais tarde.

— Tudo bem.

Desliguei, guardei o telefone no bolso e comecei a andar mais depressa. Deixei para trás o chafariz seco de Karlaplan, atravessei Feltöversten e saí na Valhallavägen, para então seguir até a Filmhuset, que brilhava ao sol nos limites do Gärdet nevado.

Depois do almoço peguei o metrô até Odenplan e de lá fui para o escritório, acima de tudo para ter um lugar onde eu pudesse estar em paz. Ingrid tinha a chave do apartamento e com certeza apareceria para ficar com Vanja. E eu não me sentia preparado para os cafés repletos de pessoas desconhecidas e olhares inquietos. Me sentei junto à escrivaninha e por um tempo tentei escrever a minha palestra, mas tudo que consegui foi me sentir ainda mais oprimido. Então me deitei no sofá e acabei dormindo. Quando acordei a rua lá fora estava escura e o relógio marcava quatro e dez. O jornalista do *Aftenposten* chegaria às seis, então o jeito era me vestir e ir de uma vez para casa se eu ainda quisesse ter um tempo com Vanja e com Linda naquele dia.

— Tem alguém em casa? — gritei ao abrir a porta. Vanja chegou engatinhando a toda velocidade pelo corredor, ela estava sorrindo e eu a joguei para cima algumas vezes antes de levá-la para a cozinha, onde Linda mexia uma caçarola.

— Cozido de grão-de-bico — ela disse. — Não consegui pensar em nada melhor.

— Está ótimo — eu disse. — Como a Vanja passou hoje?

— Bem, acho eu. As duas passaram a manhã inteira no Junibacken. A minha mãe acabou de ir embora. Vocês não se encontraram?

— Não — eu disse, levando Vanja para a cama, onde a joguei de um lado para outro por um tempo, até me aborrecer, quando então a coloquei sentada, vermelha e suada de tanto rir, na cadeirinha em frente à mesa da cozinha, e então fui à sala conferir os meus e-mails. Quando terminei de ler, desliguei o PC e olhei para o apartamento no andar de baixo que ficava do outro lado da rua, de onde vinha o brilho de um outro PC. Uma vez eu tinha visto um homem se masturbando em frente ao monitor, ele achava que ninguém estava vendo, não tinha pensado que a janela era visível daqui. Ele estava sozinho no cômodo, mas não no apartamento; do outro

lado da parede ficava a cozinha, onde um homem e uma mulher estavam sentados. Foi estranho ver o privado e o público tão próximos um do outro.

Naquele instante o cômodo estava vazio. Apenas as cores que dançavam pela tela, a luz de uma lâmpada no canto, iluminando uma cadeira, e uma mesinha com um livro aberto em cima.

— A comida está pronta! — Linda gritou da cozinha. Me levantei e fui jantar com elas. Já eram mais de cinco horas.

— Que horas o pessoal vai aparecer? — Linda perguntou, ela devia ter percebido que olhei para o relógio.

— Às seis. Mas vamos sair assim que chegarem. Você não precisa nem aparecer. Quer dizer, claro que você pode cumprimentar o pessoal se quiser, mas não precisa.

— Acho que vou ficar aqui. Longe dos olhares. Você está nervoso?

— Não, mas também não estou a fim. Você sabe como são essas coisas.

— Não fique pensando. Simplesmente fale com eles, diga o que você quiser e não fique se exigindo tanto. Pegue leve.

— Eu falei com a Majgull Axelsson, que estava nas leituras em Tvedestrand e em Gotemburgo, lembra? Ela demonstrou um cuidado quase maternal em relação a mim durante a viagem. Disse que tinha como regra nunca ler nada do que escreviam a respeito dela, nunca se assistir na televisão nem se ouvir no rádio. Tratar essas ocasiões sempre como se fossem únicas. E se comportar de acordo com o que estivesse acontecendo no momento. Assim os encontros com as outras pessoas ficavam simples e agradáveis, sem nenhuma complicação. Para mim fez muito sentido. Mas tem um quê de vaidade também, você não acha? Será que vão me apresentar como um idiota completo ou simplesmente como um idiota? E essa idiotice está na apresentação ou em mim?

— Eu gostaria que você parasse com essa história toda — disse Linda.

— É totalmente desnecessário! E além do mais consome muita energia. Você não para de pensar nisso um instante sequer.

— É, eu sei. Mas eu vou parar. Vou recusar todos os convites a partir de agora.

— Você é uma pessoa incrível. Como eu queria que você pudesse notar!

— Eu sinto justamente o oposto. E é um sentimento que permeia tudo o que eu faço. Mas não venha me dizer que devo fazer terapia.

— Eu não disse nada!

— Com você é a mesma coisa — eu disse. — A única diferença é que você tem momentos em que a sua autoestima está em ordem.

— Como eu queria que a Vanja fosse poupada disso — Linda respondeu olhando para ela. Vanja sorriu para nós. Tinha arroz espalhado por toda a mesinha na frente dela, e também no chão debaixo da cadeirinha. A boca estava vermelha de molho e cheia de grãos de arroz grudados.

— Mas ela não vai ser — eu disse. — É impossível. Ou ela percebe o que acontece desde o começo ou então percebe no meio do caminho. Não tem como esconder. Mas não existe motivo para achar que isso vá marcá-la. Não precisa acontecer.

— Espero que não — Linda disse.

Os olhos dela estavam úmidos.

— A comida estava boa — eu disse enquanto me levantava. — Pode deixar a louça comigo. Acho que consigo lavar antes que apareçam.

Me virei em direção a Vanja.

— De que tamanho é a Vanja? — perguntei.

Ela ergueu os braços acima da cabeça, cheia de orgulho.

— Que grandona! — eu disse. — Venha! Vamos lavar você um pouco.

Eu a tirei da cadeirinha e a levei para o banheiro, onde lavei as mãos e o rosto dela. Segurei-a em frente ao espelho e encostei o meu rosto contra o dela. Vanja riu.

Em seguida troquei a fralda dela no quarto, coloquei-a no chão e fui tirar a mesa. Quando terminei, liguei a máquina de lavar louça e abri a

geladeira para ver se alguma coisa inesperada tinha acontecido com as garrafas.

E tinha. A grapa, eu tinha certeza, estava com o líquido exatamente no nível do rótulo, e tinha sido consumida desde o dia anterior. O conhaque estava em outro lugar e, mesmo que eu não tivesse tanta certeza, também dava a impressão de ter sido consumido.

Que porra estava acontecendo?

Eu me negava a acreditar que Linda estivesse por trás daquilo. E não notei nada de estranho quando mencionei o assunto na noite anterior.

E não havia outra pessoa em casa.

Não tínhamos empregada nem qualquer coisa do tipo.

Ah, puta que pariu.

Ingrid!

Ela tinha estado no apartamento. No dia anterior. Estava claro que só podia ser ela.

Mas então ela bebia enquanto cuidava de Vanja? Será que ficava sentada entornando bebida com a neta na barra da saia?

Nesse caso Ingrid só podia ser alcoólatra. Vanja era tudo para ela. Eu sabia que ela não correria nenhum risco em respeito a Vanja. Mas se estivesse bebendo mesmo assim, o impulso devia ser mais forte do que ela, a ponto de levá-la a arriscar tudo.

Deus, tende piedade de mim.

Do quarto ouvi os passos de Linda se aproximarem, então fechei a geladeira, fui até o balcão, peguei o pano e comecei a limpar a mesa. Eram dez para as seis.

— Vou sair e fumar um cigarro enquanto eles não chegam, tudo bem?

— eu disse. — Ainda não ajeitei tudo, mas...

— Claro. Pode ir — Linda disse. — Você já pode tirar o lixo?

No mesmo instante a campainha tocou. Abri a porta. Um jovem de barba e bolsa a tiracolo sorriu para mim. Atrás dele estava um homem mais

velho e de aparência mais sombria com uma bolsa fotográfica no ombro e uma câmera na outra mão.

— Olá — disse o jovem enquanto me estendia a mão. — Kjetil Østli.

— Karl Ove Knausgård — eu disse.

— Prazer.

Apertei a mão do fotógrafo e convidei-os para entrar.

— Vocês aceitam um café?

— Por favor.

Fui até a cozinha, peguei a térmica com café e três canecas. Quando voltei os dois estavam olhando ao redor na sala.

— Aqui não seria um mau lugar para ficar preso em casa por conta da neve — comentou o jornalista. — Livros não faltam!

— A maioria eu não li — comentei. — E dos que li, esqueci tudo.

Ele era mais jovem do que eu tinha imaginado, não parecia ter mais do que vinte e seis ou vinte e sete, apesar da barba. Os dentes eram grandes, o olhar era alegre, a aura era leve e contente. O tipo não me era estranho, eu tinha conhecido muitas pessoas que me lembravam aquele rapaz, mas todas nos últimos anos, nunca quando eu estava crescendo. Podia ter a ver com classe social, com a geografia ou com a geração, ou mais provavelmente com tudo ao mesmo tempo. Classe média do oeste da Noruega, eu diria, possivelmente com pais acadêmicos. Boa educação, atitude confiante, ideias afiadas, talento social. A impressão que tive nos primeiros minutos foi a de uma pessoa que ainda não tinha encontrado nenhum obstáculo difícil de vencer. O fotógrafo era sueco, o que acabava com todas as minhas chances de captar as nuances da maneira como se comportava.

— Para dizer a verdade eu tinha decidido não dar mais entrevistas a partir de agora — expliquei. — Mas o pessoal da editora me disse que você era fora de série e que eu não podia deixar essa chance passar. Espero que tenham razão.

Um pouco de bajulação nunca faz mal.

— Eu também espero — o jornalista concordou.

Servi café para os dois.

— Posso tirar umas fotos aqui dentro? — o fotógrafo perguntou.

No meu segundo de hesitação ele me assegurou que seria apenas de mim, e que nada ao redor apareceria nas fotos.

Quando o jornalista sugeriu que a entrevista fosse na minha casa eu respondi que não, mas no fim, quando me ligou para combinar o lugar da entrevista, eu disse que eles podiam subir até o apartamento. Notei que ele ficou satisfeito.

— Tudo bem — eu disse. — Aqui?

Fiquei de pé em frente à estante de livros com a caneca na mão enquanto ele andava ao redor batendo fotos.

Que bela merda.

— Você pode levantar um pouco a mão?

— Não parece meio artificial demais?

— Tudo bem. Vamos deixar assim então.

No corredor ouvi o barulho de Vanja engatinhando. Ela sentou junto ao limiar da porta e olhou para nós.

— Oi, Vanja! — eu disse. — Muito cheio de homens assustadores por aqui? Pelo menos você me conhece...

Eu a tomei nos braços. No mesmo instante Linda apareceu. Ela mal cumprimentou os dois, pegou Vanja e voltou para a cozinha.

Tudo o que eu queria que não fosse visto foi visto. Tudo o que eu era e que era meu parecia duro e empolado ao olhar dos outros. Eu não queria que fosse assim. Porra, eu não queria *mesmo*. Mas naquele instante fiquei mais uma vez parado, sorrindo como um idiota.

— Posso bater mais umas? — perguntou o fotógrafo.

Posei mais uma vez.

— Um fotógrafo me disse uma vez que bater fotos de mim era como bater fotos de um barril — eu disse.

— Devia ser um fotógrafo ruim — disse o fotógrafo.

— Mas você entende o que ele quis dizer?

O fotógrafo parou, afastou a câmera do rosto, sorriu, colocou-a de novo junto ao rosto e continuou.

— Pensei que a gente podia ir ao Pelikanen — eu disse para o jornalista.

— É lá que eu costumo ir. E não tem música ambiente. Acho que é um bom lugar.

— Vamos para lá então.

— Mas antes vamos bater umas fotos lá fora. Depois eu posso liberar vocês — disse o fotógrafo.

No mesmo instante o telefone do jornalista tocou. Ele conferiu o número.

— Preciso atender — ele disse. A conversa, que não durou mais do que um, no máximo dois minutos, era sobre uma nevasca, um carro, horários de trem e uma cabana. No fim ele desligou e olhou para mim.

— No fim de semana vou para uma cabana com uns amigos, sabe? Era o motorista que nos leva do trem até a cabana. Um senhor que sempre nos ajuda quando estamos no alto da montanha.

— Legal — eu disse.

Passar um fim de semana com amigos em uma cabana nas montanhas era algo que eu nunca tinha feito. Na época do ginásio, e depois também durante a época da universidade, esse era um tema delicado para mim. Eu não tinha praticamente nenhum amigo. E os poucos que eu tinha não se conheciam entre si. Eu já estava velho demais para me preocupar com essas coisas, porém mesmo assim senti uma pontada, como se fosse em nome do meu velho eu.

O jornalista pôs o celular no bolso e largou a caneca em cima da mesa. O fotógrafo guardou o equipamento.

— Vamos, então? — perguntei.

Foi um pouco desconfortável quando nos vestimos para sair, o corredor era pequeno demais e ficamos muito próximos sem ninguém dizer nada. Gritei um tchau para Linda, descemos a escada e saímos. Ainda na escada

eu acendi um cigarro. Fazia um frio de rachar. O fotógrafo me levou até a escada do outro lado da rua, onde posei durante uns minutos com o cigarro escondido atrás da palma da mão até que o fotógrafo dissesse que gostaria que o cigarro aparecesse, se eu não tivesse nada contra. Eu entendi o que ele queria, de repente aconteceu alguma coisa, eu fiquei de pé fumando na escada enquanto ele me clicava, andando de um lado para o outro de acordo com as instruções dele enquanto tudo era registrado pelos transeuntes, e depois fomos até a entrada do túnel, onde o fotógrafo demorou outros cinco minutos até que se desse por satisfeito. Então ele desapareceu e eu atravessei o morro em silêncio com o jornalista e desci até a estação de metrô no outro lado. Uma composição estava chegando à plataforma, entramos no trem e sentamos na janela um de frente para o outro.

— Pegar o metrô ainda me lembra da Norway Cup — eu disse. — Quando sinto o cheiro das estações de metrô, eu sempre me lembro. Eu vim de uma cidade pequena, sabe, onde o metrô era uma das coisas mais exóticas que podia existir. O metrô e a Pepsi-Cola. A gente não tinha nada disso.

— Você jogou futebol por muito tempo?

— Até os dezoito anos. Mas eu nunca fui muito bom. Era em nível baixo.

— Tudo o que você faz é em nível baixo? Você disse que não leria os livros que você mesmo escreveu. E nas entrevistas que li você muitas vezes fala sobre como o que você faz é ruim. Não acha que você está sendo um pouco crítico demais?

— Não, acho que não. Mas depende do padrão que você estabelece, claro.

O jornalista olhou para fora da janela assim que o trem saiu do túnel na T-Centralen.

— Você acha que vai ganhar o prêmio? — ele perguntou.

— O prêmio do Nordisk Råd?

- É.
- Não.
- Quem vai ganhar, então?
- A Monica Fagerholm.
- Você parece ter certeza.
- É um romance muito bom. A autora é mulher e faz tempo que a Finlândia não leva o prêmio. Ela vai ganhar com certeza.

Tornamos a ficar em silêncio. A zona antes e depois de uma entrevista nunca era clara; um jornalista que eu não conhecia estava lá para arrancar as coisas mais íntimas a meu respeito, mas não naquele instante, a situação ainda não tinha começado, os papéis ainda não estavam distribuídos, conversávamos de igual para igual, mas não tínhamos nenhum ponto em comum, mesmo assim tínhamos que conversar.

Pensei em Ingrid. Eu não podia dizer nada para ninguém, nem mesmo para Linda, antes de ter certeza que eu tinha razão. Seria preciso marcar as garrafas. Era o que eu fazia naquela mesma noite. Assim eu saberia no dia seguinte. Se o líquido desaparecesse eu decidiria o passo seguinte.

Chegamos a Skanstull e caminhamos sem dizer nada, com a cidade cintilando ao nosso redor, até o Pelikanen, onde pegamos uma mesa nos fundos. Nos sentamos e conversamos durante uma hora e meia sobre mim e sobre as minhas coisas, depois me levantei e fui embora, enquanto o jornalista, que voltaria para a Noruega apenas no dia seguinte, permaneceu sentado. Como sempre acontecia depois de entrevistas longas eu me sentia vazio, drenado como um fosso. Como sempre eu tinha a impressão de ter traído a mim mesmo. Ao sentar com um repórter eu aceitei a premissa de que os dois livros que eu tinha escrito eram bons e importantes, e que eu, por tê-los escrito, era uma pessoa incomum e interessante. Esse era o ponto de partida da conversa; tudo o que eu dissesse era importante. Se eu não dissesse nada importante era simplesmente porque estava guardando tudo para mim. Porque tinha que estar em um lugar ou outro! Então quando eu contava uma história sobre a minha infância, por exemplo, uma história

absolutamente simples e corriqueira que tinha acontecido na vida de todo mundo, ela se tornava importante porque era eu quem a estava contando. A história falava a respeito de mim, autor de dois livros bons e importantes. E eu não somente tinha aceitado esse juízo, que a própria situação pressupunha, mas tinha-o aceitado com entusiasmo e interesse. E fiquei lá sentado, tagarelado como um papagaio no parque dos papagaios. E ao mesmo tempo sabendo qual era a real situação. Com que frequência um romance bom e importante era publicado na Noruega? A cada dez ou vinte anos. O último bom romance norueguês tinha sido *Fyr og flamme*, de Kjartan Fløgstad, publicado em 1980, quase vinte e cinco anos atrás. O último bom romance antes desse tinha sido *Fuglane*, de Vesaas, publicado em 1957, outros vinte e três anos atrás. Quantos romances noruegueses tinham sido publicados nesse meio-tempo? Milhares! Sim, milhares! Uns eram bons, outros eram mais ou menos, quase todos eram fracos. Assim são as coisas, o que estou dizendo não é nenhuma surpresa, todo mundo sabe. O problema é tudo o que rodeia essas autorias, essa bajulação que os escritores medíocres chupam como se fosse bala, e tudo o que, a partir da falsa imagem que têm de si mesmos, saem dizendo nos jornais e na televisão.

Eu sei do que estou falando porque sou um deles.

Ah, eu sentia vontade de cortar a minha própria cabeça de amargura e de vergonha por ter cedido à tentação, não apenas uma única vez, mas várias e várias vezes. Se eu tinha aprendido *uma* coisa ao longo de todos esses anos que me parecia relevante ao extremo em nossa época, transbordante de mediocridade, era o seguinte:

Não pense que você é alguém.

Não pense de jeito nenhum que você é alguém.

Porque você não é. Você é apenas um bosta medíocre e cheio de si.

Não pense que você é alguém, não pense que você é importante, porque você não é. Você é apenas um bosta.

Então baixe a cabeça e comece a trabalhar, seu bosta! Assim de repente você consegue tirar alguma coisa disso tudo. Cale a boca, baixe a cabeça, trabalhe e lembre que você não vale merda nenhuma.

Essa era mais ou menos a lição que eu tinha aprendido.

Esse era o resumo da minha experiência.

E que o diabo me carregue se não era a única coisa verdadeira que alguma vez eu tinha pensado.

Esse era um dos lados da história. O outro era que eu passava bem mais tempo do que o normal tentando fazer com que as pessoas gostassem de mim, e tinha sido assim sempre, desde que eu era pequeno. O que as outras pessoas pensavam a meu respeito tinha para mim um peso enorme desde os meus sete anos. Quando os jornais demonstravam interesse pelo que eu fazia e pela minha personalidade, por um lado era um sinal de que gostavam de mim, e portanto algo que uma parte de mim fazia com grande entusiasmo e alegria, mas por outro lado a situação também se tornava um problema quase insolúvel, porque não havia mais como controlar o que as outras pessoas pensavam a meu respeito, pelo simples motivo de que eu já não as conhecia, já não podia mais vê-las. Assim, todas as vezes que eu tinha dado uma entrevista e na entrevista havia alguma coisa que eu não tinha dito, ou uma coisa que eu tinha dito, mas apresentada de outra forma, eu movia o céu e a terra para mudar aquilo. Quando não funcionava, minha autoimagem queimava de vergonha. Que mesmo assim eu tivesse concordado em me sentar frente a frente com um jornalista num lugar qualquer só podia significar que a vontade de ser bajulado era maior do que o medo de parecer um idiota e também do que o meu ideal de qualidade, e além do mais eu sabia que era importante para a divulgação do livro. Quando escrevi *En tid for alt* eu disse para Geir Gulliksen que eu não queria dar entrevistas, mas depois de conversar com ele eu decidi que o melhor seria aceitar os convites, essa era a influência que muitas vezes ele tinha sobre mim, e justifiquei a nova resolução dizendo a mim mesmo

que era o mínimo que eu devia para a editora. Mas não deu certo: eu era um escritor, não um vendedor ou uma puta.

Tudo isso se misturava numa única mixórdia. Muitas vezes eu reclamava de ser retratado como um idiota nos jornais, mas a culpa era minha e de ninguém mais, porque a maneira como retratavam outros autores, como por exemplo Kjartan Fløgstad, nunca os fazia parecer idiotas. Fløgstad era um homem íntegro, que se erguia como uma montanha independente do que acontecesse ao redor, e devia, segundo eu acreditava, pertencer àquela raça cada vez mais rara de pessoas completas.

E além do mais ele não falava a respeito de si.

Mas o que eu tinha acabado de fazer senão falar a meu respeito e nada mais?

Entreguei o bilhete para o homem negro do outro lado do guichê, ele o carimbou com força e o empurrou de volta sem nenhuma expressão no olhar, e eu mais uma vez peguei a escada rolante até a plataforma do metrô, atravessei o túnel e cheguei à pequena plataforma, onde, depois de constatar que o trem seguinte chegaria em sete minutos, me sentei num banco.

No fim do outono em que *Ute av verden* foi publicado, a TV2 quis fazer uma entrevista comigo. Me buscaram em casa e fomos até o Hurtigruten, onde seria a entrevista, e no caminho até lá, mais ou menos na altura do Centro de Tecnologia, quase no final do Nygårdsparken, o jornalista se virou e perguntou quem eu era.

— Quem é você, afinal? — ele perguntou.

— Como assim? — eu perguntei.

— Ora, o Erik Fosnes Hansen é o sábio, o conservador, o menino prodígio. O Roy Jacobsen é o autor do Partido dos Trabalhadores. A Vigdis Hjort é a autora bêbada e cheia de tesão. E você? Eu não sei nada a seu respeito.

Dei de ombros. Na rua o sol brilhava sobre a neve.

— Não sei — eu disse. — Eu sou apenas um cara normal.

— Ora, vamos lá! Você tem que me dizer alguma coisa. Alguma coisa que você tenha feito, por exemplo?

— Trabalhei um pouco aqui e ali. Estudei um pouco. Sabe como é...

O jornalista tornou a se virar no assento. Mais tarde resolveu o problema ao mostrar em vez de contar: no final da nossa entrevista, juntou uma porção de pausas e hesitações, que serviam para representar a minha personalidade, e concluiu com a seguinte frase: “Ibsen disse que o mais forte é aquele que está sozinho. Eu acho que ele estava errado”.

Ainda sentado no banco, levantei a mão no ar e suspirei quando surgiram as lembranças do que eu tinha dito.

Como eu podia ter falado coisas como aquelas?

Por acaso eu acreditava naquilo?

Sim, eu acreditava. Mas eram os pensamentos da minha mãe que eu externava, era ela que se ocupava com as relações entre as pessoas, que achava que somente nessa esfera se encontrava o valor, não eu. Ou melhor, na época era eu, na época eu acreditava nessas coisas. Mas não devido a qualquer tipo de experiência pessoal, era apenas uma das coisas que era como era.

Ibsen estava certo. Tudo ao meu redor confirmava o que ele havia dito. As relações existiam para erradicar a individualidade, amarrar a liberdade, prender as coisas que desejavam seguir adiante. Nada deixava a minha mãe tão brava quanto discutir o conceito de liberdade comigo. Quando eu dizia o que pensava, ela bufava e dizia que aquilo era puro americanismo, que era uma opinião sem nenhum conteúdo, vazia e hipócrita. Existimos para os outros. Mas era esse pensamento que havia criado a existência sistematizada em que vivíamos, onde o imprevisível tinha sido totalmente afastado e podíamos ir do jardim de infância para a escola e depois para a universidade e depois para a vida profissional como se tudo não passasse de um túnel, convencidos de que todas as escolhas feitas tinham sido livres, enquanto na verdade tínhamos sido peneirados como grãos de areia desde o primeiro dia na escola; uns eram mandados para a vida profissional

prática, outros para a teórica, uns para o topo, outros para o fundo, tudo enquanto aprendíamos que as pessoas eram todas iguais. Era o pensamento que tinha nos levado, ou ao menos levado as pessoas da minha geração, a *esperar* coisas da vida, a viver na certeza de que podíamos fazer reivindicações e deitar a culpa nas mais variadas situações, desde que não incluíssem nós mesmos, quando as coisas não saíam conforme o planejado. A ficar furioso com o governo quando o tsunami vinha e não recebíamos auxílio imediato. Quão patético era isso? Ficar amargurado quando você não conseguia a posição que merecia. E esse era o pensamento que fazia com que a queda deixasse de ser uma possibilidade, a não ser para os mais fracos de todos, afinal o dinheiro nunca faltava, e a existência pura, aquela em que você fica frente a frente com uma necessidade ou um perigo que ameaça a vida, tinha sido completamente afastada. Era esse pensamento que tinha criado uma cultura acomodada e cheia de si, em que uma imensa mediocridade provoca estardalhaço com pensamentos baratos e faz com que escritores como Lars Saabye Christensen ou qualquer outro sejam idolatrados como se o próprio Virgílio estivesse no sofá decidindo se o melhor é escrever com caneta, na máquina de escrever ou no computador, e também em que parte do dia se deve escrever. Eu detestava isso, não queria saber dessas coisas, mas quem mesmo estava sentado falando com jornalistas sobre como escrevia os próprios livros medíocres, como se fosse um gigante da literatura, um gigante da palavra, senão eu mesmo?

Como alguém pode receber aplausos quando sabe que aquilo que fez não é bom o suficiente?

Eu tinha uma única chance. Seria necessário cortar todas as relações com o mundo cultural bajulador e corrupto, onde todos, onde cada merdinha insignificante estava à venda, cortar todas as relações com o mundo vazio da televisão e dos jornais, me enfiar em um quatinho e começar a fazer leituras sérias, não literatura contemporânea, mas literatura da mais alta qualidade, para então escrever como se disso a

minha vida dependesse. De bom grado durante vinte anos, se fosse necessário.

Mas era um risco que eu não podia correr. Eu tinha uma família, tinha assumido o compromisso de estar presente. Eu tinha amigos. E eu tinha uma fraqueza de caráter que me levava a dizer sim sim quando na verdade eu queria dizer não não, eu tinha um medo tão grande de magoar as outras pessoas, um medo tão grande de conflitos, um medo tão grande de que não gostassem de mim, que acabava abandonando todos os meus princípios, todos os meus sonhos, todas as minhas chances com gosto de liberdade apenas para evitar essas situações.

Eu era uma puta. Era a única palavra adequada.

Quando meia hora mais tarde cheguei em casa, ouvi vozes na sala. Enfiei a cabeça para dentro e vi que Mikaela estava lá. As duas estavam encolhidas no sofá, cada uma com uma xícara de chá na mão. Na mesa em frente às duas estava um candelabro com três velas acesas, uma bandeja com três queijos e uma cesta com biscoitos variados.

— Oi, Karl Ove! Como foi a entrevista? — Linda perguntou.

As duas me olharam sorrindo.

— Normal — respondi enquanto dava de ombros. — Nada de especial, acho eu.

— Você não quer uma xícara de chá e um pouco de queijo?

— Não, obrigado.

Tirei o cachecol ainda de pé, guardei-o no armário com a jaqueta, soltei os cadarços dos sapatos e coloquei-os na prateleira junto à parede. O chão estava cinza de areia e de pedrinhas. Eu devia me sentar um pouco com as duas para não parecer inamistoso, pensei, e então entrei na sala.

Mikaela estava falando sobre uma reunião que tinha tido com Leif Pagrotsky, o ministro da Cultura. Contou que era um homenzinho minúsculo e estava sentado num sofá grande, com uma almofada enorme no colo, que ele abraçava e chegava a morder, de acordo com o relato. Mas ela tinha um respeito enorme pelo ministro, ele era um homem muito

sagaz e tinha uma capacidade de trabalho enorme. Eu não sabia direito quais eram as qualificações de Mikaela, uma vez que eu sempre a tinha encontrado em situações como essa, mas independente de quais fossem, pareciam servir muito bem a ela, que ainda no início dos trinta pulava de um cargo importante para o outro. Como muitas outras garotas que eu tinha conhecido, Mikaela era muito próxima do pai, que tinha algum tipo de relação com a literatura. A relação com a mãe, uma mulher exigente que morava sozinha num apartamento em Gotemburgo, era um pouco mais complicada, a dizer pelo que eu tinha entendido. Mikaela trocava com frequência de namorado, e por mais diferentes que fossem entre si, todos tinham uma coisa em comum: ela estava sempre na posição superior. De tudo o que ela tinha dito ao longo dos três anos desde que havíamos nos conhecido, havia uma história particularmente marcante. Estávamos no bar da Folkoperan e Mikaela nos contou um sonho que tinha tido. Ela estava em uma festa e tinha saído sem calças, nua da cintura para baixo, portanto mais ou menos como o Pato Donald. Estava se sentindo meio constrangida, disse, mas isso não era tudo, havia também algo de sedutor naquela situação, então de repente ela se deitou em cima de uma mesa com a bunda empinada. O que achávamos que esse sonho poderia significar?

He-ein, o que poderia significar?

Quando Mikaela contou a história eu achei que não podia ser verdade, ou então que as outras pessoas na mesa sabiam alguma coisa que eu não sabia, afinal ela não podia querer que todos soubessem o que o sonho dizia a respeito dela. Esses arroubos de ingenuidade que surgiam de repente na maneira de ser dela, sofisticada em todos os outros aspectos, fizeram com que desde então eu a visse com simpatia e admiração. Talvez a intenção fosse essa? De um jeito ou de outro, ela tinha Linda em alta conta e volta e meia procurava-a em busca de conselhos, porque tinha a mesma confiança que eu no gosto e na intuição certa de Linda. Que às vezes pudesse tornar-se um pouco centrada em si mesma nessas ocasiões era pouco

estranho e parecia ainda menos imperdoável, e além do mais o que tinha a dizer sobre a vida nos corredores do poder era sempre interessante, ao menos para mim, que vivia tão afastado de tudo aquilo. Se invertêssemos a perspectiva e víssemos tudo pelo lado de Mikaela, ela estava visitando uma amiga próxima mas frágil e o marido taciturno, então o que mais haveria de fazer senão tomar a iniciativa e encher aquela pequena família com a alegria e a força que trazia dentro de si? Ela era a madrinha de Vanja e tinha estado na nossa casa durante o batizado, quando causou uma boa impressão também na minha mãe, que às vezes ainda perguntava por ela. Mikaela tinha demonstrado interesse pelos assuntos da minha mãe e tinha ajudado a lavar a louça quando a festa chegou ao fim, e assim demonstrado uma compreensão pelo que estava acontecendo de uma forma que Linda nunca tinha feito, com todo o tipo de atrito que esse comportamento podia causar entre Linda e a minha mãe. É para situações como essa que temos formas, elas nos ajudam a nos manter próximos, são em si mesmas os símbolos da amizade ou da boa vontade, e desde que estejam presentes surge uma grande tolerância para as divergências pessoais e para as idiossincrasias, um detalhe que infelizmente as pessoas idiossincráticas nunca compreendem, já que a incompreensão desses fenômenos é a própria essência da idiossincrasia. Linda não queria servir, ela queria ser servida, e a consequência era que não a serviam. Ao passo que Mikaela servia, e assim era servida. Era muito simples. Que a minha mãe tenha se encantado foi para mim uma punhalada no coração, entre outras coisas porque Linda tinha um outro tipo de riqueza e de imprevisibilidade na essência dela. Precipícios repentinos, rajadas inesperadas, enormes muralhas de resistência. Fazer com que as coisas deem certo, empenhar esforços para alcançar a ausência de resistência, eis o oposto da essência da arte, o oposto da sabedoria, que se baseia em parar ou ser parado. Então a questão passa a ser o que escolhemos, o movimento, próximo da vida, ou um lugar além do movimento, onde se encontra a arte, mas também, de certa forma, a morte?

— Mas vou querer um pouco de chá.

— É chá de ervas — Linda me avisou. — Acho que você não vai querer. Mas a água com certeza ainda está quente.

— Não, deixe pra lá — eu disse e fui até a cozinha. Enquanto a água esquentava, peguei uma caneta na mão, sentei-me numa cadeira em frente à geladeira e comecei a marcar todas as garrafas. Apenas uma marquinha pequena no rótulo, tão pequena que era preciso saber que estava lá para vê-la.

Eu estava me comportando como o pai de um adolescente e me senti um tanto idiota fazendo aquilo, mas ao mesmo tempo não me ocorria nenhuma outra ideia. Eu não queria que a pessoa que estava cuidando da minha filha, e que além de mim e de Linda era quem tinha o relacionamento mais próximo com Vanja, bebesse destilados enquanto ficava com ela.

Depois larguei um saquinho de chá na xícara e virei a água por cima. Olhei para o Nalen, onde os cozinheiros lavavam o chão e a máquina de lavar louça soltava vapor. Pelos barulhos que vinham da sala entendi que Mikaela estava indo para casa. Apareci no corredor e dei tchau para ela. Depois me sentei em frente ao PC, abri a internet, conferi meus e-mails, não tinha nada, li umas notícias e fiz uma busca pelo meu nome no Google. Havia pouco mais de vinte e nove mil resultados. O número aumentava e diminuía como uma espécie de índice. Naveguei um pouco e cliquei. Evitei as entrevistas e as resenhas, conferi uns blogs. Num deles estava escrito que o meu livro não servia nem ao menos para limpar o cu. Seguindo um outro link acabei nas páginas de uma pequena editora ou de um pequeno periódico. Meu nome aparecia numa legenda debaixo de uma foto de Ole Robert Sunde, que falava para todos que quisessem ouvir o quanto o último livro de Knausgård era ruim. Depois encontrei os documentos de um litígio entre vizinhos em que um parente meu parecia ter se envolvido. Dizia respeito à parede de uma garagem que era curta demais ou longa demais.

— O que você está fazendo? — Linda perguntou atrás de mim.

— Procurando o meu nome no Google. É uma caixa de Pandora. Você não acreditaria no que as pessoas se prestam a escrever.

— Você sabe que não deve fazer isso — ela disse. — Venha sentar um pouco aqui comigo.

— Já vou — eu disse. — Só vou conferir mais uma ou duas coisas primeiro.

* * *

Na manhã seguinte fui para o escritório depois que Ingrid apareceu para buscar Vanja às oito horas. Fiquei escrevendo a minha palestra até as três e estava de volta em casa às três e meia. Linda estava na banheira, ela ia sair para jantar com Christina mais tarde. Entrei na cozinha e conferi as garrafas. Duas estavam vazias.

Entre no banheiro onde Linda estava e me sentei na tampa do vaso.

— Oi! — ela me cumprimentou com um sorriso. — Comprei uma bomba efervescente para mim hoje.

A banheira estava cheia de espuma. Quando Linda ergueu o braço para se ajeitar em uma posição um pouco mais vertical, uma tira de espuma ficou pendurada.

— Escute — eu disse. — Tem uma coisa que eu preciso falar com você.

— É mesmo?

— É sobre a sua mãe. Lembra que eu tinha comentado que as garrafas tinham se esvaziado de repente nesses últimos tempos?

Linda acenou a cabeça.

— Ontem eu marquei as garrafas. Para que eu pudesse ver. E alguém bebeu de ontem para hoje. Se não foi você, só pode ter sido a sua mãe.

— A minha mãe?

— É. Ela bebe quando fica aqui com a Vanja. Veio bebendo a semana inteira, e não há razão para achar que tenha começado justamente agora.

— Você tem certeza?

— Tenho. Certeza absoluta.

— O que vamos fazer?

— Dizer para ela que sabemos o que está acontecendo. E que é uma situação insustentável para nós.

— Claro.

Linda ficou em silêncio.

— Quando elas voltam? — perguntei depois de um tempo.

Linda me encarou.

— Às cinco — disse.

— O que você sugere? — perguntei.

— Temos que falar com ela. Simplesmente dar um ultimato. Se ela beber mais uma vez, não vai mais ficar sozinha com a Vanja.

— Concordo — eu disse.

— Com certeza vem acontecendo há muitos anos — Linda desabafou, como que afundando em si mesma. — Isso explicaria um bocado de coisas. A minha mãe tem andado muito nervosa, é quase impossível se comunicar com ela.

Eu me levantei.

— Não temos certeza — eu disse. — Pode ser que tenha a ver com ela e com Vidar, ela pode estar se sentindo presa. E infeliz.

— Mas as pessoas não começam a beber porque são infelizes depois dos sessenta anos — Linda protestou. — Deve ter sido um método. Deve ter começado muito tempo atrás.

— Elas vão chegar daqui a meia hora — eu disse. — Você acha que devemos deixar quieto e retomar o assunto mais tarde ou falar tudo agora? Nos livramos disso?

— Não vejo por que esperar — ela disse. — Mas como vamos dizer? Eu não posso fazer isso sozinha. Ela vai simplesmente negar e tentar de um jeito ou de outro mudar o foco da conversa para mim. Vamos tratar juntos desse assunto?

— Como em uma reunião de família?

Linda deu de ombros e estendeu os braços na banheira cheia de espuma.

— *Eu* é que não sei — ela disse.

— Vai ser bem complicado. E assim vamos ser dois contra um. Vai parecer uma acusação no tribunal. Deixe comigo. Eu a levo para dar uma volta e falo com ela.

— Você quer mesmo fazer isso?

— Se eu *quero*? É a última coisa que quero fazer no mundo! Ela é a minha sogra, puta que pariu. Tudo o que eu quero é um pouco de decência e dignidade e paz e sossego.

— Fico contente de saber que você pode se encarregar disso — ela disse.

— Você parece estar bem calma — eu comentei.

— É praticamente a única situação em que fico calma, quando acontece um imprevisto, surge uma crise ou coisa parecida. É uma reminiscência da minha infância. Na época essa era a situação normal. Eu estou acostumada. Mas também estou puta da cara, se você quer saber. Somos nós que precisamos dela agora. Ela tem que ser alguém para os nossos filhos. Eles praticamente não têm família. A minha mãe não pode falhar justo agora. Não pode, nem que eu mesma tenha que cuidar de tudo.

— Filhos? — perguntei. — Por acaso você está sabendo de alguma coisa que eu ainda não sei?

Linda sorriu e balançou a cabeça.

— Não. Mas talvez seja um pressentimento.

Saí do banheiro, fechei a porta e me postei em frente à janela da sala. Escutei a água descendo pelo ralo, olhei para a tocha que bruxuleava ao vento em frente ao café no outro lado da estreita rua e para os vultos escuros de rosto branco, quase como máscaras, que passavam a todo instante. No andar de cima o vizinho começou a tocar guitarra. Linda saiu no corredor com uma toalha vermelha enrolada como um turbante na

cabeça e desapareceu por trás da porta do armário. Fui conferir os meus e-mails. Uma mensagem de Tore, uma de Gina Winje. Comecei a escrever uma resposta para ela, mas em seguida apaguei tudo. Fui até a cozinha e liguei a cafeteira, tomei um copo d'água. Linda estava se maquiando em frente ao espelho do corredor.

— Que horas a Christina ficou de passar aqui? — perguntei.

— Às seis. Mas já vou me aprontar agora, que estamos sozinhos. Como foi o seu dia hoje, aliás? Conseguiu trabalhar?

— Um pouco. Vou terminar amanhã de noite e na sexta-feira.

— Você viaja no sábado? — ela perguntou erguendo o rosto para trás e passando a pequena escova nos cílios.

— Viajo.

Ouvi o barulho do elevador no corredor. Não havia muitas pessoas morando no prédio, então a chance de que fossem Ingrid e Vanja era grande. Sim. A cabine parou, a porta se abriu no corredor do outro lado da porta e pouco depois vieram os ruídos de alguém às voltas com um carrinho.

Ingrid abriu a porta e entrou no corredor, que no mesmo instante se encheu com aquela presença enérgica e nervosa.

— A Vanja dormiu no caminho — ela disse. — A pobrezinha estava muito cansada. Mas ela fez um monte de coisas hoje! Estivemos no Junibacken, eu comprei um passe anual, depois posso dar para vocês... assim vocês podem entrar grátis no museu o ano inteiro...

Ela largou uma das várias sacolas que estava carregando, tirou uma carteira da jaqueta e pegou um cartão amarelo, e então o alcançou para Linda.

— Também compramos um macacão novo, exatamente igual ao velho, que ficou pequeno... Espero que não tenha nenhum problema?

Ela olhou para mim e eu balancei a cabeça.

— E um par de luvas novas para aproveitar.

Ingrid remexeu as sacolas e tirou um par de luvas vermelhas de uma delas.

— Elas têm presilhas que se fixam na manga. E são grandes e boas e quentes.

Ingrid olhou para Linda.

— Você está de saída? Ah, claro, hoje à noite você vai sair com a Christina! Em seguida ela me olhou. — E você e o Geir não vão inventar nada? Bem, não quero incomodar vocês. Estou indo agora mesmo.

Ela se virou em direção a Vanja, que estava no carrinho logo atrás com a touca cobrindo os olhos.

— Com certeza ela ainda vai dormir mais uma hora. Aliás, ela não dormiu muito hoje de manhã. Vocês querem que eu a leve para o quarto?

— Pode deixar comigo — eu disse. — Você está indo para Gnesta agora?

Ingrid me lançou um olhar desconfiado.

— Não. Eu vou para o teatro com Barbro. Pensei em pegar o seu escritório emprestado por mais uma noite. Achei que... Eu já tinha avisado a Linda. Você estava pensando em usá-lo?

— Não, não — respondi. — Simplesmente perguntei. Eu queria falar com você, sabe? Tem uma coisa que eu preciso dizer.

Os grandes olhos por trás dos óculos grossos me olharam curiosos e um pouco tensos.

— Você acha que podemos dar uma volta juntos agora? — eu disse.

— Claro — ela respondeu.

— Então vamos. Não vai demorar muito.

Afrouxei as porcas dos parafusos que seguravam a porta dupla no lugar, soltei o pino que a prendia ao chão, abri-a e empurrei o carrinho lá para dentro. Enquanto eu fazia isso, Ingrid foi até a cozinha tomar um copo d'água. Enquanto eu terminava de me vestir ela ficou me esperando a alguns metros de distância, ocupada com os próprios pensamentos. Linda tinha entrado na sala.

— Vocês não vão se separar? — ela perguntou assim que fechei a porta atrás de nós. — Não me diga que vocês vão se separar...?

Ingrid tinha o rosto totalmente pálido nesse instante.

— Não. Não vamos nos separar. O que tenho para falar com você é outra coisa.

— Ah, já fico mais aliviada.

Saímos pelo quintal, atravessamos o portão e começamos a andar pela David Bagares Gata, por onde seguimos até a Malmskillnadsgatan. Eu não disse nada, não sabia como dizer aquilo, não sabia como começar. Ingrid também não disse nada, simplesmente olhou para mim por duas ou três vezes com uma expressão curiosa ou surpresa.

— Eu não sei direito como falar a respeito disso — comecei assim que chegamos ao cruzamento e seguimos em direção à Johanneskirken.

Fez-se uma pausa.

— Mas acontece que... Ah, acho que o melhor é dizer de uma vez. Eu sei que você está bebendo destilados enquanto cuida da Vanja. E que você bebeu ontem. E... bem, simplesmente não tem como aceitar uma coisa dessas. Não tem como. Você não pode fazer isso.

Ingrid me olhava com atenção enquanto caminhávamos.

— Não é que eu queira controlar você, de forma alguma — continuei.

— No que me diz respeito você pode fazer o que bem entender, claro. Mas não enquanto cuida da Vanja. Nesse caso eu sou obrigado a estabelecer limites. Não tem como. Você entende?

— Não — ela disse. — Não sei do que você está falando. Nunca bebi enquanto eu cuidava da Vanja. Nunca. E a ideia tampouco me ocorreria. De onde você tirou essa história?

Tudo desabou dentro de mim. Como sempre, quando eu me via numa situação dilacerante em que muita coisa estava em jogo, uma situação dilacerante em que eu ia mais longe ou me via obrigado a ir mais longe do que gostaria, eu via tudo ao meu redor, e inclusive a mim mesmo, com uma clareza especial, quase suprarrealista. O telhado de metal verde na

torre da igreja que deixávamos para trás, um carro azul que passou reluzindo do outro lado da rua. Meu próprio andar cabisbaixo, o andar mais enérgico de Ingrid ao meu lado. A maneira como olhou para mim. Surpresa, com a sombra discreta, quase imperceptível de uma reprimenda.

— Eu descobri que tinha cada vez menos bebida nas garrafas. Para ter certeza eu as marquei ontem. Quando voltei para casa, vi que alguém tinha bebido. Eu não bebi. As únicas outras pessoas que estiveram aqui hoje foram você e a Linda. E eu sei que não foi a Linda. Então só pode ter sido você. Não existe outra explicação.

— Deve existir — Ingrid protestou. — Porque não fui eu. Me desculpe, Karl Ove, mas eu não bebi destilado nenhum.

— Escute aqui — eu disse. — Você é a minha sogra. Eu desejo tudo de bom para você. Não desejo nada disso que está acontecendo. De jeito nenhum. A última coisa que eu quero é acusar você do que quer que seja. Mas o que mais posso fazer, quando eu *sei* o que está acontecendo?

— Mas você não tem como saber — ela disse. — Não fui eu.

Comecei a sentir dor de barriga. Em que tipo de inferno eu tinha ido parar?

— Ingrid — eu disse. — Entenda que tudo o que você disser vai ter consequências. Você é uma vó incrível. Você faz mais pela Vanja e significa mais para a Vanja do que qualquer outra pessoa. Você não tem ideia do quanto isso me deixa feliz. E eu quero que continue sendo assim. Não temos muitas pessoas ao nosso redor, como você sabe. Mas se você não quiser reconhecer o que está acontecendo, não vamos mais poder confiar em você. Você entende? Ninguém está dizendo que você não vai mais ver a Vanja. É claro que você poderia vê-la independente de qualquer outra coisa. Mas se você não quiser reconhecer o que está acontecendo e não quiser prometer que nunca mais vai acontecer, você não vai mais poder ficar sozinha com ela. Você nunca mais vai poder ficar sozinha com ela. Entende o que eu estou dizendo?

— Entendo. É uma pena. Mas então é assim que vai ser. Não posso reconhecer uma coisa que não fiz. Mesmo que eu tenha vontade. Mas não posso.

— Tudo bem — eu disse. — Vamos parar por aqui. Sugiro que a gente deixe o assunto de lado por um tempo, depois podemos voltar a conversar para ver como vamos fazer.

— Podemos, sim — ela disse. — Mas fique sabendo que nada vai mudar.

— Certo — eu respondi.

Descemos a escada em frente à escola francesa e seguimos pela Döbelns Gatan até Johannesplan, seguimos mais um pouco ao longo da Malmskillnadsgatan e descemos a David Bagares Gata sem dizer uma palavra. Eu, cabisbaixo e com passos largos, Ingrid, praticamente correndo ao meu lado. Não era para ter sido daquela forma, ela era minha sogra, não havia nenhuma razão no mundo para que eu quisesse corrigi-la ou puni-la, a não ser aquela. Parecia indigno. E ainda mais indigno depois que ela havia negado tudo.

Enfiei a chave na fechadura e abri a porta para Ingrid. Ela sorriu e entrou.

Como podia encarar aquilo com tanta calma e responder com tanta convicção?

Será que era Linda, no final das contas?

Não, puta que pariu.

Será então que eu tinha me enganado? Será que eu tinha feito as marcas no lugar errado?

Não.

Será mesmo?

Na praça, a cabeleireira vestida de branco estava fumando. Eu a cumprimentei, ela sorriu para mim. Ingrid parou em frente à porta de entrada, eu a destranquei.

— Já estou de saída — ela disse enquanto subíamos os degraus. — Mais tarde podemos conversar sobre o que aconteceu, como você sugeriu. De repente você consegue descobrir o que aconteceu até lá.

Ela pegou a bolsa e duas sacolas e abriu um sorriso como sempre fazia ao se despedir, mas não me abraçou.

Linda apareceu no corredor depois que ela tinha ido embora.

— E então, como foi? O que ela disse?

— Ela disse que nunca bebeu enquanto cuidava da Vanja. Nem hoje, tampouco. E que não entende como os nossos destilados podem ter sumido da geladeira.

— Se ela for alcoólatra, é normal que negue tudo. É o que se espera.

— Pode ser — eu disse. — Mas o que vamos fazer agora? Ela simplesmente insiste em dizer não, não fui eu. Eu digo, foi, você sabe que foi, e ela diz não, não foi. Eu não tenho como *provar*. Não temos uma câmera na cozinha.

— Mas, para nós dois, nada disso interessa. Se ela quer fazer teatro, vai ter que arcar com as consequências.

— Que consequências?

— Você sabe. Ela não vai mais poder ficar sozinha com a Vanja.

— Que merda! — esbravejei. — Puta que pariu! Acabo de dar um passeio com a minha sogra para dizer na cara dela que está bebendo às escondidas. Que tipo de história é essa?

— Eu estou feliz pelo que você fez. Ela vai acabar confessando.

— Acho que não.

Como a vida cria novas raízes depressa! Como o tempo passa depressa entre o momento em que somos estranhos a um determinado lugar e o momento em que esse mesmo lugar nos traga! Três anos antes eu morava e vivia em Bergen, onde eu não sabia nada a respeito de Estocolmo, não conhecia ninguém em Estocolmo. Então viajei para Estocolmo, uma

cidade desconhecida, habitada por estranhos, e aos poucos, dia após dia, mas de maneira completamente imperceptível, comecei a entremear minha vida com a deles até que se tornassem inseparáveis. Se eu tivesse ido para Londres, o que podia muito bem ter acontecido, a mesma coisa aconteceria por lá, apenas com outras pessoas. Tudo parecia muito fortuito e ao mesmo tempo repleto de predestinação.

Ingrid ligou para Linda no dia seguinte e confessou tudo. Disse que não achava que fosse grave, mas como achávamos que era, ela tomaria as providências necessárias para que nunca mais parecesse um problema para ninguém. Já tinha marcado uma hora com um especialista em alcoolismo e tinha decidido investir mais tempo em si mesma e nas próprias necessidades, pois achava que parte do problema se devia a toda pressão que tinha em cima de si.

Linda estava muito abatida depois da conversa porque, segundo disse, a mãe dela parecia tão entusiasmada e tão otimista que não havia como estabelecer contato com ela, era como se tivesse perdido o contato com a realidade e estivesse vivendo num mundo futuro de leveza e despreocupação.

— Eu *não consigo* falar com ela! Não consigo estabelecer *nenhum tipo* de contato. Tudo não passa de papo furado e palavras vazias e comentários sobre como as coisas são incríveis e assim por diante. Você, por exemplo, recebeu uma pá de elogios pela maneira como lidou com a situação. Estou ótima e as coisas são absolutamente maravilhosas. Mas estamos ouvindo essas coisas todas *um dia* depois que dissemos a ela que não podia beber enquanto cuidava da Vanja. Karl Ove, eu estou realmente preocupada. É como se ela estivesse sofrendo, mas sem perceber, se é que dá para entender o que estou dizendo. Ela reprime *tudo*. Minha mãe merece uma velhice confortável. Ela não precisa se sentir atormentada e sofrer e beber para esquecer. Mas o que eu posso fazer? Ela não quer ajuda. Não quer nem ao menos admitir que existe um problema com a vida dela.

— Mas você é a filha dela — eu disse. — É claro que ela não quer que você a ajude. Nem admitir que as coisas não estão como deviam. A vida da sua mãe é toda voltada para ajudar os outros. Você, o seu irmão, o pai de vocês, os vizinhos. Se vocês a ajudassem, tudo desabaria.

— Nisso você tem razão. Mas eu quero simplesmente ter contato com ela, você entende?

— Claro.

Cinco dias depois recebi um e-mail com a entrevista do *Aftenposten*. Fiquei simplesmente triste quando li aquilo. Era desanimador. Eu não tinha mais ninguém em quem deitar a culpa a não ser em mim, porém mesmo assim escrevi uma longa resposta para o jornalista, na qual eu tentava aprofundar a minha opinião a respeito do assunto, ou seja, na qual eu tentava conferir um ar de seriedade aos meus pensamentos, o que naturalmente fez com que eu me saísse ainda pior naquela história toda. O jornalista me ligou pouco depois, sugerindo publicar o meu e-mail como um apêndice à entrevista, o que não autorizei, não se tratava disso. A única coisa que me restava a fazer era não comprar o jornal naquele dia e não pensar em como eu pareceria idiota. No fim eu era mesmo idiota, tinha que aceitar aquilo. E junto com a entrevista deveria haver fotografias da vida do entrevistado, mas como eu não tinha nenhuma pedi à minha mãe que me enviasse umas. Como não haviam chegado dentro do prazo e o jornalista tornou a pedi-las, liguei para Yngve, que escaneou algumas das que tinha e as mandou por e-mail para a redação, enquanto as fotografias enviadas pela minha mãe chegaram pelo correio uma semana mais tarde, coladas com todo cuidado a folhas grossas, com legendas detalhadas na caligrafia dela. Percebi o quanto ela estava orgulhosa e o desespero surgiu em mim como se fosse uma muralha. Acima de tudo eu pensava em me esconder no meio de uma floresta qualquer, construir uma cabana e ficar

lá dentro, longe das pessoas, olhando para uma fogueira. Pessoas — quem precisa delas?

“Um jovem sulista com dedos amarelados pelo cigarro e dentes levemente manchados”, escreveu o jornalista, uma frase que ficou marcada em mim.

Mas eu tive o que merecia. Eu mesmo não tinha publicado uma entrevista com Jan Kjærstad muitos anos atrás com o título “O homem sem queixo”? E sem entender a humilhação que aquilo causava...

Ha ha ha!

Não, porra, não havia nada com o que se preocupar. Eu podia recusar todos os convites a partir daquele momento, aguentar os últimos meses em casa com Vanja e depois voltar a trabalhar em abril. Trabalhar de maneira árdua, metódica, em busca de alegria, força e luz. Cuidar de tudo o que eu tinha, esquecido de todo o resto.

Vanja acordou no quarto. Eu a busquei, abracei-a e andei de um lado para o outro durante alguns minutos, até que ela tivesse parado de chorar e estivesse pronta para comer. Aqueci uma batata e umas ervilhas no microondas, amassei tudo com um pouco de manteiga, procurei uma carne qualquer na geladeira, encontrei um pote com dois nuggets de peixe, aqueci-os e servi a refeição na frente dela. Vanja estava com fome, e como eu a via da sala, fui conferir o meu e-mail mais uma vez e respondi dois ou três enquanto escutava os barulhos dela na cozinha a fim de identificar qualquer insatisfação.

— Você comeu tudo! — exclamei ao voltar. Vanja abriu um sorriso satisfeito e jogou o copinho com água no chão. Eu a peguei no colo, ela agarrou a minha barba, enfiou o dedo na boca. Eu ri e a joguei para cima algumas vezes, busquei uma fralda no banheiro e a troquei, coloquei-a no chão à minha frente e fui colocar a fralda usada no lixo debaixo da pia. Quando voltei ela estava cambaleando de pé no meio da sala, balançando o corpo. Então começou a caminhar na minha direção.

— Um! Dois! Três! Quatro! Cinco! Seis! — contei. — É um novo recorde!

Ela percebeu que algo de extraordinário tinha acontecido, porque de repente ficou radiante. Talvez fosse o sentimento maravilhoso de caminhar que a estivesse preenchendo.

Terminei de vesti-la e desci as escadas com ela para buscar o carrinho na casa das bicicletas. Era um dia claro de primavera, mesmo que não tivesse sol. O asfalto estava seco. Mandeí uma mensagem para Linda a respeito da primeira caminhada longa da nossa filha. *Incrível!*, ela respondeu. *Chego às 12h30. Amo vocês!*

Entrei no supermercado da estação de metrô junto a Stureplan, comprei um frango assado, um pé de alface, tomates, um pepino, azeitonas pretas, duas cebolas roxas e uma baguete fresca, passei depressa na Hedengrens no caminho de volta e encontrei um livro sobre a Alemanha nazista, os dois primeiros volumes de *O capital, 1984*, de Orwell, que eu nunca tinha lido, uma coletânea de ensaios do mesmo autor, um livro sobre Céline escrito por Ekerwald e o último romance de Don DeLillo, quando Vanja decidiu que era o suficiente e me vi obrigado a pagar e ir embora. Me arrependi de ter comprado o romance de DeLillo assim que saí da loja, pois mesmo que eu tivesse sido fã dele, e em especial dos romances *The Names* e *White Noise*, não tinha conseguido chegar à metade de *Underworld*, e, como o livro seguinte tinha sido horrível, estava claro para mim que ele estava decaindo. Quase voltei para fazer uma troca, eu tinha visto outros dois ou três livros que pareciam interessantes, como por exemplo o último romance de Esterházy, *Himmelsk harmoni*, sobre o pai dele. Mas eu preferia não ler romances em sueco, aquilo era próximo demais da minha própria língua, ameaçava o tempo inteiro infiltrar-se e destruí-la, então quando o título existia em norueguês eu o lia em norueguês, porque além de tudo eu também lia muito pouco na minha própria língua. E ainda por cima o tempo seria pouco se eu pretendia chegar em casa e esperar Linda com o almoço pronto. E Vanja evidentemente já estava farta de livrarias.

De volta à cozinha preparei uma salada de frango, cortei o pão e arrumei a mesa, tudo enquanto Vanja estava no chão batendo com o martelinho de madeira nas bolinhas de madeira, que assim caíam para o outro lado da madeira e desciam por uma rampa que as levava de volta ao chão.

Ela conseguiu brincar por cinco minutos antes que a russa batesse nos canos. Eu detestava aquele barulho, detestava aquela expectativa, mas daquela vez ele não tinha vindo sem justificativa, aquela martelação podia enlouquecer qualquer um, então tirei os brinquedos de Vanja e a ajeitei na cadeirinha, amarrei o babador e dei para ela uma fatia de pão com manteiga assim que Linda entrou pela porta.

— Oi! — ela disse, e então se aproximou de mim e me abraçou.

— Oi? — respondi.

— Passei na farmácia hoje de manhã — ela disse enquanto me olhava com os olhos brilhando.

— E? — perguntei.

— Comprei um teste de gravidez.

— E? O que você está querendo dizer?

— Vamos ter outro filho, Karl Ove!

— Você está falando sério?

Meus olhos estavam cheios de lágrimas.

Linda acenou a cabeça. Os olhos dela também estavam úmidos.

— Você não imagina como estou feliz — eu disse.

— Eu não consegui falar sobre mais nada na sessão de terapia. Não pensei em mais nada durante o dia inteiro. É uma notícia incrível.

— Você contou que estava grávida na sessão de terapia antes de contar para mim?

— Conte.

— No que você estava pensando? Você acha que o filho é só seu? Você não pode sair por aí contando para outras pessoas antes de contar para mim! O que tem de errado com você?

— Ah, Karl Ove, me desculpe. Nem pensei direito no que eu estava fazendo. Eu simplesmente não cabia dentro de mim. Mas não tive a intenção. Por favor, não deixe isso estragar nossa alegria.

Eu a encarei.

— Tudo bem — eu disse. — Não é tão importante assim. No geral, digo.

À noite acordei com Linda aos prantos. Chorava daquele jeito indefeso como só ela sabe chorar. Toquei-lhe a nuca.

— O que houve, Linda? — perguntei num sussurro. — Por que você está chorando?

Os ombros dela estremeciam.

— O que houve? — repeti.

Ela virou o rosto para me ver.

— Eu só estava sendo responsável! — ela disse. — Só isso.

— Como? — perguntei. — Do que você está falando?

— Hoje de manhã. Eu passei na farmácia e comprei o teste porque estava muito curiosa, não aguentava mais esperar! E quando consegui descobrir estava na hora de ir para a minha terapia! Nem me ocorreu que eu podia simplesmente ter voltado para casa! Eu achei que tinha que ir!

Mais uma vez ela começou a soluçar de tanto choro.

— Eu devia ter vindo para casa e dado a notícia a você! Na mesma hora! Eu não precisava ter ido para a terapia!

Afaguei as costas dela através dos cabelos.

— Amor, não foi nada! — eu disse. — Não tem problema! Eu fiquei meio bravo na hora, mas entendi o que aconteceu. O importante é que estamos esperando um filho, poxa!

Linda me encarou e sorriu por entre as lágrimas.

— Mesmo? — ela perguntou.

Eu a beijei.

Os lábios dela tinham gosto de sal.

No fim de tarde de novembro em que me sentei na sacada do apartamento em Malmö, depois de ter ido à festinha de aniversário com Vanja, tinham se passado quase dois anos. A criança que naquela época mal havia sido concebida não tinha apenas nascido, mas também completado um ano de idade. Resolvemos batizá-la com o nome de Heidi, ela era uma menina alegre e cheia de luz, mais robusta do que a irmã em certos aspectos, e igualmente sensível em outros. Durante o batizado Vanja gritou Não! Não! Não! e a voz dela ecoou por toda a igreja na hora em que o pastor ia aspergir a cabeça da irmã com água, e foi impossível não rir, era como se ela estivesse tendo uma reação física à água benta, como um vampiro ou um demônio. Quando Heidi tinha nove meses nos mudamos para Malmö, quase por impulso; nenhum de nós tinha estado por lá antes, mas fizemos a viagem para olhar um apartamento e decidimos nos mudar depois de cinco horas na cidade. Aquele era o lugar onde haveríamos de morar. O apartamento ficava no último andar de um prédio no meio do centro, era grande, cento e trinta metros quadrados, e como também era alto, estava sempre iluminado, da manhã até o final da tarde. Nada podia ser melhor para nós, a existência em Estocolmo havia se tornado cada vez mais sombria e no fim não vimos outra saída a não ser nos afastar de lá. Isso sem falar na russa louca, que era motivo de um conflito insolúvel, e que continuava a enviar reclamações à firma proprietária do prédio, que por fim resolveu abordar o assunto e nos chamou para uma reunião, sem que desse em nada, pois mesmo que acreditassem em nós, o que no fim aconteceu, não havia nada que pudessem fazer. Resolvemos tomar o assunto nas próprias mãos. Depois de um episódio em que a russa subiu até o nosso andar e eu, com Vanja e Heidi nos braços, tive de pedir que se mantivesse longe de nós, quando ela então disse que tinha um homem em casa e que podia mandá-lo subir para bater em mim, ligamos para a polícia

e a denunciámos por ameaça e assédio moral. Nunca achei que eu chegaria a esse ponto, mas foi o que aconteceu. A polícia não pôde fazer nada, mas isso não era o mais importante, porque mandaram a assistência social para a casa dela, dois funcionários apareceram para analisar a situação em que vivia, e para ela não podia haver humilhação maior. Ah, como me diverti pensando na cena! Mesmo assim, nosso relacionamento como vizinhos não melhorou. E com duas crianças no meio de uma cidade grande, onde as únicas regiões verdes e livres de carros eram os parques, onde as levávamos a passear como se fossem cachorros, a mudança era simplesmente uma questão de como e quando. Linda queria ir morar na Noruega, eu não queria, então ficamos entre duas cidades na Suécia, Gotemburgo e Malmö, mas como para Linda a primeira opção tinha associações negativas porque lá ela tinha interrompido um curso de criação literária pouco depois do início por motivo de doença, o assunto foi logo resolvido: nos mudamos para Malmö porque gostamos da atmosfera da cidade durante as horas em que estivemos por lá. Malmö era aberta, o céu acima da cidade era alto, o mar também ficava perto, havia uma praia comprida a poucos minutos do centro, Copenhague estava a quarenta minutos de distância e a cidade tinha um jeito casual, um jeito de férias, que era totalmente diferente da aura rígida, dura e profissional de Estocolmo. Nossos primeiros meses em Malmö foram incríveis, tomávamos banho de mar todos os dias, nos sentávamos na sacada para comer depois que as meninas iam para a cama, tomados de otimismo, mais próximos do que havíamos estado em qualquer outro momento durante os últimos dois anos. Mas a escuridão também apareceu por lá, e de maneira lenta e imperceptível começou a preencher todos os aspectos da minha vida, a novidade perdeu o brilho, o mundo se afastou e restaram apenas a frustração e o tremor.

Como naquele fim de tarde, quando Linda e Vanja jantavam na cozinha enquanto Heidi dormia um sono febril no berço que ficava em nosso quarto e eu quase sufocava ao pensar na louça que me esperava lá

dentro, nos cômodos que davam a impressão de terem sido metodicamente revirados, como se alguém tivesse despejado tudo que havia nas gavetas e nos armários pelo chão, na sujeira e na areia que cobriam o chão, nas pilhas de roupa suja no banheiro. No “romance” que eu escrevia sem conseguir chegar a lugar nenhum. Nos dois anos que eu tinha investido sem nenhum resultado. Na vida encerrada dentro do apartamento. Nas nossas brigas, que ficavam cada vez mais sérias e cada vez mais difíceis de controlar. Na alegria que tinha desaparecido.

Minha raiva era mesquinha, aparecia por quase nada; quem se importa em saber quem lavou o que em determinada situação quando olha para a vida que deixou para trás, quando faz o balanço da vida? Linda se movimentava entre diferentes estados de espírito, e quando estava no fundo, simplesmente afundava no sofá ou na cama, e aquilo que no início do nosso relacionamento havia despertado em mim um sentimento de cuidado passou a incitar minha raiva: será que eu tinha que fazer *tudo* enquanto ela ficava simplesmente deitada de mau humor? Até podia, mas não incondicionalmente. Eu fazia tudo e assim ganhava o direito de parecer irritado e grosseiro, irônico, sarcástico, às vezes furioso. Essa desalegria se espalhou dentro de mim e atingiu o cerne da nossa vida. Linda dizia que tudo o que queria da vida era que fôssemos uma família feliz. Era tudo o que ela queria, tudo aquilo com o que sonhava, que fôssemos uma família feliz e contente. Tudo com o que eu sonhava era que ela fizesse tantos serviços domésticos quanto eu. Ela dizia que também fazia, e assim acabávamos nós dois, com nossas queixas, nossa raiva e nossos anseios no meio da vida, que era a nossa vida, e não a de outras pessoas.

Como era possível jogar a vida fora bufando por conta de afazeres domésticos? Como era *possível*?

Eu queria ter o maior tempo possível para mim, com a menor quantidade possível de perturbações. Eu queria que Linda, que já estava em casa com Heidi, também se ocupasse do que dizia respeito a Vanja,

para que assim eu pudesse trabalhar. Mas ela não queria. Ou talvez quisesse, mas nesse caso não conseguia. Todos os nossos conflitos e todas as nossas brigas diziam respeito de uma forma ou de outra a essa dinâmica. Se eu não conseguisse escrever por causa de Linda e das exigências dela eu acabaria por deixá-la, era simples assim. E de um jeito ou de outro ela sabia disso. Ela testava os meus limites dependendo do que precisasse na vida, mas nunca fez com que eu estourasse. Mesmo assim, cheguei muito perto. Eu me vingava dando tudo o que ela precisava, ou seja, eu cuidava das crianças, limpava o chão, lavava as roupas, fazia as compras, preparava o jantar e ganhava todo o dinheiro da casa, para que ela não pudesse ter nenhuma reclamação concreta a fazer no que dizia respeito ao meu papel na família. A única coisa que eu não dava, e que era a única coisa que ela desejava, era o meu amor. Era assim que eu me vingava. Eu observava com absoluta frieza a maneira como Linda aos poucos ia ficando mais e mais desesperada, até que por fim não aguentasse mais e começasse a gritar de raiva, frustração e anseio. Qual é o problema?, eu perguntava então. Você acha que eu não faço o bastante? Você diz que está exausta. Mas eu posso cuidar das crianças amanhã. Posso deixar Vanja na creche e depois sair a passear com Heidi enquanto você dorme e descansa. Depois posso buscar Vanja na creche e cuidar das duas no fim da tarde. Fica bom assim, não? Você pode descansar, já que está exausta. Como último recurso, quando os argumentos acabavam, Linda às vezes jogava e quebrava coisas. Um copo, um prato, o que estivesse ao alcance. Era Linda quem devia fazer tudo isso por mim, para que eu pudesse trabalhar, mas ela não fazia. E como para ela o cerne da questão não era esse, não era que fizesse demais, mas pelo contrário, era o fato de que não existia amor, apenas ódio, amargura, frustração e raiva no homem que amava, uma impressão que no entanto ela não encontrava maneira de formular, a melhor forma de me vingar era tratá-la de maneira literal. Ah, como eu me regalava quando ela caía na armadilha e eu podia satisfazer todas as exigências dela! Depois dos acessos de raiva que inevitavelmente surgiam, depois que nos deitávamos, muitas

vezes ela começava a chorar e queria fazer as pazes. Assim eu tinha mais uma possibilidade de incrementar minha vingança, porque eu não queria.

Mas viver naquela situação era impossível, e tampouco era algo que eu desejasse, então quando a raiva, que era dura e irreconciliável, se dissipava, deixando para trás apenas um dilaceramento da alma, como se tudo o que fosse meu estivesse se despedaçando, nós dois fazíamos as pazes, nos aproximávamos, vivíamos como em outra época tínhamos vivido de maneira contínua. Depois todo o processo começava mais uma vez, era um ciclo, como tudo na natureza.

Apaguei o cigarro, bebi o último gole do refrigerante choco e me levantei, escorei o corpo na balaustrada e olhei para o céu, onde uma luz pairava imóvel em algum lugar além da cidade, baixa demais para ser uma estrela, silenciosa demais para ser um avião.

O que seria?

Continuei a observá-la por vários minutos. De repente deu uma guinada à esquerda, e compreendi que era um avião. Estava imóvel porque voava reto em minha direção, vindo de Östersund.

Alguém bateu na janela e eu me virei. Era Vanja, ela sorriu e abanou para mim. Abri a porta.

— Você está indo se deitar?

Ela acenou a cabeça.

— Eu queria dar boa-noite para você, papai.

Me inclinei para baixo e dei um beijo no rosto dela.

— Boa noite. Durma bem!

— Durma bem!

Ela atravessou o corredor com passos rápidos e entrou no quarto, cheia de energia mesmo ao cabo de um longo dia.

Havia chegado a hora de lavar aquela merda de louça, então.

Raspar os restos de comida no cesto de lixo, jogar fora as sobras de leite e de água que estavam nos copos, tirar as cascas de maçã e de cenoura, as embalagens de plástico e os saquinhos de chá que estavam dentro das pias,

enxaguar tudo e colocar em cima do balcão, deixar a água quente correr, borrifar um pouco de detergente, apoiar a testa no armário e começar a lavar copo a copo, xícara a xícara, talher a talher. Enxaguar. Depois, quando o secador de louças estivesse lotado, começar a secar tudo para ganhar mais espaço. Depois o chão, que precisava ser esfregado no lugar onde Heidi tinha sentado. Fechar os sacos de lixo e pegar o elevador até o porão, atravessar os corredores quentes e labirínticos até o quartinho do lixo, que estava completamente tomado de sujeira e escorregadio, com canos pendurados no teto como torpedos, cheios de tiras rasgadas e pedaços de fita isolante, e em cuja porta estava escrito, com um típico eufemismo sueco, “Sala do meio ambiente”, jogar os sacos dentro de um dos grandes contêineres verdes, não sem pensar em Ingrid, que, durante a última visita, tinha encontrado centenas de pequenas telas num deles e levado tudo para o apartamento, imaginando que aquilo nos daria tanta alegria quanto tinha dado a ela, a ideia de que assim as crianças teriam material de pintura por vários anos, fechar a tampa e subir de volta até o apartamento, onde Linda estava se esgueirando para fora do quarto de Vanja.

— Ela está dormindo? — perguntei.

Linda acenou a cabeça.

— Obrigada pela ajuda — ela disse. Então parou junto à porta da cozinha. — Você não quer tomar uma taça de vinho? Ainda temos a garrafa que a Sissel deixou aqui na última vez que apareceu.

Meu primeiro impulso foi dizer não, não quero tomar vinho de jeito nenhum. Mas aquela pequena volta fora do apartamento tinha me deixado um pouco mais bem-disposto em relação a ela, então fiz um gesto afirmativo com a cabeça.

— Pode ser — eu disse.

Numa tarde, duas semanas depois, enquanto Heidi e Vanja faziam algazarra ao nosso redor, pulando no sofá e gritando, estávamos juntos pela terceira vez em nossa vida olhando para uma pequena listra azul em um pino branco, tomados de emoção. Era John que anunciava sua chegada. Ele nasceu no fim do verão seguinte, calmo e paciente desde o primeiro instante, sempre pronto a soltar uma risada, mesmo quando as coisas ao redor não iam bem. Muitas vezes dava a impressão de que alguém o tinha arrastado por um espinheiro, cheio como sempre estava dos arranhões que Heidi lhe dava assim que tinha a chance, de preferência sob o disfarce de um abraço ou de um afago no rosto. Os passeios de carrinho, que em outra época tinham sido para mim um tormento, estavam relegados ao passado quando eu empurrava um carrinho gasto com três crianças pelas ruas, muitas vezes com duas ou três sacolas de compras penduradas em uma mão, cheio de rugas profundas como cortes na testa e nas bochechas e com olhos que ardiam com uma loucura vazia com a qual eu havia perdido contato muito tempo atrás. Eu não dava mais importância à possível afeminação do que eu fazia, a questão era levar as crianças para onde quer que estivessemos indo sem que ninguém sentasse no chão e se negasse a seguir adiante ou fizesse o que mais fosse possível inventar para oferecer resistência aos meus desejos de uma manhã ou de uma tarde tranquila. Uma vez um grupo de turistas japoneses parou do outro lado da rua e apontou para mim, como se eu fosse o apresentador de um desfile circense ou coisa do tipo. *Apontaram* para mim. Lá vai um homem escandinavo! Vejam e contem para os seus netos o que vocês viram!

Eu tinha muito orgulho das crianças. Vanja era espontânea e voluntariosa, ninguém acreditaria que aquele corpinho magro pudesse sentir tanto apetite pelo movimento, pudesse desejar com tanta intensidade esse mundo físico repleto de árvores, trepa-trepa, piscinas e gramados, e toda aquela introspecção, que durante os primeiros meses no jardim de infância tinha sido uma limitação enorme, desapareceu a ponto de fazer com que as “reuniões de acompanhamento” passassem a tratar justamente

do contrário. O problema não era mais que Vanja se escondia, que não queria ter contato com os adultos e que nunca começava as brincadeiras, o problema, pelo contrário, era que às vezes talvez ocupasse espaço demais, como o pessoal da escola nos disse cheio de cautela, e que estivesse preocupada demais em ser a número um em tudo. “Para ser bem franco”, disse o diretor da creche, “ela provoca as outras crianças. O bom nisso tudo”, ele continuou, “é que para fazer isso ela precisa compreender a situação e ser inteligente o bastante para tirar proveito. Mas estamos trabalhando para que ela entenda que não pode se comportar dessa maneira. Vocês têm alguma ideia de onde ela pode ter tirado esse ná-ná-ná-ná-nááá-ná? Se foi de um filme ou de outra coisa parecida? Assim podemos mostrar o filme e explicar às outras crianças o que é.” Depois do último encontro, durante o qual sugeriram que Vanja fosse para o fonoaudiólogo e trataram a timidez dela como se fosse um defeito ou uma deficiência, eu não podia me importar menos com o que pensavam a respeito dela. Ela tinha acabado de completar quatro anos, tudo aquilo passaria dentro de poucos meses... Heidi não era tão espontânea, ela tinha um outro nível de domínio sobre o corpo, era como se habitasse o próprio corpo de uma maneira totalmente diferente de Vanja, que se deixava levar pela fantasia, e para quem a ficção era apenas uma variante da realidade. Enquanto Vanja acabava furiosa e completamente fora de si de tanto desespero quando não conseguia fazer qualquer coisa no mesmo instante em que tentava, e aceitava ajuda de bom grado, Heidi queria fazer tudo sozinha, ela se ofendia se oferecíamos ajuda, e persistia até conseguir. E que triunfo estampava no rosto nessas horas! Ela subiu na árvore mais alta do parquinho antes de Vanja. Na primeira vez, pôs os braços em volta do galho mais alto. Na segunda vez, deixando-se levar pela empáfia das crianças pequenas, subiu em cima dele. Eu estava sentado em um banco lendo o jornal e de repente ouvi o grito dela: estava na ponta do galho, sem ter onde se segurar e a seis metros do chão. Um único movimento em falso e ela cairia. Tratei de subir na árvore e segurá-la, mas não consegui evitar

uma risada, o que *você* está fazendo aqui em cima? Ela com frequência dava um pulo extra quando caminhava e aquilo, segundo eu pensava, era um pulo de felicidade. Heidi era a única pessoa realmente feliz em nossa família, era o que parecia, ou que pelo menos tinha essa inclinação. Ela aguentava qualquer coisa, menos levar sermões. Nessas horas os lábios tremiam, as lágrimas brotavam nos olhos, e às vezes se passava uma hora inteira antes que ela se deixasse consolar. Heidi adorava brincar com Vanja, as duas se acertavam em tudo, e também adorava cavalgar. Quando estava montando o burrinho no parque de diversões que visitamos durante o verão, o rosto dela brilhava de orgulho. Mas nem mesmo aquela visão conseguiu fazer com que Vanja mudasse de opinião, ela não queria saber de cavalgar, nunca mais haveria de cavalgar, e em seguida endireitou os óculos no nariz, se jogou de repente na frente de John e soltou um grito que levou todas as pessoas que estavam próximas a olhar para nós. Mas John gostou, ele gritou de volta, e os dois riram.

O sol já estava se pondo acima dos pinheiros no ocidente. O céu tinha aquele tom azul-profundo que eu lembrava da minha infância e tanto amava. Alguma coisa se desprende dentro de mim naquele instante, alguma coisa veio à tona. Mas eu não podia usá-la para nada. O passado não era nada.

Linda tirou Heidi de cima daquele burrinho estúpido. Ela abanou para o bicho e para a mulher que vendia os bilhetes.

— Pronto — eu disse. — Agora vamos direto para casa.

O carro estava praticamente sozinho no grande estacionamento com chão de cascalho. Me sentei no meio-fio logo em frente com Heidi no colo e troquei a fralda dela. Afivelei John, que piscou os olhos, no banco da frente, enquanto Linda fazia a mesma coisa com as meninas no banco de trás.

Estávamos com um carro alugado grande e vermelho da Volkswagen. Era a quarta vez que eu estava dirigindo desde que havia tirado a carteira de motorista, então tudo o que tinha a ver com aquilo me enchia de alegria. Dar a partida, engatar a marcha, pisar no acelerador, dar ré, girar o volante. Tudo era uma diversão. Eu nunca tinha achado que fosse dirigir, aquilo não fazia parte da minha autoimagem, então a alegria foi ainda maior quando me vi andando a cento e cinquenta quilômetros por hora na estrada para casa, no ritmo cadenciado e quase entorpecido que surgia naquelas horas, dar sinal para sair da pista, ultrapassar, dar sinal para entrar na pista, em meio a um cenário que a princípio era cheio de florestas, e depois, após uma longa e estreita subida por um morro enorme, cheio de milhares, construções rurais atarracadas, belíssimas árvores e pequenas decíduas, com o mar o tempo inteiro como uma borda azul no ocidente.

— Vejam! — eu disse quando chegamos no alto e vimos o panorama de Skåne abaixo de nós. — *Que coisa mais linda!*

Os milhares dourados, as faias verdes, o mar azul. Tudo parecendo ainda mais intenso e quase tremulante sob a luz do sol que se punha.

Ninguém respondeu.

Que John estava dormindo eu sabia. Mas as três no banco de trás, será que também tinham apagado?

Me virei e olhei por cima do ombro.

Como eu tinha pensado. Três garotas estavam lá atrás, com a boca aberta e os olhos fechados.

A felicidade explodiu dentro de mim.

Durou um segundo, dois segundos, talvez três segundos. Depois veio a sombra que sempre a acompanhava, a companheira sombria dessa felicidade.

Comecei a bater a mão no volante e a cantar com a música. Era o último álbum do Coldplay, um disco que na verdade eu não suportava, mas que era perfeito para dirigir. Uma outra vez eu tinha me sentido exatamente como naquele instante. Na época eu tinha dezesseis anos,

estava apaixonado e viajava para a Dinamarca no raiar do dia, estávamos indo para um acampamento de treino em Nyköping, todos os outros que estavam no carro além do motorista e de mim tinham adormecido. Ele estava ouvindo o *Brothers in Arms* do Dire Straits, que tinha sido lançado naquela primavera, e que junto com *The Dream of a Blue Turtle* do Sting e *It's My Life* do Talk Talk era a trilha sonora de todas as coisas incríveis que tinham acontecido naqueles meses. O cenário plano, o sol que aos poucos subia no céu, a imobilidade lá fora, as pessoas dormindo, o golpe de felicidade, tão forte que ainda era lembrado vinte e cinco anos depois. Mas aquela felicidade não conhecia nenhuma sombra, era limpa, pura, verdadeira. Naquela época eu tinha uma vida inteira pela frente. Tudo podia acontecer. Tudo era possível. Mas não era mais assim. Muita coisa tinha acontecido, e essas coisas estabeleciam as novas premissas para o que ainda podia acontecer.

As possibilidades não eram apenas mais restritas. Os sentimentos com que eu as vivenciava também eram mais fracos. A vida era menos intensa. E eu sabia que já estava na metade do caminho, talvez um pouco além da metade. Quando John tivesse a idade que eu tinha naquele momento, eu teria oitenta anos. Estaria com o pé na cova, se todos os meus ossos já não estivessem lá dentro. Em uma década eu teria cinquenta anos. Em duas, sessenta.

Seria mesmo estranho que a felicidade viesse acompanhada de uma sombra?

Dei sinal para sair da pista e ultrapassei um rodotrem. Eu ainda era um tanto inexperiente e fiquei nervoso quando o carro começou a balançar com o vento. Mas não senti medo, eu só tinha sentido medo uma vez desde que tinha começado a dirigir, no dia do exame. O exame tinha acontecido de manhã cedo no meio do inverno, estava completamente escuro e eu nunca tinha dirigido no escuro. Chovia a cântaros e eu nunca tinha dirigido enquanto chovia a cântaros. E o monitor era um homem de aspecto inamistoso com uma aura inamistosa. Obviamente eu tinha

aprendido todos os procedimentos de segurança de cor. A primeira coisa que ele disse foi para a gente pular os procedimentos de segurança. Simplesmente limpe os vidros embaçados e vamos começar. Eu não sabia como fazer esse procedimento fora da ordem programada, e quando enfim descobri após dois minutos inteiros mexendo no painel, esqueci que eu tinha que virar a chave na ignição para que o desembaçador funcionasse, o que levou o monitor a dizer “mas você sabe dirigir um carro, não sabe?” e a virar a chave na ignição por mim. Depois desse começo ruim e improvável, não ajudou nada que as minhas pernas estivessem totalmente fora de controle, elas pulavam e tremiam, os movimentos delicados estavam ausentes, e assim entramos na rua meio de sobressalto e não com um movimento suave. Escuridão absoluta. Horário de pico matinal. Chuva a cântaros. Depois de cem metros o monitor me perguntou o que eu fazia da vida. Respondi que eu era escritor. Nesse momento ele passou a demonstrar um interesse enorme. Segundo me contou, ele mesmo era pintor. Tinha feito uma exposição e tudo mais. Começou a perguntar sobre o que eu escrevia. Eu mal tinha começado a falar sobre *En tid for alt* quando ele me deu o nome de um lugar. À nossa frente havia um trevo enorme. Não vi nenhuma placa com o nome. O monitor me perguntou se o livro tinha saído em sueco. Acenei a cabeça. Lá! Lá estava a placa. Mas na pista do outro lado! Eu virei o carro e acelerei, o monitor acionou os freios e paramos de repente.

— O sinal está vermelho! — ele disse. — Você não percebeu? Completamente vermelho!

Eu não tinha nem ao menos visto que havia um semáforo.

— Então acabou? — perguntei.

— Infelizmente — o monitor disse. — Quando precisamos intervir, o candidato está reprovado. É assim que funciona. Você quer dirigir mais um pouco?

— Não. Vamos pegar o caminho de volta.

O trajeto até aquele ponto tinha levado apenas três minutos. Cheguei de volta em casa às nove e meia, e Linda me recebeu com os olhos cheios de expectativa.

— Fui reprovado — eu disse.

— Essa não! — ela exclamou. — Que pena! O que aconteceu?

— Atravessei um sinal vermelho.

— Você está falando sério?

— Claro que estou falando sério! Quem imaginaria quando acordei hoje de manhã cedo que eu atravessaria um sinal vermelho no teste de direção! Mas não tem importância. Vai dar certo na próxima vez. Não vou atravessar o sinal vermelho em dois exames de direção seguidos.

Não tinha importância, de verdade. Como não tínhamos carro, não faria diferença tirar a carteira de motorista em janeiro ou em março. E eu já tinha gastado tanto dinheiro com aulas de direção que umas aulas a mais ou a menos não fariam diferença. A única coisa era que tínhamos planejado uma viagem no fim do mês. Eu tinha aceitado um convite para dar uma palestra em Søgne, em Sørlandet, a ideia era dirigir até lá, a família toda, para depois da palestra tomar o caminho de Sandøya, próximo a Tvedestrand, e passar uns dias por lá num pensionato. Eu tinha estado em Sandøya uns anos atrás e na minha opinião era um lugar perfeito para morarmos. Uma ilha sem carros, cerca de duzentos habitantes, jardim de infância e escola até a terceira série. O cenário era idêntico ao dos lugares onde eu tinha crescido, era um cenário pelo qual eu ansiava, com a diferença de que não era o próprio, não era Tromøya nem Arendal nem Kristiansand, para onde eu não queria voltar por nada no mundo, mas um lugar novo, um lugar diferente. Às vezes eu tinha a impressão de que esse anseio pelo cenário onde crescemos era um processo biológico, que estava gravado em nós. Tinha a impressão de que o instinto que leva um gato a caminhar centenas de quilômetros em busca do lugar de onde tinha saído também existia em nós, o bicho-homem, junto com outras influências profundamente arcaicas.

Quando eu via fotografias de Sandøya na internet, o anseio que a visão daquele cenário me fazia sentir era tão forte que ofuscava toda a solidão e todo o abandono potencial de uma vida naquele lugar. Não para Linda, claro, ela se mantinha um pouco mais cética, mas não totalmente avessa à ideia. Morar numa floresta junto ao mar seria muito melhor para nós do que morar no sétimo andar de um prédio no centro da cidade. Então cogitamos e especulamos a respeito e por fim decidimos fazer uma viagem para ver com nossos próprios olhos. Mas como eu não consegui tirar a carteira de motorista, teria que ir sozinho a Søgne, o que acabava totalmente com o sentido da minha palestra. Sobre o que eu poderia falar?

Na mesma noite em que comprei as passagens de avião pela internet, Geir me ligou. Já tínhamos nos falado naquele dia, mas Geir tinha passado as últimas semanas completamente fora de si, daquela maneira controlada dele, então não achei estranho quando recebi a segunda ligação. Eu estava sentado na poltrona com os pés em cima da escrivaninha. Geir falou um pouco sobre a biografia de Montgomery Clift que estava lendo, sobre como ele sempre buscava tirar o máximo da vida de todas as formas possíveis. Minha única referência sobre Montgomery Clift era do The Clash, o trecho “Montgomery Clift, honey!” em “London Calling”, e no fim descobri que essa tinha sido a referência inicial de Geir, embora de outra forma: no Iraque ele tinha morado numa estação de tratamento de água com Robin Banks, um junkie inglês que tinha sido um dos melhores amigos da banda, viajado com o Clash durante as turnês e até conseguido que escrevessem uma música para ele, e também dito que Montgomery Clift ocupava um lugar especial na trajetória da banda, o que levou Geir a ir atrás de mais informações. Um outro motivo era que *Os desajustados* era um dos filmes favoritos dele. Falei um pouco sobre *Os Buddenbrooks* de Thomas Mann, que eu tinha começado a reler, sobre como as frases do livro eram perfeitas, sobre o nível altíssimo de tudo, que me fazia

aproveitar, realmente aproveitar cada página, o que em outras situações nunca acontecia, ao mesmo tempo em que essa perfeição, junto com a ambientação e a forma, pertencia a uma época diferente daquela em que Thomas Mann tinha escrito, de maneira que se tratava em primeiro lugar de uma imitação, de uma reconstrução, em outras palavras, de um pastiche. Mas o que acontecia quando um pastiche superava o original? Seria *possível*? Era um problema clássico, o próprio Virgílio já devia ter se defrontado com ele. Quão atrelado um estilo ou uma forma permanece em relação à época ou à cultura em que surge? Por acaso precipita a própria destruição assim que se apresenta como um estilo ou como uma forma? Em Thomas Mann não existia destruição, não era essa a palavra, talvez ambivalência, uma ambivalência infinita, de onde a ironia fluía e desestabilizava todas as fundações. Depois começamos a falar sobre *O mundo de ontem* de Stefan Zweig, sobre o incrível retrato da virada do século que esse livro oferece, um mundo onde o desejável era a velhice e o peso, não a juventude e a beleza, e onde todos os jovens tentavam parecer mais velhos, com barrigas, relógios de bolso, charutos e carecas. Tudo arrasado pela Primeira Guerra Mundial, que junto com a Segunda colocou um abismo entre nós e eles. Geir começou a falar sobre Montgomery Clift mais uma vez, sobre a vida intensa que tinha levado, a vitalidade farta. Ele tinha percebido que todas as biografias que tinha lido durante o último ano tinham esse detalhe em comum, eram todas sobre grandes vitalistas. Não em teoria, mas na prática, eram pessoas que sempre buscavam a maior quantidade de vida possível. Jack London, André Malraux, Nordahl Grieg, Ernest Hemingway. Hunter S. Thompson. Maiakóvski.

— Entendo muito bem o que levou o Sartre a tomar anfetaminas — disse Geir. — Aumentar a velocidade, conseguir mais coisas, arder com mais intensidade. Não é mesmo? Mesmo assim, o mais consistente de todos foi Mishima. Eu sempre acabo voltando para ele. Tinha quarenta e cinco anos quando se matou. Mishima foi consistente, o herói tinha que

ser bonito. Não podia ser um velho. E Jünger, que seguiu pelo caminho oposto. Comemorou o aniversário de cem anos bebendo conhaque e fumando, afiado como uma faca. Tudo é uma questão de força. A única coisa que me interessa. Força, coragem, vontade. Inteligência? Não. Acho que basta você querer a inteligência para consegui-la. Mas não tem nenhum interesse, nenhuma importância. Crescer nos anos 1970 e 1980 foi uma piada. Uma palhaçada. A gente não faz coisa nenhuma. Ou então fazemos besteira. Eu escrevo para reconquistar minha seriedade perdida. É o que faço da vida. Mas não adianta nada. Você sabe em que ponto me encontro. Você sabe o que eu faço da vida. Minha vida é muito pequena. E meus inimigos são muito pequenos. Não vale a pena usar minha força contra eles. Mas não existe mais nada. E assim estou aqui, duelando sozinho no meu quarto.

— Vitalidade — eu disse. — Existe um outro tipo de vitalidade, sabia? A vitalidade ligada à família e à terra. A década de 1920 na Noruega.

— Ah, isso não me interessa. Não existe o menor resquício de nazismo na vitalidade de que estou falando. Não que fosse haver qualquer problema se existisse, mas não é o caso. Estou falando da alta cultura antiliberal.

— Tampouco havia o menor resquício de nazismo na vitalidade norueguesa. Foi a classe média que trouxe o nazismo para o meio disso, transformou tudo em uma abstração, uma ideia, e portanto em uma coisa que não existia. Mas era um anseio pela família, um anseio pela terra. Hamsun é muito complicado justamente por ter sido um homem sem raízes, sem nenhum ponto fixo, um homem moderno no sentido americano da palavra. Mas ele detestava os Estados Unidos, a humanidade em massa, o desarraigamento. Era a si mesmo que detestava. A ironia nisso tudo é bem mais presente do que a ironia em Thomas Mann, porque não tem nada a ver com estilo, mas com o próprio fundamento da existência.

— Eu não sou escritor, sou fazendeiro — Geir disse. — Ha ha ha! Não, pode ficar com a terra para você. Eu só me interesso pelo social. Nada

mais. Você pode ler Lucrécio e gritar aleluia, pode falar sobre as florestas do século XVII. Eu não dou a mínima. São as pessoas que contam.

— Você já viu aquele quadro de Kiefer? Uma floresta, você não vê nada além de árvores e neve, com manchas vermelhas em alguns lugares, e além disso os nomes de poetas alemães escritos em tinta branca. Hölderlin, Rilke, Fichte, Kleist. É a melhor obra de arte no período pós-guerra, e talvez de todo o século passado. O que representa? Uma floresta. Qual é o tema? Auschwitz, claro. Qual é a relação? Essa é uma obra que não trata de pensamentos, mas alcança a fundação da cultura e não se deixa expressar em pensamentos.

— Você já assistiu *Shoah*?

— Não.

— São florestas, florestas e mais florestas. E rostos. Florestas e gases e rostos.

— O quadro se chama *Varo*, que se não me engano era o nome do comandante do exército romano. Ele perdeu uma batalha importante na Germânia. A linha vai desde os anos 1970 de volta até Tácito. É Schama quem a traça em *Landscape and Memory*, aquele livro que eu li, sabe? E podíamos acrescentar Odin, que se enforcou numa árvore. Pode ser que tenha se enforcado, eu não me lembro. Mas é uma floresta.

— Entendo o que você está dizendo.

— Em Lucrécio eu leio sobre o esplendor do mundo. E o esplendor do mundo é um pensamento barroco. Que morreu de vez com o período barroco. É um pensamento que diz respeito às coisas. A fisicalidade das coisas. Os bichos. As árvores. Os peixes. Se você está triste porque a ação desapareceu, eu estou triste porque o mundo desapareceu. O mundo físico. Sobraram apenas imagens. É com essas imagens que nos relacionamos. O que é o apocalipse hoje? As árvores que desaparecem na América do Sul. O gelo que derrete, a água que sobe. Se você escreve para recuperar a seriedade, eu escrevo para recuperar o mundo. Claro, não o mundo em que estou. Não o mundo social. Mas as *Wunderkammern* do

período barroco. Os gabinetes de curiosidades. E o mundo das árvores de Kiefer. A arte. Nada mais.

— Um quadro?

— Agora você me pegou. Um quadro, sim.

Alguém bateu na porta.

— Ligo daqui a pouco — eu disse, e então desliguei. — Entre!

Linda abriu a porta.

— Você está no telefone? — ela perguntou. — Eu só queria dizer que vou tomar um banho. Você pode ficar com o ouvido apurado caso as crianças acordem? Só para você não ficar com os fones de ouvido.

— Claro. Depois você vai se deitar?

Ela acenou a cabeça.

— Eu também vou.

— Então até mais — Linda disse com um sorriso e então fechou a porta.

Liguei mais uma vez para Geir.

— Porra, não sei de coisa nenhuma, enfim — eu disse com um suspiro.

— Eu também não — ele respondeu.

— O que você fez agora à noite?

— Ouvi blues. Recebi dez álbuns no correio ontem. Encomendei... treze, catorze, *quinze* álbuns novos.

— Você é louco.

— Não sou, não... a minha mãe morreu hoje.

— Como é?

— Morreu durante o sono. Agora o sofrimento acabou. De que adianta?, você talvez me pergunte. Mas o meu pai está arrasado. E o Odd Steinar, claro. Vamos para lá daqui a uns dias. O enterro vai ser daqui a uma semana. Você não ia para Sørlandet bem nessa época?

— Vou daqui a dez dias — eu disse. — Acabei de comprar os bilhetes.

— De repente a gente se vê por lá. Com certeza vamos ficar uns dias a mais.

Fez-se uma pausa.

— Por que você não me disse de uma vez? — perguntei. — Ficamos conversando por meia hora antes de você me dizer. Você por acaso queria dar a entender que tudo continua como sempre foi?

— Não. Não mesmo. Você está enganado. Não mesmo. Eu simplesmente não quero estar nessa situação. E quando falo com você eu consigo me distanciar um pouco. Só isso. Não há nada que conversar. Não resolve. E com o blues é a mesma coisa. É um lugar para onde posso fugir. Não que eu sinta tanto assim. Mas ao mesmo tempo acho que é um sentimento.

— É, sim.

Quando desligamos, saí para o corredor da cozinha e peguei uma maçã, comecei a comê-la ainda de pé e olhei para a cozinha, onde não havia mais nada. A parede onde antes ficava o balcão, as longas tábuas apoiadas contra as paredes nuas, o chão coberto de pó, fios e ferramentas, objetos embalados em plástico que logo seriam montados. A reforma levaria duas semanas. Na verdade queríamos apenas uma máquina de lavar louça, mas o balcão não tinha espaço suficiente, e seria mais simples reformar a cozinha inteira, disse o montador. Então foi o que fizemos. Os proprietários pagaram.

Uma voz fez com que eu virasse a cabeça.

Será que tinha vindo do quarto das meninas?

Fui dar uma conferida. As duas estavam dormindo. Heidi na cama de cima do beliche, com os pés no travesseiro e a cabeça apoiada no cobertor amassado, Vanja na cama de baixo, também por cima do cobertor, com os braços e as pernas estendidos, com o corpo formando um pequeno X. Estava balançando a cabeça de um lado para outro.

— Mamãe mu — ela disse.

Estava com os olhos abertos.

— Você está acordada, Vanja? — perguntei.

Não houve resposta.

Ela ainda estava dormindo.

Às vezes Vanja acordava tarde da noite e chorava desconsolada, mas não havia como estabelecer contato, ela simplesmente chorava e chorava, como se estivesse perdida em si mesma, como se não existíssemos e ela estivesse totalmente sozinha. Se tentávamos levantá-la e oferecer um abraço e um pouco de colo ela resistia, chutava e esmurrava para que a colocássemos de volta na cama. E então continuava descontrolada e inatingível. Não estava dormindo, mas tampouco estava acordada. Estava por assim dizer na metade do caminho. Era uma cena de partir o coração. Mas ao acordar no dia seguinte ela estava de bom humor. Eu sempre me perguntava se Vanja recordava aquele desespero ou se tudo desaparecia como um sonho.

De um jeito ou de outro, ela gostaria de saber que tinha dito mamãe enquanto dormia, eu não podia esquecer de contar depois.

Fechei a porta e fui até o banheiro, onde a única luz era uma vela no canto da banheira que bruxuleava com o vento da janela. Tudo estava envolto numa grossa nuvem de vapor. Linda estava de olhos fechados, com a metade da cabeça debaixo d'água. Ela levantou o corpo devagar quando notou a minha presença.

— Aqui está você, sozinha na sua gruta — eu disse.

— Está tão bom! — ela disse. — Você não quer pular aqui para dentro?

Balancei a cabeça.

— Eu sabia — Linda disse. — Com quem você estava falando?

— Com o Geir — eu disse. — A mãe dele morreu hoje.

— Ah, que tristeza... — ela comentou. — Como ele está?

— Bem — respondi.

Linda voltou a recostar o corpo na banheira.

— Estamos chegando nessa idade — eu disse. — O pai da Mikaela morreu poucos meses atrás. A sua mãe teve um infarto. A mãe do Geir morreu.

— Não fale assim — Linda pediu. — A minha mãe ainda vai viver muitos anos. A sua mãe também.

— Pode ser. Se passarem dos sessenta, talvez envelheçam. Costuma ser assim. Mas de um jeito ou de outro não falta muito para que a gente seja os mais velhos.

— Karl Ove! — Linda protestou. — Você não tem nem quarenta anos! E eu ainda tenho trinta e cinco!

— Uma vez discuti esse assunto com o Jeppe, que perdeu o pai e a mãe — continuei. — Eu disse que o pior para mim seria não ter mais nenhuma testemunha da minha vida. Ele não entendeu o que eu estava querendo dizer. E eu mesmo não sei se estava falando sério. Ou melhor, não é para a minha vida que eu quero testemunhas. Mas para a vida dos nossos filhos. Eu quero que a minha mãe saiba como estão, não só agora, quando ainda são crianças, mas também depois que crescerem. Quero que ela conheça de verdade os nossos filhos. Você entende o que eu quero dizer?

— Claro. Mas não sei se quero falar a respeito disso.

— Lembra aquela vez que você entrou no quarto e me perguntou se eu sabia onde a Heidi estava? Saímos juntos para ver. A Berit estava aqui em casa e tinha aberto a porta da sacada. E quando eu vi a porta aberta eu senti um medo enorme. O sangue desapareceu da minha cabeça. Achei que eu ia desmaiar. A angústia ou o pânico ou o medo, o que quer que fosse, surgiu de repente. Achei que a Heidi tinha ido sozinha até a sacada. Naqueles segundos tive a certeza de que a havíamos perdido. Foram os piores segundos da minha vida inteira. Eu nunca tinha sentido uma emoção tão forte. O estranho é que eu nunca tivesse sentido nada parecido antes. Que eu nunca tivesse sentido que pode acontecer alguma coisa, que podemos perder nossos filhos de verdade. Antes eu sentia como se fossem imortais. Mas tudo bem, não vamos mais falar a respeito disso.

— Obrigada.

Linda sorriu. Quando colocava o cabelo para trás daquele jeito e deixava o rosto sem maquiagem ela parecia muito jovem.

— E você nem tem cara de trinta e cinco — eu disse. — Está mais para vinte e cinco.

— É mesmo?

Fiz um gesto afirmativo com a cabeça.

— Na verdade me pediram a identidade na última vez em que fui comprar bebida no Systembolaget. Me senti lisonjeada. Mas ao mesmo tempo sou assediada por todas as organizações cristãs que existem no mundo quando ando pela rua. Sempre vêm para cima de mim. Quando estou com outras pessoas, elas sempre passam sem nenhuma incomodação. Mas quando me enxergam os voluntários correm na minha direção. Deve ser alguma coisa na minha aura. Aquela nós podemos salvar! Ela precisa encontrar a salvação. Você não acha?

Dei de ombros.

— Também pode ser porque você tem um jeito inocente.

— Ha! Pior ainda!

Ela prendeu o nariz com dois dedos e mergulhou o corpo inteiro debaixo d'água. Quando emergiu, a primeira coisa que fez foi balançar a cabeça. Então me encarou com um sorriso.

— O que foi? Por que você está me olhando desse jeito? — Linda perguntou.

— Isso, por exemplo — eu disse. — Você fazia assim quando era criança.

— O quê?

— Mergulhar a cabeça.

No quarto, que ficava ao lado do banheiro, John começou a chorar.

— Você pode dar uns tapinhas nas costas dele? Eu já estou indo.

Acenei a cabeça e fui para o quarto. John estava deitado de costas e agitava os braços enquanto chorava. Virei-o de bruços, como uma tartaruga, e comecei a bater de leve nas costas dele com a palma da mão. Aquilo era uma das melhores coisas que existia, ele sempre ficava calmo quando não tinha conseguido tempo suficiente para fazer um escândalo.

Cantei as cinco canções de ninar que eu sabia. Linda entrou e o colocou perto dela na cama. Voltei para a sala, coloquei a jaqueta, o cachecol, uma boina e um par de sapatos, que estavam ao lado da porta da sacada, e saí. Me sentei na cadeira do canto, servi um pouco de café, acendi um cigarro. O vento leste soprava. O céu estava profundo e estrelado. Em vários lugares as luzes de aviões piscavam.

Quando eu tinha vinte anos a minha mãe ligou num dia de verão e disse que estava com um grande tumor na barriga e que seria internada no dia seguinte para a cirurgia. Disse que os médicos não sabiam se era um tumor benigno ou maligno, e que não havia como prever o resultado. Disse que o tumor era tão grande que ela não conseguia mais deitar de bruços. A voz estava cansada e fraca. Eu estava em Søm, nos arredores de Kristiansand, na casa de Hilde, uma amiga do ginásio, e poucos minutos antes esperava por ela no pátio ao lado do carro, porque tínhamos combinado de sair para tomar um banho de mar. De repente Hilde gritou para mim da varanda, Karl Ove, a sua mãe está no telefone. Entendi no mesmo instante que a situação era grave, mas aquilo não despertou em mim nenhum tipo de sentimento, eu continuei frio. Quando desliguei o telefone eu fui até Hilde, que já estava sentada dentro do carro, abri a porta do carona, me sentei, expliquei que a minha mãe tinha que fazer uma cirurgia e que eu precisaria ir para Førde no dia seguinte. Senti que era um acontecimento no qual eu devia tomar parte, um papel que eu podia interpretar, o de filho que volta correndo para casa a fim de cuidar da mãe. Imaginei o funeral, as pessoas me dando pêsames, todos sentiriam pena de mim, e pensei na herança que a minha mãe deixaria. E depois pensei que finalmente eu teria um tema importante para escrever a respeito. Durante todo esse tempo uma voz paralela dizia, não, o que está acontecendo é sério, não, me escute, é a sua mãe que está morrendo, ela é muito importante para você, você quer que ela viva, é o que você quer, Karl Ove! Que eu pudesse contar tudo para Hilde parecia-me um bônus, eu imaginava que ganharia importância aos olhos dela. Hilde me deu uma carona até o aeroporto no

dia seguinte, aterrissei em Bringelandsåsen, peguei o ônibus expresso até o centro de Førde e de lá um ônibus circular até o hospital, onde peguei a chave da casa da minha mãe. A minha mãe tinha acabado de se mudar, tudo estava encaixotado, eu não tinha que me preocupar com nada, era para deixar tudo como estava e tomar conta das coisas na volta, ela disse. Se houver uma volta, pensei. Peguei o ônibus no vale, atravessei o cenário verdejante, passei a tarde e a noite sozinho na casa, fui até o hospital no dia seguinte, a minha mãe estava confusa e fraca depois da operação, mas tudo havia transcorrido bem. Quando voltei para a casa, que ficava no fim de uma pequena planície com prados levemente inclinados que subiam em direção a uma montanha de um lado e a um rio, uma floresta e uma outra montanha do outro, comecei a separar as caixas, a levar as que tinham utensílios de cozinha para a cozinha e assim por diante. A noite caiu, o trânsito na estrada tornou-se menos intenso, o murmúrio do rio ganhou força, a sombra do meu corpo deslizava pelas paredes e por cima das caixas. Quem era eu? Uma pessoa solitária. Eu mal tinha começado a aceitar esse fato, ou seja, a minimizar o significado disso, mas ainda tinha um longo caminho a percorrer, então a cada interrupção no trabalho eu sentia esse frio na cabeça, essa maldade gélida, e às vezes vestia um agasalho, às vezes caminhava pelo gramado, atravessava o portão, seguia a estrada e chegava até o rio, que corria com as águas cinzentas e negras na escuridão da noite, parava em meio aos galhos alvos das bétulas e olhava para a água, que de certa forma protegia os meus sentimentos, espelhava-os, eu não sabia direito. Mas havia alguma coisa, porque eu fazia isso naquela época, saía à noite à procura de água. O mar, rios, lagos, não importava. Ah, eu estava repleto de mim mesmo, eu era muito grande, e ao mesmo tempo não era ninguém, levava uma vida humilhante, solitária e sem amigos, e estava cheio de pensamentos a respeito *dela*, da *única* mulher, sem ter a menor ideia do que fazer caso eu a tivesse conquistado, porque eu ainda não tinha ido para a cama com ninguém. A boceta não passava de uma teoria para mim. Mas eu nunca teria sonhado em usar

uma palavra destas. Colo, seios, nádegas, era nesses termos que eu pensava no objeto do meu desejo. Eu brincava com a ideia do suicídio, era algo que eu fazia desde que era pequeno, e me desprezava por esse motivo, nunca aconteceria, eu tinha muito do que me vingar, muita gente a odiar e muitas coisas que me eram devidas. Acendi mais um cigarro e, quando terminei de fumar, voltei para a casa vazia com as caixas de papelão. Às três da manhã todas as caixas estavam no devido lugar. Comecei a levar os quadros que estavam no corredor para a sala. Quando larguei um deles no chão, um passarinho voou em direção ao meu rosto. Puta que pariu! Devo ter saltado no mínimo um metro para trás. E não era nenhum passarinho, mas um morcego. Ele esvoaçou de um lado para o outro na sala com movimentos agitados e sem rumo. Eu estava apavorado. Corri para a rua, fechei a porta atrás de mim e subi para o quarto no segundo andar, onde passei o restante da noite. Peguei no sono por volta das seis e dormi até as três da tarde no dia seguinte, me vesti e peguei o ônibus para o hospital. A minha mãe estava melhor, mas ainda um pouco confusa por causa dos analgésicos. Sentamo-nos em uma sacada, ela numa cadeira de rodas. Contei a ela sobre as coisas terríveis que tinham acontecido naquela primavera. Que eu talvez devesse evitar deixá-la preocupada logo após a cirurgia foi um pensamento que me ocorreu somente anos mais tarde. Quando voltei para a casa, o morcego estava na parede. Peguei uma tina e coloquei-a em cima daquele bicho. Ouvi-o se debater lá dentro e tive que me segurar para não vomitar de nojo. Arrastei a tina pela parede e consegui levá-la até o chão sem que o morcego escapasse. Assim ele estava ao menos capturado, se não morto. Fiz como na noite anterior, tranquei a porta da sala atrás de mim e subi para o quarto. Fiquei deitado lendo *Stendhal, O vermelho e o negro*, até cair no sono. Na manhã seguinte encontrei um tijolo no galpão. Levantei a tina com todo cuidado, o morcego permaneceu imóvel, hesitei por um instante, será que não haveria um jeito de levá-lo para fora? Derrubá-lo num balde, talvez, e depois tapar com um jornal ou coisa parecida? Eu não queria esmagá-lo se não fosse preciso.

Antes que eu tivesse me decidido, bati o tijolo com toda a minha força contra o morcego e o esmaguei contra o assoalho. Empurrei o tijolo para baixo e o arrastei para frente e para trás até que eu tivesse certeza de que não havia restado nenhum traço de vida. A sensação do macio contra o duro permaneceu no meu corpo por dias, aliás, por semanas. Enfiei uma pá de lixo por baixo do morcego e atirei-o na vala junto ao acostamento. Depois lavei bem o lugar onde ele tinha ficado e peguei o ônibus para o hospital mais uma vez. No dia seguinte a minha mãe foi para casa, e fui um bom filho por duas semanas. Em meio ao verde exuberante, sob o céu cinzento do vale, carreguei móveis e desfiz caixas até que chegou a hora de começar as aulas da universidade, quando peguei o ônibus para Bergen.

Quanto ainda restava em mim do jovem de vinte anos?

Não muito, pensei enquanto eu olhava para as estrelas cintilantes acima da cidade. O sentimento de ser eu permanecia o mesmo. O que eu encontrava ao despertar e deixava para trás ao adormecer toda noite. Mas o que havia de tremor, quase de pânico, havia desaparecido. O enorme foco nas outras pessoas também. E também o oposto, a importância megalomaníaca que eu atribuía a mim mesmo, tinha diminuído. Talvez não muito, mas tinha diminuído.

Quando eu tinha vinte anos, haviam se passado apenas outros dez anos desde a época em que eu tinha dez. A infância ainda era muito próxima. Ainda mantinha uma relação muito forte comigo, e era o olhar através do qual eu compreendia as coisas. Mas já não era mais assim.

Me levantei e entrei. Linda e John estavam na cama, dormindo juntos um do outro no escuro. John pequeno como uma bolinha. Me deitei ao lado deles e fiquei observando-os por alguns instantes, até que eu também adormecesse.

Cedo pela manhã, dez dias mais tarde, aterrissei no aeroporto Kjevik nos arredores de Kristiansand. Mesmo que eu tivesse morado a dez

quilômetros de distância dos meus treze aos meus dezoito anos e mesmo que o cenário estivesse repleto de lembranças, naquela vez não despertou nada ou quase nada em mim, talvez porque não fizesse mais do que dois anos desde a minha última visita, talvez porque eu estivesse mais longe do que jamais havia estado. Desci a escada do avião e vi Topdalsfjorden à esquerda, reluzindo ao sol de fevereiro, Ryensletta à direita, onde eu e Jan Vidar uma vez tínhamos nos arrastado em meio a uma nevasca na véspera de Ano-Novo.

Entrei no terminal, passei pela esteira de bagagens e fui até um quiosque, onde comprei um café que levei comigo para a rua. Acendi um cigarro, olhei para as pessoas que saíam do ônibus expresso e as fileiras de táxi e ouvi por todo lado o dialeto de Sørlandet que me enchia de sentimentos ambivalentes. O sotaque pertencia àquele lugar, era o grande marcador daquela identidade cultural e geográfica, e eu continuava a ouvir claramente o tom de superioridade que sempre tinha ouvido nele, ao que tudo indicava por minha própria conta, já que eu não pertencia e nunca tinha pertencido àquele lugar.

É simples entender uma vida, pois os fatores que a determinam são poucos. Na minha vida foram dois: meu pai e o fato de que eu não pertenci a lugar nenhum.

Não era mais difícil do que isso.

Liguei o celular e olhei para o relógio. Eram poucos minutos depois das dez. A primeira palestra do dia seria à uma da tarde, na nova Universitet i Agder, então eu tinha tempo de sobra. A segunda seria em Søgne, a poucas dezenas de quilômetros, às sete e meia da noite. Eu tinha decidido falar sem nenhum script. Eu nunca tinha feito isso antes, então o nervosismo e a ansiedade tomavam conta de mim a cada dez minutos, aproximadamente. Eu também sentia as pernas fraquejarem, e tive a impressão de que a mão que segurava o café estava tremendo. Mas constatei que não, não estava, e então apaguei o cigarro na grade preta de cinzas acima da lixeira e entrei pelas portas automáticas, fui mais uma vez até o quiosque, comprei uns

jornais e me sentei para ler nas cadeiras altas, que mais pareciam bancos de bar. Dez anos antes eu tinha escrito sobre aquele lugar, era lá que o personagem principal de *Ute av verden*, Henrik Vankel, se encontrava mais uma vez com Miriam na cena final do romance. Eu tinha escrito o livro em Volda, onde a vista do fiorde, os ferries que andavam de um lado para o outro, as luzes do cais e as luzes junto ao pé da montanha que fica do outro lado eram apenas uma espécie de sombra nos ambientes e panoramas sobre os quais eu escrevia, a Kristiansand por onde em outra época eu havia andado, e que naquele instante passava pela minha lembrança. Se por um lado eu não me lembrava do que as pessoas diziam para mim, se eu não me lembrava do que tinha acontecido onde eu havia estado, por outro lado eu me lembrava exatamente da aparência das coisas e da atmosfera que as envolvia. Me lembrava de todos os cômodos onde eu havia estado, e de todos os panoramas. Se fechasse os olhos, eu conseguia evocar todos os detalhes da casa onde eu tinha crescido, os detalhes da casa do vizinho e de todo o cenário ao redor, pelo menos num raio de dois ou três quilômetros. As escolas, as piscinas, os ginásios, os clubes, os postos de gasolina, as lojas, as casas dos meus parentes. A mesma coisa valia também para os livros que eu tinha lido. O assunto de que tratavam desaparecia poucas semanas depois, enquanto os lugares onde se passavam acompanhavam-me durante anos, talvez para a vida inteira, não sei.

Folheei o *Dagbladet*, depois o *Aftenposten* e o *Fædrelandsvennen* e continuei sentado observando as pessoas que andavam ao redor. Eu devia usar aquele tempo para me preparar, mas tudo o que eu tinha feito era ler jornais velhos durante a noite anterior e imprimir os textos que eu ia ler. Durante o voo eu tinha anotado dez tópicos que eu devia abordar. Mais não consegui fazer, pois a ideia de que bastava falar, de que não existia nada mais fácil, era uma ideia muito forte e muito atraente. Era para eu falar sobre os dois livros que eu tinha escrito. Mas não tinha como, então o jeito seria falar sobre por que tinham sido escritos, sobre os longos anos sem nada antes que uma forma definida começasse a surgir, uma forma

que aos poucos mas de maneira inconfundível começou a tomar conta, até que no fim tudo acontecesse por si próprio. Escrever um romance é estabelecer uma meta e caminhar em direção a ela durante o sono, Lawrence Durrell afirmou certa vez, e é verdade, foi assim mesmo. Não temos acesso somente à nossa própria vida, mas também a praticamente qualquer outra vida que se desenrole em nosso círculo cultural, não temos acesso somente às nossas próprias memórias, mas também a todas as memórias de uma cultura inteira, porque eu sou você e você é todo mundo, viemos do mesmo lugar e rumamos para o mesmo destino, e durante o trajeto escutamos as mesmas coisas no rádio, vemos as mesmas coisas na televisão, lemos as mesmas coisas no jornal, e em nós surge a mesma fauna de rostos e sorrisos conhecidos. Ainda que você fosse para uma salinha minúscula numa cidade minúscula afastada milhares de quilômetros dos grandes centros mundiais e não tivesse contato com nenhuma outra pessoa, o inferno delas é o mesmo, o céu delas é o mesmo, basta furar o balão que é o mundo e deixar tudo que se encontra lá dentro escorrer para fora.

Grosso modo era isso que eu ia falar.

A língua é um ponto em comum, é nela que crescemos, e as maneiras como a empregamos são também um ponto em comum, então, por mais idiossincráticas que sejam as suas ideias, na literatura não há como se livrar dos outros. Pelo contrário, é a literatura que nos aproxima. Através da língua, que não pertence a nenhum de nós, e que mal podemos influenciar, e através da forma, que ninguém pode quebrar sozinho, e que, mesmo nesse caso, só adquire significado se a quebra for de imediato seguida por outros. A forma o afasta de você mesmo, cria uma certa distância até o seu próprio eu, e essa distância é a condição para a proximidade em relação aos outros.

A palestra começaria com uma anedota sobre Hauge, o velho rabugento que se trancou dentro de si, que por muitos anos viveu completamente isolado, e que mesmo assim estava muito mais próximo do centro da

cultura e da civilização do que praticamente qualquer outra pessoa da época. Que tipo de conversa ele mantinha? Em que tipo de lugar se encontrava?

Deslizei da cadeira e fui até o balcão para encher a minha xícara. Troquei uma nota de cinco por moedas, eu precisava ligar para Linda antes de seguir viagem, mas não dava para ligar para o celular do exterior.

Vai dar tudo certo, pensei quando corri os olhos pelas duas folhas com os tópicos mais importantes. Que fossem pensamentos antigos, nos quais eu não acreditava mais, pouco importava. O importante era dizer alguma coisa.

Nos últimos anos eu tinha cada vez mais perdido a fé na literatura. Eu lia e pensava, isso tudo foi inventado. Talvez fosse porque estivéssemos completamente rodeados por ficções e narrativas. Aquilo tinha inflacionado. Não importava para onde olhássemos, sempre encontrávamos ficção. Todos esses milhões de livros pocket, livros em capa dura, filmes em DVD e séries de televisão, tudo dizia respeito a pessoas inventadas num mundo verossímil, mas também inventado. E as notícias do jornal e as notícias da televisão e as notícias do rádio tinham exatamente o mesmo formato, os documentários tinham o mesmo formato, também eram narrativas, e assim não fazia diferença nenhuma se a narrativa que contavam tivesse acontecido de verdade ou não. Havia uma crise, eu sentia em cada parte do meu corpo, algo saturado, como banha de porco, se espalhava em nossa consciência, porque o cerne de toda essa ficção, verdadeiro ou não, era a semelhança, e o fato de que a distância mantida em relação à realidade era constante. Ou seja, a consciência via sempre o mesmo. E esse mesmo, que era o mundo, estava sendo produzido em série. O único, sobre o qual todos falavam, era assim cancelado, não existia, era uma mentira. Viver nessa situação, com a consciência de que tudo poderia muito bem ser de outra forma, era desesperador. Eu não poderia escrever no interior disso, não havia como, cada frase defrontava-se com o pensamento: isso tudo não passa de invenção sua. Não tem valor nenhum.

O inventado não tem valor nenhum, o documental não tem valor nenhum. A única coisa que para mim ainda tinha valor, que ainda era repleta de significado, eram diários e ensaios, a literatura que não dizia respeito à narrativa, não versava sobre nada, mas consistia apenas em uma voz, uma voz única e pessoal, uma vida, um rosto, um olhar que se podia encontrar. O que é uma obra de arte, senão o olhar de uma outra pessoa? Não um olhar acima de nós, tampouco um olhar abaixo de nós, mas um olhar exatamente na mesma altura do nosso. A arte não pode ser experimentada na coletividade, ninguém é capaz de uma coisa dessas, a arte é aquilo com que você fica sozinho. Encontramos esse outro olhar sozinhos.

Nesse ponto o pensamento batia contra uma parede. Se a ficção não tivesse valor, o mundo também não teria, porque o víamos através da ficção.

Obviamente eu também podia relativizar essa ideia. Eu também podia pensar que se tratava mais da minha condição mental, da minha psicologia particular, do que da situação em que o mundo realmente se encontrava. Se eu falasse a respeito disso com Espen e com Tore, os meus amigos mais antigos, que eu tinha conhecido muito antes que debutassem como escritores, os dois rechaçariam a minha visão no mesmo instante. Cada um à sua maneira. Espen era uma pessoa muito crítica, mas ao mesmo tempo dono de uma curiosidade insaciável, tinha um apetite enorme pelo mundo, e quando escrevia, toda essa energia se direcionava para fora: política, esporte, música, filosofia, história eclesiástica, medicina, biologia, pintura, grandes acontecimentos atuais, grandes acontecimentos do passado, guerras e campos de batalha, mas também as próprias filhas, a própria viagem de férias, pequenos interlúdios que houvesse testemunhado: ele escrevia sobre tudo e tentava compreender tudo, sempre com essa facilidade rara que tinha porque não se interessava pelo olhar voltado para dentro, pela introspecção, onde a crítica, tão frutífera no lado de fora, podia muito bem destruir tudo. Era essa participação no mundo

que Espen apreciava e buscava. Quando o conheci ele era introvertido e tímido, fechado em si mesmo e não muito feliz. Eu vi o longo caminho que havia percorrido até a vida que levava agora, em que realmente tinha conseguido, em que tudo aquilo que o oprimia tinha desaparecido. Espen tinha conseguido, tinha encontrado a felicidade, e mesmo que fosse crítico em relação a muita coisa no mundo, não o desprezava. A leveza de Tore revestia-se de um caráter totalmente diferente, ele amava e idolatrava o presente, o que talvez se devesse ao grande fascínio que tinha pela música pop, pela anatomia das paradas de sucesso, onde tudo que é importante numa semana é dissolvido por outra coisa na semana seguinte, e toda essa estética da música pop, relacionada a vender muito, a ser visível na mídia, a viajar ao redor do mundo com um show, ele tinha levado para a literatura, algo que naturalmente lhe rendeu muitas críticas ferrenhas, mas que ele fez mesmo assim, com a tenacidade característica. Se tinha uma coisa que Tore odiava era o modernismo, porque o modernismo era pouco comunicativo, inacessível, hermético e infinitamente pretensioso, sem nem ao menos admitir. Mas o que fazer para atingir um homem que aclamava as Spice Girls? Para atingir um homem que tinha escrito um ensaio inflamado sobre o seriado *Friends*? Eu gostava do rumo que Tore havia tomado, a aproximação com o romance pré-moderno, Balzac, Flaubert, Zola, Dickens, mas, ao contrário dele, não achava que aquela forma pudesse ser readotada. Sendo assim, o único aspecto criticável naquilo que eu estava fazendo era a forma, que na opinião de Tore era fraca. Eu também gostava do rumo que Espen havia tomado, da aproximação com o erudito, com o ensaio digressivo, verborrágico e abrangente, que tinha um certo elemento barroco, mas não gostava dos pontos de vista que expunha quando por exemplo aclamava o racionalismo e zombava do romantismo. De qualquer maneira, Espen e Tore não faziam concessões, e não viam problema nenhum com isso, muito pelo contrário. Era o que eu também precisava fazer, afirmar tudo no sentido

nietzschiano da palavra, pois não havia outra alternativa. Isso era tudo o que tínhamos, era tudo o que existia, então como renegar?

Peguei o celular e o abri. A fotografia de Heidi e Vanja se iluminou. Heidi tinha o rosto quase prensado contra a tela, com um grande sorriso, e Vanja estava um pouco mais atrás.

O relógio marcava quinze para as onze.

Me levantei e fui até o telefone público, depusitei quarenta coroas e liguei para o celular de Linda.

— Como foi a manhã de hoje? — perguntei.

— Terrível — ela respondeu. — Um verdadeiro caos. Eu perdi totalmente o controle. A Heidi arranhou o John outra vez. A Vanja e a Heidi brigaram. E a Vanja teve um acesso de fúria no meio da rua.

— Essa não, essa não — eu disse. — Que pena.

— E depois a Vanja disse, quando chegamos ao jardim de infância, “Você e o papai estão sempre brabos. Vocês estão sempre brabos”. Eu fiquei tão triste! Tão incrivelmente triste!

— Imagino. Deve ter sido terrível mesmo. Temos que dar um jeito nisso, Linda. É uma necessidade. É uma necessidade resolver esse problema. As coisas não podem continuar como estão. Eu tenho que me endireitar. Sei que uma boa parte é minha culpa.

— Temos que dar um jeito mesmo — Linda disse. — Vamos falar a respeito quando você voltar para casa. É muito frustrante, porque tudo que eu quero é que as crianças estejam bem. É a única coisa que eu quero. Mas eu não consigo! Sou uma péssima mãe. Não consigo nem ao menos ficar sozinha com os meus próprios filhos.

— Não mesmo. Você é uma mãe incrível. Não tem nada a ver com isso. Mas nós vamos resolver tudo. Eu prometo.

— Está bem... Como foi a viagem?

— Boa. Estou em Kristiansand agora. Vou para a universidade daqui a pouco. Estou apavorado. Para mim essas palestras são a pior coisa imaginável. Não existe nada pior. Mas eu continuo a aceitar os convites.

— Mas sempre dá tudo certo, não?

— Essa é uma verdade com modificações. Às vezes dá certo. Mas, enfim, não quero ficar aqui me queixando. Está tudo certo, eu estou bem. Ligo de novo hoje à noite, tudo bem? E se quiser você pode ligar para o meu celular. Está funcionando para receber chamadas.

— Está bem.

— O que você está fazendo agora?

— Caminhando no Pildammsparken com o John. Ele está dormindo. Está tudo bem aqui, na verdade eu devia estar feliz. Mas... a manhã de hoje acabou comigo.

— Logo vai passar. Com certeza a tarde vai ser boa. Mas, escute, está na minha hora. Tchau!

— Tchau. E boa sorte!

Desliguei, peguei a bolsa e saí para fumar um último cigarro.

MERDA. PUTA QUE PARIU.

Me apoiei contra a parede e olhei em direção à floresta, em direção às rochas cinzentas das montanhas em meio às folhas verdes e amarelas.

Fiquei muito triste por causa das crianças. Eu andava muito bravo e irritado em casa, não precisava de quase nada para que eu repreendesse Heidi, e até mesmo *gritasse* com ela. E Vanja, Vanja... Quando ela tinha os acessos de teimosia e não apenas se negava a fazer qualquer coisa, mas também gritava e berrava e batia nas coisas, eu gritava de volta, agarrava-a e a jogava em cima da cama, totalmente descontrolado. Depois vinha o remorso, a tentativa de ser paciente, gentil, simpático, amigável, bom. Bom. O que eu queria, a única coisa que eu queria, era ser um bom pai para os três.

Por acaso eu não era?

MERDA. MERDA. MERDA.

Joguei o cigarro longe, peguei a bolsa e fui embora. Como eu não sabia onde ficava a universidade, já que não existia na época em que eu tinha morado na região, resolvi pegar um táxi para fazer todo o trajeto. E o táxi

saiu do estacionamento comigo no banco de trás, andou primeiro ao longo da estrada, depois atravessou o rio, passou em frente à escola onde eu tinha estudado, com a qual eu não podia me importar menos, subiu e desceu os morros e atravessou Hamresanden, o camping, a praia e a gandra que tinha no fundo o loteamento onde a maioria dos meus colegas de escola tinha morado. Saímos da floresta e chegamos ao cruzamento de Timenes, e de lá seguimos pela E18 até Kristiansand.

A universidade ficava do outro lado de um túnel, não muito longe de onde eu tinha frequentado o ginásio, mas totalmente isolada, como uma ilha no meio da floresta. Grandes prédios novos e bonitos. Não havia dúvidas de que a Noruega tinha ganhado muito dinheiro desde a época em que eu tinha morado por lá. As pessoas vestiam roupas mais elegantes, tinham carros mais caros, e por toda parte haviam começado a construir novos prédios.

Um homem barbado, com jeito de professor universitário e óculos, estava me esperando junto à entrada. Nos cumprimentamos, ele me mostrou o lugar onde seria a palestra e foi cuidar dos próprios afazeres. Encontrei a cantina, enfiei uma baguete goela abaixo e me sentei ao sol para beber café e fumar. O lugar estava cheio de estudantes por todos os lados, eram mais jovens do que eu tinha imaginado, era quase como se fossem ginasistas. De repente me vi, um cara de meia-idade com uma bolsa e olheiras fundas sentado sozinho. Quarenta, eu logo faria quarenta. Eu não tinha quase caído da cadeira quando Olli, o amigo de Hans, me disse que tinha quarenta anos? No início eu não tinha sequer acreditado, depois toda a vida dele de repente pareceu diferente, o que aquele velho estava fazendo conosco?

E agora eu tinha quarenta.

— Karl Ove?

Olhei para cima. Nora Simonhjell estava sorrindo à minha frente.

— Oi, Nora! O que você está fazendo por aqui? Você trabalha na universidade?

— Trabalho. Fiquei sabendo que você ia aparecer. Achei que eu encontraria você aqui. Que bom te ver!

Me levantei e dei um abraço nela.

— Sente-se! — eu disse.

— Como você está bem! — Nora comentou. — Mas agora me conte. Como vai a vida?

Contei a versão resumida. Três filhos, quatro anos em Estocolmo, dois em Malmö. Tudo certo. Nora, que eu tinha conhecido em uma festa na Universitet i Bergen, na noite em que todos comemoravam o término do curso, e que depois tornei a encontrar em Volda, onde ela lecionava e onde escrevi o meu primeiro romance, que ela leu e comentou antes de qualquer outra pessoa, tinha morado um tempo em Oslo, trabalhado numa livraria e no *Morgenbladet*, publicado um segundo livro de poemas e conseguido o trabalho por lá. Eu disse que Kristiansand tinha sido um pesadelo para mim. Mas muita coisa devia ter mudado nos vinte anos que se passaram. Uma coisa era ter sido ginasta em Kristiansand, outra era ter um emprego na universidade.

Ela disse que estava gostando muito. Pareceu feliz. Tinha deixado a carreira literária de lado, mas não em definitivo, disse que ninguém sabia o que ainda podia acontecer. Uma amiga se aproximou, era uma americana, falamos um pouco sobre as diferenças entre o antigo lugar onde ela morava e o lugar onde estava morando antes de seguirmos para o auditório. Faltavam dez minutos para começar. Eu estava com dor de barriga, com dores em todo o corpo, tudo doía em mim. E as mãos que durante o dia inteiro haviam tremido nos meus pensamentos começaram a tremer de verdade. Me sentei na cátedra, folheei um pouco os livros, olhei em direção à porta. Duas pessoas estavam sentadas no auditório. Eu e o professor. Será que era um dia daqueles?

A primeira vez que fiz uma leitura pública, semanas depois que o meu primeiro romance saiu, foi em Kristiansand. Quatro espectadores estavam presentes. Um deles, notei com grande satisfação, era Rosenvold, o meu antigo professor de história, hoje reitor. Depois da leitura resolvi falar com ele. Descobri que Rosenvold mal se lembrava de mim, e que tinha aparecido para ouvir e encontrar o segundo dos três estreantes daquela tarde, Bjarte Breiteig.

Que belo retorno ao lar. Que bela vingança contra o passado.

— Be-em, acho que está quase na hora de começar — disse o professor. Olhei para as cadeiras. Sete pessoas estavam sentadas.

Nora disse que ficou impressionada quando acabou, uma hora mais tarde. Sorri e agradei as palavras gentis, mas eu estava me odiando com todas as forças do meu ser, queria sair de lá o mais depressa possível. Por sorte Geir me encontrou vinte minutos antes do horário combinado, ele estava no meio do grande saguão quando desci a escada. Fazia mais de um ano desde a última vez que eu o tinha visto.

— Achei que você não tinha como perder mais cabelo — falei. — Mas eu estava errado.

Apertamos as mãos.

— Os seus dentes estão tão amarelados que os cachorros da cidade vão todos se juntar ao seu redor — Geir respondeu. — Vão achar que você é o rei deles. Como foi?

— Vieram sete pessoas.

— Ha ha ha!

— Mas tudo bem. No mais deu tudo certo. Vamos? O seu carro está lá fora?

— Está — ele disse.

Para alguém que tinha enterrado a mãe um dia antes, Geir estava com um bom humor surpreendente.

— A última vez que estive aqui foi num exercício com os cadetes da Defesa Nacional — ele disse enquanto atravessávamos a praça no lado de fora. — Recebemos o equipamento aqui por perto. Mas nada disso aqui existia, claro.

Geir apertou o botão da chave e um Saab vermelho piscou os faróis a vinte metros de distância. Uma cadeirinha de bebê estava no banco de trás, era para Njaal, o filho que tinha nascido um dia depois de Heidi e que era meu afilhado.

— Você quer dirigir? — ele perguntou com um sorriso.

Não consegui pensar em nenhuma resposta adequada, simplesmente sorri de volta. Abri a porta e me sentei, coloquei o banco para trás, apertei o cinto de segurança e olhei para Geir.

— Não vamos andar?

— Para onde?

— Para a cidade, não? O que mais temos para fazer?

Geir girou a chave na ignição e deu ré, pegou a estrada.

— Você parece estar meio chateado — ele disse. — A palestra não foi boa?

— Deu tudo certo. E não vou incomodar você com o que não deu.

— Por que não?

— Não, você sabe... — eu disse. — Uma coisa são problemas pequenos, outra coisa são problemas grandes.

— O enterro da minha mãe ontem não pertence à categoria “problema” — ele respondeu. — O que aconteceu, aconteceu. Vamos lá. O que está incomodando você?

Entramos no curto túnel e saímos na planície junto a Kongsgård, que, inundada pela luz forte do inverno, parecia quase bonita.

— Hoje mais cedo eu falei com a Linda — eu disse. — Ela teve uma manhã difícil, você sabe como é. Um acesso de fúria e caos. E depois a Vanja disse que nós dois estamos bravos o tempo inteiro. E porra, nisso ela está coberta de razão. Eu percebo assim que me afasto um pouco de casa.

Na verdade tudo o que eu queria fazer agora era voltar e acertar as coisas. É isso que está me incomodando.

— O de sempre, então.

— É.

Entramos na E18, paramos na estação de pedágio, onde Geir abriu a janela e atirou as moedas para dentro do recipiente de metal cinza, e passamos pela igreja de Oddernes, e mais atrás pela capela onde o meu pai tinha sido velado, e também pela Kristiansand Katedralskole, onde eu tinha frequentado as aulas durante três anos.

— Esse é um lugar importante para mim — eu disse. — Minha vó e meu vô estão enterrados aqui. E o meu pai...

— Ele está num depósito aqui perto?

— Exato. Ah, não conseguimos terminar o trabalho. He he he.

— Nada como resolver as coisas em família. He he he!

— Ha ha ha! Mas sério, eu vou resolver isso em breve. Dar um jeito de enterrá-lo. Tenho que dar um jeito.

— Dez anos em um depósito não fazem mal para ninguém — Geir comentou.

— Fazem sim. Mas não quando você foi cremado.

— Ha ha ha!

De repente fez-se silêncio. Passamos pela estação de incêndio, entramos no túnel.

— Como foi o enterro ontem? — perguntei.

— Bom — Geir respondeu. — Apareceu muita gente. A igreja estava lotada. Muitos parentes e amigos da família que eu não via há muito tempo, alguns desde que eu era pequeno. Foi bonito. O meu pai e o Odd Steinar choraram. Estavam arrasados.

— E você? — perguntei.

Geir me olhou por um breve instante.

— Eu não chorei — respondeu em seguida. — O meu pai e o Odd Steinar passaram boa parte do tempo abraçados. Eu fiquei sentado ao lado

deles, sozinho.

— Você ficou incomodado?

— Não, por quê? Eu sinto do meu jeito, eles sentem do jeito deles.

— Entre à esquerda aqui — eu disse.

— À esquerda? Lá?

— É.

Chegamos na Kvadraturen, descemos a Festningsgaten.

— Tem um estacionamento logo à direita — eu disse. — Vamos parar aqui?

— Vamos.

— O que você acha que o seu pai está pensando? — eu perguntei.

— A respeito de eu não estar de luto?

— É.

— Ele não está pensando nada. “O Geir é assim mesmo”, é isso que está pensando. É o que sempre pensou. O meu pai sempre me aceitou como eu sou. Eu já contei para você da vez em que ele foi me buscar numa festa? Eu tinha dezesseis anos e precisava vomitar, ele parou o carro, eu vomitei, meu pai continuou dirigindo e nunca mais tocou no assunto. Confiança total. Para ele não significa nada que eu não tenha chorado no enterro da minha mãe ou não tenha dado um abraço nele. Ele sente do jeito dele e os outros sentem de outro jeito.

— Ele parece ser um homem decente.

Geir me encarou.

— É, ele é um homem decente. E também é um bom pai. Mas vivemos em planetas diferentes. É lá que você disse? Lá adiante?

— Isso mesmo.

Descemos até a garagem subterrânea e estacionamos o carro. Andamos pela cidade, Geir queria passar numas lojas de música para ver os discos de blues, a nova obsessão dele, e depois visitamos as duas livrarias grandes antes de sair à procura de um lugar para almoçar. Acabamos no Peppes ao lado da biblioteca. Geir parecia alheio a tudo que tinha acontecido na vida

dele ao longo daquela semana, mas enquanto almoçávamos e conversávamos, me perguntei se seria porque de fato era indiferente, e nesse caso por quê, ou se seria porque estava tentando esconder o que sentia. Na época em que me mudei para Estocolmo Geir tinha escrito uns contos, eu os li, eram acima de tudo marcados por uma grande distância em relação aos acontecimentos que descreviam, e lembro que eu disse para ele que era como se um enorme navio naufragado tivesse que ser trazido à superfície. Tudo estava no fundo da consciência dele. Geir já não se importava mais com aquilo, não era importante, o que obviamente não era o mesmo que dizer que não tinha significado nenhum. Geir não admitia, e levava a vida de acordo. Mas nesse caso, que status tinha aquilo tudo? Estaria reprimido? Racionalizado? Ou seria, como ele mesmo dizia, *yesterday's news*? A distância que Geir mantinha em relação à família estava relacionada a isso: ele se afastava de tudo que era passado. A vida da família, que de acordo com ele consistia em uma sequência regular de acontecimentos cotidianos, onde os grandes momentos eram os passeios aos shopping centers na periferia da cidade e os almoços de domingo em um ou outro restaurante na beira da estrada, e onde os assuntos raramente versavam sobre outra coisa que não fosse comida ou o tempo, deixavam-no exasperado, também porque, segundo eu imaginava, o que ele fazia não tinha vez nesse contexto. Ninguém tinha interesse nenhum pelo que ele fazia, da mesma forma como ele não tinha interesse nenhum pelo que as outras pessoas da família faziam. Para que as coisas funcionassem, Geir teria de ir ao encontro delas, mas ele não queria. Ao mesmo tempo ele muitas vezes elogiava o afeto que existia, o cuidado com tudo que era próximo, os abraços e mais abraços, mas esses comentários vinham quase sempre depois de uma menção a respeito das coisas que não suportava na família, como uma penitência, e sempre acompanhados de uma investida contra mim, porque se por um lado eu tinha tudo o que Geir não tinha na família, curiosidade intelectual e conversas constantes, o que ele chamava de valores da classe média, por outro lado não havia afeto nem

proximidade, o que para ele eram valores típicos da classe trabalhadora de onde vinha. O desejo de aconchego, tão desprezado nos círculos acadêmicos, uma vez que a forma como se expressava era vista como simples, e até mesmo simplória. Geir desprezava a classe média e os valores da classe média, mas sabia muito bem que era desses mesmos valores que tinha se aproximado com a própria carreira universitária e tudo o que a acompanhava, e assim acabava preso como uma mosca numa teia de aranha.

Percebi que ele tinha ficado alegre ao me ver, e também percebi um certo alívio trazido pela morte da mãe, nem tanto por causa dele, mas por causa dela. Uma das primeiras coisas que Geir falou dizia respeito ao papel que o medo da mãe teria a partir de então. Nenhum... Mas era assim mesmo, estávamos todos presos uns aos outros assim como estamos presos a nós mesmos, não havia saída, não havia como nos libertar, cada um tinha a vida que tinha.

Falamos a respeito de Kristiansand. Para Geir era apenas uma cidade, para mim era um lugar onde eu não conseguia estar sem que velhos sentimentos transbordassem. Na maior parte eram sentimentos de ódio, mas também sentimentos relativos à minha insuficiência, à minha incapacidade de satisfazer as exigências que eu percebia naquele lugar. Geir disse que era porque aquele tinha sido o lugar onde eu havia crescido, que o passar do tempo era responsável por essa impressão, mas eu discordei, havia uma grande diferença entre Arendal e Kristiansand, a própria mentalidade era outra. As cidades também têm um caráter, uma psicologia, um espírito, uma alma, pode-se dar o nome que se quiser, enfim, aquilo que percebemos assim que chegamos a um lugar e que marca todas as pessoas que moram lá. Kristiansand era uma cidade comercial, com uma alma de vendedor. Bergen também tinha uma alma de vendedor, mas além disso tinha amplitude e senso de ironia, ou seja, o mundo exterior tinha sido incorporado pela cidade, ela sabia que não era a única.

— Eu li *Ny jord* no verão — eu disse. — Você leu?

— Muito tempo atrás.

— Hamsun faz um elogio aos negociantes no livro. Os negociantes são jovens e dinâmicos e o futuro do mundo e os grandes heróis. Pelos homens de cultura ele só tem desprezo. Escritores, pintores, isso não é nada. O que importa são os negociantes! Chega a ser engraçado. Imagine a má vontade de um sujeito assim!

— Mm — Geir disse. — Tem uma parte na biografia em que ele dá em cima de umas criadas. Kolloen trata o assunto de maneira injusta, ou então não entende do que está falando. Mas Hamsun veio de baixo. Em geral as pessoas esquecem. Ele era um escritor operário. Saiu da pobreza mais pobre que existe. Para ele as criadas eram um degrau acima na escala social! Não é possível entender Hamsun sem que se entenda isso.

— Ele não olhava para trás — eu disse. — É como se os pais não fizessem parte da psicologia dele, se é que dá para entender o que eu quero dizer. Tenho a impressão de pessoas cinzentas e velhas junto à parede da sala numa cabana em algum lugar em Nordland, tão cinzentas e tão velhas que quase não se distinguem dos móveis. E tão estranhas à vida mais tardia de Hamsun que é como se não tivessem importância nenhuma. Mas é claro que não pode ter sido assim.

— Não pode?

— Você entende o que eu quis dizer, não? Não existe uma única descrição de infância na obra de Hamsun, a não ser em ...*E não consegue fugir*. E praticamente não existem figuras paternas. As pessoas saem do nada nos livros dele. São totalmente desprovidas de passado. Seria porque o passado realmente não tem importância nenhuma ou porque essa importância estava sendo reprimida? Assim essas figuras acabam de certa forma sendo as primeiras pessoas em massa, ou seja, as primeiras sem uma origem própria e bem definida. Elas se definem a partir do presente.

Peguei uma fatia de pizza, rebentei os fios de queijo que a prendiam e dei-lhe uma dentada.

— Prove o *dip* — Geir disse. — Está bem gostoso!

— Pode ficar com o *dip* — eu disse.

— Quando você tem que estar lá, aliás?

— Às sete. Começa às sete e meia.

— Então ainda temos tempo de sobra. Você não quer dar uma volta de carro? Assim você pode rever os lugares por onde andava. Eu também tenho os meus lugares aqui em Kristiansand. O tio da minha mãe e a família dele moravam em Lund. Tenho vontade de voltar para lá.

— Antes vamos tomar um café em outro lugar. Depois podemos ir. Tudo bem?

— Tem um café aqui perto onde eu costumava ir com os meus pais quando era pequeno. Podemos ver se ainda existe?

Pagamos e saímos. Caminhamos até o Hotell Caledonien e contei a Geir a história do incêndio, quando eu fiquei atrás das barreiras, olhando boquiaberto para a fachada preta, onde tudo estava acabado. Andamos ao longo dos contêineres no porto, fomos até a estação de ônibus, subimos até a Bolsa, andamos pela Markens Gate e entramos num café de inspiração artística qualquer e pegamos uma mesa na rua, apesar do frio, para que eu pudesse fumar. Depois pegamos o carro, fomos primeiro até a casa na Elvegaten, onde eu tinha morado durante o inverno em que a minha mãe e o meu pai tinham se divorciado. A casa tinha sido vendida e reformada. Depois seguimos até a casa da minha avó e do meu avô, onde o meu pai tinha morrido. Fizemos a volta na praça em frente à marina, paramos na rua estreita e olhamos para a casa. Estava pintada de branco. As mesas tinham sido trocadas. O jardim estava arrumado.

— Era aqui? — Geir perguntou. — É uma casa e tanto! Bonita, cara, burguesa. Nunca pensei que fosse assim. Eu tinha imaginado uma coisa totalmente diferente.

— É — eu disse. — Era aqui. Mas não tenho mais nenhum sentimento em relação a esse lugar. Para mim é só uma casa. Já não significa mais nada. Acabei de perceber.

Duas horas mais tarde paramos em frente à faculdade popular onde eu faria a minha leitura. A faculdade ficava no meio da floresta ao redor de Søgne. O céu estava completamente preto, as estrelas brilhavam e reluziam por toda parte, ouvia-se o murmúrio de um rio nas proximidades e o farfalhar das árvores na floresta. O barulho da porta do carro se fechando ressoou em meio às construções. Depois o silêncio fechou-se ao nosso redor.

— Tem certeza de que é aqui? — Geir perguntou. — No meio da floresta? Quem viria até um lugar desses para ouvir você ler numa sexta-feira à noite?

— Diga o que você quiser — eu disse. — Mas é aqui. Bonito, não?

— Bonito mesmo. Um lugar com uma atmosfera marcante.

Ouvimos o rumor de nossos passos enquanto caminhamos sobre o cascalho congelado. Uma das construções, uma grande casa de madeira branca, que parecia remontar à virada do século, estava totalmente às escuras. A outra, que ficava vinte metros adiante em sentido perpendicular, estava com três janelas iluminadas. Havia dois vultos em uma delas. Estavam tocando piano e violino. Depois havia um galpão enorme à direita, também às escuras, onde eu faria a leitura.

Andamos de um lado para o outro por uns minutos, espiamos para dentro das janelas escuras, vimos uma biblioteca e uma outra peça que parecia uma sala de estar. Seguimos o caminho e chegamos a uma ponte de pedra que atravessava um riacho ou um córrego. Água preta, e a floresta como uma parede preta do outro lado.

— Precisamos de um café ou coisa parecida — disse Geir. — Vamos perguntar àqueles dois se eles têm a chave?

— Não. Não vamos perguntar nada a ninguém — eu disse. — Os organizadores vão chegar na hora que chegarem.

- Temos que ao menos nos esquentar um pouco — Geir respondeu.
— Você não pode ter nada contra.
— Não tenho.

Entramos na construção estreita, onde ecoavam as notas dos dois jovens músicos. Deviam ter dezesseis ou dezessete anos. A garota tinha um rosto bonito e suave, mas o rapaz, que tinha a mesma idade, embora fosse desajeitado e cheio de espinhas e tivesse até enrubescido um pouco, não pareceu muito feliz em nos ver.

— Vocês têm as chaves ou coisa parecida para as portas daqui? Ele vai fazer uma leitura, sabem como é. E chegamos um pouco cedo demais.

A garota balançou a cabeça. Mas disse que podíamos esperar na sala ao lado, onde havia uma cafeteira. Foi o que fizemos.

— Isso aqui me lembra das excursões com a escola — disse Geir. — A luz aqui dentro. O frio e a escuridão lá fora. E a floresta. E o fato de que ninguém sabe onde estou. Ninguém sabe o que estou fazendo. É um sentimento de liberdade. Mas tem um bocado de escuridão nessa atmosfera.

— Entendo o que você quer dizer — eu disse. — Mas eu estou simplesmente nervoso. Sinto dores por todo o corpo.

— Por quê? Porque você vai falar aqui? Relaxe, cara! Vai dar tudo certo. Ergui a mão no ar.

— Está vendo? — eu perguntei.

Eu tremia como um velho.

Meia hora mais tarde me acompanharam até a sala onde aconteceria a leitura. Fui recebido por mais um homem barbado com jeito de professor universitário e óculos, no final da casa dos cinquenta.

— É uma bela sala, não? — Geir perguntou quando entramos.

Acenei a cabeça. Era verdade. Dentro do galpão havia um grande anfiteatro, construído de maneira a oferecer a melhor acústica possível,

com talvez duzentos lugares. Havia obras de arte em todas as paredes. Esse país tem muito dinheiro agora, pensei mais uma vez. Larguei minha bolsa ao lado do púlpito, peguei os papéis e os livros, cumprimentei duas ou três outras pessoas que eu tinha de cumprimentar, entre as quais estava a livreira que tinha aparecido para vender livros depois da palestra, uma senhora simpática e cheia de energia, e depois fiz uma caminhada no escuro até o rio, onde fumei dois cigarros. Depois passei quinze minutos no banheiro apoiando a cabeça nas mãos. Quando voltei ao auditório, um número considerável de pessoas havia chegado. Quarenta, talvez cinquenta? Era um bom número. Também havia uma banda de metais, eles iam tocar música barroca. A apresentação durou cerca de meia hora, no meio da floresta em uma noite de sexta-feira, e depois chegou a minha vez. Fiquei de pé no centro da atenção de todos e bebi água, folheei os meus papéis e comecei a falar com hesitação, engolindo as palavras, com a voz trêmula, até que eu me sentisse à vontade e pudesse simplesmente falar. O público estava atento, o interesse daquelas pessoas chegou até mim, comecei a me sentir cada vez mais à vontade, todos riam quando deviam rir e um sentimento de felicidade tomou conta de mim, porque poucas coisas são mais animadoras do que falar para um público em sintonia, que não apenas deseja sucesso a você, mas que também acompanha o que você está dizendo. Eu percebi que as pessoas começaram a ficar mais empolgadas, e quando enfim me sentei para a sessão de autógrafos, todos queriam falar sobre as coisas que eu tinha dito, as minhas palavras se relacionavam a alguma coisa na vida daquelas pessoas e elas queriam me contar tudo, cheias de entusiasmo. Só quando voltei ao estacionamento com Geir caí mais uma vez até o lugar onde eu costumava estar, o lugar onde o desprezo grassava. Eu não disse nada, simplesmente me sentei e fiquei olhando para a estrada que serpenteava em meio ao panorama escuro.

— A palestra estava boa — Geir disse. — Você se saiu bem. Não sei do que você tanto reclama. Você podia viajar por aí ganhando dinheiro com

isso!

— Foi bom — eu disse. — Mas eu dei às pessoas o que elas queriam, disse o que elas queriam ouvir. Mimei-as como eu sempre mimo a tudo e a todos.

— Tinha uma mulher na minha frente — Geir disse. — Ela tinha jeito de professora. Você começou a falar sobre abuso de crianças e ela ficou dura. Mas aí você disse a palavra mágica. Infantilização. Nesse instante ela acenou a cabeça. Era um conceito com o qual podia se relacionar. Assim tudo ficou palatável. Mas se você não tivesse feito aquilo, se você tivesse entrado em mais detalhes, não sei se tanta gente teria ido conversar com você depois. O que é a pedofilia, senão um comportamento infantil?

Geir riu. Fechei os olhos.

— E aquela banda de metais no meio da floresta? Música barroca. Quem imaginaria uma coisa daquelas? Ha ha ha! Foi uma noite boa, Karl Ove, não há dúvida. Quase mágica. A escuridão e as estrelas e o farfalhar da floresta.

— É — eu disse.

Pegamos o carro e andamos pelos arredores de Kristiansand, atravessamos Varoddbroa, o zoológico, Nørholm, Lillesand e Grimstad. Tagarelamos um pouco, chegamos a Arendal, onde demos uma volta por Tyholmen, tomei uma cerveja na área externa de um bar, eu estava fora de mim sem nenhum motivo particular. Estar naquele lugar, rodeado por construções familiares ao redor de Pollen, com a silhueta de Tromøya no outro lado do estreito, em um mundo repleto de lembranças, era uma sensação boa, mas estranha, e ainda mais estranha porque Geir, que eu associava apenas com a minha vida em Estocolmo, estava junto. Ao meio-dia tomamos o rumo de Hisøya, Geir queria me mostrar uns lugares que eu olhei sem conseguir mobilizar nenhum interesse genuíno, entre os quais estava o cais mais afastado da ilha, onde ele e os amigos costumavam

se encontrar durante a juventude, antes que seguissemos até o lugar onde ele tinha crescido. Ele parou o carro em frente a uma garagem, tirei a minha bolsa e as flores que eu tinha ganhado do porta-malas e o segui em direção à casa, que era do mesmo tipo, ou ao menos da mesma época, que a nossa.

O cômodo logo depois do corredor estava cheio de flores e coroas.

— Alguém morreu por aqui, como você pode ver — Geir disse. — Se você quiser, pode deixar o seu buquê num dos vasos.

Fiz como ele sugeriu. A seguir Geir me mostrou o quarto onde eu dormiria, que na verdade era do irmão dele, Odd Steinar, mas que naquele momento tinha sido desocupado para mim. Pegamos umas fatias de pão na cozinha e andei um pouco pelas duas salas olhando ao redor. Geir sempre tinha dito que os pais dele pertenciam à geração anterior à geração dos nossos pais, e naquele instante eu vi que ele tinha razão, entendi o que ele queria dizer. Os trilhos, os tapetes, as toalhas de mesa, tudo tinha um jeito interiorano da década de 1950, e o mesmo valia para os móveis e os quadros nas paredes. Parecia uma casa dos anos 1970 decorada como se fosse uma casa dos anos 1950. Muitos retratos de família nas paredes, uma grande coleção de bibelôs no parapeito.

Eu já tinha estado outra vez numa casa onde alguém tinha acabado de morrer. Era um caos por toda parte. Lá, nada parecia ter mudado.

Fumei um cigarro no pátio. Depois nos demos boa-noite e eu fui me deitar, mas não queria fechar os olhos, não queria me defrontar com o que eu me defrontava naquele instante, mas não havia jeito, concentrei todas as minhas forças em pensamentos neutros e adormeci em poucos minutos.

Na manhã seguinte acordei às sete horas com movimentos nos cômodos do andar de cima. Era Njaal, o filho de Geir, e Christina que haviam se levantado. Tomei um banho, troquei de roupa e subi. Um senhor que devia ter uns setenta anos com um rosto suave e olhar amistoso saiu da

cozinha e me cumprimentou. Era o pai de Geir. Conversamos um pouco sobre a minha infância nas proximidades e sobre como tinha sido boa. Ele tinha uma aura gentil, mas não aberta e quase reveladora como o pai de Linda, não, naquele rosto havia também solidez. Não exatamente dureza, mas... caráter. Sim, caráter. Em seguida chegou Odd Steinar, o irmão de Geir. Apertamos as mãos, ele se acomodou no sofá e começamos a falar sobre isso e aquilo, ele também era uma pessoa suave e amistosa, mas tinha uma timidez que o pai não tinha, e Geir tampouco. O pai serviu a mesa do café na sala, sentamo-nos juntos e eu sentia o tempo inteiro que a mãe e a esposa deles tinha sido enterrada no dia anterior, e que era inconveniente estar naquele lugar, mas ao mesmo tempo fui recebido com hospitalidade e atenção, os amigos de Geir também eram amigos deles, aquela casa era uma casa aberta.

Mesmo assim soltei um suspiro profundo quando mais tarde eu saí da casa.

O avião partia à tarde, tínhamos planejado dar umas voltas de carro para ver, entre outras coisas, Tromøya, onde eu não tinha estado em muito tempo, ou pelo menos não em Tybakken, onde eu tinha crescido, e depois seguir direto para o aeroporto, mas o pai tinha insistido em que voltássemos antes, era sábado, ele queria comprar camarões em Fiskebrygga para que eu os provasse antes de voltar para Malmö, com certeza não podia haver camarões como aqueles por lá?

Não, tínhamos que dar um jeito.

Depois nos sentamos no carro e avançamos em direção a Tromøya. Geir falava sobre os lugares por onde passávamos, contava anedotas relacionadas a eles. Uma vida inteira se desprendia daquele lugar. Depois ele começou a falar sobre a família. Quem a mãe tinha sido, quem o pai e o irmão eram.

— Foi bem interessante conhecer os dois — eu disse. — Agora entendo um pouco melhor as coisas que você me disse. Vendo o seu pai e o seu irmão eu percebo que não existe praticamente *nenhum* ponto de contato em relação a você. Ao seu temperamento. À sua raiva e à sua curiosidade.

À sua inquietude. O seu pai e o seu irmão são pura suavidade e pura gentileza. Então qual é a ligação? Tinha uma pessoa faltando lá, para mim ficou muito claro. A sua mãe deve ter sido como você. Não é?

— É. Essa é uma boa observação. Ela me entendia. Mas também foi por isso que eu tive que me afastar. Foi uma pena você não a ter conhecido.

— Cheguei quando tudo já tinha acabado.

— A ligação mais forte entre as três gerações é que Njaal, eu e o meu pai temos a parte de trás da cabeça idêntica.

Fiz um gesto afirmativo com a cabeça. Subimos os morros em direção a Tromøybroa. Montanhas dinamitadas, estradas construídas, prédios industriais erguidos, como em outras partes do condado.

Abaixo de nós estava Gjerstadholmen, e um pouco mais próximo Ubekilen. À direita estava a casa de Håvard. O ponto de ônibus, a floresta mais abaixo onde no inverno fazíamos rampas de esqui e no verão descíamos até as rochas para nadar.

— Entre aqui — eu disse.

— Aqui? À esquerda? Puta merda, era *aqui* que você morava?

A casa do velho Søren, a árvore com cerejas silvestres, e, mais adiante, o loteamento. Nordåsen Ringvei.

Meu Deus, tudo era muito pequeno.

— Aqui mesmo. Logo em frente.

— Aqui? Aquela casa vermelha?

— É. A casa era marrom quando morávamos aqui.

Geir parou o carro.

Tudo era muito pequeno. E muito feio.

— Não tem nada para ver — eu disse. — Vamos seguir viagem. Suba o morro aqui.

Uma mulher com uma jaqueta estofada apareceu caminhando com um carrinho de bebê. Além dela não havia nenhum sinal de vida em parte alguma.

A casa de Olsen.

A montanha.

Nós a chamávamos de montanha, mas era apenas um pequeno outeiro. A casa de Siv, logo atrás. A casa de Sverre e dos outros.

Nenhuma pessoa. Não, havia um grupo de crianças.

— Por que você ficou quieto de repente? — Geir perguntou. — Está sendo demais para você?

— Demais? Não, para dizer a verdade está sendo de menos. Tem muito pouca coisa aqui. Aliás, não tem nada. Nunca vi um lugar assim antes. Não tem nada aqui. E em outra época isso foi tudo para mim.

— É — Geir disse com um sorriso. — Sempre em frente?

— A gente ia andar pela orla, não? Para ver a igreja de Tromøy? Essa pela menos é uma bela construção. Século XIII. Tem umas lápides incríveis do século XVII por lá, cheias de caveiras e ampulhetas e cobras. Usei a inscrição de uma delas no primeiro conto de verdade que eu escrevi. Como epígrafe.

Todos os lugares que eu trazia dentro de mim, que eu tinha imaginado infinitas vezes ao longo da minha vida, passaram do lado de fora da janela, sem nenhuma aura, totalmente neutros, assim era tudo aquilo, na verdade. Umhas poucas rochas, uma pequena baía, um trapiche decrepito, um braço de mar, umas casas velhas e uma planície que descia rumo à água. Era tudo.

Descemos do carro e fomos até o cemitério da igreja. Andamos um pouco ao redor, olhamos para o mar, mas nem isso, e nem mesmo a visão dos pinheiros, que cresciam na praia de cascalho, cada vez menores à medida que ficavam mais expostos ao vento, despertou qualquer tipo de sentimento em mim.

— Vamos seguir em frente — eu disse. Depois vieram os campos onde eu havia trabalhado nos verões, a estrada até o lago, onde podíamos começar a tomar banho por volta do Dezesete de Maio. Sandumkilen. A casa da minha professora, como era mesmo o nome dela, Helga Torgersen? Ela já devia estar perto dos sessenta anos. Depois Færvik, o

posto de gasolina, a casa do outro lado, onde as meninas da nossa turma haviam demonstrado grande entusiasmo na festa antes da minha mudança, e o supermercado, que eu lembrava de quando tinham construído.

Não era nada. Mas vidas continuavam a ser vividas naquelas casas, e para elas aquelas coisas todas ainda eram tudo. Pessoas nasciam, pessoas morriam, faziam amor e discutiam, comiam e cagavam, bebiam e festejavam, liam e dormiam. Assistiam televisão, sonhavam, tomavam banho, comiam maçãs e olhavam para os telhados das casas em meio aos ventos de outono, que faziam balançar os pinheiros compridos e esbeltos.

Um lugar pequeno e feio, mas que era tudo que existia.

Um tempo depois eu estava sozinho na mesa da sala comendo a toda velocidade os camarões servidos pelo pai de Geir, que não quis me acompanhar, mas fez questão de que eu tivesse uma experiência agradável em Sørlandet antes de ir embora. Depois apertei a mão de todos, agradei pelas refeições e pela hospedagem, me sentei no carro ao lado de Geir mais uma vez e parti rumo ao aeroporto. Pegamos o caminho por Birkeland, porque eu queria ver como estava a outra casa da minha infância, em Tveit.

Geir parou o carro em frente à casa. Ele riu.

— Você morava *aqui*? No meio da floresta? Esse lugar é completamente isolado! Não tem ninguém por aqui! Totalmente deserto... Parece *Twin Peaks*, se você quer saber. Ou *Pernille e Mr. Nelson*, você lembra? Eu ficava apavorado quando era pequeno.

Geir continuou a rir enquanto eu apontava os lugares. E eu tive que rir também, porque estava vendo o lugar com os olhos dele. Todas as casas velhas e decrépitas, as carcaças de carro nos pátios, os caminhões estacionados na frente, a grande distância entre as casas e o aspecto geral de pobreza. Tentei explicar que a nossa casa era bonita, que tinha sido

bom morar lá, que não tinha me faltado nada, que havia de tudo por lá, mas...

— Ora, pare com isso! — Geir disse. — Deve ter sido um castigo morar aqui.

Não respondi, fiquei um pouco irritado, senti necessidade de defender o lugar. Mas resolvi deixar de lado. Foi a mesma coisa lá também, a experiência interior, que fazia com que tudo irradiasse um significado, não tinha correspondente no mundo exterior.

Apertamos as mãos no estacionamento, Geir entrou de volta no carro e eu caminhei até o terminal de partidas. O voo seguiria até Oslo, onde eu faria uma conexão até Billund, na Dinamarca, para então fazer mais uma conexão até Kastrup. Eu não estaria em casa antes das dez horas da noite. Linda me abraçou quando cheguei, um abraço longo e íntimo, nos sentamos na sala, ela tinha preparado o jantar, eu contei sobre a viagem, ela disse que as coisas haviam melhorado no último dia, mas que precisaríamos tomar providências e sair do círculo vicioso em que nos encontrávamos, eu disse que concordava, não dava mais, tínhamos que deixar aquilo tudo para trás e começar uma nova fase. Às onze e meia entrei no quarto e liguei o PC, abri um novo documento e comecei a escrever.

Na janela à minha frente vejo o reflexo vago do meu próprio rosto. Afora os olhos, que cintilam, e a parte logo abaixo, que emite um brilho um pouco baço, toda a metade esquerda encontra-se na sombra. Duas rugas profundas atravessam a testa, uma ruga profunda desce ao longo de cada bochecha, tudo repleto de escuridão, e quando os olhos estão fixos e sérios, e os cantos da boca descem um pouco, é impossível não pensar nesse rosto como sendo triste.

O que tomou conta dele?

No dia seguinte eu continuei. A ideia era chegar tão próximo da minha vida quanto possível, e assim escrevi sobre Linda e John, que dormiam no quarto ao lado, sobre Vanja e Heidi, que estavam no jardim de infância, sobre a vista da janela, sobre as músicas que eu escutava. No dia seguinte fui até a cabana de férias e continuei escrevendo, eram passagens altamente modernistas sobre rostos e os padrões que existem em todos os grandes sistemas, dunas de areia, nuvens, economia, tráfego, de vez em quando eu saía ao jardim para fumar e ver os passarinhos que voavam de um lado para o outro no céu, era fevereiro e não havia vivalma na enorme região da colônia de férias, apenas fileiras e mais fileiras de pequenas casinhas de boneca muito bem conservadas no meio de jardins tão perfeitos que mais pareciam salas de estar. À tardinha apareceu uma enorme revoada de gralhas, deviam ser centenas, uma nuvem escura de asas esvoaçantes que passaram e foram embora. A noite caiu, e a não ser pela luz que vinha da porta aberta no outro lado do jardim, tudo ao meu redor estava envolto na escuridão. Eu estava tão imóvel no meu assento que um ouriço passou andando a meio metro dos meus pés.

— Veio fazer uma visita? — perguntei, e então esperei até que ele tivesse chegado à cerca viva antes de me levantar e entrar. No dia seguinte comecei a escrever sobre a primavera em que o meu pai saiu da casa onde morava com a minha mãe e eu, mesmo que eu detestasse cada frase decidi permanecer lá, eu tinha que terminar aquilo, contar a história que por tanto tempo eu vinha tentando contar. Continuei a escrever depois de voltar para casa, numas anotações que eu tinha feito aos dezoito anos e que por um motivo ou outro eu nunca tinha jogado fora estava escrito “sacolas de cerveja na vala”, a história tinha se passado numa véspera de Ano-Novo na minha juventude, eu podia usá-la se conseguisse não dar a mínima e esquecer os pensamentos a respeito de alcançar o nível mais alto possível. As semanas se passaram, eu escrevia, levava ou buscava as crianças no jardim de infância, passava as tardes com elas nos muitos parques da cidade, preparava o jantar, lia para elas e as colocava na cama, trabalhava

fazendo pareceres editoriais e outros pequenos trabalhos à noite. Todo domingo eu ia de bicicleta até Limhamnsfältet e jogava futebol por duas horas, era a minha única atividade de lazer, todo o restante dizia respeito ao trabalho ou às crianças. Limhamnsfältet era um gramado enorme nos arredores da cidade, próximo ao mar. Desde o final dos anos 1960 um grupo bem variado de homens se encontrava por lá às dez e quinze todos os domingos. Os mais jovens em geral tinham dezesseis ou dezessete anos, enquanto o mais velho, Kai, tinha quase oitenta — ele fica na lateral e precisa receber um passe exatamente no pé, mas quando isso acontece, ainda tem tanto futebol dentro dele que consegue avançar e às vezes até marcar um gol. Mas quase todos tinham entre trinta e quarenta anos, vinham de todas as camadas sociais e de todas as estradas da vida, e a única coisa que tinham em comum era a alegria de jogar futebol. No último domingo de fevereiro Linda e as crianças foram junto, Vanja e Heidi ficaram torcendo um pouco por mim, depois foram até um parquinho junto da praia enquanto eu continuava jogando. O chão estava congelado, o gramado em geral macio estava duro como pedra, e quando fui derrubado em uma dividida e caí de ombro, entendi no mesmo instante que alguma coisa tinha dado errado. Fiquei caído, os outros se juntaram ao meu redor, eu estava nauseado de tanta dor, andei devagar e encolhido para trás do gol, os outros entenderam que não tinha sido apenas uma pancada e a partida foi cancelada, mesmo que fossem dez e meia.

Fredrik, um escritor de cinquenta e poucos anos e artilheiro clássico, que ainda fazia gols no time de futebol da empresa, pegou o carro e me levou até o hospital, enquanto Martin, um dinamarquês gigante com mais de dois metros de altura que eu conhecia do jardim de infância, se encarregou de avisar Linda e as crianças quanto ao ocorrido. A emergência estava lotada, peguei uma senha e me sentei para esperar, meu ombro ardia e eu sentia pontadas a cada movimento que fazia, mas pelo menos consegui aguentar durante a meia hora que esperei até chegar a minha vez. Expliquei a situação para a enfermeira, ela saiu para fazer um rápido

exame em mim, pegou o meu braço e o mexeu devagar para o lado. Dei um grito alto e forte. AAAAAAA! Todos olharam para mim. Um homem de quase quarenta anos vestido com o uniforme da seleção argentina que tinha uma chuteira nos pés e os cabelos compridos presos com uma borrachinha numa espécie de abacaxi no alto da cabeça, urrando de dor.

— Entre comigo — disse a enfermeira. — Vamos examinar você melhor.

Entrei numa saleta ao lado, onde ela pediu que eu esperasse, poucos minutos depois apareceu uma outra enfermeira, ela fez o mesmo movimento com o meu braço, eu gritei mais uma vez.

— Me desculpe — eu disse. — Mas não consigo segurar.

— Tudo bem — ela disse enquanto começava a tirar minha jaqueta com cuidado. — Temos que tirar a sua camisa também — ela disse. — Você acha que consegue?

A enfermeira começou a puxar a manga, eu gritei mais uma vez, ela fez uma pausa, tentou de novo. Deu um passo atrás. Me encarou. Me senti como uma criança enorme.

— Vamos ter que cortar.

Foi a minha vez de olhar para ela. Cortar o meu uniforme da Argentina?

A enfermeira apareceu com uma tesoura e cortou as mangas, pediu que eu me sentasse em uma cama depois de retirar a camisa e enfiou uma cânula no meu antebraço, pouco acima do pulso. Ela disse que me daria um pouco de morfina. Quando tudo estava feito, sem que eu percebesse diferença nenhuma, ela me levou até uma outra sala, talvez cinquenta metros mais para dentro da construção labiríntica, onde fiquei sozinho esperando pelo raio X, não sem um certo temor, porque eu achava que o ombro tinha se deslocado e sabia que nesse caso doeria para colocá-lo de volta no lugar. Mas o médico constatou que era uma fratura que levaria entre oito e doze semanas para se regenerar. Me deram uns analgésicos, uma receita para eu comprar mais, colocaram uma faixa em formato de

oito que passava por cima e por baixo dos meu ombros, me vestiram com a jaqueta e me mandaram para casa.

Quando abri a porta do apartamento, Vanja e Heidi vieram correndo na minha direção. Estavam empolgadas, o pai delas tinha estado no hospital, era uma aventura. Contei a elas e a Linda, que chegou com John nos braços, que eu tinha quebrado a clavícula e já estava enfaixado, e que não era nada grave, mas que eu não podia levantar nem usar o braço quebrado durante os dois meses seguintes.

— Você está falando sério? — Linda perguntou. — Dois meses?

— Ou três, na pior das hipóteses.

— Você nunca mais vai jogar futebol, isso é certo — Linda disse.

— Como? — perguntei. — Então agora é você quem decide?

— Sou eu que arco com as consequências — ela respondeu. — Como vou tomar conta das crianças sozinha por dois meses, você pode me dizer?

— Vai dar tudo certo — eu disse. — Relaxe. Não esqueça que eu quebrei a clavícula. Dói. E você sabe muito bem que não foi de propósito.

Entrei e me sentei no sofá. Eu tinha que planejar cada movimento e executá-los devagar, pois o menor desvio fazia com que uma onda de dor atravessasse o meu corpo. Ahh, ohh, ahh, eu disse enquanto me sentava. Vanja e Heidi acompanhavam cada movimento com os olhos arregalados.

Sorri para elas enquanto eu tentava colocar a almofada grande nas minhas costas. As duas chegaram perto de mim, Heidi pôs a mão no meu peito como se quisesse examiná-lo.

— Podemos ver a faixa? — Vanja perguntou.

— Depois — eu disse. — É dolorido ficar tirando e pondo a roupa, sabia?

— A comida está pronta! — Linda gritou da cozinha.

John estava na cadeirinha batendo com o garfo e a faca na mesa. Vanja e Heidi ficaram olhando para mim e observando os movimentos lentos e cuidadosos que eu fazia para me sentar.

— Que dia! — Linda disse. — O Martin não soube me dizer nada além de que tinham levado você para a emergência. Por sorte ele nos trouxe para casa, mas quando fui entrar a chave quebrou na fechadura. Meu Deus. Achei que a gente ia ter que dormir na casa deles. Mas depois conferi mais uma vez a minha bolsa, para garantir, e encontrei a chave da Berit, foi pura sorte, eu tinha esquecido de guardá-la. E depois você chega em casa com a clavícula quebrada...

Linda me encarou.

— Estou exausta — ela disse.

— Eu lamento o que aconteceu — respondi. — Mas tenho certeza de que é só durante esses primeiros dias que não vou poder ajudar em nada. Além do mais, o outro braço está funcionando normalmente.

Depois do jantar me deitei no sofá com uma almofada nas costas e assisti uma partida do futebol italiano na TV. Durante os quatro anos em que tínhamos tido os nossos filhos, eu só tinha feito qualquer coisa parecida uma única vez. Eu estava tão doente que mal conseguia me mexer, então passei um dia inteiro jogado no sofá, assisti dez minutos do primeiro filme de Jason Bourne, dormi um pouco, assisti mais dez minutos, de vez em quando eu vomitava e, mesmo que a dor por todo o meu corpo na verdade fosse insuportável, eu aproveitei cada segundo. Ficar jogado no sofá assistindo um filme em pleno dia! Sem nenhuma obrigação a cumprir! Nenhuma roupa para lavar, nenhum chão para esfregar, nenhuma louça para limpar, nenhuma criança para cuidar.

Naquele instante eu tinha a mesma sensação. Eu *não podia* fazer nada. Independente de quanto o meu ombro doesse e ardesse, a felicidade de estar deitado na mais absoluta paz era maior.

Vanja e Heidi ficaram me rondando, de vez em quando chegavam perto de mim e tocavam com todo cuidado no meu ombro, voltavam ao quarto para brincar, apareciam mais uma vez. Para elas era uma situação sem precedentes, pensei, me ver totalmente passivo e imóvel. Era como se estivessem me redescobrimdo.

Quando a partida terminou, fui tomar um banho. Não tínhamos suporte para o chuveiro, era preciso segurá-lo na mão, e como essa possibilidade tinha sido excluída, o jeito era deixar a água correr e entrar com todo cuidado na banheira. Vanja e Heidi tinham me acompanhado.

— Você quer ajuda para tomar banho, papai? — Vanja perguntou. — Podemos dar banho em você?

— Uma ajuda seria ótimo — eu disse. — Você está vendo aqueles panos ali? Peguem um pano cada, molhem na água e coloquem um pouco de sabonete.

Vanja seguiu detalhadamente as minhas instruções, Heidi fez a mesma coisa. E lá ficaram as duas, curvadas por cima da banheira, me ensaboando cada uma com um pano. Heidi era apenas sorrisos, Vanja estava séria e concentrada. As duas lavaram meus braços, o meu pescoço e meu peito. Heidi se cansou em poucos instantes, voltou correndo para o quarto, Vanja ficou por mais um tempo.

— Estava bom? — ela perguntou ao terminar.

Sorri ao ouvir aquilo, era o que eu costumava dizer.

— Estava muito bom — eu disse. — Não sei o que eu teria feito sem você!

Ela ficou radiante e saiu correndo para a sala.

Fiquei deitado na banheira até a água esfriar. Primeiro a partida na TV, depois um banho demorado. Que belo domingo!

Vanja entrou mais umas vezes para me ver, acho que estava esperando a colocação da faixa. Ela falava sueco e ainda tinha um sotaque de Estocolmo, mas quando passávamos uma manhã ou uma tarde juntos, ou quando ela por um motivo ou outro se sentia mais próxima de mim, palavras do meu dialeto começavam a aparecer no que dizia. O mais comum era que dissesse *mæ* em vez do *mig* sueco. Se queria que eu a levantasse, dizia “*Lyft upp mæ!*”, por exemplo. Eu sempre dava uma risada.

— Você pode chamar a mamãe pra mim? — pedi.

Vanja fez um gesto afirmativo com a cabeça e saiu. Me levantei devagar e já tinha me secado quando Linda chegou.

— Você me ajuda a colocar a faixa? — perguntei.

— Claro — ela respondeu.

Expliquei como a faixa tinha que ser colocada e enfatizei que tinha de ser apertada bem forte, senão não adiantaria para nada.

— Mais forte!

— Não está doendo?

— Um pouco, mas quanto mais forte você apertar, menos vai doer depois quando eu me mexer.

— Tudo bem — ela disse. — Como você quiser.

Linda puxou a faixa por trás.

— Aaaahh! — exclamei.

— Puxei com força demais?

— Não, foi bom — eu disse. Me virei para Linda.

— Desculpe eu ter ficado brava antes — ela disse. — Mas a perspectiva que se abriu foi terrível, pensar que vou estar sozinha por meses a partir de agora!

— Mas você não vai estar sozinha — respondi. — Eu posso voltar a levar e a buscar as crianças daqui a uns dias, tenho certeza.

— Eu sei que dói, e sei que você não pode fazer nada a respeito. Mas estou me sentindo exausta.

— Eu sei. Mas vai dar tudo certo. As coisas vão se ajeitar.

Na sexta-feira Linda estava tão cansada que levei John comigo para buscar as meninas no jardim de infância. Não tive problemas no trajeto de ida, simplesmente empurrei o carrinho com John usando a mão direita enquanto eu caminhava tomando o maior cuidado possível. O caminho de volta apresentou mais problemas. Arrastei o carrinho com John atrás de mim usando a mão direita enquanto eu mantinha o braço esquerdo e machucado para o lado e empurrava o carrinho duplo com Vanja e Heidi para frente usando o corpo inteiro, mas de tempos em tempos uma onda

de dor atravessava o meu corpo e eu não conseguia segurar um grito. Deve ter sido uma visão um tanto estranha, e as pessoas nos encararam na rua. As experiências que tive durante essas semanas também foram estranhas. Como eu não podia erguer nem carregar nada, e ainda por cima tinha dificuldades para me sentar e me levantar, um sentimento de fraqueza que ia muito além das limitações físicas tomou conta de mim. De repente eu não tinha nenhum controle sobre os lugares, nenhum poder, e o sentimento de superioridade que eu até então dava por garantido se revelou. Eu ficava sentado em silêncio, totalmente passivo, e era como se estivesse perdendo o controle sobre o ambiente ao meu redor. Então eu sempre tinha sentido que o controlava e que tinha poder sobre ele? É, era o que parecia. Eu não precisava usar a força nem o controle, bastava que eu soubesse que existiam, essa certeza estava em tudo que eu fazia e em tudo que eu pensava. Mas de repente tinha desaparecido, e assim eu a notei pela primeira vez. E mais estranho ainda foi descobrir que o mesmo sentimento se aplicava à escrita. Também em relação à escrita eu tinha um sentimento de força e de controle que desapareceu com a clavícula quebrada. De repente eu estava *debaixo* do texto, de repente era *o texto* que tinha poder sobre mim, e era apenas com grande esforço e vontade que eu conseguia escrever as cinco páginas diárias que tinha estabelecido como objetivo. Mas deu certo. Eu odiava cada letra, cada palavra, cada frase, mas só porque eu não gostava do que estava fazendo não queria dizer que não faria aquilo. Mais um ano e estaria pronto, e assim eu poderia escrever sobre outra coisa. As páginas corriam, a história avançava, e um belo dia encontrei um dos outros lugares a respeito dos quais eu tinha tomado notas durante os últimos vinte anos num caderno de anotações, uma festa que o meu pai tinha dado para amigos e colegas no verão em que eu tinha dezesseis anos, a festa em meio à escuridão no fim do verão tinha se misturado à minha própria alegria e ao choro do meu pai, foi um momento repleto de sentimentos, uma noite impossível, tudo se concentrou naquele lugar, e finalmente decidi escrever sobre aquilo.

Quando eu terminasse, a história versaria sobre a morte do meu pai. Essa era um porta difícil de abrir, era difícil estar lá dentro, mas eu encarei tudo de acordo com meu novo método: cinco páginas por dia, independente de qualquer outra coisa. Então me levantava, desligava o PC, pegava o lixo, levava-o até o porão e saía para buscar as meninas. O horror em meu peito desaparecia quando elas vinham correndo em minha direção. Era uma espécie de competição entre as duas, ver quem conseguia gritar mais alto e me abraçar com mais força. Quando John estava junto ele também sorria e gritava, para ele as duas irmãs eram a coisa mais importante que existia. Vanja e Heidi espalhavam vida ao redor dele, e John absorvia tudo aquilo, imitava o que podia, e mesmo que às vezes Heidi ainda tivesse ciúmes a ponto de arranhá-lo ou empurrá-lo ou até bater no irmão, caso não ficássemos de olho, ele nunca sentia medo, nunca a olhava com temor. Será que John esquecia? Ou será que a irmã representava tantas coisas boas para ele que esses detalhes sumiam?

Certo dia em março o meu telefone tocou enquanto eu trabalhava, era um número desconhecido, mas como era sueco, e não norueguês, resolvi atender. Era um colega da minha mãe, os dois estavam juntos para um seminário em Gotemburgo, a minha mãe tinha sofrido um desmaio repentino numa loja e sido levada para o hospital, ela estava na UTI de cardiologia. Liguei para lá, tinha sido um infarto, mas ela já estava operada e fora de perigo. Mais tarde ela me ligou. Dava para notar pela voz que estava fraca e um pouco confusa. Ela disse que tinha sentido tanta dor que preferia morrer a continuar com aquele sofrimento. E disse que não tinha desmaiado, mas apenas caído. E não tinha sido numa loja, mas no meio da rua. Ela me disse que enquanto estava caída, convencida de que aquele era o fim, pensou que tinha vivido uma vida maravilhosa. Quando ela disse aquilo eu gelei.

Era uma sensação boa demais.

Depois ela me disse que a maioria das recordações enquanto estava caída achando que ia morrer tinham sido da infância, como que um insight repentino: tinha desfrutado de uma infância extraordinária, livre e feliz, e tudo aquilo tinha sido maravilhoso. Nos dias a seguir eu pensei muitas vezes naquelas palavras. De certa forma aquilo me abalou. Eu jamais pensaria qualquer coisa parecida. Se eu caísse agora e tivesse poucos segundos, talvez uns minutos para pensar antes que tudo acabasse, eu pensaria justamente o oposto. Que não conquistei nada, que não vi nada, que não vivi nada. Eu quero viver. Mas então por que não vivo? Por que, quando estou a bordo de um avião ou no interior de um carro e imagino que posso cair ou bater, o meu pensamento é que não importaria muito? Que não faria muita diferença? Que para mim daria na mesma viver ou morrer? Porque esse é o meu pensamento mais recorrente. A indiferença é um dos sete pecados mortais, e na verdade o maior de todos, porque é o único que atenta contra a vida.

Mais tarde nessa mesma primavera, quando cheguei ao final da história sobre a morte do meu pai, aqueles dias terríveis na casa em Kristiansand, minha mãe resolveu fazer uma visita. Ela tinha ido a mais um seminário em Gotemburgo e resolveu dar uma passada em nossa casa. Haviam se passado dois meses desde que ela tinha caído naquela mesma cidade. Se tivesse caído em casa, dificilmente teria sobrevivido, porque ela morava sozinha, e se contra todas as expectativas tivesse conseguido pedir ajuda, precisaria enfrentar quarenta minutos de carro até o hospital. Em Gotemburgo tinham-na visto de imediato, e pouco tempo se passou até que estivesse na mesa de cirurgia. E depois ficou claro que o infarto não tinha surgido do nada. Ela tinha sentido dores, e até mesmo dores fortes, mas achou que seria estresse, deixou aquilo de lado, pensou simplesmente que consultaria o médico quando voltasse para casa, mas de repente caiu.

Uma manhã ela estava tricotando enquanto eu escrevia e Linda passeava com John depois de levar as meninas para o jardim de infância. Passado algum tempo eu fui ver como ela estava, e de repente ela começou do nada a falar sobre o meu pai. Disse que vivia se perguntando por que tinha ficado com ele, por que simplesmente não foi embora e nos levou junto, será que tinha sido apenas falta de coragem? Semanas atrás ela tinha abordado o assunto com uma amiga, segundo me contou, e de repente se flagrou dizendo que gostava muito do meu pai. E nesse instante ela olhou para mim.

— Eu gostava *muito* dele, Karl Ove. Ele foi o meu amor.

A minha mãe nunca tinha falado daquele jeito antes. Não tinha chegado nem perto. Na verdade, eu nem lembrava de tê-la visto usar uma palavra como “amor”.

Foi um choque.

O que está acontecendo?, pensei. O que está acontecendo? Uma transformação havia se operado ao meu redor. Será que eu tinha começado a ver coisas que não tinha visto antes ou será que eu mesmo havia dado início a tudo aquilo? Eu falava bastante com a minha mãe e com Yngve sobre o meu pai, foi um assunto que de repente voltou a ficar próximo de mim.

Na mesma manhã ela me contou sobre como os dois tinham se conhecido. Minha mãe tinha dezessete anos e trabalhava num hotel em Kristiansand, certo dia estava num grande parque, à sombra de uma árvore, quando foi apresentada ao amigo de uma amiga e ao amigo dele.

— Eu não entendi direito o nome dele, e por muito tempo achei que fosse Knudsen — ela disse. — E no início eu estava mais interessada no outro. Mas depois acabei com o seu pai... É uma lembrança muito boa. O sol e a grama no parque, as árvores ensombrecidas, todas as pessoas que estavam lá... Toda a nossa juventude, sabe... Foi uma aventura. O começo de uma aventura. Esse era o sentimento que eu tinha.



MARIA TERESA SLANZI

KARL OVE KNAUSGÅRD nasceu em Oslo em 1968 e é considerado o mais importante autor norueguês de sua geração. É autor de *Ute av Verden* [Fora do mundo], que venceu o Prêmio da Crítica na Noruega em 1998, *En Tid for Alt* [Tudo tem seu tempo], eleito um dos 25 melhores romances noruegueses de todos os tempos, e da série Minha Luta, iniciada por *A morte do pai* (Companhia das Letras, 2013). O autor vive hoje em Malmö, na Suécia.

Copyright © 2009 by Forlaget Oktober A/S

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Min Kamp 2

Capa
warrakloureiro

Imagem de capa
Peter Marlow/ Magnum Photos/ Latinstock

Preparação
Márcia Copola
Ana Cecília Agua de Melo

Revisão
Jane Pessoa
Luciana Baraldi

ISBN 978-85-8086-964-4

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Capa

Rosto

Parte 3

29 de julho de 2008

Sobre o autor

Créditos